

Índice de Anexos

Anexo 1 – Material informativo projeto	3
Anexo 2 – Notas de campo	9
Anexo 3 – Guiões entrevistas docentes eb.....	68
Anexo 4 – “A minha semana”. atividade, transcrições e grelha de análise	74
Anexo 5 – “A minha escola”. atividade, transcrições e grelha de análise	122
Anexo 6 – “Quem decide?”, atividade, transcrições.....	162
Anexo 7 – Workshops. cidade amiga das crianças	207
Anexo 8 – Registos de observação assembleias de turma	238
Anexo 9 – Registo de observação AMJ.....	275
Anexo 10 – Walking interviews. transcrições	284
Anexo 11 – Transcrições e grelhas de análise entrevistas docentes eb	305
Anexo 12 – Guiões de entrevista, transcrições e grelhas de análise. capitães de turma, aspirantes e tarefeiros.....	362
Anexo 13 – Guiões focus group participantes assembleia municipal jovem, transcrições e grelhas de análise	414
Anexo 14 – Grelha das propostas enviadas à assembleia municipal jovem	531
Anexo 15 – Fotos cartões utilizados no workshop	534
Anexo 16 – Powerpoint realizado pelas crianças do projeto cac.....	539

ANEXOS

ANEXO 1 – MATERIAL INFORMATIVO PROJETO



Gabriela Trevisan

93 8458833

Gabriela.trevisan@gmail.com

Caro(a) pai/mãe:

O meu nome é Gabriela Trevisan e envio-vos esta carta como convite à vossa participação e do(a) vosso(a) filho(a) no Projeto de investigação que me encontro a desenvolver no âmbito do Doutoramento em Estudos da Criança (Universidade do Minho, Instituto de Educação). Estou interessada em compreender as perspetivas da criança sobre as suas experiências enquanto cidadã e como participante ativo em alguns contextos como a escola, a comunidade...

Assim, para desenvolver o projeto, encontro-me a contactar crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos que queiram participar. As crianças participarão em diferentes atividades de investigação, como entrevistas, atividades na escola (desenho da cidade), participação nos momentos de recreio, etc... Em anexo, colocamos uma ficha explicativa com maior detalhe das atividades propostas.

Qualquer criança poderá querer participar ou não neste projeto, e a escolha é totalmente livre. Desejando participar, a confidencialidade da participação das crianças está assegurada bem como a possibilidade de a criança deixar de participar a qualquer momento, se for essa a sua vontade.

Se o seu filho/filha desejar participar neste projeto ou se quiser colocar qualquer questão, por favor, contacte-me telefonicamente ou via email. Agradecendo desde já a vossa colaboração e interesse neste projeto, aceitem os meus melhores cumprimentos

Gabriela Trevisan



*“CRIANÇAS E CENÁRIOS DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E PÚBLICA:
CONTRIBUTOS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS COMPETÊNCIAS
POLÍTICAS DAS CRIANÇAS”*

No período de 2010 e 2011 conduzirei um projeto de investigação de Doutoramento na Universidade do Minho. Esta investigação pretende conhecer e compreender as experiências de cidadania e participação das crianças em diferentes contextos, tais como as escolas e as cidades/comunidades, em Matosinhos e Aveiro.

Justificação do projeto

A cidadania infantil tem sido debatida nos últimos anos, sendo geralmente reconhecido que, ao contrário de outros grupos sociais, as crianças e jovens não têm frequentemente uma voz em assuntos que lhes dizem respeito, em particular, em processos de tomada de decisão em diferentes contextos das suas vidas. Mesmo quando vistas como suficientemente capazes de o fazer, as crianças e jovens não encontram facilmente processos e espaços adequados para o poderem fazer.

Objetivos e métodos

- Compreender as perspetivas das crianças sobre cidadania e o seu próprio estatuto como cidadão em escola e comunidades;
- Explorar e analisar as crianças como atores com agência política e capazes de serem envolvidas em processos de tomada de decisão e influenciar esses mesmos processos e resultados;
- Desenvolver métodos de investigação com crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade sobre cidadania e processos de tomada de decisão em contextos de vida quotidiana (escolas, comunidades...);

De modo a atingir estes objetivos, os seguintes métodos serão utilizados:

- Apresentação e discussão com as crianças de Dilemas sobre processos de tomada de decisão, influência em políticas e estruturas de governação das escolas
- Entrevistas com crianças e jovens e adultos (decisores, professores)
- Exercícios de mapeamento da cidade de Matosinhos e Aveiro (crianças e jovens)
- Fotografias tiradas por crianças e jovens dos lugares “amigáveis” e não “amigáveis” na cidade e na escola e posterior análise;
- Visitas e observações guiadas na escola e nas comunidades

Resultados do Projeto

- Perspetivas das crianças sobre o seu estatuto de cidadania e lutas pelo seu reconhecimento;
- Perspetivas das crianças sobre a cidade como lugar “amigável/não amigável” com possibilidade de utilização na construção de uma “Cidade Amiga das Crianças” em Matosinhos
- Melhor entendimento dos modos como as crianças participam em processos de tomada de decisão e que práticas favorecem ou não essa participação;

Processo de Investigação

Os resultados da investigação serão conhecidos por todos os participantes e comunidades num sentido mais vasto, em particular, comunidade científica e decisores. A difusão do projeto será feita de modo regular aos participantes ao longo da sua duração e no seu final.

Pretendo ainda discutir os principais resultados da investigação com participantes de modo a melhor definir essas conclusões.

Em qualquer ponto do projeto, os participantes são convidados a fazer sugestões de melhoria, mudança ou redirecionamento de atividades de investigação que sejam discutidas com a investigadora.

Gabriela Trevisan

Gabriela.trevisan@gmail.com

93 8458833



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO PROJECTO

“CRIANÇAS E CENÁRIOS DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E PÚBLICA: CONTRIBUTOS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS COMPETÊNCIAS POLÍTICAS DAS CRIANÇAS”

Confirmo que li a folha de informação que me foi dada e que tive a possibilidade de colocar questões sobre o projeto supracitado. Aceito participar neste projeto e compreendo que:

- A minha participação é voluntária;
- Ao participar, sou convidado a participar em atividades de investigação previamente definidas durante a duração do projeto;
- As entrevistas conduzidas servem efeitos de investigação e terão uma duração aproximada de 30 a 40 minutos, cada;
- Posso terminar qualquer atividade de investigação a qualquer momento, se assim o entender;
- Posso deixar de participar no estudo a qualquer momento do seu decurso;
- Como participante, posso ser convidado para diferentes atividades do projeto, de forma livre;
- A informação recolhida será utilizada apenas para efeitos de investigação, e poderá ser utilizada para efeitos de congressos, publicação de artigos científicos, etc...
- O meu nome e da organização que represento será sempre confidencial em qualquer produto que surja da investigação;
- O meu nome e da minha organização serão mantidos anónimos em qualquer publicação que resulte da investigação _____

ANEXO 2 – NOTAS DE CAMPO

Nota de Campo – NC1

EB 1º ciclo 13 de Setembro de 2010, 13.20h

Cheguei à escola às 13,20h, momentos antes da hora marcada para o início da receção aos alunos da escola. Este é o primeiro dia de aulas para as crianças do 1º ciclo, e o primeiro dia também para os alunos de 2º, 3º e 4ºs anos que já a frequentavam, na maioria, nos anos anteriores. A rua da escola está bastante movimentada e há grupos de pais e crianças que se dirigem à entrada. Todas as crianças chegam acompanhadas de adultos, na maioria os dois pais, ou apenas a mãe. Algumas crianças chegam à escola na companhia dos avós.

A Biblioteca da escola encontra-se de portas abertas para a receção dos alunos e para recolha de manuais escolares que podem ser adquiridos na escola. Entro na escola e dirijo-me à Diretora, que me convida a entrar. Os funcionários ultimam os preparativos para receber pais e crianças.

Os grupos de pais acumulam-se na entrada, e deverão entrar apenas quando a diretora os chamar e indicar as salas para onde se deverão dirigir. É possível perceber quem são as crianças que já frequentam a escola de anos anteriores e não são, por isso, “novos” na escola. Reencontram colegas, abraçam-se, correm pelo recreio já sem a companhia de adultos. Um grupo de três rapazes jogam à bola enquanto não chega a hora de serem chamados a entrar. Os pais vão conversando entre si enquanto as crianças brincam entre si.

As crianças de primeiro ano ficam com os pais ou com a mãe, e não se afastam da sua companhia, apresentando um ar atento a tudo o que se passa e aos espaços da escola. Aguardam sossegados que a Diretora os chame sem grandes movimentações.

Quando entrei encontrei o porteiro da Escola, conhecido já dos pais e das crianças (à exceção das de 1ºano). Conversamos um pouco sobre as férias e sobre o regresso das crianças à escola (já conheço das idas anteriores à escola) e sobre as crianças que entram pela primeira vez. Perguntei como tinha corrido a apresentação dos meninos da manhã e disse-me “ui, alguns já chegaram, já choraram, outros até vomitaram!”. Continuou explicando, “mas isto é só mesmo nos primeiros dias, depois já não querem

sair daqui”. Continuando a conversa, disse que a partir de amanhã já estariam todos na escola. Diz “mas eu gosto. Nas primeiras semanas sabe bem ter a escola sossegada, mas depois sinto a falta deles daqui, do barulho, da confusão”.

De seguida, apareceu o Prof. P., do 1ºano e que ficará com a turma da tarde que conheci hoje. O Prof P. foi um dos professores que aceitou participar na investigação aquando das apresentações do projeto em Junho. Convidou-me a estar presente na apresentação dos pais e crianças.

Às 13.40h a diretora da escola, convocou os professores e funcionários a irem para a porta para receber os pais. Toca a campainha da escola e as crianças mais velhas saltam e mostram vontade de entrar. As crianças mais pequenas trocam olhares com os pais que lhes vão dando indicações do que vai acontecer a seguir. A Profª fala para os pais e para as crianças dando as boas vindas e desejando, a todos, um bom início de ano lectivo.

As primeiras crianças a entrarem são as de 2º, 3º e 4º ano que se dirigem, na sua maioria de modo autónomo para as salas, que se situam no primeiro andar da escola, juntamente com os professores. De seguida, pede aos pais e crianças do 1º ano que se juntem no átrio para dar indicações de onde se deverão dirigir e para dar informações gerais acerca da escola e do seu modo de funcionamento.

Apresenta o Prof. e explica que será este o professor de 1º ano. “No próximo ano vamos todos mudar de horário porque vamos para a nova escola. Será só para o ano que vem.”

O horário das crianças é o da tarde, das 13h15 às 18h15. A Diretora pede aos pais que cumpram os horários uma vez que este ano “em que as crianças aprendem coisas novas todos os dias e é um trabalho muito personalizado”. Sempre que houver recados, os pais devem fazer a ponte com o Professor utilizando a caderneta da criança, informado o professor de alguma falta do aluno no dia anterior. Se a criança faltar mais de 3 dias necessita de apresentar um atestado médico que justifique essas datas. *A Diretora explica ainda que a escola tem cerca de 400 alunos e que não é possível estar sempre a ver todos todo o tempo, e que as crianças vão ser curiosas e explorar os espaços sozinhas, e precisam dessa liberdade também.*

A Diretora pede ainda que sempre que haja alguma questão relatada pela criança, os pais devem procurar ouvir o professor e a diretora, pois o olhar das crianças sobre os acontecimentos é diferente do olhar adulto.

A Diretora pede ainda aos pais que sejam pontuais quando têm de ir buscar as crianças, uma vez que estas só ficam vigiadas até às 18.30h. As crianças poderão sair sozinhas da escola desde que tenham essa autorização por parte dos seus pais. A Diretora termina a apresentação renovando os votos de bom ano.

As crianças e os pais sobem para o primeiro piso onde se situa aquela que será a sua sala de aula durante o ano. Vão-se sentando nas mesas, alguns ainda ao colo das mães. Os restantes pais e mães encostam-se pelas paredes da sala. O professor apresenta-se novamente e olhando para as crianças e pais e diz, “esta é a nossa sala durante este ano”. A sala de aula tem luz natural e é acolhedora. À entrada da sala, vê-se todo o espaço, com mesas e cadeiras para as crianças, armários para arrumação de material, um quadro, janelas que proporcionam iluminação natural. As mesas encontram-se dispostas em linhas horizontais, sendo que em cada uma poderão sentar-se duas crianças, lado a lado. A mesa do professor encontra-se nivelada o nível da dos alunos.

O Prof. começa por explicar aos pais que será necessário eleger um representante dos pais para aquela turma, que funcionará como o elemento de ligação entre os pais e os professores, sempre que haja questões a resolver. Deixa os critérios de escolha aos pais. Os pais trocam olhares, sorriem, e revelam alguma resistência a esse processo de escolha. Passado pouco tempo, o pai do A., oferece-se e todos os pais concordam sendo assim, eleito. A., mãe de R-, oferece-se para ficar como substituta.

É feita a chamada das crianças pelo Prof. Uma a uma, as crianças vão levantando a mão sinalizando a sua presença. Há uma troca entre uma criança que deveria estar na turma da manhã mas que, por alguma razão, apareceu listada na turma da tarde. Existem 8 meninos e 10 meninas na turma. Na mesa mesmo à minha frente encontram-se 3 crianças: 1 rapaz e duas raparigas que se conheciam já antes da entrada naquela turma. Conversam vivamente, riem sob o olhar atento dos pais que, ocasionalmente, se dirigem a eles para que parem de conversar.

Os pais vão tomando contacto com informações de carácter geral, horários de almoço e das atividades de enriquecimento curricular (que funcionarão às 2^{as}, 3^a e 4^{as}, das

09.00h às 12h00). O professor informa ainda que as crianças deverão deixar o máximo de material na escola de maneira a que as crianças possam andar com pouco peso nas mochilas. Os pais deverão ainda preencher uma ficha de caracterização da criança e do agregado para que possa ser elaborado o projeto curricular de turma para este ano. As crianças poderão escolher diferentes atividades extra, tal como inglês, música, educação física e acompanhamento ao estudo.

Cada aluno dispõe de uma caderneta que, diariamente, funciona como modo de comunicação entre os pais e a escola. Recebem ainda uma síntese do regulamento interno.

Durante a apresentação, todas as informações de modos de funcionamento, regras, aprendizagens são dirigidas aos pais, assumindo-se as crianças como elemento relativamente passivo. Questiono-me se a ideia é a de que posteriormente os pais passarão as informações às crianças? Como o farão? Que papel assumirá a experiência diária das crianças na escola para essas aprendizagens?

O Prof., dirigindo-se às crianças diz-lhes: “Esta vai ser uma turma democrática. Aqui tudo se decide em grupo e em conjunto e entre mim e vocês”, terminando com um sorriso geral à sua nova turma.

Diz-lhes ainda que quando for o seu aniversário este será partilhado na turma, com um lanche especial a que podem ir membros da família das crianças, se estas assim o desejarem. Os pais podem ainda levar um bolo para que, nesse dia, a criança possa partilhar com os seus colegas. O Prof. pede ainda aos pais que possam confeccionar lanches saudáveis para as suas crianças, não sendo necessário leite uma vez que as crianças têm acesso gratuito ao mesmo. Pede que evitem levar bollycao, pão com chocolate, bolos... e diz aos pais que prefiram pão, com manteiga.

Terminando a apresentação, o Prof. explica que começarão a aprendizagem da leitura com a letra I, e de modo a incentivar a motivação das crianças, distribui a cada uma um livro (incluído no Plano Nacional de Leitura, do Ministério da Educação). Cada criança se levanta para ir buscar o seu livro, revelando-se curiosas e felizes pela prenda. Algumas sentam-se e abrem o livro, folheiam, vendo as imagens e as letras (ainda que não saibam, para já, ler).

No final, pergunta às crianças se querem perguntar alguma coisa. Um dos pais sentado na frente, nas primeiras carteiras, diz que o filho lhe quer fazer uma pergunta. O Prof. sorri e pergunta-lhe o que queria perguntar. A criança pergunta então: “Qual é o seu clube de futebol?”. O Prof. ri-se e diz-lhe que ela não vai gostar da sua resposta. “Sou do Benfica”. Os pais e as crianças riem e manifestam-se contra a escolha (a maioria dos pais será do FCP ou de clubes da região).

Os pais assinam a folha e saem com as crianças, ficando duas mães no final para falarem, em privado, com o Prof.

Nota de campo. NC2

21 de setembro de 2010.

Turma 3º ano Professor P.

Entro na sala de aula a primeira vez, a convite do Professor para poder começar a conhecer a turma. Encontro-me com as crianças antes do intervalo, por volta das 15h. Quando chego à porta da sala encontra-se entreaberta, ao contrário da maioria das salas onde a aula decorre, por norma, à porta fechada. A sala não está nunca em silêncio completo. As crianças trabalham em grupo, estando a sala preparada para esse efeito, abdicando da disposição tradicional das mesas dois a dois, em fila e viradas para o professor. Aqui, o trabalho de grupo inspirada nas metodologias cooperativas que o professor mobiliza é feito em mesas de 5 distribuídas pela sala. As crianças conversam enquanto realizam os seus trabalhos e quando necessário, recorrem ao auxílio do professor para tirar dúvidas. O professor explica que essa é uma tarefa dos tarefeiros – apreender a matéria e explicá-la e trabalhá-la com os grupos. Sempre que uma dúvida permaneça e seja comum a diferentes grupos transforma-se em dúvida de grupo. Nesse momento, o professor regressa ao quadro para explicar a matéria que ficou por compreender.

O ambiente na sala é descontraído e as crianças circulam livremente na sala e mesmo para se deslocarem à casa de banho. As faltas do dia são vistas e verificadas entre crianças e professores, e compete às crianças proceder ao seu registo no livro de ponto. O ambiente de aprendizagem parece ser do agrado das crianças, e as disposições da sala parecem apelar e lógicas de distribuição de poder entre crianças e adultos mais equitativas. Os grupos conseguem trabalhar autonomamente e parecem ter entre si uma relação de confiança. Converso com o professor sobre esta metodologia, e explica-me que acredita que ainda não sendo método perfeito permite às crianças um espaço mais significativo na sala de aula e um papel mais equilibrado.

Nota de Campo. NC3

Sexta-feira, 29 de Outubro de 2010. 16h

As crianças de 1º ano, da turma do Prof. , têm tardes de cinema, todas as sextas feiras. O Prof. explicou que utiliza o cinema como modo de trabalhar a oralidade e a escrita com as crianças, bem como a expressão plástica. Por outro lado, no final de uma semana de aulas, o professor considera ser benéfico para as crianças terem uma tarde diferente, sem sobrecarga de trabalho escolar, propriamente dito.

O filme de hoje chama-se “Planeta 51” e é uma história de extraterrestres para crianças, com desenhos elaborados, dobrado em português. As crianças chegam ao espaço da biblioteca e organizam as cadeiras para assistirem ao filme. Enquanto organizam as cadeiras, duas crianças entram em conflito. O Professor pede que saiam da sala, e que resolvam a situação. Pouco tempo depois as crianças colocam as cadeiras nos lugares e sentam-se.

Algumas crianças afirmam já ter visto o filme, mas dizem não se importar de o rever. Já esqueceram partes do filme, e à medida que este avança, riem com algumas das cenas entre os personagens, e torcem pelos “bons” e pela sua vitória. No início do filme uma das crianças pergunta: “professor, como se chama o filme”. O professor responde, já vais ver. A ideia é aguardar pois mais à frente aparece o nome escrito do filme e a narração. Assim, a criança pode ler e treinar as competências de leitura.

No final do visionamento do filme, o professor pede às crianças para fazerem 4 desenhos de partes favoritas do filme, durante o fim-de-semana. Segunda-feira, irão discutir as escolhas com o professor e sintetizar essas mesmas partes.

Os filmes não são seleccionados pelas crianças, mas sim pelo Professor, que escolhe tendo em conta os critérios como idade das crianças, linguagem, conteúdo, etc...

Nota de campo. NC3

Quinta feira, 04 de Novembro de 2010. 15h30

Chego à sala das crianças no momento em que iniciam o intervalo da tarde, que decorre das 15h30 às 16h00. Por norma, as crianças lancham na sala antes de poderem ir para o intervalo propriamente dito. Muitas crianças apenas poderão sair da sala após terem terminado de comer e de completar tarefas iniciadas antes. As crianças ensaiam leitura de frases. Algumas têm dificuldades, uma vez que estão ainda a aprender a ler, e não reconhecem ainda todas as letras. Devem completar uma frase com a palavra tio, para iniciação da leitura e escrita da letra T. As crianças vêm falar comigo e pedem ajuda em algumas das tarefas. Ajudo-as a pensar na solução mas tento não dar a resposta à dúvida que têm, uma vez que não quero interferir no papel do professor. À medida que vão lendo as frases, as crianças cantam-nas.

No intervalo, o grupo de crianças divide-se por diferentes brincadeiras. Os rapazes escolhem frequentemente jogar futebol, enquanto que as raparigas preferem ir para a zona do parque do jardim-de-infância, utilizando os escorregas, os baloiços... Aqui, rapazes e raparigas brincam juntos, não se percebendo uma tendência grande de brincadeiras intra-género. Outro grupo mais pequeno de raparigas senta-se nas janelas da biblioteca e conversa. Observo as crianças a brincar no parque, e aproveito para ir contactando com as crianças e conhecê-las um pouco melhor.

No final do mês de Setembro havia sido já apresentada à turma, que se habituou a ter-me semanalmente nas suas aulas. Decidi, por isso, apresentar formalmente a investigação e obter o consentimento das crianças, mais tarde, após as primeiras semanas de observação.

Neste dia, então, apresentei formalmente a investigação às crianças de primeiro ano. Não gravei a conversa nem foram tiradas fotos, uma vez que os documentos para os encarregados de educação foram distribuídos nesse dia e, apenas após a sua devolução, recorrerei a gravações das conversas com as crianças.

Regressamos à sala, e as crianças deverão terminar a tarefa de leitura das frases, para reforço das aprendizagens de leitura. Trabalham em pares, de modo a incentivar o trabalho cooperativo. Cada criança lê as frases ao seu par, e após esse trabalho, dirige-se

ao professor que dirá se esta está bem lida ou não. O Ar. e o A. chegam do recreio com 5 minutos de atraso e são repreendidos pelo professor.

Após as tarefas, o Prof. deixa-me espaço para falar com as crianças. Explico-lhes que sou estudante de uma escola para pessoas adultas, que se chama universidade. As crianças estão familiarizadas com o nome. Explico, de seguida, que tal como eles, também eu tenho trabalhos de casa para fazer para o meu Professor. Esse trabalho, é de investigação, e explico às crianças que quando investigamos um assunto, é porque queremos saber mais sobre esse mesmo assunto. Nesse momento, uma das crianças pergunta se vamos “fazer experiências”. Expliquei que não, que iremos fazer um conjunto de atividades para perceber o que pensam da escola e da cidade, das coisas que gostam e não gostam, e das coisas em que são ouvidas ou não, na sua escola e na cidade.

Expliquei às crianças as atividades das entrevistas, e das walking interviews, e estas manifestaram grande entusiasmo. Entretanto, à medida que a conversa avançava, as crianças foram fazendo sugestões de atividades que poderíamos fazer. Uma das crianças sugeriu que fizéssemos plantas da escola em plasticina. Outra, que fizéssemos os desenhos no computador. Uma outra criança sugeriu que fizéssemos uma cidade em miniatura – uma maquete – para o projeto. Disse às crianças que iria então tentar integrar essas sugestões nas atividades propostas.

No final das crianças, expliquei que iriam levar um papel para dar aos pais, pedindo consentimento formal para a sua participação. Foi ainda dito às crianças, que elas teriam também de dar o seu consentimento, e que em qualquer momento do projeto poderiam não participar. As crianças guardaram as autorizações nas capas onde costumam guardar os recados do professor e da escola. Todos queriam o papel ao mesmo tempo, e o Prof. Pedro ajudou-me na sua distribuição.

Na semana seguinte, o professor dir-me-á se os pais autorizaram a participação dos filhos.

Nota de campo. NC4

12 de Novembro de 2010

Turma de 3º ano – Prof. P.

A turma de 3º ano do Prof. trabalha com ele desde o 1º ano. O professor trabalha na lógica do método cooperativo (ver entrevista Prof.), em grupo, e as crianças são responsabilizadas e autónomas em relação às aprendizagens. Um dos instrumentos utilizados é a assembleia de turma, que reúne por norma quinzenalmente, às sextas-feiras, às 17h. A ordem de trabalhos é definida pelas crianças, que propõem temas e questões que queiram discutir. O docente pode também apresentar um ponto à agenda, sujeito à concordância das crianças. Os temas sugeridos são apresentados por quem propõe, e posteriormente, cada criança e o professor são convidados a discuti-lo. Esta semana, as crianças quiseram discutir a pertinência de se ter TV no quarto. Em cada reunião, um secretário ou secretária faz o sumário da mesma e agenda a assembleia seguinte. A questão colocada pretendia saber se era bom ou não as crianças terem TV no seu quarto. As crianças consideravam, no geral, que não era bom, e perguntaram ao professor porquê. Esta incentivou-as a serem elas a explicar essas razões.

As crianças, que haviam já discutido este tema com o professor consideraram que poderiam conviver e conversar mais com os pais se todos vissem TV em conjunto. Do grupo de crianças, uma minoria tem TV no quarto, e apontam como vantagem fundamental poderem escolher os programas que querem ver e os DVDs de que mais gostam.

Professor– Então sobre a questão de ter ou não Tv no quarto. Muitos de vocês deram uma opinião sobre isso certo?

Crianças – certo!

Professor – Então vamos lá, que conclusões tiramos? Não, não vamos dizer já quais as conclusões. Antes disso, que dúvidas é que se levantaram na Assembleia?

S. – porque é que não podíamos ter a TV dentro do quarto?

Professor – Hum, e porque é que não podíamos? Qual foi a opinião da turma? P.?

P. – Devemos ter algum... a nossa opinião foi, a opinião do Professor foi...o professor disse: sabem porque é que não podem ter TV no quarto? E nós dissemos todos que não. E depois, o professor respondeu: é porque assim ninguém (inaudível) coisas variadas com os pais.

Professor – isso foi uma opinião de toda a gente. Mas eu queria era ouvir as vossas opiniões.

M. – Porque assim acordamos mais cansados!

Professor – AH! Exatamente, eu acho que foi mais isso que eu expliquei. Não sei se foi isso que eu expliquei se não, mas quero que sejam vocês a falar. Portanto, essa questão do cansaço, explica lá, explora lá isso. Porque é que ficamos mais cansados, ora diz-me lá.

M. – Porque cansamos os olhos e não conseguimos ter... estudar

Professor – Exatamente, para estudar de manhã não é? Exatamente. Mas o professor falou que havia uma coisa de manhã que se produz...

P. – Hormonas!

Professor – o que é que é preciso fazer? O.?

O. – Desporto.

Professor – sim, mas estamos a falar da TV no quarto, não vamos perder o fio à meada... O que eu vos disse foi, que se vocês vissem TV o que é que acontecia? Cat?

Cat – nós temos uma coisa na cabeça e que se nós estivermos a olhar para a TV ela não desliga!

Professor – exatamente, demora mais tempo a desligar, não é?

A. – O cérebro!

M. – Não, é uma hormona!

Professor – (risos) Hormona! Muito bem! Que é a hormona que nos permite estar atentos.

Cat. – E não desliga!

Professor – Demora mais tempo a desligar, exatamente. Muito bem!

Cat. – Se nós não... se nós ficarmos muito tempo a olhar depois... hum... desliga mais tarde e depois nós, quando nós estamos no dia todo, ficamos muito cansados.

P. – Mesmo que tenhamos dormido, não é?

Cat. – Dormimos, mas foi pouco. Nós perdemos muito mais tempo a olhar para a TV.

Professor – Exatamente. P2?

P. 2 – Professor houve um dia , quando vemos TV, quando dormimos, estamos sempre a acordar com pesadelos.

Professor – também é verdade. P.?

P. – Mas oh professor, se fosse assim... hum... quando fosse tarde, quando tivesse 9, horas, os pais iam lá desligavam a TV e diziam: “Oupa, já é parar dormir” e depois, depois eles dormiam.

Professor – Mas...

P.– em minha casa é assim.

Professor – Há bocado falaram...a atividade de ver TV, é uma atividade que relaxa? Que descansa?

Crianças – Não.

Professor – Não descansa a cabeça, pois não?

Crianças – Não!

Professor – E os livros?

P.– Sim! Livros sim!

Professor – Ok, depois vou-vos explicar, quando dermos uma aula dos sentidos sobre isso, sobre os sentidos

M. – Oh Professor, nós, o professor disse assim, que nós devíamos ver coisas variadas com os pais.

Professor – para ver com os pais, é isso?

P. - Oh Professor!

Professor – espera um bocadinho P...tu já falaste 4 vezes. Deixa falar os outros

P. – Nós não devemos ter TV nos quartos e os nossos pais ficam no quarto deles a ver Tv e nós no nosso, separa-se muito a família. E assim nós não convivemos nada!

Professor – Exatamente, muito bem. E o sentido da família é estar o quê?

Crianças – Juntos!

Professor – Exatamente. Eu acho que é assim. A vossa opinião, também é essa?

Alex. – Oh professor eu acho que é melhor estarmos com os pais, porque se tivermos algum problema e não sabemos alguma coisa que dá na TV ou isso, eles estão lá para nos poderem ajudar . para nós sabermos o que é que quer dizer!

Professor – J.

J. – Eu tenho uma TV no quarto, mas quando chego ao quarto, se eu vir um bocado de TV apago e depois adormeço logo.

Professor – Hum, hum. Mais uma opinião? Quero só fazer mais uma pergunta sobre este assunto para passarmos ao outro.

Ar. – Professor se os nosso pais gostarem de ver, por exemplo, o AXN e ver coisas que nós não podemos ver, e nós não temos TV no quarto, o que é que dizemos aos nossos pais?

Professor – isso é assim, isso depende de pais para pais, mas se os teus pais estiverem a ver o AXN tu sentires-te desconfortável, ao ver o AXN, o que é que tu achas? Achas que deves ficar a ver?

Ar. – Não.

Professor – Então? Diz lá, se tu te sentes desconfortável, é como aquela velha história do rato. Porque é que o professor não abriu o rato na turma? Porque havia meninos que disseram que se iam sentir desconfortáveis. Correto? Então não se abre! Somos uma turma democrática. Vamos ver imagens só, correto? Se tu não te sentes desconfortável com isso... A decisão depois passa um bocadinho por ti...

Ar. – Sim, mas o que é que dizemos aos nossos pais? Que não queremos ver o AXN?

Professor – Nesse caso tens várias opções. O que é que tu costumavas fazer quando não estás a ver TV com os teus pais?

Ar. – Mas eu tenho TV no quarto.

Professor – pronto, nesse caso se tu achares que ...

A. – Mas, professor, se alguém não tivesse TV no quarto, o que é que fazia?

Professor – só se pode ver Tv ou pode-se fazer outras coisas?

P. – Brincar!

M. – Podemos brincar!

P. – No quarto!

Professor – a B. ia falar, e a B. ainda não falou na Assembleia. Deixem-me ouvir a B.

B. – nós com TV no quarto ficamos mais cansados.

Professor - Exatamente. Já falamos nisso. Cat?

Cat. – Professor eu tenho TV no quarto, e quando eu tou com a minha mãe, o meu pai (inaudível) para ir para a cama, e uma vez nós ficamos até mais tarde a ver no meu quarto, e a ver o AXN todo. E então pusemos a Tv no quarto, mas eu como não gosto de ir para o quarto sozinha ou de brincar com a minha irmã, eu fiquei, eu fiquei lá a ver. Depois, começou a mostrar sangue.

Professor – Isso à vezes acontece, Cat.. E não há problema nenhum. Alex, para acabar, e a seguir vamos para outro assunto senão não vamos conseguir acabar.

Alex – Oh professor eu tenho Tv no quarto, e o meu pai está sempre a ver futebol, e eu não gosto. A minha irmã também não e está sempre aos berros e eu tenho de estar no meu quarto com ela a ver TV.

Professor – Vamos responder à Alex. Reformula o que disseste desde o início.

Alex – Como o meu pai...

Professor – Não, mas tu disseste o quê? Que eu tenho...

Alex – eu tenho Tv no quarto.

Professor – Tu disseste “eu tenho que ter TV no quarto”. Para quê?

Alex – Sim. Porque o meu pai está sempre na sala a ver TV, e a ver o futebol e o jornal, e eu não gosto de ver e a minha irmã também está sempre aos berros, a dizer que quer o Panda, e então eu tenho que ter Tv no quarto. Senão está sempre ali aos berros e a minha mão fica com dores de cabeça.

Professor – E não podes brincar com a tua irmã?

Alex – Oh professor eu tento, mas depois é assim: Ah, quero o Panda, o Panda, o Panda!

Professor – Se tu fosses uma aluna normal, eu dizia assim, não... Estamos a falar de uma aluna excepcionalmente inteligente. Se uma aluna excepcionalmente inteligente não consegue dar a volta a uma irmã de dois anos, minha amiga! Estamos mal! Mas pronto, é a tua opinião. Querem dizer alguma coisa à Alex? Quem tem irmãos, quem não tem não vai inventar nada.

Cat – Professor quando eu era pequenina a minha mãe mandava a minha irmã calar. Ela queria ver o Panda também, mas só que eu não via. E tentava levar sempre a minha irmã para o quarto, mas só que eu insistia.

Alex – Sim Cat, mas a tua irmã não é como a minha. A minha irmã, ela tá sempre aos berros! Sabes o que é sempre aos berros?

Professor – Vais ser cantora de ópera! Impossível! Vai ser cantora de ópera!

Alex – Professor! É que tá a dar música, tá a dar música e ela a gritar!

Professor – Espera aí, o M. vai responder, e depois vamos mudar de assunto. M.?

M. – Tu tens de dizer à tua mãe para encher um biberon e dar à tua irmã.

(risos e gargalhadas das crianças)

Professor – mas olha, é uma solução!

Segundo assunto da Assembleia, qual foi?

Crianças – os pais! A separação dos pais!

(Nota: o professor havia já explicado que há duas crianças cujos pais estão em processo de divórcio, e uma criança encontra-se com processo na CPCJ, e poderá ser temporariamente retirada da sua família. As crianças propuseram o assunto na Assembleia, por estarem preocupadas em saber com que ficarão, numa situação dessas)

Professor – Ora bem. Há coisas que vocês disseram que não vale a pena estarmos a repetir. Vamos resumir superficialmente. Quem é que abordou o assunto inicial? Foste tu Cat?

Cat – Foi o T.

Professor – Foi o T.? Foste tu? Mas quem começou o assunto?

Crianças – A Cat.!

Professor – a Cat! Quem propôs o assunto para Assembleia, foi a Cat? Força! Explica lá. Tu fizeste uma pergunta à turma, não foi? Põe-te de pé e faz então a pergunta.

Cat – A pergunta que eu fiz à turma foi como é que..., se os pais se separarem e não conseguissem, o que é que acontecia?

Professor – Aos filhos, não é? Onde é que ficavam filhos, é isso? Ok. J.?

J. – Se os teus pais se separassem, tu querias ficar mais com quem? Com o teu pai ou com a tua mãe?

Cat – Hum...

Professor – Mas isso é uma pergunta um bocado difícil oh J. Nós temos imensos meninos na nossa sala que estão, que têm os pais separados, não é? Portanto, a nossa

experiência... Nós temos de aproveitar a nossa experiência, não é? É aquela velha história. Eu parti uma perna, e o N. acabou de partir uma perna. E o N. pergunta, oh Professor, como é que é? Como é que é? e eu, dói muito oh N., mas olha, aquilo passa, percebes? Nós temos todos experiência. Há muitos de nós que já partiram uma perna não é?

Crianças – Eu já parti!

Professor – portanto, vamos passar então à parte da experiência. O J. é um menino que, tu tens experiência J? Estou-te a perguntar se os teus pais estão separados?

J. – Estão.

Professor – Estão. Então explica à Cat. com quem ficas. Porque é que ficas, e com quem ficas.

J. – O meu pai quer que eu fique mais com ele, sempre. Mas eu também quero ficar com a minha mãe, porque o meu está sempre a pedir para eu ir lá ficar, mas eu também quero ficar com a minha mãe, tipo... eu também quero ficar com a minha mãe porque ela é minha amiga!

Professor – Ok, tudo bem.

Cat. – Oh professor!

Professor – Vamos ouvir agora outra opinião? Queres dizer alguma coisa ao J.?

Cat. – Quando me fizeste aquela pergunta o que eu te ia responder era que se os meus pais se separassem eu queria ficar com quem eu me sentisse mais protegida. Assim...

Crianças – Eu ficava com a minha mãe!

Crianças – Eu ficava com o meu pai!

Professor – Ca! Deixa ouvir agora o Ca.

Ca – O meu pai e a minha mãe estão separados e eu só fico com o meu pai aos sábados e aos domingos, porque eu gosto de estar mais com a minha mãe, porque a minha mãe me dá mais coisas e também há uma coisa que o pai não dá. O meu pai dá-me sempre

dinheiro para me ajudar a comer, a comprar coisas para mim... mas agora, desde o Natal, que já não dá dinheiro à mãe para ajudar-me, para me comprar as coisas.

Professor – Ok. M..

Marco – Olha J., podes fazer um dia com o pai e outro dia com a mãe.

Ca – Mas eu quero fazer assim.

Professor – P.

P. – Olha, oh J., fazes assim...

Professor – a pergunta não é do J., é da Cat. O J. só reforçou. Mas já agora, M., diz-me uma coisa. Tu que sabes isto. É o J. que pode decidir que fica com a mãe ou fica com o pai? É ele que decide?

M. – Não, é o tribunal.

P.– O Juiz!

Professor – É o tribunal. É o Juiz, não és tu que decides. O M. é que sabe isso. Vamos lá...

P. – Professor, a minha mãe e o meu pai já se separaram, o meu pai verdadeiro, e a minha mãe também.

Professor – eu sei, mas a respostas que estavas a dar ao J., dás a resposta à Cat.

P. – Oh Cat., fazes assim. De segunda até ao Domingo ficas com pai. Depois, na outra segunda até Domingo, ficas com a mãe.

[Inaudível]

Professor – Exatamente, se é desconfortável para ti então não contas. Olha, palavras sábias! Vocês têm que distinguir uma coisa. O que são problemas de criança e problemas de adulto. Se vocês misturam problemas de crianças com... Vocês quando estão a fazer um bolo põem óleo e azeite lá para dentro? [risos das crianças]

Ar. – Ai, oh Professor!

Prof – Há bolos que levam óleo, mas são poucos, é ou não é? A gordura que leva um bolo é manteiga e açúcar!

Crianças – E farinha!

Crianças – E ovos!

Professor – Agora, óleo, azeite, vinagre, para um bolo?

Crianças – Eiiiiiiiiiii! Oh Professor!!

Ar. – Vinagre??!!

Professor – que bolo tão fraco! Continuando, vamos ouvir a nossa amiga A. que também tem alguma experiência neste assunto. Vamos ouvir.

Ar. – Eu também fiz uma pergunta numa coisa que eu estou interessada, que é uma coisa que não é de crianças. E o Professor explicou-me tudo para eu perceber. Depois, no dia seguinte, já ficou tudo bem, e eu não sabia o que fazer a isso.

Prof – Mas eu disse-te que ia ficar tudo bem ou não?

Ar. – Disseste.

Prof – As coisas resolvem-se.

Pronto, há mais alguma questão?

Não há mais nenhuma opinião pois não?

Pedro grande – Professor, eu queria dizer uma coisa.

Professor – Força!

P. – Mas era ao professor.

Prof – Um assunto que não é de assembleia?

P. – É tipo, o da Cat..

Prof – Sim, e então?

Pedro – era... se um menino for para a... Imagine, se eu fosse para (instituição para crianças e jovens em risco)... há, vai chegar um dia em que a minha mãe vai... vai sentir saudades minhas, mas mesmo muitas, e depois vai-me lá buscar para ficar comigo.

M. – Professor eu sei o que é que é

Professor – responde M., O M vai-te responder porque eu nunca estive lá, não sei, o marco que já lá estive, responde-te. Força M..

M. – Oh P., se tu estiveres lá, e estiveres a portar mal e isso tudo, não podes ir a casa. E depois se te portares muito bem, sempre, podes ir a casa. Como eu vou agora.

P. – Não, mas se eu portar-me todos os dias bem, lá e, e a minha mãe souber disso, vão ao tribunal dizer que quer ficar outra vez comigo ou não?

Prof – É a tua mãe que decide?

M. – Oh P.. o tribunal é que tem de mandar uma carta para lá para ver se tu podes ou não.

Prof – Tá, percebeste? Respondeu-te à tua pergunta?

Pedro – Sim.

Professor – Mar?

Mar. – Oh P. mas às vezes os adultos, os pais não têm dinheiro para cuidar dos filhos.

O Professor explica às crianças o que é uma competência e que há pais, que em algumas alturas, não as têm e por isso precisam de ajuda para saberem mais.

M. – A tua mãe pode não ter essa competência e então mandam-te para lá. Quando ela tiver, já podes ir. A minha mãe tem competências e tem muitas notas no Banco!

Cat. – A minha avó e o meu avô estão-se a separar e que quero ajudar.

P. – Se o avô sair de casa ele vai-se esquecer, porque a mente dos idosos não é igual à das crianças...

Cat. – Os meus avós querem mais filhos e eles não têm dinheiro para isso. A minha avó ia sendo atropelada e então perdeu um filho.

T. – Porque é que é o tribunal que decide?

O Professor tenta explicar aos alunos que as sociedades têm todas determinadas regras, e que há determinadas situações em que os adultos não conseguem resolver um determinado problema sozinhos. Quando isso acontece, existe um tribunal e um Juiz que ajuda as pessoas a decidir quando elas não sabem ou não conseguem.

O Tomás continua a achar que há coisas que não devia ser o Juiz a decidir, pois os pais é que sabem melhor aquilo que podem ou não fazer.

Nota de campo. NC5

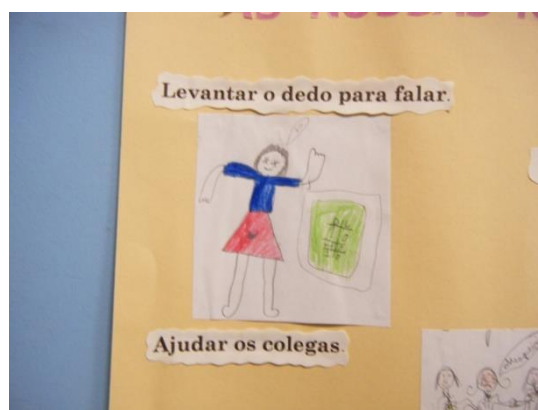
19 de novembro de 2010.

3º ano, 16h

Quando entro na sala após o intervalo, observo alguns aspectos da sala. A maioria dos trabalhos expostos são feitos pelas crianças e retratam o trabalho escolar por elas realizado. A própria disposição da sala é diferente de todas as salas da escola: as mesas encontram-se dispostas no meio da sala e destinam-se a acolher grupos de crianças, e não apenas duas, como na maioria dos casos. A sala encontra-se equipada com todo o material de funcionamento normal, com estantes para colocação de material escolar e trabalhos das crianças, uma banca com água, e computador e quadro. Ver desenho do mapa da sala.

Num dos armários, existe uma régua utilizada para medir o crescimento das crianças. Existem responsáveis pelas tarefas e tarefeiros do grupo. O professor funciona como um sistema de apoio para as crianças, que recorrem a ela sempre que necessário. O responsável pelo grupo retira dúvidas com o professor e explica-as, de seguida, ao seu grupo. À medida que cumprem uma tarefa as crianças iniciam outra. Os grupos são pontuados pelo tempo de execução das tarefas e pela qualidade das mesmas. O grupo mais pontuado pode ficar sem trabalhos de casa, por ter realizado todas as tarefas em sala de aula.

As regras da sala foram negociadas com as crianças desde o início do ano. As principais, foram expostas num cartaz escrito e desenhado pelas crianças (ver fotos).





A Assembleia de turma iniciou-se às 17h. Uma das crianças escreve, no quadro, a agenda. A proposta passa por discutir as coisas que se emprestam e o comportamento do M., um dos colegas (proposta do Professor). O professor Pedro pergunta à turma se pode incluir um ponto para discutir o comportamento do M., pois considera que na última semana este está um pouco modificado. A turma concorda e o ponto é acrescentado à reunião. O M. pede para acrescentar um ponto acerca da importância de gostarmos do nosso grupo de trabalho. Tem uma reclamação a fazer acerca de um colega. A questão das faltas e dos atrasos ao chegar do recreio será também discutida.

A Assembleia de turma é utilizada para as crianças discutirem temas seus, enquanto coletivo. Sempre que haja conflitos ou tensões, as crianças são incentivadas a procurarem, em primeiro lugar, uma resolução ente pares, de modo autónomo. Só se não chegarem a um consenso é que passam esse problema para a Assembleia.

Após a finalização do trabalho dos grupos, neste caso de Matemática, o professor faz uma revisão com os alunos. As crianças dizem, em uníssono “Dúvida de tarefeiro é dúvida de turma!”. Para explicar o problema de matemática que as crianças deveriam resolver, o professor recorre a elementos da sala, neste caso, aos azulejos da parede. Os grupos são altamente participativos na resolução dos problemas, e após a revisão, os tarefeiros arrumam todo o material da sala.

De 15 em 15 dias as crianças não levam trabalhos para casa, de modo a poderem usufruir desse tempo para as suas atividades de lazer a para passarem tempo em família.

17h

O Professor dá início à assembleia de turma e o Ca começa a discussão sobre as faltas.

Sugere, a Assembleia, que as faltas após o recreio sejam marcadas mais tarde, pois se um colega se atrasa e se marca falta, depois tem de se estar sempre a emendar (As faltas do livro de ponto são marcadas pelas crianças e não pelo professor).

J. – Acho que a tua sugestão é boa, porque assim ele ainda pode vir depois do intervalo. Mas oh Professor, e se ele vier só no final da aula?

P. – Mas se ele chegar atrasado e o professor não pode pôr que ele... hum... se o professor quiser não pôr, dizemos que ele vem...

Professor – Não sou eu que marco as faltas. É a Mar.

Mar – Assim já não vale a pena, porque assim já passou muito tempo.

Crianças – e se ele for ao médico? E se ele estiver doente??

Professor – Assim não conta, porque essa é uma falta justificada.

Ar. – se ele for ao médico e trazer uma justificação o dia seguinte ele depois apaga a falta.

Mar – se ele faltar eu tenho de marcar falta outra vez e não posso apagar, porque não se pode pôr corretor.

Relembra uma criança que no ano anterior chegava sempre com um ligeiro atraso à escola por questões de transportes e que não tinha faltas.

Professor – Então vamos votar na alteração da marcação das faltas depois do intervalo.

Quem vota a favor? A maioria das crianças vota a favor.

S. – Há quem não vote nem numa nem noutra!

Professor – abstenções?

3 crianças abstêm-se e nenhum vota contra a alteração da marcação das faltas.

Passa-se ao segundo ponto da reunião.

M. – Um elemento do meu grupo disse-me na segunda-feira que queira ir para outro grupo. Para aquele (aponta para um outro grupo de trabalho da turma).

Professor – Sintetiza o que o M. disse e pergunta à turma opiniões para discutirem o tema. Propõe que se discuta, também, a importância de se estar num grupo. O que achamos disto?

P. – Se esse menino quer mudar, deve ter alguma razão.

J. – Eu acho que esse menino quer ir para outro grupo e tem razão.

Cat. – Eu acho que faz mal, porque se o professor escolhe um grupo é melhor ficarmos nesse grupo porque já fizeram muitas coisas com ele. E a tarefa assim consegue ajudá-lo.

Ar. – Mas o menino pode não gostar de trabalhar com os elementos desse grupo e estar sempre a olhar para outro! E gostar da forma de trabalhar no outro grupo.

Professor – Quem falou primeiro sobre isso no grupo?

P. – Eu acho que sabe bem-estar num grupo porque eu fui o último a arranjar um grupo de trabalho!

Professor – porque é que é importante então estar num grupo?

P. – Porque posso trabalhar com os outros e tirar as minhas dúvidas.

Ar. – E partilhar as coisas

P. – Assim... se eu não estou num grupo já, eu não posso partilhar as minhas dúvidas nem nada!

Professor – Num grupo trabalham com 4 ou 5 meninos. Muitas vezes só sentimos falta do grupo quando não o temos. E quando o grupo nos dá mais trabalho, ele serve para controlarmos os nossos comportamentos. O crescimento do grupo serve por causa disto. o problema de um é um problema de todos. O M. ficou triste porque querem mudar de grupo. Porque querem fazê-lo?

Esta é a minha opinião...

Como concluímos este ponto?

Cat. – O menino que quer sair não devia sair só porque se sente mal no grupo. Nós temos de nos saber sentir bem dentro do grupo. A tarefaira ajuda todos os aspirantes nas dúvidas.

Professor – Mudar de grupo implica muita coisa. O nosso grupo é uma coisa muito importante e não devemos querer logo mudar. Temos é de trabalhar mais.

O terceiro ponto da agenda dizia respeito à discussão do comportamento do M.

O Professor explicou à turma que acha que o comportamento do Marco tem estado diferente. Uma vez que ele é o Capitão de turma, o Professor gostava de saber se a turma também pensa que o seu comportamento se modificou?

A maioria das crianças diz que não notou nenhuma diferença.

J. – Acho que o comportamento é normal para o meu gosto

Cat – Eu não sei de nada, mas para mim não deu para notar nada. Não foi relevante.

P. – O Marco tem estado extremamente impecável.

O.– Hoje o Marco foi buscar uma bola e um menino chutou a bola, da outra Professora. Aquele menino ali e o M. quase que lhe bateu. E o outro menino agarrou o M. Quase que lhe ia bater. Eu vi.

Professor – Quem foi o menino? O T.? Mas ele não me disse nada. O M. bateu-te T.?

T. – Hum... Não, ninguém me bateu.

As crianças votam e a maioria acha que o comportamento está igual, e 2 consideram que está diferente, juntamente com o Professor.

A Assembleia encerra.

Festeja-se, de seguida, o aniversário da T. que completa 8 anos de idade. É regra da sala as crianças trazerem um bolo de casa para festejarem com os colegas. As crianças responsabilizam-se por organizar o bolo, ir buscar a faca e os guardanapos. O Professor corta o bolo.

A criança aniversariante escolhe, de seguida, a ordem pela qual as crianças deverão receber o bolo. No final, reserva algumas fatias para as funcionárias da escola.



Nota de campo. NC6

1º ano, 3 de Dezembro de 2010

Chego à escola no intervalo, altura em que as crianças lancham. As crianças começaram hoje a aprender a subtração, e fazem pequenos exercícios para revelar a compreensão da matéria. A S. criança chinesa chegada há apenas uma semana à escola não fala ainda português. O Professor tenta um trabalho mais próximo e individualizado com ela, uma vez que se encontra ainda a aprender as letras. Recorre a gestos e objetos da criança para explicar a ideia de mais e menos, de maior e menor.

O P. pergunta-me se falo chinês. Sorrio e digo que não. Diz-me, então vamos ver como vamos conseguir comunicar com ela. A S. fala apenas mandarim e reconhece muito poucos sons em português. Sabe cumprimentar e dizer que sim, não tendo ainda domínio da segunda língua. O professor começa por ensiná-la a escrever as vogais e o seu nome, tal como havia feito com as restantes crianças no início do ano escolar. Falou com a mãe, que fala bem português de maneira a que passassem a falar o mais possível em português, em casa, para que a S. se familiarizasse com a língua.

Neste momento, questiono-me sobre como vou poder envolver a S. nas atividades de pesquisa, como obter o seu consentimento e vontade de participar, se não consigo comunicar com ela na sua língua original.

O Tom. acaba o primeiro exercício e chama o professor para corrigir. Tem de refazer uma conta. Tom. é uma criança sossegada e aplicada nas aulas, fazendo sempre os trabalhos que o professor pede e sendo, por norma, um dos primeiros a acabá-los.

No momento em que o professor se ausenta da sala, as crianças aproveitam para brincar umas com as outras, no momento em que há menos supervisão. Não se retraem com a minha presença, e acredito que não me associam a uma figura de autoridade, embora me peçam autorização para fazer várias coisas quando o professor não está. Sinto-me confusa, pois preciso de lhes dar orientações mas não domino todas as regras que estão definidas para a sala, o que pode gerar situações difíceis para as crianças e para mim. Procuro sempre rever as regras com o Professor, quando este sai para o intervalo, e procuro sempre que as crianças decidam, umas com as outras, o que podem fazer. Uma das regras da sala, é que as crianças deverão comer na sala e terminar os trabalhos que faltem, para depois poderem ir para o recreio. Em dias de mau tempo muitas crianças

optam por passar o intervalo na sala de aula, conversando e brincando umas com as outras.

S. tem um irmão mais velho, na turma de 3º ano. Procura-o sempre nos intervalos e ele passa o seu tempo de recreio com ela, demonstrando preocupação pela integração da irmã. No recreio, e sendo a primeira semana, a S. despende o seu tempo apenas com o irmão brincando pouco com as outras crianças. A língua, e a possibilidade de comunicar com as outras crianças funciona com um grande constrangimento ao nível das interações e das brincadeiras para a S. O Professor pediu às crianças que levassem a Sofia para o recreio e que a ajudassem a entrar em algumas das suas brincadeiras. Enquanto os colegas completam exercícios a S. passa grande parte do tempo a observá-los e a ver o que fazem uns com os outros. É o que se poderia chamar de uma criança “Típicamente” chinesa: cabelo preto e liso, olhos rasgados também pretos, e pele clara. A J. que se senta mesmo na carteira à sua frente, diz-me “Ela é muito bonita!”

I. pede ao Professor para ir à casa de banho. O P. responde “Ainda agora vieste do intervalo, I.” Acaba por autorizar.

Quando penso no grupo de crianças de 3º ano, reparo em algumas diferenças. Ali, quando tem necessidade de ir à casa de banho, a criança comunica ao grupo e ao professor, mas necessita de ter autorização. Tem autonomia para regular o seu tempo e trabalho, e para decidir o modo como o gere.

Terminado o exercício, o professor pede à turma para relembrar os sinais de maior e menor (> <). As crianças vão respondendo mas revelam ainda algumas dúvidas: “É maior?” “É menor!!”. O professor esclarece a turma. O JP depois da correção regressa à mesa para refazer o exercício. V. pela terceira vez, terá também de refazer o seu exercício.

Nota de campo. NC7

06 de Dezembro de 2010, turma do 1º ano

Professor P.

A atividade “a minha escola” segue o princípio adotado na “Minha semana” (Christensen e James, 2005), e tem como principal objetivo recolher as perspectivas e vivências das crianças sobre a escola. Pretende-se que possam falar sobre o trabalho escolar propriamente dito, bem como dos momentos de lazer, relações de amizade, brincadeiras no recreio, etc...No 1º ano, as crianças estão ainda a ajustar-se à realidade mais formal da escola, aos horários, ao trabalho, e sobretudo, aos modos de funcionamento e ao cumprimento de regras. Assim, e dependendo das metodologias mobilizadas pelos docentes, as crianças poderão ter maior ou menor grau de participação nas atividades da escola e da sala de aula. A atividade inicia-se com um pedido às crianças para que desenhem a escola, e à medida que os desenhos vão acontecendo, vão sendo colocadas diferentes questões, seguindo os temas centrais.

Por questões de organização da atividade e seguindo também o pedido do professor, a turma foi dividida em dois grupos distintos. As crianças foram selecionadas pelo professor, tendo em conta as que já haviam terminado a tarefa que estavam a fazer nessa tarde.

As transcrições serão, então, divididas em dois grupos, anexando-se os desenhos de cada criança sobre a escola. O desenho aparece aqui como estratégia facilitadora da conversa com as crianças, e ao mesmo tempo, permitirá observar as valorizações que as mesmas fazem dos diferentes espaços da escola e aquilo que escolhem representar nos mesmos, assumindo-se o desenho como um elemento revelador das culturas da infância

GRUPO I

O 1º grupo é composto por 8 crianças, e deslocamo-nos à sala de experiências, onde existem mesas para que as crianças possam trabalhar em grupo. Cada criança decidiu levar o seu material para poder fazer o desenho.

GRUPO II

O 2º grupo é composto por 9 crianças e decorreu no mesmo espaço. Também aqui as crianças optaram por levar o seu material e utilizá-lo para a realização do desenho. Neste grupo, a Sofia, criança chinesa que há poucos dias integrou a turma, também participou, a pedido do professor.

A S. não fala ainda português, pelo que tentei explicar-lhe, recorrendo a gestos, o que estava a ser pedido que desenhasse. Não entendeu o meu pedido, e decidiu desenhar aquilo que parece ser a sua casa, e não a escola. No nome, em vez de colocar o seu, copiou o da criança que se encontrava ao seu lado, novamente, por não ter entendido o que estava a ser pedido. Interrogo-me sobre o que poderia ter feito para que a Sofia pudesse ter participado de modo mais ativo na pesquisa. Por outro lado, questiono-me sobre como poderei envolvê-la nas tarefas que virão a seguir? Como a posso incluir na pesquisa, dando-lhe a mesma oportunidade que os seus colegas de participar ou não participar nas atividades de investigação? Como ultrapassar a barreira linguística?

Nota de campo. NC8

1º ano

Recreio, 15,30h

A M., C., J1, G., J2 e T. encontram-se a brincar no recreio.

O T. corre atrás das meninas e elas não deixam os rapazes brincarem. Como resolver?

O G. queixa-se de que quer brincar com as meninas, mas que estas não o deixam entrar na brincadeira. Quando são só rapazes, as meninas brincam convosco? Pergunto ao G..

O G. explica que não. E responde, mas elas não estão a brincar a nada!!

Digo ao G. que possivelmente as meninas só querem algum tempo para conversarem entre si. O G. diz que quer ir brincar com os seus amigos e não sozinho. T. tenta ajudar o G. e diz-lhe para começarem uma nova brincadeira. Decidem brincar “aos espíões”. Quando as meninas os veem a brincar em conjunto, decidem correr atrás do T., “Vamos combater o T.!”. O T. começa a fugir, e nessa altura, o G. decide abandonar a brincadeira. O G. fica triste pois queria estar na brincadeira inicial.

Hoje duas crianças e o professor Pedro comemoram o seu aniversário. Por esse motivo, as crianças tiveram direito a ter mais tempo de intervalo.

Nota de campo. NC9

16 de Dezembro de 2010

3º ano

14.30h

As crianças encontram-se a realizar fichas de estudo do meio e de matemática, previstas para as avaliações intermédias do primeiro período do ano letivo. As crianças conversam entre si sobre o comportamento do M., e explicam ao professor que este se encontrava a atirar bolas para o recreio da outra escola, contígua à sua. Refletem e dizem que o seu comportamento “não é nada responsável” (Ar.).

Terminados os trabalhos pedidos, o professor comunica às crianças que no dia 21 de Dezembro haverá reunião de pais, para falar sobre o primeiro período e sobre o aproveitamento das crianças. Explica que esta reunião, ao contrário de outras em que as crianças participam, será apenas com os pais. “Querem saber porquê?”. As crianças pedem ao professor que explique. O Professor explica que no ano anterior era hábito as crianças participarem nessas reuniões, e que se explicava a ambas o comportamento e aproveitamento. Desta vez, o professor decidiu que a reunião irá incidir sobre estratégias que os pais deverão adotar em casa, de maneira a que o aproveitamento das crianças seja melhor na escola. “Porque é que eu não posso ouvir”? (P.)

O professor explica que é para que pais e crianças se sintam mais à vontade, uma vez que nas experiências anteriores, algumas crianças revelaram ansiedade aquando desta reunião com os pais, revelando-se tristes com algumas das conversas. As crianças vão discutindo com o Professor e perguntam se podem vir na mesma, e depois decidirem ou ir à reunião, ou aproveitar esse tempo para brincarem no recreio da escola com os colegas. O professor propõe então que se proceda à resolução, em negociação com as crianças. Sugerem que então, quem se sentir confortável poderá estar e quem não o quiser fazer, poderá então ir para o recreio. Ainda assim, o professor explica às crianças que não as quer magoar perante os seus pais, e dá o exemplo do Miguel que, no ano anterior, ficou triste por se terem discutido alguns aspetos do seu comportamento que não eram tão agradáveis de ouvir. O Professor diz que gostaria de respeitar a privacidade das crianças em relação ao que se passa também na sala de aula. Explica, ainda, que embora seja muito importante os alunos estarem presentes, existem questões

que dizem apenas respeito ao professor e aos encarregados de educação. Esta questão é particularmente interessante, uma vez que o professor faz sempre uma reunião apenas com as crianças, sobre os mesmos assuntos, antes mesmo da reunião com os encarregados de educação.

A Escola tem uma árvore de Natal que foi colocada na entrada, sendo as crianças das diferentes turmas a trabalharem com os professores nos enfeites que se colocarão. A Mariana, decidiu fazer um trabalho de expressão plástica, autonomamente, para que os grupos pintem e para que sejam colocados na árvore. Recortou vários motivos como sinos, pinheiros, bolas... em cartolina, sendo necessário que os grupos os possam pintar ou decorar a gosto. O seu grupo ganhou pontos por esta iniciativa.

As crianças revelam-se bastante à vontade na sala de aula e vão executando as diferentes tarefas pedidas pelo professor. Trabalham com bastante autonomia, mas também com responsabilidade, uma vez que sabem que as tarefas têm um tempo para serem cumpridas, cabendo a cada grupo, gerir esse tempo face aos objetivos da tarefa. Recorrem ao professor quando necessitam de ajuda em alguma questão específica e o grupo organiza-se tendo em conta as tarefas a realizar, o tempo dado para a mesma, e as dificuldades que o grupo possa apresentar. O professor decide com as crianças deixar o dia seguinte livre, uma vez que é o último dia de aulas, e marca com as crianças o TPC para as férias de Natal.

Assembleia de turma

A Assembleia de hoje terá como tema a “crise económica”, por proposta de duas crianças da turma. As crianças têm assistido a notícias e conversas em casa acerca da crise, e aproximando-se o Natal, decidiram que poderia ser interessante questionarem-se sobre o papel que podem ter na resolução da mesma. Assim, a Alex., propôs o tema e realizou algumas pesquisas em casa que colocou numa apresentação de PP. Neste dia, no entanto, a Alex. tinha uma consulta médica e não esteve presente. Ainda assim, a assembleia realizou-se pois a R. que tinha trabalhado a questão com ela, estava na aula.

Durante a aula, as crianças estavam já a falar sobre este assunto entre si, e vinham ter comigo e com o Professor para explicarem que existem códigos de barras que significam que os produtos são de origem portuguesa. Esses produtos, segundo elas, devem ser os escolhidos por nós, pois assim estamos “a ajudar o nosso País” (P.). Esse código – iniciado por 560 – está em diferentes produtos. O P. e a Mar dirigem-se à minha mesa, onde tenho uma capa azul, uma agenda de 2011 e um estojo. O Pedro olha para a minha capa e diz-me “posso ver?”. Digo-lhe que sim, e o Pedro procura o código de barras para ver se é português ou não. Por coincidência, ambos são iniciados por 560, o que traz satisfação ao P. e à Mar.. Percorrem outros materiais da sala de aula e vão descobrindo que nem todos os produtos são de origem portuguesa, sendo vários identificados como fabricados na China.

A influência das notícias que as crianças veem na TV está muito presente nesta sua discussão. Preocupam-se com a crise e com assuntos económicos, que são tradicionalmente vistos como preocupações de adultos e não de crianças. Por ouvirem falar tantas vezes nisso, e por ser Natal e altura de maior consumo, consideraram então pertinente poderem discutir este tema com a sua turma.

A Ar. e a Mar. iniciam a discussão, propondo então a “crise”.

As crianças sentam-se no chão e organizam-se para dar início à assembleia.

Prof – Ora bem, antes de mais, quem é que propôs o assunto para a nossa assembleia? A Ar. e a Mar., não foi? Mar., estamos à tua espera, ainda por cima, foste tu que propuseste! A Alex era quem tinha um power point. (distração das crianças, pois uma criança estava com a mão no nariz...). Ora bem, a Alex. tinha um pp, para vos mostrar, quem começou a história da economia, foi a.... Não, não, o que é que tu queres apresentar à turma?

O que é que tu queres apresentar aqui, na assembleia de turma?

Mar – Professor, eu acho que era a crise...

Professor – Explica o que é que é isso. Tu tens uma loja, explica o que é que pediste ao professor. Anda cá! Senta-te aqui (a Mar. senta-se numa cadeira ao lado do professor). Isso, explica lá.

(Silêncio)

Professor – Tu tens uma loja. És tu que tens uma loja?

Mar. – Eu não tenho professor, é a minha tia...

Professor – pronto, então,

Mar. – Vão os jogadores de futebol

Professor – Só esses é que vão lá comprar coisas? Por isso, está a sentir a crise?

Mar. – Então, se os jogadores sentirem a crise que nós estamos a sentir...

Professor – é, mas os jogadores, esses demorar mais a sentir... Mas não interessa, essa é uma boa pergunta. Portanto, se acontecesse os jogadores sentirem a crise que nós estamos a sentir, sentir a crise económica, não é? E tu apresentaste soluções não foi?

Mar. – Sim.

Professor – E qual foi a solução que apresentaste?

Mar. – Professor eu acho que a Alex. não disse...

Professor – Disse. Ela falou que devemos comprar... ela estava ali com os trabalhos, quando estavas a falar...

Mar. – Ah!!!

Professor – Ela falou que devia-se comprar o quê?

Mar. – Coisas portuguesas.

Professor – coisas portuguesas, foi não foi? Pronto, e o que é que a Alex descobriu? Que o professor disse hoje, no início da aula? Era isso que ela ia apresentar no power point.

Mar. – Disse que os produtos...

(Silêncio)

Professor – Todos os produtos, para já, têm o quê?

Crianças – 560!!!

Mar. – 560!

Crianças – Códigos de barras!

Professor – Têm um código de?

Crianças – Barras! Barras!

Professor – E a Alex. descobriu que, os produtos que eram feitos em Portugal...

Pedro – Eram 560!

Professor – E tu também disseste outra coisa das prendas de Natal. O que é que tu disseste?

Mar – Que devíamos comprar beiblades no natal, para ajudar os pais...

Professor – Exatamente, porque beiblades é uma coisa...?

Crianças – Mais barata!

Professor – Excelente sugestão! Adorei a sugestão!

Mar. – E se não gostarmos de beilades?

Professor – Arranjam uma coisa que tenha o mesmo preço. Olhem uma pergunta pertinente da Mar...

Mar – E se nós não gostamos dos beiblades?

P. – Compras uma Barbie.

Crianças – Uma Barbie???

Rapaz – e nós? Uma Barbie?

Professor – Continuando, então a sugestão da Mar foi comprar os beiblades, e a Mar grande contrapôs com uma questão. Qual foi a tua questão?

Mar – E se nós não gostarmos de beiblades?

Professor – O que é que vocês acham?

S – Compramos uma caixa de pinturas que é... é 8 euros e 99... iguais aos beiblades.

P. – Uma Barbie!

Professor – Uma Barbie é caríssima. Custa 70 euros... Mais?

M. – Professor eu sei uma coisa assim barata! Beiblades assim pequeninos custam 3 euros.

Professor – Mas ela não gosta de beiblades, é menina....Se a Mar não gosta de beiblades temos de apresentar sugestões. Eu acho que há uma solução que engloba tudo. Eu gostava era que vocês arranjassem essa mesma sugestão.

Ca – Há os carros da hot wheels que só custam 1 euro e...

Professor – Fala para a Mar...

Ca – Oh Mar, tens os carros da hot wheels e só custam 1 euro.

M. – Mas elas, elas não gostam!!

Professor – Tás a ver a Mar a brincar com carros da Hot wheels. Que espetáculo!

(risos)

J. – Fruta!

Professor – fruta?

(gargalhadas das crianças perante a sugestão do J.)

Professor – Achas que alguém dá fruta de prenda de Natal?

AC – Pode ser daquela fruta de plástico, de brincar!

Professor – Para brincar não é? Muito bem... O chao min, vai lá para baixo (O professor refere-se ao D., criança chinesa que integrou a turma há pouco tempo e não domina ainda o português. O D. participa na assembleia, embora não saiba o que está lá a fazer por não entender o que se diz).

(Gargalhadas das crianças)

Professor – Estamos em assembleia, vai lá para baixo. Vai vai, sou eu que mando, Andor. (o D. acena com a cabeça a dizer que não, manifestando vontade de continuar no grupo).

(Gargalhadas das crianças)

M. – Lojas.

Professor – Lojas?

M. – Lojas de brincar!

Professor – É caro... P.?

P. – Brinquedos de pet shops.

Professor – Pode ser? Pronto, já aqui está uma sugestão. Ok! Continuando, então. E agora na questão, como é que nós, crianças, vocês crianças, podem ajudar os vossos pais com a questão da crise? P.?

P. – Compramos coisas muito... mais baratas, não caras porque eles não têm dinheiro...

Professor – E na questão dos produtos portugueses? Como é que nós podemos ajudar não só os nossos pais, mas o País todo?

M. – Hum... vamos a barra professor!

Professor – Vemos o código de barras...

Cat. – E, e, é o 560!

Professor – Muito bem!

Professor – E aí, Portugal vai andar para?

Crianças – Para a frente!!

Professor – Boa! Cat.?

Cat. – Podemos comprar coisas baratas. E, ou não comprar nada... hum, porque assim, porque assim ninguém gasta!

Professor – Mar?

Mar. – Para ajudar os pais, nós podemos... nós podemos, não pedir muitas coisas

Professor – Isso já falamos, das prendas. Mas o que eu queria era que tu me explicasses, como é que tu, como criança, podes ajudar a resolver a crise em Portugal?

(silêncio)

Professor – Tu costumavas ir às compras com os teus pais? Ao Continente?

Mar.– Sim.

Professor – Pronto, e se fores, o que é que podes dizer aos teus pais para fazer?

Mar. – Para comprar coisas que comecem com o código de barras 560.

Professor – E até podes ser tu mesma a procurar, não é?

M. – Oh Professor, agora vou dizer sempre à minha mãe para comprar 560.

Professor – Muito bem. Ca.?

Ca. – Oh professor, mas o beiblade não é português.

Professor – Mas há uma marca que é portuguesa, há um menino que viu...

Criança – Professor eu já vi, mas só que o problema é que não são dos verdadeiros...São dos falsos.

Professor – Vamos ouvir a Mar. para mudarmos de assunto?

Criança – Esses são dos chineses

Professor – Mar.?

Mar – Podemos comprar coisas com o, que têm o código de barras que não começa em 560?

AC – Oh Mar., podes, porque pode haver coisas que não comecem em 560!

Professor – J.? É uma resposta, que tens de dar à Mar...

J. – Oh Mar., mas se nós... tipo... a minha capa é 800 e não sei que mais e assim eu tou a dar o dinheiro à América, não tou a dar o dinheiro a Portugal.

Professor – Mas a Mar. esta a pedir-te uma sugestão... Ou seja, ela está a dizer exatamente isso. Se ela encontrou um produto que gosta, e que não é 560, o que é que ela faz?

J. – Ah pois...

Professor – P.?

P. – Oh Professor, eu ia dizer assim. Se nós gostamos de uma coisa, e que não é 560 o que é que nós fazemos?

Professor – isso é o que a Mar perguntou... A Cat. tem resposta, vamos lá.

Cat. – Se nós.. por exemplo, tu compras uma coisa 800 e qualquer coisa, não é? E tu tas a pagar... e tu gostas muito! Tu pedes ao teu pai e à tua mãe para comprar. Eles compram, não é? Mas não estás a pagar para o nosso País! Estás a pagar para outro País.

Professor – J.?

J. – Se eu gostar muito de uma coisa que não seja 560, não compras, e compras o 560.

Professor – Como?

Rapaz – E se não houver nenhum?

Professor – Tem que...? Tem que procurar outra vez.

Mar. – Mas professor também não custa nada... se nós quisermos comprar mesmo mesmo mesmo, de vez em quando, muito raramente mesmo, não custa nada também dar um bocadinho de dinheiro para os outros países, professor.. Eu quero ajudar Portugal, mas se nós tivermos de dar um bocadinho, podemos dar Professor.

Professor – exatamente! P.?

Pedro – Oh Professor, se eu não for 560 e for outro, se houver mais...? AH! Por exemplo, se o pão não for 560...

Professor – o pão não tem código de barras.

P. – Ah!

Professor – Pode ter, pode ter, tas a dizer uma coisa que pode ter.

Criança – o que vem no saco!

Professor – No saco.. Pode ter, mas o pão tinha de ser feito aqui em Portugal, Pedro.

Mar. – Professor ele está só a dar um exemplo...

P. – Se houver repetidos, vê-se se há um 560.

Professor – É essa a sugestão que eu estava a dar há um bocado. Muito bem! Nos produtos, no mesmo produto pode haver vários códigos de barras.

A. – Mas e se for a mesma marca?

Professor – Não. Tens de procurar outra marca. Tudo o que é do Continente é quase tudo 560, é verdade.

P. – Mas oh professor, se nós vamos lá comprar alguma coisa que não seja 560...

A. – Que seja para comer?

P. – Não! E damos o dinheiro à pessoa, que não fosse.. Aquele que deu tá lá e como é que a pessoa – é uma dúvida para a turma – e como é que a pessoa... a pessoa dá o dinheiro? Ou então fica com ele?

Professor – Quando tu compras?

P. – Sim.

Professor – O produto é comprado. Os produtos só são postos no supermercado se forem vendidos. Se tu não comprares produtos dos Estados Unidos, por exemplo, Coca Cola, e se comprares uma marca portuguesa... É uma dúvida muito difícil para a turma. O produto, só quando as coisas acabam nos supermercados é que eles mandam vir mais. Se tu só comprares coisas de Portugal, eles mandam vir coisas só de Portugal. Se tu comprares dos Estados unidos, eles mandam vir coisas dos Estados unidos. Percebeste? É assim. O dinheiro não vai diretamente. O dinheiro é comprado já depois de tu dares o dinheiro. Tu quando compras um produto o produto que tu compraste já foi pago ao produtor. Entendeste?

P. – Mas como é que eles pagam?

Professor – Então, faz de conta. O professor vai lá vender coisas da quinta. Os homenzinhos do supermercado têm de me dar o dinheiro. Só depois é que eles se vão vender. Eu já recebi. Agora, eles só vão voltar a pôr produtos no supermercado, se tu fores lá comprar. Se tu não fores lá comprar, os meus produtos ficam lá. E quando eu for lá outra vez ao supermercado, dizem-me: olhe, já não preciso dos seus produtos, não se vendem! Percebeste agora como é que funciona?

P. – Hum, hum.

Professor – Mesmo? Alguma dúvida neste assunto?

Crianças – Não!

Professor – Vamos avançar para o próximo ponto que está quase a tocar.

Cat. – Professor é que ... no Pingo Doce também há produtos 560?

Professor – Há muitos. O grupo Jerónimo Martins também investe muito. Jerónimo Martins, e Sonae, que são os donos do Continente e do Pingo Doce, esses dois supermercados são os mais portugueses.

A. – E o Jumbo?

Professor – O Jumbo já não é tanto.

Professor – Vamos agora à dúvida da Ar., força!

Ar. – como hoje o professor quis marcar os trabalhos para as férias, eu perguntei ao professor se eu ia levar os trabalhos de casa. Como estes trabalhos são das férias, eu pensava que o professor só ia marcar estes trabalhos amanhã, que é o último dia de aulas. Então, eu quis fazer uma pergunta à turma. Se vocês concordam que hoje, que eu não faço anos na mesma, se vocês concordam que eu leve trabalho de casa ou não?

Professor – Por que? Amanhã é o último dia, e os trabalhos de casa oficialmente

A. – Já começaram hoje!

Professor – Não, oficialmente só começam amanhã. Amanhã ainda tens aulas...Portanto, amanhã, se começam oficialmente, que dizer mesmo a sério, só

começam amanhã. Quem quiser pode fazer hoje, mas o trabalho de hoje não existe. Hoje não há trabalhos de casa.

P. – Oh professor, posso dizer uma coisa para ajudar a A. a decidir, para a turma ver se a Ariana leva trabalho de casa ou não?

A. – É uma pergunta para a turma P., ele está a dar uma explicação!

Professor – Ele esta a dar uma sugestão...

A. – A pergunta é se eu levo trabalho de casa ou não levo.

P. – Diga assim: quem quer que a Ar. não leve trabalho de casa põe o dedo no ar.

Professor – Isso chama-se fazer o quê?

P. – Votos.

Professor – uma votação. Gastaste muitas palavras para dizer só isso...

P. – Eu gosto de fazer isso!

Professor – Vais para político (riso)

M. – Oh professor, ele vai para jogador de futebol!

Professor – Ora bem, vamos lá então. Quem.. acho que primeiro, antes de fazermos a votação, devemos discutir, porque se isto acontecer, vamos abrir um precedente.

Crianças – O que é isso.

Professor – Um precedente é quando abrimos uma exceção. Vamos abrir uma exceção, vamos fazer uma coisa que não é normal fazermos. Isto chama-se precedente.

P. – Mas é a primeira vez, não é?

Professor – É. A primeira vez. Mas quando isto acontecer, na próxima vez, eu não posso ter argumentos. Ainda por cima, porque é trabalho de férias. Quais são os argumentos do professor?

P. – Nenhuns!

Professor – Ai, dizes tu! Os meus argumentos para Ar. levar o trabalho é que são muitos trabalhos. São muitos trabalhos. E os argumentos da Ar., quais são?

M. – Faz anos!

Professor – Faz anos. Só isto.

Ca. – O professor diz quando fazemos anos não levamos os trabalhos de casa, mas não é para sempre? Eu acho que a Ar. não deve levar trabalho de casa. É os anos dela!

Professor – É uma regra inabalável?

Ca – É uma regra de turma.

Professor – É uma regra de turma. P.?

Mar – Mas Ar., também é para o teu bem, porque aquilo são muitas coisas para fazer e tu assim vais ficar com muitas coisas atrasadas e depois não tens dias em que fazer aquilo. Não fazes hoje, mas tens de fazer noutro dia.

Professor – J!

J. – Eu... eu acho que... que ela só... as aulas deviam acabar amanhã porque quem faz anos leva trabalho de casa e acho que devemos marcar só amanhã.

Professor – Preferias que eu transferisse os trabalhos para amanhã? E não passava hoje? Mas eu já os passei! Devias-me ter dito antes, mas tá bem...

P. – Mas oh Professor...

Professor – Tu já falaste imenso hoje P., há mais meninos para falar. Mas dia lá, rápido.

P. – É injusto para a Ar., porque amanhã nós só trazemos a lancheira, não trazemos mais nada, e a Ar. vai fazer anos e hoje vai ter de...

Professor – Olha, lembrei-me agora de uma coisa importante! M., vai à sala da professora S. e pergunta se amanhã é para trazer lanche. Para os meninos trazerem lanche. Depressa, depressa! Olha, vai ao professor que é mais rápido! É que eu acho que amanhã é para trazer lanche reforçado. Para partilhar, mas eu não tenho a certeza. (crianças discutem o lanche para a festa de Natal).Toca a campainha para indicar a saída das crianças (18h15).

Nota de campo. NC10

26 de Janeiro de 2011

1º ano

Chego à escola na altura do intervalo das crianças. São cerca das 15h30 e as crianças encontram-se no recreio a brincar livremente. Encontro o T., o G., A J1, o R., o V., a Mar. e a S.. Estão a brincar em conjunto a um jogo que intitulam de “comboio” mais “corridas”. O objetivo é formar um comboio que percorre um percurso previamente estabelecido, entre árvores do jardim, subindo e descendo a rampa da escola, em que uma criança lidera o comboio. Neste caso, é a S., considerada “Maria rapaz”, gosta de jogar futebol e de fazer corridas no recreio. A S. assume o papel de líder na brincadeira e organiza o grupo. É rápida, o que lhe dá vantagem para assumir a liderança neste tipo de brincadeiras. Algumas crianças contestam esta decisão, pois querem também elas decidir o rumo da brincadeira e serem os “Maquinistas” do comboio. A S. contorna, e decide ela quem fará a última corrida.

Apresentam-se algumas das imagens das corridas e dos percursos feitos pelas crianças.







De regresso à sala, após o intervalo, as crianças explicam-me que hoje aprenderam a letra N. O G. pede novamente para me ditar frases, e desta vez, para fazer contas também. Gosta sobretudo de corrigir e avaliar o trabalho que faço, e de colocar um certo ou errado em cada uma das tarefas.

Hoje, aprendem também exercícios de decomposição dos números. As crianças vão fazendo os exercícios e vão tirando dúvidas com o professor que vai explicando os diferentes exercícios às crianças.

O T., aluno com muito bom aproveitamento, pede ao professor para fazer contas de multiplicação. “Podemos fazer contas de vezes!”. O Professor explica que ainda não aprenderam a fazer, mas que se ele souber, pode tentar.

As crianças trabalham em silêncio e interrompem o professor para colocarem alguma dúvida que tenham. As crianças têm diferentes ritmos de aprendizagem e vão realizando as tarefas à medida que estas são indicadas pelo professor. Quando terminam, levantam-se para verificarem com o professor se está certo.

Combinei com o G. que amanhã faríamos duas folhas de trabalho. O G. vai guardando os meus exercícios na sua capa, uma vez que eu não tenho uma minha. A escrita parece ser uma importante conquista para as crianças e permite-lhes aceder a conjunto de situações que exigem a capacidade de escrita e de leitura e que, até aqui, não eram ainda capazes de fazer. Ao contrário do que acontecia no início do ano, as crianças utilizam cada vez mais os espaços do recreio que já não são os que utilizavam quando estavam na pré, tal como acontecia no início do ano. Necessitam de cada vez menos vigilância no recreio e revelam-se mais autónomos. O professor pergunta a turma: “por onde se faz o 9?”. As crianças respondem “por cima!” O T. diz, mas também se pode fazer assim (desenha um 9 a começar por baixo) e também fica um 9!”

Pensei que seria bom comprar uma capa apenas para guardar os trabalhos que as crianças, e sobretudo o G., me dão para fazer quando estou na escola. Será mais uma forma de me aproximar deles e de participar na sua cultura escolar, embora seja adulta e não faça realmente parte dela. As crianças gostam de me ver a tirar notas e perguntam frequentemente o que escrevo. Leio o que está escrito, e elas corrigem se considerarem necessário.

O professor auxilia sobretudo os alunos que revelam maior dificuldade na execução da tarefa. O JP é uma dessas crianças, sobretudo em tarefas de Matemática. O T. termina sempre as tarefas em 1º lugar e, por isso, fica frequentemente sem nada para fazer. O professor pede-lhe que se sente ao lado de um colega que ainda não tenha terminado para o ajudar. As crianças já têm o hábito de organizar o seu próprio trabalho e de o mostrar ao professor apenas quando está terminado.

G. – “professor, posso assoar o nariz?”

Professor – “Isso é coisa que se faça? Claro que podes!”

Desde o início do ano, as crianças são mais participativas durante as aulas. Falam mais, colocam mais questões e conhecem melhor as regras da sala. Ainda assim, o modo como estão na sala de aula é distinto das crianças do 3º ano, por exemplo. O silêncio é mais frequente. São 17h e as crianças começam a revelar algum cansaço. Os seus dias são pesados e a transição para o primeiro ano não é fácil para elas, tal como havia já explicado o Prof.. As crianças já se habituaram desde o início do ano, a irem ao Wc apenas nos intervalos e antes da aula iniciar. Os corpos submetem-se à pressão do tempo, do trabalho, tal como deverá acontecer em instituições altamente formalizadas e rotinizadas. As crianças começam a ter pequenas responsabilidades na sala de aula que não tinham até aqui. Por exemplo, já vão buscar autonomamente o material para distribuírem trabalho aos colegas. As tarefas e responsabilidades parecem aumentar à medida que as crianças avançam no primeiro ano de escola, e à medida que avança o seu conhecimento sobre a escola e sobre o seu papel enquanto alunos. No recreio, por exemplo, as crianças do 1ºano ainda são muito vigiadas por adultos, sejam funcionários ou professores, e ainda não têm permissão para se deslocarem à parte de trás do recreio onde os mais velhos já se deslocam autonomamente. As crianças fazem um exercício que envolve a reprodução de figuras geométricas. O R. apresenta algumas dificuldades e revela pouco interesse na tarefa e pouca segurança, uma vez que tem dúvidas.

A J. foi a primeira a terminar e pode escolher o que quer fazer a seguir. Vai sentar-te junto da Mar. e da Carol. para as ajudar a terminar o seu trabalho.

R. termina e o Professor lembra-lhe que tem de colocar a data o trabalho. Levanta-se e passa por mim dizendo “Que totó que eu sou!”.

No dia seguinte, irei para as walking interviews com as crianças do 1º ano, na escola.

Nota de campo. NC11.

15 março de 2011

15h40

Chego à escola e as crianças encontram-se no intervalo. Encontro em primeiro lugar um grupo de crianças do 1º ano. A J1, a Ju e a T. encontram-se próximas, e jogam às cordas. É a vez da Juliana saltar à corda sozinha. A J. aproxima-se e quer também saltar. A Ju quer continuar e não cede as suas cordas. Resolvo ajudar as duas a encontrar uma solução, e pergunto “Vocês não costumam saltar às cordas juntas?!”. As duas entusiasmam-se e experimentam, mas desistem pouco tempo depois. A J1 aguarda a sua vez. Entretanto, a T. vem ter connosco e diz que quer também saltar. Pergunto se esteve a jogar futebol com os colegas que estão mesmo ao nosso lado. Diz que só joga futebol de vez em quando, pois “cansa muito”.

Hoje, a Inspeção Educativa está na Escola, e permanecerá por todos os dias, até sexta. Os processos de avaliação e inspeção das escolas públicas fazem parte da política do Ministério. Os professores do 1º e 3º ano não sabem, ainda, se irão às suas salas de aula para observar e falar com as crianças.

Entro na sala do 3º ano às 16h, altura em que as crianças regressam do intervalo. Rapazes e raparigas encontram-se a fazer um desenho sobre o Dia do Pai, que se comemora no próximo Sábado, dia 19. Pensando nas crianças que não tenham pai ou que não vivam com eles, o professor explica que as crianças poderão dar a uma outra pessoa da sua escolha. Nesta turma, há várias crianças cujos pais estão separados ou divorciados, e uma das crianças está institucionalizada.

A Mar e a Alex encontram-se a escrever os sumários no computador. As crianças participam ativamente em tarefas que são, “tipicamente” dos professores, como a escrita dos sumários, o registo das faltas. Detêm essa responsabilidade já desde o ano passado, e assumem-na com alguma “naturalidade” como parte do trabalho a realizar dentro da sala de aula. O professor pergunta às crianças cujos cadernos estão mais organizados se querem apresentá-los aos inspetores. É parte integrante do processo, os inspetores verem alguns cadernos dos alunos e avaliarem neles, elementos de aprendizagem. A Alex. diz que sim, mas escolhe um segundo caderno, que segundo ela, “está mais

direitinho”. Hoje, o professor embora continue a trabalhar com as crianças em grupo decide regressar a um método mais tradicional e não o cooperativo. A razão fundamental, prende-se com uma ideia mais ou menos sedimentada de que o método cooperativo não promove aprendizagens tão eficazes nas crianças, mesmo entre os avaliadores e inspetores. As crianças compreenderam essas razões e trabalham, hoje individualmente.

No início da semana, e após o Tsunami no Japão, as crianças propuseram ao professor que fizessem uma pequena apresentação acerca do fenómeno. Perguntam se é possível um fenómeno destes acontecer em Portugal, e o que aconteceria aos surfistas que estivessem no mar a surfar, numa situação dessas.

Em conversa com o professor, o mesmo diz-me que acha que a sua turma deveria ser mais heterogénea, e ter crianças de diferentes proveniências sociais e económicas e com situações familiares não tão complexas. Acredita que, de um certo ponto de vista, a sua turma é “rotulada” como sendo de crianças difíceis.

Esta semana entrou uma criança nova na turma, o Â., cuja mãe está num abrigo com ele, após terem saído de casa vítimas de violência doméstica. Recentemente, a mãe foi hospitalizada, mudaram de residência, e o A. mudou de escola.

Entretanto, o professor explica-me que a situação ocorrida no Carnaval, em que desapareceram telemóveis e beblaides de crianças da sala, e em que o P. grande tinha assumido essa culpa, foi esclarecida passado uma semana. Na verdade, foi o João quem levou esses objetos, embora nunca tenha assumido isso durante uma semana. De acordo com a Assembleia de turma, o P. ficou sem intervalo durante uma semana e realizou trabalho individual, sem ajuda do seu grupo. Ao mesmo tempo, perdeu o título de capitão de grupo.

Quando se descobriu que havia sido o J., foram convocadas novas Assembleias de modo a discutir como se poderia compensar o P.. As crianças discutiram, sobretudo, por terem achado que tinha sido injusta a atribuição do castigo ao P., não tendo sido ele a tirar nenhum dos objetos. O Professor elogiou o comportamento do P., por este ter decidido não denunciar um colega, não deixando de o alertar para o facto de se ter prejudicado. Após as assembleias com as crianças decidiram reeleger o P. como capitão e castigar, na mesma medida, o J..

Algumas crianças dirigem-se ao professor e perguntam se podem fazer mais que um desenho para os pais. A verdade é que têm padrastos e querem oferecer-lhes também um desenho nesse dia. O professor explica novamente que eles é que deverão decidir o que querem fazer. Duas crianças escolhem, então, fazer dois desenhos.

No trabalho do dia do Pai, a escola produziu um texto que todas as crianças deverão escrever no seu desenho. O Professor passa o texto no quadro, e explica às crianças que, quem quiser um texto diferente, o pode fazer e pedir ao professor ajuda para a sua escrita ou correção. Todas as crianças decidem escrever o texto original, à excepção do D. criança chinesa.

“Super Pai.

Preciso dos teus carinhos,

E amparo dia-a-dia

De mim mereces beijinhos.

Muito amor e alegria.

Um beijo grande neste dia especial do teu filho/da tua filha

O professor aproveita para fazer uma pequena revisão da matéria, perguntando às crianças o que é uma quadra, um poema...

Entretanto, um grupo de 5 crianças bate à porta da EB, do grupo “jovens voluntários”. Têm entre 12 e 13 anos, e vêm pedir aos alunos da Escola para participarem numa recolha de roupa, objetos de higiene pessoal em bom estado. Não pedem comida. Explicam às crianças que a roupa de criança é a menos necessária, pois estas estão sempre em crescimento e a roupa deixa de servir com muita facilidade. A de adulto permanece por mais tempo. A venda vai decorrer no dia 17 de Março e reverterá a favor da AMI.

Os alunos explicam que a AMI foi criada por Fernando Nobre, candidato à Presidência da república nas últimas eleições, e dizem que o que este queria era uma sociedade mais solidária.

A Mar – “Quando é que ele se candidatou a essas eleições”?

As crianças explicam que foi no final do ano passado, mas que este perdeu para Cavaco Silva.

O P – “ Mas então porque é que ele não conseguiu?”

Porque não votaram nele e ele não ganhou.

O J. pergunta – “Mas porque concorreu se no fim não ganhou”

Nota de campo. NC12.

EB 1º ciclo FE

14,30h

Chego à escola, e dirijo-me à sala do 3º ano. As crianças cumprimentam-me. O O. está sentado ao lado do professor, a realizar trabalho individual. Pergunto-lhe por que razão está ali e diz-me: “Hum... Não sei, se calhar por causa de comportamento”.

A Alex. chama-me e pergunta-me: “Ontem tu estavas no parque da Cidade?”. Disse-lhe que tinha lá estado no Domingo a fazer um pic nic. Ela disse que me tinha visto a andar e falar ao telefone, quando estava a andar de bicicleta com o pai. Perguntei por que não me chamou, e ela disse que não queira interromper a minha conversa.

A Mar. mostra ao professor o exercício de matemática que entretanto terminou. “Professor, eu primeiro não sabia, mas depois percebi! Já sei fazer sozinha!”. O professor brinca, e diz “Mar, esse é dado, era muito fácil!”. Mar: “Professor, ajudo o meu grupo?”. O professor diz que sim, se já tiver terminado os seus trabalhos.

O grupo da Mar termina os trabalhos de matemática e esta ajuda-os a terminar as tarefas. Ajuda a Sofia que tem mais dúvidas professor sai da sala, e as crianças conhecem o sistema de funcionamento quando este se ausenta. Os capitães de grupo ficam responsáveis pelo seu grupo e o delegado de turma fica responsável por supervisionar a turma. Perante os seus grupos, os tarefeiros nem sempre têm tarefas fáceis ou simples, pois cabe-lhes, por exemplo, organizar as tarefas dentro do grupo.

A tarefa é individual, e por isso, contam com menos ajuda do seu grupo. O Â., está a tentar terminar a sua tarefa e precisa de ajuda do seu capitão, o Ca.. Mas o Ca. diz-lhe que o trabalho é individual, e que por isso, não pode ajudá-lo. O Ca. pensa também, que o Â. é pouco autónomo a resolver as suas tarefas. A Tat., como subdelegada aponta num papel os comportamentos do seu grupo, e anda calar a turma e os membros dos grupos que estão em pé.

Pergunto ao P. se não devia estar no seu grupo. Responde-me, dizendo: “Mas eu sou o capitão de grupo e posso decidir!” e retira-se.

A Tat. manda calar novamente a turma e manda a Mar trabalhar. A Mar explica que já terminou a sua tarefa e que está a ajudar a S.. A Mar contesta o facto de a T. se estar a intrometer no seu trabalho e do seu grupo.

O Ca. vem ter comigo e pede-me opinião. Diz que o Â. está sempre a pedir-lhe ajuda e que é sempre o grupo a dar-lhe respostas. A Alex e o Ca pensam que ele precisa de aprender a trabalhar sozinho e que não pode pedir tantas vezes ajuda. Depois da explicação pergunta-me “Não achas correcto?”. Perguntei ao Ca. se ele acha que o Â. já é capaz de fazer trabalhos sem ajuda, uma vez que está há poucos dias no grupo e na escola. O Ca. diz que sim, uma vez “que o trabalho é muito fácil”. A Alex. decide que não vai dizer ao professor que o Â. precisa de muita ajuda. O P. separa dois grupos que estão a discutir. A Mar. continua a dizer que o seu grupo já terminou todas as tarefas. O Ca e o P desafiam a Tatiana, como subdelegada, dizendo que está a fazer coisas que não lhe competem.

O O diz que não terminaram pois deveriam estar já na pág 104 e não na 103. Â vem ter comigo e continua a dizer que precisa de colocar dúvidas e que o Ca não o ajuda. Quando regressa à mesa, o Ca decide apoiá-lo. O grupo da T. continua a discutir qual o seu papel. Dizem que ela não e delegada, pois na votação ficou em 2º lugar e não em primeiro. Mar expõe a situação ao Professor, pois um elemento de outro grupo foi ver a resolução do trabalho e tal não deveria ter acontecido.

A A. queixa-se ao professor do comportamento dos grupos e do P. dizendo que ele esteve sempre a fazer palhaçadas. O professor pergunta ao P. o que aconteceu e este diz que não foi verdade. O Professor explica que os delegados não devem intervir na sala nem os capitães. P. diz que a Tat. diz coisas que não são verdade. O T. diz que a Tat. esteve a pôr riscos no comportamento, e que “cada vez que eu falava, ela punha-me o dobro dos riscos!”

15h30

As crianças vão para intervalo.

16h00

No regresso do intervalo as crianças vêm cansadas, com casacos despidos e com a cara rosada. Permaneceram mais 10 minutos no recreio, pois a Cat, que festeja hoje o seu

aniversário, pediu isso como prenda ao Professor. O Professor disse que sim, uma vez que hoje estava sol e calor e quis que as crianças pudessem aproveitar esse bom tempo.

Entrevista com o primeiro grupo.

Cantamos os parabéns à Cat e abrimos o bolo e o sumo que trouxe de casa.

No final, a Cat. escolheu fazer meditação com a turma.

ANEXO 3 – GUIÕES ENTREVISTAS DOCENTES EB

Guião de entrevista Diretora da EB 1º ciclo. EDEB

Apresentação da entrevista e tempo previsto para a sua duração. Caracterização geral da entrevistada (idade, formação, tempo de serviço docente, tempo serviço na direção da escola).

Caracterização genérica da escola (nº de alunos, meio envolvente à escola)

Como caracterizaria a sua escola? Aspetos positivos e negativos?

O que mais gosta e menos gosta na sua escola?

Que importância tem a escola, na sua opinião, nas vidas das crianças? Assume-se como um espaço importante? A que níveis?

Na sua opinião, a escola assume-se como espaço de exercício de cidadania das crianças?

Em que medida?

Que importância atribui à participação das crianças na sua vida escolar? E na vida familiar, por exemplo?

Considera que a escola deve ser um espaço de escuta e participação das crianças

Esta escola dispõe de algum tipo de estrutura representativa das crianças? Se sim, de que tipo?

Que experiências de participação e envolvimento das crianças foram já desenvolvidas na escola?

O trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula com as crianças deve considerar o seu envolvimento e participação?

Considera que as crianças são competentes para participar? Sempre do mesmo modo, com diferenças mediante os anos que frequentam?

Existem instrumentos desenhados especificamente para promover a participação das crianças na governação da escola? E nas salas de aula?

Como descreveria a relação entre adultos e crianças na escola?

Pode dar a sua definição de criança?

Costuma envolver as crianças nas atividades diárias da escola?

Como promove esse envolvimento?

As crianças participam em diferentes projetos da escola?

Acredita que o envolvimento das crianças e a sua participação são importantes? Em que sentido?

As crianças têm um papel ativo na escola? De que modo?

As crianças costumam falar, fazer sugestões sobre assuntos que lhes dizem respeito na escola? Têm parte ativa em alguns desses assuntos?

Acredita que as crianças são capazes de desempenhar esse papel? Que recursos consideraria necessários para que desempenhassem esse papel?

As crianças têm assembleias de escola, de turma? Acredita que as crianças beneficiariam de um maior nível de participação e tomada de decisão? Em que sentido?

Se esta fosse a sua escola “perfeita”, ela seria?

Nas instalações da nova escola, as crianças foram chamadas a ver o projecto, por exemplo? A dar a sua opinião sobre os espaços, os recursos, o recreio?

Guião da entrevista a Docentes da EB 1º ciclo. ED1/ED2

Apresentação da entrevista

Dia da entrevista

A que anos leciona?

Considera a escola um espaço fundamental para o crescimento das crianças? Em que aspetos?

Que aspetos positivos associa a esta escola? E menos positivos?

O que gostaria de mudar na escola se tivesse essa possibilidade? Ao nível de estruturas, recursos, organização, trabalho com as crianças?

Qual o papel dos professores na escola?

Que importância tem a escola nas vidas das crianças?

Como descreveria a relação entre adultos e crianças na escola?

Pode dar a sua definição de criança?

Costuma envolver as crianças nas atividades diárias da sala de aula? Como promove esse envolvimento?

As crianças participam em diferentes projetos da escola? Acredita que o envolvimento das crianças e a sua participação são importantes? Em que sentido?

Considera que as crianças têm um papel ativo na escola? Em que modo?

Mobiliza um método particular pedagógico na sua sala? Que fundamentos tem esse método?

Que instrumentos de participação das crianças prevê esse método?

As crianças costumam falar, fazer sugestões sobre assuntos que lhes dizem respeito na escola? Têm parte ativa em alguns desses assuntos?

Acredita que as crianças são capazes de desempenhar esse papel? De resolver problemas? De encontrar soluções para diferentes questões que se colocam na escola e nas suas vidas privadas?

Que recursos consideraria necessários para que desempenhassem esse papel? As crianças têm assembleias de turma?

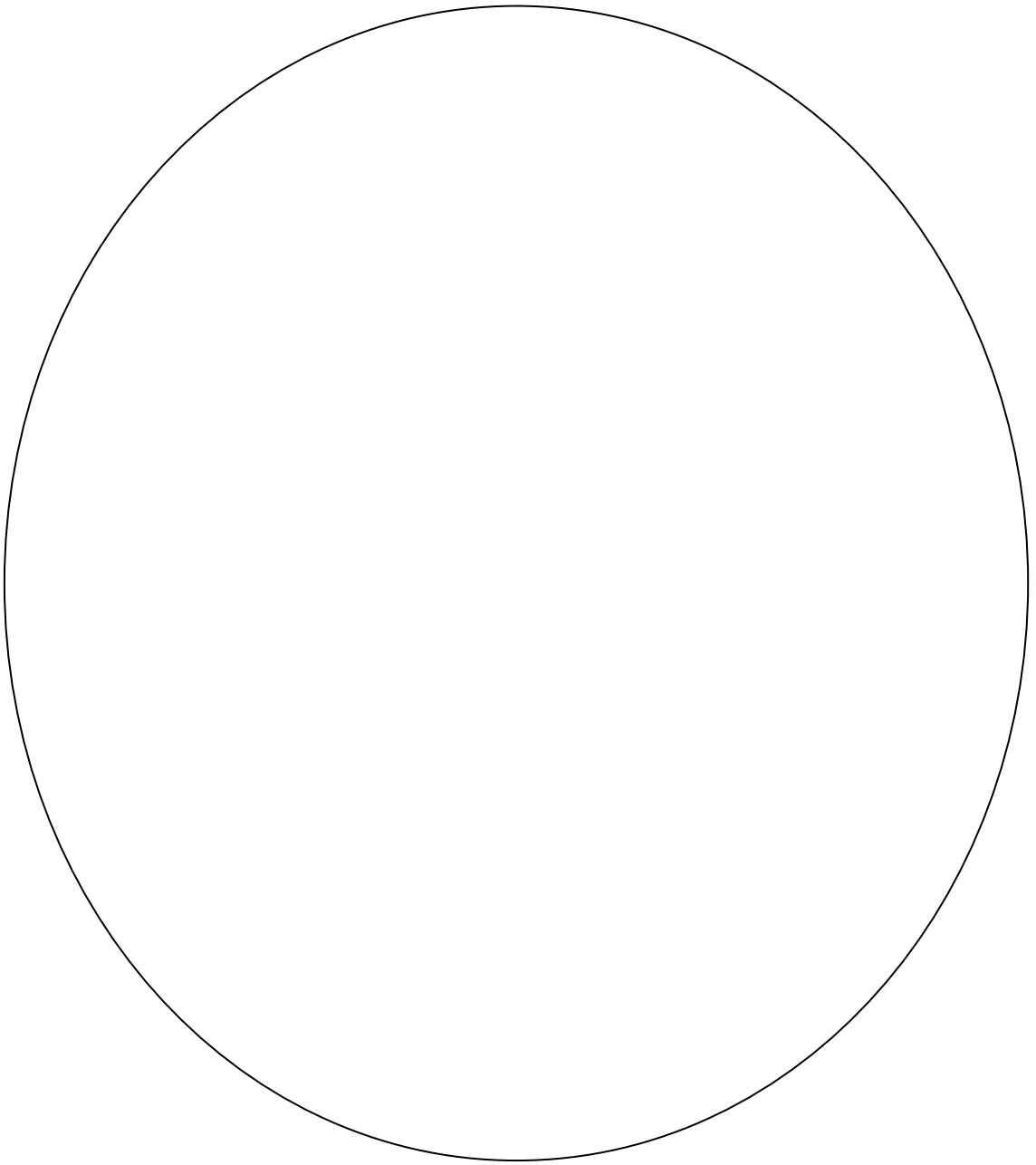
No seu trabalho pedagógico diário com as crianças consegue dar exemplos do modo como participam? Como co decidem?

Como vivem as crianças as participações? Ao nível individual e coletivo?

Nas assembleias de turma, que competências fundamentais considera serem desenvolvidas pelas crianças?

**ANEXO 4 – “A MINHA SEMANA”. ATIVIDADE, TRANSCRIÇÕES E
GRELHA DE ANÁLISE**

A MINHA SEMANA



NOME: _____

“A Minha Semana” - Turma do 3º ano. 02 de fevereiro de 2011. MS1

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, o modo como ocupam o seu tempo, diariamente, entre tarefas escolares e extra escolares e diferentes modos de vivenciar e experienciar o ser criança. É pedido às crianças que utilizem uma folha com um círculo que ocuparão livremente com o preenchimento das suas atividades.

Duração aproximada: 32 minutos

Início da atividade. Explicação do que iríamos fazer.

(Alex, rapariga, T., rapaz, J., rapaz, D., rapaz, Ca, rapaz)

<p>T. – O que é que vamos fazer?</p> <p>E – Vamos fazer uma das coisas do projeto, que já estamos a fazer desde o início do ano. Vamos fazer um exercício que já fizemos com o primeiro grupo na semana passada, e que é um exercício para vocês poderem falar...</p> <p>T. – Foi o grupo da Mar!</p> <p>E – Foi o grupo da Mar. Para poderem falar sobre a maneira como ocupam o tempo, o vosso tempo, durante o dia da semana. Se quiserem colocar os do fim-de-semana também podem colocar, com as atividades que vocês acharem importante estarem aqui. Podem ser coisas que vocês fazem na escola, podem ser coisas que fazem casa...</p> <p>T. – Tá a gravar?</p> <p>E – Está, que é para eu depois poder saber o que vocês disseram.</p> <p>T. – É que grupos fazem muitas perguntas.</p> <p>E – Já viste? Como é que eu me ia lembrar de todas?</p> <p>T. – Fazem pra aí 3 ou 6 perguntas.</p> <p>E – Olhem, para já vamos pôr o nome.</p> <p>J. – Pode-se pôr a caneta?</p> <p>E – Podes usar as cores e o que tu quiseres. Agora, o que vocês têm de pensar, é nas coisas que fazem todos os dias, não é? E pensar na quantidade de tempo que vocês normalmente gastam quando fazem essas atividades. E então..</p> <p>Alex –Pode-se contar as atividades que nós fazemos durante o fim-de-semana, tipo por exemplo, natação?</p> <p>E – Claro, podes pôr. Podes pôr coisas que fazes na escola, fora da escola, o que fazes em casa.</p> <p>T. – Em casa.</p> <p>E – Claro. Agora, dentro deste círculo vocês podem desenhar, escrever, aquilo que vocês acham que dá para perceber o tempo que vocês gastam a fazer as vossas coisas.</p> <p>Alex – Eu gosto é de desenhar.</p> <p>J. – Vai ser fixe.</p> <p>Alex – Sábado.</p> <p>Ca – Eu tive doente ontem.</p> <p>Tom – No outro grupo, nós já não estávamos naquele grupo, e o J. viu-me assim, assim meio doente. E vira-se assim o J., olha o que é que tens? E eu, apetece-me vomitar. E depois ele foi dizer ao professor: oh professor, posso ir vomitar? E o professor, claro! E eu fui à casa de banho e vomitei, e depois fui ao sítio e depois fui a correr para o lavatório e tava mesmo, mesmo com o vomitado. E eu, Blurgh. E o R. ali, ah ah ah. Queria ver ele! Também gozava!</p> <p>E – D. Percebeste o que é para fazer?</p> <p>D. – Sim.</p> <p>T. – Posso usar?</p> <p>Alex – Péra aí, eu explico-lhe.</p> <p>E – Explica-lhe.</p> <p>Alex – D, olha, aqui círculo. Fazer semana, o que tu fazes na semana. Desenhar. Sim?</p>	<p>A1</p>
---	-----------

<p>T. – Olha D., assim, levantar-se, ir à praia, correr [levanta-se e utiliza gestos para ilustrar as coisas que explica ao D]. Na semana, o que fazes, tá? Alex – o que fazes na semana? Vais correr? T. – Atletismo! E – Brincar... Alex – Brincas? E – Ir à escola... Alex – Brincas? Brincas com a S.? T. – Olha fazes aqui a tua irmã, tu aqui, os teus pais... e a tua casa, não é? O jardim, se tu tiveres. Alex – J., pai, mãe, tu.. J. – Podemos já fazer?! E – Podes! Podem começar já! Alex – Brincar!</p>	<p>B1</p>
<p>[crianças começam a organizar os materiais que querem utilizar para iniciar o desenho] J. – Oh Professora, a casa da minha avó parece-me estranha! Eu tenho um cão, que é o black. A casa da minha avó é amarela, e diz “vila laurinda”. Eu tenho um jardim, eu tenho a minha prima, tenho um primo, tenho um vizinho que é jornalista. Mais? E – Hum. J. – Tenho um amigo que é ucraniano. E – E estás a pensar como é que vais desenhar isso J? J. – Sim, só que sei lá como! Ca – Desenhás aí o teu cão! Tu a passear o teu cão! J. – é só que ele ferra-me e tudo, a brincar! Alex – Oh J.!</p>	<p>B2, C2, D2</p>
<p>T. – E o meu gato também. Olha, eu tenho dois gatos. J. – Ei que coisa estranha que eu fiz. E – Queres uma folha nova, J.? J. – Quero, olha que coisa estranha. Parece um dinossauro! [risos] Alex – Já sei, já sei! Já sei o que é! J. – é uma dentadura!</p>	<p>A1</p>
<p>Alex. – Não, é aquela placa que se põe quando os senhores ficam sem dentes! Alex – Eu estou-me a fazer na piscina. E – isso és tu na piscina? Alex – Estou a nadar!</p>	<p>D3</p>
<p>Tom – Eu vou desenhar o jardim. A minha casa é grande sabias? A minha casa tem um jardim. J. – Quantos andares tem? Tom – Não é de andares! Alex – O meu tem 5! Ei, falta-me fazer a touca! Tom – A minha casa não tem andares. É sozinha e tem assim um terraço tipo deste tamanho desta sala.</p>	<p>B2</p>
<p>[as crianças contam histórias sobre os seus animais domésticos] Alex – Eu na minha casa tenho o meu quarto e lá tem uma varanda. E como eu às vezes tinha de abrir a janela para entrar ar puro, sentia frio durante a noite, porque a minha varanda não tinha nada para proteger. E a minha mãe</p>	<p>B2</p>

<p>mandou pôr, na parte para nós não cairmos, mandou pôr lá aquela porta de abrir. Mandou fazer isso e então pôs.</p> <p>Tom – O que é isto [referindo-se ao desenho do J].</p> <p>E – deixa, então, é o desenho que ele quer fazer...</p> <p>Alex – Ele tá na rua, não tás a ver?! E então, hã, tou lá, e a minha mãe mandou pôr. Eu às vezes, a minha mãe abre aquilo e eu tou lá entretida na varanda com a minha irmã e brincamos as duas.</p> <p>E – Hum, hum.</p> <p>Alex – E a minha casa tem um terraço enorme!</p> <p>Tom – A minha casa também, tem um terraço tipo deste tamanho [tamanho da sala].</p> <p>Alex – O meu é muito maior! Tem um, tinha só um campo de futebol.</p> <p>Tom - Oh, mas o terraço não é só teu!</p> <p>Alex – Mas tiraram as balizas.</p> <p>Tom – O terraço é todo meu, porque é a minha casa é tipo daquelas.</p> <p>Alex – eu sei.</p> <p>Tom – Sozinhas! E eu tenho o campo só para mim.</p> <p>Alex – E aquilo depois tinha balizas de futebol para jogarem, e tinha basquetebol.</p> <p>E – Hum.</p> <p>Alex – Tiraram as balizas porque uma delas ficou partida. E tiraram as duas. E depois puseram, deixaram aquilo. E eu brincava sempre lá com a minha bicicleta no Verão. A minha irmã brincava no meu triciclo e eu tava na bicicleta.</p> <p>Tom – No meu triciclo?! Tens triciclo?!</p> <p>Alex – Sim, tenho, o meu triciclo quando eu era pequenina!</p> <p>Tom – Ah disseste o meu triciclo, parece que ainda tens!</p> <p>Alex – E então nós távamos lá, e um dia, no fim-de-semana tava frio e nós não fomos ao parque. E durante esse fim-de-semana, no dia seguinte eu fui lá, e tava ali uma rede de ténis. E eu, Oh valha-me Deus! Como é que eu posso tar a andar com a bicicleta?! Tenho de andar às voltas. Estou sempre a andar às voltas. Eu passei lá no parque que era só aquelas cascas das árvores, castanhas? Tinha lá! E então eu vou para lá, às vezes. Tenho um escorrega.</p> <p>E – E isso são tudo sítios que ficam perto da tua casa, Alex?</p> <p>Alex – Não é o terraço mesmo da minha casa. É muito grande, tem lá imensas coisas. Lá até tem sítios para fazer festas. A minha mãe perguntou se eu queria ir com a minha tia à piscina, e eu disse que sim, e aprendi a nadar.</p> <p>E – Aprendeste a nadar. Por isso é que a nataçãõ para ti é muito importante, Alexandra?</p> <p>Alex – Sim, ali só tinha uma piscina de 1 metro e... nem metros tinha! Depois tinha 1,20, sempre a andar, 1,40 metro e 1,60. E eu ia de bóias, para o 1,60 metro, mas para o 1,20 metro não. E no 1,20 metro tava sempre a nadar debaixo de água, só que eu tinha de tapar o nariz porque eu não conseguia nadar. E por cima de água.</p> <p>Tom – Oh que pena, não conseguias.</p> <p>Alex – Não porque eu ainda não conseguia fazer as bolinhas debaixo de água!</p> <p>Ca – Ei que fácil!</p>	<p>B2</p> <p>B2</p> <p>B2, E3</p> <p>D3</p>
--	---

<p>Alex –Ooh isso ainda não tinha aprendido! E – Olha e tu fazes natação todos os Sábados? Alex – Sábados e quartas. Tom – Eu faço quartas, sextas e às vezes aos domingos. Alex – Hoje tenho piscina, às 20h. E – Então se quiseres podes escrever, sábados e quartas. Alex – sábado e quarta-feira. E – E também podes desenhar ou escrever aqui dentro coisas que tu fazes noutros dias.</p>	B3
<p>Tom – Eu vou fazer os meus gatos. Eu tava aqui a ver TV e depois tá aqui a porta dos meus gatos. E – Acho bem. Olha e quanto tempo é que tu passas a ver televisão? Quando estás em casa?</p>	D2
<p>Alex – Durante o fim-de-semana? E – Vês mais ao fim-de-semana ou vês mais durante a semana? Tom – Durante a semana eu não tenho tempo, tenho de fazer os deveres porque eu não tenho centro de estudos. E – Hum. Alex – Eu tenho. E – Por isso, quando chegas a casa, tens de fazer os trabalhos, é isso? Tom – Sim.</p>	B3, D1
<p>E – Então mas podes desenhar aí o teu tempo que passas a ver televisão. A televisão Tom? Não desenhaste? Tom – Eu não vou pôr a televisão. E – Não vais pôr a televisão? Tom – Eu vou pôr o meu terraço. E – O que é D.? A tua casa? D. – hum, hum.</p>	B3
<p>E – A tua casa. E tu Alex.? Queres pôr outras coisas além da natação, em que gastas o teu tempo? Alex – Não, não é preciso. Eu para ver televisão, às vezes quando os trabalhos de casa são pouquinhos, eu adianto em casa e depois vejo um bocadinho de televisão, mas só quando eles são muito grandes, e eu tenho de ajudar às vezes a minha mãe a fazer o jantar, eu ponho a mesa, e às vezes como não tenho tempo, e tou muito, tou muito em baixo, porque tenho 6 horas de aulas, e então eu vejo televisão. Tom – Tenho ou temos? Alex – Temos, temos 6 horas de aula. Tom – A aula não é só tua.</p>	B3, D2
<p>Alex – E então eu às vezes sento-me no sofá a ver um bocadinho de televisão. E eu quando tenho pouquinhos trabalhos sento-me a ver televisão e quando tenho muitos eu aproveito e faço no ATL, também faço trabalhos lá. E – E a escola? Devia entrar no desenho? Ou achas que devia ficar de fora? Alex – Hum, não sei. Vou fazer aqui fora. E – O que estás a desenhar Tom? Tom – Tou a desenhar os meus gatos. O meu gato tava a ir para o meu terraço. E – E queres desenhar outras coisas? Além da casa e do gato? Alex – Como é que eu vou desenhar a escola?</p>	C1

<p>E – Boa pergunta, tens de pensar nisso. Como é que se desenha a escola? Tom – Faz-se uma escola muito grande e o recreio! Alex – Já sei faço as mesas. Faço as mesas e ponho os meninos a trabalhar. E – hum. E já acabaste o teu desenho Tom? Tens a certeza que não queres pôr mais coisas? Tom - Não tenho mais espaço. J. – Pões aqui fora! Alex – Olha como é que eu estou a fazer! E – Tu nesse círculo podes distribuir as coisas como tu quiseres. Tom – Vou pôr aqui o meu pai, que é do Benfica, já que é do Benfica vou pôr em vermelho. Alex – Ai que nojo Tom! O teu pai tem mesmo mau gosto! Tom – E o que é que foi? [risos] Alex – eu prefiro ser do Sporting! [riso] Tom – Oh do sporting! Alex – Do sporting! És do porto! Tom – Não não sou! Eu sou do Sporting agora! Alex – Ah fixe! Ele também. J. – O meu jogador preferido é o Liedson. Tom – O meu jogador preferido é o J. Moutinho. Alex – O Liedson vai sair. J. – Agora o meu é o Helder Postiga. E – Pois, agora tens de arranjar outro. O Liedson vai para outro clube. Alex – Acho que é para o Brasil. J. – Vai pro Brasiú. Alex – Vai pró Brasil, vai pró Brasil. Tom – É e depois vai ter de fingir a falar brasileiro! E – Não, porque ele é brasileiro! J. – Ele é brasileiro! E – É brasileiro, por isso vai voltar para casa. Tom – Não, para casa não, para o clube. E – Pois, para o clube. Tom – Para a casa não! Para a casa ele já tem, e é no Brasil! Acho eu. Ca – Se ele tá aqui em Portugal, a jogar em Portugal, é óbvio que tem de ter uma casa em Portugal! Senão onde é que ele vai dormir? Na relva?! Tom – Olha, era fixe, eu já acampe num estádio! Pois já, eu estava numa festa de um amigo meu, e depois eu fui lá e adormeci! E – E ficaste a dormir lá? Tom – E o meu pai e a minha mãe ficaram lá também. Só para não me acordar ficamos lá a acampar! E – Então, isto o que é que é? Ca – É a escola. Vou escrever aqui em baixo, escola. E – É a escola. Muito bem! Alex – Vou fazer a cara dos meninos. Tom – Mãe, é do Porto. J. – Olha a minha família aqui é toda benfiquista! Alex – Olha, vou dizer os do Sporting: eu, o meu pai, o meu avô, a minha avó. J. – A minha avó, o meu avô! O meu tio e a minha tia.</p>	<p>C1, D1</p> <p>C1</p>
---	-------------------------

<p>E – Já acabaste J.? Queres explicar o resto das coisas do teu desenho? J. – Isto é a minha avó a chamar para eu ir comer. E – A chamar o J. para ir comer. Este é o Black que é o teu cão. J. – Este sou eu. Esta é a minha casa e a janela, o sol e as nuvens. E aqui é a relva. E – E aqui é o quê? É o jantar? J. – Não, aqui é o sol. E – Ah é o sol! Achei que tinhas desenhado coisas do teu jantar também! Estavas a dizer que a avó te tinha chamado para o jantar... E – Obrigada J., posso guarda aqui? J. - Podes. Alex – Uma vez eu e um amigo meu, o Ru., não sei se já viu.. E – O Ru.? Alex – Sim E – É o que está sentado na mesa do fundo? Alex – Sim, é um rapaz que está na mesa do fundo. Hã, ele gosta de mim e eu gosto dele, e eu contei... Tom – Gostas dele por amor? Alex – É óbvio. E ele também gosta de mim. Tom – Quem? Alex – O Ru. E eu não me lembra quem disse e essa pessoa disse ao P., e o P. foi espalhar a notícia toda quase por toda a escola! E uma vez távamos nós os dois a brincar, no recreio, e aparecem todas as meninas. Tom – Professora, tão aqui as minhas coisas. Alex – Tavam lá elas todas e então nós távamos lá e ele trouxe a sua bola, trouxe a bola pinchona para nós tarmos a brincar. E elas descobriram-nos e o Ruben mandou a bola muito de força e ele foi lá buscar a bola, e elas todas agarraram o Ruben contra o caixote do lixo, aquelas varas do coberto. E – Hum. Alex – Hã e a Tat. foi atrás de mim e começaram o recreio todo, o recreio todo, a agarrar-nos para nós darmos um beijo. Foi esse o meu recreio todo! E eu, Oh Ru., foge! E ele, eu não fujo. Se tu não saíres daqui eu também não saio. E – E saíste? Alex – Não ele foi sempre atrás de mim! A tentar-me proteger. Ele gosta de mim e eu gosto dele. E – Claro, e isso não tem mal nenhum... Alex – Escola. E – A escola, muito bem... Alex – Vou fazer aqui a minha casa. Eu vou fazer só o número da minha porta, assim. Tem aqui a minha porta, falta-me fazer o chão. A porta, a fechadura. 601, é o número da minha porta, 601. E – Muito bem Alex, o que te falta? Que mais coisas queres pôr? Alex – Pera aí, só vou acabar de pintar isto. E – Acaba, acaba. Alex – Já acabei! E – Muito bem! Com a coisa mais importante que é a natação? Alex – E a escola! E – E a escola.</p>	<p>C2</p> <p>B2</p> <p>C1, E1</p>
---	-----------------------------------

Turma do 3º ano. 02 fevereiro 2011. MS2

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, o modo como ocupam o seu tempo, diariamente, entre tarefas escolares e extra escolares e diferentes modos de vivenciar e experienciar o ser criança. É pedido às crianças que utilizem uma folha com um círculo que ocuparão livremente com o preenchimento das suas atividades.

Duração aproximada: 20 minutos

Início da atividade. Explicação do que iríamos fazer.

(Tat., rapariga, R., rapaz, T., rapaz, O. rapaz, S., rapariga)

<p>[as crianças organizam o material para a atividade e conversam entre si]</p> <p>E – Querem começar? Quando a S. vier começamos com ela, tá bem?</p> <p>Então, o que é que nós estivemos a fazer? Estivemos a fazer um desenho com os outros grupos, que é um desenho que se chama “a minha semana”.</p> <p>R. – Minha semana.</p> <p>E – Adivinha o que é que é para pôr dentro do desenho?</p> <p>O. – O que é que nós fazemos na semana.</p> <p>E – As coisas que vocês fazem na semana. Pode ser onde tu quiseres. Coisas que fazemos em casa, coisas que fazemos na escola, coisas que fazemos com os amigos.</p> <p>T. – É para pintar?</p> <p>E – É para desenhares o que quiseres dentro desse círculo.</p> <p>Tat. – Vamos só fazer isto?</p> <p>E – Só, foi o que estivemos a fazer com os outros grupos!</p> <p>Tat. – O grupo da Mar. e do M. demoraram muito tempo?</p> <p>E – Um bocadinho, porque se distraíram, porque estiveram a discutir o que queriam pôr dentro do desenho...</p> <p>Tat. – Então, eu vou pôr uma cebola, porque eu comi uma cebola!</p> <p>[risos]</p> <p>E – Vais pôr uma cebola porque comeste uma cebola? Se tu achas que isso é importante...</p> <p>Rui – Pode ser à volta toda?</p> <p>E – Podes, podes sair do círculo...se achares que há coisas que queres pôr fora do círculo, podes pôr.</p> <p>T. – Posso fazer assim, a dividir?</p> <p>E – Podes, podes dividir por dias T., podes dividir por tempo, não é?</p> <p>T. – Sexta... sábado, quarta e assim.</p> <p>E – Queres contar outra vez? Queres pôr Domingo, ou fica de fora Domingo?</p> <p>Rui – Quero pôr Domingo.</p> <p>E – Então, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado... queres dividir aqui para pôr Domingo?</p> <p>T. – Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo.</p> <p>E – E agora, dentro da segunda-feira, pensa nas coisas que tu fazes e no tempo que te ocupa as coisas que tu fazes.</p> <p>Rui – Eu vou pôr a escola.</p> <p>E – Vais pôr a escola? Acho bem. Podes desenhar e escrever, podes pintar, claro.</p> <p>S. – Não trouxe lápis.</p> <p>E – Tens aqui.</p> <p>Rui – Eu vou pôr na segunda, terça, quarta e quinta, posso pôr a escola a fazer trabalhos.</p> <p>E – Os trabalhos. E à sexta-feira?</p> <p>Rui – Também tenho escola.</p> <p>E – À sexta-feira também tens escola. Queres escrever o teu nome em baixo S.?</p> <p>O. – Olha pára de te rir [Tat.]. Oh professora, professora!</p> <p>E – Diz, diz!</p>	<p>A1, A3</p> <p>A1</p> <p>A1</p> <p>A1, A2</p> <p>C1</p> <p>B3</p>
---	---

<p>O. – Ela mandou-me tudo para o chão! E – acho que não precisas da minha ajuda para resolver isso, pois não? [riso] Não precisas. S. – Podemos-nos rir? E – Podes. Podes desenhar coisas aqui de for, T.. Se achares que não tem espaço que chegue. R. O que escreveste? S. – Pode ser só do fim-de-semana? E – Pode, se quiseres pode ser só do fim-de-semana. Boa R.! Agora se quiseres pôr na segunda-feira outras coisas para além da escola também podes pôr, tá bem? R. – Terça-feira? Já sei! E – Se quiseres desenhar coisas que fazes quando chegas a casa Rui, por exemplo, também podes pôr... Tat., então? Tat. – Oh professora possa pôr aqui ao lado, segunda-feira...? E – Podes pôr como quiseres, podes pôr ao lado, podes escrever dentro. Como tu achares melhor. Segunda, tá Tat.? O. – Oh professora eu estou-me a concentrar, mas elas continuam! E – Que queres que eu faça O.? Podes Tat., podes dividir em dias diferentes os dias que estás a fazer. T. – E depois há mais trabalho para fazer? E – Claro! Ainda temos muitas coisas para fazer. R. – Como é que se escreve catequese? E – Catequese? É assim. Não é hoje, temos noutros dias. Hoje é só esta. Tat. – Depois tu vais mostrar a coisa ao professor? E – A filmagem? Não. Porquê? S. – Se mostrasses estávamos feitos num bife! [risos] T. – Já acabaste? O. – Oh professora! E – Oh O., tu isso podes mudar. Queres-te sentar aqui à minha beira? Tat. – Oh professora, posso ir lá para o fundo? E – Podes, claro que podes. R.? R. – Estou a fazer a quarta-feira. E – Senta aqui ao meu lado R., anda. R. – É a quarta-feira. E – E o que é que tu costumavas fazer à quarta-feira? R. – Venho para a escola. E – E depois da escola, o que é que fazes? R. – Vou para casa e fico com a minha mãe. E – Então, podes desenhar a escola e podes desenhar quando vais para casa. Rui – Mas eu não estou a desenhar. E – Ah estás a escrever, tá bem. Então, mas podes escrever Rui, por exemplo: quarta-feira vou para a escola, vou para casa. Então O., enganaste-te? O que é que ias fazer? O. – Era como a S. tá a fazer.</p>	<p>B3</p> <p>A2</p> <p>B3</p> <p>B2</p>
--	---

<p>Tat. – Oh professora é um dia na piscina e todos os dias em casa!</p> <p>E – Quando, esta semana?</p> <p>Tat. – Sim.</p> <p>E – Não vieste para a escola?</p> <p>Tat. – Ah!</p> <p>T. – Olha, isto é, escrevi o meu fim-de-semana.</p> <p>E – Queres pôr aqui as coisas que fazes com o pai em casa? Queres pôr cor em algum? Ou desenhos?</p> <p>Em que dia estás T.?</p> <p>T. – Domingo.</p> <p>E – Gostas de ir almoçar à Pizza Hut ao Domingo, T.?</p> <p>T. – Gosto.</p> <p>E – E agora, segunda-feira já está. E terça-feira?</p>	<p>B3</p>
---	-----------

Turma do 3º ano. 04 fevereiro 2011. MS3

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, o modo como ocupam o seu tempo, diariamente, entre tarefas escolares e extra escolares e diferentes modos de vivenciar e experienciar o ser criança. É pedido às crianças que utilizem uma folha com um círculo que ocuparão livremente com o preenchimento das suas atividades.

Duração aproximada: 27 minutos

Início da atividade. Explicação do que iríamos fazer.

(Mar.1, rapariga, Mar.2, rapariga, Ru. rapaz, M., rapaz, P., rapaz, B., rapariga, Cat.,rapariga, Ri, rapariga, N., rapaz)

<p>[as crianças organizam o material para a atividade e conversam entre si]</p> <p>P. – Olha, escreve o nome em baixo!</p> <p>E – Vou explicar o que é que é para fazer. Então, vou explicar tá bem? Na parte onde diz nome, é para escreverem o nome para saber de quem é, claro.</p> <p>Ri. – Eu escrevi o meu nome todo.</p> <p>E – Então, esta atividade chama-se “ a minha semana”, está aqui.</p> <p>M2 – Escreve o teu nome.</p> <p>E – E para que é que nós vamos fazer esta atividade? Para eu perceber como é que vocês costumam ocupar o vosso tempo. Como é que distribuem o tempo para fazerem as coisas todas que têm para fazer. Que coisas é que vocês podem desenhar, podem escrever, o que quiserem? As coisas todas que costumam fazer. Pode ser na escola, pode ser o tempo que passam a fazer coisas em casa. A brincar, por exemplo. Pode ser porque fazem atividades fora da escola e que queiram pôr aí, tá bem? Então, vamos? Vamos M2?</p> <p>Cat. – O que é que faço agora?</p> <p>P. – Oh professora, como é que se faz?!</p> <p>M1 – Não sei o que é que quero fazer...</p> <p>E – O que é que queres fazer? Podes pôr todas as coisas que tu fazes durante o dia, que fazes quando chegas a casa, que fazes na escola... fora da escola. As coisas que tu achas que são mais importantes e o tempo que gastas a fazer essas coisas.</p> <p>M2 – O tempo?</p> <p>E – E o tempo que gastas a fazer essas coisas. Pelo círculo.</p> <p>R. – Preciso de uma régua.</p> <p>E – Não tenho régua R.. Alguém tem régua?</p> <p>Cat. – Eu tinha mas emprestei ao M.!</p> <p>M. – Toma.</p> <p>Ri. – Quem me empresta verde?</p> <p>E – Não tenho verde. Tenho vermelho.</p> <p>R. – Toma.</p> <p>E – Tenho cor de laranja... quem é que precisava de lápis de carvão?</p> <p>Cat. – Posso dividir?</p> <p>E – Podes dividir, se te der mais jeito.</p> <p>Cat. – Sim, posso dividir por partes.</p> <p>E – E até podes em cada parte pôr mais que uma coisa.</p> <p>Ri. – Vou fazer eu a brincar com a minha prima. Não tenho borracha.</p> <p>E – Eu tenho, queres borracha Ri.?</p> <p>R. – Eu empresto!</p> <p>E – Então, estás a conseguir P.?</p> <p>Ri. – Oh professora, fiz as mãos muito grandes?</p> <p>E – Achas que está muito grande?</p> <p>Ri. – Não.</p> <p>E – Então deixa ficar.</p> <p>Cat. – Oh professora, mas podemos fazer assim uns corações?</p> <p>E – Podes. Mar2, o teu desenho?</p> <p>M2 – Está quase a acabar!</p>	<p>A2</p> <p>A3</p> <p>A3</p>
---	-------------------------------

<p>E – R. queres começar por onde? Começas por fazer o quê, que dia? M1 – Vou fazer o sol e a lua. R. – Vou fazer... a escola! E – O tempo que gastas na escola? Que coisas é que fazes na escola? R. – Estudo. M. – Trabalhas! E – Estudas. Olha o M. já está aqui a desenhar a escola. M1 – O que é que tás a fazer? [P.]. A jogar futebol? E – Olha o M. é quem está mais concentrado. O M. e a Ri.. Ri. – Vais escrever alguma coisa? M1 – Vou. Enganei-me! E – Queres uma borracha M1? Toma M1. N. – O que é que vais fazer? E – N., então? Queres ajuda, para pensar? N. – Sim. E – Que coisas é que tu costumavas fazer durante o dia? N. – Brincar. E – Brincar. N. – Trabalho. E – Trabalhas, na escola, não é? E em casa? N. – Os trabalhos de casa. E – Fazes os trabalhos de casa, e depois? N. – Brinco. E – Brincas um bocadinho em casa. E depois? N. – Durmo. E – Vais dormir. Então, podes desenhar essas coisas todas e aqui podes dividir pelo tempo como tu quiseres e pelo tempo que gastas a fazer cada uma dessas coisas. M1 – Vou pôr a escola. Ri. – Passear. Cat. – Oh professora eu não consigo dividir o círculo! E – Tu já tinhas decidido que ias dividir em quantos? Cat. – 4. R. – 7! E – Em 7? Cat. – Sim, mas isto não fica direito. Professora, segura-me na régua por favor. E – R., a escola? Isto é o edifício da escola não é? R. – Só se desenhar uma estrada com um carro. E – Desenhares uma estrada com um carro? Pode ser. Achas que sim? Que ficava bem ali? Ri. – E agora? [pensa sobre o que desenhará a seguir] E – O tempo de ver Tv? Podes pôr. Costumas ver Tv em casa? Cat. – Eu costumo! Ri. – Vou fazer os botões... M. – Eu também jogo playstation. E – N.? Brincar, jogar futebol. Que outras coisas é que tu fazes? Por exemplo em casa? N. – Jogo playstation. E – Playstation. Agora podes pensar assim, quanto tempo é que eu</p>	<p>C1</p> <p>D4, E1</p> <p>B1</p> <p>D1</p> <p>D2</p> <p>B3</p> <p>B2, D2</p>
--	---

<p>costumo gastar a jogar playstation? E depois, quanto tempo é que eu costumo gastar a brincar?</p> <p>N. – Quero dar um título!</p> <p>E – Queres pôr um título?</p> <p>N. – Hum, o tempo que eu...</p> <p>E – Hum, sei lá, podes pôr, o tempo que eu passo...</p> <p>N. – É, que eu passo com os meus amigos.</p> <p>E – O R. já ali está a terminar o desenho da escola. Muito bem.</p> <p>P. – Já acabei stora!</p> <p>E – Já acabaste P.? Então deixa-me ir aí ver o que fizeste. O tempo que passo com os amigos. O tempo que eu jogo com os meus amigos. Isto és tu a jogar futebol. E aqui, o que é que é?</p> <p>P. – Aqui é ir para casa.</p> <p>E – Isto és tu a ir para casa. E este tempo aqui de cima é o quê? Da escola ou de brincar?</p> <p>P. – Da escola.</p> <p>E – queres escrever aqui escola? Para saber que é o teu tempo da escola?</p> <p>P. – Tá.</p> <p>Ri. – Oh professora, e agora? Só os braços é que estão muito grandes.</p> <p>E – aqui é a ver Tv. Queres escrever aqui Ri.? Ver tv?</p> <p>Cat. – 1, 2, 3, 4, 5, 6.</p> <p>E – P.? Portanto, passas mais tempo na escola? É aquilo que podemos perceber daqui? Que passas mais tempo na escola?</p> <p>Ri. – Posso escrever aqui passear?</p> <p>E – Podes, o que tu quiseres. [P.] Aqui passas metade do tempo na escola, depois há outro bocado que é da casa.</p> <p>R. – Oh professora, posso fazer eu aqui a ir para a escola?</p> <p>E – Podes.</p> <p>Ri. – Empresta-me professora?</p> <p>E – Empresto, isso é uma caneta normal. É essa que queres?</p> <p>Cat. – 1, 2, 3, 4, 5, 6.</p> <p>R. – Isso aí, eu acho que devias dividir em 4. Professora, posso fazer eu a ir para a escola?</p> <p>E – Se podes fazer tu a ir para a escola? Podes.</p> <p>Cat. – o desenho é teu.</p> <p>E – Já está M.? Queres pôr cores? Então, metade do tempo estás na escola, e metade do tempo estás em casa?</p> <p>M. – [acena afirmativamente]</p> <p>E – E estes são os teus amigos?</p> <p>M. – Este sou eu.</p> <p>E – Este és tu.</p> <p>M. – Estes são os meus irmãos.</p> <p>E – São vocês a brincar, ao fim-de-semana?</p> <p>M. – [acena afirmativamente]</p> <p>E – O que é vais desenhar Cat.? Por que parte é que queres começar?</p> <p>Cat. – A ver tv.</p> <p>E – é aquilo em que gastas mais tempo? A ver tv?</p> <p>E – M1, isto é a parte da escola? Escreves só aqui escola?</p> <p>Muito bem R., vês, a parte da escola já está quase.</p> <p>R. – Professora, tá aqui eu a dizer a parte da escola.</p>	<p>B2</p> <p>A2</p> <p>A3</p> <p>E3</p>
--	---

<p>E – É a parte da escola. E agora aqui, sem ser a escola, o que é que tu fazes mais?</p> <p>R. – Brinco em casa.</p> <p>E – Brincas, e mais?</p> <p>R. – Jogo à linha.</p> <p>E – Então podes desenhar tu a brincar e a jogar à linha.</p> <p>Cat. – Pronto, vou desenhar o meu prédio.</p> <p>E – Já está B.? Obrigada!</p>	<p>C2</p>
<p>E aí o que é N.?</p> <p>N. – Somos nós a fazer body jumping.</p> <p>E – São vocês na aula de bubgee jumping? É a que vais fazer hoje, não é?</p>	<p>D3</p>

Turma do 3º ano. 28 janeiro 2011. MS4

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, o modo como ocupam o seu tempo, diariamente, entre tarefas escolares e extra escolares e diferentes modos de vivenciar e experienciar o ser criança. É pedido às crianças que utilizem uma folha com um círculo que ocuparão livremente com o preenchimento das suas atividades.

Duração aproximada: 40 minutos

Início da atividade. Explicação do que iríamos fazer.

(Mar., rapariga, Mi., rapaz, Ca., rapaz)

<p>E – Então... nós já estamos a trabalhar desde setembro, não é? Tenho estado a ver as vossas assembleias...</p> <p>Mar. – Muito.</p> <p>E – Tenho estado a ver as vossas aulas, as vossas decisões...</p> <p>Mi. – muitas vezes!</p> <p>Mar. – Oh Mi., cala-te!</p> <p>E – As coisas de que falam, as coisas sobre as quais vocês têm preocupações, e também em que vocês participam, para perceber o tipo de coisas que vocês também ajudam a influenciar. E então, eu tinha pensado hoje pedir-vos para fazermos uma atividade que se chama “a minha semana” e é o quê? Uma atividade para vocês poderem explicar o que é que fazem durante a semana. E como temos um círculo, podem desenhar aquilo que quiserem dentro do círculo como vocês quiserem.</p> <p>??? – Podemos dividir e fazer os desenhos?</p> <p>E – Podes dividir como quiseres e pôr lá os desenhos, podes escrever, fazer as duas coisas ao mesmo tempo. O que tu achares que é mais importante. Para ires dizendo as coisas que fazes. Então, vamos dizendo quais são as nossas rotinas, não é? Quanto tempo passamos a dormir, a que horas acordamos... essas coisas todas, tá bem?</p>	<p>A2</p>
<p>Mar. – Eu só sei que às vezes...</p> <p>E – Durante a semana, porque ao fim-de-semana.</p> <p>Mar. – Ao fim-de semana nem temos aulas.</p> <p>E – Ao fim de semana é diferente. E nós vamos fazer para durante a semana. Então, vamos começar, se acharem bem. Vamos escrever o nome, para sabermos de quem é que é, e vamos conversando sobre as atividades que vocês vão pondo.</p>	<p>B3</p>
<p>Mar. – Podemos dividir?</p> <p>E – Podem dividir, claro, agora têm de pensar em quantas partes tens de pôr, não é Mar.?</p> <p>Pensem nas coisas todas que vocês fazem nos dias todos da semana. Quantos dias é que nós temos na semana?</p>	<p>A2</p>
<p>Mi. – 7!</p> <p>Mar. – Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo.</p> <p>E – O sábado e domingo são de quê? Semana ou fim de semana?</p> <p>Mar. – Fim de semana.</p> <p>E – Fim de semana, não é? Então vamos fazer essas coisas todas para as atividades de segunda-feira até sexta-feira, como hoje, por exemplo.</p>	<p>A2</p>
<p>Ca. – eu na segunda faço anos.</p> <p>E – Na segunda fazes anos? Tás a ver, se hoje fosse segunda-feira podias pôr que era o dia dos teus anos!</p> <p>Mar. – Sexta-feira é quando nós temos educação física, preciso de mais espaço.</p> <p>E – Acho bem, precisas de mais espaço. Mi., podes organizar esse espaço como tu quiseres, para conseguires pôr aí todas as atividades que fazes durante o dia.</p>	<p>C1, D3</p>
<p>?? – Até no recreio?</p> <p>E – Podes pôr o tempo que passas no recreio.</p> <p>Ca. – Meia hora! Meia hora, oh!</p>	<p>D4</p>

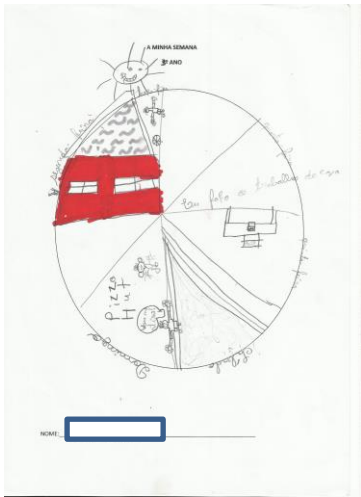
<p>E – E então Mar., como é que vais dividir. Aqui estão os dias não é? Agora como vais dividir dentro dos dias as coisas todas que fazes?</p> <p>Mar. – Hã, vou fazer... vou dividir a meio e depois um é na aula e o outro é o tempo que passo no recreio.</p> <p>E – E não queres pôr coisas que fazes em casa também?</p> <p>Ca. – Professora, o meu vai ficar espetacular!</p> <p>E – O que vocês podem pôr não é só coisas da escola...podes dividir em mais espaços Mar..</p> <p>Mi. – Já vi preto! Tá aqui preto!</p> <p>Mar. – Não, divides até domingo, e sexta fazes por aqui. E depois fazes aqui intervalo.</p> <p>Ca. – Professora podemos escrever as coisas que fazemos?</p> <p>E – Podes, podes escrever, desenhar, como tu quiseres. Podes não organizar por dias, se quiseres organizar por atividades.</p> <p>Mar. – Eu um dia estava a escrever o sumário e em vez de escrever escrevi</p> <p>Mar.. Mas custou-me apagar, porque tinha feito uma letra tão bonita! Mas depois disse, olha, tenho de apagar, tinha de pôr .</p> <p>E – Pois, Mar. não é um sítio é um nome.</p> <p>Mar. – Mar. [risos].</p> <p>E – Claro!</p> <p>Mar. – O que é que eu faço na segunda?</p> <p>E – O que é que vocês fazem à segunda?– Ah já sei, não temos escola de manhã e podemos brincar!</p> <p>Mar. – Eu não brinco, eu faço os deveres!</p> <p>E – Então, trabalhos de casa. Ocupas um tempo a fazer os trabalhos de casa.</p> <p>Mi. – E ocupo para aí 5 minutos.</p> <p>Mar. – Jesus!</p> <p>Ca. – E é!</p> <p>E – E o resto da manhã o que é que tu fazes?</p> <p>Mi. – Fico na cama a ver televisão.</p> <p>Mar. – Trabalho.</p> <p>Mi. – Leio o livro que o professor me deu no primeiro ano, ou no segundo, que é o livro...</p> <p>E – Olha e o almoço? Onde almoças?</p> <p>Ca. – Na minha avó!</p> <p>Mar. – Aqui na cantina!</p> <p>Ai eu não, à segunda e à sexta almoço em casa... hã... terça, quarta e quinta é que venho aqui almoçar. Porque estou nas atividades.</p> <p>E – Muito bem, então, são essas coisas todas que vocês estão a dizer, de que estão a falar, que fazem e que agora podem ou escrever...</p> <p>Mi. – Como?</p> <p>E – Podem escrever e desenhar e dar mais ou menos a ideia de quanto tempo gastam em cada uma das atividades.</p> <p>Mar. – Porque é que tu estás a escrever à máquina. Não tens espaço nenhum. Tens as letras enormes.</p> <p>Mi. – Mas depois eu vou pôr por baixo. Terça, quarta.</p> <p>Ca. – Isto são as narinas.</p> <p>[risos]</p> <p>E – Então, Mar. fizeste aí o intervalo. O intervalo quanto tempo ocupa?</p>	<p>B2</p> <p>A2</p> <p>A3</p> <p>B3</p> <p>D2</p> <p>A2</p> <p>B3</p>
--	---

Muito ou pouco? Mar. – Meia hora, mais ou menos. Portanto, é 30 minutos. Mi. – Posso pôr Sábado? E – Podes pôr Sábado, Mi., podes.	B2
Mar. – 30 minutos. E as aulas, hum. Segunda-feira, o que é nós fizemos? E – Ca., então? O que te falta pôr aí? Ca. – Hã, sexta, sábado e domingo! E – Vais pôr sexta, sábado e domingo?	B3
Ri. – Mas se puseres o preto e depois o branco, fica bem. E – Ri., o que é que já puseste? Rita – De manhã levo o meu irmão à, à, à ama! E – Hum. À ama que fica com o teu irmão, é isso? Ri. – Ama. É a mesma coisa que uma baby-sitter. Sabes porque é que se chama baby-sitter? Baby, bebé!	D2
Ca. – Olha, professora, ontem eu e o T. fomos ao Continente, e então tava ali uma coisa de bebé... E – Com quem é que tu foste ao Continente? Ca. – Com a minha mãe. E – Ca., então ficaste em 5ª feira? Não há mais? Mar. – O que é que nós fizemos na segunda-feira? Hã, matemática. E – Podes só pôr escola, e depois por exemplo, o tempo em que estás em casa. Mar. – Escola, 5 horas.	D2
Mi. – Eu já pus aqui os trabalhos de casa. E – E é só isso que fazes na segunda-feira? Mi. – Não. E – Ah pois é Mi.! [risos] Mi. – Durmo. Depois leio um livro. Mar. – Qual é o dia que tu te mexes mais Ca.? Mi. – No dia que faz anos! [risos] E – Mais o que fazes mais?	B1, C1
Mi. – Aqui escola, aula do Magalhães. Trabalhos de casa, trabalhos de casa, trabalhos de casa, trabalhos de casa! Mar. – Que interessante a tua semana. Trabalhos de casa, trabalhos de casa, trabalhos de casa, trabalhos de casa! E – Podes pôr o tempo em que estás em casa, o que fazes quando estás na escola... Mi. – Já sei! E – Olha, o Mi. já disse que de manhã faz os trabalhos de casa, vê televisão e só depois é que vem para a escola, não é Mi.? Mi. – sim. E – Olha, ver televisão, por exemplo, é uma atividade que se faz em casa e que vocês podem pôr. Mar. – Quantas horas é que eu fico desde as 8 às 10. Três horas? Em casa. E – Podes pôr, casa, 3 horas. E agora, às terças-feiras. Mar. – Terças-feiras vou para as atividades. E – Por exemplo, terça-feira vais para as atividades, já é diferente!	C1 D1 B2 D2

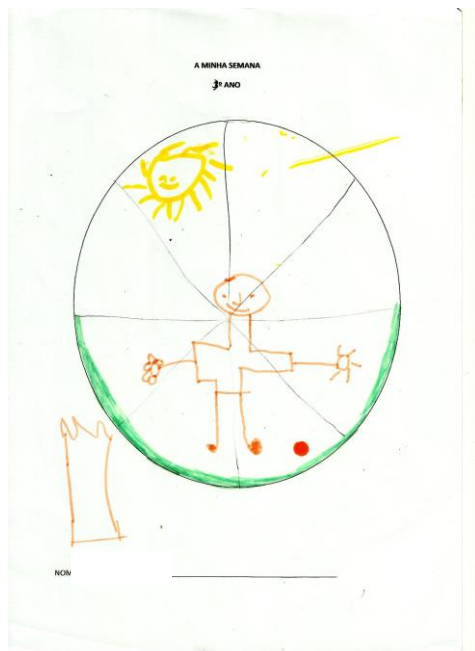
Grelha de análise “A Minha Semana”

Objetivos	Categoria	indicadores	
Identificar elementos de construção do desenho Enquadrar os elementos de produção na lógica das culturas da infância	Elementos formais de organização do desenho [A]	Utilização do espaço [A1] Modos de divisão do espaço [A2] Utilização de cor [A3]	
Identificar modos de distribuição do tempo nos diferentes contextos de vida das crianças Identificar ofício da criança e ofício de aluno	Estruturação do tempo [B]	Trabalho/lazer [B1] Casa/escola [B2] Semana/fim de semana [B3]	
Identificar espaços da infância a partir de diferentes contextos de vida Compreender modos de insularização da infância	Estruturação do espaço [C]	Escolar - formal e não formal [C1] Familiar [C2] Público [C3]	
Compreender atividades realizadas pelas crianças nos diferentes contextos de vida Identificar atividades principais e importância que assumem nos contextos de vida das crianças	Atividades realizada pelas crianças [D]	Trabalho escolar [D1] atividades familiares [D2] atividades recreativas/desportivas [D3] atividades com pares [D4]	

<p>Compreender modos de relação social das crianças com diferentes atores</p> <p>Identificar relações inter e intrageracionais das crianças em diferentes contextos de vida</p>	<p>Personagens/pessoas [E]</p>	<p>Pares [E1]</p> <p>Professor(es) [E2]</p> <p>Família [E3]</p> <p>Outros adultos [E4]</p>	
---	--------------------------------	--	--

Crianças	Elementos de análise
<p data-bbox="185 280 297 309">T. rapaz</p> 	<p data-bbox="730 280 2054 347">Utiliza cor apenas na Escola. O resto do desenho é feito a lápis de carvão. Desenha um sol, com elementos figurativos, como o sorriso e os raios. Subdivide o círculo.</p> <p data-bbox="730 355 2054 544">Representa todos os dias, excetuando a sexta-feira. A maioria da representação centra-se no trabalho escolar, encontrado nos 4 dias da semana. Os trabalhos escolares, como TPC e aulas de TIC com o Magalhães estão evidenciados no desenho, sendo o tempo dedicado à brincadeira remetido essencialmente para o fim de semana. O Sábado é dia de piscina, e desenha-se a si próprio atirando-se para dentro de água. Domingo, é dia de sair com a família e de almoçar na Pizza Hut.</p> <p data-bbox="730 552 1451 580">Representa-se a si como única referência infantil no desenho.</p>

O.



O desenho representa O. de braços abertos, e um sol. Não incluiu elementos específicos no seu desenho. Desenha-se a si, num jardim a jogar à bola.

A escola, a casa, o grupo de amigos não aparecem no seu desenho da semana.

S., rapariga


O desenho representa a S. num jardim, colorido, com árvores, e com um sol, também figurativo, sorrindo e com raios de diferentes cores.

Escreveu “No meu fim de semana” no desenho e representou apenas o seu tempo livre, não incluindo nenhum dia da semana.



Tom, rapaz

Tom. não subdivide o seu círculo. Utiliza todo o espaço para representar um dia fora da escola, passado com o

 <p>The drawing is titled "A MINHA SEMANA" and "3º ANO". It depicts a house with a red roof and yellow walls, a green lawn, and a blue sky with a sun and clouds. A red figure, a blue figure, and a green figure are shown near the house. A red dog is also present. The drawing is enclosed in a circle. Below the drawing, there is a line for the name: "NOME: _____".</p>	<p>pai e com a mãe, e com o seu cão. Representa adultos felizes, sorrindo, a si próprio, utilizando diferentes cores para diferenciar. Inclui uma legenda, escrevendo quem é o pai e quem é a mãe. Desenha a sua casa.</p>
<p>JP.</p>	<p>O JP não subdivide o círculo nem desenha atividades durante a semana. Utiliza o círculo completo para</p>

desenhar a sua casa, e desenha-se no jardim a brincar com o seu cão.
Na janela da casa, desenha a cara da sua mãe, com a seguinte legenda “Anda comer, J.”.

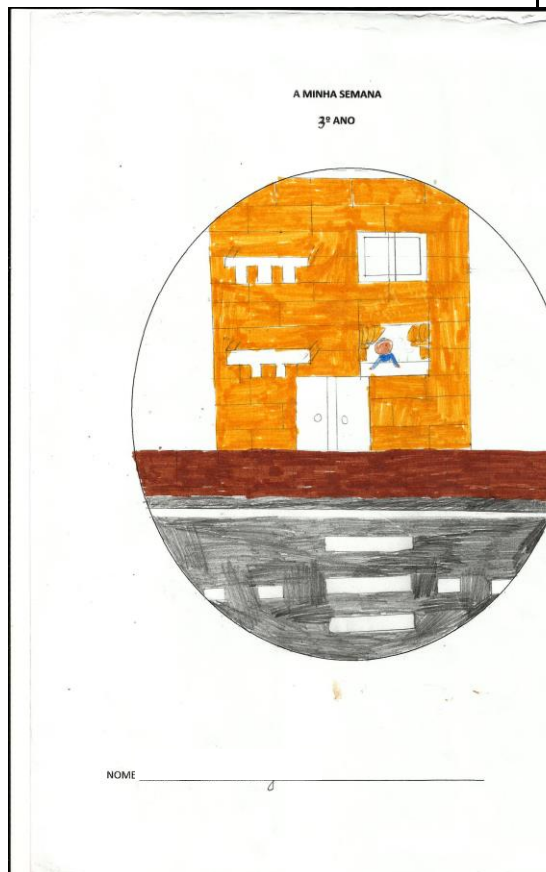


Alex.

A Alex utiliza o círculo inteiro para desenhar a sua atividade favorita durante a semana. Desenha-se a si própria

	<p>na piscina, atividade que pratica duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos Sábados, e escreve os horários.</p> <p>Na parte exterior do círculo, a Alex desenha a escola, representada por duas crianças sentadas em mesas, e sorrindo.</p> <p>Na parte inferior, e fora do círculo, desenha a entrada do seu prédio, e inclui o número da porta. Identifica escrevendo “casa”.</p>
<p>D., rapaz</p>	<p>D. utiliza o círculo inteiro e representa o seu prédio, onde habita. Desenha um edifício geometricamente perfeito</p>

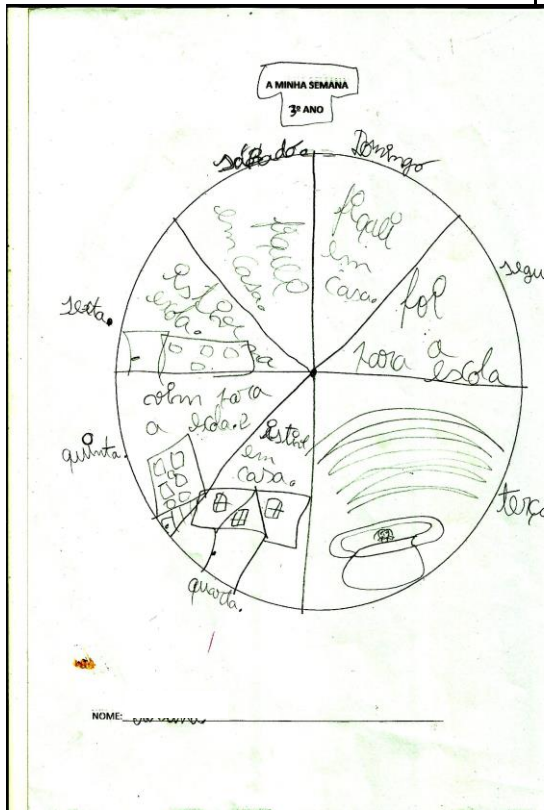
e desenha-se a si, à janela. Representa ainda o passeio, e a estrada, com uma passadeira. Utiliza cor para distinção dos espaços que representa



Tat., rapariga

Utiliza o círculo para dividir os dias da semana, entre semana e fim de semana. O Sábado e o Domingo são dias

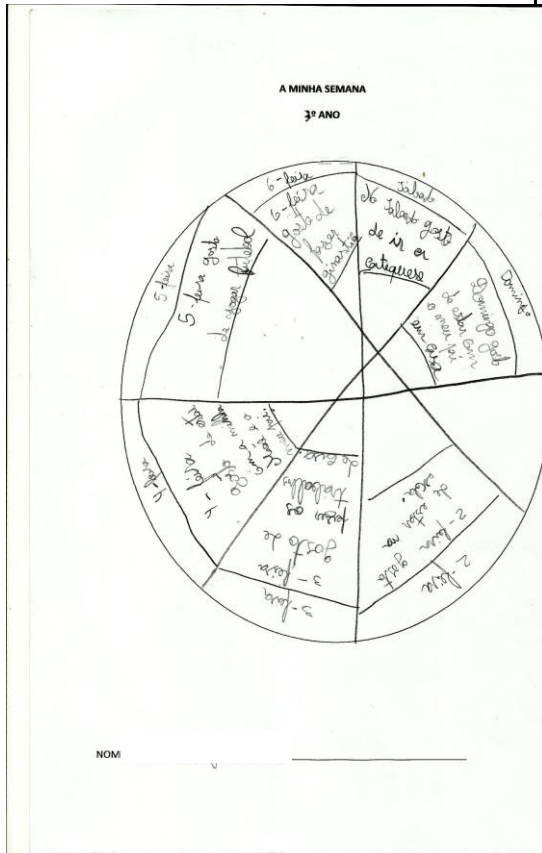
para ficar em casa. Nos restantes dias, “esteve na escola”, desenhando o edifício escolar ou a sala de aula. Num dos dias, quarta feira, a Tat. ficou em casa.



R., rapaz

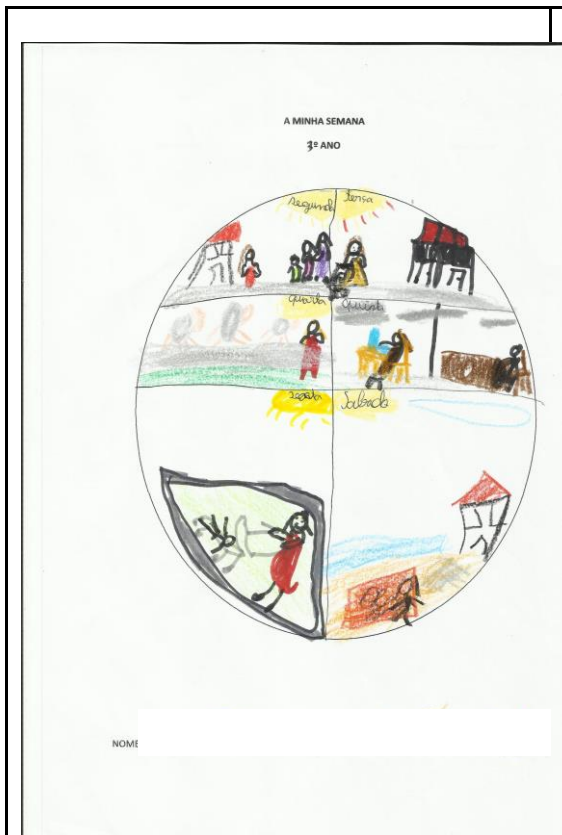
Subdivide o círculo pelos dias da semana e do fim de semana. Ao Sábado o R. gosta de ir à catequese, e ao

Domingo gosta de estar com o pai em casa. À 2ª feira, gosta de estar na escola, e à 3ª feira gosta de fazer os trabalhos de casa. À 4ª feira gosta de estar com a mãe e com o pai. E à 5ª feira a atividade preferida é jogar futebol. Às 6ªs feiras o R. gosta de fazer ginástica.



AC

Subdivide a folha para representar os dias da semana e o sábado. Os dias da semana são representados com



diferentes desenhos de trabalho escola. São desenhadas a escola e as colegas de escola, a sala de aula e o trabalho escolar, e na quinta-feira é desenhado o “Magalhães” na sala de aula. À sexta-feira desenha brincadeiras e ao sábado desenha o espaço da casa e duas crianças a brincarem no exterior.

Mar.

Subdivide os dias da semana no círculo, e assume o círculo como sendo semelhante a uma cara. Desenha cabelo

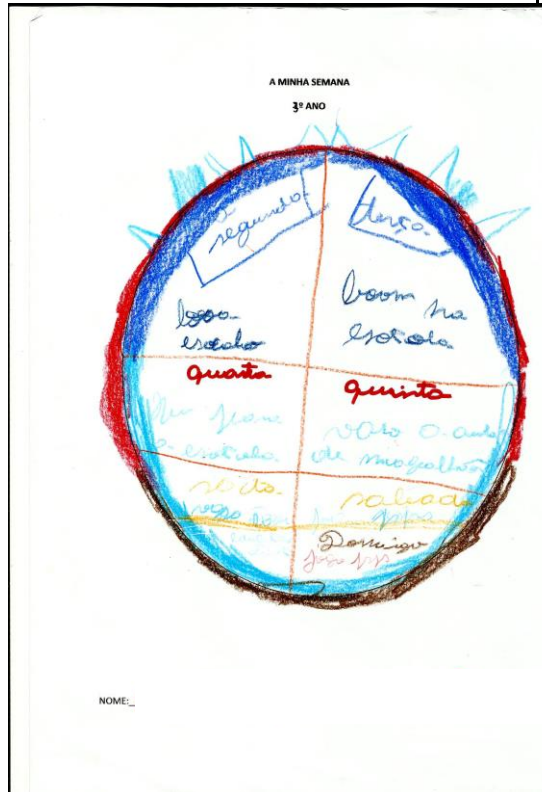


na cara. A segunda-feira é representada pelas aulas e pelo tempo que passa na escola (5h). Três horas são de trabalho e 30m são para o tempo de recreio. Às terças-feiras tem atividades de manhã, de cerca de 3h, e almoça. Às 13h vai para aulas e permanece até às 18h15. Quando chega a casa janta e vai dormir, às 22h15 e até às 7h30. À 4ª feira, em casa, brinca e faz os TPC e depois dorme. Às 5ªas tem aulas e Magalhães. Desenha o Magalhães. Às sextas-feiras tem educação física e vai para casa com a Ri, suam melhor amiga, que aparece representada no desenho.

Ca

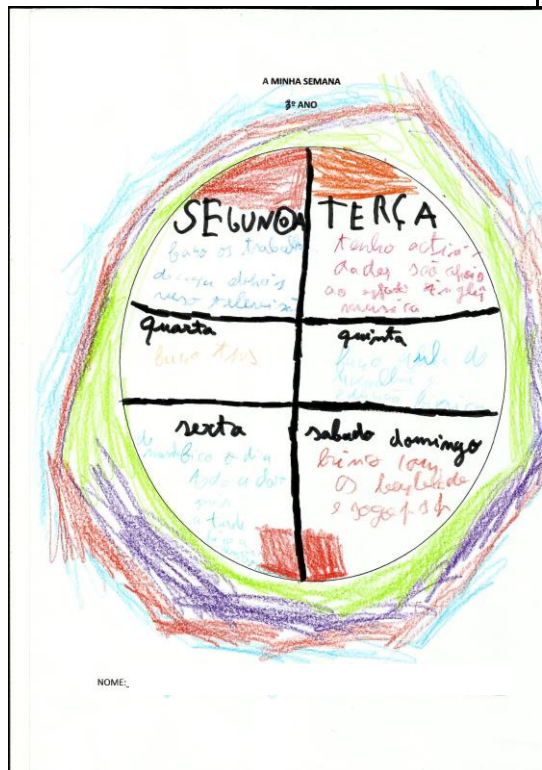
O C. subdivide o espaço do círculo pelos dias da semana e do fim-de-semana. Coloriu a parte exterior do

círculo. Nos dias da semana diz que vai para a escola. À 5ª feira vai para aula de Magalhães e a 6ª para a de educação física. Ao Sábado e ao Domingo joga PSP. Utiliza cores diversas no seu desenho.



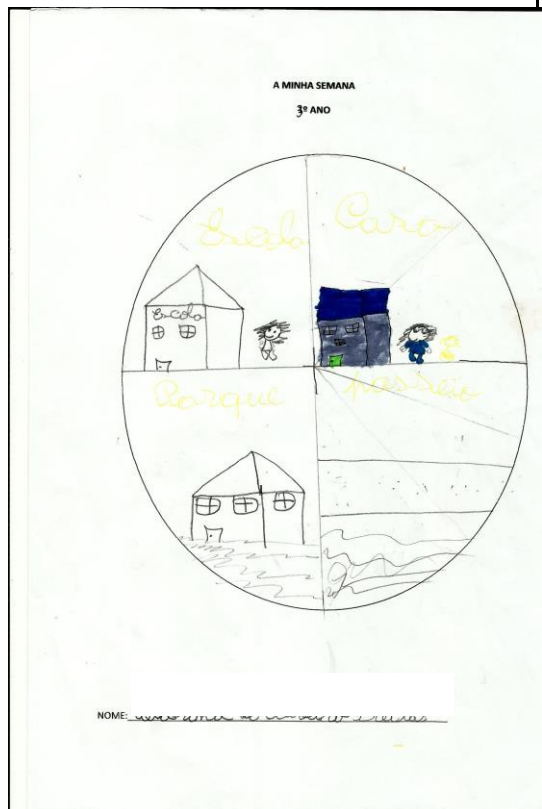
Mi

Subdivide o desenho e utiliza diferentes cores. Representa dias da semana e do fim de semana. À 2ª feira faz os TPC e depois vê Tv. Às terças tem atividades de apoio e tem inglês e música. Às 4ªs feiras faz os TPC e às quintas-feiras tem aulas de Magalhães e faz educação física. À sexta fica de manhã em casa e almoça na escola. Ao sábado e domingo brinca com os beblaide e com a PSP.



Cat., rapariga

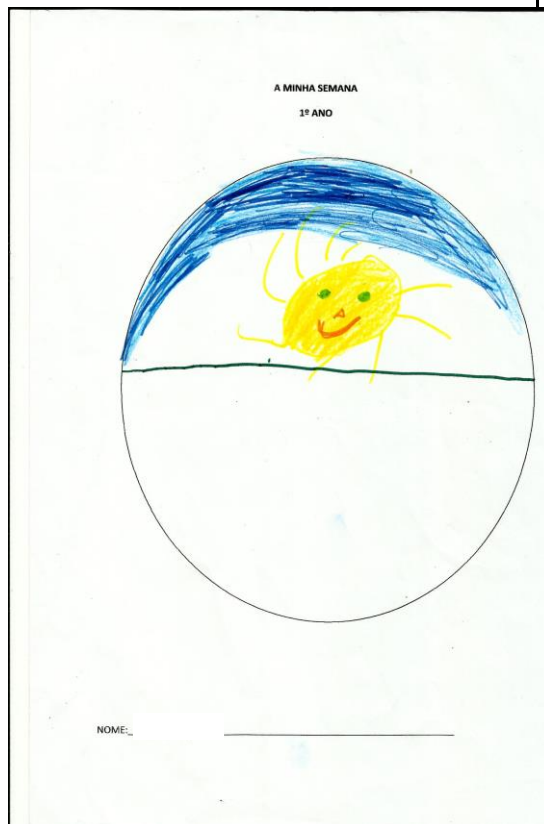
A Cat. subdivide o círculo em 4 e representa não os dias da semana mas sim atividades. No primeiro círculo encontra-se a escola, que desenha e uma criança a ir para a escola. No segundo círculo desenha-se em casa, com a sua irmã mais nova. No terceiro segmento representa o parque e no quarto os passeios. Utiliza algumas cores para colorir um dos segmentos.



NOME: WALDIR SILVA DE SOUZA JUNIOR

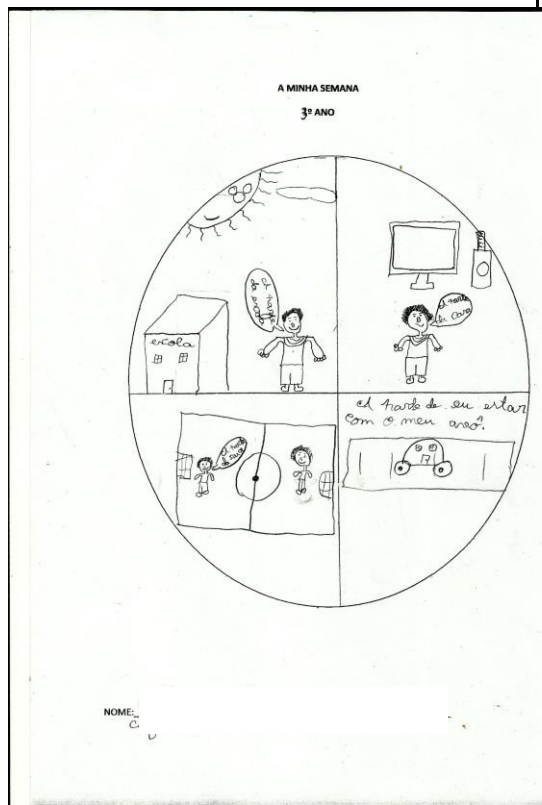
Mar., rapariga

Divide o círculo em dois, e no segmento de cima desenha um sol amarelo e sorridente e as nuvens azuis.



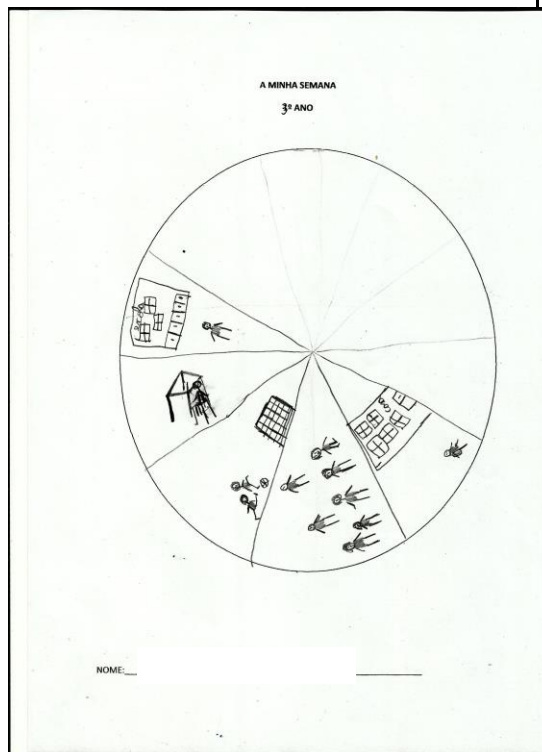
Rú., rapaz

Subdivide o círculo em 4 espaços onde representa diferentes atividades que realiza durante a semana. No primeiro representa a escola, e a si próprio dizendo “a parte da escola”. No segundo segmento desenha a casa dizendo “a parte da casa”, com uma televisão. No terceiro segmento desenha duas crianças num campo de futebol, dizendo “a parte da tarde”. No quarto segmento desenha uma estrada com um carro, introduzindo a legenda “a parte de eu estar com o meu avô”.



N., rapaz

O N. subdivide o círculo em vários segmentos pintados a carvão. Num dos segmentos aparece uma criança e o edifício da escola. Num segundo segmento uma criança sentada na mesa da sala de aula. Num terceiro, duas crianças jogando futebol. Num quarto um grupo de crianças. Num último segmento desenha a casa e uma criança com a mochila às costas.



Ri, rapariga

Utiliza o círculo completo e desenha dentro dele diferentes atividades. Ver televisão é a primeira, seguida do desenho de si própria com a prima, “passar com a minha prima”. Identifica as duas crianças com os nomes e desenha corações vermelhos no círculo.

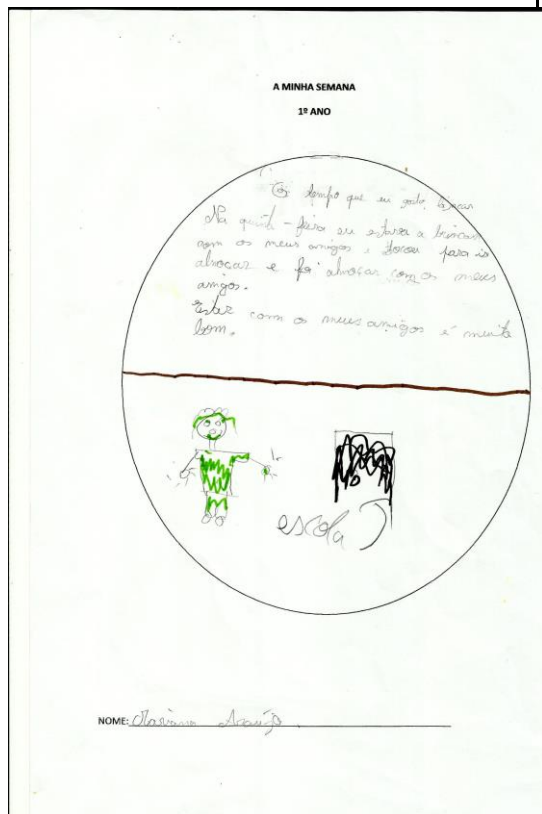
Utiliza diferentes cores no desenho



Mar 2.

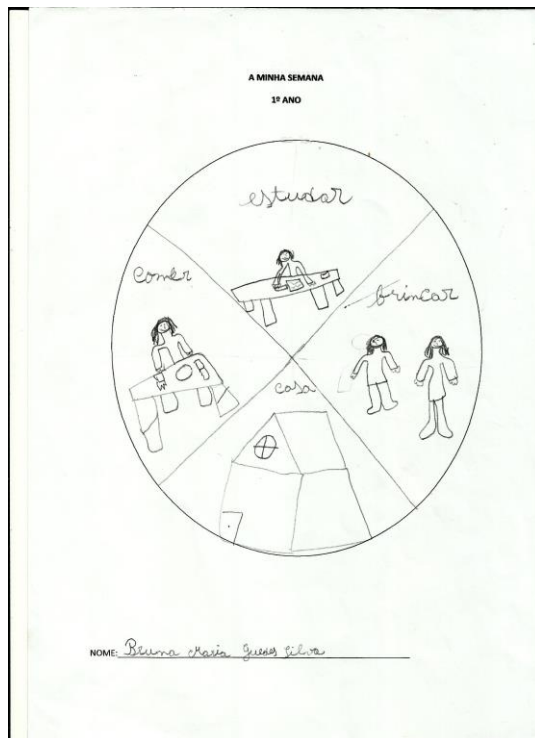
Divide o círculo em dois segmentos, escrevendo no primeiro e desenhando no segundo. Utiliza cor para o desenho.

Escreve “o tempo que eu gosto de brincar. Na quinta feira eu estava a brincar com os meus amigos e tocou para ir almoçar e fui almoçar com os meus amigos. Estar com os meus amigos é muito bom. No desenho representa-se a si própria e ao edifício da escola que identifica com uma legenda.



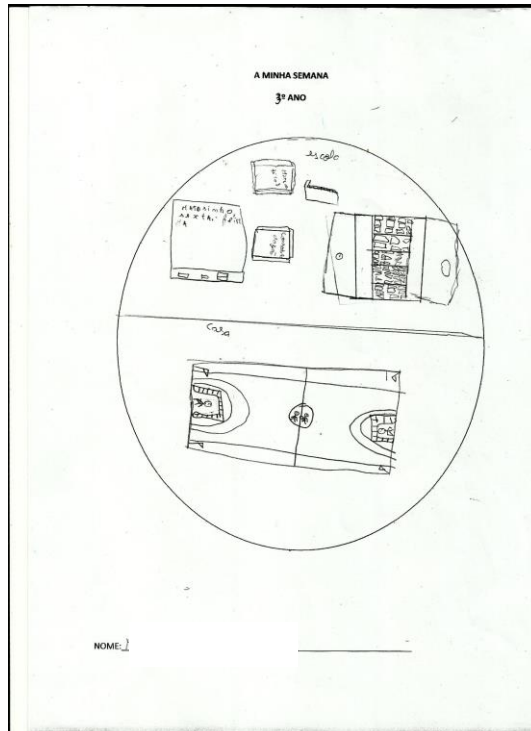
B., rapariga

Utiliza diferentes segmentos no desenho que preenche a lápis de carvão. Não coloriu o desenho. No segmento do topo do círculo aparece a atividade estudar, com o desenho da Bruna na mesa com livros. No segundo, aparece brincar, onde desenha duas crianças. No terceiro segmento desenha a casa. No último segmento desenha-se à mesa, a comer.



M., rapaz

Subdivida o círculo em dois segmentos. No do topo desenha atividades da escola com livros das matérias que estuda, um quadro, com “sexta feira” e a representação do espaço da sala com mesas e cadeiras, e armários. No segmento inferior representa a casa, com um campo de futebol e um grupo de crianças a jogar.



P., rapaz

Subdivide o círculo em dois segmentos. Escreve que na 6ª tem mais tempo para passar com os amigos. “Eu quero ajudar a passar o tempo eu fico e jogo com os meus amigos no tempo livre”. No segmento inferior, subdivide em dois. No primeiro, representa a escola e um grupo de crianças a jogar futebol no recreio. No segundo, desenha a casa e uma criança



**ANEXO 5 – “A MINHA ESCOLA”. ATIVIDADE, TRANSCRIÇÕES E
GRELHA DE ANÁLISE**

Guião “A Minha Escola”. ME

A entrevista realizar-se-á a partir dos desenhos que as crianças realizam sobre a minha escola. A par desta atividade, “A minha Semana” ajudará a conhecer os quotidianos das crianças, em casa e fora de casa.

Neste sentido, pensou-se ser interessante poder mobilizar, de alguma forma, a perceção e opinião que as crianças reúnem sobre essa metodologia de trabalho, sobre os processos de tomada de decisão e o modo como consideram o seu papel nesses processos.

Questões possíveis a realizar sobre a escola (“A minha escola”)

Representações das crianças acerca da escola:

Gostas da tua escola? O que gostas mais na tua escola?

O que não gostas tanto na tua escola?

Quanto tempo na semana passas na tua escola?

Qual é a tua disciplina preferida na escola?

E aquela de que gostas menos? Quanto tempo tens para brincar com os teus amigos na escola? Quem decide esse tempo na tua escola, os de brincadeira e os de trabalho?

Essas pessoas perguntam-te o que achas?

Se pudesses dividir o teu tempo na escola, como dividias?

Professores e adultos na escola

o que fazem os adultos na escola? O que fazem os teus professores na escola?

E o Diretor da Escola?

O que fazem os outros adultos que trabalham na tua escola?

Costumas falar com os adultos sobre assuntos da tua escola que te interessam? Eles costumam ouvir o que tens para dizer?

Pedem a tua opinião ou sugestões para resolver problemas?

Existe um espaço onde o possas fazer? Costumam ser úteis quando tens um problema e pedes ajuda?

As crianças na escola

O que fazem as crianças na escola? O que fazem dentro da sala de aula? E fora da sala de aula? Podes organizar atividades na tua escola? Que tipo de atividades?

Podes decidir sobre projetos que gostarias de ter na tua escola?

Podes decidir como se utilizam os espaços da tua escola?

O que gostavas de poder decidir na tua escola que ainda não podes? Gostavas de ter um local onde isso fosse possível?

Que local seria esse?

Quem faria parte dessas decisões?

Transcrição “A Minha Escola”. ME1

06 de dezembro de 2010

Turma do 1º ano

A atividade *A Minha Escola*, foi concebida para os alunos de 1º ano, recentemente integrados na vida escolar, e constituiu-se por um desenho elaborado pelas crianças sobre a sua escola. O desenho livre pretendeu captar as representações das crianças sobre a escola e sobre o seu papel enquanto alunos e crianças nesse mesmo espaço. A atividade foi realizada em pequenos grupos, tendo as crianças levado o seu material para a sala onde esta decorreu. Foi feita gravação da atividade e dos diálogos que iam surgindo com elas sobre a escola.

A atividade foi previamente explicada às crianças, ressaltando-se a ideia de que o desenho era livre e de que poderiam desenhar o que quisessem.

Grupo: Tom, rapaz; I., rapariga; M.I., rapariga, JP, rapaz, S., rapariga, A., rapaz, AC, rapariga, Jo., rapariga

J.M., Inês P., M. I., J.P., S., A., A.C.

<p>E – vamos gravar, porque as coisas que vocês vão dizer são muito importantes, então eu vou pôr aqui, e ela vai ficar a gravar, tá bem?</p> <p>I. – mas a mim não vai ver?</p> <p>E – Não, não vai ver ninguém, porque vai apontar lá para o fundo, tá bem? É só para gravar aquilo que vocês dizem. E agora, eu trouxe uma folhinha que vocês podem usar para fazer cada um o seu desenho, e podem pôr aqui o nome de cada um, tá bem? E nós vamos conversando à medida que vocês vão fazendo o vosso desenho, tá bem?</p> <p>A. – nome e data.</p> <p>Jo – podemos fazer com preto e depois pintar?</p> <p>E – Podes. Não, aqui diz 1º ano, que é a tua turma, não é?</p> <p>I. – onde é que escrevo o nome? Este é o nome?</p> <p>I. – posso ir buscar o meu lápis, que eu esqueci-me?</p> <p>E – eu tenho aqui um ou dois, se quiseres...</p> <p>I. – Oh Tom podes-me emprestar um?</p> <p>I. – mas posso ir à sala, buscar o meu?</p> <p>E – Podes, mas olha, eu tenho aqui, um, dois..</p> <p>I. – Obrigada!</p> <p>Tom – eu quero o nome e a data!</p> <p>E – Boa, podes escrever o nome e a data e podes...</p> <p>I. P – eu quero um lápis de carvão!</p> <p>E – Toma aqui querida. Toma.</p> <p>A. – Hoje é sexta!</p> <p>J.P. J.P. – Isso é um lápis?</p> <p>E – é, parece uma caneta, mas é um lápis, que tem minas..</p> <p>A.C. – Não, não é um lápis nem uma caneta, é uma... como é que isso se chama?!</p> <p>É uma lâmina, não lapiseira!</p> <p>E – a data podes pôr aqui em baixo se quiseres.</p> <p>A.C. – Tá aqui uma caneta!</p> <p>E – também tens caneta se quiseres.</p> <p>A. – não sei fazer o H.</p> <p>E – não sabes fazer o H?</p>	<p>A 1</p> <p>A 1</p>
--	-------------------------------

<p>I. – Olha, onde é que se põe o nome? E a data?</p> <p>A.C. – posso pôr a data a caneta?</p> <p>E – a data tens de pôr em baixo. Podes, querida. Podes pôr aí, podes pôr em baixo. Podes pôr a data onde tu quiseres. Aí é para pões o teu nome.</p> <p>I. – e aqui, é a data?</p> <p>A.C. – a data é onde quisermos!</p> <p>E – a data é onde quiseres, e aqui é o teu nome.</p> <p>A. – posso pôr a caneta? Posso pôr a caneta?</p> <p>E – agora podes pôr a data. Olha, tens aqui uma cor de rosa mais fininha. Toma.</p> <p>A.C. – dá-me a caneta.</p> <p>M.I. – eu não sei pôr a data...</p> <p>E – 6 de dezembro...</p> <p>I. – olha posso escrever com a minha data aqui... Olha, não sei escrever dezembro.</p> <p>M.I. – nós escrevemos os números. Nós escrevemos 12.</p> <p>E – e podes escrever com os números!</p> <p>M.I. – nós fazemos 12.</p> <p>E – Claro, muito bem! Podem pôr, 6 do 12 de 2010. Boa!</p> <p>M.I. – Eu meto isso.</p> <p>A. – Por acaso, até já era 2011.</p> <p>E – Mas não é. Não é 2011 ainda ou é?</p> <p>A. – Tá quase!</p> <p>E – Tá quase, mas ainda faltam uns dias, não é? Quantos dias faltam? Sabes?</p> <p>A. – Não sei. Isso é que não sei.</p> <p>E – Olha, ainda faltam mais três semanas para termos um ano novinho em folha!</p> <p>A.C. – Novinho em folha?!</p> <p>E – por isso, estás a ver, ainda falta!</p> <p>A.C. – o que é isto?!</p> <p>E – é um marcador para escrever ali naqueles quadros.</p> <p>M.I. – nós também vamos escrever ali naquele quadro?</p> <p>E – agora não porque vamos ter de fazer o nosso desenho aqui no papel, não é?</p> <p>J.P. J.P. – eu não sei o que é que...</p> <p>E – Vamos desenhar a escola. Vamos fazer um desenho da escola.</p>	<p>C 2</p> <p>C 2</p>
---	-------------------------------

<p>M.I. – Eu vou desenhar a escola toda!</p> <p>E – Diz A.C.? O nome pões aqui na terceira linha, olha, onde tem aqui olha [dirijo-me à A.C.]. Olha, pões aqui o teu nome, vês, e escreves aqui. Depois o resto, é o espaço todo para nós desenharmos tá bem?</p> <p>J.P. J.P. – o que diz aqui?</p> <p>Tom – a minha escola.</p> <p>E – aqui diz: a minha escola. Podes desenhar a escola toda, J.P.. Podes desenhar o que quiseres. Podem desenhar uma parte da escola, podem desenhar a escola toda. Podem desenhar as coisas que vocês fazem na escola.</p> <p>M.I. – quero um lápis...</p> <p>E – Já te dei um, querida...</p> <p>M.I. – isso é uma caneta.</p> <p>E – Não é não, olha. É um lápis. Chama-se lapiseira.</p> <p>A. – Lapiseira!</p> <p>A.C. – isto é uma caneta verde?</p> <p>J.P. J.P. – posso apagar?</p> <p>E – Não, é azul. Só que a tampa é que é verde, mas escreve a azul. Podes experimentar. Muito bem, quem é que já começou a desenhar? Já começou o J.P., já começou o A., a A.C. ainda está ali a escrever o nome. A Sofia ainda está a pensar...</p> <p>I. – podemos desenhar... podemos desenhar já a lápis de cor?</p> <p>E – podes desenhar como tu quiseres. Tu é que escolhes como é que queres desenhar e o material que queres utilizar.</p> <p>Tom – vou dividir em 6!</p> <p>E – Vais dividir o desenho em 6? Tá bem!</p> <p>Tom – em 6 partes.</p> <p>A. – 6 partes? Fogo!</p> <p>Tom – em 4. Eu tenho aqui uma régua. Posso ir à minha sala buscar o meu estojo?</p> <p>E – mas precisas? Oh já estás a fazer e tudo!</p> <p>M.I. –ai! Eu não sei fazer cadeiras!</p> <p>E – não sabes fazer uma cadeira? Desenhas como souberes...</p> <p>M.I. – só sei fazer cadeiras assim!</p>	<p>A 3</p> <p>A 2</p> <p>C 2</p>
---	--

<p>J.P. J.P. – olha, faz aquela portinha e as janelas!</p> <p>M.I. – posso fazer o céu com isto?</p> <p>E – podes, podem usar as canetas que estão aí, podem usar. Usam aquelas que quiserem.</p> <p>A. – Hum, vamos...</p> <p>Tom – eu tenho aqui canetas.</p> <p>E – só tens que ver quais é que escrevem, porque eu acho que há umas que não escrevem.</p> <p>I. – Olha, eu tenho aqui canetas de cor.</p> <p>E – podem usar as cores que vocês quiserem, tá bem?</p> <p>A. – posso usar esta caneta para fazer o céu?</p> <p>E – essa tens de... dá cá querido. Este também é lápis de carvão, tás a ver? É igual àquela. Que tem a Jo.</p> <p>M.I. – I..</p> <p>E – só que tem outra cor, mas também é lápis de carvão.</p> <p>A. – é cor de laranja?</p> <p>E – essa é cor de laranja.</p> <p>A. – de que cor é esta cor?</p> <p>E – é cor de carvão. É como se fosse o teu lápis. Essa não tem cor, mas esta tem olha.</p> <p>J.P. J.P. – vou fazer o Sol!</p> <p>Tom – Vou fazer o sol com uma caneta!</p> <p>E – Muito bem, Tom! E agora vais desenhar 6 coisas diferentes?</p> <p>Tom – Sim.</p> <p>J.P. J.P. – vou fazer o Sol, vou fazer o sol!</p> <p>E – muito bem! Olha, enquanto estão a desenhar...</p> <p>A. – eu preciso é de azul...</p> <p>E – precisas de azul? Mas tens aqui azul, olha. Hum pera aí esta é preta, esta acho que é azul.</p> <p>M.I. – tava aqui uma azul mesmo.</p> <p>I. – tá ali com o A., é aquela! Não, a outra!</p> <p>A. – pode ser esta.</p> <p>E – enquanto estamos a desenhar, vamos fazendo aqui uma conversa sobre a</p>	<p>B 2</p> <p>C 1</p> <p>B 2</p>
---	--

<p>escola, está bem?</p> <p>I., M.I., A., Tom – sim!</p> <p>J.P. J.P. – eu não sei o que é que eu vou desenhar.</p> <p>Tom – posso fazer com as minhas?</p> <p>E – Podes.</p> <p>Há bocadinho ...</p> <p>M.I. – tens também uma borracha?</p> <p>E – podes usar também a borracha. Tá aqui, olha.</p> <p>Tom – posso fazer linha reta?</p> <p>E – Olha, há bocadinho a I. disse-me ali na sala quando eu disse que íamos fazer o nosso desenho sobre a escola e falar sobre a escola, a I. tava-me a dizer que gostava muito da escola.</p> <p>I. – quem? Quem, ela?</p> <p>E – toda a gente gosta da escola?</p> <p>A. – eu gosto! De jogar futebol no recreio!</p> <p>E – gostas de jogar futebol no recreio?</p> <p>A. – e tu, não é Luís [J.P. J.P.]?</p> <p>M.I. – eu gosto de pintar.</p> <p>J.P. J.P. – eu sou bom jogador!</p> <p>E – e tu, A.C.?</p> <p>A. – tu és um jogador!</p> <p>E – gostas da escola?</p> <p>I. – oh o meu lápis de carvão tá lá na sala!</p> <p>E – tem um ali, podes usar o que está aqui. Toma!</p> <p>A.C. – Olha, toma aqui um!</p> <p>I. – Não, eu vou buscar o meu. O meu tá ali.</p> <p>E - e tu Tom? Gostas da escola?</p> <p>M.I. – é uma lapiseira!</p> <p>J.P. J.P. – eu adoro!</p> <p>E – e o que é que vocês gostam mais?</p> <p>A. – eu gosto mais de jogar futebol!</p> <p>J.P. J.P. – estudar e jogar à bola!</p> <p>E – gostas mais de estudar e jogar futebol?</p>	<p>B 1</p> <p>B 2</p> <p>B 1</p> <p>D 1</p>
--	---

<p>M.I. – eu gosto mais de pintar!</p> <p>E – A I. gosta mais de pintar. E tu A.C.?</p> <p>A.C. – Pintar também.</p> <p>E – gostas de pintar também? E tu A.?</p> <p>I. – eu gosto mais de dançar.</p> <p>A. – eu gosto mais de jogar futebol.</p> <p>Jo - eu gosto mais de dançar.</p> <p>A. – eu adoro jogar futebol.</p> <p>Tom – eu gosto da sala.</p> <p>E – gostas da sala? É a parte que tu gostas mais? Olha, e aquelas coisas que vocês já não gostam assim tanto?</p> <p>Jo – eu não gosto tanto de trabalhar.</p> <p>E – não gostas tanto de trabalhar?</p> <p>Tom – eu adoro trabalhar!</p> <p>E – E tu A.C.? Qual é a coisa que tu gostas menos?</p> <p>João J.P. – Não gosta de ler!</p> <p>M.I. – eu gosto de tudo!</p> <p>E – não gostas de ler A.C.?</p> <p>A. – eu gosto de tudo!</p> <p>E – tu gostas de tudo I.?</p> <p>I. – gosto de ler.</p> <p>E – o que é que tu não gostas Jo?</p> <p>Jo – não gosto quando a minha irmã está-me a chatear!</p> <p>E – não, aqui na escola...</p> <p>Jo – a minha irmã está na escola , a minha irmã está na escola.</p> <p>E – É?</p> <p>I. – Nesta?</p> <p>Jo – na pré! É da pré desta escola.</p> <p>E – ah, anda no JI então!</p> <p>I. – Olha o meu lápis!</p> <p>E – Olha, e quanto tempo é que vocês acham que passam na escola? Acham que é muito? Acham que é pouco?</p> <p>M.I. – dois minutos!</p>	<p>B 2</p> <p>B 1 , B 2</p>
--	---

<p>I. – o que é isso?</p> <p>A. – é os raios de sol!</p> <p>A.C. – 4 horas.</p> <p>E – 4 horas?</p> <p>J.P. – 7 horas!</p> <p>Tom – 5!</p> <p>Nas aulas, nas aulas.</p> <p>A. – são 6! São pra aí 6 horas!</p> <p>E – são 6 horas A.? Olha, e tu achas que esse tempo é muito, é mais ou menos, ou achas que é pouco?</p> <p>A. – acho que é muito,</p> <p>J.P. – São 10 horas.</p> <p>I. – 10????!</p> <p>E – 10 horas, na escola, que tu passas?</p> <p>Tom – Não, são 7! Por acaso até são 7!</p> <p>E – e vocês acham que essas horas são assim muitas horas para estar na escola</p> <p>Crianças – Não, não não!</p> <p>J.P. – Muito pouquinho!</p> <p>Jo – passa pra aí um minuto e já vamos embora.</p> <p>A. – Achas? Isso é que era bom!</p> <p>E – olha, e que tempo é que passa mais depressa? O tempo das aulas ou o tempo do recreio?</p> <p>A. – o tempo das aulas!</p> <p>I., Tom, M.I. – o tempo de recreio!</p> <p>A. – é o das aulas!</p> <p>E – é o que passa mais depressa? Olha...</p> <p>A. – Não, o que passa mais depressa é o recreio!</p> <p>E – é o recreio?</p> <p>Jo – é o do recreio.</p> <p>E – olha e o tempo do recreio devia ser mais tempo? Menos tempo?</p> <p>I., Tom, A., Jo – Mais tempo, mais tempo!</p> <p>E – Mais tempo.</p> <p>A. – eu acho justo.</p>	<p>D 1</p> <p>D 1</p>
--	-------------------------------

<p>E – achas justo? Achas que era justo mais tempo, A.?</p> <p>A. – não, acho que era bom, mas... mas acho que é justo não termos mais tempo. Se fosse o tempo que nós quiséssemos no recreio isso era bom.</p> <p>E – Isso era bom. Mas tu achas que não era justo, é?</p> <p>Achas que era bom, mas achas que não era justo?</p> <p>I. – Oh professora ainda tou assim! Não sei nada que fazer!</p> <p>E – Não faz mal, demoras o tempo que precisares, tá bem?</p> <p>Jo – podemos fazer um desenho qualquer?</p> <p>E – é um desenho sobre a escola, e da escola, podes desenhar o que quiseres!</p> <p>Olha, e digam-me uma coisa, qual é a disciplina que vocês gostam mais? Qual é a matéria de que gostam mais?</p> <p>Crianças – matemática!</p> <p>A. – eu gosto de ginástica!</p> <p>E – matemática. Ginástica...</p> <p>M.I. – eu gosto de matemática.</p> <p>A.C. – eu gosto de Estudo do Meio.</p> <p>A. – eu gosto de estudo do meio.</p> <p>E – gostas mais de estudo do meio?</p> <p>I. – eu gosto de matemática!</p> <p>Jo – matemática!</p> <p>E – também é matemática?</p> <p>A. – a minha mãe pergunta-me eu a dormir, e eu</p> <p>M.I. – eu sou muito boa em matemática.</p> <p>E – muito bem, e a A.C.?</p> <p>I. – nas aulas, nas aulas?</p> <p>J.P. – eu sou muito bom em Estudo do Meio.</p> <p>E – o que é que tu gostas mais de estudar?</p> <p>I. – Português, matemática, ler...</p> <p>Jo – hum, estudo do meio. Eu gosto de ler.</p> <p>A. – mas eu gosto muito de ler.</p> <p>E – olha e aquela disciplina que vocês gostam assim menos?</p> <p>Crianças - português.</p> <p>Tom – eu não gosto tanto de matemática!</p>	<p>B 2</p> <p>E 2 E 4</p>
---	---

<p>A. – Inglês. Eu não gosto do Inglês!</p> <p>I. – Oh oh A., não tás a perceber! Coisas que fazemos da escola! Na sala!</p> <p>E – João, qual é que tu gostas menos?</p> <p>J.P. – Hum, ainda não sei...</p> <p>Jo – podemos inventar coisas na escola?</p> <p>E – Podem, podem inventar as coisas que quiserem...</p> <p>Tom – as fichas de avaliação, às vezes as fichas de avaliação...</p> <p>E – não gostas das fichas de avaliação?</p> <p>M.I. – Eu gosto muito!</p> <p>A. – Nem eu!</p> <p>E – Olha...</p> <p>A. – não gosto daquelas, daqueles dos dois lados... porque assim é muita coisa!</p> <p>E – porque assim tens muitos trabalhos? Quando são fichas dos dois lados não é?</p> <p>M.I. – mas quando levas duas fichas de um lado parece que é uma ficha de dois lados!</p> <p>A. – Sim!</p> <p>E – Pois, é isso que ele está a dizer</p> <p>I. – Oh professora disseste coisas da escola, eu não estou a conseguir fazer nada da escola!</p> <p>E – não estás a conseguir? Para o teu desenho?</p> <p>I. – ainda não fiz nada! [levanta a folha em branco para que veja que ainda não desenhou nada]</p> <p>E – Olha, podes desenhar o recreio...</p> <p>I. - eu estou a pensar coisas da escola!</p> <p>E – podes desenhar a sala de aula...</p> <p>I. – Já sei uma coisa!</p> <p>Jo – podemos inventar coisas da escola!</p> <p>Não percebo nada disso!</p> <p>E – olha, e o tempo que vocês têm na escola para brincar com os vossos amigos? É muito? É pouco?</p> <p>J.P. – eu para mim passa muito rápido!</p> <p>E – passa muito depressa, é João?</p>	<p>E 4</p> <p>E 4</p> <p>E 4</p>
---	--

<p>J.P. – sim.</p> <p>A. – só quando estamos no recreio!</p> <p>E – só quando estás no recreio é que passa depressa?</p> <p>M.I. – é muito bom assim, termos mais tempo nas aulas.</p> <p>A. – acho que, já são 5 e um quarto?</p> <p>E – tu vais sair mais cedo hoje, A. não é? E a Jo também</p> <p>A. – sim, é às 5 e um quarto, já me lembro.</p> <p>E – olha e digam-me uma coisa... quem é que decide o tempo que vocês estão na sala e o tempo que vocês estão no recreio?</p> <p>M.I., A., Tom, I. – é o professor!</p> <p>Jo – Não, não não é! É a diretora!</p> <p>E – é a diretora da escola?</p> <p>A.C. – Não, não é!</p> <p>Jo – é a diretora que desde que a escola abriu decidiu! E agora é... é o toque.</p> <p>E – e é o toque da campainha não é?</p> <p>I. – são as funcionárias que tocam a campainha!</p> <p>E – olha, e se vocês quisessem ter o tempo de outra maneira na escola, vocês acham que podiam ter? ou não podiam ter?</p> <p>M.I. – não.</p> <p>E – Olha, e o que é que os adultos fazem aqui na escola?</p> <p>I. – Trabalham!</p> <p>Tom – ajudam os meninos.</p> <p>E – Ajudam? A fazer o quê?</p> <p>J.P. – os funcionários...</p> <p>Jo – ou ajudam, ou andam a limpar as salas.</p> <p>E – os funcionários ajudam as pessoas e limpam, é?</p> <p>M.I. – ajudam as pessoas que estão magoadas.</p> <p>E – e os professores?</p> <p>Jo – andam a ensinar coisas.</p> <p>E – os professores ensinam coisas?</p> <p>M.I. – e letras!</p> <p>A. – Letras! Nós já tamos no M.</p> <p>E – Já estás no M. Aprendeste hoje não foi?</p>	<p>E 2</p>
---	----------------

<p>M.I. – eu já disse!</p> <p>E – olha, e a diretora da escola? O que é que a diretora faz?</p> <p>A.C. – a diretora vê se tá tudo bem.</p> <p>E – a diretora vê se está tudo bem A.C.? O que é que faz uma diretora de uma escola, sabes?</p> <p>A. – pode arranjar os trabalhos!</p> <p>I. – Não não! Tira fotocópias!</p> <p>E – Um de cada vez! Diz, A., a diretora faz o quê?</p> <p>A. – a diretora... eu não me lembro do que ia dizer!</p> <p>E – esqueceste-te do que ias dizer? Mas tu já te lembras, então. João o que é que faz a diretora da escola?</p> <p>A. – ah já sei já sei! Tava a fazer o pinheiro de manhã!</p> <p>Jo – Não, não é isso! Oh A., ela não faz o pinheiro todos os dias!</p> <p>I. – é todos os dias o que é que ela faz?</p> <p>E – Espera, espera, a I. está a dizer que ê se está tudo limpo.</p> <p>E tu Jo?</p> <p>Jo – a diretora da escola toma conta da escola.</p> <p>J.P. – faz muitas coisas.</p> <p>A. – ela é que manda.</p> <p>Jo – toma conta da escola e manda!</p> <p>I. – atende as pessoas.</p> <p>E – atende os pais, não é? JP?</p> <p>JP – sim.</p> <p>Tom – e pergunta se está tudo bem.</p> <p>E – e vocês costumam falar muitas vezes com os adultos?</p> <p>Tom – eu falo muitas vezes contigo!</p> <p>E – Falas muitas vezes comigo (risos)</p> <p>I. – eu falo com o professor.</p> <p>M.I. – professora, ta giro? [sobre o seu desenho]</p> <p>E – está muito giro!</p> <p>A. – com o professor!</p> <p>E – falas muitas vezes com o professor? E falas sobre assuntos que são importantes para ti, João?</p>	<p>E 3</p> <p>D 2</p>
---	-------------------------------

J.P. – às vezes.	
E – às vezes. E que tipo de assuntos são esses?	B
J.P. – sobre coisas que se passam.	1
E – das coisas que estás a fazer? E tu A.?	.
J.P. – quando corrijo.	B
A. – às vezes.	2
E – tu costumavas falar com professor?	
A. – sim. Pergunto, pergunto... hum... pergunto o que é para fazer e ele às vezes diz. Eu pergunto coisas ao professor e ele às vezes, às vezes, ele diz.	
E – ele diz-te. Que tipo de coisas é que tu perguntas?	
A. – o que é para fazer...	B
E – sobre os trabalhos da escola?	1
A. – é.	
E – olha, e com a diretora da escola? Vocês costumam conversar?	
Crianças – não!	
E – e com as funcionárias? Costumam conversar?	
Crianças – às vezes, às vezes!	
I. – quando é para ir tirar fotocópias.	
M.I. – eu digo quando alguém tá magoado.	
J.P. - eu nunca fui!	
E – tu também não A.C.?	
Tom – eu já fui para aí duas vezes.	
E – E quando acontece alguma coisa que vocês querem falar com os adultos, porque acham que é importante falar com eles, vocês podem? Se houver assim um assunto importante?	
Jo, I., M.I. – Sim!	
I. – se estiverem a falar com os outros, esperamos...	
A. - Um bocado!	
E – e já alguma vez alguém quis, por exemplo, dar uma sugestão ao professor ou à diretora sobre alguma coisa?	
A. – eu não sei o que é isso!	
E – por exemplo, quando tu achas que alguma coisa não está como devia ser e gostavas de dar outra opinião?	

<p>A. – hum, se eu não gostar de uma coisa que ...</p> <p>E – Diz A..</p> <p>A. – não me lembro!</p> <p>E – eu perguntei, se quisesse dar uma opinião sobre uma coisa aqui na escola que tu gostasses que os adultos ouvissem, se isso já tinha acontecido alguma vez?</p> <p>A. – a mim nunca tinha acontecido.</p> <p>Jo – põe aqui no meio a carteira.</p> <p>E – olha e se vocês precisarem de ajuda em alguma coisa que tenham de fazer na escola, os adultos ajudam?</p> <p>Crianças – Sim!</p> <p>E – e vocês acham que a ajuda deles é boa? Ou acham que às vezes, nem por isso?</p> <p>Jo – nem por isso.</p> <p>A. – posso meter redes na baliza?</p> <p>E – tu querias meter redes na baliza? E já tens lá as redes? A quem é que tu disseste que tinham de pôr redes na baliza?</p> <p>A. – a ninguém. Mas posso meter? As redes? É que nós temos [pergunta se no desenho pode pôr uma baliza com redes, pois a do recreio está, de momento, sem redes.]</p> <p>E – Olha, A., se tu achasses importante ter redes na baliza para jogar futebol, a quem é que tu ias dizer que precisavas de ter redes?</p> <p>I. – à professora!</p> <p>A. – a uma funcionária.</p>	<p>B 2</p> <p>D 3</p>
<p>M.I., Jo – à diretora!</p> <p>E – à diretora?</p> <p>M.I. – é a diretora que arranja.</p> <p>E – e se tu fosses lá dizer à diretora, achas que a diretora tratava das redes?</p> <p>I. – não, chamava um homem.</p> <p>A. – eu acho que sim. Tupo um jogo, e assim contava as redes que tinha.</p> <p>JP - não ia pra trás, a bola não ficava ali parada, não é?</p> <p>E – e digam-me uma coisa, o que é que fazem as crianças na escola?</p> <p>Jo – trabalham e brincam!</p>	<p>D 3</p>

<p>E – trabalham e brincam.</p> <p>A. – e leem.</p> <p>E – Leem.</p> <p>João – trabalhar</p> <p>A. – trabalhar.</p>	
<p>E – o que fazes mais é trabalhar?</p> <p>João – Oh I. trabalhar é ler não é?</p> <p>I. – é.</p> <p>A. – é, claro que é!</p> <p>I. – trabalhar é uma coisa, ler é outra. Claro!</p>	<p>D 1</p>
<p>E – achas que são coisas diferentes?</p> <p>I. – sim, eu sim. Ler nós falamos, trabalhar é com bico calado.</p> <p>E – hum, para trabalhar tens de estar em silêncio?</p> <p>I. – Sim.</p>	
<p>Jo – Bico caladinho.</p> <p>E – quando vices vieram para a escola em setembro...</p> <p>A. – eu não gostei muito.</p> <p>E – não gostaste muito?</p>	
<p>Jo- Chorou!</p> <p>E – Então A.? O que é que não gostaste?</p> <p>A. – hum, eu não queria vir para a escola, mas depois passou logo.</p> <p>E – e porque é que não querias vir para a escola? Lembras-te?</p>	<p>C 3</p>
<p>A. – porque... não me lembro.</p> <p>E – e agora já gostas?</p> <p>A. – Já.</p> <p>E – E tu I., tu gostaste?</p>	
<p>I. – Gostei, gostei muito!</p> <p>E – E tu I. [M.I.] também?</p> <p>M.I. – sim.</p> <p>E - E tu Tom, gostaste de vir para a escola?</p>	
<p>Tom – sim.</p> <p>E – E tu Jo?</p> <p>Jo – gostei.</p>	<p>C 3</p>

<p>E – também gostaste. Tu também JP?</p> <p>JP – sim.</p> <p>E – e tu também A.C.?</p> <p>A.C. – sim.</p> <p>E – olha e fora da sala de aula? O que é se faz na escola sem ser na sala de aula?</p> <p>Jo – brincar.</p> <p>A. – brincar.</p> <p>E – brinca-se?</p> <p>Jo – brincar ou ir para o inglês, para a música! Para a ginástica, para o apoio ao estudo!</p> <p>E – e que tipo de brincadeiras é que vocês fazem?</p> <p>Tom – eu jogo futebol!</p> <p>A. – Também eu!</p> <p>E – e as meninas? O que é que gostam?</p> <p>A. – Faz bem!</p> <p>E – futebol faz muito bem! E as meninas?</p> <p>A. – é um desporto.</p> <p>E – também jogam futebol?</p> <p>A.C. – eu às vezes tou a jogar.</p> <p>M.I. – eu não jogo.</p> <p>E – tu jogas de vez em quando A.C.? Não gostas de futebol. Então o que é que gostas de fazer no recreio?</p> <p>A.C. – gosto de ir para o escorrega.</p> <p>E – gostas de ir para o escorrega? Pois, eu noutra dia vi-te a brincar no escorrega.</p> <p>A.C. – brinco com outros meninos de outra sala.</p> <p>E – vais brincar com outros meninos?</p> <p>A.C. – eu tenho amigos de outra sala.</p> <p>E – e tu I.?</p> <p>I. – gosto de jogar às caçadinhas com a Ju. e o G. E com o Tom.</p> <p>E – Jogas às caçadinhas?</p> <p>Jo – e comigo!</p> <p>I. – e com as duas Jos.</p>	<p>D 2</p>
--	----------------

<p>E – E tu I.? [M.I.] a que brincas no recreio?</p> <p>M.I. – brinco com a A.C. no escorrega.</p> <p>E – e tu Tom? O que é que fazes no recreio?</p> <p>Tom – nada!</p> <p>E – Nada?! Não fazes nada?</p> <p>Jo – tá sempre a brincar comigo e com a I. e com a Ju.!</p> <p>I. – e com o Gonçalo.</p> <p>Jo – E não faz nada!</p> <p>E – quando vocês chegarem, no princípio do ano quem é que esteve a definir e a dizer quais eram as regras da vossa sala?</p> <p>I. – o professor.</p> <p>E – e vocês também disseram algumas coisas? Ou não?</p> <p>A. – eu não me lembro disso!</p> <p>E – não te lembras A.? Nos primeiros dias de aula?</p> <p>Quem é que se lembra quando estiveram a fazer as regras?</p> <p>M.I. – não, não foi.</p> <p>A.C. – foi pra aí no segundo dia.</p> <p>Jo – foi pra aí no primeiro ou segundo dia.</p> <p>E – e vocês também ajudaram a fazer as regras? Quem é que ajudou o professor a fazer as regras?</p> <p>Tom – ninguém.</p> <p>A.C. – ajudou toda a gente!</p> <p>E – ajudou toda a gente?</p> <p>A.C. – sim.</p> <p>E – e quais são as regras da sala, ora digam lá. Que regras é que a sala tem.</p> <p>Crianças – silêncio.</p> <p>E – silêncio.</p> <p>I. – não se pode correr!</p> <p>A. – não ir para trás da escola.</p> <p>E – não podem ir para trás da escola.</p> <p>I. – não podemos correr na sala!</p> <p>Tom – não podemos berrar!</p> <p>M.I. – e não podemos conversar com os outros colegas na sala.</p>	<p>A 2</p>
--	----------------

E – não se pode conversar.

Jo – não podemos falar com os outros quando estamos a trabalhar!

E – e vocês alguma vez discutiram as regras com o professor?

Crianças – Não.

M.I. – nunca discutimos com o professor.

E – e vocês concordam com a regras todas da sala?

Crianças – Sim!

E – Sim? Ou também gostavam de ter outras regras?

I. – eu gostava de poder ir atrás da escola!

Jo – Também eu!

A. – eu também gostava de ir para trás da escola.

A.C. – pode-se ir para trás da escola.

Jo – Pode-se ir ou com os do 3º ano, ou do 4º ou com o Sr. S. ou com os empregados!

Eu nunca vou , nunca vou!

A.C. – Nem eu!

M.I. – mas nós tamos no 1º ano, também não pode ser!

E – e quem é que é mais importante na escola? As pessoas grandes, ou as mais pequeninas?

Crianças – as crianças!!!

E – são as crianças que são mais importantes na escola?

I. – são as crianças!

A. – eu acho que nessa pergunta tenho dúvidas.

E – tu tens dúvidas sobre quê?

A. – isso que eles tão a dizer.

E – são as crianças e a diretora? Olha A., porque é que tu não sabes muito bem?

Não tens a certeza se são as crianças ou se são os adultos?

A. – sim.

E – e porque é que dizes isso?

A. – só vou pintar mais uma coisa.

M.I. – olha eu vou pintar.

[as crianças que terminaram os desenhos dirigem-se ao quadro branco para fazerem letras]

E – anda só aqui A., antes de ires para o quadro, explicar-me o que desenhaste.

Senta aqui à minha beira.

A. – Eu e o Luís a jogarmos futebol.

E – és tu e o Luís a jogar futebol.

A. – este sou eu e este é o Luís. E eu marquei um golo.

E – e esta é a atividade que tu gostas mais na escola?

A. – sim.

E – é quando vais para o recreio jogar futebol?

A. – é.

M.I. – eu estou a acabar de pintar os coraçõezinhos.

E – Oh Tom, e J. Já acabaste o teu desenho? Então anda aqui explicar-me uma coisa.

A. – preciso de uma caneta.

M.I. – não podemos usar a tua?

E – a minha já está ali, acho eu. Oh J. Anda cá só explicar-me uma coisa no teu desenho, pode ser? Explica-me então o que estiveste a desenhar, para ver se eu percebi bem. Isto é a escola?

João – hum, hum. É a sala de música e aqui é a de inglês.

E – e aqui?

J – isto aqui é o chão e isto aqui é o coberto.

E – hum! Então isto é tudo o recreio?

J – é.

E – e aqui?

J – aqui é onde tãõ as salas.

E – e aqui?

J – aí é onde tá, onde tá, as árvores.

E – e onde está aqui o muro? É? e aqui, és tu a brincar?

J – sou eu. Sem querer perdi a bola e rematei-a [risos]

E – e remataste. E marcaste golo?

J – marquei [risos]. Tá ali a bola.

E – Muito bem! Então Tom?

Tom – vou trocar. Vou apagar aqui algumas coisas.

E – queres apagar estes quadrados daqui?

Tom – ficam 4.

E – e queres apagar este e este? Então I., já acabaste o teu?

I. – tou quase!

Tom – já acabei.

E – olha e o que é que está aqui Tom?

Tom – é a sala.

E – é a tua sala? E este és tu? E aqui o que é que é?

Tom – é o recreio. Não é preciso desenhar tudo.

E – não, tens de desenhar só aquilo que te apetece desenhar.

Tom – olha, vou para ali.

E – Já está I.?

I. – Não.

E – Oh Jo., anda cá. Muito bem I. O que é que está aqui?

M.I. – Sou eu a pintar.

E – és tu a fazer uma pintura? Na tua mesinha?

E os corações? O que é que querem dizer? Querem dizer alguma coisa de especial?

M.I. – não. É só para ficar mais bonito.

E – já está A.C.? Boa! Então deixa ver o teu desenho. Anda. Senta aqui à minha beira.

A.C. – eu quis fazer eu a entrar para a escola.

E – que lindo. Isso és tu a entrar para a escola. Então e isto? É a rua aqui?

A.C. – sim.

E – e aqui? É a escola. E onde é que é a sala?

A.C. – eu não quis fazer a sala.

E – fizeste a escola toda, não foi?

A.C. – sim.

I. – Já acabei!

E – Já está I.?! E então? Deixa cá ver o teu desenho.

Transcrição “A minha Escola”. ME2.

06 de dezembro de 2010

Turma do 1º ano

A atividade *A Minha Escola*, foi concebida para os alunos de 1º ano, recentemente integrados na vida escolar, e constitui-se por um desenho elaborado pelas crianças sobre a sua escola. O desenho livre pretendeu captar as representações das crianças sobre a escola e sobre o seu papel enquanto alunos e crianças nesse mesmo espaço. A atividade foi realizada em pequenos grupos, tendo as crianças levado o seu material para a sala onde esta decorreu. Foi feita gravação da atividade e dos diálogos que iam surgindo com elas sobre a escola.

A atividade foi previamente explicada às crianças, ressaltando-se a ideia de que o desenho era livre e de que poderiam desenhar o que quisessem.

O segundo grupo foi constituído por:

V, rapaz; Ro, rapaz. G., rapaz, Mar, rapariga, S., rapariga, Ju, rapariga, Te, rapariga, Ti, rapaz, Jo. B., rapariga

<p>E – Então, vamos gravar e vamos deixar aqui, tá bem? Cada um vai poder desenhar... Mostra V., muito bem! [mostra a folha, onde escrever o nome e data]. Cada um vai poder desenhar na folha branca, fazer um desenho sobre a escola. Sobre o que vocês acharem que querem desenhar sobre a escola. Podem desenhar a escola toda, podem desenhar só uma parte da escola, podem desenhar só a parte da escola de que gostam mais...</p>	
<p>Jo. B . – podemos desenhar o recreio?</p>	
<p>E – Podem desenhar o recreio, podem desenhar a sala de aula. A parte que vocês quiserem desenhar mais da escola, tá bem? Podes usar lápis de carvão, podes usar lápis de cor, o que vocês quiserem. Para fazerem o desenho, é como vocês quiserem. Como acharem que fica mais bonito, sim Ti.?</p>	<p>A2 A3</p>
<p>Ti. – desenhar a escola.</p>	
<p>E – Boa?</p>	
<p>Sara – vou fazer uma relva esquisita. Ah ah!</p>	
<p>E – cada um escolhe fazer o desenho como quer, tá bem? Não há uma maneira certa ou outra errada de fazer. Cada um vai desenhar aquilo...</p>	
<p>Sara – que nós queremos.</p>	
<p>E – que mais quer e que acha que tem de desenhar tá bem? Sim G.?</p>	
<p>G. – pensa, pensa.</p>	
<p>Taraaaaa!</p>	
<p>E – o G. já tem ali uma parte feita!</p>	<p>A1</p>
<p>Mar. – não era assim, era maior!</p>	
<p>Olha a Ju.!</p>	
<p>E – e o que vais fazer?</p>	
<p>G. – toda, vou fazer a escola toda!</p>	<p>C2</p>
<p>Vou fazer recreio e tudo. A rampa do Sr. S.</p>	
<p>Ju. – olha, quantas janelas fizeste?</p>	
<p>E – e enquanto estamos a fazer o nosso desenho podemos ir conversando sobre algumas coisas da nossa escola! O que é que vocês acham?</p>	
<p>Ti. – Yes!</p>	
<p>E – Sim?</p>	
<p>Então digam-me lá uma coisa, eu lembro-me, eu estava cá, se calhar vocês não se lembram...</p>	

<p>Ro. – o quê?!</p> <p>E – Mas eu estava cá no dia em que vocês vieram pela primeira vez à escola. Lembram-se desse dia?</p> <p>Ti., Ro. – Não!!</p> <p>Ju., Mar. – Sim</p> <p>E – lembram-se, que até vieram com os vossos pais, lembram-se?</p> <p>Ju. – Siiiiim!</p> <p>E – então e agora, que já estamos em dezembro, quem é que gosta da escola?</p> <p>Ju. – Eu!</p> <p>Ti. – Eu!</p> <p>V. – Eu!</p> <p>G. – Eu!</p> <p>E – Toda a gente gosta da escola!</p> <p>Ju. – menos ele [Ro.] que não levantou o braço!</p> <p>E – Ro., tu gostas da escola? Ou assim assim, mais ou menos?</p> <p>Ro. – Hum....</p> <p>Ti. – Olha a minha árvore!</p> <p>E – o Ro. está concentrado a desenhar. Não faz mal! Está muito bonita a tua árvore!</p> <p>Ti. – Eu sei desenhar.</p> <p>E – Olha, e digam-me uma coisa, que coisas é que vocês gostam mais da escola? O que é que gostam mais?</p> <p>Ju. – eu é do recreio!</p> <p>V. – eu gosto do recreio.</p> <p>Ro. – recreio.</p> <p>E – do recreio?</p> <p>Ju. – eu gosto do recreio todo!</p> <p>Mar. – eu gosto do recreio toooodooooo!</p> <p>V. – eu também gosto do recreio.</p> <p>E – Gostas do recreio V.? E tu, Ti.? É do recreio?</p> <p>Ti. – todo.</p> <p>E – então toda a gente gosta mais do recreio?</p> <p>Crianças – sim!</p>	<p>B2</p> <p>C1</p> <p>C1</p>
---	-------------------------------

<p>E – olha, e da sala? Quem é que gosta?</p> <p>G. – Também.</p> <p>Ju. – sim, também!</p> <p>Ti. – eu também.</p> <p>Ro. – mas eu vou desenhar a escola toda.</p> <p>E – tu estás a desenhar a escola toda não é?</p> <p>Olha, e qual é assim aquela coisa da escola que vocês gostam, assim, mais ou menos? Que já não gostam tanto?</p> <p>Crianças – hum..</p> <p>E – o que é que há assim na escola, alguma coisa que não gostem?</p> <p>G. – Há.</p> <p>Ju. – Há.</p> <p>V. – Não.</p> <p>E – O V. diz que não. Há. G.?</p> <p>G. – Há. Há... as paredes.</p> <p>E – Não gostas das paredes?</p> <p>Ju. – risos.</p> <p>E – o que é que não gostas das paredes?</p> <p>Mar. – a rampa.</p> <p>E – o que é que não gostas das paredes? Por alguma razão especial?</p> <p>G. – porque eu acho que me magoo nas paredes?</p> <p>E – tu magoas-te nas paredes?</p> <p>Ro. – eu também.</p> <p>E – E o Ro. também.</p> <p>Tu não gostas da rampa?</p> <p>Ti. – Não.</p> <p>E – Porquê? O que é que tem a rampa?</p> <p>Ti. – Porque, porque a rampa desce.</p> <p>G. – olha, já fiz as janelas.</p> <p>E – porque a rampa desce? Tens medo de cair na rampa?</p> <p>Ti. – Não.</p> <p>E – já alguma vez caíste na rampa da escola?</p> <p>Ju. – ui, eu não fogo!</p>	<p>C2</p>
--	-----------

G. – eu não.	
E – Não?	
G. – olha, já caí muitas vezes. Já caí eu. Olha já caí do céu, até, para cima da cabana do Sr. Serafim.	
Ju. – Mentiroso!!!	B1
G. – Eu??!	
Ju. – Mentiroso!!!	
E – olha, e durante a semana, quanto tempo é que vocês passam na escola?	
V. – eu to vendo uma câmara.	
G. – olha, eu demoro 20 e 40 anos!	
E – 40 anos que passas na escola?	
Olha, e o tempo que vocês passam na escola, vocês acham que é muito tempo, acham que é assim assim? Ou acham que é pouco?	B1
V. – eu acho que é muito.	
Ti. – eu acho que é muito!	
E – também achas que é muito?	
É? Se pudesses, diminuías o tempo na escola?	
Ro. – de que é que vocês estão a falar, que eu não tou a perceber?	
E – estávamos a ver se vocês achavam que o tempo que passam na escola se é muito, se é assim assim ou se é pouco. Estavam aqui a dizer que era muito tempo que se passava na escola, durante a semana.	
Ro. – é.	
Vocês gostavam de passar menos tempo na escola?	B1
Mar., V., Ti., Ro. – Sim!	
E – e se fosse mais tempo para o recreio, gostavam?	
Crianças – sim!!!	
Ju. – é assim, a rampa?	B2
E – é como tu achares, linda.	
V. – a gente devia ficar de manhã até à noite.	
E – se pudesses ficavas no recreio até à noite?	
V. – Já ficou.	
E – já ficaste no recreio até de noite?	
V. – e eles também.	

E – e eles também. Quando é que foi isso, lembrás-te?	
Sara – era um dia 9.	
E – era o dia do magusto?	D2, D4
Sara – Sim!	
E – foi quando comeram as castanhas?	
Ti. – sim.	
E – foi Ti.? Nesse dia ficaram até tarde?	
Ti. – toda a noite!	
E – Olha, e qual é assim a matéria que vocês mais de estudar na sala? O que é que gostam mais de aprender?	B1
Ro., Ti. – Letras.	
E – letras Ti.?	C2
V. – Matemática.	
E – tu gostas mais de Matemática? E tu Ro.? O que é que tu gostas mais de aprender?	B1
Ro. – Hum....	
E – Oh G.! O que é que tu gostas mais de aprender na sala?	
G. – Gosto? Gosto de aprender, gosto de aprender, as letras e os números.	D1
E – letras e números?	
Ju., Mar. – eu também.	
Mar. – matemática.	
E – Matemática. E tu? [Ju.]	
Ju. – eu gosto de tudo. Eu gosto de aprender tudo!	
E – está muito bem Joana! Não queres pintar?	
V. – Já está!	
E – não queres pintar V.?	A3
E vamos cá a saber uma coisa, quando vocês vieram para a sala, quando vocês vieram para a escola, na sala há regras, não há?	
Ti. – há.	
V. – sim.	
E – e quem é que disse quais eram as regras da escola e da sala?	D1, E2
Ju. – o professor.	
E – foi o professor. Vocês deram alguma ideia para as regras, quando	

<p>estiveram a fazer a regras? Ou foi só o professor?</p> <p>V. – foi só o professor.</p> <p>E – foi só o professor. E havia, assim, alguma regra que gostassem de ter e que não está lá?</p> <p>V. – Há.</p> <p>E – Há V.? Qual?</p> <p>V. – Hum, não sei.</p> <p>E – Não sabes? Alguém tem uma ideia de uma regra que gostasse?</p> <p>E uma regra que vocês não gostem?</p> <p>Jo.B. – eu não gosto de uma.</p> <p>E – qual é que tu não gostas Joana?</p> <p>Jo.B. – eu não me lembro.</p> <p>E – não te lembras? E quais são as regras da sala? Quem é que sabe?</p> <p>G. – São [utiliza as mãos para ir enumerando as regras da sala de aula]: silêncio. Levantar o do. Blablablablabla.</p> <p>E – silêncio e levantar o dedo para falar.</p> <p>G. – E... e... não sei.</p> <p>E – só essas ou há mais?</p> <p>V. – não falar.</p> <p>E – não podes falar. Mais Ti.?</p> <p>Ti. – levantar o dedo.</p> <p>E – tens de levantar o dedo.</p> <p>[G. e Ju. levantam-se e brincam, deixando de lado o desenho]</p> <p>E – Olha, e o que é que fazem os adultos na escola?</p> <p>G. – bebem cerveja! [tapa a boca como se tivesse dito uma asneira]</p> <p>Crianças – risos!!!</p> <p>E – G., queres continuar. Se não quiseres não continuamos, mas tens de dizer se queres ou não.</p> <p>G. – o quê?</p> <p>E – continuar.</p> <p>G. – quero, quero.</p> <p>E – se não quiseres, paramos.</p> <p>Ti., V. – eu quero, eu quero!</p>	<p>E4</p>
--	-----------

E – o que é que fazem os adultos na escola? Quem são os adultos aqui na escola?

Ti. – os professores!

E – professores.

Mar. – o Sr. S. As empregadas.

E – as empregadas. E mais?

V. – o tempo.[riso]

E – o tempo, também é adulto?

Ju. – ah! O tempo é adulto??!

E – e o que é que os adultos fazem?

Joana – a empregada fica na porta.

E – o Sr. S.

Jo. B. – ei eu já disse Sr. S.

E – o Sr. S. está na parte de fora. Olha, oh G.! E o que é que fazem os professores na escola?

G. – fazem coisas para os meninos aprenderem.

Mar. – Fazem letras no caderno!

Ju. – fazem letras.

Ti. – fazem linhas!

Ju. – fazem coisas para nós!

E – fazem trabalhos, não é?

Ju. – ajudam-nos! Ajuda!

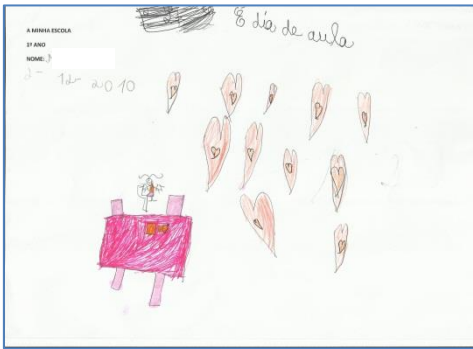
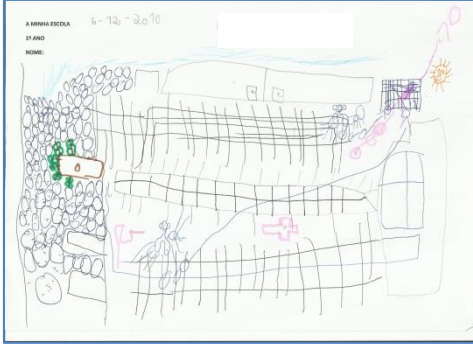

E – quando precisas de ajuda?




G. – ajudam a ler!




E – ajudam a ler! Mais?




Objetivos	Categoria	Indicadores	Observações
Identificar elementos de construção do desenho Enquadrar os elementos de produção na lógica das culturas da infância	Elementos formais de organização do desenho [A]	Utilização do espaço [A1] Modos de divisão do espaço [A2] Utilização de cor [A2]	
Compreender modos de estruturação do tempo escolar das crianças Identificar espaços centrais da escola Compreender modos de ocupação dos tempos das crianças, em contexto escolar	Estruturação do tempo [B]	Tempo de trabalho escolar [B1] Tempo de recreio [B2]	
Identificar mobilidades das crianças em espaço escolar Compreender modos de utilização do espaço escolar pelas crianças Identificar espaços transgressivos	Estruturação do espaço [C]	Recreio [C1] Escolar – sala de aula, AECs, Biblioteca [C2] Espaços transgressivos na escola [C3]	
Compreender atividades infantis realizadas na escola Identificar as perceções das crianças sobre o	Atividades realizada pelas crianças [D]	Trabalho escolar [D1] atividades recreativas/desportivas [D2] atividades com pares [D3]	



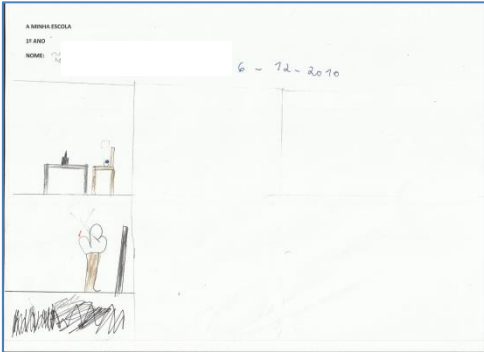
ofício de aluno e o ofício de criança			
Identificar relações sociais das crianças no espaço escolar Compreender relações geracionais de interdependência entre crianças e adultos	Personagens/pessoas [E]	Pares [E1] Professor(es) [E2] Outros adultos [E4]	



Crianças	Elementos de análise	Observações
<p>M.I.</p> 	<p>Utiliza sobretudo o espaço central da folha. Desenha o edifício da escola, e uma criança. Escreve “É dia de aula, referindo-se ao trabalho escolar, e desenha vários corações, com coração dentro e pintado de cor uniforme.</p>	<p>Elementos de trabalho mais presentes que os de lazer. Não são representadas nem crianças nem adultos no desenho. Ao nível do espaço representam-se os espaços de trabalho escolar.</p>
<p>J.P.</p> 	<p>Utiliza a folha para desenhar a escola e o recreio, com campos de futebol. Representa várias crianças, o campo de futebol e a trajetória da bola ao marcar golo. O espaço é fundamentalmente representado no recreio, com o edifício da escola do lado direito e em frente, e com o sol e as nuvens azuis.</p>	<p>Inclui elementos de trabalho e de lazer. Representa ainda crianças, mas não adultos. As crianças são representadas a brincar, e o trabalho escolar é representado pelo edifício da escola.</p>
<p>I.</p> 	<p>Desenha um espaço livre assemelhando-se a um jardim, com uma flor, o sol e as nuvens azuis.</p>	<p>Desenha elementos de lazer, e não refere espaço de trabalho nem adultos ou crianças no espaço escolar.</p>
<p>A.</p>	<p>Desenha em toda a folha e o espaço do recreio, onde por aparece o futebol, a</p>	

	<p>baliza, e duas crianças a jogar e a meter golos na baliza. O sol e as nuvens são também representados.</p>	
<p>A.C.</p> 	<p>Desenha o edifício da escola, com uma porta vermelha e com janelas. Uma criança de vestido vermelho está ao lado do edifício. No céu aparecem nuvens e o sol.</p>	
<p>V.</p> 	<p>Desenha em toda a folha o edifício da escola a azul com janelas rosa e com telhado castanho. Representa o espaço exterior, do recreio, com uma criança com uma bola de futebol. Um árvore está no meio do campo e é desenhada a porta e a rampa de acesso da escola.</p>	
<p>Ro.</p>	<p>Desenha o edifício da escola em plano central, com uma porta e uma chave e uma sala com janelas. Um adulto, possivelmente o professor com uma caneta e folhas, e uma mesa com uma</p>	

	<p>crianças. Do lado exterior há duas crianças: uma a jogar à bola e outra a saltar à corda. O recreio tem uma árvore, pássaros, o céu e o sol.</p>	
<p>G.</p> 	<p>Representa o edifício da escola no centro da folha, com porta azul, telhado rosa e janelas coloridas. Na parte exterior desenha uma árvore, o sol e as nuvens. do lado esquerdo representa uma parte lateral da escola, do recreio, onde as crianças costumam brincar</p>	
<p>Mar.</p> 	<p>Desenha o edifício principal da escola, pintado a azul, e com várias janelas na parte de cima, das salas de aula pintadas a castanho. No exterior, a rampa de acesso e o portão da escola, e uma árvore. Desenha o sol, a amarelo.</p>	
<p>S.</p>	<p>Desenha um espaço semelhante a um jardim, com escorrega e uma casinha. Parece o espaço do recreio da escola onde as crianças do 1º ano</p>	

 <p>A MINHA ESCOLA 6-11-2010 2º ANO NOME: []</p>	<p>brincam frequentemente: representa uma árvore e pássaros, um arco iris e nuvens azuis.</p>	
<p>Ju.</p>  <p>A MINHA ESCOLA 6-12-2010 2º ANO NOME: []</p>	<p>Desenha o edifício da escola, com porta castanha e telhado vermelha. Desenha janelas das salas de aulas com várias cores e árvores a rodear o edifício. Representa árvores no exterior e a rampa de acesso à escola.</p>	
<p>Te.</p>  <p>A MINHA ESCOLA 6-12-2010 2º ANO NOME: []</p>	<p>Desenha o edifício da escola, pintado a amarelo, e com janelas das salas de aulas a azul. Ao lado, uma árvore do recreio, o sol e uma nuvem. Desenha a rampa de acesso do portão da escola.</p>	
<p>Ti.</p>	<p>Desenha o edifício da escola, a amarelo com janelas e a porta de entrada. No recreio, desenha o escorrega da pré e uma árvore. Desenha a</p>	

	<p>rampa de acesso da escola, as nuvens e o sol.</p>	
<p>Jo. B.</p> 	<p>Desenha em toda a folha o edifício da escola, pintado a azul e com janelas verdes. O telhado é pintado de vermelho.</p>	
<p>Tom.</p> 	<p>Divide a folha em quadrados. Num dos quadrados, desenha-se na sala de aula, na carteira. Em baixo desenha o recreio com uma árvore. A criança é a representação principal do trabalho escolar, na secretária, que tem um livro. Não são representados os pares nem a brincadeira, ainda que represente no segundo quadrado o espaço exterior à sala de aula</p>	
<p>Jo.</p>	<p>Desenha as nuvens e o sol, e o espaço do jardim, com relva e uma flor. Desenha o sol em cima das nuvens. Não são representados</p>	

 <p>A MINHA ESCOLA 6-12-2010 3º ANO NOME:</p>	<p>espaços especificamente escolares, ainda que o desenho remeta para tempo livre. Não inclui personagens adultas ou crianças no seu desenho</p>	
<p>So.</p>  <p>A MINHA ESCOLA 6-12-2010 3º ANO NOME:</p>	<p>Desenha o edifício de uma casa e ao lado um outro edifício com um cão. Desenha as nuvens e o sol</p>	<p>A S. criança chinesa, chegada há pouco tempo à escola ainda não sabe falar nem escrever português. O professor sugeriu que participasse na atividade para que se sentisse parte integrante da turma. A S. percebeu que seria um desenho sobre casas, e foi isso que representou no seu desenho</p>

ANEXO 6 – “QUEM DECIDE?”, ATIVIDADE, TRANSCRIÇÕES

QUEM DECIDE?

DECISÕES	QUEM?				

Guião atividade “Quem decide?”. QD

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, quem toma determinadas decisões nas suas vidas quotidianas, como toma e que participação é possível às crianças nessas mesmas decisões. Prevendo-se que as crianças possam ter algum tipo de dificuldades nessa mesma conceção, poderão contemplar-se exemplos de decisões que podem ser dados às crianças, de modo a que possam desenvolver outras a partir do exemplo.

A atividade deverá ser gravada, de modo a que possa acompanhar-se a forma como as crianças conceptualizam a sua própria participação e como gostariam ou não de ser envolvidas nessas mesmas atividades.

Exemplos.

Brincar no exterior, sozinha

Os amigos com quem brinco e estou aos fins de semana

atividades de fim de semana

Os sítios que quero visitar

As atividades extra curriculares

Os momentos em que posso dar a minha opinião sobre assuntos que me importam

Os espaços para as crianças na minha cidade (parques, circuitos para bicicletas...)

Ideias que as crianças têm para melhorar os seus espaços

Trabalhos da escola e tempos de estudo...

Falar com adultos sobre assuntos que me interessam

Decidir espaços da escola

Decidir sobre espaços e atividades na cidade/comunidade onde moro

Transcrição “Quem decide?”. QD1

Turma do 3º ano – Ca, rapaz, 8 anos

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, quem toma determinadas decisões nas suas vidas quotidianas, como toma e que participação é possível às crianças nessas mesmas decisões. Prevendo-se que as crianças possam ter algum tipo de dificuldades nessa mesma conceção, poderão apresentar-se exemplos de decisões às crianças, de modo a que possam desenvolver outras a partir do exemplo. A atividade deverá ser gravada, de modo a que possa acompanhar-se o modo com as crianças conceptualizam a sua própria participação e o modo como gostariam ou não de ser envolvidas nessas mesmas atividades.

Duração aproximada: 33 minutos.

<p>Início da atividade. Explicação ao Ca. do que iríamos fazer.</p> <p>E - assim é para termos as nossas gravações todas direitinhas, e vou-te explicar qual era a atividade que eu tinha pensado para hoje. Lembras te de no início quando távamos a ver as coisas que íamos fazer,</p> <p>Ca - foi aquela que nos deu o papel e fazíamos o fim de semana!</p> <p>E - Essa foi a atividade que fizemos foi tempo, lembras-te? pronto! dizíamos o que íamos fazer durante a semana, durante o fim de semana... e agora oque eu tinha pensado era como nós temos estado a trabalhar sobre a vossa participação, sobre as coisas em que podem decidir, sobre as coisas em que não decidem, e são outras pessoas que decidem por vocês, de eu perceber, do vosso ponto de vista, do que vocês pensam, que decisões é que são estas do vosso dia a dia, que podem ser sobre a escola, sobre o que acontece em casa, do que fazemos aos fins de semana, quem toma essas decisões?</p> <p>E - Sou eu, hum.</p> <p>E - às vezes é tu, outra vezes são outras pessoas também não é?</p> <p>Ca - os meus pais.</p> <p>E - os teus pais, muitas delas não é? Se calhar depois há outras que tu não decides? e depois há outras pessoas que decidem por ti...</p> <p>Ca - Sim.</p> <p>E - e então ia-te pedir que nós pensássemos em conjunto, que decisões é que são essas e quem é que na tua perspetiva hum, toma essas decisões, e se em algumas dessas decisões, há decisões que tu gostavas de tomar mas que não tomas não é?</p> <p>Ca - se escolher eu, hum, escolher eu as do dia-a-dia? Como posso tomar e se as tomo? Hum.</p> <p>E - que coisas é que são essas Ca., que tu estás a pensar, por exemplo?</p> <p>Ca - hã, se quero ir para casa, se não quero...</p> <p>E - Hum, hum...</p> <p>Ca - hum, às vezes quero ir ao parque, a minha mãe não quer!</p> <p>E - hum, hum</p> <p>Ca - Outras vezes quero ir à praia e a minha mãe não quer...</p> <p>E - Hum, hum...</p> <p>Ca - quero... Hum, mais nada. Não quero mais nada</p> <p>E - São essas? Então vamos começar por essas Ca., e depois de te fores lembrando... Vais escrever, olha, aqui, tinha pensado aqui podemos ir pondo quem são as pessoas que vão tomando decisões não é? Tu incluído? e aqui vamos escrevendo o que vais vendo, e podes ir pondo cruzinhas para dizer ah nesta decisão, sou eu e mais não sei quem, não é» pode ser a mãe?</p> <p>Ca - pode ser o C. Aqui escrevo os nomes?</p> <p>E - Aqui escreves os nomes. Por exemplo, imagina aqui sou eu, depois aqui é a minha mãe, depois aqui é quem for... e aqui, esse tipo de coisas que estavas dizer, sei lá , disseste há coisas que eu gostava de fazer e não faço</p> <p>Ca - Sim, algumas.</p> <p>E - Hum.</p> <p>E - podes pôr. Sim.</p>	<p>C1 C2</p> <p>A1 A4</p> <p>C1 C2</p>
---	--

Ca - hum, e agora?

E - qual é o nome que queres pôr?

Ca - S.

E - S., então escreves aqui e depois a gente separa. É a mãe

Ca - Sim.

E - E aqui? Mais alguém quem mais te ajuda a tomar decisões?

Ca - [silêncio]. Hum, M. Hum, pai. Posso por Pai?

E - podes, claro!

Ca - mais... e as vezes o meu primo Tiago.

E - O Tiago. Muito bem, então, podemos pensar em coisas que acontecem na escola ou fora da escola, então queres começar por exemplo que estavas a dar?

Ca - Humm. Sim.

E - por exemplo, às vezes apetece-me ir ao parque, mas...

Ca - parque, escrevo parque.

E - por exemplo, ir ao parque.

Ca - ir ao parque.

E - ir. ao. parque. Isso.

Ca - parque.

E - tu ao podes ir não parque sozinho não é C? tens de ir acompanhado por um adulto?

Ca - sim, hum, por exemplo,

E - quem é que decide isso normalmente? a mãe?

Ca - e eu,

E - hum, hum

Ca - Mais?

E - portanto, tu podes pedir para ir ao parque, mas depois essa decisão não é tua?

Ca - hum, mais! Mais?

E - Mais? há bocadinho disseste ir á praia?

Ca - ir à praia. a minha mãe, só. a minha mãe

E - também não podes ir à praia sozinho.

Ca - Não posso. Se pudesse!

E - e porque é que achas que não podes ir à praia sozinho?

Ca - porque sou muito novo. sou responsável.

E - tu achas que és uma pessoa responsável.

Ca - sim. mas alguém pode-te roubar, não é? e a minha mãe não quer. Então eu não quero, mas também não posso obrigar

E - o que é que achas que acontecia se pudesses experimentar ir à praia. Disseste se eu pudesse

Ca - se eu pudesse eu ia, e podia fazer o que eu fizesse na praia. ia à água as vezes que eu quisesses, 2 horas!

E - Hum. e tu achas que eras capaz então de sozinho ires à praia?

Ca - ir à praia... ir à praia., houve um dia que tava bom tempo. e fui, fomos oh mãe podemos ir a água, a praia? e a minha mãe ah, tava bom tempo. mas podemos ter tempo e preparar as coisas, a tarde, mas eu disse isso e tava tudo bem.

E - e foste para a praia, depois?

Ca - Não. não tinha as coisas preparadas.

E - hum.

Ca – olha escreve ali. ela viu a minha? ela escreveu assim? [refere-se à Cat., que preencheu a ficha anteriormente, e quer saber o que ela escreveu]

E - não toda a gente vai fazer sozinha, porque as coisas que são importantes para ti podem não ser importantes para ela. que mais coisas Ca. acontecem no teu dia a dia, hum, que são decisões que e afetam , que te dizem respeito? que tu te consigas lembrar?

Ca - Ir à escola.

E - ir à escola, hum hum., Um sítio onde passas grande parte do teu tempo.

Ca - eu não vou o tempo que eu quiser. A2

E - portanto não és tu que decides quanto tempo vais à escola, é isso?

Ca - Sim, e a minha mãe.

E - a tua mãe.

Ca - mas às vezes é o M. e o M. diz que é assim também. C5

E - hum hum e mais alguém que aches que tenha a responsabilidade de decidir, por exemplo, quanto tempo é que as crianças têm de ficar na escola?

Ca - O meu pai também decide. sobre ir à praia. C2

E - O teu pai.

Ca - o meu pai também.

E - além das tuas coisas que estão aqui, quem é que tu achas que tomam essas decisões?

Ca - a minha mãe.

E - daqui por exemplo tavas a dizer ir a escola e eu não decido quanto tempo tenho de ficar na escola, eu não decido quantos anos tenho de estudar. Quem é que decide?

Ca - a minha mãe. C2

E - em relação a todas as crianças?

Ca - Não não! Os pais. Os pais.

E - são os pais?

Ca - sim. os pais de cada criança.

E - os pais de cada criança é que decidem? Hum.

Ca - Sim. tá certo?

E - aqui não há certos nem errados, já sabes. mais coisas? olha das coisas que tens de fazer na escola, por exemplo, lembras-te de decisões na escola que sejam assim importantes e que te afetam?

Ca - hum que me afetam. Quem me afetam?

E - coisas que te dizem respeito, não é? que influenciam a tua vida, o que fazem como ocupas o tempo?

Ca - Ah. [silêncio]. um bocado de cada vez., é um bocado de cada vez.

E - e das coisas que tens fazer na escola?

Ca - é o professor. C4

E - queres acrescentar aqui professor. Acrescenta, eu depois tenho de por mais colunas. Isso foi falha minha, a A. também teve de acrescentar professor. que coisas é que o professor decide?

Ca - Tudo [riso]. Tudo.

E - queres dar exemplos de coisas que o professor decide?

Ca - [silêncio] uma , fazer uma atividade. A2

E - fazer uma atividade, muito bem. dentro da sala de aula não e?

Ca - sim.

E - e ai é professor que decide?

Ca - siiiiiiimmmmm. [escreve na folha da atividade]

E - hum, hum.

Ca - vou fazer mais para baixo.

E - olha e há alguma atividade dentro dessas que o professor decide, da escola que também sejas tu a decidir? C1

Ca - as vezes escolhemos. às vezes, por isso posso pôr eu.

E - hum, hum.

Ca - mas foi só a Alex ou vem mais pessoas?

E - vem mais.

Ca - vem o M.. mas esse não ta pois não?

E - hoje, se calhar, só deve dar para mais um. depois às 18h15 temos de sair. mas amanhã fazemos mais, e ainda temos terça e quarta feira.

Ca - hum. temos de ensaiar, para a festa.

E - na sexta feira? É a noite!

Ca - eu sei!

E - dia 22

Ca - é. Mas é na próxima, já??!

E - é na próxima 4ª feira já! Então tu não sabes?!

Ca - Ei xau!!!!!!!!!!!! Na próxima!!!!!!!!!!!!!!

E - é na próxima!

Ca - ai que eu tou atrasado!

E - é na véspera de São João, quarta-feira à noite.

Ca - ai o tempo passa.

E - Claro, quarta-feira à noite. Olha, quarta-feira a noite é a tua festa de finalista. e depois, na quinta feira à noite, é São João!

Ca - Pois é!

E - e já tiveste a semana passada.

Ca - eu no outro ano não fui à festa. Tinha 7 anos, não tinha 8.

E - mas este ano como já tens...

Ca - Mais!

E - Mais um, e estás no 3º já podes ir não é?

Ca - ate quando tou como meu pai na praia, vou sozinho pro mar e quero la saber que o mar esteja bravo. Eu sei nadar. boiar, o meu pai ta a ver, tao la pessoas que não vão para a agua, e as vezes não estão, estão à beirinha

E - e tu achas que é seguro? não sentes que é perigoso? A4

Ca - perigosa, sim, e perigosa

E - mas achas-te responsável para isso, não é.

Ca - sim.

E - tavas a dizer que também tinha de te colocar aqui para aqui porque há atividades que tu também decides, não foi?

Ca - Sim, sim. C1

E - E mais?

Ca - vejamos. que pessoas são?

E - olha e quem é que decide, por exemplo, tavas a falar da escola, quem decide, hum, por exemplo, os trabalhos de casa?

Ca - fazer trabalhos de casa.

E - é uma parte importante do trabalho da escola não é?

Ca - o ATL. os trabalhos de casa...A1

E - Quem é que decide?

Ca - o professor.

E - o professor? Mais alguém?

Ca - o ATL. Ponho aqui o ATL?

E - podes pôr. Se achares importante podes por.

Ca - Não, mas... Mais? Por exemplo, ir ao shopping.

E - ir ao shopping. olha que boa ideia!

Ca - mas eu não sei escrever shopping. A4

E - Eu digo-te como é que se escreve! Eu escrevo aqui e tu depois copias, tá bem? Também shopping não é uma palavra portuguesa, não é?

E - Shopping! Olha, assim: S, h, o, dois ps, um i, um n e um g! Ir ao shopping, que é uma atividade que tu disseste que fazias mais aos fins semana? na altura em que estivemos a falar sobre o tempo?

Ca - Foi.

E - quem é que decide ir ao shopping?

Ca - acho que aqui é a mãe, e... pai. C1, C2

E - alguma vez és tu a decidir?

Ca - e às vezes eu decido onde quiser, o Mar Shopping, por exemplo o meu pai não quis ir ao torneio e eu obriguei o meu pai, porque eu queria que ele fosse também.

E - Foi?

Ca - mas o meu pai também teve de dizer que sim

E - claro, se o teu pai dissesse que não não poderias ir

Ca - não podia ir, mas às vezes também, oh pai vamos lá! Às vezes resulta, outras vezes não!

E - É? e que outras estratégias é que tu usas? Pode ser assim tipo, pedes muito?

Ca - Oh mãe, pede, pede pede!

E - insistes para ver se ela muda de opinião é isso?

Ca - Sim!

E - e mais coisas? Tás a ver, já te lembraste de mais uma! ir ao shopping, mais?

Ca - preciso de tempo para pensar. pus mal

E - Não faz mal. Puseste noutra linha, mas não faz mal.

Ca - humm ela pintou, a Alex?

E - Pintou.

Ca - Eu também quero pintar!

E - E podes pintar. pensa assim em mais coisas...

Ca - ir ao Arrábida! Mas também é um shopping.

E - é um shopping é.

Ca - ir ao Mac Donalds!

E - ir ao MacDonalds.

Ca - às vezes eu digo, Mãe vamos ao MacDonalds, e a minha mãe, tá bem! como é que se escreve? mac

E - Queres ajuda? Isso tá bem, continua! eu acho que é assim, olha agora também estou com dúvidas! tem A ou não tem?! Eu acho que tem.

Ca - Tem! Ma!

E - também acho que sim. MacDonalds! Alguma vez és tu que decides sozinho ir ao Mac Donalds?

E - Mas é uma coisa importante para ti não é?

Ca - jogar aos baybeleides! Se estiver errado...

E - Olha, baibelaides é que eu não sei mesmo como se escreve!

Ca - eu sei, eu acho que é assim. se estiver mal...

E - Não te preocupes. quem é que decide?

C - a minha mãe. e eu ajudo, a pedir.

E - olha, e quando estivemos fazer entrevista que falamos das decisões que tomavas na escola, lembras-te disso?

Ca - Sim,

E - Estivemos a falar nas assembleias? A2

Ca - Sim.

E - achas que é importante pôr aí as decisões da assembleia? neste quadro, achas importante?

Ca - Era melhor ninguém saber.

E - achas que era melhor ninguém saber?

Ca - sim. a professora vai guardar?

E - Eu vou guardar isso para mim, para o meu trabalho, mas ninguém vai saber que foste tu que o fizeste. É isso que te está a preocupar?

Ca - está aqui o meu nome.

E - Podemos tirar. Queres tirar? e inventamos um nome? em vez de dizermos Carlos inventamos um nome qualquer? eu posso tapar, e quando estiver com a folha, ela e minha, e quando eu escrever e ouvir as nossas conversas o teu nome sai e ninguém sabe que és tu, e tiramos o do Tiago, ta bem?

Ca - E da minha mãe e do meu pai?

E - sim, aqui não pomos S., e pomos, por exemplo, mãe.

Ca - Mãe. Pai.

E - porque ninguém sabe! Há muitas mães e muitos pais, não é? e aqui tiramos o teu nome, tá bem?

Ca - Tá bem. Charles!

E - Charles?

Ca - Sim, Charles é Ca. em Inglês!

E - Pois, e também ninguém vai adivinhar que tu és o Charles, porque também há muitos Ca. nesta escola.

Ca - Sim.

E - por isso, podes ser o Charles.

Ca - Tá bem, Charles![riso]

E - Queres escrever aqui? Charles?

Ca - charles!

E - e eu já sei que, a partir de agora, tu vais ser o Charles! E assim ninguém vai saber que és tu, como ninguém vai saber que ...eu não vou dizer que foi nesta escola. As pessoas não vão saber q lue foi nesta escola. vou dizer que foi numa escola e vou inventar um nome para a escola.

Ca - eu já não sei mais nada.

E - já não sabes mais nada? posso-te dar um exemplo que dei à Alex?

Ca - Sim!

E - ou queres parar?

Ca - Yes, yes, yes!

E - já sabes? Olha que bem! Gostei dessa! Ir ao parque de campismo. No Verão é tão bom não é? Boa! tás a ver?

Ca - ir ao quadro!

E - ir a o quadro. quem é que decide?

Ca - acabei!

E - deixa-me só fazer-te uma última pergunta. quando olhas para aqui, e quando pensas no teu dia a dia e nas tuas coisas, nestas que te importam, quem é que tu achas que toma mais decisões os adultos ou as crianças?

Ca - os adultos.

E - os adultos. e porque é que tu achas que isso acontece?

Ca - porque eles são crescidos, são adultos, mais velhos, nós somos mais jovens, somos crianças, somos crianças não temos quase decisão nenhuma. Não podemos mandar. e não podemos fazer mais nada. Só os pais.

E - e tu concordas com isso?

Ca - concordo.

E - ou às vezes sentes que há coisas para as quais tinhas...

Ca - às vezes. sim.

E - sentes? lembras-te de algum exemplo em que sintas isso?

Ca - quando quero ir parque, como no feriado queria ir ao parque ao senhor da pedra, e mudou, duas vezes.

E - quando agora? Porquê?

Ca - mudou duas vezes, não sei. Não sei. **A2, B3**

E - e há alguma situação Ca., que tu consigas pensar em que dizes assim, eu esta situação queira mesmo, mesmo, mesmo, hum, ser ouvido, queira dar a minha opinião? Como acontece aqui mas assembleias que vocês decidem em conjunto? mas em que isso não acontece?

Ca - eu acho que isso acontece assim sempre. O professor quer a nossa opinião. sempre. por isso, o que é que eu vou dizer? acho que devemos, sim, o professor tá lá e deixa. Nós temos de dar a nossa opinião também.

E - sem ser aqui na escola, lembras-te de alguma situação?

Ca - em casa. em casa, eu acho que devemos dar na mesma.

E - Hum.

Ca - é fixe.

E - tu gostas quando te perguntam?

Ca - ninguém sabe.

E - Achas que a tua opinam é importante?

Ca - Sim. há uma engraçada. é que eu agora sou tarefeiro e posso, parece que já sou adulto.

E - quando és tarefeiro parece que já és adulto? Porquê?

Ca - então, o tarefeiro pode fazer quase tudo o que quiser. secretário é o fim. o tarefeiro...

E - então o tarefeiro, espera aí, agora, tens mais coisas para fazer?

Ca - sim, ajudar os colegas e tudo!

E - isso quer dizer que tens mais responsabilidade?

Ca - hum, hum.

E - tu gostas de ter mais responsabilidade?

Ca - Gosto!

E - já houve alguma altura enquanto tarefeiro que tenhas sentido essa responsabilidade que era muita?

Ca - Sim, às vezes.

E - sentes-te capaz de ter essa responsabilidade?

Ca - sinto.

E - que capacidades é que são essas que tu achas que são importantes para essa função?

Ca - tenho de saber. tenho de explicar ao grupo todo. um tarefeiro de grupo, normais pequenos, tem um capitão.

E - portanto, tens de saber explicar?

Ca - explicar, ajudar as pessoas e dizer assim; isto tá mal! Tá tudo mal! hum, tenho de corrigir muito bem, não posso mentir, o tarefeiro não mente! e fazer tudo o que o professor manda, tenho de ir as reuniões todas.

E - e esse era um cargo que tu querias ter?

Ca - sim. sim.

E - e agora que tens, isso faz-te sentir bem?

Ca - hum hum.

E - então estás feliz?

Ca - Pois estou! [riso].

E - podes pintar. e disseste uma coisa muito engraçada. Ah agora que eu sou tarefeiro até parece que sou adulto.

Ca - sim.

E - achas que os adultos também são pessoas que têm muita responsabilidade?

Ca - sim. por acaso ate tem não tem!? tu tens, muita responsabilidade?

E - Tenho. tenho algumas. mas tu também tens! já me estiveste a dizer montes de coisas que tens de fazer como tarefeiro por exemplo, e que soa de responsabilidade, eu acho.

Ca - sim.

E hum

Ca - às vezes eu quero ir aqui. como é que é? Ao continente comprar baibelaides.

E - e tu achas que os adultos... tavas a dizer que os adultos tomam muitas decisões e são muito responsáveis.

Ca - sim. Mas há uns que não são.

E - Há adultos que não são responsáveis?

Ca - sim. os trapalhões [risos]

E - o que é que é um adulto trapalhão?

Ca - é o que não sabe nada, que não sabe fazer nada. isso é um trapalhão! que faz tudo mal!

E - então isso quer dizer.. que tu achas que há adultos que por exemplo, para ti não sabem tomar assim algumas decisões?

Ca - Sim! eu quero ver o desenho da Xana?

E - tem pinturas olha. Pintou, aqui. também podemos acrescentar.

Ca - Ah!

E - e pintou.

Ca - Eu não percebi nada! ela pintou ali?

E - não faz mal. a vermelho é falta de educação.

E - é falta de educação?

Ca - sim

E - mas eu não vejo como falta de educação? Pois não?

C - para o professor eu acho que é porque ele não deixa.

E - entoa o tarefeiro no fundo tem muito poder ou não? pode fazer muitas

coisas ou não?

Ca - o que pode fazer mais é o capitão de turma e o secretário. A1, B3, C5

E - o capitão faz sentido, já tinhas explicado. e quem é o capitão de turma?

Ca - É o M.

E - O M.

Ca - e o P.

E - E o P. E capitão.

Ca - eu já fui capitão

E - e porque desististe de ser capitão?

Ca - porque era ainda mais responsabilidade, era muita.

E - achaste que era demasiada.

Ca - sim, eu tinha muita.

E - então nessa altura deixaste de ser capitão e passaste a aspirante?

Ca - não, eu foi tipo, meti para a B.

E - ah então quando passaste de aspirante a tarefeiro deixaste de ser capitão?

Ca - não eu era capitão, e como capitão fui para tarefeiro.

E - e preferes ser tarefeiro porque tens menos responsabilidade?

Ca - sim.

E - agora sentes-te melhor?

Ca - e estou muito contente! Vou à festa! tenho uma bola nova e vou ter outro baibelaide.

E - outro? ainda noutra dia tinhas um baibelaide novo!

Ca - não era novo!

E - quando estávamos na sala e tudo! temos fotos e tudo!

Ca - tens aí? mas esse não era novo, troquei peças.

E - eu achei que era novo. Já não tenho aqui. tenho no outro disco. eu trago-te depois.

Ca - tens outro disco?

E - tenho assim se este estragar... eu já te digo se está aqui. mas se não está aqui está em casa.

Ca - eu troco peças.

E - trocas as peças de baibelaidas?

Ca - sim.

E - tinha uma partida lembras-te? que estava partida?

Ca - aquela aqui não era? disse ali?

E - disseste que a ponta da peça que estava partida?

Ca - é isso?

E - sim.

Ca - essa estava, Já sei qual é! tava partida!

E - não era o baibelaide, era a parte de baixo!

Ca - sim, era.

E - obrigada Carlos! pelo teu tempo e pela atividade.

Ca - tenho ensaio agora!

Transcrição “Quem decide?”. QD2

Turma do 3º ano – C.

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, quem toma determinadas decisões nas suas vidas cotidianas, como toma e que participação é possível às crianças nessas mesmas decisões. Prevendo-se que as crianças possam ter algum tipo de dificuldades nessa mesma concepção, poderão apresentar-se exemplos de decisões às crianças, de modo a que possam desenvolver outras a partir do exemplo. A atividade deverá ser gravada, de modo a que possa acompanhar-se o modo com as crianças conceptualizam a sua própria participação e o modo como gostariam ou não de ser envolvidas nessas mesmas atividades.

Duração aproximada: 54 minutos.

Início da atividade. Explicação à Cat. do que iríamos fazer.

<p>E – então, Cat., lembras-te de termos estado, das nossas atividades que fizemos, temos estado na sala, tivemos as assembleias de turma. Estivemos a fazer as entrevistas, que até me contaste aquele episódio de quando decidiste deixar de ser tarefaira, não foi?</p> <p>Cat – sim.</p> <p>E – estivemos a fazer a atividade sobre a semana, como é que ocupam o tempo, e agora uma das coisas que eu queria fazer e porque o trabalho é sobre a vossa participação na escola e outros contextos de vida, queira fazer um trabalho e que é esta atividade que eu te vou mostrar agora e que é sobre as decisões que tu tomas no teu dia-a-dia, dentro da escola, em casa, quando vais passear... e sobre que decisões é que são essas e que tu achas que são importantes e que acontecem no teu dia-a-dia? E sobre quem são as pessoas e que podem ser adultos e outras crianças, que te ajudam a tomar essas decisões?</p> <p>Cat – decisões?</p> <p>E – sim, decisões que sejam importantes para ti no teu dia-a-dia e que fazem parte dele. Então, eu fiz aqui uma tabela assim, e aqui o que é que podemos pôr?</p> <p>Cat – As decisões?</p> <p>E – Várias decisões. Que vamos tomando, não é? Durante os dias. E depois aqui, as pessoas que nós achamos que além de nós nos ajudam a tomar esse tipo de decisões. Podem ser ou adultos ou crianças. Por exemplo, um amigo que te ajuda a tomar alguma decisão. Então, eu trouxe algumas ideias de algumas decisões, mas queria começar por ver quais são as tuas decisões primeiro. E depois vamos falando sobre as outras. Parece-te bem?</p> <p>Cat – Sim.</p> <p>E – E então ia-te pedir para depois ires escrevendo aqui. Podes pôr o teu nome, se quiseres, senão não pões.</p> <p>Cat – Oh Gabriela.</p> <p>E – Diz?</p> <p>Cat – se for eu a tomar algumas decisões, posso pôr o meu nome ou não?</p> <p>E – ah claro que podes! E deves, até! Se elas são tomadas por ti elas devem aparecer ali. Se calhar até já podes pôr ali, primeiro, nesta coluna, tu. E vamos começando ao preencher.</p> <p>Cat – Cat.</p> <p>E – Cat. Muito bem. Queres continuar aqui primeiro? E depois vemos as decisões? Ver quem são as pessoas que costumam tomar decisões contigo? Ou que tomam decisões em teu nome?</p> <p>Cat – hum eu também tomo decisões com o meu pai e com a minha mãe.</p> <p>E – hum, com o pai e com a mãe.</p> <p>Cat – posso meter pai e mãe?</p> <p>E – Sim, claro. Se precisares de mais espaço aqui também podemos utilizar.</p> <p>Cat – pai. Mãe. Eu só vou pôr quem passa mais tempo em casa, ou quem vai lá mais vezes a casa.</p>	<p>C1</p> <p>C2</p> <p>A1</p>
---	-------------------------------

E – Hum.
Cat – e eles tomam as decisões sobre quem vai lá. E quem está lá.
E – hum.
Cat – também tomo com a minha irmã.
E – hum.
Cat – posso meter irmã ou Marta, que é como ela se chama?
E – como quiseres. O que é que tu achas melhor?
Cat – irmã.
E – A tua irmã. Muito bem. Que outras pessoas há e que te ajudam a tomar decisões? Por exemplo, que outros adultos? Ou que te pedem para tu tomares alguma decisão?
Cat – a minha avó.
E – A tua avó.
Cat – mas isto dá para as duas, não é? Para a minha avó e para a minha outra avó?
E – pode, pode dar. Olha, e dentro da escola? Consegues-te lembrar de pessoas que também te ajudam a tomar essas decisões?
Cat – na escola?
E – lembras-te quando fizemos aquele exercício da semana? Vocês todos disseram que ocuparam muito tempo em tarefas da escola. Então, estou a pensar se na escola, quem é que toma decisões e quem te ajuda a tomar essas decisões?
Cat – quem me ajuda a tomar decisões? O professor.
E – O professor. Mais alguém que te lembres?
Cat – não, se eu depois tiver mais eu meto.
E – Pronto, agora à medida que te fores lembrando podemos ir preenchendo. Então agora vamos pensar, que tipo de decisões é que tu costumavas tomar? Quais são aquelas coisas em que tu costumavas decidir? Começaste por dizer que há decisões que só eu é que tomo, lembras-te?
Cat – sim.
E – que decisões são essas?
Ca – há umas decisões que sou eu que decido, que é... hã.. por exemplo, a minha mãe pergunta se eu quero gelado de morango ou de chocolate? Sou eu que decido, se quero gelado de morango ou de chocolate. Somos as pessoas que temos de escolher, não são as outras pessoas que escolhem por nós. Mais...
E – então, por exemplo, quando há decisões sobre a comida em casa, tu normalmente costumavas decidir sobre as coisas que comes?
Cat – quer dizer, só mais ou menos a sobremesa. Por exemplo, quando é, quando temos, mousse de chocolate, gelatina, e assim várias coisas que sobram de uma festa? Sou eu que decido. Se quero tirar um sum, bolacha...se houver gelado de morango, baunilha, limão, tiramisu, normalmente sou eu que decido qual deles é que eu quero. Hum, mas agora, comida, por exemplo, bacalhau à Brás ou isso, de vez em quando sou eu, mas a maior parte dos dias não.
E – eu vou-te contar um segredo. Sabes qual é a minha sobremesa favorita, porque tu falaste nela.
Cat – Qual?!
E – tiramisu. É a minha sobremesa favorita.
Cat – eu só gosto de tiramisu de bolacha!

<p>E – gostas de bolacha? Cat – eu não gosto daqueles com palitos. E – não gostas dos palitos? Cat – porque sabem muito a café. E – sabem muito a café, pois sabem. Olha, então, achas que se dissermos por exemplo, decidir a sobremesa? E que aí és tu que decides? Cat – decidir sobremesa. E – e neste caso, a decisão sobre a sobremesa é tua! Cat – cruzinha. E – e pões uma cruzinha. Muito bem. Outras coisas que tu te lembres? Em que tu participas nessa decisão? Ca – [silêncio]. Por exemplo, eu pergunto à minha mãe: mãe posso tomar banho ou não? A minha mãe decide se vamos ou não vamos. E – quando é que tu tomas banho? Cat – eu tomo todos os dias. Por exemplo, se eu hoje suar muito, tomo banho. Se não suar, não tomo. E – hum, hum. Cat – de vez em quando posso suar, só, e não lavo o cabelo. E – hum. Cat – portanto quem decide se eu tomo banho ou não é a minha mãe. E – hum hum, queres pôr aí, tomar banho? Cat – decidir tomar banho. E – olha, e já aconteceu alguma vez tu quererest tomar banho e tivesses dito à mãe, e a mãe tivesse dito que não? Cat – Não. De vez em quando eu chego à minha mãe e digo: mãe, vamos tomar banho. E ela pode dizer que não. Por acaso, quando eu tenho muita vontade de tomar banho, eu pergunto: mãe, vamos tomar banho? E eu pergunto. E ela pode dizer que não, mas normalmente ela diz sempre que sim. Só há alguns dias que escapa que não, porque nós somos eu e a minha irmã. Quer dizer, eu suar muito, e a minha irmã anda sempre de um lado para o outro, mas eu tenho educação física. E – hum. Tens outras atividades? Cat – tenho várias atividades! por exemplo, a minha irmã pode ir só de vez em quando, mas connosco nós damos várias voltas. Vamos todos os dias quase lá fora. Quando é para ensaiar, no início, há um dia em que nós fazemos, corremos no início e no fim. Há outros dias que é só no início e há outros dias que é só no fim. E – hum. E mais coisas, C., que te lembres? Cat – hum e decidir dar voltas à escola? E – decidir dar voltas à escola, podes pôr. Eu já vi, não é? Também já vos estive aqui a ver. Cat – eu até gosto de fazer assim uns trabalhos. Eu acho que quando estou com alguém e estamos a fazer trabalhos e assim, eu até me sinto mais à vontade. E – Sentes-te mais à vontade, quando falas da tua família? Cat – eu por acaso até, a Mar., é uma amiga, ela por acaso é muito nossa amiga, mas quando a Mar. grande arranja uma amiga, ela não consegue largar. Porque é, ela tem uma amizade muito forte. E – hum. Cat – portanto, se eu precisar de alguma coisa com a Mar, por exemplo,</p>	<p>C1 C2 C1, C2 C3 A2</p>
--	---

<p>de vez em quando nós costumamos falar sobre assuntos da família. Por exemplo, e só um exemplo. A minha mãe e o meu pai estão chateados e querem-se separar eu tanto posso falar com a Mar. como com o professor. A Mar é como se fosse o braço direito do professor. Os dois braços do professor. Porque a Mar. ajuda-nos, ela tem assim, boas respostas. Não são tão boas como as do professor, mas ajuda.</p> <p>E – tu achas que a Mariana é uma pessoa que ajuda a pensar melhor? E isso é uma coisa importante para ti? Olha, se calhar podíamos pôr a mariana aqui? Achas que faz sentido, em alguma decisão que ela te tenha ajudado a tomar?</p> <p>Cat – Aqui?</p> <p>E – Sim.</p> <p>Cat – podes fazer assim um tracinho só para dividir?</p> <p>E – sabes que eu não sou muito boa assim nos trabalhos manuais e no desenho...</p> <p>Cat – não faz mal. Mas esse está bom, até.</p> <p>E – Achas que sim? Então, Catarina, mais coisas?</p> <p>Cat – mais coisas? De vez em quando a minha irmã anda descalça e sou eu de vez em quando que decido se ela anda descalça ou não. A minha irmã tem de habituar quando nós formos para a escola nova e andarmos no ATL, nós, eu agora ando. Eu e a minha irmã agora andamos. Então alguns dias vamos ficar dois minutos sozinhas em casa. Se ela começar a andar descalça ela vai ter de se habituar a saber respeitar-me porque eu... ela diz, mas é o pai e a mãe que mandam em mim. E então o meu pai quando chega à beira da minha irmã. Eu digo à minha irmã: Oh Marta, calça-te! E a Marta diz mas tu não mandas em mim. E o meu pai uma vez ouviu porque estava na casa de banho, e disse, então se a Catarina não pode mandar, mando eu! Marta, calça-te.</p> <p>E – Hum.</p> <p>Cat – Então, ela agora tem de se começar a habituar que vamos estar dias sozinhas e se ela andar descalça vou ter de ser eu a mandar.</p> <p>E – e então essa responsabilidade, é uma responsabilidade que tu também tens? Não é uma responsabilidade que seja só do pai e da mãe, também é tua?</p> <p>Cat – a Marta pode dizer, por seres mais velha não tens de mandar em mim, mas eu sou mais velha. E os mais velhos devem sempre mandar nos mais novos, porque o meu pai e a minha mãe são mais velhos que eu e a Marta e se eu e a Marta diz que os mais velhos não devem mandar nos mais, o meu e a minha mãe não devem mandar em mim!</p> <p>E – e porque é que tu achas que acontece... o que tu estás a dizer faz sentido. Porque é que achas que acontece, normalmente serem os mais velhos que “mandam” e têm responsabilidade sobre os mais novos?</p> <p>Cat – é porque os mais velhos aprendem as coisas mais rápido, e normalmente são os mais velhos que têm maiores responsabilidades. Porque por exemplo, a minha irmã aqui na escola aprende a respeitar-me, de vez em quando respeita-me. Mas, há outros dias, que ela não me respeita. E eu acho que os mais novos devem sempre respeitar os mais velhos, porque há um sentido que é, os mais velhos aprendem sempre as coisas mais rápido que os mais novos. Por exemplo, uma mãe tem de educar o bebe. Porque o bebé nasceu depois da mãe. E a mãe aprendeu as</p>	<p>C5</p> <p>A1, B1, C1, C2, C3</p> <p>C2, C3</p>
--	---

<p>coisas todas antes que o filho. É por isso que eu acho que os mais velhos devem mandar nos mais novos porque os mais velhos aprendem umas coisas mais rápido, primeiro do que os mais novos.</p> <p>E – então tu achas, C. que os mais velhos, por exemplo, os adultos, são pessoas que sabem muitas coisas?</p> <p>Cat – eu acho que os mais velhos são... por exemplo, a minha avó não se lembra de muita coisa, mas a minha avó manda. Manda ainda no meu pai. É mais velha. É por isso que algumas pessoas podem dizer que os filhos são adultos, mas o pai e a mãe ainda são mais velhos que os filhos. Só se os pais, aconteceu alguma coisa maluca e diminuíram a idade. Só se aconteceu.</p> <p>E – olha, e que coisas é que tu achas que as crianças sabem e que os adultos não sabem?</p> <p>Cat – coisas que os adultos não sabem? Eu vou fazer em comparação com a minha avó. Por exemplo, eu sei fazer mais contas. A minha avó só se lembra de fazer coisas de somar, a matemática. Portanto, acho que os adultos, com as crianças, nesta época, porque antigamente, o professor já me explicou que é antigamente os avós e os bisavós aprendiam muito pouco e estudavam só até à 4ª classe. E só passava para o ciclo quem tinha mais dinheiro. Quem não tinha ia logo trabalhar! E acho que a minha avó foi uma dessas. Passou na 4ª classe e não passou para o liceu. E também, eu acho que era melhor eu, mas eu acho que as crianças, que algumas crianças devem ter trabalho de professores, porque, por acaso, as crianças podem aprender umas coisas, mas a tarefa de fazer de professor podem-se esquecer, mas podem puxar muito pela cabeça e podem ficar a saber aquilo tudo.</p> <p>E – hum, então tu achas que há algumas coisas que as crianças sabem e são capazes de fazer, mas por alguma razão os adultos acham que elas não são capazes?</p> <p>Cat – Acho. A minha mãe diz... hã a minha mãe traz um saco mais ou menos cheio de compras e eu sou capaz de... posso só levantar um bocadinho, mas eu sou capaz de o levar até casa. É só do Pingo Doce para o carro, não custa nada. E depois, a minha mãe vai levar o carrinho e quando chegamos a casa a minha mãe leva tudo ao elevador e vai até ao terceiro andar. De vez em quando sou eu quem vai sozinha. E posso ser eu quem leva. por exemplo, a minha mãe quando vai agora ao Pingo Doce e eu quero ir com a minha mãe, é a minha mãe que costuma trazer as compras.</p> <p>E – Hum.</p> <p>Cat – mas eu acho que as crianças têm direito, por exemplo, então, a minha mãe vai trabalhar e lá sempre de um lado para o outro, ou tem de tirar sangue aos bebés. E aqui também não há ninguém que faça mal. Lá no hospital é que podem, os bebés, porque são um bocado brutos, quando somos bebés somos sempre um bocado brutos, podem ficar a sangrar. Como a Alexandra, tem uma irmã e acontece-lhe isso, já lhe aconteceu a irmã puxar-lhe um brinco.</p> <p>E – gostavas de usar brincos compridos?</p> <p>Cat – eu gostava de usar e de trazer para a escola, só que a minha mãe diz que não posso levar porque é um bocado perigoso. E eu digo: é perigoso em quê? Eu digo para mim, é perigoso em quê? Não há ninguém que me</p>	<p>C3</p> <p>A1, C1, C2</p> <p>B3</p>
--	---------------------------------------

<p>faça mal lá. Se houver alguém que me faça mal eu posso fugir.</p> <p>E – Olha, e tenho estado a pensar, por termos estado a falar muitas vezes da escola e sobre aquilo que vocês fazem na escola, falamos sobre as assembleias de turma, hã, que tipo de decisões é que tu tomas, por exemplo, aqui na escola, que tu achas que são decisões importantes e decisões que tu achas que és capaz de tomar?</p> <p>Cat – [silêncio]. Algumas vezes a minha mãe chateia-se comigo e eu de vez em quando não compreendo porque é que a minha mãe se chateia. E eu digo para mim, algumas vezes eu decido mas não faço. Algumas vezes eu tomo umas decisões malucas e eu de vez em quando digo que era melhor eu nunca ter nascido porque não levava tantas chatices como levo agora. Porque todas as crianças chegam a uma idade em que são adolescentes.</p> <p>E – hum.</p> <p>Cat – e a partir daí pensam que são eles que tomam as decisões. Não são o pai nem a mãe, somos nós que tomamos as decisões. E podemos pensar em sair de casa, e eu sou pequeno e penso quando tomo uma decisão maluca que era sair de casa.</p> <p>E – e tu podes sair de casa sozinha?</p> <p>Cat – por exemplo, eu quando é, por exemplo, uma vez o meu pai deixou a porta aberta e eu disse vou fugir. Mas eu, a minha mãe diz que eu devia ir a uma psicóloga de crianças e uma pediatra para fazer consulta, mas também apoiam, porque eu normalmente sonho com ladrões.</p> <p>[A Cat. relata assuntos familiares e demasiado pessoais, que decidi não transcrever, por razões de intimidade da criança].</p> <p>E – olha e quando pensas na escola, e nos teus amigos, falaste há bocadinho da M., que tipo de decisões é que vocês tomam aqui na escola?</p> <p>Cat – que tipo de decisões é que eu tomo cá na escola?</p> <p>E – De coisas que tu achas que são importantes para ti? Como criança, como estavas a dizer? Que assuntos é que são importantes para ti e que tipo de decisões é que são essas?</p> <p>Cat – eu com as minhas amigas, de vez em quando, há certas coisas que eu acho que elas dizem e eu digo, olha que eu acho que não deve ser assim. Mas elas reclamam comigo, porque eu digo: mas fui eu que decidi a brincadeira, sou eu quem sabe os pormenores.</p> <p>E – quando estás a brincar no recreio?</p> <p>Cat – Sim. Portanto, as minhas amigas dizem, mas tu não mandas em nós!</p> <p>E – e essa decisão, tu achas que só te cabe a ti? É isso? Queres pôr aí as brincadeiras no recreio?</p> <p>Cat – sim, e depois nós decidimos ficar todas inimigas e depois no dia seguinte, resolve-se tudo, como a minha amiga A. e a minha amiga A.</p> <p>E – Olha, e que coisas é que tu achas importante, aquelas coisas em que tu pensas quando estás a tomar uma decisão? Que coisas é que é preciso saber para se tomar uma decisão?</p> <p>Cat – As coisas que eu devo saber?</p> <p>E – Hum.</p> <p>Cat – para se tomar uma decisão temos de ter sempre algum passo para se tomar. Por exemplo, tem de haver sempre ou uma pergunta ou uma resposta. Por exemplo, a minha mãe pode-me dar uma decisão que é, quer dizer, o meu pai. O meu pai pode-me dizer ah mas tu sabes que tens de ir</p>	<p>B3, C1, C2</p> <p>C1</p> <p>B3, C4</p> <p>C5</p>
--	---

<p>ao médico. E eu, essa é uma resposta. É mais tipo um comentário, e eu tenho de. E isso é um tipo de decisão. De vez em quando sou eu quem decide se vou ao médico ou não. Mas não sou eu quem toma. É o meu pai ou a minha mãe.</p> <p>E – Hum, hum. Portanto, tu achas que há algumas alturas em que te perguntam coisas mas que depois, não és tu que decides?</p> <p>Cat – há muitas coisas, por exemplo, há muitas coisas que não sou eu a tomar muitas decisões, quer dizer, não sou eu a tomar essas decisões. [relato de situações familiares que decidimos não transcrever, garantindo a confidencialidade da criança]</p> <p>E – Olha, e voltando às brincadeiras do recreio, queres colocar aqui? No recreio, quem é que toma essas decisões? Tavas a falar das brincadeiras no recreio da escola, lembras-te?</p> <p>Cat – sim.</p> <p>E – e dizias que normalmente costumavas tomar a decisão sobre o tipo de brincadeira que se vai fazer e disseste que quem deve decidir é quem sabe mais sobre essa brincadeira.</p> <p>Cat – posso escrever com esta?</p>	<p>C2</p>
<p>E – podes.</p> <p>Cat – decidir brincadeiras. Eu posso meter umas pessoas, não posso?</p> <p>E – podes. Todas aquelas que tu achares que fazem sentido.</p> <p>Cat - A M. Sou eu e a M. Nós tomamos essas decisões. Nós por exemplo, temos, há dias, quando nós estamos no intervalo, a M. diz, ah vamos brincar a esta brincadeira. E outras vezes sou eu, a T., a A., a R., e nós todas tomamos decisões. Somos todas amigas e uns dias são umas, outros somos todas, nós todas tomamos decisões que de vez em quando. Eu houve uma vez, e isto não é decisão, quer dizer, é mais ou menos decisão. Eu um dia fui, estávamos na reunião de pais, e eram os pais e os diretores aqui da escola? Que faziam parte da construção desta escola. E foram falar com os pais sobre a escola nova. E a escola nova vai ser, acho que a Diretora também deve ser a Professora V., acho que ela também faz parte. E então, hã, nós nesse dia, eu por acaso vi um gato e fui quem decidi se íamos ver o gato ou não. E fomos!</p> <p>E – Olha, e mas na escola, no recreio, por exemplo na sala de aula? E de coisas sobre o trabalho que tens de fazer na escola, normalmente quem é que toma essas decisões?</p>	<p>A3, B3</p>
<p>Cat – Decisões? Eu punha tarefaira do grupo, que sou eu. E eu sou a única tarefaira, mas decisões com dúvidas acho que são mais os tarefairos. Porque os tarefairos não só ajudam como também sabem dar decisões. Por exemplo, os aspirantes e os capitães, ou os outros tarefairos podem ter dúvidas. Podem estar a acertar nas coisas, nas respostas, no trabalho. Por exemplo, isto é um trabalho e eu tenho aqui coisas. Tenho várias coisas de língua portuguesa. Respostas, eles podem pôr uma resposta incorreta mas a resposta pode estar certa. A resposta está certa mas eu não compreendo porque é que tem de ser assim. E eles têm de dizer porque é que tem de ser aquela resposta. Têm de, por exemplo, quando eu faço uma resposta, tenho que pôr partes da pergunta, porque, como é que eu hei-de dizer? Fica mais completo e explica melhor.</p> <p>E – olha, e as assembleias? Tu achas que as assembleias são um momento em que há tomadas de decisão, da vossa parte?</p>	<p>C4</p> <p>A2, B3</p> <p>A2, B3</p>

<p>Cat – eu acho que as assembleias de turma são muito boas para todos nós, porque o professor pode não conseguir tomar uma decisão e somos mesmo nós todos que tomamos essa decisão.</p>	C1, C4, C5
<p>E – hum, hum. Cat – hã, portanto, eu acho que as assembleias de turma são espetaculares, porque nós todos, assim, podemos dar a nossa opinião. A todos os pormenores. Por exemplo, eu digo, oh professor eu quero mudar de casa. E é um bocado longe da escola, e o professor não conseguiu responder. A minha turma, como são 24, vão-nos conseguir dizer o que e que é melhor fazer. De certeza que eles vão conseguir, são 24! São 24 cérebros a trabalhar. O professor é só um. Pode ser maior e ter mais anos, mas as crianças são... todos nós, somos 24. E – e tu achas importante que haja um sítio onde as tuas opiniões podem ser ouvidas e onde vocês podem tomar decisões? E sem ser na escola, em que outros sítios é que tu gostavas que houvesse essa possibilidade de seres ouvida e em que pudesses dar opinião nas coisas em que achas que tens os tais conhecimentos de que falavas há bocado, e que eras capaz de dar essa opinião?</p>	
<p>Cat – acho que às vezes há umas decisões que eu não sou capaz de dar, mesmo em casa. O meu pai e a minha mãe podem ter decisões e podem estar a falar sobre uma coisa, e eu posso ter decisões sobre o que é que perguntaram, à minha mãe ou ao meu pai.</p>	C2
<p>E – Hum, hum. Cat – infelizmente eu não tenho oportunidade de falar. E – Olha, e fora de casa? Quem é que tu achas que são as pessoas que tomam decisões sobre as crianças, sobre o que as crianças devem fazer? Quem é que tu achas que são essas pessoas? Sem ser o professor, ou o pai e a mãe?</p>	
<p>Cat – a avó, a M. e a minha irmã. E – e outras pessoas que não estejam aqui e que decidem coisas sobre o que as crianças podem fazer e não podem fazer?</p>	C3
<p>Cat – eu tenho as minhas duas avós que dão-me sempre opiniões. Posso pôr as decisões sobre a roupa?</p>	
<p>E – podes, acho que sim.</p>	A1, C1
<p>Cat – decidir as roupas. E – decidir as roupas.</p>	
<p>Cat – costume ser eu, eu também escolho as minhas roupas, a minha mãe, a minha irmã não, a minha avó e a M. também não. São três pessoas que me costumam ajudar.</p>	
<p>E – olha e os trabalhos de casa por exemplo? Na última conversa que tivemos vocês falaram dos trabalhos de casa. Do tempo que vocês usam para fazer os trabalhos de casa, quem é que costuma decidir os trabalhos de casa?</p>	
<p>Cat – Se eu faço ou não faço? Hã, há uns dias que sou eu que decido ou não, mas há outros dias que o meu pai e a minha mãe “obrigam-me” a fazer. Tomam a decisão de eu fazer. Porque senão, eu noutra dia gozei com o meu pai e com a minha mãe, porque a minha mãe disse para eu fazer os trabalhos de casa mas eu não fiz. Passei a noite de domingo quase toda, as horas que eu tinha para dormir, passei a maior parte dessas horas, a fazer os trabalhos de casa. Passei a fazer... acho que era matemática.</p>	

<p>Sim, era matemática e ainda tinha um texto e não tive tempo de passar para o caderno. Eu faço sempre num bloco de notas. A minha mãe disse-me percebes do bloquinho de notas? E eu disse, percebo. Então deixa ficar lá porque já não tens tempo de copiar para o caderno. E eu fiquei toda preocupada, porque eu pensava que o professor ia pedir para mostrar o texto. E o professor disse, mas isto não é o teu caderno! E eu disse, pois não. Claro que fico assustada, porque por acaso não é que eu seja assim. Eu tive sexta, sábado e domingo a fazer os trabalhos de casa e nunca me interessei. A minha mãe disse que não faz mal, que fazia à noite, mas a minha mãe não veio à noite veio a tarde. E eu disse só espero que seja a Z., que é a nossa empregada lá de casa e que costuma ir lá de vez em quando. E eu cheguei e era a minha mãe. A minha mãe disse: Oh C., já fizeste os trabalhos de casa? E eu disse, não. E a minha mãe disse, agora vais fazer, mas eu não fiz. Só fiz à noite, depois do jantar.</p> <p>E – olha e nos trabalhos de casa, o professor? Também toma esse tipo de decisão?</p> <p>Cat – de quê?</p> <p>E – de fazer os trabalhos de casa? Também é uma decisão do professor ou achas que é só tua?</p> <p>Cat – ah sim, porque o professor também quer que se faça os trabalhos de casa. Há umas decisões que o professor toma que é por exemplo, a A. e MP, tiveram ontem a trabalhar até às tantas e não tiveram tempo de passar o trabalho de casa. E então a A. e a MP. tiveram de fazer o trabalho de casa em casa. Mas se o professor quisesse dizia, ah vocês estiveram a trabalhar até às tantas, não levam trabalho de casa. O professor toma essas...</p> <p>E – e tu achas que tinha sido mais justo se o professor tivesse dito que não, neste caso? Então, vamos pôr aqui fazer os trabalhos de casa?</p> <p>Cat – decidir fazer os trabalhos de casa.</p> <p>E – olha, e em relação a outros assuntos da tua vida, da escola, que não sejam os da sala ou de fazer os trabalhos de casa, ou as assembleias. Em que outras decisões sobre a escola é que tu participas?</p> <p>Cat – [silêncio]. Hã...</p> <p>E – olha, e há algum tipo de decisão hã, em algum aspeto da tua vida...</p> <p>Cat – [a minha irmã também decide algumas roupas]</p> <p>E – que tu gostavas mesmo de tomar também, mas que não podes?</p> <p>Cat – como por exemplo?</p> <p>E – hum, não sei estava a pensar... a ver se tu te lembras de alguma?</p> <p>Cat – assim, decisões que eu não possa tomar? Nesta idade pequena?</p> <p>E – Sim, nesta idade pequena.</p> <p>Cat – hã, sair de casa. Decidir sair de casa. E eu não posso decidir. É o meu pai e a minha mãe que podem decidir.</p> <p>E – mais coisas?</p> <p>Cat – de vez em quando sou eu, se posso ir ao parque ou não. Às vezes é o meu pai, às vezes a minha mãe. Outras é a minha avó.</p> <p>E – olha, e decidires coisas, por exemplo, sobre a cidade? Sobre, imagina que há qualquer coisa na cidade que gostavas que existisse, por exemplo, para crianças?</p> <p>Cat – crianças? Há algumas coisas na cidade que acho que deviam ter mais. Quer dizer, não é aqui na cidade, é no mundo. As crianças em</p>	<p>A1, A2, B1, B3</p> <p>A4 C1, C2</p>
---	--

<p>África não têm quase dinheiro nenhum. Eu acho que as mães e os pais, quer dizer, que as pessoas deviam fazer escolas para essas crianças. Porque lá pode não haver escolas.</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>Cat – então o que é que fazemos? O melhor era mandar dinheiro.</p> <p>E – e a quem é que tu pedias?</p> <p>Cat – a quem é que eu pedia?</p> <p>E – quem é que tem dinheiro para mandar construir as escolas?</p> <p>Cat – há uma coisa nos ecopontos verdes, que é cada garrafa de vidro que nós metemos no ecoponto verde, tá a produzir 1 euro para construir escolas. E eu acho que esse dinheiro podia ser para construir tanto escolas cá como noutros países.</p> <p>E – olha, e quem é que costuma tomar essas decisões?</p> <p>Cat – como por exemplo?</p> <p>E – Essa que tu dizes. Fazer a campanha do ecoponto, de construir escolas, de dar dinheiro. Quem é que costuma tomar?</p> <p>Cat – decidir coisas sobre o mundo. Então, posso decidir eu, o meu pai, a minha mãe, a minha irmã, a minha avó...</p> <p>E – o professor? Achas que também podia decidir coisas sobre o mundo?</p> <p>Olha Catarina, e para finalizarmos, essas decisões de coisas sobre o mundo...</p> <p>C at– eu acho que o professor pode não ter tantas decisões sobre o mundo, mas dá, porque por exemplo, não deitar lixo para o chão, ainda melhor. Não tem nada a ver, mas por exemplo, um cigarro.. mesmo com o vento, não se deve meter tanto lixo no chão, porque o vento dá um muito forte. Atrás da escola, anda muito lixo no chão.</p> <p>E – olha, e ao decidir estas coisas todas sobre o mundo, como estavas a dizer... tu achas que as crianças sabem coisas que era importante que os adultos ouvissem?</p> <p>Cat – coisas que os adultos também devem saber?</p> <p>E – sim, estas coisas sobre o mundo como tu disseste. Achas que as crianças sabem coisas importantes?</p> <p>Cat – acho. Muita coisa. Porque o meu pai e a minha mãe podem dizer que eu posso ir para a rua sozinha, mas eu acho que não posso. Porque andam muitos criminosos pela rua inteira.</p> <p>E – e mais coisas de que te consigas lembrar? Esta tudo.</p> <p>Cat – Está</p> <p>[o professor entra na sala para chamar a Cat. para ir para o ensaio].</p>	<p>A1</p> <p>C3</p>
--	---------------------

Transcrição “Quem decide?”. QD3

Turma do 3º ano – Alex.

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, quem toma determinadas decisões nas suas vidas cotidianas, como toma e que participação é possível às crianças nessas mesmas decisões. Prevendo-se que as crianças possam ter algum tipo de dificuldades nessa mesma concepção, poderão apresentar-se exemplos de decisões às crianças, de modo a que possam desenvolver outras a partir do exemplo. A atividade deverá ser gravada, de modo a que possa acompanhar-se o modo com as crianças conceptualizam a sua própria participação e o modo como gostariam ou não de ser envolvidas nessas mesmas atividades.

Duração aproximada: 45 minutos.

Início da atividade. Explicação do que iríamos fazer.

<p>E – lembras-te das atividades que temos feito? A última foi a entrevista de grupo, que estivemos a falar das assembleias?</p> <p>Alex – sim.</p> <p>E – vocês disseram muitas coisas importantes sobre as decisões, lembras-te? Sobre como tomamos as decisões?</p> <p>Alex – e como é que nós queremos trabalhar.</p> <p>E – como é que as podem trabalhar e também, sobretudo, o que é que vocês sentem em relação a essas decisões que tomam? Então, ao pensar nessas coisas que vocês estiveram a dizer, eu lembrei-me que podíamos construir, e por isso é que é mais individual, pensarmos no tipo de decisões que acontecem no dia-a-dia, que te dizem respeito e têm a ver com a tua vida, com a escola, com a casa, com o tempo livre. Pensarmos nessas decisões e também pensarmos em quem é que tu achas que normalmente são responsáveis por essas decisões. E aquelas em que tu também participas, não é? Então vamos conversando e preenchendo a folha.</p> <p>Alex – uma eu consigo-me lembrar completamente de casa. Que é tomar conta da minha irmã, é a coisa que sou eu que tenho de fazer mais. Quando o meu pai está a trabalhar e a minha mãe a fazer o jantar eu tenho de tomar dela. A1, B1</p> <p>E – porque tu tens uma mana pequenina, não é? Já tinhas falado sobre isso. Então, queres escrever aqui, tomar conta da mana? Ou escrever de outra maneira, o que achares melhor.</p> <p>Alex – [preenche o quadro]</p> <p>E – normalmente quem é que toma essa decisão, de tomares conta da tua irmã?</p> <p>Alex – a minha mãe. O meu pai também me diz muitas vezes. A minha avó, principalmente, porque estamos numa loja e como há carros que passam, e ela como acorda, e eu estou lá com uma amiga minha nós temos sempre de ter muita atenção, e ver se ela vai para a rua. C2, C3</p> <p>E – A avó.</p> <p>Alex – Hã... eu própria. C1</p> <p>E – E tu própria. Podes pôr eu, se quiseres.</p> <p>Alex – E... bem...</p> <p>E – portanto, normalmente são estas pessoas, a mãe, o pai, a avó e tu?</p> <p>Alex – sim.</p> <p>E – que participam em diferentes decisões?</p> <p>Alex – hum...</p> <p>E – uma outra que tu te lembres?</p> <p>Alex – fazer os trabalhos de grupo. A2, A3. B3</p> <p>E – ajudar o grupo na escola?</p> <p>Alex – [escreve na folha]. Bem, quem toma mais essas decisões é o professor. B3, C4</p> <p>E – Então, podes pôr aqui, X. Pomos assim seguidinhos. O professor, muito bem.</p> <p>Alex – aqui...</p> <p>E – o professor, porque é o professor que decide o quê?</p> <p>Alex – porque decide o que temos de fazer, e às vezes o professor até diz, chama os alunos às vezes onde o professor está e diz, faz várias perguntas e se eles não perceberem, nós temos de explicar. Foi como hoje, o J. e M. não perceberam. O J. o primeiro exercício, e a Mar. não percebeu o outro. E</p>	<p>A1, B1</p> <p>C2, C3</p> <p>C1</p> <p>C1, C2, C3</p> <p>A2, A3, B3</p> <p>B3, C4</p>
---	---

então eles foram ao professor, e o professor disse para eu lhes explicar e o R explicou à Mar. e eu expliquei ao J.

E – Hum, hum.

Alex – e explicamos os exercícios, e perguntamos se eles perceberam. E eles, sim percebemos. E eu, então explica-me isto. E eles explicavam-me tudo e conseguiram perceber.

E – portanto, o professor decide quando é que no grupo, no grupo de trabalho da escola, tu deves ajudar. E quem mais? Mais alguém ou só o professor?

Alex – eu acho que é só o professor. Também, às vezes eu não consigo fazer muitas coisas e também já tive de mudar de grupo porque não fui eu, fui eu que tomei essa decisão, mas só que não fui só eu que tomei essa decisão. Também o marco me ajudou a tomar essa decisão e o professor, disse pra eu ir falar com o professor e dizer. Porque eu, eu estou lá fora, e então resolvo vários problemas. E eu tento-os resolver, mas se eu não os conseguia resolver antes, porque eu tinha o David, e toda a gente me dizia assim, h A. olha o David, oh A, olha aquilo, e então eu não conseguia fazer tudo ao mesmo tempo. E então eu tomei essa decisão como Marco, e ele disse para eu ir dizer ao professor e então eu troquei de grupo. Agora, estou satisfeita com o grupo em que estou, porque trabalham muito bem, hã, dúvidas têm tido mas conseguem-me explicar tudo direito. Por isso...

E – então isso quer dizer que há algumas decisões que tu tens de tomar...

Alex – Sim...

E – hum, nas quais também tens dúvidas, não é?

Alex – Sim.

E – e quando tu tens dúvidas numa dessas decisões podes, normalmente...

Alex – hum, os capitães de turma quando o professor não está, ou então o professor.

E – que são quem te ajuda a pensar melhor. Achas que devíamos pôr aqui essa decisão, de mudar de grupo?

Alex – acho que sim, porque eu não conseguia fazer tudo ao mesmo tempo, porque eu não tenho cinco cabeças ou mais. Eu só tenho uma, por isso! Eu tenho de fazer uma coisa de cada vez. O david também podia esperar. Tínhamos chegado agora do recreio e ele podia esperar. Eu sei que ele não percebe muito bem o que nós lhe dizemos, e, hã, as coisas que estão lá escritas, nos livros, e eu sei que tenho de lhes dar, mas tem de ser uma coisa de cada vez.

E – Então, nesse caso, sentiste, ou alguma vez sentiste noutra situação, que estavas a ter responsabilidade a mais?

Alex – eu ter responsabilidade a mais não me importo. Mas, desde que consiga fazer uma coisa de cada vez, eu por mim estou bem!

E – Sentes-te capaz de responder a essas questões?

Alex – Sim.

E – então queres colocar, mudar de grupo? Vamos ver quem participa nessa decisão.

A – [preenche a folha].

E – nesse caso, tinhas tido que tinhas sido tu, e depois recorreste à ajuda do marco.

Alex – do marco.

E – do Marco, que te ajudou a tomar esta decisão.

Alex – às vezes o professor também diz, hã, tu não estás a conseguir fazer bem isto, por isso muda. Por isso, eu acho que o professor também. Agora, hã, às vezes,

E – olha, por exemplo, tu contaste-me naquela atividade que fizemos do tempo, lembraste? Que estávamos a ver como distribuíamos o tempo durante a semana, durante o fim de semana? Tinhas dito que fazias natação, não foi?

Alex – Sim.

E – que é uma coisa que tu gostas muito?

Alex – Pois, mas nestes dias eu não tenho ido à natação, porque eu tive uma otite..

E – ai, isso dói tanto...

Alex – Pois dói! E então eu tenho o tímpano furado, o direito. E então não pude ir umas semanas à piscina, porque não podia apanhar água. E então um dia começou-me a doer tanto, tanto, tanto que eu fui para casa do meu avô e da minha avó, e então depois ligaram ao meu pai, e o meu pai veio-me buscar. E então tivemos de ir ao hospital, daqui, mas fomos lá, mas tinha o ouvido muito mal, e até uma coisa inesperada que eu quando me disseram eu fiquei assustadíssima, porque eu comecei a sangrar do ouvido, e eu fiquei!

E – assustou-te?

Alex – Assustei-me! Fiquei, tipo, posso-me aleijar. Posso ficar doente. E faltar às aulas! E eu, quando estou nas aulas, eu adoro! O professor ajuda-nos a fazer muitas coisas, dá-nos muitas aulas e todas as aulas são muito divertidas. É por isso que eu nunca gostei de ficar doente. Porque gosto muito das aulas do professor, mas o professor às vezes também nos diz que se nós ficarmos doentes não faz mal, porque mais vale nós ficarmos doentes nesta fase do que quando formos para, para, nos próximos anos. Porque podemos ter uma falta que faz mal e podemos reprovar.

E – hum.

Alex – é por isso que o professor diz-nos sempre que devemos faltar nestes anos em que estamos nesta escola, porque senão podia, podemos reprovar noutras aulas. E o professor não quer que nós, o professor não quer que nós reprovemos. **A2, B3, C4**

E – Claro.

Alex – Porque o professor gosta muito de nós, como nós sabemos todos e estamos sempre com o professor, e o professor ajuda-nos a tomar algumas decisões também, e muitas coisas. **C4**

E – hum, hum. Confias no professor, normalmente, quando tens alguma dúvida numa decisão?

A – sim.

E – achas que o professor é uma pessoa importante para te ajudar a decidir?

A – sim, também quando... bem, quando tenho algumas dúvidas e tudo pergunto ao professor. Mas quando o professor diz que está, hum, como é que eu hei-de dizer? Está atarefado, nós, eu tento ajudar-me a mim própria sozinha e ver se consigo descobrir. Mas quando não consigo descobrir, para não ter, incomodar o professor, até às vezes vou para outros grupos e tento fazer o máximo que posso para lhes pedir ajuda e para eles me explicarem. E eu acho que é bom, o que o professor nos diz, porque aprendemos rápido, e as explicações temos de estar muito bem, muito atentos. Porque se não

estivermos muito atentos, não percebemos o que o professor nos explica. E ao não percebermos, o professor também pode perceber que, o professor também acha que não percebemos e que, volta-nos a explicar. Mas quando, eu acho que o professor às vezes quando ninguém percebe mesmo, mesmo, eu acho que o professor às vezes também tem, também não consegue explicar tudo muitas vezes, e não sei se isso é verdade ou senão, mas acho que sim, e o professor então pede ajuda aos tarefeiros ou a alguém e nós tentamos ajudar. Porque eu gosto muito de estar aqui nas aulas, aprendo muito rápido, e depois já sei várias coisas e não reprovou. B3, C4

E – Muito bem, e então o que é que achas? Que podes pôr ali a natação? Mesmo agora?

Alex – Sim.

E – Na natação, quando começaste a natação, quem é que decidiu pela natação?

Alex – Foi o meu pai e a minha mãe, que eu tinha, hã, eu tinha, eu tenho um problema nos pés. Que nasci com os dedos tortos, um em cima do outro. E então, eu tive...

E – Queres saber um segredo? Eu também...

Alex – A sério?!

E – assim, olha, todos em cima dos outros, como estão os teus.

Alex – os meus não, os meus estão assim direitinhos e este está assim por cima do outro. É como eu, eu nasci com os dois mesmo assim.

E – Eu também!

Alex – este ficou direito porque fui operada por um médico mesmo bom, e este ficou na mesma, e então vou ficar, vou ser outra vez operada e espero bem que fique direito!

E – hum, hum. Então, foi o pai que propôs porque tinhas esse problema, a natação?

Alex – então, eu estive muitos meses sem poder ir à natação e eu gosto muito da água. Eu sempre que ia para a água estava-me sempre a divertir. E então o meu pai decidiu, se ela gosta tanto de fazer isto, pomos na natação. E então o meu pai decidiu pôr-me na natação mas pôs-me no infantário.

E – hum.

Alex – mas só que depois eu tive de tirar os tímpanos, e deixei de ir à piscina aí e inscrevi-me aqui. E então só não fui estas semanas porque tive uma otite. E então, agora, fui na semana passada ao médico, na quinta, e então a minha mãe disse que já estava tudo bem, que não tinha problemas nenhuns e que já podia ir para a piscina.

E – e já podias ir para a piscina. Muito bem! Então, vamos pôr ali a natação. E o pai, quando foi a escolha da natação, também escolheu porque sabia que era uma coisa que tu gostavas?

Alex – que eu adorava água! Sempre que tomava banho, até, levava as minhas bonecas e tudo e ficava ali a brincar até a minha mãe dizer Oh Alex não podes demorar senão pode-te fazer mal. E eu acabava de comer e tinha logo de ir tomar banho senão podia-me fazer mal.

E – fazia-te mal à digestão?

Alex – Pois. E eu gostava muito de estar ali, a brincar.

E – muito bem. Então vamos pôr aqui a cruzinha no pai.

Alex – Sim, no pai. Na mãe, e sim eu acho que fui.

E – Olha, e houve alguma vez outra coisa que tu gostasses de fazer, sem ser

a natação, e que tivesses pedido aos pais?

Alex – o, o meu pai e a minha mãe acham que eu devia ir para o teatro, mas eu gosto mais da dança. E, no fundo, se eu acabar este ano a saber nadar provavelmente vou para o teatro, para a dança... que eu gosto.

E – mas o que tu preferias era a dança não é?

Alex – É.

E - e mais? Outras coisas que tu te lembres? Por exemplo, coisas em relação, olha, por exemplo, hã, vou dar um exemplo só para te ajudar a pensar. Quem é que decide sobre a maneira como tu ocupas o teu tempo livre?

Alex – quem decide? Eu quando, bem quando estou aqui na escola, às vezes fico um bocadinho distraída e não acabo as coisas rápido. Mas consigo acabar algumas coisas. Mas quando não tenho nada para fazer, simplesmente fico à espera que alguém do meu grupo precise de ajuda, ou então vou explicando as coisas, e o que eu faço aqui na escola no meu tempo livre? E também quando estou fora da escola, ou no tempo livre, ou quando, leio um livro, ou então, hã, faço, brinco a qualquer coisa. E também, quando estou na minha avó, eu e uma amiga minha, estou sempre a brincar com a minha irmã, e então divertimo-nos todas. C1, C5

E – hum, hum. Então, grande parte desse tempo livre, és tu quem pode escolher as coisas que podes fazer e que gostas de fazer?

Alex – sim.

E – então queres pôr ali? Tempo livre? E já houve alguma vez, alguma situação, em que houvesse alguma coisa que querias muito fazer no tempo livre e mas que, por exemplo, os pais, disseram que não?

Alex – hum, não.

E – Não.

Alex – Provavelmente faço e se os meus pais não me deixarem eu, pronto, digo, ok, se vocês dizem que não é não, e faço outra coisa qualquer.

E – hum, hum. Decides fazer outra coisa?

Alex – Sim.

E – então vamos pôr aqui, o tempo livre és tu...

Alex – às vezes a minha avó diz assim, olha faz aquilo, e então eu tenho de fazer...e o meu pai e a minha mãe. Ou então o professor, quando estou, quando não tenho C1, C2, C3

E – quando é tempo livre mas dentro da escola, não é?

Alex – quando não fazem nada, e o professor diz, oh Alex e eu digo, professor não tenho nada para fazer e o meu grupo ainda não tem dúvidas, por isso, estou à espera que alguém tenha.

E – hum, hum.

Alex – e o professor diz assim, ah mas então dizias-me. Eu tá bem, professor, e o professor manda-me fazer qualquer coisa.

E – sim também podes pôr o professor. Mais coisas que te lembres, Xana? Coisas que são importantes para ti ou, por exemplo, coisas que são sempre os adultos a decidir e que tu gostarias de decidir também?

Alex – hã, a minha roupa! Isso é o que eu gosto mais! A1, B1, C1

E – A tua roupa.

Alex – o que eu gosto mais é de ser eu a decidir o que eu quero vestir.

E – gostas muito de decidir a roupa que vais trazer?

Alex – É.

Alex – mas a minha mãe diz, oh Alex tu ainda não tens muito, não consegues fazer isso muito bem. E eu, oh mãe consigo, consigo! Mas, às vezes eu até escolho e a minha mãe, oh Alex tás maluquinha! Porque eu ponho manga curta. E a minha mãe, oh Alex, estás maluquinha? Já viste o frio que está? Hoje até me mandou com manga comprida. Tive de pôr este por baixo...

E – Porque senão ias ter muito calor?

Alex – foi como ontem. Fui ao médico e estive cheia de calor!

E – mas tu achas que és capaz de decidir as coisas que podes vestir, não é?

Alex – Sim! A minha mãe diz que eu tenho muito jeito para decidir cores, por isso. Eu consigo.

E – então, queres pôr aqui? Decidir o que vestir?

Alex – [escreve na folha]

E – portanto, a maioria das vezes, tu sabes o que é que queres vestir, achas que é adequado, mas tens poucas possibilidades de decidir isso?

Alex – sim mas consigo, e outras vezes é a minha avó quando durmo em casa dela. C1, C3

E – mais coisas? Lembraste-te agora do vestir. Outras coisas?

Alex – bem, outras coisas?

E – Coisas que tu aches importantes? Podem ser para ti ou podem ser para as crianças?

Alex – Ok, gosto muito de brincar com a minha irmã.

E – Gostas muito de brincar com a tua irmã?

Alex – é muito bom porque estou com ela e aproveito o tempo, porque estou aqui muito tempo na escola e não vou estar muito tempo com ela. Até porque para o ano eu vou para outra escola e ela vai entrar nesta no infantário, e aposto que não vou estar muito tempo com ela. Provavelmente, eu acho que ela sairá às 17 mas eu só vou às 18h. Por isso, a parte do tempo que eu estou com ela é de manhã, mas muito pouquinho porque eu tenho de acordar muito cedo, para ir para o infantário, ou então a maior parte que estou com ela, é quando vou para a minha avó. Mas muito pouco tempo, porque chego por volta das 18h e a minha avó chega às 19h20... às vezes até chega mais ou menos às 19h e eu fico e tenho pouquinho tempo para estar com ela. Por isso, gosto muito de estar com ela, apesar de ser muito violento, às vezes [riso]. Bem, é só às vezes. Eu compreendo que ela é pequena e então, eu compreendo-a muito bem. A1, B1, C1, C3

E – então, queres pôr aqui? Brincar com a tua irmã? Uma coisa importante para ti?

Alex – [escreve na folha]. Bem eu gosto muito de brincar com ela, agora principalmente que estou quase o dia todo com ela, o meu pai também e a minha mãe também.

E – olha e estava aqui a pensar numa coisa que estavas a falar há bocadinho, por falar na escola e no professor, em relação, há, a espaços da escola ou assuntos da escola que tu gostasses de falar, que gostasses de decidir?

A – Bem eu faço muita coisa que consigo decidir...

E – Hum. Queres dar exemplos dessas coisas que consegues decidir?

Alex – Bem, consigo decidir o que é que eu tenho de fazer... se tenho uma dúvida, eu tento “Oh Alex, tu consegues, tu consegues fazer isto”. Eu tento, tento e passado muito tempo, ao fim de tentar tantas vezes, eu consigo e

faço.

E – Hum, hum. E na escola, sem ser na sala de aula? Na escola?

Alex – Bem, quando tenho decisões, mais ou menos no recreio. Tenho muitas decisões

E – No recreio? O recreio é um espaço importante para tomar decisões?

A – Pois, porque muitos dos meus amigos estão espalhados no recreio e o recreio é enorme. Porque isto é uma escola enorme, principalmente um recreio enorme. E então eu tento dizer “oh Alex com quem é que tu vais brincar?”. Mas a maior parte, agora, onde eu estou mesmo mais é com os rapazes. A maior parte estou lá, gosto de estar lá. **A3, B3, C1, C5**

E – E as decisões que tu tomas no recreio são decisões sobre quê? Sobre brincadeiras? Sobre que coisas é que tu decides?

Alex – Hã, bem, eu decido com quem brincar. Porque eu também gosto muito de brincar com os rapazes e também com as minhas amigas. Por isso são decisões difíceis que tenho de tomar para decidir se vou fazer isto ou se vou fazer aquilo. **A3, C1, C5**

E – Porque é que tu achas que essas decisões são difíceis?

Alex – Porque, porque as pessoas são muito minhas amigas e eu quero brincar com todos, mas como são tantas pessoas, tantas pessoas, eu não posso brincar com todas ao mesmo tempo, por isso tenho de decidir. Mas, a maior parte da nossa turma, são menos, alguns, estão atrás da escola. Os rapazes estão sempre lá, as minhas amigas também. Pronto, alguns rapazes não mas outros sim.

E – Então e como é que tu acabas por decidir? Como é que tomas essas decisões?

Alex – Bem decido. Como é que eu hei-de decidir? Tenho de dizer, pronto, se eu consigo fazer isto tenho de decidir. E então eu decido com qual eu vou brincar. Se os rapazes estão assim muito entretidos e vejo que eles estão bem, pronto, deixo-os estar e vou brincar com as minhas amigas. Quando elas estão ali a brincar e eu não quero andar nessas brincadeiras, vou ter com os rapazes claro.

E – hum.

Alex – e fico ali, às vezes, a ver os jogos de futebol, e às vezes brinco com eles.

E – Olha, e alguma vez te apeteceu não decidir?

Alex – Sim, uma vez não consegui decidir. E então disse “Oh Alex, tu não tens cabeça para decidir”, e então eu não decidi e fiquei parada num sítio e disse como vais decidir? Porque eu vi que tavam, hã, hã, como é que eu hei-de explicar? Estavam tantos a divertir-se que eu não me queria intrometer lá dentro, e então deixei-os estar, só que depois como eu queria e não conseguia decidir, tive que ficar num sítio até, à espera que tocasse porque senão...

E – Quando tu tens de pensar, de tomar alguma decisão, quais são assim as coisas que tu pensas e que te ajudam para tomar essa decisão?

A – Hum...Eu tenho muitas decisões, mas também muitas pessoas me ajudam a tomá-las. Os meus amigos, ou os meus pais, os meus avós. Todos me ajudam a fazer isso. E então...

E – Portanto, tu achas que para ti, uma das maneiras de decidir é também teres ajuda de pessoas para tomares essa decisão?

Alex – Sim.

E – Então, queres pôr aqui as decisões do recreio? Já explicaste o que é que era.

Alex – Bem, decido eu. A3, B3, C1, C5

E – No recreio decides tu, não é? Olha e estava a pensar, outra vez ainda por causa da escola, e que já falamos quando falamos das assembleias, hã, nas assembleias tinhas dito que achavas que eram uma coisa muito importante.

Alex – Sim.

E – Porque podias dar a tua opinião, não foi?

Alex – Foi.

E – Quem é que toma decisões na assembleia?

Alex – Bem, quando nós temos assembleias o professor começa a explicar tudo e então nós temos as várias coisas que temos de dizer. E depois, temos de decidir uma coisa, e então, ao decidirmos uma coisa, temos de... temos de chegar a uma conclusão e dizer “bem, chegamos a esta conclusão, por isso, vamos fazer X”. Chegamos a essa conclusão para fazer aquilo. A2, B3, C1, C4, C5

E – hum.

A – temos de, chegamos sempre a conclusões, o que é que podemos fazer, mas às vezes também não, e continuamos ali, a tentar descobrir, hã, o que nós temos de fazer.

E – E aí, essa decisão então é tomada por ti...

Alex – e pelo resto da turma, e pelo professor. Então vamos pôr aqui, assembleia...

E – Assembleia

Alex – [escreve na folha]. Vou pôr aqui, colegas, e ... vou pôr aqui... C5

E – E faltas tu!

Alex – Ou então às vezes é o professor. C4

E – O professor também ajuda a decidir.

Alex – Pronto, já está!

E – Olha, e eu estava a pensar, por exemplo, em relação ao espaço exterior e ao espaço em que tu vives, hã. Alguma vez decidiste sobre alguma coisa, por exemplo, em relação à cidade? Ou a coisas que querem alterar na zona onde tu vives?

Alex – Bem, o que eu gosto mesmo, mesmo, mesmo, é de estar em aldeias. É lá que eu gosto de estar, porque consigo-me divertir e tenho muito espaço para me conseguir divertir. Mas na cidade, se eu ser mais ou menos dois ou três passos e os meus pais não reparem em mim ficam logo preocupados, mas numa aldeia, eu posso dar o espaço que eu quiser. Porque para a aldeia onde eu vou, é uma aldeia muito pequenina, e então eu ando lá à vontade, e faço muitas coisas. A4

E – Gostavas de poder decidir mais sobre a tua autonomia? Para andares?

Alex – Sim, gostava que houvesse menos carros, porque é muito perigoso os carros, por causa de, muitas pessoas podem ficar feridas, se não tomarem atenção, e principalmente quando eu tenho de tomar muitas atenções. Porque quando eu estou na minha avó, a minha amiga diz sempre, Alexandra, Alexandra, anda para aqui brincar, mas eu também tenho a responsabilidade de tomar conta da minha irmã, e então eu tenho de estar muito atenta, porque lá passam sempre carros, e então eu tenho de estar muito atenta. Por causa da minha irmã, senão...

E – Olha, e tu gostavas de poder dizer, às pessoas que são responsáveis por essas coisas que estás a dizer? Gostavas de poder dar a tua opinião? De mudar alguma coisa?

Alex – Eu gostava de... bem, a minha opinião é que gostava que houvesse tanto espaço aqui como nas aldeias, menos carros, hã, muitas coisas que eu gosto de fazer.. sei lá! Pronto. Tipo. Bem, uma coisa que eu gosto mesmo, mesmo, mesmo, é que se nós podíamos, hã. Em minha casa tenho lá um terraço e eu gostava muito, quando tá um calor daqueles mesmo calor, eu gostava muito de poder mesmo levar, mesmo uma piscina grande para lá, mas o meu pai diz-me que não. Porque não se pode, mas eu gostava que pudéssemos porque eu já falei...

E – Se tu pudesses decidir, decidias isso?

Alex – Decidia.

E – Olha, e em relação a essas coisas que estavas a dizer do espaço em que vives, quem é que tu achas que toma essas decisões? Sobre os carros, sobre os espaços que existem? Os espaços verdes? Quem é que toma essas decisões?

A – Hã... da minha família ninguém toma.

E – Então quem é que decide essas coisas?

Alex – quem manda nas coisas, por isso é o presidente.

E – É o presidente? Então queres pôr? Vamos arranjar aqui um espacinho e pôr aqui o espaço onde vives.

Alex – Hã, como é que escrevo? Onde vivo.

E – Onde vivo, acho bem. E esse presidente, estavas a dizer, era quem? O presidente do País?

Alex – Sim.

E – Hum. Olha, por exemplo, estou a pensar numa coisa, nos teus trabalhos de casa...

A – Hum...

E – quem é que toma as decisões sobre o teu trabalho de casa?

Alex – Trabalhos de casa, bem... mais ou menos, é o professor. De vez em quando pergunta, o que é que tu achas? Devemos fazer isto ou fazer isto? Porque às vezes o professor fica indeciso com outras pessoas, e então o professor pede-nos ajuda a nós, e nós ajudamos o professor.

E – Hum.

Alex – e o professor até nos pergunta.

E – hum, hum. Portanto, tu também tens alguma participação na decisão sobre os trabalhos de casa?

Alex – Sim. Então vou escrever aqui, trabalhos de casa. E então sou eu, professor, ou então os colegas.

E – Se houver decisões sobre isso, por exemplo, numa assembleia de turma?

Alex – Ok.

E – Olha, e em relação a esta figura de que falaste aqui, do presidente? Das pessoas que têm assim aqueles cargos, em que decidem muitas coisas? Que outras coisas é que tu achas que ele decide, em relação às crianças?

Alex – Hã, não me estou a lembrar de nenhuma...[silêncio]. Talvez que, os pais terem atenção com as crianças que podem se magoar em vários sítios.

E – Hum. Que ele decide as coisas que os pais devem fazer?

Alex – Sim, hã... Mais? Às vezes, como é que funciona isto, como é que

funciona aquilo. E isso.

E – Por isso, decide sobre o funcionamento de coisas no País?

Alex – Sim. Vou pôr aqui, funcionamento do País.

E – E das pessoas todas que estão aqui, por exemplo, alguém decide essas coisas?

Alex – Não.

E – Tu gostavas de decidir algumas dessas coisas? Consegues-te lembrar de alguma dessas coisas que tu gostavas de decidir?

A – Gostava...

E – Porque é que tu gostavas de ser chamada a decidir?

Alex – como é que várias coisas podiam funcionar, hã, se houvesse...se os trabalhos pudessem não ser tão grandes para as pessoas poderem ter descanso, para poderem estar em família. Trânsito, nada.

E – Sobre o trânsito?

Alex – Pois, porque o trânsito atrapalha as pessoas, por isso...

E – O que é que tu fazias se pudesses dar a tua opinião sobre como ajudar no problema do trânsito, o que é que tu dizias?

A – Dizia que houvesse menos carros. Que as pessoas que trabalham nos semáforos também tivessem atenção ao trânsito que há e fazerem várias coisas para que o trânsito não haja assim tanto.

E – Para que houvesse menos trânsito?

Alex – se chegarmos atrasados às vezes faz um bocadinho mal. Porque o professor não gosta, e então temos de chegar a horas.

E – Hum, hum. Que outras coisas que tu te lembres, assim de funcionamento, é que tu achas que gostavas de ter uma opinião?

Alex – Bem, coisas perigosas, tipo nos parques. Aquelas barras são muito perigosas.

E – As barras dos parques infantis?

Alex – porque podemos estar ali em cima, e desequilibrar-nos e depois cair. Ou então os baloiços, mas os baloiços não é assim tanto porque nós sabemos andar de baloiço. Mas às vezes, porque temos de ter muita atenção porque as pessoas estão ali a andar de baloiço e mas não é as pessoas que estão a andar de baloiço que têm de ter cuidado, é as pessoas que estão a passar à frente!

E – As que passam à frente dos baloiços?

Alex – porque os baloiços não vêm as pessoas e não param logo!

E – Claro.

Alex – As pessoas é que têm de esperar e, ou então passam por outro sítio. Ou passam mais pela frente para não se aleijarem. A4

E – para ninguém no baloiço bater na pessoa que está a passar.

Alex – ou então uma coisa que eles aqui em, no parque, foi que temos de ter muito cuidado com as coisas que estão partidas. Os pequeninos também não podem andar sempre a partir as coisas, porque custa dinheiro e ainda por cima estamos em crise.

E – Hum, hum.

Alex – E então lá eu fiquei chocada! Aquilo estava tudo partido. O escorrega, as barras! Estava lá tudo partido e então fiquei...

E – Portanto, isso era uma coisa que tu decidias? Ter mais cuidado para preservar essas coisas?

Alex – Eu, eu que adoro estar no parque, gosto muito.

E – Olha, e quem é que decide essas idas? Estás a dizer que é uma coisa que tu gostas muito de fazer, ir ao parque, não é? Quem é que decide, normalmente, quando é que vais ao parque? A4

Alex – Hum, a minha mãe, o meu pai, a minha avó, eu ou então a minha irmã. Porque ela diz: Alex vamos ao parqueee! E então eu faço-lhe a vontade. C1, C2, C3

E – e tu podes ir sozinha? Com ela, ao parque?

Alex – Hã, se for de casa sim.

E – e esse parque é o parque que fica perto de tua casa?

Alex – Não, é mesmo nas traseiras. Vamos pela garagem e lá tem o parque. A minha mãe deixa-nos ir e ficamos lá, brincamos as duas. E a minha mãe se precisar de alguma coisa, vai à varanda do meu quarto e chama-nos. E eu levo-a lá. Ou então quando, às vezes estou em casa e ela diz “quero ir ao parque, quero ir ao parque”. E então eu vou ao parque, e a minha mãe enquanto está a fazer o almoço nós ficamos lá. Depois, quando são horas, a minha mãe vai á varanda e diz” Alex., traz a tua irmã para irmos comer”. E então, eu trago-a e vamos comer. E depois, se a nossa mãe nos deixar, nós voltamos para o parque. Por isso, a minha irmã também gosta muito. Por isso, é “ida ao parque” [escreve na folha quem decide].

E – Olha Xana, e agora assim a pergunta para terminarmos, no geral, quando tu pensas em tantas decisões, e aqui estão algumas, há outras também, não é?

Alex – Sim.

E – Mas quando tu pensas nestas decisões todas e quando pensas em ti, tu sentes-te capaz de tomar várias decisões?

Alex – Sim.

E – Achas que és capaz de tomar várias decisões? O que é que tu achas que os adultos acham? Achas que os adultos sabem que tu és capaz de tomar? Achas que às vezes eles acham que não és?

Alex – Existem muitas coisas, como o João diz “Hi, a Xana é a melhor, tens de me ensinar a fazer isso”. E eu, tá bem, mas ele diz isso porque gosta de trabalhar comigo. E então eu gosto muito também de trabalhar com todas as pessoas que estão aqui. E principalmente com os do meu grupo e dos outros grupos. Gosto muito de estar aqui a trabalhar.

E – Hum. E os adultos? Achas que os adultos acham que tu és capaz de tomar decisões?

Alex – Sim, a minha mãe diz-me que acha que eu sou capaz, “oh Xana tu consegues fazer isto”. Por isso fazes, e então eu faço. E chego ao final e digo, consigo. E faço.

E – e ao contrário? Também acontece? Sentires que há decisões que tu eras capaz de tomar, mas que os adultos acham que não és?

Alex – Sim, às vezes, quando a minha mãe e eu digo, oh mãe anda lá, deixa-me levar isto. E a minha mãe diz “Não, porque podes partir”. E eu digo “oh mãe, a sério eu não parto”. Porque eu tenho sempre cuidados. E a minha mãe diz sempre, não não podes partir. E eu, tá bem, mas eu quero ajudar a minha mãe. E então ela tem medo que eu parta alguma coisa e que me aleije. Porque se ela soubesse, ela sabe, se ela conseguisse não ter medo que eu me aleije, ou que eu faça alguma coisa aposto que ela me deixava.

E – Muito bem. Queres pôr o teu nome na ficha?

Transcrição “Quem decide?”. QD4

Turma do 1º ano

O objetivo da atividade é perceber, a partir do ponto de vista das crianças, quem toma determinadas decisões nas suas vidas cotidianas, como toma e que participação é possível às crianças nessas mesmas decisões. Prevendo-se que as crianças possam ter algum tipo de dificuldades nessa mesma concepção, poderão apresentar-se exemplos de decisões às crianças, de modo a que possam desenvolver outras a partir do exemplo. A atividade deverá ser gravada, de modo a que possa acompanhar-se o modo com as crianças conceptualizam a sua própria participação e o modo como gostariam ou não de ser envolvidas nessas mesmas atividades.

O grupo do 1º ano pediu para realizar a atividade em conjunto, por se sentirem mais à vontade estando junto das colegas. Cada criança preencheu individualmente a sua ficha de atividade.

Duração aproximada: 30 minutos

Início da atividade. Explicação do que iríamos fazer.

<p>E – Então vocês agora que vão estar a viver perto da escola, como é que vais para a escola? Vais sozinha? Ju. – a minha mãe é que sabe. Criança 2 – aquilo é às 9 horas. Ju. – não a minha mãe sai de casa e diz que me vai levar lá. E – Hum. Ju. – e depois a minha avó não quer ir-me buscar. E – tu achas que podias ir sozinha? Para casa? Ju. – eu não tenho medo! Eu já vou buscar pão sozinha. Criança 2 – eu não também não tenho medo em ir sozinha! Mas a minha mãe não queria. Ju. – sabes quem é o A.? Do café? E – Não. Ju. – o da [nome do café]? E – ah o daqui da escola? Este que fica aqui atrás? Sei. Ju. – tem um aqui, não é? É o outro ao lado. A casa da minha avó é para baixo. Sobes e vais para lá. E eu já fui buscar aí sozinha. E – é mais longe do que daqui para a escola nova? Ju. – sim, é. E – Olhem, sabem o que é que eu estava a pensar hoje? Que gostava que pudéssemos falar sobre, e temos aqui um quadrinho que depois é para preencher... Ju. – Sobre o São João? E – podemos falar sobre o São João... Tu vais ao São João? Ju. – Vou. Mar. – eu não sei. Jo. – eu vou. Mar. – primeiro tenho de saber. Ju. – eu vou. E – São João é na 5ª feira já. Já é depois de amanhã! Ju. – eu vou sempre para a casa da minha avó. Mar. – a minha avó vai sempre à minha casa. E – a tua avó mora no Porto? Ju. – em [nome da localidade]. Jo. – é a avó da tua mãe ou do teu pai? Ju. – não sei. Jo. – mãe da tua mãe ou mãe do teu pai? Ju. – da minha mãe. Mar. – eu vou sempre celebrar em casa da mãe do meu pai. Porque a mãe da minha mãe é mais longe. E – olhem, sabem o que é que eu tinha pensado? Em fazermos uma actividade, vamos ver se vocês querem fazer. Agora já podemos escrever porque vocês já sabem escrever não é? ,as eu vou explicar. Crianças – sim! Crianças – e lápis?! E – já vou dar. Eu tenho aqui umas folhas para pormos umas coisas que eu gostava de saber, mas essas coisas que eu gostava de saber vão ter de ser</p>	<p>C1, C2, C3</p> <p>A1, B1, C3</p> <p>C3</p> <p>A4</p> <p>C3</p> <p>C3</p> <p>A2, B3</p> <p>C4</p>
---	---

vocês a explicar. Então, lembram-se que desde o início do ano nós temos estado a fazer, a conversar, sobre as coisas que vocês fazem na escola, lembram-se? E fora da escola, sobre as coisas em que vocês participam, sobre algumas decisões que vocês tomam, ou não, e era sobre isso que eu hoje queria falar com vocês. Sobre decisões, aquelas coisas em que vocês também ajudam a decidir o que é que se vai fazer, na vossa vida. Pode ser na vida da escola, na vida de casa... hum, pode ser a decidir para que escola é que vamos... e então tinha pensado se podem ser vocês a pensar em algumas coisas e outras posso ser eu a dar um exemplo para vos ajudar. Querem começar por pensar, por exemplo, naquelas decisões que acontecem na escola? E pensarem em quem é que toma essas decisões? Quem é que vos ajuda a decidir essas coisas?

Diz, Marianinha?

Mar. – hoje a A.C....

Ju. – aqui diz quem porquê? Não percebo...

E – é para saber quem são essas pessoas que nos ajudam a tomar decisões.

Mar. – sabes que hoje a Carol. me bateu?

Ju. – decisões como?

E – sobre aquelas coisas que vocês podem ou não podem fazer como crianças, por exemplo.

Jo. – posso pôr a mãe, as minhas primas.

E – sim, podes pôr aqui em cima.

Jo. – nesta?

E – na de cima. Sim, aqui vamos pensar quem são as pessoas que normalmente nos ajudam ou nos dizem, por exemplo, que coisas é que nós podemos fazer e que coisas é que nós não podemos fazer.

Jo. – Pais.

E – pensarmos naquelas que queremos fazer, mas não podemos. A Jo. diz a mãe e o pai.

Jo. – avô.

Ju. – a tia.

E – e a avó, muito bem. Olha, e na escola, quem é que ajuda a tomar decisões?

Crianças – o professor!

E – o professor.

[crianças vão colocando as pessoas que consideram importantes na folha de atividade]

Então agora vamos lá pensar quais são aquelas coisas que vocês pensam, as coisas que podem ou não fazer, aquelas em que ajudam a decidir, e de que se conseguem lembrar? Por exemplo, na escola?

Jo. – o trabalho!

E – os trabalhos da escola.

Ju. – o professor!

E – então podemos pôr aqui, trabalhos da escola. Normalmente quem é que decide os trabalhos que vocês fazem na escola?

Crianças – o professor.

Mar. – posso fazer mais um quadradinho?

E – podes. E mais coisas na escola, que acontecem, e algumas em que vocês participam, outras em que...

Ju. – festas!

<p>E – as festas da escola. E quem é que decide normalmente as festas da escola?</p> <p>Jo. – a diretora V..</p> <p>E – a Diretora. Quem mais é que decide sobre a festa da escola? É só a diretora?</p> <p>Ju. – e os professores.</p> <p>Mar. – os professores!</p> <p>E – e tu alguma vez ajudas a decidir coisas sobre a festa da escola?</p> <p>Ju. – não. Ajudo é a tirar fotocópias, e a ir buscar as capas e isso.</p> <p>Mar. – eu também.</p> <p>Jo. – Tu não! Tu nunca foste buscar as capas.</p> <p>Ju. – e nunca foste tirar fotocópias.</p> <p>Mar. – mas fui cantar uma coisa.</p> <p>E – e nas festas da escola, vocês gostavam de ajudar a decidir coisas?</p> <p>Ju. – sim.</p> <p>E – que coisas é que gostavam de decidir?</p> <p>Ju. – hã, coca cola.</p> <p>E – tu decidias que havia coca-cola na festa?</p> <p>Mar. – eu ice tea.</p> <p>E – Ice tea.</p> <p>Ju. – olha a minha mãe traz coquinhos e daquelas bolachas de chocolate.</p> <p>E – que outras coisas é que vocês gostavam de decidir? Que coisas é que gostavam de ser vocês a ajudar a decidir?</p> <p>Jo. – ajudar os professores.</p> <p>E –a fazer o quê?</p> <p>Jo. –a decidir os trabalhos.</p> <p>Mar. – a tirar fotocópias.</p> <p>E – gostavas de ir tirar fotocópias?</p> <p>Ju. – eu já tiro.</p> <p>E – e mais coisas da escola, que vocês se lembrem?</p> <p>Ju. – tipo fitas, para pôr na escola.</p> <p>E – na decoração da escola, é isso? Quem é que normalmente decide a decoração da escola?</p> <p>Ju. – a diretora, os professores. O nosso professor.</p> <p>E – queres pôr aí Ju.? O que disseste da decoração da escola?</p> <p>Ju. – e como é que eu escrevo?</p> <p>E – queres que eu te ajude?</p> <p>Mais coisas que acontecem na escola e que é preciso decidir?</p> <p>Jo. – às vezes o professor também pinta desenhos.</p> <p>E – o professor também faz pinturas? E dentro da sala de aula, que tipo de decisões há dentro da sala de aula?</p> <p>Ju. – eu ajudo.</p> <p>E – tu ajudas o professor? Que tipo de coisas é que ajudas a decidir?</p> <p>Ju. – a decidir não.</p> <p>E – consegues-te lembrar de alguma Ju., em que ajudes o professor?</p> <p>Ju. – de quê?</p> <p>E – por exemplo de decisões que há na sala de aula e de quem é que as toma?</p> <p>Ju. – não sei...</p> <p>E – não te lembras de nenhuma... olha, por exemplo, sobre os intervalos?</p>	<p>C4</p> <p>A2</p> <p>C4</p> <p>A2, B3, C4</p>
---	---

<p>Quem é que decide? Mar. – o professor! E – e vocês gostavam de decidir o que é que podem fazer no intervalo? Ju. – não podia ser eu E – achas que não podias ser tu a decidir? E porquê? Ju. – porque eu não mando nesta escola. Mar. – só a diretora e os professores e as professoras. E – mas se tu pudesses ajudar a decidir, tu gostavas de ajudar a tomar essa decisão? Jo. – Sim! Ju. – eu gostava.</p>	A2, B3
<p>E – e o que é que tu dizias em relação aos intervalos? Ju. – para irem todos lá para fora brincar, para tomar o pequeno-almoço. Jo. – o pequeno-almoço? Para lanchar. E – olha e fora da escola? Jo. – vamos passear. Mãe e pai. E – vais passear. Quem é que decide?</p>	C2, C3
<p>Ju. – a mãe e o pai. E a tia. Posso escrever passear? E – podes. E tu alguma vez decides, alguma vez a decisão de passear é tua também? Ou é só dos adultos? Ju. – por mim eu ia passear todos os dias, eu. E – e alguma vez decides os sítios onde vais passear, por exemplo? Jo. – tem de ter pai, mãe, tia e avô. E – e tu nunca ajudas a tomar essa decisão? Ju. – ajudo também. E ajudo a minha mãe, lavo a louça. E – Então...</p>	A1, C1
<p>Jo. – faço a minha cama. E – quem é que falta aqui? Mar. – eu vou escrever aqui professores. E – não disseste, ah eu também decido? E há alguma decisão que sejas tu a tomar sozinha? Ju. – é assim, eu faço a minha cama. Mar., Jo. – eu também! Ju. – mas eu faço todos os dias! E – hum, e mais coisas? Ju. – quando quero ir à casa de banho. E – és tu que decides que queres ir. E mais coisas? Ju. – os canais que eu quero. E – decides os canais que queres ver. Mar. – Canal Panda, Panda Mix! Jo. – eu também. E – mais coisas que vocês decidam sozinhas? Ou que coisas em que vocês também decidam? Em que ajudam os grandes, por exemplo? Jo. – eu com os grandes não decido nada! E – com os grandes não decides nada? Ju. – eu faço bolos com a minha mãe. E – fazer bolos. Porque é que tu achas que essas decisões são sempre feitas pelos grandes? Ju. – a mãe, o pai. Só falto aqui eu! E – pois a minha pergunta era mesmo essa. Faltas aqui tu. Há bocadinho</p>	C4

<p>também disseste que ajudavas a decidir os passeios, não foi? E agora olhando para aqui [folha de atividade] em que coisas é que tu ajudas?</p> <p>Ju. – ajudo a decidir a lavar a louça. Eu e a minha mãe.</p> <p>E – e tu consegues pensar em coisas que gostavas de decidir, mas que são só os adultos que decidem?</p> <p>Ju. – ah, eu quero ir ao médico. A minha mãe não me deixa!</p> <p>Queria ir ao Macdonald’s mas àquele à beira da praia.</p> <p>Jo. – eu gostava um dia de ir passear.</p> <p>E – gostavas de decidir passear? Onde é que gostavas de ir passear?</p> <p>Jo. – ao parque.</p> <p>E – gostavas de decidir ir mais vezes ao parque?</p> <p>Jo. – sim.</p> <p>E – e porque é que vocês acham que são quase sempre os adultos a tomar essas decisões? Por alguma razão especial?</p> <p>Jo. – porque nós somos pequenos.</p> <p>Ju. – os pais é que mandam.</p> <p>Há uma regra a minha mãe é maior do que eu.</p> <p>E – e vocês acham que eram capazes de ter mais responsabilidade para tomar mais decisões?</p> <p>Ju. – não.</p> <p>E – Lembram-se de mais alguma coisa que queiram dizer?</p>	<p>A4</p> <p>C1, C2</p>
--	-------------------------

ANEXO 7 – WORKSHOPS. CIDADE AMIGA DAS CRIANÇAS

Workshop Cidade Amiga das Crianças. WS1

DIA 23 DE NOVEMBRO DE 2011

14,30h – receção dos participantes

Organização dos grupos – idealmente grupos de 5 crianças e jovens

1 jovem mais velho em cada grupo – e garantir crianças de diferentes idades e géneros nos grupos

14,45h – organização do trabalho. Explicação da atividade

15h – os grupos, a partir das fotos tiradas e das entrevistas e das propostas, terão acesso a cartões com as diferentes temáticas que foram trabalhadas. No verso de cada cartão está listado o que os jovens apontaram como estando mal. A partir desses cartões, pedir-se-á aos jovens que possam eleger as preocupações fundamentais, justificando-as e dando possíveis soluções para a sua resolução. Devem conseguir encontrar critérios que os ajudem a decidir. Os adultos podem orientar mas não deverão adiantar quais os critérios.

Os grupos terão folhas e canetas para definirem as suas opções.

16h – os grupos reúnem e partilham as suas conclusões – deverão chegar a soluções comuns que fiquem registadas no final.

17h – será dado o feedback aos grupos dos modos como gostariam de estar envolvidos. Destas sugestões pedir-se-á que elenquem as que são mais pertinentes e que definam de que modo gostariam de ser envolvidos.

A pergunta geral seria “que espaços de participação gostaríamos de ter na definição da cidade, nas comunidades e nas escolas?”, “qual o papel das crianças e jovens nesses espaços”?

No final, a equipa de adultos encarregar-se-á de elaborar um documento síntese, que possa ser devolvido na próxima reunião, para elaboração do mapa e proposta dos espaços a criar a elaborar pelos jovens em conjunto com os adultos.

Material necessário:

Cartões – Gabriela leva e faz

Folhas de papel branco, e canetas para os grupos

Folhas para os adultos responsáveis por cada grupo

Era importante garantir o registo de todos os grupos, de modo a poderem transcrever-se os processos.

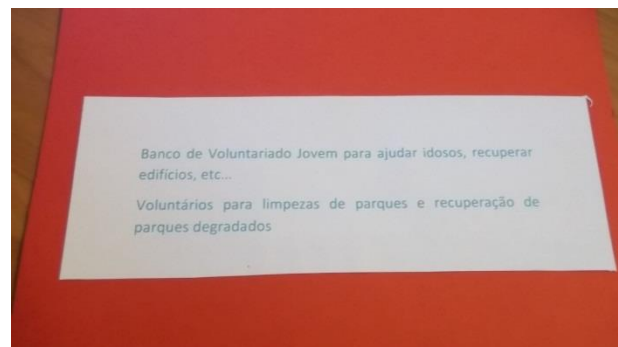
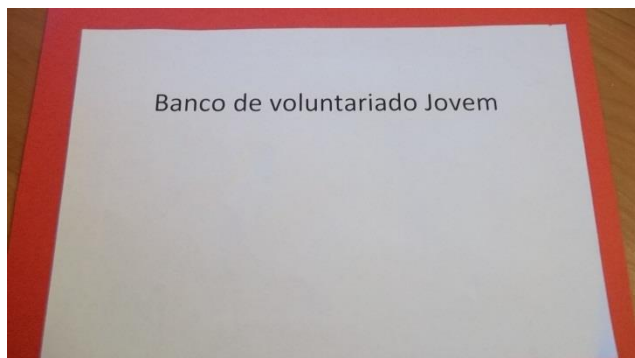
Avaliação da sessão

Os grupos de crianças e jovens que participaram na sessão, haviam também participado das entrevistas e das Assembleias Municipais Jovens, debatendo os temas da cidade, e da cidadania. A partir das entrevistas havia sido possível, já, agrupar um conjunto de áreas centrais e de propostas realizadas pelas crianças e jovens, que foram utilizadas como base para esta discussão. Os grupos tiveram liberdade para se agruparem, tendo os jovens mais velhos proposto liderarem os grupos, com idades mistas. Foram constituídos três grupos distintos, com um total de 17 participantes. A cada grupo foi cedido um conjunto de cartões que pretendiam sintetizar essas contribuições de modo a que, a partir delas, fosse possível aos grupos definirem prioridades e critérios para essa escolha. Os grupos trabalharam em equipa discutindo, a partir do material, quais as questões centrais, e quais as que poderiam ser consideradas secundárias, face à necessidade de escolha. Todos os grupos terminaram apresentando os seus resultados e justificando os modos como efetuaram essas priorizações.

Áreas de propostas	Propostas
Escola e Educação	Equipamentos de desporto na escola; mais aquecimento; arranjar os recreios e os parques das crianças.
Ambiente	Parque da Cidade (com animais) ; limpar a cidade; mais árvores; limpar a Ria; renovar projetos com pássaros; limpar a cidade e envolver os jovens em campanhas na cidade.
Mobilidade	Atenção às pessoas com mobilidade reduzida; mais transportes públicos; mais bicicletas para crianças (BUGAS); parques para as BUGAS; mais circuitos de bicicletas; mais abrigos de autocarro
Políticas Urbanas	Tratar de edifícios abandonados; pintar os edifícios; tratar dos passeios
Artes e cultura	Recuperar teatros antigos; mais variedade cultural; arte de rua; um museu para crianças com visitas guiadas
Desporto	Melhores piscinas e skateparks
Segurança	Mais polícia na cidade; menos vandalismo
Ação Social	Dar comida às pessoas necessitadas e desempregadas; sem abrigo
Saúde	Melhores urgências nos hospitais; melhores centros de saúde

Quadro – síntese das propostas saídas da Assembleia Municipal

Utilizando ainda as sugestões apresentadas nos focus groups sobre os modos pelos quais os jovens gostariam de ser envolvidos, construíram-se 10 cartões com as áreas com sugestões de melhoria, 1 cartão sobre as propostas de participação de crianças e jovens na cidade.



exemplo dos Cartões – banco de Voluntariado Jovem e propostas apresentadas

A partir do conjunto de cartões, os grupos iniciaram o trabalho, discutindo as diferentes opções, e escrevendo-as para poderem tomar decisões e comunicar, em grande grupo, o resultado dos seus trabalhos.

Ciclovias

Construir mais ciclovias para bicicletas

Permitir maior mobilidade para bicicletas

BUGAS para crianças

Colocar BUGAS para crianças na cidade

Colocar mais pontos de BUGAS pela cidade

Museus

Tornar os museus mais atrativos para crianças e jovens

Visitas guiadas, com animação, para crianças

Manter parques infantis nos museus

Atividades culturais

Mais animação de rua (teatro)

Recuperar o Teatro Aveirense

Mais concertos e outras atividades culturais para crianças e jovens

Transportes/mobilidade

Criar maior frequência nos autocarros para estudantes de fora de Aveiro

Melhorar transportes públicos para evitar utilização do carro

Rebaixar passeios para cidadãos com pouca mobilidade

Arranjar passeios para as pessoas não caírem

Passeios e estradas

Tapar buracos nas estradas e ruas da cidade

Apoio à Terceira Idade

Apoiar idosos que estão isolados

Criar grupos para visitarem idosos

Tratar de sem abrigo na cidade de Aveiro

Tratar de pessoas desempregadas

Banco de voluntariado Jovem

Banco de Voluntariado Jovem para ajudar idosos, recuperar edifícios, etc...

Voluntários para limpezas de parques e recuperação de parques degradados

Parques na cidade

Parques infantis

Conservar os parques infantis para crianças

Recuperar parques que estejam degradados

Mais parques em zonas diferentes da cidade

Reabilitar parque da Macaca

Skatepark

Criar um skatepark junto dos locais onde os praticantes se encontram

Reduzir o perigo de praticarem skate na rua, perto das estradas e ruas com carros

Escolas

Escolas arranjadas e conservadas

Aquecimento nas escolas no Inverno

Abrir as cantinas nas férias e fins de semana para alunos carenciados

Renovação de edifícios

Renovar edifícios da cidade, sobretudo os mais degradados no centro da cidade

Arranjar patrocínios para compor os edifícios

Reabilitar o Cineteatro Avenida e construir um espaço para jovens e crianças

Como queremos ser envolvidos?

Onde e como gostaríamos de poder participar?

Em que espaços o gostaríamos de fazer?

O que propusemos para participação de Jovens e Crianças

- Assembleias municipais Jovens com mais tempo e mais sessões para discussão dos problemas, e com grupos mais pequenos de cada vez
- Grupos de trabalho com jovens e crianças na Câmara Municipal
- Grupos de trabalho com jovens e crianças nas Juntas de Freguesia e comunidades de residência

- Recuperar Cine teatro e colocar espaço para crianças e jovens
- Participar na tomada de decisões das propostas das Assembleias Municipais Jovens
- Construir Assembleias de Escola, e depois participar nas Assembleias Municipais
- Blogue de crianças e jovens com sugestões e propostas para a Câmara analisar
- Recuperar o Banco de Voluntariado Jovem
- Trabalhar com adultos para tomar decisões

Transcrição da comunicação de resultados pelos grupos de trabalho no workshop

Grupo 1

J. (EPA) – Boa tarde, mais uma vez. No grupo 1, nós começamos por dividir as prioridades das não prioridades. Nós definimos três áreas que não são, não deveriam ser prioridades de investimento, de dinheiro público. Que é os parques na cidade, parques infantis, hã, o skatepark, e ainda os museus. Hã, nós depois de definir as prioridades, abordamos todas as áreas. Todas as áreas que achamos importantes. No final, no final de falarmos um pouco sobre elas, foi distribuída a cada elemento do grupo uma área, em que esse elemento foi preenchendo com o que achava que estava bem e que fosse necessário mudar, com propostas para serem feitas. Hã, eu falei também, eu abordei uma das atividades culturais, ser um local para jovens, um grupo de 5 pessoas que não estude, não trabalhe, não tenha sítio para fazer uma peça de teatro ou outra coisa qualquer ou uma atividade lúdica, nós pensamos no Teatro Avenida, que é central para a maioria das pessoas, e que podia ser aproveitado e mudado. E podia ser mudado, poderia ser um espaço para jovens, para além da Casa Municipal da Juventude. Hã, outro tema de que falei nas escolas, foi as cantinas, e hã levantou-se o problema “então mas os funcionários não trabalham nem nos feriados, nem nos fins-de-semana, nem nas férias!”. Hum, aproveitando o outro tema, que é Voluntariado, se calhar há pessoas que sabem cozinhar, até cozinheiros, que se podiam voluntariar, nuns fins-de-semana vão

uns e nuns fins-de-semana vão outros e haver uma cantina aberta para os jovens aos fins-de-semana e nas férias para poderem ter uma refeição. Pelo menos umam refeição, porque há jovens que não têm possibilidade e só têm uma refeição que é oferta da escola, da cantina. E nós vamos todos falar, de todos os pontos que foram abordados, eu já dei a ordem. E quem era a primeira? Podes começar.

R – tenho de ler aquilo que escrevi?

J. – sim e diz o tema.

R – escolas. Abrir as cantinas nas férias e nos feriados para alunos carenciados. Porquê? Porque se calhar poderia haver alunos voluntários para trabalhar em cantinas e ajudar. Renovação de edifícios. Renovar edifícios da cidade, sobretudo os mais degradados no centro da cidade. Porquê? Porque na nossa cidade talvez será mais necessário arranjar as casas que estão destruídas e degradadas. Banco de Voluntariado Jovem. Para ajudar idosos e recuperar edifícios no centro. Porquê? Porque em primeiro lugar está a saúde dos idosos. Porquê? Porque se calhar se ajudarmos alguém que um dia necessita, qualquer dia seremos nós a necessitar de ajuda. Ideia de interdependência e de infância enquanto geração e enquanto fase transitória.

R2 – então é assim, na área dos passeios e estradas eu acho que houve um ponto que ninguém referiu e eu acho que deveriam ser construída rampas para as pessoas deficientes. Porquê? Porque acho que elas se sentem inferiorizadas em relação a nós, quer dizer, vamos a um multibanco e subimos as escadas, tudo bem. Elas querem subir as escadas e o que é que fazem? Não sobem, têm de ficar cá me baixo, e acho que isso tá mal. E depois também juntei a terceira idade, as escolas e o voluntariado com os desempregados. Porque eu acho que é assim, os desempregados, por exemplo, a partir de um certo tempo que não encontra emprego sentem-se deprimidos e começam a ganhar depressões e acho que se eles dessem esse tempo ou algum do seu tempo para essas causas, por exemplo, a terceira idade na reconstrução de alguma coisa, renovar alguma coisa, acho que talvez hã, o espírito de ajudar os outros, se os ajudassem, a sentirem-se pessoas melhores, e acho que era isto que os desempregados, ou pelo menos deviam tentar fazer. E também acho que os jovens, devia ser criado um espaço que, que, desse a entender aos jovens e lhes mostrasse que, aquilo, que ajudar é bom. A mostrar o lado bom de ajudar, e a mostrar aquilo que se calhar estão a perder por não ajudar os outros. É só isto.

Rapaz – eu acho que as pessoas desempregadas por vezes não querem, não têm emprego e estão se calhar a receber o fundo de desemprego ou não estão, mas também elas por vezes não querem. Tou desempregado e vou trabalhar para quê? Se não vou receber nada? Muitas vezes as pessoas também pensam assim. Eu acho que as pessoas muitas das vezes pensam isso e não pensam ajudar os outros.

R2 – depende daquilo que cada um tem nos seus ideais e há coisas que se nós queremos mudar aqui em Aveiro, é tornar o nosso município. Acho que é município não é? É tornar o nosso município melhor. É tornarmo-nos pessoas melhores e mais abertas a tudo que é o mundo. Estamos a viver uma crise enorme e estamos a ver que vamos precisar de muitas ajudas, a acho que, por exemplo, as ciclovias, deviam ser construída porquê? Porque, por exemplo, a crise, vai aumentar o número de pessoas que andam de bicicleta e vai ser uma coisa necessária. É como os desempregados, acho que temos de abrir a mentalidade.

D. – começo por falar em colocar ecopontos pela cidade. Então por exemplo, muitas pessoas são sedentárias e ficam em casa e não querem andar. Então se aumentarmos o número de pontos de BUGA vai diminuir a sedentarização e vão tornar-se mais móveis. E também pode ajudar o ambiente, menos carros, menos poluição. Mais? Também construir ciclovias para ligar as freguesias ao centro da cidade. E também para que, por exemplo, muitas crianças querem aprender, mas os pais pensam assim, eh pá, como não tem sítio onde elas possam aprender, então mais vale não aprenderem para segurança deles. Então ao construir mais ciclovias, os pais vão sentir-se mais seguros. Assim vai haver mais crianças a usar BUGA, logo, como se diz? Mais, ya pronto, acho que tá bem assim. [riso]. Depois, melhorar os transportes públicos. Para evitar a utilização do carro. Por exemplo, podemos melhorar na questão dos horários, nas paragens, porque por exemplo, ao pé da minha casa, às vezes quando tá a chover, tem-se uma zona que o autocarro ao passar molha, pode molhar as pessoas que tão lá naquela zona. Podiam construir aquilo para tapar os buracos. Mais? Tapar buracos nas ruas da cidade. Nós, os jovens podemos reunir-nos para fazer essas obras mas com a ajuda de trabalhadores experientes que nos possam dar instruções de como vamos fazer aquilo, tapar e tal. Pronto, acho que é isso tudo.

J. – hum, primeiro comecei por falar das ciclovias e das bugas para crianças. Eu dividi em prioridades e não prioridades. Como prioridades, eu pus a construção de ciclovias

porque em Aveiro não há ciclovias e não há BUGAS, e há muita gente a andar de bicicleta e não haver ciclovias está mal pensado, não construir as ciclovias quando inventaram as BUGAS. Depois eu pus a existência de mais pontos para BUGAS. Que era para as pessoas fazerem a trajetória de um lado ao outro, e conseguirem deixar a bicicleta sem terem de voltar outra vez para trás. E como não prioridade as BUGAS para crianças, porque as crianças ainda não sabem andar de bicicleta. Depois pus transportes em mobilidade e passeios e estradas, pus criar maior frequência de transportes públicos, porque cada vez mais vai aumentando a crise e as pessoas não têm dinheiro para gasolina. E passavam a andar de autocarro e de transportes públicos. Depois baixar os passeios, porque se as pessoas têm deficiências ou os idosos, não conseguem subir os passeios por causa de problemas de locomoção. E se estivessem mais baixos os passeios era mais fácil. As estradas porque para os carros é um bocado mau. E porque as pessoas caem e podem-se aleijar gravemente, como já aconteceu. Depois falei do Banco do Voluntariado e acho que eu pus Banco do Voluntariado para ajudar a cidade e na cidade. Porque ajudam a cidade em certos pontos e as pessoas que moram na cidade. E estes são os pontos importantes. Como não prioridade não pus nada. Depois nas atividades culturais pus maior existência de animação de rua, para que fique mais alegre a cidade. E como não prioridade pus recuperar o Teatro Aveirense e eu acho que a maior parte das pessoas não vão ao teatro e por isso acho que não vale a pena arranjar o Teatro Aveirense. Depois em relação também ao Banco de Voluntariado, com idosos e sem abrigo.

F. – tu falaste aí que não devíamos consertar o Teatro Aveirense mas viste só da tua perspetiva. Por exemplo, temos ali a Escola Profissional de Aveiro que quando tem atividades dos despectivos cursos tem de ir lá para o pé do Teatro, e se fosse consertado ali o Teatro na avenida, era um ponto mais acessível para realizarem as atividades.

J. – mas eu em relação a isso pus não prioridade, mas é importante. É importante, o mais depressa possível, mas hoje em dia com a crise. É um bocado complicado. E depois não era nenhum tema, mas eu lembrei-me de limpar a ria, de criar um emprego para limpar a ria, porque é uma tradição e devia-se conservar as tradições. E é só.

Carol. – eu quero fazer uma pergunta.

J. – queres?

G. – hã eu acho que foi mal em relação ao Fábio [João], aquilo que ele disse. Muita gente gosta de ver o Teatro Aveirense em bom estado e o que ele referiu foi eu não devia remodelar, hã, pronto, e é só.

J- – eu também não estou muito de acordo com o João, porque o teatro Aveirense também pode ser um centro de turismo para as pessoas, pronto, ficarem a reconhecer.

P. – hã, eu comecei por falar no Banco de Voluntariado Jovem. No Banco de Voluntariado Jovem para ajudar os idosos. Como crianças podíamos criar um grupo de pessoas que quisessem ajudar. Pelo menos conseguia umas 10, 20 pessoas, porque há muita gente que não pode deslocar-se tao facilmente, e era capaz de ajudar. E também que não fossem daquelas pessoas, género, ai que nojo, assim das pessoas. Depois também falei de outro tema que foi as ciclovias e as BUGAS para as crianças. Criar mais ciclovias em Aveiro, tal e qual como na Barra. Mas não era só construir as ciclovias, era também, como é que eu hei-de... era também ter as bicicletas. E ter as BUGAS e serem gratuitas. Mas há crianças de 5 anos que podem querer andar de bicicleta e não podem. Porque as BUGAS são muito grandes, por isso podiam inventar um género de uma BUGA para crianças. Hã, e colocar também mais postos para as BUGAS também acho que era bom. Também outro tema que eu falei foi as escolas. No inverno o aquecimento nas escolas é reduzido, principalmente nas primárias, nas mais pequenas. Podiam ter aquecedores. As cantinas podiam estar abertas para as crianças mais carenciadas e não desperdiçar a comida e arranjar as escolas que estão a cair! E é tudo.

[Aplausos]

Gabriela – Obrigada! Estas foram as contribuições do grupo 1. Vamos agora ouvir as contribuições do grupo do Fábio. Como é que decidiram? Vai haver porta voz?

Grupo 2

F. – a G.?

G. – é?

G. – hã, nós fizemos de maneira diferente, nós numeramos as ideias, hã, não fizemos como o grupo 1, e numeramos. Hum, eu vou ler. A primeira, nós fizemos várias ideias. Então, no primeiro, renovação de edifícios, escolas, transportes, mobilidade, e passeios

e estradas. A segunda. Apoio à terceira idade, ciclovias, e BUGAS para crianças. Terceiro. Banco de Voluntariado Jovem.

R 3 – a quarta ideia foi as atividades culturais e os museus, e a última, que são várias, os parques na cidade ou os parques infantis e o skatepark.

R4 – nós, hã, nós então fizemos um primeiro, segundo e terceiro que achamos melhores e numeramos. Fizemos os que achávamos que eram mais importantes, fizemos em numeração e pronto, é só.

[aplausos]

Grupo 3

D. – bem nós não nomeamos nenhum porta voz porque somos só 3. 4! Hã, cada um vai ler um bocado. Nós fizemos isto por grau de importância, em três graus. Nós no primeiro grau colocamos as ciclovias, as BUGAS para crianças, os parques infantis, o apoio à terceira idade, o Banco Voluntariado Jovem, a renovação de edifícios e, por fim, os transportes e mobilidade. Num segundo grau de importância, as atividades culturais, as escolas e os museus. Por fim, o skatepark. Hã, vamos começar pelas ciclovias, ciclovias sim, perto da estação e voluntariados para ajudar na criação de novos pontos, com ideias onde seria apelativo haver uma ciclovia ou não. Hã, BUGAS para crianças deve haver, embora haja a preocupação com a segurança. Por serem apenas crianças. Hã, e em relação aos novos pontos, recuperar primeiro as BUGAS, pois algumas estão em mau estado. Hã, e é só.

R5 – a mobilização para uma campanha de forma a atrair as crianças a virem brincar cá para fora. Reabilitar o parque da Macaca e chamar os jovens a virem visitar através de workshops.

R6 – apoio à terceira idade. Grupos de voluntários, e introduzi-los ao nosso mundo, de modo a não ficar à parte. Tecnologia, por exemplo. Desempregados, participarem no voluntariado com os mais jovens.

D. – no Banco de Voluntariado Jovem é fazer campanhas de jovens para ajudar, basicamente, me tudo aquilo que nós temos e em que podiam ser usados, pelo menos parcialmente, voluntários. E parte desses voluntários também podem ser jovens. Porque

o que nós vemos muito é que há muito voluntariado e tudo, mas não para jovens. Os jovens não têm tantas oportunidades de voluntariado.

R7 – a renovação de edifícios. A renovação de edifícios é importante por questões de segurança, e turísticas. Reabilitar também o cineteatro avenida através dos jovens.

R8 – transportes e mobilidade. Incentivar as pessoas a utilizar os transportes públicos. Ter o mínimo de condições de acesso a um transporte público. Paragens sem passeios.

R9 – agora passamos ao segundo grau de importância. atividades culturais. Animação de rua. Organizar uma agenda com atuações e flashmobs. Reunião entre jovens e adultos e debater ideias.

D. – nas escolas, as cantinas, já foram aqui faladas de abrirem aos fins-de-semana, e nos feriados e férias. A nossa conclusão é, como muitos outros aqui, era usar os voluntários, mais uma vez para isto acontecer. No caso também da EFTA, que tem formação para tal efeito. Podem até querer aperfeiçoar a sua arte culinária e então praticar, por que não, nas escolas? Não só os ajudamos a eles próprios como os outros.

J. – e podem fazê-lo em formação em contexto de trabalho, o que é bom para o futuro.

R10 – também haver uma preocupação com as salas de aula, nomeadamente com as condições mínimas para assistir a cada aula. Nós centramo-nos especialmente no aquecimento que em muitas escolas, já me disseram que, se for ligado o aquecimento, a energia vai-se abaixo, por isso não dá para tê-los ligados. E então quando chega o inverno aquilo é impossível de ter uma aula. Porque as pessoas no inverno já vêm com mais preguiça, é normal, apetece ficar na cama. Agora ainda mais irem para uma aula com frio, já dificulta mais a aprendizagem.

D- – Museus, à imagem do que já é a fábrica da Ciência Viva, que já é atrativo, hã, dinamizar no entanto as atividades. De forma a não ser sempre o mesmo, que é o que já vem vindo acontecendo na Ciência Viva, que é dar pontapés em bolas. Sendo um museu um local para ser atrativo, deixa-se de fora os parques infantis, de modo a atrair as crianças às visitas aos museus.

Francisca – skatepark. Reabilitar o parque ao pé do Drinks.

Diogo – e é só!

[aplausos]

CrITÉRIOS – trabalhar em equipa a partir da discussão comum de ideias, até um consenso.

Priorizao de acordo com a urgência percecionada nas diferentes temáticas.

CrITÉRIOS econmicos – mobilizao do voluntariado e na reduo de custos para implementao das propostas.

Quadro-síntese das propostas para discussão

Áreas de propostas	Propostas
Ciclovias e BUGAS para crianças	Construir mais ciclovias. Permitir maior mobilidade. Colocar BUGAS ara crianças na cidade. Colocar mais pontos de BUGA pela cidade.
Museus	Tornar os museus mais atrativos para crianças e jovens. Visitas guiadas, com animao, para crianças. Manter parques infantis nos museus.
Atividades culturais	Mais animao de rua. Recuperar o teatro aveirense. Mais concertos e outras atividades culturais para crianças e jovens.
Transportes e mobilidade/passeios e estradas	Criar maior frequência nos autocarros para estudantes de fora de Aveiro. Melhorar transportes públicos para evitar utilizao do carro. Rebaixar passeios para cidadãos com pouca mobilidade. Arranjar passeios para as pessoas não caírem. Tapar buracos nas estradas e ruas da cidade.
Apoio à terceira idade	Apoiar idosos que estão isolados. Criar grupos para visitarem idosos. Tratar dos sem abrigo na cidade de Aveiro. Tratar de pessoas desempregadas.
Banco de Voluntariado Jovem	Banco de voluntariado Jovem para ajudar idosos, recuperar edifícios, etc... voluntários para limpezas de parques e recuperao de parques degradados.
Parques na cidade/parques infantis	Conservar parques infantis para crianças. Recuperar parques que estejam degradados. Mais parques em zonas diferentes da cidade. Recuperar parque da Macaca.
Skatepark	Criar skate park juntos dos locais onde os praticantes se encontram. Reduzir o perigo de praticarem skate na rua, perto das estradas e com carros.
Escolas	Escolas arranjadas e conservadas. Aquecimento das escolas no inverno. Abrir as cantinas nas férias e fins-de-semana para alunos carenciados.
Recuperao de edifícios	Renovar edifícios da cidade, sobretudo os mais degradados do centro da cidade. Arranjar patrocínios para compor os edifícios. Reabilitar o cineteatro avenida e construir um espaço para crianças e jovens.

	Metodologia de trabalho	Critérios utilizados para priorização	Propostas
Grupo 1	Cooperativa, com divisão de tarefas no grupo Porta-voz – elemento mais velho do grupo	Critério económico (custo das propostas) Critério relevância das propostas	Voluntariado Atividades Culturais Cantinas abertas aos fins-de-semana Renovação edifícios da cidade Terceira Idade Acessibilidades (para deficientes e idosos) Ciclovias e BUGAS para crianças
Grupo 2	Cooperativa, com divisão de tarefas Porta-voz – elemento mais velho do grupo	Critério relevância das propostas Critério económico (custo das propostas)	1º nível de importância: Renovação urbana Escolas Transportes e mobilidade Passeios e estradas 2º nível de importância: Terceira Idade Ciclovias BUGAS para crianças 3º nível de importância: Banco de Voluntariado 4º nível de importância: Museus Parques infantis Skatepark
Grupo 3	Cooperativa, com divisão de tarefas Sem porta-voz	Critério relevância das propostas	1º nível de importância Ciclovias BUGAS para crianças parques infantis apoio à terceira idade o Banco Voluntariado Jovem

			renovação de edifícios os transportes e mobilidade 2º nível de importância atividades culturais escolas museus 3º nível de importância Skatepark
--	--	--	---

Workshop construção de mapas. WS2.

Aveiro, 6 de janeiro de 2012

Workshop para construção dos mapas das freguesias com crianças e jovens do grupo das CAC, Aveiro.

Estiveram presentes na sessão cerca de 18 crianças e jovens, provenientes de diferentes escolas do concelho de Aveiro, e que formam o grupo inicial do projeto CAC/AVEIRO.

Foram representadas 5 freguesias, que faziam parte dos meios de origem dos participantes. Foram criados 5 mapas pelo gabinete de Topomínia da CMA, que mais tarde, transferirá os mapas dos grupos em formato digital.

As crianças distribuíram-se por diferentes grupos, cada um com a sua freguesia. Os grupos foram heterogéneos, com crianças mais pequenas e jovens, que a partir das fotografias que haviam previamente produzido, destacaram nos mesmos os aspetos mais positivos e menos positivos das respetivas freguesias.

A par da colocação das freguesias, as crianças e jovens discutiram diferentes aspetos das freguesias, concluindo que as freguesias de Vera Cruz e da Glória, por serem as mais centrais na cidade, são as que dispõem de mais recursos e equipamentos, e também as que necessitariam de diferentes intervenções por parte da CM.

5 freguesias – 5 grupos

Na elaboração dos mapas, os participantes vão revelando, novamente, lugares centrais à sua vivência nas cidades: a casa, a escola, lugares de brincadeira, percursos casa-escola e equipamentos desportivos, em alguns casos, sobretudo das crianças praticantes de algum desporto. Nestas interações, identificaram lugares que não conheciam e sinalizaram os que lhes são mais familiares.

A escola e o local de residência assumem particular relevância na construção dos mapas, sinalizando as crianças percursos desde sua casa até à sua escola, e ao mesmo tempo, revelando aspetos menos positivos, como é o caso de locais pouco seguros para a passagem, entre casa e escola.

A perceção de que o centro da cidade concentra, por norma, maiores ofertas às crianças e jovens é também discutida, assumindo relevância, tendo em conta as limitações de

autonomia e mobilidade que as crianças foram reforçando nas sessões anteriores de trabalho.

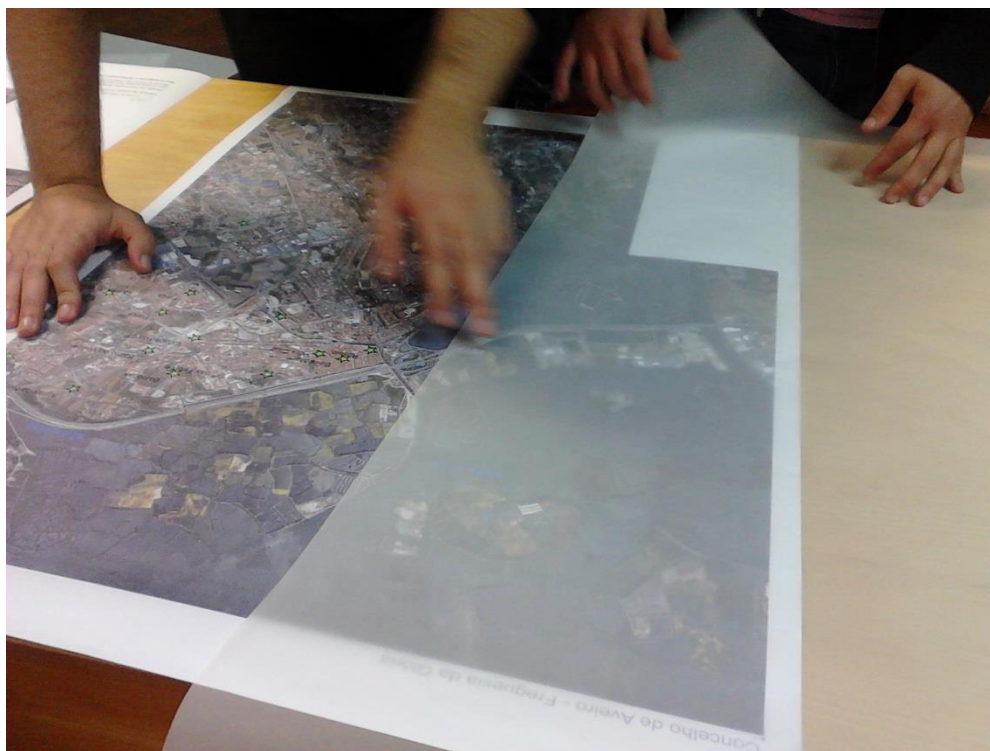
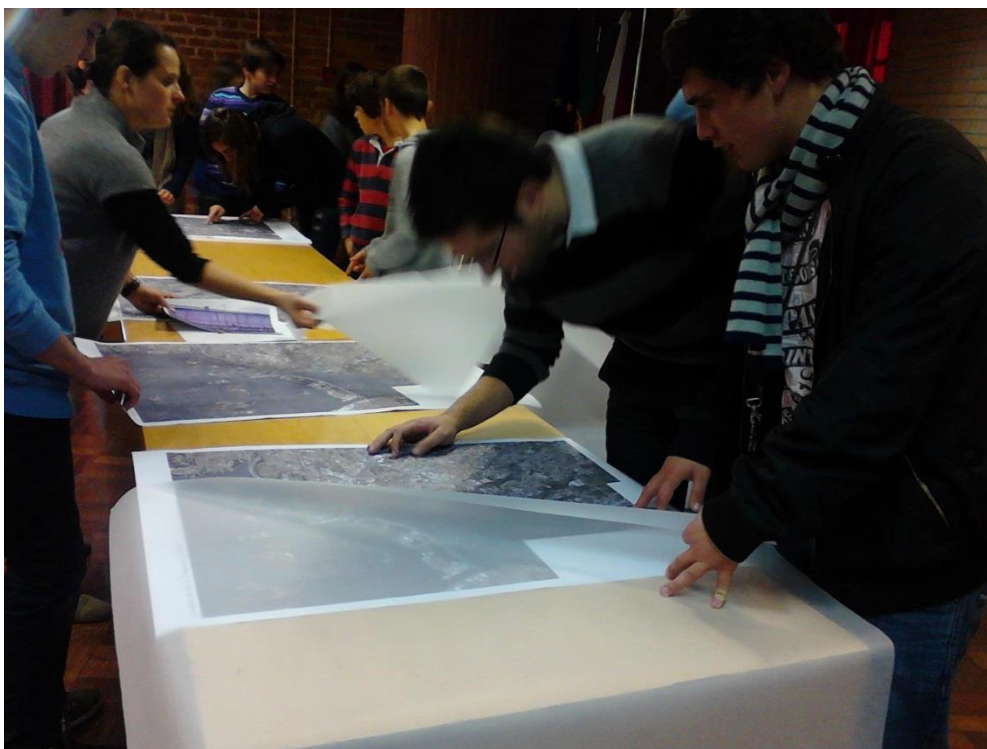
Por outro lado, as crianças revelaram curiosidade em ir conhecendo limites de freguesias, e em saberem determinadas informações às quais, por norma, não têm acesso. À medida que os mapas foram sendo construídos, as crianças e jovens questionaram-se sobre de que modo poderiam passar essa informação aos responsáveis políticos, para que conhecessem as suas perspetivas. Na discussão, e com o apoio dos técnicos do Projeto, concluíram que poderia ser interessante que os presidentes das respetivas juntas de freguesia pudessem ouvir o que tinham a dizer e que pudessem antever modos de solucionar esses problemas.

Para esta construção foram utilizadas as imagens originalmente captadas pelos grupos, incentivados a encontrar pontos positivos e negativos das suas comunidades de residência e de estudo.

Decidiram, em grupo, e com o apoio dos adultos, escrever uma carta aos presidentes das juntas sobre as comunidades sobre as quais haviam tirado fotografias na sessão anterior.

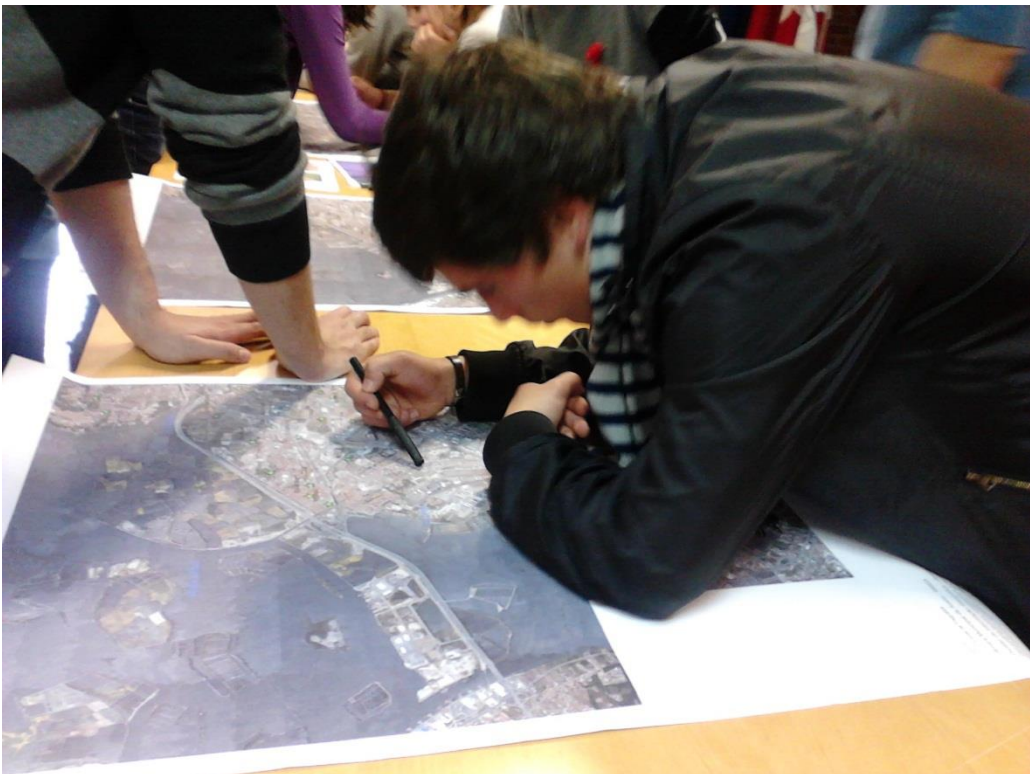
O encontro seria marcado pela Adriana Simões, de modo a garantir a presença dos presidentes e da vereadora de ação social da Câmara. Aconteceu no dia de Abril de 2012, com a presença de três presidentes de Juntas de Freguesia, aos quais foi apresentado o percurso e trabalho realizado e os respetivos mapas, pelas crianças e jovens.

Fotos dos mapas construídos pelas crianças e jovens

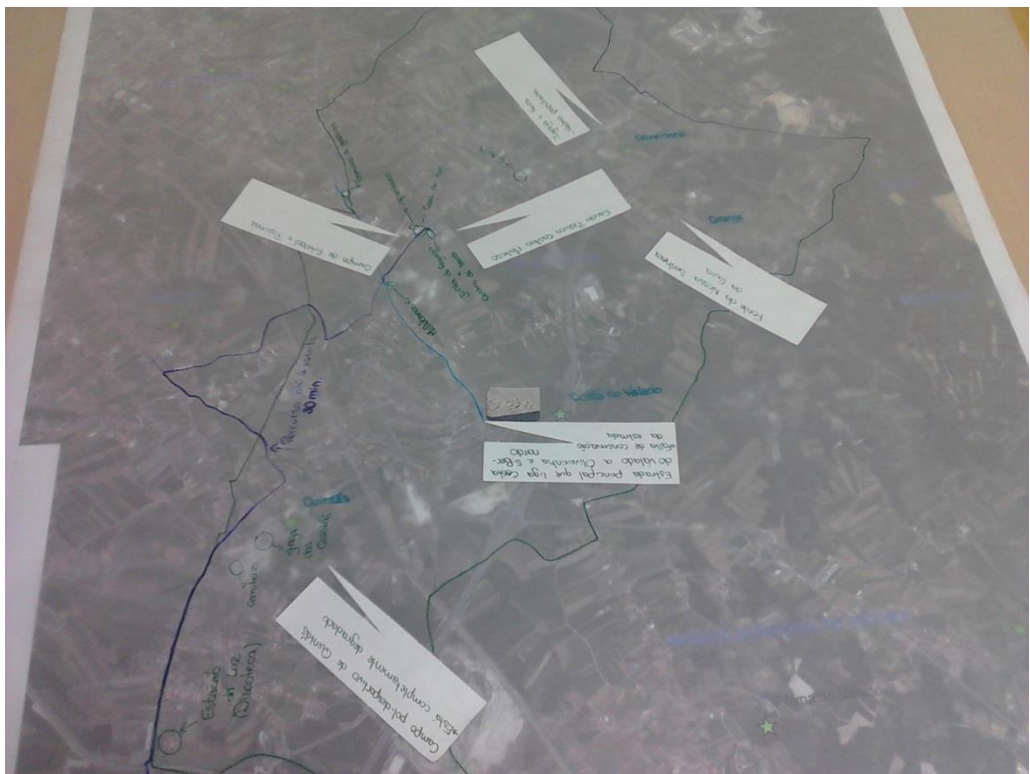
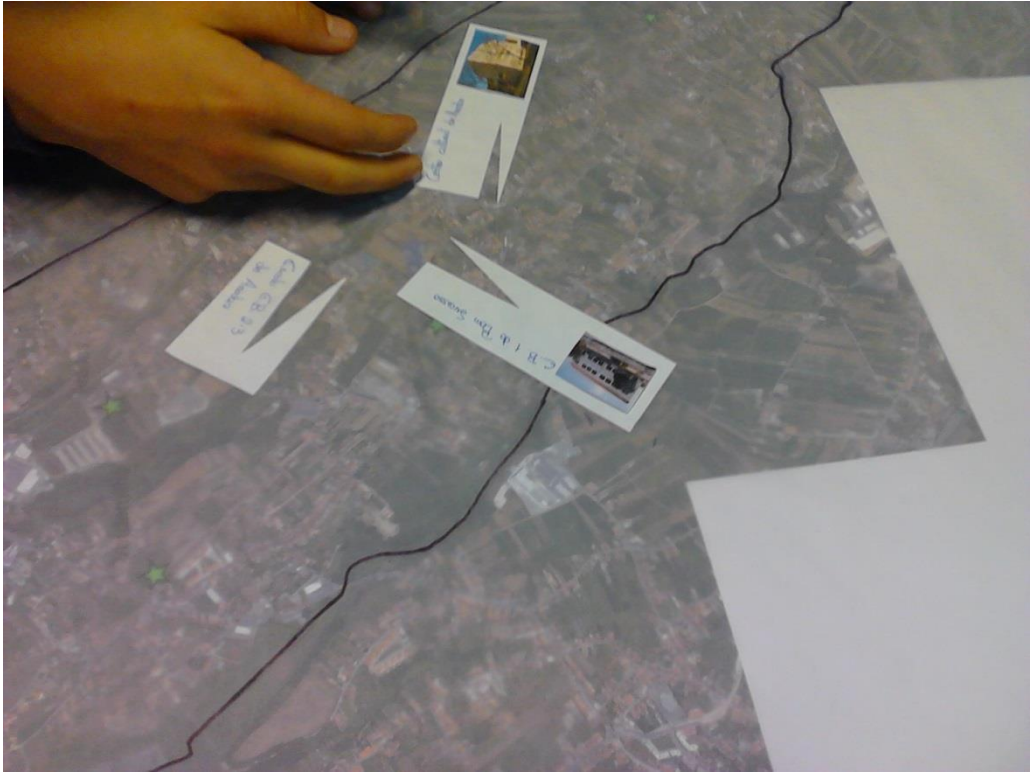


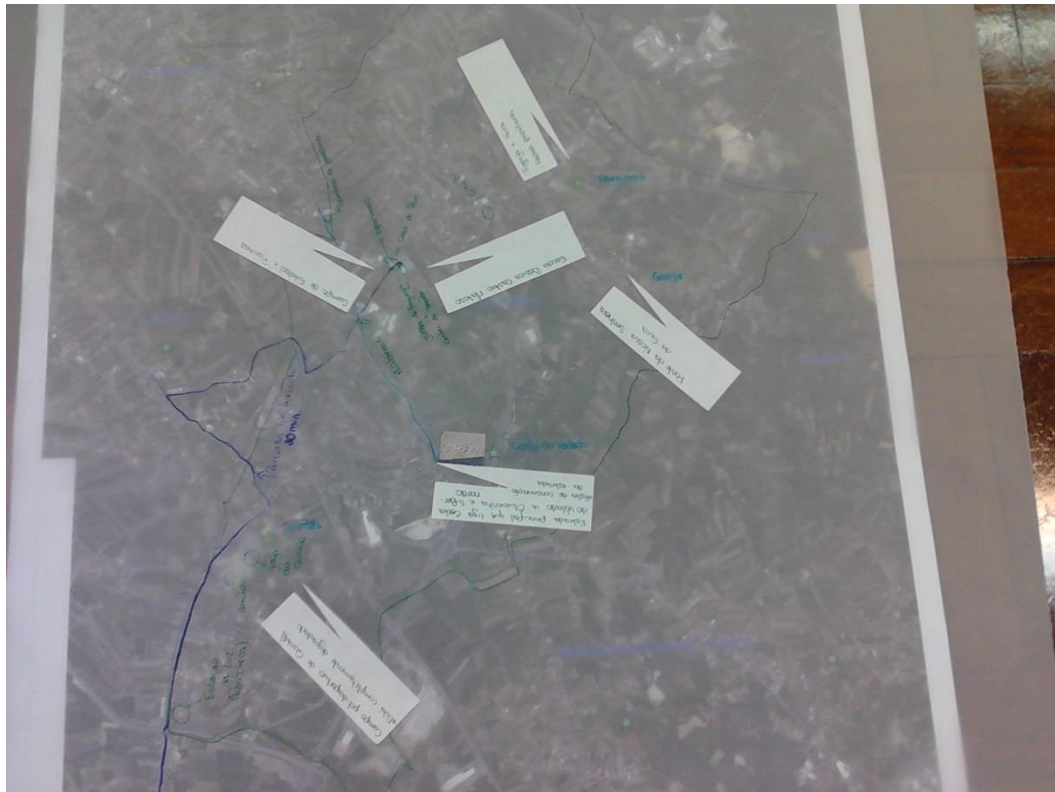














Mapa freguesia da Glória

**ANEXO 8 – REGISTOS DE OBSERVAÇÃO ASSEMBLEIAS DE
TURMA**

Registo de observação Assembleia de turma. ROAT1.

22 de Outubro de 2010

Dirigi-me à Escola de modo a poder efetuar a entrevista à Prof^a, sobre a escola e o trabalho de participação que a escola desenvolve.

O objetivo desta entrevista foi essencialmente o de entender um pouco mais o mecanismo de funcionamento da escola, as suas características enquanto instituição educativa, e as perceções da sua Diretora relativamente ao trabalho que aí se desenvolve.

No momento seguinte à entrevista, o Prof Pedro, do 3º ano, iria conduzir uma assembleia de turma com os seus alunos, tal como acontece na maioria das vezes, à sexta feira. O Prof Pedro organiza a assembleia, sendo a turma a definir, em cada semana, os assuntos a resolver. Por norma, desenvolvem-se com muito pouca interferência do docente, excetuando situações que impliquem a sua participação mais ativa.

Uma secretária é responsável pela “abertura” da assembleia, pela sua condução e pelo sumário de decisões no final da mesma.

Quando cheguei à sala, a Assembleia já havia iniciado e um dos temas principais a tratar foi proposto por uma criança, que se queixou à turma de que muitos não eram seus amigos nem costumavam brincar com ela. A maioria das crianças demonstrou alguma surpresa, dizendo que tal não acontecia. A Assembleia contou com um grau de interferência maior do Prof, uma vez que considerou que o assunto era delicado e que as crianças poderiam precisar de um pouco mais de orientação para a sua condução.

Assim, as crianças participaram ordeiramente, levantando a mão para falar. Por norma são lançadas questões, por cada criança a que o grupo deverá responder. As crianças questionaram a Sara sobre por que dizia que não eram seus amigos. A Sara nomeou algumas das crianças, sobretudo três rapazes da sala.

As crianças e o Prof passaram algum tempo a explicar-lhe que os rapazes gostam de jogar à bola e de fazer coisas que as raparigas não gostam, e que apenas por isso não

brincam com ela. Não por que não fossem suas amigas. A discussão terminou com a síntese feita pela secretária da Assembleia às 18.10h

Observação Assembleia de turma. ROAT2

12 de Novembro de 2010

Assembleia de turma

Turma do 3º ano

Professor – Então sobre a questão de ter ou não Tv no quarto. Muitos de vocês deram uma opinião sobre isso certo?

Crianças – certo!

Professor – Então vamos lá, que conclusões tiramos? Não, não vamos dizer já quais as conclusões. Antes disso, que dúvidas é que se levantaram na Assembleia?

Sofia – porque é que não podíamos ter a TV dentro do quarto?

Professor – Hum, e porque é que não podíamos? Qual foi a opinião da turma? Pedro?

Pedro – devemos ter algum... a nossa opinião foi, a opinião do Professor foi...o professor disse: sabem porque é que não podem ter TV no quarto? E nós dissemos todos que não. E depois, o professor respondeu: é porque assim ninguém (inaudível) coisas variadas com os pais.

Professor – isso foi uma opinião de toda a gente. Mas eu queria era ouvir as vossas opiniões.

M. – porque assim acordamos mais cansados!

Professor – AH! Exatamente, eu acho que foi mais isso que eu expliquei. Não sei se foi isso que eu expliquei se não, mas quero que sejam vocês a falar. Portanto, essa questão do cansaço, explica lá, explora lá isso. Porque é que ficamos mais cansados, ora diz-me lá.

M. – porque cansamos os olhos e não conseguimos ter... estudar

Professor – Exatamente, para estudar de manhã não é? Exatamente. Mas o professor falou que havia uma coisa de manhã que se produz...

P. – Hormonas!

Professor – o que é que é preciso fazer? O.?

O. – desporto.

Professor – sim, mas estamos a falar da TV no quarto, não vamos perder o fio à meada... O que eu vos disse foi, que se vocês vissem TV o que é que acontecia? Ca.?

Ca. – nós temos uma coisa na cabeça e que se nós estivermos a olhar para a TV ela não desliga!

Professor – exatamente, demora mais tempo a desligar, não é?

Ar. – O cérebro!

M. – não, é uma hormona!

Professor – (risos) Hormona! Muito bem! Que é a hormona que nos permite estar atentos.

Cat – e não desliga!

Professor – demora mais tempo a desligar, exatamente. Muito bem!

Cat. – se nós não... se nós ficarmos muito tempo a olhar depois... hum... desliga mais tarde e depois nós, quando nós estamos no dia todo, ficamos muito cansados.

Professor – mesmo que tenhamos dormido, não é?

Cat – dormimos, mas foi pouco. Nós perdemos muito mais tempo a olhar para a TV.

Professor – Exatamente. Pequeno?

Pedro pequeno – Professor houve um dia , quando vemos TV, quando dormimos, estamos sempre a acordar com pesadelos.

Professor – também é verdade. Grande?

P. – mas oh professor, se fosse assim... hum... quando fosse tarde, quando tivesse 9, horas, os pais iam lá desligavam a TV e diziam: “Oupa, já é parar dormir” e depois, depois eles dormiam.

Professor – Mas...

P. – em minha casa é assim.

Professor – Há bocado falaram...a atividade de ver TV, é uma atividade que relaxa? Que descansa?

Crianças – Não.

Professor – não descansa a cabeça, pois não?

Crianças – Não!

Professor – E os livros?

P. – Sim! Livros sim!

Professor – Ok, depois vou-vos explicar, quando dermos uma aula dos sentidos sobre isso, sobre os sentidos

M. – Oh Professor, nós, o professor disse assim, que nós devíamos ver coisas variadas com os pais.

Professor – para ver com os pais, é isso?

P. - Oh Professor!

Professor – espera um bocadinho Pedro...tu já falaste 4 vezes. Deixa falar os outros

P – nós não devemos ter TV nos quartos e os nossos pais ficam no quarto deles a ver Tv e nós no nosso, separa-se muito a família. E assim nós não convivemos nada!

Professor – Exatamente, muito bem. E o sentido da família é estar o quê?

Crianças – Juntos!

Professor – Exatamente. Eu acho que é assim. A vossa opinião, também é essa?

Ar – Oh professor eu acho que é melhor estarmos com os pais, porque se tivermos algum problema e não sabemos alguma coisa que dá na TV ou isso, eles estão lá para nos poderem ajudar . para nós sabermos o que é que quer dizer!

Professor – J.

J – eu tenho uma TV no quarto, mas quando chego ao quarto, se eu vir um bocado de TV apago e depois adormeço logo.

Professor – Hum, hum. Mais uma opinião? Quero só fazer mais uma pergunta sobre este assunto para passarmos ao outro.

Ar – professor se os nosso pais gostarem de ver, por exemplo, o AXN e ver coisas que nós não podemos ver, e nós não temos TV no quarto, o que é que dizemos aos nossos pais?

Professor – isso é assim, isso depende de pais para pais, mas se os teus pais estiverem a ver o AXN tu sentires-te desconfortável, ao ver o AXN, o que é que tu achas? Achas que deves ficar a ver?

Ar – Não.

Professor – Então? Diz lá, se tu te sentes desconfortável, é como aquela velha história do rato. Porque é que o professor não abriu o rato na turma? Porque havia meninos que disseram que se iam sentir desconfortáveis. Correto? Então não se abre! Somos uma turma democrática. Vamos ver imagens só, correto? Se tu não te sentes desconfortável com isso... A decisão depois passa um bocadinho por ti...

Ar – sim, mas o que é que dizemos aos nossos pais? Que não queremos ver o AXN?

Professor – nesse caso tens várias opções. O que é que tu costumavas fazer quando não estás a ver TV com os teus pais?

Ar – mas eu tenho TV no quarto.

Professor – pronto, nesse caso se tu achares que ...

Ar – Mas, professor, se alguém não tivesse TV no quarto, o que é que fazia?

Professor – só se pode ver Tv ou pode-se fazer outras coisas?

P – brincar!

M – podemos brincar!

P – no quarto!

Professor – a B. ia falar, e a B. ainda não falou na Assembleia. Deixem-me ouvir a B..

B. – nós com TV no quarto ficamos mais cansados.

Professor - exatamente. Já falamos nisso. Cat.?

Cat – Professor eu tenho TV no quarto, e quando eu tou com a minha mãe, o meu pai (inaudível) para ir para a cama, e uma vez nós ficamos até mais tarde a ver no meu quarto, e a ver o AXN todo. E então pusemos a Tv no quarto, mas eu como não gosto dever e não gosto de ir para o quarto sozinha ou de brincar com a minha irmã, eu fiquei, eu fiquei lá a ver. Depois, começou a mostrar sangue.

Professor – Isso à vezes acontece, Cat. E não há problema nenhum. Alex, para acabar, e a seguir vamos para outro assunto senão não vamos conseguir acabar.

Alex – Oh professor eu tenho Tv no quarto, e o meu pai está sempre a ver futebol, e eu não gosto. A minha irmã também não e está sempre aos berros e eu tenho de estar no meu quarto com ela a ver TV.

Professor – Vamos responder à Alex Reformula o que disseste desde o início.

Alex – Como o meu pai...

Professor – Não, mas tu disseste o quê? Que eu tenho...

Alex – eu tenho Tv no quarto.

Professor – tu disseste “eu tenho que ter TV no quarto”. Para quê?

Alex – Sim. Porque o meu pai está sempre na sala a ver TV, e a ver o futebol e o jornal, e eu não gosto de ver e a minha irmã também está sempre aos berros, a dizer que quer o Panda, e então eu tenho que ter Tv no quarto. Senão está sempre ali aos berros e a minha mão fica com dores de cabeça.

Professor – e não podes brincar com a tua irmã?

Alex – Oh professor eu tento, mas depois é assim: Ah, quero o Panda, o Panda, o Panda!

Professor – se tu fosses uma aluna normal, eu dizia assim, não... Estamos a falar de uma aluna excecionalmente inteligente. Se uma aluna excecionalmente inteligente não consegue dar a volta a uma irmã de dois anos, minha amiga! Estamos mal! Mas pronto, é a tua opinião. Querem dizer alguma coisa à Alex? Quem tem irmãos, quem não tem não vai inventar nada.

Cat – professor quando eu era pequenina a minha mãe mandava a minha irmã calar. Ela queria ver o Panda também, mas só que eu não via. E tentava levar sempre a minha irmã para o quarto, mas só que eu insistia.

Alex – sim catarina, mas a tua irmã não é como a minha. A minha irmã, ela tá sempre aos berros! Sabes o que é sempre aos berros?

Professor – vais ser cantora de ópera! Impossível! Vai ser cantora de ópera!

Alex – Professor! É que tá a dar música, tá a dar música e ela a gritar!

Professor – Espera aí, o marco vai responder, e depois vamos mudar de assunto. Marco?

M – tu tens de dizer à tua mãe para encher um biberon e dar à tua irmã.

(risos e gargalhadas das crianças)

Professor – mas olha, é uma solução!

Segundo assunto da Assembleia, qual foi?

Crianças – os pais! A separação dos pais!

(Nota: o professor havia já explicado que há duas crianças cujos pais estão em processo de divórcio, e uma criança encontra-se com processo na CPCJ, e poderá ser temporariamente retirada da sua família. As crianças propuseram o assunto na Assembleia, por estarem preocupadas em saber com que ficarão, numa situação dessas)

Professor – Ora bem. Há coisas que vocês disseram que não vale a pena estarmos a repetir. Vamos resumir superficialmente. Quem é que abordou o assunto inicial? Foste tu Cat?

Cat – Foi o T.

Professor – Foi o T? Foste tu? Mas quem começou o assunto?

Crianças – A Cat!

Professor – a Cat! Quem propôs o assunto para Assembleia, foi a Cat? Força! Explica lá. Tu fizeste uma pergunta à turma, não foi? Põe-te de pé e faz então a pergunta.

Cat – A pergunta que eu fiz à turma foi como é que..., se os pais se separarem e não conseguissem, o que é que acontecia?

Professor – aos filhos, não é? onde é que ficavam filhos, é isso? Ok. Johnny?

J – se os teus pais se separassem, tu querias ficar mais com quem? Com o teu pai ou com a tua mãe?

Cat – hum...

Professor – mas isso é uma pergunta um bocado difícil oh J. Nós temos imensos meninos na nossa sala que estão, que têm os pais separados, não é? Portanto, a nossa experiência... Nós temos de aproveitar a nossa experiência, não é? é aquela velha história. Eu parti uma perna, e o Nuno acabou de partir uma perna. E o N. pergunta, oh Professor, como é que é? como é que é? e eu, dói muito oh N., mas olha, aquilo passa, percebes? Nós temos todos experiência. Há muitos de nós que já partiram uma perna não é?

Crianças – eu já parti!

Professor – portanto, vamos passar então à parte da experiência. O Johnny é um menino que, tu tens experiência Johnny? Estou-te a perguntar se os teus pais estão separados?

J. – Estão.

Professor – estão. Então explica à Cat com quem ficas. Porque é que ficas, e com quem ficas.

J – o meu pai quer que eu fique mais com ele, sempre. Mas eu também quero ficar com a minha mãe, porque o meu está sempre a pedir para eu ir lá ficar, mas eu também quero

ficar com a minha mãe, tipo... eu também quero ficar com a minha mãe porque ela é minha amiga!

Professor – Ok, tudo bem.

Cat – Oh professor!

Professor – vamos ouvir agora outra opinião? Queres dizer alguma coisa ao J?

Cat – quando me fizeste aquela pergunta o que eu te ia responder era que se os meus pais se separassem eu queria ficar com quem eu me sentisse mais protegida. Assim...

Crianças – Eu ficava com a minha mãe!

Crianças – Eu ficava com o meu pai!

Professor – Ca! Deixa ouvir agora o Ca.

Car – o meu pai e a minha mãe estão separados e eu só fico com o meu pai aos sábados e aos domingos, porque eu gosto de estar mais com a minha mãe, porque a minha mãe me dá mais coisas e também há uma coisa que o pai não dá. O meu pai dava-me sempre dinheiro para me ajudar a comer, a comprar coisas para mim... mas agora, desde o Natal, que já não dá dinheiro à mãe para ajudar-me, para me comprar as coisas.

Professor – Ok. M.

M – Olha J, podes fazer um dia com o pai e outro dia com a mãe.

Ca – Mas eu quero fazer assim.

Professor – P.

P. – Olha, oh J., fazes assim...

Professor – a pergunta não é do J., é da Cat. O J. só reforçou. Mas já agora, Marco, diz-me uma coisa. Tu que sabes isto. É o João que pode decidir que fica com a mãe ou fica com o pai? É ele que decide?

M. – Não, é o tribunal.

P – O Juíz!

Professor – é o tribunal. É o Juíz, não és tu que decides. O marco é que sabe isso. Vamos lá...

P – professor, a minha mãe e o meu pai já se separaram, o meu pai verdadeiro, e a minha mãe também.

Professor – eu sei, mas a respostas que estavas a dar ao J., dás a resposta à Cat

P. – Oh Cat., fazes assim. De segunda até ao Domingo ficas com pai. Depois, na outra segunda até Domingo, ficas com a mãe.

(Inaudível)

Cat – Mas eu quero ficar com a minha mãe e com o meu pai, e eu falei com o professor. Mas eu não contar, porque é um bocado complicado para mim...

Professor – Exatamente, se é desconfortável para ti então não contas. Olha, palavras sábias! Vocês têm que distinguir uma coisa. O que são problemas de criança e problemas de adulto. Se vocês misturam problemas de crianças com... Vocês quando estão a fazer um bolo põem óleo e azeite lá para dentro?

(risos das crianças)

Ar. – Ai, oh Professor!

Prof – há bolos que levam óleo, mas são poucos, é ou não é? A gordura que leva um bolo é manteiga e açúcar!

Crianças – e farinha!

Crianças – e ovos!

Professor – agora, óleo, azeite, vinagre, para um bolo?

Crianças – Eiiiiiiiiii! Oh Professor!!

Ar – Vinagre??!

Professor – que bolo tão fraco! Continuando, vamos ouvir a nossa amiga Ar. que também tem alguma experiência neste assunto. Vamos ouvir.

Ar. – eu também fiz uma pergunta numa coisa que eu estou interessada, que é uma coisa de adultos que não é de crianças. E o Professor explicou-me tudo para eu perceber. Depois, no dia seguinte, já ficou tudo bem, e eu não sabia o que fazer a isso.

Prof – mas eu disse-te que ia ficar tudo bem ou não?

Ar. – Disseste.

Prof – As coisas resolvem-se.

Pronto, há mais alguma questão?

Não há mais nenhuma opinião pois não?

P. – professor, eu queria dizer uma coisa.

Professor – Força!

P. – mas era ao professor.

Prof – Um assunto que não é de assembleia?

P. – é tipo, o da Cat.

Prof – sim, e então?

P. – era... se um menino for para a... Imagine, se eu fosse para a Obra (instituição para crianças e jovens em risco)... há, vai chegar um dia em que a minha mãe vai... vai sentir saudades minhas, mas mesmo muitas, e depois vai-me lá buscar para ficar comigo.

M. –Professor eu sei o que é que é.

Professor – responde. O M vai-te responder porque eu nunca estive na Obra, não sei, o marco que já lá estive, responde-te. Força M.

M – Oh P, se tu estiveres lá na Obra, e estiveres a portar mal e isso tudo, não podes ir a casa. E depois se te portares muito bem, sempre, podes ir a casa. Como eu vou agora.

P – não, mas se eu portar-me todos os dias bem, lá na Obra e, e a minha mãe souber disso, vão ao tribunal dizer que quer ficar outra vez comigo ou não?

Prof – é a tua mãe que decide?

M – Oh P. o tribunal é que tem de mandar uma carta para a Obra para ver se tu podes ou não. Falar do teu dinheiro e assim...

Prof – Tá, percebeste? Respondeu-te à tua pergunta?

P. – Sim.

Professor – Mar.?

Mar. – Oh P. mas às vezes os adultos, os pais não têm dinheiro para cuidar dos filhos. Eles podem gostar muito dos filhos mas não estar, não ter... não podem ficar com os filhos porque não têm dinheiro para lhes dar comida.

M. – não é só dinheiro!

Mar. – e então é melhor estar lá na Obra do que estar sempre a passar fome!

Professor – O M. quer responder.

M. – mas não é só dinheiro... é coisas de ... competência de, para tratar...

Professor – Sabes o que é a competência?

M. – Não.

Professor – competência é uma palavra difícil de explicar a uma criança. Competência é uma espécie de capacidade

M. – é não conseguir...

Professor – é, o professor tem a Francisca não é? E o professor tem de mostrar capacidades para tomar conta da Francisca, percebes? Se acontecer alguma coisa ao professor, sei lá, uma doença, ou qualquer coisa, o professor deixou de ter competência, capacidade, para tomar conta da Francisca. Percebes?

M. – competência pode ser... a tua mãe pode não ter dinheiro e manda-te para lá.

Professor – Exatamente.

M. – quando ela tiver...

Professor – Quando ela voltar, voltas para casa.

M. – a minha mãe já tem competências! A minha mãe tem uma conta com dinheiro

Professor – Exatamente! A tua mãe está quase quase com as competências todas. Cat.?

Cat. – eu neste momento tenho uma pergunta mas sem ser sobre a assembleia...

Cat. – é sobre a assembleia!

Professor – sobre a assembleia? Força.

Cat. – posso ir ali para o meio?

Professor – podes ir para onde quiseres! Força.

Cat. – a minha avó e o meu avô tão – se a decidir sobre se separar. (inaudível) e eu só quero saber qual é a resposta...

P. – Eu tenho a resposta.

Professor – diz P.

P. – é. se o avô for para outra casa e não tiverem nada da avó, vai-se esquecer, porque ...

Cat. – Mas não é isso!

Professor – P., mas deixa o P. acabar...

Pedro – mas a mente dos maiores não é como a mente das crianças. Faz de conta. Daqui, do 4º até ao 6º nós vamos ter 12 anos mas vamo-nos lembrar do Professor.

M. – O Fernando anda no 7º ano e ainda vem aqui!

Professor – vem aqui montes de vezes! E o M., isso é bom sinal!

Crianças – mas oh professor! (inaudível)

Professor – posso dar por encerrada a assembleia? Ficaste com a tua dúvida satisfeita ou não?

Cat. – hum, sim, mas eu só queria dizer uma coisa ao P.. O meu avô, eles só tão a discutir porque só tiveram dois filhos! E eles, hum, o meu avô queria ter 10! Mas, o problema é que a casa... a minha avó não quis ter mais porque a casa era pequenina e eles não tinham muito dinheiro para comprar comida e...

Professor – foi essa a origem da discussão então?

Cat. –e depois a minha avó apanhou um susto que quase que ia ser atropelada e perdeu um filho.

Professor – posso dar por encerrada então a assembleia? Tom, para acabar? Encerras tu a assembleia hoje...

Tom. – mas porque é que tem de ser assim?

Professor – porque nós vivemos numa sociedade que tem regras Tom, e se fosse cada uma das mães a decidir, podiam não se entender umas com as outras, assim existe uma pessoa... Olha, porque é nós utilizávamos o ano passado a Ri...

P. – E o R.e eu!

Professor – e o R., para decidir os problemas da turma?

Mar – era porque assim havia discussão sobre os problemas da turma, e assim a Ri e o Ru iam conversar até...

Professor – até se arranjar uma solução!

Mar – ate se arranjar uma solução!

Professor – é uma forma de organizarmos a nossa turma.

M – mas é o tribunal que manda!

Professor – é. Ninguém está acima do tribunal. Tão a perceber? É exatamente a mesma coisa. Mesmo que seja o Presidente, o Primeiro-ministro! Se fizer alguma coisa mal tem de responder ao tribunal.

M – é o juiz que sabe, o tribunal manda se ele vai para a prisão ou não!

Tom – mas a polícia não decide nada.

Professor – exatamente. A polícia não tem decisão. A polícia só entrega as pessoas ao tribunal, quem decide é o Juíz.

Ti – Oh Tom, mesmo quando tu vais para a prisão, é o Juíz que escolhe, não é Professor?

Professor – não escolhe, decide. Ele tem lá um livro que tem as leis, e perante as leis, ele diz: O Tom fez isto. Bebeu um copo de água e ali não se pode beber água. Se no livro disser que não se pode beber água...

Crianças – Vai para prisão!

Professor - ... dentro do sítio onde o Tom bebeu um copo de água! O Juíz decide: ou paga uma multa ou vai para a prisão.

Tom – se ele tiver dinheiro Professor!

Ar – ele pode não ir para a prisão e ir para o Colégio! É ele que decide se ele fica com o pai e se paga a multa ou se vai para a prisão

Professor – Exatamente!

(discussão entre as crianças – inaudível)

Mari. – mas nos não podemos ir para a prisão.

Professor – é verdade, e só a partir dos 16. Dos 16 aos 18.

Mari – por isso tu não ias para a prisão, ias para o Colégio!

Professor – é, é aquele colégio que vos falo em Campanhã. Há em Vila do Conde e em Campanhã.

Cat – se o tribunal não, se o tribunal não pudesse decidir sobre a opinião, como o teu caso de ires para a Obra, tu escolhias ficar com quem?

M – silêncio.

Professor – Só respondes se quiseres M.

P. – ele pode nem saber Professor!

Ar. – Ou pode ser segredo!

Professor – ele pode neste momento não saber se quer um ou se quer outro. A pergunta foi da Cat para o M. O M. vai encerrar a assembleia quando acabar de responder ou de não responder. A decisão é do M, depois ele diz Está encerrada a assembleia e não há mais perguntas. Força.

P – Oh M., se não souberes...

Ar – e se não souberes!

M – Está encerrada.

Professor – está encerrada a assembleia!

Registo de observação Assembleia de turma. ROAT3.

EB, 19 de Novembro de 2010

Sala do 3º ano

Assembleia de turma

A Assembleia de turma iniciou-se às 17h. Uma das crianças escreve, no quadro, a agenda da assembleia. Após o término das assembleias, uma das crianças responsabiliza-se por escrever o sumário dos pontos abordados e as decisões tomadas, em turma, em livro próprio. A proposta passa por discutir as coisas que se emprestam e o comportamento do Marco, um dos colegas (proposta do Professor). O professor pergunta à turma se pode incluir um ponto para discutir o comportamento do M pois considera que na última semana este está um pouco modificado. A turma concorda e o ponto é acrescentado à reunião. O M. pede para acrescentar um ponto acerca da importância de gostarmos do nosso grupo de trabalho. Tem uma reclamação a fazer acerca de um colega. A questão das faltas e dos atrasos ao chegar do recreio será também discutida.

A Assembleia de turma é utilizada para as crianças discutirem temas seus, enquanto coletivo. Sempre que haja conflitos ou tensões, as crianças são incentivadas a procurarem, em primeiro lugar, uma resolução ente pares, de modo autónomo. Só se não chegarem a um consenso é que passam esse problema para a Assembleia.

Após a finalização do trabalho dos grupos, neste caso de Matemática, o professor faz uma revisão com os alunos. As crianças dizem, em uníssono “Dúvida de tarefeiro é dúvida de turma!”. Para explicar o problema de matemática que as crianças deveriam resolver, o professor recorre a elementos da sala, neste caso, aos azulejos da parede. Os grupos são altamente participativos na resolução dos problemas, e após a revisão, os tarefeiros arrumam todo o material da sala.

De 15 em 15 dias as crianças não levam trabalhos para casa, de modo a poderem usufruir desse tempo para as suas atividades de lazer e para passarem tempo em família.

A assembleia durou aproximadamente 29 minutos. Foi gravada com autorização do professor e das crianças.

17h

O Professor dá início à assembleia de turma e o Ca começa a discussão sobre as faltas.

Sugere, a Assembleia, que as faltas após o recreio sejam marcadas mais tarde, pois se um colega se atrasa e se marca falta, depois tem de se estar sempre a emendar (As faltas do livro de ponto são marcadas pelas crianças e não pelo professor).

Professor – ora bem, meus amigos, vamos dar início à assembleia. A partir de agora, silêncio.

Cat, podes ser tu então a apresentar os temas. Hoje temos três pontos na assembleia. Quais são os pontos?

Cat – o primeiro é sobre... o grupo. O outro é sobre o M. e o outro é sobre as faltas.

Professor – Ok! Ca., queres começar tu? Passas aqui para o meio e falas com os teus colegas?

(Ca. desloca-se para o meio do círculo onde as crianças estão, sentadas no chão. Deve dirigir-se ao grupo e não ao professor para poder expor a sua questão).

(a assembleia interrompe para que se feche a porta da sala. As crianças queixam-se da corrente de ar.)

Professor – Vamos lá ouvir e começar. Está aberta a nossa assembleia, a Cat. já nos apresentou os pontos. Ca, vamos lá!

Ca – é sobre marcar as faltas depois do intervalo. Porque é que toda a gente durante o ano, fica à espera que ele chegue? Temos de esperar que ele entre. Senão, nós marcamos a falta, e depois ele chega. E assim nós temos de apagar a falta dele!

Professor – Jo!

Jo – eu acho que... a minha sugestão é que se um menino faltar, nós...

Rapaz – mas ele pode vir!

Professor – Mas já tem falta!

P – Oh Professor e se ele não falta à aula? Vier?

Professor – Vamos lá, P, sugestão?

P – mas e se ele chegar e o professor não tiver... hum... ele...

Professor – não se percebe nada do que dizes, rapaz!

P – e se um menino chegar e o professor já tiver o livro de ponto, a dizer que não vem.

Professor – aí marcas faltas. E não sou eu que marco as faltas!

P – marca a falta e depois?

Professor – Mar?

Mar – se estiveres a pensar assim, ele pode chegar depois do recreio ou... se pensarmos assim não se marca a falta nunca, só no fim da aula!

Professor – se for depois do intervalo já é falta. Se não tem de trazer justificação e é uma falta justificada, a S. sabe disso.

Rapariga – mas se ela trazer a justificação só quando vier...

J – acho que a tua sugestão é boa, porque assim ele ainda pode vir depois do intervalo. Mas oh Professor, e se ele vier só no final da aula?

P – mas se ele chegar atrasado e o professor não pode pôr que ele... hum... se o professor quiser não pôr, dizemos que ele vem...

Professor – Não sou eu que marco as faltas. É a Mar.

Mar. – Assim já não vale a pena, porque assim já passou muito tempo.

Crianças – e se ele for ao médico? E se ele estiver doente??

Professor – Assim não conta, porque essa é uma falta justificada.

Ar – se ele for ao médico e trazer uma justificação no dia seguinte ela depois apagava a falta.

Professor – não isso não se pode apagar, as faltas do médico. A falta do médico tem uma bolinha à volta.

Rapariga – Oh Ar. nós não podemos, porque é assim. Imagina que o professor vai ver ao livro de faltas e pergunta assim: quem é que esteve na aula X, quer dizer? Depois pergunta, faltou. E pergunta à Tat e ela diz assim: não estive cá. E o que é que fazes?

Professor – precisamos de uma sugestão para este problema. Uma falta é muito difícil de apagar. Com corretor, nunca.

Mar – se ele faltar eu tenho de marcar falta outra vez e não posso apagar, porque não se pode pôr corretor.

Professor – J., para terminarmos este assunto e passarmos ao próximo?

J. – Oh Ca, quando nós estávamos no segundo ano, havia um rapaz, aquele que não marcávamos falta, que nunca chegava a tempo...

Cat – porque ele vivia em Gaia!

Professor – Ok, vamos então mudar de assunto. Obrigado Ca, está sugerido. Vamos agora a votos. Quem acha que deve, que as faltas devem ser marcadas a seguir ao intervalo, levanta o braço.

(crianças votam)

Quem acha que as faltas não devem ser marcadas depois do intervalo?

S. – há quem não vote nem numa nem noutra!

Temos 18 votos contra e 4 abstenções.

Mar – só podemos marcar as faltas depois do intervalo!

Professor – exatamente! Ok, segundo ponto. É o grupo. Força, marco.

M – um elemento do meu grupo disse-me na segunda-feira que queira ir para outro grupo. Para aquele (aponta para um outro grupo de trabalho da turma).

Professor – Ok, um elemento de um determinado grupo disse que queria voltar para outro grupo.

(Professor sintetiza o que o M. disse pois este estava a falar demasiado baixo).

Hum, a minha proposta de discussão é sobre a importância de se pertencer a um grupo. E agora, gostava de saber o que é que vocês acham? Sobre a questão de querer ou não mudar de grupo.

P – Mas, se esse menino quer mudar de grupo é porque deve ter alguma razão!

Professor – Achas que sim?

P – Sim.

Professor – J.?

J – Oh M, eu acho que esse menino quer ir para os grupos, e não quer estar no vosso, eu acho que ele tem razão. Ele pode estar a trabalhar muito bem ou pode estar a trabalhar muito mal.

Professor – Cat?

Cat – hum, se esse menino quer mudar de grupo eu acho que faz mal, porque é muito importante... se o professor escolheu pôr todos num grupo é melhor ele ficar no seu grupo porque já fizeram muitas coisas com ele. E assim a tarefaira consegue ajudá-lo e assim fica mais fácil. E habitua-se.

Professor – Ok.

Ar. – mas o menino que tu tas a falar, qualquer um, pode ter esta razão, ele não gostar de trabalhar com os elementos desse grupo e estar sempre a olhar para outro grupo! E gostar da forma de trabalhar noutros grupos. E pensou: quem me dera estar naquele grupo!

Professor –Ok, J tu já falaste. S.?

S. – se calhar esse menino vê os outros grupos e quer ir para aqueles grupos.

Professor – vocês estão a repetir as respostas uns dos outros.

Rapaz – mas esse menino...

Professor – Ok, antes de mais, a primeira a falar neste assunto quem é que foi? Quem foi o primeiro a opinar?

Crianças – foi o P.!

Professor – o P.. Foi o último menino a arranjar um grupo. O P. esteve sem grupo para aí durante três meses! Portanto, ele é um especialista, é ou não é? Não te consideras um especialista? Então explica lá à turma, qual é a diferença entre ter um grupo e não ter um grupo?

P. – hum, a maior diferença entre ter um grupo é que posso trabalhar com os outros e assim posso tirar as minhas dúvidas.

Crianças – e partilhar, partilhar!

P. – e assim, como não tou, sem grupo eu não posso tirar dúvidas nem nada!

Professor – vocês têm de pensar numa coisa. Quando trabalham no balcão, é trabalhar sem grupo, quando trabalham no grupo, trabalham no grupo. Ficam a trabalhar com mais 4 ou 5 meninos correto? Agora, o que acontece é o seguinte: nós muitas vezes, só sentimos falta de ter um grupo, quando não o temos. Às vezes temos um grupo maravilhoso e não damos valor ao grupo que temos. E quando o grupo nos dá mais trabalho, porque não interessa só quando os grupos derem pontos, um grupo serve para nós aprendermos a controlar os nossos comportamentos. Os nossos e os dos colegas. E o crescimento do grupo serve exatamente por causa disto. Quando alguém diz “eu quero mudar deste grupo” refere-se a qualquer um dos meninos do grupo, porque quer dizer que qualquer um desses quatro meninos não está a fazer um bom trabalho. Por isso eu quero-me ir embora, e foi isso que aconteceu ao Marco. Sentiu-se triste porque lhe disseram, quero mudar de grupo. Mas porquê? Este grupo é fantástico! Este grupo é maravilhoso! Porque é que querem mudar de grupo?

Por isso é que ele apresentou esta proposta aqui na Assembleia de turma. Percebem? Agora, se vocês falarem, ah eu quero mudar de grupo porque tenho mais afinidades, como foi a história da Tat, que mudou para o grupo da Mar, isso é outra história. Agora, sair do grupo porque o grupo não trabalha, do meu ponto de vista, não tem lógica nenhuma. Conclusão deste ponto?

Mar. – esse menino quer sair do grupo e não merece sair do grupo, pode sair do grupo se ele se sentir mal dentro do grupo, mas normalmente nós temos de nos sentir bem do grupo, porque foi o grupo quem mais nos ajudou. Com os aspirantes e assim...

Professor – Ok, mais alguma dúvida sobre este assunto? Ficou concluído ou não?

Crianças – sim!

Professor – uma mudança de grupo implica muita coisa, e não é porque hoje me dói a orelha esquerda ou que me dói a unha do pé direito que eu vou mudar de grupo.

Crianças – gargalhadas

Professor – vocês têm de meter na cabeça que o vosso grupo é uma coisa muito importante. E vocês nunca querem mudar de grupo. Se querem, têm de contrariar esse querer.

Próximo ponto! Agora vai ser sobre o comportamento do M..

(O terceiro ponto da agenda dizia respeito à discussão do comportamento do Marco.

O Professor explicou à turma que acha que o comportamento tem estado diferente. Uma vez que ele é o Capitão de turma, o Professor gostava de saber se a turma também pensa que o seu comportamento se modificou?)

Professor – eu queria-vos falar sobre o comportamento do M., porque o M., do meu ponto e eu gostava de saber a vossa opinião, tem tido um comportamento não de capitão de turma, mas um comportamento de menino normal para pior. Ok? Para pior que o normal, o que é?

Ar. – é muito mau.

Professor – é mau. Eu gostava de saber se vocês acham que sim, se acham que não.

Ar. – normal, eu vejo-o sempre a ver, a mandar calar as pessoas...

Professor – J.?

J. – acho que o comportamento do M. está a ser normal para o meu gosto.

Professor – Para o teu gosto. Ok. Cat

Cat – eu não sei de nada, mas para mim não deu para notar nada. Se isso aconteceu, para mim não foi relevante.

Professor – não é relevante? Relevante quer dizer que não deu para notar?

P.?

P - o M. até agora tem estado extremamente impecável.

O. – eu não acho...

Professor – então?

O. – Hoje o M. foi buscar uma bola e então chega lá um menino que chuta a bola, da outra Professora, daquele menino. E então aquele menino ali e o M. quase que lhe bateu. E o outro menino agarrou o M. Quase que lhe ia bater.

Professor – qual é a definição de quase que ia bater? Quem foi o menino? O Ti? Mas ele não me disse nada. O M bateu-te Ti?

P. – é não bater.

O – mas agarrou-o!

Professor – quem é que te contou essa história?

O – eu vi Professor!

Professor – e quem era o menino?

O – era o Ti.

Professor – mas o Ti não me contou nada! Oh Ti! Quem é o Ti? O M bateu-te?

Ti. – Hum... Não, ninguém me bateu.

Professor – pronto, Ti, continua a trabalhar.

(O Ti, criança envolvida na discussão com o marco sobre a bola, é da sala de outra professora, e está na sala do professor Pedro, hoje, excepcionalmente. Encontra-se a trabalhar e não participa na assembleia pois não é um elemento da turma do professor).

Professor – nós já falamos aqui em duas coisas muito importantes (tom de voz ligeiramente alterado). Eu controlo os pais da minha sala, mas não controlo os pais das outras salas! Tá percebido?? Tá percebido? (tom de voz mais elevado).

É muito fácil tu dizeres que bateu, chega lá, leva, entrega e amanhã tenho aqui espera! Muitas vezes temos de provar a nossa razão, a nossa atitude. Bateu? Bateu O?

O – Não professor...

Professor – Ótimo, ainda bem! Eu aqui dentro controlo os vossos paizinhos todos, mas os das outras salas não. São muitos. Aqui até posso fazer o pino, dançar, isto é tudo meu, tudo meu! Agora, fora daqui, tu sabes que eu já não posso fazer nada. Correto? Por isso tem cuidado como que dizes. Não percebeste ainda a mensagem? Percebeste S? Explicá-lhe.

S. – fora da sala, o professor não manda nos outros pais.

Professor – não é nada disso! O que é que ele fez e que está mal? P.?

P. – Mentir ao Professor?

Professor – não, não é por aí... Mar?

Mar – não falar com o professor...

Professor – e depois? J.?

J. – o professor só controla aqui na turma, mas lá fora não

Professor – não, não tem nada a ver!

Cat – o que o professor disse é que o professor não tem nada a ver com os pais das outras salas.

Professor – não tem nada a ver!

O O insinuou que o marco bateu num menino de fora da nossa sala. Correto? O M. conhece metade dos pais desta escola. Desde que está na nossa sala não, mas é, correto? E desde que o M. está na nossa sala ainda não conheceu nenhum pai. Tá entendido, já percebeste agora?

P. – Oh Professor, você...

Professor – tu estares a insinuar uma coisa que aconteceu, que não aconteceu, porque se tivesse acontecido eu era o primeiro a dar-te razão. Mas não aconteceu! Tu viste só o M. a tentar resolver o problema, correto? O que tu estavas a dizer é que um menino tinha sofrido violência.

P. – Oh professor, professor...

O – não, mas não bateu!

Professor – por isso mesmo! O que estás a dizer é que empurrou! (tom de voz elevado)

P – professor!

Professor – a questão dos pais é que eu sei perfeitamente que se o M vos agarrar vocês não vão fazer queixinhas aos papás. Não têm razão para isso. Agora, se for outra pessoa já não posso dizer a mesma coisa. Posso ou não posso?

Crianças – Não!

Professor – já perceberam todos a questão dos pais agora?

Crianças – Sim!

Professor – e mesmo que os vossos pais venham: ah sr professor, o meu filho, o marco bateu. Como acontecia quando o Mi. batia nas meninas. As mães das meninas vinham falar com o Professor, certo? Alguma vez algum pai foi falar contigo?

Mi. – Não.

Professor – Tá percebido?

P – Posso dizer uma coisa ao O?

Professor – Rápido.

P – Oh O, dantes o M. não era como agora.

Ar – O M. aprendeu! Ele aprendeu!

Professor – continuando, vamos avançar para o assunto senão não vai dar tempo. Portanto, ninguém acha que o comportamento do M. está... vamos a votos? Quem acha que o comportamento do M. está diferente? Diferente, para pior?

P. – Oh M. tu não podes votar para ti próprio!

Professor – Pode, e isso é bom porque é sinal que tem consciência!

Mar. – é sinal que tem consciência em si próprio!

Professor – consciência de si próprio. Agora, quem acha que o comportamento do marco não piorou e que está normal?

13 votam que esta igual

8 que está diferente

Há uma abstenção? Quem é?

Crianças – não, falta a Ri!

Professor – ah, falta a Ri!

Ok meus amigos, vamos escrever ali no livro de ocorrências, está encerrada a assembleia. Mais alguém quer dizer alguma coisa? A Assembleia encerra.

Registo de observação de Assembleia de turma. ROAT4.

16 de Dezembro de 2010

Turma do 3º ano

Assembleia de turma

A Ar. e a Mar. iniciam a discussão, propondo então a “crise”.

As crianças sentam-se no chão e organizam-se para dar início à assembleia.

Professor – ora bem, antes de mais, quem é que propôs o assunto para a nossa assembleia? A Ar. e a Mar. pequena, não foi? Mar., estamos à tua espera, ainda por cima, foste tu que propuseste!

A Xana era quem tinha um power point. (distração das crianças, pois uma criança estava com a mão no nariz...).

Ora bem, a Alexandra tinha um power point, para vos mostrar, quem começou a história da economia, foi a.... Não, não, o que é que tu queres apresentar à turma?

Professor – O que é que tu queres apresentar aqui, na assembleia de turma?

Mar. – Professor, eu acho que era a crise...

Professor – Explica o que é que é isso. Tu tens uma loja, explica o que é que pediste ao professor. Anda cá! Senta-te aqui (a Mar. senta-se numa cadeira ao lado do professor). Isso, explica lá.

(Silêncio)

Professor – Tu tens uma loja. És tu que tens uma loja?

Mar. – Eu não tenho professor, é a minha tia...

Professor – pronto, então,

Mar. – vão os jogadores de futebol

Professor – só esses é que vão lá comprar coisas? Por isso, está a sentir a crise?

Mar. – então, se os jogadores sentirem a crise que nós estamos a sentir...

Professor – é, mas os jogadores, esses vão demorar mais a sentir... Mas não interessa, essa é uma boa pergunta. Portanto, se acontecesse os jogadores sentirem a crise que nós estamos a sentir, sentir a crise económica, não é? E tu apresentaste soluções não foi?

Mar. – Sim.

Professor – e qual foi a solução que apresentaste?

Mar. – Professor eu acho que a Alex não disse...

Professor – disse. Ela falou que devemos comprar... ela estava ali com os trabalhos, quando estavas a falar...

Mar. – Ah!!!

Professor – ela falou que devia-se comprar o quê?

Mar. – coisas portuguesas.

Professor – coisas portuguesas, foi não foi? Pronto, e o que é que a Alex descobriu? Que o professor disse hoje, no início da aula? Era isso que ela ia apresentar no power point.

Mar. – disse que os produtos...

(Silêncio)

Professor – todos os produtos , para já, têm o quê?

Crianças – 560!!!

Mar. – 560!

Crianças – códigos de barras!

Professor – têm um código de?

Crianças – Barras! Barras!

Professor – E a Alex descobriu que, os produtos que eram feitos em Portugal...

P. – Eram 560!

Professor – e tu também disseste outra coisa das prendas de Natal. O que é que tu disseste?

Mar. – que devíamos comprar beiblades no natal, para ajudar os pais...

Professor – exatamente, porque beiblades é uma coisa...?

Crianças – Mais barata!

Professor – Excelente sugestão! Adorei a sugestão!

Mar. – E se não gostarmos de beilades?

Professor – arranjam uma coisa que tenha o mesmo preço. Olhem uma pergunta pertinente da Mar....

Mar. – e se nós não gostamos dos beiblades?

P. – Compras uma Barbie.

Crianças – Uma Barbie???

Rapaz – e nós? Uma Barbie?

Professor – Continuando, então a sugestão da Mar. foi comprar os beiblades, e a Mar. grande contrapôs com uma questão. Qual foi a tua questão?

Mar. – e se nós não gostarmos de beiblades?

Professor – o que é que vocês acham?

S. – compramos uma caixa de pinturas que é... é 8 euros e 99... iguais aos beiblades.

P. – Uma Barbie!

Professor – Uma Barbie é caríssima. Custa 70 euros... Mais?

M. – Professor eu sei uma coisa assim barata! Beiblades assim pequeninos custam 3 euros.

Professor – Mas ela não gosta de beiblades, é menina....Se a Mar. não gosta de beiblades temos de apresentar sugestões. Eu acho que há uma solução que engloba tudo. Eu gostava era que vocês arranjassem essa mesma sugestão.

Ca – há os carros da hot wheels que só custam 1 euro e...

Professor – Fala para a Mar....

Ca – Oh Mar., tens os carros da hot wheels e só custam 1 euro.

M. – mas elas, elas não gostam!!

Professor – Tás a ver a Mar. a brincar com carros da Hot wheels. Que espetáculo!

(risos)

J. – Fruta!

Professor – fruta?

(gargalhadas das crianças perante a sugestão do J.)

Professor – achas que alguém dá fruta de prenda de Natal?

AC – pode ser daquela fruta de plástico, de brincar!

Professor – Para brincar não é? Muito bem... O chao min, vai lá para baixo (O professor refere-se ao D., criança chinesa que integrou a turma há pouco tempo e não domina ainda o português. O D. participa na assembleia, embora não saiba o que está lá a fazer por não entender o que se diz).

(Gargalhadas das crianças)

Professor – Estamos em assembleia, vai lá para baixo. Vai vai, sou eu que mando, Andor. (o D. acena com a cabeça a dizer que não, manifestando vontade de continuar no grupo).

(Gargalhadas das crianças)

M. – Lojas.

Professor – Lojas?

M. – Lojas de brincar!

Professor – é caro... P.?

P. – brinquedos de pet shops.

Professor – Pode ser? Pronto, já aqui está uma sugestão. Ok! Continuando, então. E agora na questão, como é que nós, crianças, vocês crianças, podem ajudar os vossos pais com a questão da crise? P.?

P. – compramos coisas muito... mais baratas, não caras porque eles não têm dinheiro...

Professor – E na questão dos produtos portugueses? Como é que nós podemos ajudar não só os nossos pais, mas o País todo?

M. – Hum... vamos a barra professor!

Professor – Vemos o código de barras...

Catarina – e, e, é o 560!

Professor – Muito bem!

Professor – e aí, Portugal vai andar para?

Crianças – para a frente!!

Professor – Boa! Cat?

Cat – podemos comprar coisas baratas. E, ou não comprar nada... hum, porque assim, porque assim ninguém gasta!

Professor – Mar. grande?

Mar. grande – para ajudar os pais, nós podemos... nós podemos, não pedir muitas coisas

Professor – isso já falamos, das prendas. Mas o que eu queria era que tu me explicasses, como é que tu, como criança, podes ajudar a resolver a crise em Portugal?

(silêncio)

Professor – tu costumavas ir às compras com os teus pais? Ao Continente?

Mar. grande – sim.

Professor – Pronto, e se fores, o que é que podes dizer aos teus pais para fazer?

Mar. grande – para comprar coisas que comecem com o código de barras 560.

Professor – E até podes ser tu mesma a procurar, não é?

M. – Oh Professor, agora vou dizer sempre à minha mãe para comprar 560.

Professor – Muito bem. Ca?

Ca– Oh professor, mas o beiblade não é português.

Professor – mas há uma marca que é portuguesa, há um menino que viu...

Criança – professor eu já vi, mas só que o problema é que não são dos verdadeiros...São dos falsos.

Professor – vamos ouvir a Mar. para mudarmos de assunto?

Criança – esses são dos chineses

Professor – Mar.?

Mar. grande – Podemos comprar coisas com o, que têm o código de barras que não começa em 560?

AC – Oh Mar., podes, porque pode haver coisas que não comecem em 560!

Professor – J? É uma resposta, que tens de dar à Mar....

J – Oh Mar., mas se nós... tipo... a minha capa é 800 e não sei que mais e assim eu tou a dar o dinheiro à América, não tou a dar o dinheiro a Portugal.

Professor – Mas a Mar. esta a pedir-te uma sugestão... Ou seja, ela está a dizer exatamente isso. Se ela encontrou um produto que gosta, e que não é 560, o que é que ela faz?

J – Ah pois...

Professor – grande?

P. – Oh Professor, eu ia dizer assim. Se nós gostamos de uma coisa, e que não é 560 o que é que nós fazemos?

Professor – isso é o que a Mar. perguntou... A Cat tem resposta, vamos lá.

Cat – Se nós.. por exemplo, tu compras uma coisa 800 e qualquer coisa, não é? E tu tas a pagar... e tu gostas muito! Tu pedes ao teu pai e à tua mãe para comprar. Eles compram, não é? Mas não estás a pagar para o nosso País! Estás a pagar para outro País.

Professor – Johnny?

J. – se eu gostar muito de uma coisa que não seja 560, não compras, e compras o 560.

Professor – Como?

Rapaz – e se não houver nenhum?

Professor – tem que...? Tem que procurar outra vez.

Mar. – mas professor também não custa nada... se nós quisermos comprar mesmo mesmo mesmo, de vez em quando, muito raramente mesmo, não custa nada também dar um bocadinho de dinheiro para os outros países, professor.. Eu quero ajudar Portugal, mas se nós tivermos de dar um bocadinho, podemos dar Professor.

Professor – exatamente! P.?

P. – Oh Professor, se eu não for 560 e for outro, se houver mais...? AH! Por exemplo, se o pão não for 560...

Professor – o pão não tem código de barras.

P. – Ah!

Professor – Pode ter, pode ter, tas a dizer uma coisa que pode ter.

Criança – o que vem no saco!

Professor – No saco.. Pode ter, mas o pão tinha de ser feito aqui em Portugal, P..

Mar. – professor ele está só a dar um exemplo...

P. – se houver repetidos, vê-se se há um 560.

Professor – é essa a sugestão que eu estava a dar há um bocado. Muito bem! Nos produtos, no mesmo produto pode haver vários códigos de barras.

Ar. – mas e se for a mesma marca?

Professor – Não. Tens de procurar outra marca. Tudo o que é do Continente é quase tudo 560, é verdade.

P. – Mas oh professor, se nós vamos lá comprar alguma coisa que não seja 560...

Ar. – que seja para comer?

P. – Não! E damos o dinheiro à pessoa, que não fosse.. Aquele que deu tá lá e como é que a pessoa – é uma dúvida para a turma – e como é que a pessoa... a pessoa dá o dinheiro? Ou então fica com ele?

Professor – quando tu compras?

P. – sim.

Professor – O produto é comprado. Os produtos só são postos no supermercado se forem vendidos. Se tu não comprares produtos dos Estados Unidos, por exemplo, Coca Cola, e se comprares uma marca portuguesa... É uma dúvida muito difícil para a turma. O produto, só quando as coisas acabam nos supermercados é que eles mandam vir mais. Se tu só comprares coisas de Portugal, eles mandam vir coisas só de Portugal. Se tu comprares dos Estados unidos, eles mandam vir coisas dos Estados unidos. Percebeste? É assim. O dinheiro não vai diretamente. O dinheiro é comprado já depois de tu dares o dinheiro. Tu quando compras um produto o produto que tu compraste já foi pago ao produtor. Entendeste?

P. – Mas como é que eles pagam?

Professor – Então, faz de conta. O professor vai lá vender coisas da quinta. Os homenzinhos do supermercado têm de me dar o dinheiro. Só depois é que eles se vão vender. Eu já recebi. Agora, eles só vão voltar a pôr produtos no supermercado, se tu fores lá comprar. Se tu não fores lá comprar, os meus produtos ficam lá. E quando eu for lá outra vez ao supermercado, dizem-me: olhe, já não preciso dos seus produtos, não se vendem! Percebeste agora como é que funciona?

P. – Hum, hum.

Professor – Mesmo? Alguma dúvida neste assunto?

Crianças – não!

Professor – vamos avançar para o próximo ponto que está quase a tocar.

Cat – Professor é que ... no Pingo Doce também há produtos 560?

Professor – Há muitos. O grupo Jerónimo Martins também investe muito. Jerónimo Martins, e Sonae, que são os donos do Continente e do Pingo Doce, esses dois supermercados são os mais portugueses.

Ar. – e o Jumbo?

Professor – o Jumbo já não é tanto.

Professor – vamos agora à dúvida da Ar., força!

Ar. – como hoje o professor quis marcar os trabalhos para as férias, eu perguntei ao professor se eu ia levar os trabalhos de casa. Como estes trabalhos são das férias, eu pensava que o professor só ia marcar estes trabalhos amanhã, que é o último dia de aulas. Então, eu quis fazer uma pergunta à turma. Se vocês concordam que hoje, que eu não faço anos na mesma, se vocês concordam que eu leve trabalho de casa ou não?

Professor – por que? Amanhã é o último dia, e os trabalhos de casa oficialmente

Ar. – Já começaram hoje!

Professor – Não, oficialmente só começam amanhã. Amanhã ainda tens aulas...Portanto, amanhã, se começam oficialmente, que dizer mesmo a sério, só começam amanhã. Quem quiser pode fazer hoje, mas o trabalho de hoje não existe. Hoje não há trabalhos de casa.

P. – Oh professor, posso dizer uma coisa para ajudar a Ar. a decidir, para a turma ver se a Ar. leva trabalho de casa ou não?

Ar. – é uma pergunta para a turma P., ele está a dar uma explicação!

Professor – ele esta a dar uma sugestão...

Ar. – a pergunta é se eu levo trabalho de casa ou não levo.

P. – Diga assim: quem quer que a Ar. não leve trabalho de casa põe o dedo no ar.

Professor – Isso chama-se fazer o quê?

P. – Votos.

Professor – uma votação. Gastaste muitas palavras para dizer só isso...

P. – Eu gosto de fazer isso!

Professor – Vais para político (riso)

M. – oh professor, ele vai para jogador de futebol!

Professor – Ora bem, vamos lá então. Quem.. acho que primeiro, antes de fazermos a votação, devemos discutir, porque se isto acontecer, vamos abrir um precedente.

Crianças – o que é isso.

Professor – um precedente é quando abrimos uma exceção. Vamos abrir uma exceção, vamos fazer uma coisa que não é normal fazermos. Isto chama-se precedente.

P. – Mas é a primeira vez, não é?

Professor – é. A primeira vez. Mas quando isto acontecer, na próxima vez, eu não posso ter argumentos. Ainda por cima, porque é trabalho de férias. Quais são os argumentos do professor?

P. – nenhuns!

Professor – ai, dizes tu! Os meus argumentos para Ar. levar o trabalho é que são muitos trabalhos. São muitos trabalhos. E os argumentos da Ar., quais são?

M. – Faz anos!

Professor – faz anos. Só isto.

Ca. – o professor diz quando fazemos anos não levamos os trabalhos de casa, mas não é para sempre? Eu acho que a Ar. não deve levar trabalho de casa. É os anos dela!

Professor – é uma regra inabalável?

Ca – é uma regra de turma.

Professor – É uma regra de turma. Grande?

Mar. – mas Ar., também é para o teu bem, porque aquilo são muitas coisas para fazer e tu assim vais ficar com muitas coisas atrasadas e depois não tens dias em que fazer aquilo. Não fazes hoje, mas tens de fazer noutro dia.

Professor – Johnny!

J – eu... eu acho que... que ela só... as aulas deviam acabar amanhã porque quem faz anos leva trabalho de casa e acho que devemos marcar só amanhã.

Professor – preferias que eu transferisse os trabalhos para amanhã? E não passava hoje? Mas eu já os passei! Devias-me ter dito antes, mas tá bem...

P. – Mas oh Professor...

Professor – tu já falaste imenso hoje P., há mais meninos para falar. Mas diz lá, rápido.

P. – É injusto para a Ar., porque amanhã nós só trazemos a lancheira, não trazemos mais nada, e a Ar. vai fazer anos e hoje vai ter de...

Professor – Olha, lembrei-me agora de uma coisa importante! M., vai à sala da professora Sónia e pergunta se amanhã é para trazer lanche. Para os meninos trazerem lanche. Depressa, depressa M.! Olha, vai ao professor maravilha que é mais rápido! É que eu acho que amanhã é para trazer lanche reforçado. Para partilhar, mas eu não tenho a certeza.

(crianças discutem o lanche para a festa de Natal)

Toca a campainha para indicar a saída das crianças (18h15)

No final, as crianças votam em maioria para que a Ar. leve os trabalhos de casa de Natal.

ANEXO 9 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO AMJ

Registo de observação Assembleia Municipal de Aveiro. ROAM.

Assembleia municipal de Aveiro

Crianças das Escolas de 1º ciclo (transmissão em direto – via site Web)

O ponto proposto para discussão na Assembleia Municipal, através de convites dirigidos às Escolas foi “Eu Gosto do Meu Município – Vamos melhorar Aveiro”. As Escolas foram convidadas a selecionar grupos de alunos para a Assembleia, trabalhando propostas relativas ao tema proposto. Nesta Assembleia, discutiu-se a cidade, do ponto de vista das crianças, que poderiam apresentar propostas para melhorar pontos que considerassem serem importantes para elas e para a população em geral.

A Assembleia organiza-se como qualquer Assembleia Municipal do Município. As crianças, representam a sua escola e pares, e são tratadas por “deputados” tal como os adultos.

O Presidente da Mesa, Dr. Capão Filipe, explica o modo de funcionamento às crianças (40 crianças presentes na Assembleia). Explica que o objetivo da Assembleia Municipal jovem é de que as crianças encontrem um espaço onde possam exercer cidadania e preparação para participação numa vida política ativa.

O primeiro passo da Assembleia é a inscrição dos deputados de cada escola, para que possam apresentar as questões iniciais à Assembleia.

Inscrições de Deputados – 1º passo

Escola Aires Barbosa

Aradas

São Bernardo

João Afonso

Castro Matoso

Cacia

Eixo

Santa Joana

Colégio Português (privado)

D. José I (privado)

Crianças são tratadas por senhores deputados, tal como se fossem adultos. Questão: quem são estas crianças? Como foram selecionadas para participar? Quem está dentro e quem está fora? De que modo vivem as crianças esta experiência?

Falar com Professores – como falaram com as crianças? Que material produziram e que possa ser utilizado? A turma foi toda envolvida e foram escolhidos porta voz?

Período de apresentação

As crianças dispõem de 3 minutos para proceder à apresentação do tema. Para algumas, sentem-se algumas dificuldades em produzir discurso formal em frente a tantas pessoas, enquanto que outras demonstram mais à vontade a falar em público.

1ª criança (Aires Barbosa) lê um discurso preparado na Escola, com os docentes. Elogio à cidade e às coisas mais positivas. No entanto, trazem sugestões das crianças da Escola, de maneira a melhorar o município.

2ª criança – lê um discurso. Há 3 minutos para poderem apresentar as questões fundamentais de cada grupo. Querem conservação da Ria e do Parque da Cidade, mais animais; pavimentos e passeios sempre arranjados; melhorar acessibilidades de deficientes; pintar as casas; aproveitar museus; teatro aveirense com variedade de espetáculos; mais animação na rua; festival de verão; festas dos bairros de Aveiro (antigo). Cantinas aos fins-de-semana aos carenciados e desempregados.

3ª criança – elogio à cidade de Aveiro. Limpar cidade depois da feira na cidade; melhoria das BUGAS; estacionamento de bicicletas; mais frequência de transportes públicos.

4ª criança – melhoria dos espaços para todos; hospital (urgências e tempo de atendimento); mais polícia; mais BUGAs, mais pequenas porque são demasiado grandes para as crianças; arranjar pisos e limpar; construção de ciclovias; mais policiamento;

melhor mercado de Cacia; mais sanitários; Centro de saúde sem ser em contentores; não cortar árvores; limpar rio e ribeiros; piso sintético no Estrela Azul; piscina melhor higiene; alargar salão da Junta (um cineteatro); nas escolas, campos polidesportivos, mais eletricidade para ter aquecimento em todas as salas que são muito frios; arranjar recreios e um parque infantil;

5ª criança – ciclovia nova e mais passeios; arranjar os que já existem com mais espaço para os peões; nova cobertura na piscina; estações de autocarro com horários e abrigo da chuva; melhores autocarros escolares; salas de ensino extra curricular; meio ambiente – projeto de renovação e proteção de aves; cultura adormecida; satisfação pelas iniciativas que os ouvem

6ª criança – alguma qualidade de vida em Aveiro; mais espaços de lazer; um skate park; piscina municipal aberta o Verão; alunos pudessem utilizar a piscina e fazer natação; ruas e parques de estacionamento; alcatroar estacionamentos; buracos nas ruas;

7ª criança – museu de crianças, orientando visitas realizadas lá;

8ª criança – recuperação de espaços no Cais do Coxo; estacionamentos abusivos em espaços pedonais (colocação de postes impeditivos de estacionamento)

9ª criança – adaptar acessibilidades de locais públicos; alargar viadutos; reabilitação de edifícios antigos; campanhas de limpeza com jovens envolvidos; mais centros para crianças e jovens e idosos; mais apoio social; parque da cidade, maior e com condições pavilhão multiusos; arranjar jardim do Rossio, para mais pequenos e mais crescidos; BUGAS – porque não alargá-las às crianças? Intercâmbios desportivos;

10ª criança – dar concretização às ideias que proponham por considerarem serem muito importantes.

Vereador Pedro Ferreira – Educação

Cumprimenta a Mesa. Recorda que no seu tempo não havia experiências de participação cívica, e de que gostaria que estas pudessem ter existido. Sublinha a importância desse tipo de aprendizagens para as crianças. Pergunto-me se resta uma ideia de que a participação nestas coisas se associa a uma futura “carreira política”- ideia de politização da cidadania das crianças, de algum modo aqui presente? Considera que as crianças devem exercer influência em quem toma decisões, neste caso, ao nível do

poder local. Ideia de que dar sugestões para a escola é importante, mas reforça a ideia de que a comunidade não é apenas a escola, mas a comunidade e a freguesia num sentido mais lato.

Até que ponto estas sugestões são das crianças ou representam, de algum modo, ideias adultas mas expressas nas vozes das crianças?

Após a apresentação de cada escola, segue-se uma ronda de debates.

Ronda de debate

Presidente da Mesa incentiva as crianças a inscreverem-se e a apresentar e debater ideias. Têm até 2 minutos de intervenção por deputado, na sequência de grupo para grupo. Volta-se ao início quando for necessário. Para que todos possam falar.

(Aires Barbosa; Aradas; São Bernardo; Cacia; Castro Matoso; João Afonso; Eixo; Santa Joana; Colégio Português; D. José I)

Aires Barbosa – boa oferta de cuidados médicos, número de médicos suficientes para a população. Material antigo e em mau estado em algumas escolas. Material que não se pode utilizar por falta de condições (ex: sem rede elétrica para ligar computadores). Câmara ser Mecenas da Escola – para apadrinhar a Escola. Preservação de espaços verdes – escola e CMA, com castigos por alunos problemáticos que fossem “castigados” ou reformados com pouco dinheiro e com uma pequena remuneração. O Município e a História como sugestão da próxima assembleia.

Aradas – transportes de ligação; passeios e passadeiras; construir uma pista de ciclistas.

São bernardo – Aveiro tem moliceiros – dirigentes irem passear e tomar café e um ovo mole em frente da Ria? Servia para aumentar o negócio... Espaços verdes com caixotes de lixo doméstico cheios, e as zonas ficam sujas. Mais caixotes e mais limpeza, com mais frequência, fechando os caixotes por exemplo.

??? Mais espaços verdes!

??? – restaurar edifícios antigos, por exe, para um lar de idosos?

???? – tirar placards antigos? Remodelar conservatório de Aveiro

Eixo – relembrar o Rio Vouga e baixar o preço da gasolina e gasóleo; mais livros na escola e uma biblioteca

??? – pintar e iluminar algumas passadeiras; ruas asfaltadas para tapar buracos; passeios reparados e alinhados sobretudo na avenida; casas velhas reabilitadas; piscina municipal para mergulhar no Verão; desportos radicais com um parque; parques infantis inseguros; pistas para bicicletas para se aproveitar mais. BUGAS para crianças.

??? – pavilhão multiusos e BUGAS para crianças

Colégio D. José I – estradas do município; percursos diários com os pais, mesmo que curtos, onde se encontram muitos buracos e fundos. Na estrada não existe sinalização que avise que estão lá buracos, mas assim não dá. Medida – tapar todos os buracos antes do Inverno, por causa da chuva. Mais segurança

Aires Barbosa?? – locais de lazer muito bons em Aveiro;

(Presidente da Mesa atende telemóvel)

Ausência de polícia, sobretudo ao lado da escola, criar rua sentido único. “O Município e o Ambiente” como próximo tema de assembleia (Em Junho de 2011)

???? – salienta aspetos positivos de Aveiro. Não apresenta propostas

São Bernardo – salienta aspetos positivos. Não gosta de poluição na Ria, nem dos buracos nas estradas. Aproveitar o Hospital de São Bernardo para ser um espaço verde da cidade como sugestão.

Cacia – especto da freguesia

(Presidente da Mesa sai)

Castro Matoso – criar ciclovias para andar a pé ou de bicicleta para evitar acidentes

João Afonso – a escola não tem aquecimento porque o quadro vem abaixo; entra água em algumas salas; material em quantidade insuficiente

Santa Joana – pessoas amigas em Aveiro, canais muito bonitos mas poluídos, edifícios de arte nova muito lindos; obrigar a criar condutas de lixo nos prédios novos e obrigar à

reciclagem; mais acessibilidade nos edifícios públicos; mais e melhores autocarros, mais teatro e música e mais animação de rua. Apoio às pessoas sem abrigo

(Presidente da Mesa regressa)

Eixo – aquecedores nas igrejas do município

??? – mais espaços verdes e uma casa acolhedora para os pobres

D. José I – moliceiros como grande atracção da cidade (igual à Torre Eiffel em Paris). Cortaram a proa dos barcos, que era muito bonita e os moliceiros são parte do património. Solução – subir as pontes da Ria, ou baixar altura da água na Ria, ou alterar a rota dos barcos?

Aires Barbosa – falta cidadania e civismo a Aveiro. Devemos melhorar e ajudar as pessoas, com mais voluntariado, crianças em risco e idosos, pessoas sem-abrigo, mais informação e protecção para as pessoas de Aveiro.

Aradas – poucas passadeiras e buracos nas estradas. Fazer limpeza às praias. Mais pistas pedonais e mais vias para ciclistas. Avenida necessita das árvores e podiam pintar e restaurar os prédios.

??? – escolas – precisamos de sanitários, recreio, quadro eléctrico e etc!

Castro Matoso – cobrir a piscina; aumentar ecopontos para aumentar reciclagem; bibliotecas públicas; paragens cobertas;

»????? – tapar buracos nas ruas para as pessoas não caírem nem se assustarem.

??? salienta o que mais gosta em Aveiro, nomeadamente, Museus, espaços de Lazer, o teatro Aveirense, as praias, o farol de Aveiro. Mais recolha de lixo e mais frequência. Prédios abandonados onde se podiam fazer lojas para dar emprego às pessoas pobres.

???? – mais competições desportivas entre escolas. Captar novos atletas

D. José I – apoio aos cursos desportivos pela CMA. Devia promover desporto e desenvolver a economia local, promover turismo através do desporto, com eventos nacionais e até internacionais. Mais apoio aos clubes.

Aradas – as pessoas andam tristes. Colocar estátuas para animar as pessoas, como em Barcelona.

??? – melhorar espaços de desporto e de cultura. Falta de acessibilidades para cadeiras de rodas

Eixo – flores nos canteiros e com ambiente menos poluído e parques menos estragados

Colégio Português – piscina menos poluída, estradas menos buracos

D. José I – cidade evidencia sinais de crise que se avizinhou. Aumento de criminalidade e vandalismo, que se devia diminuir. Número de polícias é insuficiente para patrulhar as zonas da cidade, só os de trânsito é que são em número suficiente.

Vereador Pedro Ferreira

Dá notas do que apontou acerca dos debates e das preocupações expressas pelas crianças e avança pequenas respostas a algumas das suas preocupações:

- parque – reconhece a importância dessas questões. Diz o que se tem feito na CMA – “Parque da sustentabilidade” onde se decidiu intervir na zona do Parque Infante D-Pedro, e na zona do campo de treinos do Beira Mar. pretendem combater a desqualificação do Parque para criar um pulmão verde na cidade. Novas tecnologias aplicadas também à rega, para gastar menos água, controlar a iluminação

- ciclovias – políria e outros municípios estabelecem redes de ciclovias urbanas e de passeio, com novos percursos já definidos para esse efeito. Circuito junto da Ria, e outras mais próximas do centro urbano da cidade.

- estado das estradas e arruamentos – reconhece o problema identificado pelas crianças. Explica que o investimento nas vias é dos mais caros em termos orçamentais. Repavimentação é cara e demorada de fazer. Compromete-se a corrigir na medida do possível

- escolas – de 1º ciclo. Responsabilidade da Câmara, iniciou o ano passado a construção de novas escolas, que espera que tenham já todas as condições que as crianças

apontaram como necessárias. No 2º ciclo, a responsabilidade é do ME, ainda que a CMA alerte para essas situações

Elogia ideias da cultura e do lazer apontadas pelas crianças, e explica que estes processos de cidadania se vão aprendendo com o tempo, e que isso é muito necessário. Incentiva as crianças a terem um papel ativo no ensino das gerações mais velhas (pais, avós...) e a desenvolverem projetos junto das suas comunidades e freguesias

Nota final – prática de desporto. CMA apoia clubes na vertente de formação, em particular em crianças e jovens, não outro tipo de apoios, e alarga-se a outras modalidades e que não apenas o futebol.

Esta troca de ideias é fundamental na cidadania. Espera que passem aos colegas da escola a experiência que viveram hoje. Fazer com que a nossa voz seja ouvida, mas também ouvir a voz dos outros. Salienta a importância dos debates e das crianças conviverem com outros colegas de outras escolas.

Vídeo - http://www.livestream.com/aveiromunicipal/video?clipId=pla_b349e09f-f873-44ae-b79e-377278c36f91

Assembleia com Jovens -
http://www.livestream.com/aveiromunicipal/video?clipId=pla_e53879c5-8549-469a-ac38-b2d82ceddffe

ANEXO 10 – WALKING INTERVIEWS. TRANSCRIÇÕES

Transcrição Walking interview. WI1

27 de janeiro de 2011

Turma do 1º ano

School walking interview

As *walking interviews* foram realizadas à turma de 1º ano da EB. Pretenderam captar as vivências das crianças no espaço escolar, dentro e fora da sala de aula, a partir do seu próprio olhar. As crianças de 1º ano revelaram um conjunto de restrições nos modos de utilização do espaço escolar que as distinguem dos grupos mais velhos, nomeadamente um conjunto de proibições de utilização, com as quais não concordam. A partir das *walking interviews*, é possível observar o modo como as crianças explicam o espaço e a sua utilização, bem como os modos como podem ou não participar nos modos de apropriação específicos desse mesmo espaço, enquanto crianças e enquanto alunos.

Os grupos foram compostos por 4 a 5 crianças, com a instrução de que me mostrariam o espaço, iniciando a visita pelo local que quisessem. A câmara foi distribuída às crianças, dando-se possibilidade a todos que filmassem, à vez, os espaços onde circulavam.

O primeiro grupo é composto pelo G., pela Ju., pela Jo., pelo V. e pelo Tom.

E – Já está a filmar, não precisas de carregar me mais botão nenhum. Só precisas de ir ajustando a altura a que queres ver a imagem.
[as crianças começam a filmar e falam para a câmara, dizendo olá e colocando as mãos em frente à lente. A visita começa no primeiro andar, à porta da sala da turma de 1º ano do Prof. Pedro].
[a Jo. é a primeira a filmar]
G. e Ju. – Esta é a sala do professor Pedro Santos!
E – a sala do prof. Pedro Santos. De que ano é esta sala?
Crianças – 3º ano!
Ju. – Vamos agora à nossa sala!
Crianças – que é aqui!! Já sabias!! [risos]
Jo. – Agora vamos à do 4º ano!
G. Agora vamos...
Ju. – a sala de Ciências! Agora, à sala de 2º ano!
Jo. – agora vamos à sala de 3º ano.
[crianças circulam pelo corredor, e o grupo pede-lhes para saírem da frente da câmara]
G. – Pode ter aí a C.. E eu filmá-la!
Crianças – [risos]
G. – Olha, vou filmá-las!
Olha, filmei-as!
Ju. – agora vamos à sala do 4º ano!
Não é nada!
Ju. – agora vamos à sala do 2º ano.
E – e o que é que se faz nas salas de aula? Expliquem-me o que é que se faz nas salas de aula?
Jo. – Nós trabalhamos nestas salas todas!!!
G. – Vamos lá fora!
Agora, vamos mostrar as casas de banho!
G. – Olha! Filma! Estas duas são nossas amigas! Tás a ver que esta é a Sofia?
Olha deixa-me filmar a carinha dela!
Jo. – agora vamos às casas de banho! [risos]
[uma criança mais velha põe-se à frente da máquina e a Ju., que se encontra a filmar, manda-o sair da frente]
Ju. – Sai, não! Isto não é fotos!
G. – Vamos à Biblioteca!
Jo. – agora vamos mostrar a Biblioteca!
[as crianças começam a descer as escadas onde, em frente, se situa a biblioteca]
Miguel – agora sou eu!
Jo. – agora és tu a explicar.
Ju. – vamos à biblioteca, agora!
Tom. – esta é a sala da biblioteca! [aponta para a porta da biblioteca]
G. – aqui é a sala dos professores!
Ju. – aqui não é preciso terem medo!
G. – queres que eu vá lá? Queres que eu vá lá filmar?
E – e esta que sala é que é?
G., Ju., Jo. – é a sala dos professores!

E – a sala dos professores.
G. – vamos às salas da pré! Vamos às salas da pré!
[no piso de baixo situam-se as salas do pré escolar. A maior parte das crianças que transitou para o 1º ano frequentou, anteriormente, a pré escola que partilha o mesmo espaço da escola de 1º ciclo.]
Jo. – aqui é a casa de banho.
G. – agora tenho de ser eu!
Jo. – aqui é a casa de banho dos homens.
G. – vamos à pré!
Tom. – a seguir sou eu!
Jo. – agora vamos à pré!
G. – Vamos!
[corre em direção às salas da pré]
G. – por aqui!
Jo. – esta é a sala B!
[V. e G. correm para a sala B da pré]
G., Tom. e Jo. – esta é a sala do apoio ao estudo!
Jo. – esta é a sala de brincar!
Jo., Ju. – esta é a sala A!
Jo. – esta é uma menina da pré [uma menina da pré cruza-se com o grupo]
Agora vamos ver o recreio! Eu faço um bocadinho à frente e tu fazes um bocadinho atrás!
[as crianças deslocam-se fazendo o caminho e volta para vermos o recreio]
Jo. – agora vamos à cantina e à ginástica!
G. – deixa-me filmar!
Ju. – tu já filmaste!
G. – olha a professora! Abre a porta, abre a porta!
[as crianças abrem a porta do ginásio e começam a saltar e a rir]
Jo. – esta é a cantina!
Podem apresentar!
G. – eu apresento. Vamos para o recreio!
G. – vamos amostrar as brincadeiras que nós fazemos!
[crianças dirigem-se para o exterior da escola]
E – olha G., esta sala de quem é?
G. – é uma sala para professores!
E – e o que é que os professores fazem nesta sala?
G. - tiram fotocópias!
Jo. – esta é a sala da professora virgínia!
E – e o que é que a professora Virgínia faz nesta sala?
Jo. – é... tira fotocópias e é a chefe! Agora vamos para o recreio, de seguida, outra vez.
[exterior]
G. – gaiivotas aqui????!!
Jo. – Gaiivotas!
Ju. – dá cá agora!
Jo. – não, quando tivermos lá atrás!!
Ju. – oh lá atrás????Ali eu não posso!!!
Jo. – agora vamos ver uma brincadeira que vocês fazem! Fazem aí uma!
[o restante grupo começa a correr pelo recreio, repetindo uma das brincadeiras habituais do recreio]

[correm uns atrás dos outros
 Jo. – outra brincadeira que vocês façam!
 Outra brincadeira que vocês façam!!
 E – anda Joaquina, continua!
 Ju., queres explicar os tipos de recreio e as brincadeiras que se fazem aqui?
 G. – olha é ela a filmar!
 Jo. – espera! Ela é atrás da escola!
 E – tens de passar a máquina agora, querida.
 Jo. – pronto! Agora o G. vai apresentar para onde é que vamos.
 G., para onde é que vamos?
 E – G., G., o que é que nós combinamos? Não é? Senão não conseguimos fazer o passeio.
 G. – nós vamos para a casinha!
 Ju. – sou eu!
 Jo. – agora vou apresentar...
 Ju. – olha mas foi a professora que disse!
 Jo. – agora vou apresentar o que fazem na casinha!
 [crianças dirigem-se ao recreio do JI, onde costumam brincar muitas vezes, afastados dos grupos de crianças mais velhas de 1º ciclo]
 G. – vamos brincar aos vampiros! [V., G. e Tom. simulam os dentes e expressões faciais dos vampiros, já dentro da casinha]
 G. – tu não brincas, V.!
 Jo. – eu brinco com toda a gente!
 [Ju. e G. simulam ser vampiros e mordem o pescoço do Tom.]
 G. – agora, vamos pró escorrega!
 [dirigem-se para o escorrega o Tom., a Ju., e o G.. A Jo. faz a filmagem. De seguida, sobe o V.]
 G. – iiiih! Tá molhado!
 E – está a chover, a choviscar! Por isso é que está molhado.
 Jo. – tem que ser rápido!
 Ju. – Dá cá!
 Jo. – não!
 E – oh joaquina tens de passar a máquina.
 Jo. – espera!
 E – já estás com a máquina há muito tempo.
 Jo. – agora vamos passar à Ju. para trás da escola.
 E – Tom., depois é a tua vez, e depois é o V., tá bem?
 G., Jo. – agora, vamos para trás da escola! E vamos ver onde é que se joga futebol.
 Tom. – vamos pró futebol!
 G.-eu digo, eu digo! Vamos para o futebol!
 Jo. – aquí é onde se joga futebol!
 G. – e basquete!
 [dirigem-se à parte lateral, junto dos contentores onde são lecionadas as aulas das AEC's]
 Tom., Jo. – agora, vamos para trás da escola!
 G. – que é muito melhor!
 E – porque é que é melhor atrás da escola?
 G. – porque o professor não deixa, e é fixe!
 Agora, vamos filmar uma gaivota!

Filmar a professora!

E – Olá!

Jo. – eu digo o caminho de trás da escola porque eu já fui!

G. – eu também já fui!

E – Oh G., mas tu já foste e o professor não te deixa ir. Quando é que foste?

Jo. – Não, foi com a ginástica!

G. – na ginástica!

Jo. – já fomos na ginástica.

Jo., G. – esta é a parte de trás da escola.

E – e o que é que acontece na parte de trás da escola?

Jo. – atrás da escola, atrás da escola... podemos brincar à macaca, e também podemos jogar à bola num cantinho. Ou também podemos jogar voleibol.

Ju. – Tou a filmar a professoraaaa!

E – e eu tou a filmar a Ju.aaaa!

G. – eu posso filmar assim?

E – é com aquela. Tens de filmar com aquela.

Jo. – Lixo! É a porcária mais daqui de trás!

G. – não podem, não podem... poluir o planeta!!! Porque senão o nosso planeta fica cada vez mais triste!

Ju. – Professora! Cucu!

Jo. – e isto aqui, novamente, é as salas da pré.

Só que é mais... agora é com vidros.

Ju. – Olha, eu consigo filmar assim!

E – e esta é a tua pré Ju.?

Ju. – era a minha pré, aquela ali!

Agora é o balde do lixo!

G. – agora vamos jogar à macaca.

Jo. – 1, 2, 3!

Tom. – espera por mim! Também vou!

[crianças jogam à macaca]

E – Ju., daqui a um bocadinho tens de passar ao Tom., tá bem? Que é a vez dele. E depois é a vez do V., no fim, não nos podemos esquecer.

[crianças continuam a jogar macaca]

Ju. filma-me

E – Olá! Já viste se continua a gravar?

Passas ao Tom., e vamos nós agora acabar de ver a outra parte?

G. e Ju. – e aqui é as árvores de trás da escola!

E – o que é que tu fazes nas árvores?

Ju. – brinco assim... aos vampiros

G. – Pois, assim: aso vampiros!

Ju. – Olha, olha, anda cá!

Tom. – agora, vamos ver o porteiro!

G. – o porteiro! anda por cima!

E – que se chama Sr. Serafim, não é?

G. – Oh Jo., anda por cima!

Jo. – vamos aqui por cima!

Tom. – hum, acho que está... não sei se a máquina está a filmar, pronto!

E – deixa ver Tom.. Tá, tá!

G. – deixa ver, eu vou contigo!

Tom. – Não! Não!

G. – agora vamos ao porteiro.
E – como se chama o porteiro G.?
Tom., G. – Serafim!
E – sr. Serafim!
G. – Sr. Serafim.
E – muito bem.
G. – agora, vamos à cabana do Sr. S.
Tom. – Não não vamos!
G. – vamos, vamos!
Tom. – Não, não vamos!
G. – vamos, vamos, aqui!
Tom. – não vamos à cabana, vamos passar por...
E – ainda tens as outras árvores ali, Tom.. Ainda não foste àquela parte.
Jo. – não era o Sr. Serafim, era uma funcionária!
E – ah, não está o Sr. Serafim. E como é que se chama a senhora?
Tom. – Olha, faz uma brincadeira aqui!
G. – não, temos de chamar o grupo!
E –Então, não é o Sr. Serafim, é a D. Aurora. Que está a tomar conta da escola.
Olha, o que é que o Sr. Serafim e a D. Aurora fazem quando estão a trabalhar aqui?
Jo. – Vêm se está tudo bem!
E – muito bem, e também vêm dizer olá aos pais.
G. – nós temos de ir ao inglês e à música!
Tom. – Pára, oh G.!
Jo., Ju. – agora, vamos ao inglês e à música!
G. – vamos fazer a nossa brincadeira preferida!
Tom. – Ah!
[O G. desloca-se para a parte de trás das árvores para mostrar uma brincadeira que os meninos do 1º ano costumam fazer quando estão no recreio)
G. – Anda! E daqui vamos para o inglês! Por aqui Tom.!
Tens de andar mais rápido [para a Jo.]
[as crianças correm pelas árvores umas atrás das outras]
G. – queres que eu passe à frente? Eu passo-te à frente!
Estamos na música! [chegam aos contentores onde são lecionadas as AEC's]
G. – Apresentamos a música!
V. – Esta é a música!
G. – Vamos filmar a professora! [G. bate à porta]
E aqui é o Inglês!
[a professora abre a porta e fala com as crianças]
E – Tom., filma então a professora que estamos a interromper a aula. Então?
G. – Já podes ir [para a professora de inglês]
Professora – já posso fechar a porta, Tom.?
Jo. – Oh Tom., agora é o V.! Tu não sabes filmar!
Tu tens vergonha!
E – Tom., Tom.. Vamos passar ao V. que ainda não filmou?
V.!
Jo. – agora vamos passar ao V.!
Olha, porque é que? O Tom. não nos deixa aparecer no filme!
Jo. – agora sou eu, a Jo..

Ju. – a e a Ju.!

Jo. – vamos filmar a professora de Inglês

G. – eu bato, eu bato.

E – já chega, já chega!

Professora – Yes, hello! Boa tarde!

E – eles queriam dizer olá à professora de inglês porque estão a filmar os sítios favoritos deles.

Professora – Ah, muito bem! Hello!

V. – Hello.

E – e em inglês? Ah, pois é! E agora?

V., G. - Hello!

Professora – Good afternoon!

G., Ju. – risos.

Jo. – agora vamos filmar um bocadinho da ginástica.

Ju. – eu vou espreitar aqui, aqui!

[de regresso à entrada, as crianças utilizam as barras da rampa de acesso para mostrar mais uma brincadeira. Mostram as diferentes habilidades e acrobacias que são capazes de executar]

E – Isso é que é equilíbrio!

G. – Oh professora, olha este salto!

E – cuidado G..

Jo. – e também, estas coisas [executa movimentos de equilíbrio]

E – Olha, G., vamos agora ali sentar para me explicarem uma coisa.

Jo. – agora vamos explicar uma coisa.

G. – claro que nós estivemos a dizer as partes da escola.

E – Olha G., senta aí, senta aí!

Jo. – este grupo é muito fantástico.

G. – vamos fazer a nossa saudação!

Jo. – a nossa saudação, por favor!

[as crianças de pé, juntam as mãos para dizerem a saudação do grupo]

Crianças – 1º ano!!!

E – olha, vamos sentar? Senta aqui, Ju..

Explica-me... dos sítios todos onde nós estivemos agora da escola, qual é o que vocês gostam mais?

Tom., Jo. – O recreio!

E – um de cada vez.

O recreio e atrás da escola?

E o que é que tu podes fazer no recreio?

Tom. – podes brincar!

E – e que brincadeiras é que tu podes fazer?

V. – apanhadinha.

Ju. – às escondidas.

E – É? e costumam estar sozinho no recreio, ou também estão os adultos no recreio, Tom.?

Tom. – também estão lá adultos, às vezes.

E – e o que é que tu não podes fazer no recreio?

V. – atrás da escola.

E – atrás da escola não podes ir?

V. – não.

E – e sabes porquê?

V. – porque nós não somos grandes!
E – porque quem vai para a parte de trás da escola são os grandes?
Jo. – Não! Porque o professor tem medo que nós perdemos! E mais nada!
E – e vocês achas que deviam poder ir para a parte de trás?
Jo., Ju. – Sim.
Jo. – então porque é que os outros vão e nós não?
E – porque o professor quer ver onde vocês estão?
Tom. – sim, e atrás da escola não consegue ver.
E – e ele atrás da escola não consegue ver.
V. – por isso é que temos de ficar de frente.
Jo. – e eles jogam também às apanhadinhas. Eu escrevi aqui também, “apanhadinhas”.
E agora, vamos ver quem joga.
E – hum.
Jo. – cada um vem aqui e eu tipo, Jo.. Quem mais joga?
Ju. – Eu, eu!
V. – Eu, eu!
E – olha, quando vocês começam a brincar quem é que decide as brincadeiras que vocês fazem no recreio, Tom.?
Tom. – hum, nós todos combinamos uma brincadeira e fazemos.
E – é?
Tom. – às vezes fazemos brincadeira várias todas seguidas. E fazemos muitas seguidas.
E – fazes muitas seguidas? E toda a gente pode brincar sempre? É?
Tom. – sim, se não pedirem...
Jo. – e também há pessoas que também brincam, só que estão a trabalhar. E agora, vamos ver o que é que a professora diz!
E – sobre quê? O que é que queres que eu fale?
Jo. – vai falar sobre o que faz na faculdade
E – eu agora tenho de fazer frases...
O que é que eu faço? Um trabalho... que foi aquele trabalho que eu te expliquei, lembras-te? Quando começaram as aulas?
Jo. – Não!
E – é um trabalho que é para estudar as coisas que vocês fazem na escola.
Jo. – Já percebemos! Agora vai falar um bocadinho o V.!
V. – que foi?
Jo. – vais dizer o que é que é difícil para ti?
V. – eu não sei! Eu não sei o que é!
Jo. – difícil para ti?
V. – Não é nada!
Jo. – é muita coisa, mas ele não diz!

Transcrição Walking interview. WI2

27 de janeiro de 2011

Turma do 1º ano

School walking interview

As *walking interviews* foram realizadas à turma de 1º ano da EB. Pretenderam captar as vivências das crianças no espaço escolar, dentro e fora da sala de aula, a partir do seu próprio olhar. As crianças de 1º ano revelaram um conjunto de restrições nos modos de utilização do espaço escolar que as distinguem dos grupos mais velhos, nomeadamente um conjunto de proibições de utilização, com as quais não concordam. A partir das *walking interviews*, é possível observar o modo como as crianças explicam o espaço e a sua utilização, bem como os modos como podem ou não participar nos modos de apropriação específicos desse mesmo espaço, enquanto crianças e enquanto alunos.

Os grupos foram compostos por 4 a 5 crianças, com a instrução de que me mostrariam o espaço, iniciando a visita pelo local que quisessem. A câmara foi distribuída às crianças, dando-se possibilidade a todos que filmassem, à vez, os espaços onde circulavam.

O segundo grupo é composto pela I., pelo Ro., pelo J. e pela S.

E – então, vá, I, vai explicando que é para as pessoas saberem aquilo que estamos a ver! Não carregues no botão, senão deixa de filmar, tá bem?
 Agora tens de explicar o que estas a filmar e aquilo que é importante para ti. Para ti, para o J., para o Gonçalo...

I. – para o Gonçalo??

E – Oh, para o Gonçalo! Tás a ver já me baralhei outra vez! Para o Ro.!

I. – eu não sei nada de falar por isto!

E – Não tens, temos que ir andando, vais mostrando os sítios, e vocês é que têm de explicar os sítios onde estamos a passar. Não é I.? Isto é o quê, por exemplo? Quem nunca esteve na escola como é que sabe o que é que isto é?

I. – ai como é que se chama?

Ro.- isso foi a tua irmã!

I. – um painel?

E – é um painel! E tem desenhos sobre quê?

I. – O Inverno!

E – sobre o Inverno. E quem é que fez?

[O Ro. aponta para os desenhos do painel]

I. – os do segundo ano.

E – os do segundo ano, muito bem!

E aqui em cima, mais algum sítio que queiras mostrar?

I. – aquele [painel]

E – aquele e sobre quê?

I. – sobre o Inverno.

E – também é sobre o Inverno? Tens a certeza?

Ro. – Outono!

I. – Outono, sim!

E – Sobre o Outono!

S. – e ainda tem ali um Pai Natal.

E – e ainda tem o Natal.

I. – Outono, e foram os do terceiro ano!

E – Vamos I.?

E – posso carregar?

E – queres parar?

I. – sim, e depois faço lá fora! Continuo lá fora!

E – Podes.

[deslocamo-nos para o exterior, onde as crianças decidiram retomar a gravação]

E – depois passas ao L., depois passas a S., depois passas ao J. e ao Ro.!

[as crianças escolheram a área do recreio do JI, onde tem a casinha e o

escorrega]

Ro. – eu quero filmar a baliza!

E – Tá bem. Depois vamos à baliza filmar.

Ro. – eu vou filmar as de basquetebol.

E – Vamos Ro.? Vamos continuar a visita?

I. – posso desligar?

E – Podes. E podes andar na mesma e a filmar. Não te podes enganar é no botão senão depois para, não é?

I. – Ah.

L. – é tudo importante!

E – É tudo importante na escola? Pois é, há muitas coisas importantes na escola não é?

J. – Há tantos!

E – Olha, quem é que costuma brincar mais no recreio?

Todos – EU! Eu jogo sempre futebol [L.]

E – Futebol?

L. – sim, desde que estou no 1º ano sempre!

E – e os do 1ºano podem vir para a parte de trás do recreio?

L., I. – Não!

E – Pois não! Porquê I.?

I. – alguns podem! Não sei...

E – o professor já explicou?

I. – Não sei

Ro. – mas aqui nós podemos. De manhã quando temos ginástica, podemos vir por aqui.

L. – Nós quando temos ginástica vamos!

Ro. – nós podemos vir acompanhados com grandes.

E – só se fores acompanhado com grandes?

L. – sim.

E – tu achas que devias poder vir com grandes ou com os mais pequeninos J.?

J. – Hum. Não.

E – só com os grandes é?

[as crianças correm pela parte de trás da escola]

E – Oh I.!

Então e o que é que se faz aqui na parte de trás do recreio?

J. – hum. Eu nunca venho!

E – a que e que brincas?

J. – eu nunca venho.

E – Nunca vens. Então não sabes a que é que se brinca? I., a que é que se brinca na parte de trás do recreio?

I. – jogos de futebol, às vezes.

E – Futebol...

J. – Olha, há limpezas.

L. – posso parar?

E – queres parar? Podes.

[retoma-se o vídeo. As crianças brincam na parte de trás da escola]

Ro. – deixa ver! Deixa ver! [em frente da câmara]

E – anda, vamos ver a baliza de futebol que o L. queria ir lá! Não querias ir lá?

L. – ei! Eu quero filmá-la! Quero filmar!

Ro. – agora vai ser filmada... coiso...

E – qual? A baliza?
 Ro. – Sim.
 E – a baliza não é onde costumam ir jogar futebol?
 Ro. – Sim, mas há, tá lá em cima a bola! Mesmo aqui...
 E – a tua bola ficou lá ontem...
 L. – Pois, e eu hoje vou ao karaté e o meu pai deixa-me ... o meu pai vai lá buscar a bola.
 E – quando hoje? Quando fores para o karaté?
 L. – quando acabar o karaté.
 Ro. – depois posso ir filmar a baliza? Hã? Posso filmar a baliza?
 L. – Pera aí.
 Ro. – Olha o 3º ano.
 L. – é o segundo.
 E – é a sala do 3º ano. E ali está o segundo ano na ginástica, não é?
 L. – Há, hã. Eu conheço a Maria. Ela passou no 1º ano.
 Ro. – agora deixa-me filmar. Deixas? [aproximam-se da baliza que o Ro. quer filmar]
 L. – Pera aí.
 Ro. – ah ah! Agora deixa-me filmar a baliza!
 L. – Vou tentar filmar isto tudo!
 Ro. – Olha, tás a filmar?
 Luis – Vou filmar isto tudo! Hã, pronto, podes! [L. filma uma panorâmica do recreio e passa a máquina ao Ro. para filmar a baliza de futebol]
 Ro. – Paraste?
 E – Não, já está, continua, continua...
 Ro. – Ai, já ia caindo.
 E – Pera, mostra. Já está. Já está, já está. Continua L., para ali. Podes ir mais para ali se quiseres.
 L. – hã...
 E – a I. e o Ro. estão a trepar à baliza!
 L. – É!
 Que seca, é melhor assim.
 L. – quem é que quer ser o guarda-redes?
 E – quem é que é o guarda-redes? És tu Ro.?
 Ro. – Ai, tá bem!
 E – És tu?
 Ro. – Tá bem.
 L. – agora defende!
 E – Eu não sei, o L. é que estava a perguntar.
 L. - Olha um remate, defende! Anda lá, defende, outro [as crianças fingem ter uma bola e simulam remates à baliza para o Ro. defender]
 Ro. – ya! [simula uma defesa]
 L. – Belo!
 Ro. – Outra?!
 L. – agora vou passar à S..
 S.!
 E – S.!
 Ro. – Passa, passa.
 L. – vou filmar a baliza.
 Vou filmar a I. na baliza!

E – Olha, e já filmaram tudo o que queriam?

L. – uh la la!

I. – Não!

E – então o que é que falta?

I. – falta filmar as árvores.

E – falta filmar as árvores. Porque vocês também brincam nas árvores, não é?

Ro. – eu nunca brinquei nas árvores.

I. – eu já!

E – L., vamos? Vamos filmar as árvores? Tá a I. a dizer que é preciso filmar as árvores?

L. – pois é, eles dão natureza. Gosto de andar a filmar.

E – Gostas de andar a filmar?

L. – e muito raro!

Ro. – eu já filmei! Anda para aqui pro ...

E – Olha, e a brincadeira que estavam a fazer nas árvores, noutra dia, como é que se chama?

L. – é a dos vampiros e nós fazemos aqui. Vamos por aqui [L. filma por dentro das árvores a demonstrar o percurso que fazem na brincadeira dos vampiros]

Ro. – também tá ali uma baliza!

E – Pois tá.

L. – ou das águias.

Ro. – a árvore pode ser uma baliza.

E – podes fazer uma baliza da árvore, pois podes.

Olha, e como é que se brinca aos vampiros, I.?

I. – é assim, nós temos de caçar pessoas e morder, e pôr ali, naquela casinha ali [casinha do recreio do JI]. Eu costumo ser a fugir.

E – tu costumavas ser a fugir? E quem é que costuma vir atrás de ti?

I. – é o Gonçalo, a Juliana, a Joana! A outra Joana, a Mariana...

E – e o que é que acontece quando não consegues?

I. – quando não consegues, eles apanham-me, vou pra ali para aquela casinha, e depois eles fingem que vão a morder-me, fazem... tiram o coração, põem outro novo. Fazem muitas coisas.

E – Olha, e ali quem é que costuma estar [portaria da escola]? Quem é que costuma estar aqui na entrada da escola?

I. – É o Sr. Serafim.

E – É o Sr. Serafim. Hoje, o Sr. Serafim não está, e está a D. Aurora a substituir.

O que é que se faz aqui, no lugar do Sr. Serafim? O que é que o Sr. Serafim faz?

J. – abre as portas às pessoas.

E – abre as portas. A que pessoas?

J. – às pessoas que vêm à escola...

E – Aos pais. Aos avós, não é? Aos meninos.

L. – deixa meter isso lá pra baixo.

E – Já está? O Sr. Serafim, não é? Também faltava.

I. – Sim.

E – Mais? O que é que falta I.?

I. – a escola.

E – a escola toda, não é? Para toda a gente ver a escola?

<p>I. – isto verde [tampa de saneamento no chão] E – isso verde, que é uma tampa da água não é? I. – Olha, aqui está o Sr. S.. E – O Sr. S e a professora V! Quem é a Professora V? I. – é a Diretora da escola. E – o que é que faz a diretora da escola, I.? I. – Hã... não sei. E – não sabes? O que é que tu achas que faz uma diretora de uma escola? Ro., anda! O que é que tu achas que faz? I. – às vezes quando os meninos querem entrar para a escola temos que ir ter, e fazer uma reunião com a professora V.. E – então tu já tiveste uma reunião com a professora V.? Foi para fazer o quê? O que é que estiveste a discutir na reunião? I. – eu não tive na reunião. E – tu não foste à reunião? I. – só foi o meu pai com a minha amiga da manhã. E – foi o teu pai muito bem. I. – com a minha amiga da manhã. Com o pai da minha amiga da manhã! E – com o pai da tua amiga. J., vamos? I. – este é o meu amigo. [filma o Ro.] Ro. – vamos fazer carrinho de mão? I. – Pera, tou com a máquina. I. – este é um boneco de neve [filma as decorações de Natal da biblioteca] Esta é a árvore de Natal. E – I., já está tudo? Ro. – olha os contentores do lixo. E – de que é que tu gostas? Dos contentores do lixo? Ainda não filmamos os contentores do lixo... L. – vamos filmar aqueles? Ro. – faz-se aqui a reciclagem. E – faz-se aqui a reciclagem? Ro. – eu já pus aqui uma garrafa de vidro. E – e no azul, o que é que puseste? Ro. – Papel. E – papel. E ali, o que é que puseste [contentor amarelo]? Ro. – está muito sujo! E – já está?</p>	
--	--

Transcrição Walking interview. WI3.

27 de janeiro de 2011

Turma do 1º ano

School walking interview

As *walking interviews* foram realizadas à turma de 1º ano da EB. Pretenderam captar as vivências das crianças no espaço escolar, dentro e fora da sala de aula, a partir do seu próprio olhar. As crianças de 1º ano revelaram um conjunto de restrições nos modos de utilização do espaço escolar que as distinguem dos grupos mais velhos, nomeadamente um conjunto de proibições de utilização, com as quais não concordam. A partir das *walking interviews*, é possível observar o modo como as crianças explicam o espaço e a sua utilização, bem como os modos como podem ou não participar nos modos de apropriação específicos desse mesmo espaço, enquanto crianças e enquanto alunos.

Os grupos foram compostos por 4 a 5 crianças, com a instrução de que me mostrariam o espaço, iniciando a visita pelo local que quisessem. A câmara foi distribuída às crianças, dando-se possibilidade a todos que filmassem, à vez, os espaços onde circulavam.

O terceiro grupo é composto pelo A., pela A.C., pelo Ti., pela S., pela te e pela Jo B.

E –A., vais segurar com cuidado para irmos filmando tá bem?

A. – Pois.

E – e vamos andando e mostrando um de cada vez a filmar, tá bem? Queres explicar o que é que é A.? O que é que é aqui? [a visita começa no piso de cima, ao lado da sala de aula do 1º ano]. Que sala é esta?

A. – é a do 4º ano.

E – do 4º ano. Vamos indo por aqui? Queres ir por este lado?

A. – pode ser.

Mar. – esta e o 3º. 3º ano.

E – tens amigos no 3º ano?

A. – tenho muitos, até. Tenho muitos. Tenho um primo lá

Mar. – eu tenho uma prima no 3º ano que me protege

A. – é o meu primo.

E – que te protege dos maus, no 2º ano?

A. – e o meu primo, deram-me porrada, e depois ele foi lá bater.

E – olha e esta sala de quem é?

A. – é do professor P..

E – do 3º ano. Muito bem.

Mar. – esta é a do 1º ano.

E – e esta é a sala de quem?

Crianças – 1º ano!!

E – claro, é a vossa!

AC. – esta é a nossa.

A. – professora já não quero mais.

E – não queres filmar mais? Vamos passar ao T.? Queres filmar tu agora um bocadinho T.?

Não carregues nos botõezinhos dali, tá bem? Onde é que vamos agora, T.?

T. – Hum.

E – em que sítio é que nós estamos?

T. – cá em cima!

O 4º ano é aqui!

E – queres ver a sala do 4º ano? Esta é a sala do 4º ano. Então vamos ver a porta da sala do 4º ano.

É da professora Sónia.

Jo. B. – há muitas cá, do 4º ano.

E – há mais do que uma turma, não é?

AC. – pois.

T. – eu conheço de lá uma menina, a Marta.

E – conheces? A Marta?

A. – eu também conheço.

Eu também conheço uma do terceiro ano e também se chama Marta.

Te. – eu também tenho! É a Bia.

E – eu não conheço a turma do 4º ano, sabes?
[as crianças começam a fazer caretas para a câmara e o T. ri-se]
E – onde vamos agora, T.?
T. – Hum...
E – Marianinha onde vamos? Escolhe um sítio que tu aches que é importante mostrar.
Sa. – intervalo!
Mar. – esta sala.
E – esta sala? Esta sala é de quem? De que ano é?
Mar. – Hã ... [coça a cabeça]
E – de que ano é esta sala T.?
T. – Hum... do 3º ano?
E – Não sabes? Eu também não sei, tou-te a perguntar porque eu não sei.
Jo. B. – 3º! E tem um T. aqui!
AC. – eu não sei, eu não conheço.
E – eu também não.
AC. – eu destas salas aqui não conheço [encolhe os ombros]
E – Oh Mar., mais alguma coisa? A.? Mais alguma coisa daqui que seja preciso filmarmos?
Sa. – quero filmar!
E – queres filmar Sarinha? Já filmas, a seguir ao T..
T. – para a Sa..
E – então vamos passar à Sa., Tiaguinho?
T. – Sa.!
E – Sarinha, onde é que vamos agora?
Sa. – hum, recreio.
E – ao recreio. Então anda lá. Pega, seguras aqui e não carregas nos botões!
Tá bem? Senão depois para de filmar.
Sa. – Olha o A.!
E – tens que tirar os dedos da frente, querida. Isso, exatamente!
[as crianças começam a descer as escadas em direção ao exterior do edifício]
A., T.. Esperem aí que temos de esperar pela Sa..
Nós vamos ao recreio agora, não é Sarinha? Estamos a descer as escadas
Sa. – o A. tá a fazer piadas!
E – o A. esta a fazer piadas? É porque está bem disposto!
AC. – podemos ir lá para fora?
Sa. – um, dois, três, quatro, cinco![conta os degraus das escadas]
E – olhem e aqui em baixo? Há aqui alguma coisa importante que queiram mostrar? Antes de ir para o recreio?
Sa. – Olha o Sérgio!!!
A. – a biblioteca!
E – também gostas da Biblioteca?
Sa. – Olha a Malafaya!! [AC.]
A. – agora sou eu a filmar!
E – Sarinha.
[as crianças fazem caretas em frente à câmara]
Mar. – eu também quero! Depois sou eu!!
T. – tem de ser à vez!
E – és a seguir, tá bem Marianinha?
T. – tens de gravar! Enquanto andas tens de gravar!

[porta da biblioteca.]

E – biblioteca. O que é que tu fazes na biblioteca?

Sa. – Hã!

T. – vemos filmes!

E – filmes à sexta-feira com o professor P.. E mais?

Jo. B. – podemos ler.

AC. – podemos ver livros e ler.

E – exatamente e mais?

T. – podemos ver filmes.

E – ver livros e ver filmes.

A. – eu já vi um livro que não tinha imagens.

E – não tinha imagens? Só tinha letras?

A. – Pois [riso]

Sa. – cadeiras!

E – vamos ao recreio?

Crianças – sim!

Sa. – ai que tolos! [comenta a corrida dos colegas a irem pro recreio]

E – estão a ir muito depressa para tu poderes filmar não é? Cuidado com as escadas. Não caias.

A.zinho queres explicar as partes do recreio que gostas mais?

A. – hum, as partes do recreio é a baliza, ali as árvores, o muro, o outro muro, são os sítios que eu jogo futebol.

E – a Sa. vai mostrar agora a próxima parte.

Sa. – venham-me apanhar!

E – Sa., querida, temos de estar todos juntos senão não vai funcionar. Temos de estar juntos. Eu quero ouvir o que vocês explicam. Se vocês não explicam eu não sei!

Te. – ai que tolos!

E – tás a conseguir? Consegues?

[as crianças dirigem-se ao muro lateral do recreio e às árvores, onde costumam brincar às caçadinhas e jogar futebol]

T. – Olha, eu sei subir isto!

E – sabes subir essa parte? Eu já vos vi ali a subir. Quem é que costuma subir para ali?

Te. – eu.

A. – eu só às vezes!

Te. – vou espreitar a janela agora.

E – Sarinha, querida, se vias estar a correr tens de voltar para a sala, já sabes disso. Vamos continuar?

Agora é a Mar..

T. – Não, a Sa. não fez!

E – fezfez, logo no início. Agora vamos dar a vez à Mar., tá bem?

Te. – Mar., Mar.!

E – Sarinha, anda escolher um sítio agora.

AC. – não podes filmar a ti! [Mar.]

E – o que é que queres ir filmar?

Te. - escorrega!

A. – cuidado! AI!

[dirigem-se à casinha, situada no recreio do Jardim de Infância, onde brincam com frequência também, as crianças de 1º ano]

E – Sa., eles escolheram filmar o escorrega.
[as crianças entram na casinha]
T. – Todos! Todos!
Sa. – gorda [para AC.]
AC. – ela chamou-me gorda!!
E – onde é que vamos no próximo sítio? Sarinha?
AC. – eu ainda não fiz. Eu ainda não fiz!
E – Mar., vamos trocar? Passa à AC. que é a vez da AC..
AC. – eu quero ir para o escorrega.
E – olha a Sa. tá a ir agora para o escorrega, olha.
AC. – eu vou filmar!
[crianças descem, uma de cada vez, no escorrega]
Olha a Sa. aqui!
E – quem?
AC. – a Sa.!
E – olha quem é que vai escolher o próximo sítio que vocês querem mostrar?
Mar. – Sa.! A Sa.!
E – e qual é o próximo sítio que vocês querem filmar?
Sarinha, qual queres? Escolheste um sítio?
Sa. – escolhi.
E – e qual escolheste?
Sa. – atrás da escola.
E – então vamos atrás da escola filmar. Anda AC..
Mar. – vamos atrás da escola?!
Sa. – Vamos.
Olha, tou a filmar a malafaya!
E – Olha, quem é que não pode ir para trás da escola?
A. – Eu não.
AC. – nós não podemos!
E – o 1º ano não é?
AC. – mas podemos ir se alguém tiver connosco!
E – agora vamos porque eu vou com vocês. E porque é que vocês não podem ir? Porquê Sarinha, sabes? Porque é que não se pode ir para a parte de trás da escola?
Sa. – porque assim o professor não sabe onde é que nós estamos.
E – não vê o que vocês estão a fazer não é?
AC. – e depois quando nós chegamos ralha connosco!
Sa. – faz aí caretas A.! A. faz aí caretas de macaco!
[A. faz caretas de macaco]
Sa. – gargalhadas. Olha o A.!
AC. – também quero eu! Oh deixa-me fazer!
[AC. faz caretas]
Sa. – Para! Isso não é caretas! Oh A. tou-te a filmar!
E – asneiras não se podem dizer, porque isso é muito muito feio!
Sa. – Olá professora!
E – Olá Sarinha! Tás boa?
Sa. – Sim. Olha a cara da Te.!
E – mostra. Vira, vira, Te.!
Sa. – tá feita de cão.
E – tava a fazer uma careta, viste?

Sa. – Faz aí uma careta, Malafaya! Faz aí uma careta! Malafaya!
 Sa. – A.!!! Macaquinhos!
 E – Sarinha, qual é o próximo sítio?
 Sa. – hã... tchi! Subir a gaivotas!
 E – gaivotas? Onde viste a gaivota?
 Sa. – Tá ali!
 [as crianças espreitam por um bocado de muro, onde é possível ver um ATL]
 E – um campo de futebol, de basquete.
 AC. – e um parque!
 E – tem um parque com baloiço não é?
 Mar. – é.
 T. – Wowwww! Thciii!
 Sa. – aqui vê-se tudo!
 T. – daqui vê-se?
 Sa. – vê-se!
 A. – eu queria ir para lá agora.
 E – para jogares basquete não era?
 A. – Era.
 Sa. – Olha, não vem para aqui.
 E – tu gostas mais de futebol A.?
 A. – gosto.
 Sa. – eu também!
 [A Sa. costuma jogar futebol com os rapazes, nos intervalos]
 A. – eu vou ser futebolista quando crescer.
 Sa. – Olha eu já dei 5... hã... 5 ..cabeçadas seguidas.
 Falta muito para irmos embora?
 E – já está? Já filmaram tudo? Já tem os sítios todos que vocês queriam? Falta as aulas dali? Então vamos filmar ali.
 [filmam os contentores da AEC's]
 Sa. – Tá lá gente!
 E – tão a ter aula, não podemos interromper não é? aqui é aula de quê?
 Sa., A. – Inglês!
 T. – ali é de música!
 Sa. – vou filmar sempre o T.. Para, não faças isso senão isto vai cair! Vou tar sempre a filmar o T..
 T. – isto é o futebol.
 E – isso é a baliza de futebol.
 Sa. – põe-te ali a defender A.. Põe aqui a defender para te filmar!
 [A. simula defesas na baliza]
 E – já está? Podemos desligar?
 Sa. – sim.

**ANEXO 11 – TRANSCRIÇÕES E GRELHAS DE ANÁLISE
ENTREVISTAS DOCENTES EB**

Entrevista Diretora EB. EDEB

Data: 22 de Outubro de 2010

Diretora da EB 1

Antes do início da entrevista foram comunicados os objetivos, duração aproximada e discutidas as questões de confidencialidade da mesma. A apresentação do projeto havia sido já feita, aquando das primeiras reuniões de negociação da investigação. A entrevista orientou-se por um guião previamente elaborado e foi permitida a sua gravação.

<p>E – Queria saber quanto tempo tem de serviço docente?</p> <p>VA – Oh pá, serviço docente? Há quanto tempo sou professora?</p> <p>E – Sim, e depois o tempo de serviço na direção da escola.</p> <p>VA – Ah, então espera aí, porque vou ter de fazer as contas!</p> <p>Docente sou desde 81.</p> <p>E – 81? Há 29?</p> <p>VA – Há 29! Na Direção da Escola, ora está ali aquela placa, de mármore de 2001? a inauguração? 2001...? Mais dois para trás, foi desde... 98.</p> <p>E – 98? Há 12? Desta Escola?</p>	<p>A1</p>
<p>VA – Desta escola. Nunca fui diretora de outra, por isso é que isto está como está! (aponta para a secretária e para as estantes do gabinete). Esta coisa que tu percebes! (interrupção – uma funcionária entra para se despedia da Virgínia).</p> <p>E – Como é que caracterizarias esta escola? Em termos do meio envolvente, da comunidade em que está inserida?</p> <p>VA – O nível social da escola?</p> <p>E – Hum, hum.</p>	<p>A1</p>
<p>VA – Olha, é assim, isto aqui é tão heterogéneo que tu nunca podes dizer que é assim. É um meio económico médio, médio baixo ou alto. Tens de tudo, tu aqui apanhas de tudo! Apanhas aqui gente de bairro, e tens gente com proveniências um bocadinho mais elevadas. Mas no global é médio, médio baixo.</p> <p>E – Médio, médio baixo?</p> <p>VA – É, é, é.</p> <p>E – têm também alunos de bairros camarários ou sociais aqui de [nome da localidade]?</p> <p>VA – Hum, aparece-te pouco. Quando vêm, vêm às vezes pelo trabalho dos pais ou porque estejam em alguma sala de estudo.</p> <p>E – E dos que vêm dos bairros sociais?</p> <p>VA – São aqueles que vêm, é aquela mobilidade social, mas temos pouco, alguns, mas não é uma franja assim muito significativa.</p> <p>E – Hum, hum. Esta escola foi indicada, pelo Professor, na altura que falei com ele, como uma escola que era muito aberta a projetos</p>	<p>A2</p>

<p>que envolviam a participação dos alunos num sentido mais lato...</p> <p>VA – É. É porque além de ter a ver com estar na Direção, sabes que eu acho que também a ver um bocado com o corpo docente. O corpo docente é um corpo muito estável, para já, porque quando não há grandes oscilações de professores, podes às vezes imprimir algumas dinâmicas, porque sabes que vai haver alguma continuidade, de uma maneira ou de outra, tirando à vezes, um ou outro que sai.</p>	<p>A2</p>
<p>E – Claro.</p> <p>VA – mas no global, o corpo docente, mesmo não sendo efetivo, conseguiram ficar na escola, o tempo suficiente para sentirem – penso eu não é? – hum, um bocado isto como um espaço, um espaço deles.</p>	<p>A2</p>
<p>E – Hum, hum.</p> <p>VA – e pronto, têm abertura, gostam de participar, e gostam de fazer. Não quer dizer que agora, é assim, já vi, a escola mais motivada. Porque também, é assim, todos estes trâmites que temos de cumprir ao longo deste tempo todo...</p>	<p>A3</p>
<p>E – As alterações...</p> <p>VA – também nota-se. Nota-se. As pessoas já não fazem as coisas com tanta alegria, mas fazem. A pessoa começa também a pressionar... tantas horas que dá. Quase 35 horas pá! Eu trabalho 40 horas por semana aqui, sem direito a horas extraordinárias e depois também sinto, e como eu haverá outros, que somos todos metidos no mesmo saco!</p>	<p>A2</p>
<p>E – Certo, em termos de representação?</p> <p>VA – claro! E também em termos sociais, porque eu não sei se isto deve ser gravado..</p>	
<p>E – Podemos parar...</p> <p>VA – Não, não vale a pena! Porque os pais, por acaso nós aqui até temos uns pais que são pacientes e temos tido sempre muita sorte porque os pais que nos têm chegado junto com os alunos têm sido sempre uns pais participativos, uns pais que não te estão constantemente a pressionar e a criarem conflito. Claro que há</p>	

<p>sempre um ou outro que gostava que nós tivéssemos o filho dele como mais referência, mas é assim, por muito que se faça, temos 400 alunos, e claro que eles acham que o seu filho é sempre uma...</p> <p>E –Claro...</p> <p>VA – hum... de resto, às vezes noto que a postura deles no 2º ciclo é completamente diferente. É, porque quando temos licenciatura passamos logo a doutores. E até as próprias orgânicas, hum, escolares e as próprias orgânicas sociais colocam sempre num patamar relativamente ao ciclo, ao pré-escolar e ao 1º ciclo. E nota-se muito isso, mesmo a postura deles em relação aos professores. E estão ali à porta, e falam, “E ela” e “o que é que ela quer”.</p> <p>E – Claro, claro...</p> <p>VA – eu vou lá, e eu faço e aconteço...</p> <p>E –coisas menos respeitosas, de alguma forma?</p>	<p>A4</p>
<p>VA – é! e eu tenho sempre o cuidado, nos inícios de ano de lembrar os pais que os professores no 1º ciclo merecem tanto respeito como os professores de outro ciclo qualquer. Hum, por inerência de ciclo, somos um ciclo mais aberto, temos umas dinâmicas muito diferentes, mas nem por isso são menos respeitosos. E nem por isso podem ser encaradas como “isto é tudo nosso” e nós mandamos e opinamos. Porque toda a gente aqui percebe de educação, toda a gente sabe, pronto... e opinam ali à porta. “porque é que o professor mandou o menino se sentar”, precisamente, porque era o meu filho e eu tenho de saber o porquê das coisas. Toda a gente opina, toda a gente pronto. E eu tenho sempre o cuidado de dizer se querem também respeito, têm de respeitar. E à porta da escola, há algum decoro no vocabulário. E quando vêm falar com o professor é a mesma coisa. Porque no atendimento vão falar com os professores e nós exigimos o mesmo.</p> <p>E – Claro, numa relação recíproca, não é?</p> <p>VA – Eu também digo que nós estamos habilitados pelo Ministério para administrar as disciplinas que os meninos aqui vão frequentar. Por isso, há coisas que são da esfera do professor e que o professor não vai permitir que os pais se metam.</p>	<p>A3</p>

<p>E –Hum, hum...</p> <p>VA – assim como nós também não nos metemos na esfera profissional dos pais. E eu penso que eles até compreendem. Também, é assim, todas as escolas deveriam ter um corpo docente de referência e uma gestão escolar de referência.</p> <p>E –Hum, hum.</p> <p>VA – porque se tu, dentro da comunidade tiveres hum, já um percurso que te permita algum respeito, isso é alguma coisa que...</p> <p>[interrupção, aluno entra no gabinete da diretora para pedir para tirar uma cópia. Toca o telefone]</p> <p>VA – isto também é assim, a escola também vive deste dinamismo todo, porque a escola não é o edifício, não é o edifício ser muito bonito, ser muito modernaço, ter muita luz! Ter muitos meios audiovisuais, desportivos e tecnológicos. Eu acho que a escola não faz isso nem nunca fez. Eu trabalhei em sítios desprovidos de tudo e onde realmente se aprendia.</p> <p>E – e onde o centro eram as crianças?</p> <p>VA – É. eu nisso faz-me muita confusão, hoje em dia, hum, mesmo em ciclos mais superiores, a maneira como a juventude encara hoje a escola. São problemas sociais, escolares e são problemas governamentais. Mas o certo é que eu sou muito adepta da organização e de pouca confusão, ainda que às vezes isto pareça desorganizado. E eu sou muito.. a mim faz-me muita confusão. Eu quando tinha aulas, para mim é assim. Eu não compreendo como é que se trabalha com barulho, com falta de respeito e de decoro, hum, irem para as aulas mal vestidos, mal arrançados. A mim faz-me confusão. Sou muito modernaça noutras coisas, mas nisso não. E acho que a escola acima de tudo tem que impor respeito dando respeito. E passar para os pais uma mensagem também de organização e de presença também.</p> <p>E –Passará também...</p> <p>VA – porque as escolas, nenhuma escola, tem de ter os professores, podem não ser tão visíveis, pode ser ela qual for, ter um rosto mais bonito ou menos bonito, ser mais magro, mais velho ou mais novo</p>	<p>A2</p> <p>A4</p>
---	---------------------

<p>mas eu não gosto. E esse rosto tem de refletir um bocado o sentido da escola.</p>	
<p>E – e que coisas assim, menos positivas, ou que gostavas que a escola</p>	A2
<p>tivesse</p>	
<p>? por exemplo, ao nível dos recursos, há alguma coisa que?</p>	
<p>VA – é assim, olha, a pessoa pode ter. Ai, agora está muito na berra o quadro interativo na sala de aula. Tá bem, nos primeiros havia um bocado um deficit tecnológico. Neste agrupamento, é assim, não falta material hoje para trabalhar. Temos um executivo que disponibiliza os recursos que tem e coloca à disposição da escola. Claro que há coisas que dependem, camarárias, que não dependem do próprio executivo. Por exemplo, a gestão de material informático, não passa pelo Agrupamento. Passa pela Câmara. E nós, quer dizer, temos um parque informático obsoleto, pois e eu percebo, que a Câmara também não tem disponibilidade. Mas por exemplo, temos uma internet de fibra óptica, poderia ter uma velocidade estonteante e tem três mega. E tens computadores com 500m de RAM.</p>	A2
<p>E – que não conseguem funcionar com essa velocidade?</p>	
<p>VA – exato! Eu trabalhei nesta escola computadores 2.0 e 3.1 em ambiente DOS. E mostro-te, na biblioteca, aquilo que os meninos faziam. Nunca precisei de quadro interativo, nunca precisei de internet, nunca precisei de nada. Não quer dizer que sou adepta do antigamente. Acho que as coisas se existem, vamos evoluir, vamos aprender. Mas no que toca o exagero de não se ter nada ou então de se dizer, ai que só posso dar aulas se tiver quadros interativos, se tiver um portátil na sala, se tiver... tu vais a uma Roménia, vais a uma Turquia, vais a alguns sítios de Portugal e fazem coisas giríssimas sem esses recursos.</p>	
<p>[interrupção. Entrada de uma funcionária da escola para falar com a Diretora]</p>	
<p>VA – e eu, nesta escola, esta escola já foi muito estigmatizada, hum, e esta escola, nos últimos anos, ninguém queria vir para aqui. Porque era a escola que recebia os meninos da [instituição de</p>	A2

<p>acolhimento de crianças]. Porque havia aqui um colégio que recebia aquele povo... a nível de um estrato social pobre, que vivia ali na zona do Mercado.</p> <p>E –Hum, hum...</p> <p>VA - hum, e ninguém queria, porque era a escola dos “ranhosos”, e a escola tinha esse estigma, porque ou ias para a Escola, que era uma escola “chique” ou ias para a escola [nome da escola], porque o casal que estava lá, que eram os professores P., trabalharam o tempo todo lá, dedicaram a sua vida à escola e realmente criaram uma escola que fazia sentir realmente, quando havia qualquer projeto, qualquer coisa assim... Esta escola, durante muito tempo, foi muito estigmatizada, até porque estava num sítio mais isolado.</p> <p>[interrupção de funcionário da escola]</p> <p>VA – e quando uma colega, que agora está aposentada, tomou a Direção da escola, hum, deu-se realmente uma “perestroika”... e tinha, pronto, dinâmica, acreditava nisto, e queria tirar um bocado a escola deste estigma. E começou-se a fazer um trabalho de base, e quando ela deixou a escola, herdei-a eu, e o trabalho foi continuado, pronto ainda mais. Porque sabes, quando nós herdamos uma coisa que está a crescer, tu tens sempre duas coisas. É assim, ou deixas morrer, ou tentas fazer melhor.</p> <p>E – Claro.</p> <p>VA –Não é? E eu, ainda havia muita coisa, mesmo dentro da escola, ainda havia muito trabalho, mas havia assim ainda pouco sentido.</p> <p>E – hum, hum.</p>	<p>A2</p>
<p>VA – até porque foi uma altura que coincidiu, começou a sair um grupo de gente de muito valor e a entrar gente nova, que eu ainda não sabia muito bem se iriam vestir a camisola ou não. Porque tu ou vestes a camisola... por acaso havia uma máxima que essa diretora tinha, que era esta escola tem duas coisas: ou se gosta, ou não se gosta. Não há meio-termo. E curiosamente, ninguém que tenha passado por esta escola e que eu conheça, hum, disse adeus escola para nunca mais. Hum, sempre quiseram voltar, os que se afastaram sempre fizeram tudo para voltar. Alguns conseguiram e outros não,</p>	<p>A2</p>

porque se sentiam bem aqui, e isso é gratificante, não é?

E – hum, hum.

VA – quando as pessoas gostam de trabalhar, as coisas depois aparecem. A Câmara quando precisa de gente, é sempre, aí vai a escola! Lá vamos nós!! É preciso uma professora ou duas lá? Lá vamos nós! Ligam, quantos precisam? E a gente vai! E aí, e assim, nota-se e eles na Câmara, na Biblioteca quando precisam de alguém – até pela proximidade – é a Florbela Espanca. Ele larga o que está a fazer e vai. Quer dizer, não é muito fácil também encontrar uma escola assim.

E – Claro, que estabeleça essas parcerias, não é?

VA – pronto, também é como te digo, é gente que gosta de estar, que gosta de trabalhar, mas isto também tem muito trabalho meu! E falsa modéstia é vaidade! Tem muito trabalho meu. Eu estou aqui muitas horas. Mais do que aquelas que a Lei me obriga a estar. E depois eu também estou porque quero. Estou porque gosto. E quando estava na... a minha atitude era a mesma. E quando dava catequese era igual. Por isso, eu não faço mais por estar neste cargo. Tenho mais responsabilidade, que a pessoa tem sempre cuidado para não falhar, não é que a pessoa sinta que é Deus Nosso Senhor e que sou infalível! Ainda bem que sou humana. Mas tento levar isto com alegria, e com um bocado de estupidez [risos] porque isto é um baque muito grande. É assim, é talvez a maior escola do concelho. E a escola tem alguma referência, não é? isto também, a pessoa tem de manter a qualidade. E obriga-nos a estar sempre em pedalada constante.

E – e em relação ao espaço... costuma-se dizer, de facto, que a escola ocupa um lugar muito importante na vida das crianças que estão aqui, não é? porque é que achas que essa importância se faz sentir? Na vida deles, e no quotidiano, que papel é que a escola pode ter?

VA – Olha, é muito gratificante quando eles vão para a escola EB 2/3, e sentir e ver que os alunos daqui, e até de outras escolas. Eu tive dez anos na biblioteca escolar, e aquela biblioteca que está ali é

A2

A4

a minha alma. [aponta para a biblioteca, que se situa no mesmo piso do gabinete da direção, em frente]. Fui eu que a pintei, que andei aqui com o Serafim a pintar, a sala de professores, e eu cismeiei que cada sala havia de ter cada uma a sua cor. E esta biblioteca hoje é uma biblioteca de referência, ao nível do concelho e até ao nível do Ministério. É assim, não havia nem férias a que eu tinha direito, não é? estava aqui metida, Sábados e Domingos e à noite. Tenho aqui muita... sangue, suor e lágrimas. E é muito gratificante ver que os miúdos lá fora, onde a escola à partida já nem sequer a nível... hum, edifício, é visível, e eles dizem: “Ei, professora, na tua escola é que era bom!”. Tenho saudades da tua escola, e da tua biblioteca. Alguma coisa esta escola faz os meninos, não é? e os pais também vêm dizer “ei professora, aqui é que era bom!” quando ele andava lá, porque a pessoa podia falar consigo quando queria. Agora, no 2º ciclo já fazem diferente. Mas é bom sentir que nenhum menino que saiu daqui diz mal ou que a escola pela negativa. Porque tentamos sempre que a escola aqui proporcione o maior número possível de vivências organizadas e não fazer coisas assim, no ar. Acho que tudo tem de ser explicado. E vai para uma visita de estudo e prepara-se o powerpoint e toda a gente vai com a visita preparada. Ou se vamos fazer uma aula sobre o coração fala-se sobre os benefícios. Ninguém vai para a rua nesta escola, ou vai visitar qualquer coisa assim. Tudo é explicado e tenho sempre o cuidado de partilhar, porque eu faço mesmo a informação e distribuo para as outras escolas. Tento sempre partilhar o que aqui se faz, porque as boas práticas são para partilhar. E isso acaba por se notar.

E – Hum, hum. Uma das coisas, e eu também faço esta pergunta, porque uma das coisas que o Prof. D. disse da primeira vez que estive com ele, foi que reconhecia, de alguma maneira, crianças que vinham da FE, porque quando chegavam ao 5º ano, as reconhecia pela posição, pela postura que tinha, por serem miúdos críticos, com uma visão própria, com opinião própria, hum, e com sentido do que era o papel deles na escola. Que ele entendia que era diferente.

VA – E nota-se. É assim, se calhar também falamos agora deste

<p>caso concreto. Aqui, os alunos têm opinião própria. Claro que nós aqui não temos aquela prática, como eu via em Londres, daquelas grandes... grandes assembleias. Até porque é assim, numa escola com 400 alunos e arquitetonicamente com este espaço, fazer grandes assembleias de escola, era para ficarmos afônicos. E isso seria uma confusão de escola, não uma assembleia.</p>	A4
<p>E – hum, hum.</p> <p>VA – mas os professores, dentro da sala de aula, têm dinâmicas próprias de chamar os alunos a alguma cidadania. Aqui, normalmente, eu sei que os pais também ajudam, eu sei que os pais, até pela postura que eles têm, também contribuem um bocado, contribuem muito para o sucesso dos alunos, e parte, por exemplo, como cidadãos. Também temos aqui alunos cujos pais não lhes ligam praticamente nada, e que nós nos admiramos como é que eles ainda têm o juízo todo na cabeça. Também temos disso!</p>	A4
<p>E – E como é que têm aproveitamento?</p> <p>VA – como têm aproveitamento? É uma escola que a nível de resultados escolares tem bons resultados escolares. Tem. Tem aqui um conjunto de professores exigentes, tão exigentes que às vezes, têm uma peneira tão apertada, relativamente ao passar de ano os alunos. Mas o certo é que nunca falham. Não temos um corpo docente faltoso. Temos um corpo docente que partilha as suas experiências e, mesmo com docentes de outras escolas, e que partilham as suas experiências. Hum, o tempo às vezes de pausa, nós aproveitamos para nos juntarmos, e depois, quando há atividades que possam levar a escola toda, toda a gente participa. Ninguém diz assim: “ah mas isto será bom para os meus alunos?”. Não, porque eles sabem também que eu aqui filtro muita, muita coisa, e há muita coisa que é assim. Olha, é a ditadura da democracia. Eu leio as coisas que vêm, muitos panfletos, com montes de atividades. Mas é assim, primeiro há verbas que a escola não tem e que os miúdos não podem pagar! Não é?</p> <p>E – Claro...</p> <p>VA – e que os miúdos não podem pagar, temos de pensar que hoje</p>	A2

em dia, temos na nossa escola, começa a ser assustador o número de pais desempregados. E eu temo que isto, a médio prazo, se vá refletir quer a nível de comportamentos quer a nível de aproveitamento.

E – Hum, hum.

VA – esta escola, talvez por ser muito grande, talvez por isso, e as colegas aqui sabem que como eu também não sou adepta destas atividades avulso só por atividades avulso, eu como tenho uma peneira muito fina, elas às vezes nem chegam a saber, que vai aqui para este caixote, muita coisa que vem. Porque há coisas que não são exequíveis. E um professor também tem de ter tempo de dar a matéria aos seus alunos. Agora, nós também somos uma escola muito unida, e eu digo às vezes às minhas colegas, que esta escola tem dois P's: é poderosa, e é perigosa. É poderosa, porque tem muito prestígio, ganho com o nosso trabalho. Nada nos é dado de bandeja. A única coisa que foi oferecida a esta Escola, e foi realmente um trabalho feito durante aqueles anos todos, foi oferecida a Biblioteca entrar na rede de bibliotecas escolares, foi oferecida pela antiga Direção, na altura em 97, à antiga Diretora da Escola, por um trabalho que essa Diretora veio a fazer, em prol da.... E a biblioteca foi realmente oferecida, mas não foi oferecida pelos lindos olhos da Diretora. Foi por um trabalho de gente que já cá não está, e que dedicou a vida inteira a esta escola. A vida inteira, e que realmente nos cedeu a nós e a outros colegas que estão cá, e eu aprendo muito aqui e noutras escolas, muito que mal eu sonhava que ia herdar a Direção da escola. Com a antiga Diretora da escola, que era assim uma mulher também muito hipercativa, e que realmente tinha uma visão social da escola muito completa, e com a qual eu aprendi muito e que essa aprendizagem serviu-me muito para o cargo que eu ocupo. E eu tento, até porque eu gostava de ir para reforma aos 56 anos, que não sei se vou, mas eu gostava que esta pessoa que um dia terá de ser sucedida por milhentas razões, e gostava que quem fosse designado para o cargo, porque agora não há eleições, mas que quem fosse designado para o cargo, ter

cuidado nas designações que fazem, e eu falo por esta que é a minha casa, como sentiria noutra escola. Eu sinto esta escola como a minha casa porque estou aqui. Hum, terem algum cuidado, pronto, em quem colocam nos cargos, hum, acho que tem de se sentir isto. Tem de se sentir isto. Tem de sentir, porque tu não consegues. Não consegues. Seja no que for! Tu não consegues cativar nem colegas, se estiveres a dar formação, nem formandos, nem os alunos, se tu não sentires o que estás a fazer. E eu como tenho a minha máxima de que ninguém dá aquilo que não tem. Por isso eu também não posso passar para os meus colegas uma mensagem de dinamismo, de alegria, de boa disposição, se eu não gostar, se eu estiver sempre a faltar, se eu não me interessar pelas coisas! Se eu não me intrometer na vida dos alunos. Eu muitas vezes aqui falo com os pais, para acalmar, para irem ao café tomar um cafezinho e depois já cá não voltam. E a coisa morreu, e eles nem chegam a saber. Isso ajuda o facto de eu estar aqui em baixo, não é, travo aqui muito e também como já estou aqui já há muitos anos e eu penso que as pessoas, pronto, de uma maneira ou de outra. Porque também uma pessoa há 11 anos aqui, nunca, eu que me pese a consciência de ter sido indelicada ou grosseira com alguém, de não ter atendido alguém só porque me deu na real gana, nunca ninguém pode dizer isso. Se calhar, até recebo demais, porque se calhar alguns também abusam, não é? Mas, os colegas sentem também que eu dou e vou à frente! E é preciso fazer um Magusto? Eu vou buscar caruma com eles! Apesar de termos funções distintas, eu se for preciso andar aí de esfregona, se for preciso limpar aqui o meu gabinete, eu pego numa esfregona e limpo! E com os funcionários a mesma coisa. Eles estão à vontade e eu digo sempre, um bom funcionário não precisa que lhe digam o que tem de fazer. Sabe o que tem de fazer, digo no início do ano o que terá de fazer e pronto! A partir daí, sabe o que tem de fazer, e se tiver de puxar as orelhas também puxo. Digo sempre que se tiver de o fazer fico triste, porque um profissional nunca deve ser chamado a atenção. E eu digo sempre aos meus colegas, nunca ninguém precisou de me dizer vai para a

sala, nunca ninguém precisou de me dizer que eu tinha de chegar a horas, nunca tiveram de me dizer que eu tinha de ter determinada postura.

E – há bocadinho davas um exemplo, pronto, daquilo que é considerado um exemplo da escola da Ponte como sendo um exemplo muito mobilizador destas estruturas de participação. Mesmo não havendo uma estrutura formal, como a Assembleia de Escola, entendes que essa participação e envolvimento dos alunos na escola e naquilo que se passa na sala, e que é importante, que isso contribui para o exercício da sua própria cidadania?

VA – ai acho que sim!

E –que elas a desenvolvem mais, nesse sentido?

VA – é assim, primeiro porque também temos um corpo docente que tem muito essa postura, são muito críticas, e como são muito críticas relativamente a mim e eu passo esse exemplo para os alunos, porque tu aqui corres as salas, por exemplo, e não vês desorganização nas salas.

E – Não...

VA –estão a trabalhar sossegados, estão aqui 200, mais 100 nas atividades, e vês que anda tudo tranquilo. Porque depois é assim, eu estou aqui e os miúdos se tiverem algum problema vêm ter com a professora.

E – hum, hum. É possível eles recorrerem a ti, por exemplo, mesmo quando têm...

VA – até para desencravar o fecho das calças!

E – e por exemplo, se elas quiserem ser chamadas a participar em alguma coisa, se tiverem ideia para alguma coisa da escola ou se tiverem uma qualquer situação que gostassem de mobilizar, eles sentem que esta porta está aberta? Que podem...?

VA – Sempre, sempre!

E – já houve alguma situação ou algum projeto em que eles viessem e dissessem que gostariam de fazer qualquer coisa na escola?

VA – Olha, assim que eu me lembre não! Fizeram uma vez uma manifestação que eu já não abria a biblioteca há muito tempo, há

<p>dois anos, e fizeram uma manifestação aqui à porta com cartazes.</p> <p>E – Feitos por eles?</p> <p>VA – Feitos por eles! Uma grande manifestação, todos com cartazes .Professora Virgínia, sabemos que andas muito ocupada. Porque eu depois comecei a, repensei, repensei, porque a acumulação de cargos. Porque é assim, tu ou fazes bem uma coisa ou fazes bem outra. Porque houve tempos em que as escolas eram mais pacíficas e tu conseguias conciliar duas coisas ao mesmo tempo. E eu gosto muito da biblioteca, gosto. Gosto muito daquilo, hum... e eles sempre tiveram à vontade, sempre na biblioteca. Aí, quando eu estava na biblioteca eles pediam-me muitas vezes: nós hoje gostávamos de falar sobre este assunto.</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>VA – E, se às vezes o assunto dava para falarmos, falávamos na hora. Senão, se eu via que era um assunto que eu queira mais algum cuidado, até pela sensibilidade daquilo, então, na próxima semana. E eles lá estavam, todos, para cobrar. Hum, agora ao nível do que tu falas, de algum projeto, específico, não.</p> <p>E – mas por exemplo, essa manifestação, foi porque eles decidiram que um espaço que era deles, que era a biblioteca...</p> <p>VA –eles fizeram isso porque eles gostavam. Eles gostavam. E gostavam que eu estivesse na biblioteca.</p> <p>E – e era um espaço onde eles tinham voz, na verdade?</p> <p>VA – Era, era. Tinham, aquela hora. E até para os professores aquilo era uma hora diferente. Tanto podiam ler, como podiam ver um filme, como discutir um assunto, como falar de sexualidade ou de uma coisa que aconteceu. Por isso, havia sempre ali liberdade, para eles também poderem trazer alguma coisa que eles quisessem. E havia uma caixa dos segredos. Porque sabes que há miúdos também, que até gostariam de falar alguma coisa, mas que têm vergonha e tal, e aquilo ficava ali. Mesmo o facto de saberem que eu estava ali com a caixa, nunca li nada, e eles já se sentiam bem.</p> <p>E – Claro.</p> <p>VA –os miúdos como tinham... Nós no Verão fazíamos discoteca e</p>	<p>B4</p>
---	-----------

eu praticamente adivinhava o gosto deles. A discoteca fazíamos de manhã, pronto, uma hora de discoteca. Ninguém conseguia dar aulas, porque nós púnhamos a música nas alturas! E agente dançava. E depois era tudo, professores e tudo! À tarde era a mesma coisa, e eu nunca, como estamos em horário de desdobramento, os meninos de um horário ou de outro nunca se sentiram nem mais beneficiados nem outros mais prejudicados pelo facto de estarem em horários diferentes. Porque as coisas que se faz de manhã são feitas de tarde. Com mais ou menos participação, mas isso também já depende um bocado da própria criançada. E eu acho que eles se reviam bem naquilo que a escola lhes podia oferecer.

E – essas sessões deixaram de acontecer. O que e que aconteceu, no fundo, à reivindicação que eles tinham?

VA – não, eles não tinham... eles queriam a hora deles.

E – A hora deles?

VA – porque eles tinham uma hora semanal, e foi uma altura em que houve mudanças a nível de... eu estava no conselho executivo e aquilo levou uma orgânica diferente e os afazeres na escola passaram a ser muito mais exigentes, e havia coisas que não podiam ficar para logo. E claro, eu tinha esse horário na biblioteca e uma altura estive 15 dias sem vir.

E – e deixou de haver?

VA – tinham, eles tinham sempre direito à hora deles, eles diziam sempre. Tinham sempre isso, se o professor quisesse vir aquela hora não era ocupada. Agora, eles também gostavam que fosse eu, que eu estivesse ali a orientar. Mas eu já tinha sido operada à voz, e isto tinha uma acústica muito má, e estava a equacionar a hipótese de ter de deixar aquele espaço. Porque eu falava das 8h às 6 da tarde. E fiquei, tirei cinco nódulos. E depois acho que também temos de ter a consciência de quando é feito. Quando nós perdemos a noção e achamos que somos insubstituíveis. O cemitério está cheio de gente insubstituível. Qualquer profissional deve sair numa altura em que ainda se sinta capaz, eu acho, de sair pela porta grande. Porque também é muito frustrante quando um bom profissional, até por

razões que o ultrapassam, tem de sair pela porta pequena, e todo o bom trabalho que fez desaparece, porque nós somos, nós somos muito maus e muito ingratos para muita gente que nos oferece muita coisa. É muito fácil tu falhares porque és humana. E de tropeçar. Em tenho a certeza que quando morrer tenho muita gente a cair em cima de mim. Porque as pessoas acham que isso é igual a poder. Mas é igual a trabalho. E também ainda há aquele estigma que não tendo turma, não se trabalha.

E – certo, e que têm tempo livre?

VA – hum hum. Nem adianta nem eu me preocupo muito em explicar. Se tenho tempo livre ou não, isto está sempre tudo aberto para que as pessoas vejam o meu tempo livre, tempo livre para estar com... mas ainda há uma grande parte dos nossos colegas e eu falo pelo primeiro ciclo, que acham que quem não tem turma ou que está num cargo qualquer não trabalha. Quer dizer, não compreendem o tipo de responsabilidade.

E – é um trabalho mais ou menos invisível nesse sentido?

VA – É, é, é invisível. Até ao nível da avaliação, eu não posso pedir! Eu não posso pedir essas coisas que elas podem pedir! Eu sou avaliada, quer dizer, pela Direção. Posso ser bem ou mal avaliada, porque ninguém vem ver o trabalho que eu faço, não é?

E – Diariamente, claro... nestes espaços, e nestas experiências, ou mesmo nestes espaços das assembleias de turma, e as discussões abertas que se fazem com os alunos nas aulas, por exemplo, e que há aqui a escola, hum, a ideia com que ficas é de que as crianças são competentes para tomar decisões? De que elas têm de facto capacidade para discutirem ideias, proporem algum tipo de soluções?

VA – dentro daquilo que eles são capazes de aferir, eu acho que os miúdos têm de ter o direito a ter opinião.

E – Hum, hum.

VA – e eu, embora agora não faça esse trabalho na biblioteca, como te disse, quando estive na biblioteca, fazíamos muitas vezes, por turma, fazíamos reuniões, e tínhamos muitas vezes... o que

gostavam, se estavam a gostar do que estava a fazer ou não e discutíamos, e às vezes eu cheguei a alterar procedimentos atendendo ao que eles diziam. Porque as crianças, embora sejam muito, muito críticas relativamente às outras, as críticas que elas fazem aos adultos, eu acho que são mais justas relativamente às que fazem aos colegas. Até porque eles estão com o professor e perguntam, e não estão ali a criticar o professor, nem para o diminuir como fazem com os outros. Não me venham dizer que as crianças são boazinhas, que não são. São bem mazinhas umas para as outras, mas no...se tu lhes deres espaço, para eles poderem discutir e eles sentirem da tua parte que tu fazes o esforço de os estar a ouvir, como cidadãos, como cidadãos, que os estás a ouvir, que os respeitas, e os miúdos aqui sabiam e sabem que eu os respeito como alunos. Temos patamares diferentes, temos entendimentos diferentes, temos funções diferentes. Agora, eles também têm de perceber que é assim, eles estão aqui para aprender. E opinam até um determinado ponto, quer dizer, depois a partir daí o entendimento deles, opinam sobre o que sabem e às vezes sobre o que não sabem. Agora, dentro daquilo que eles sabem, eu gostei sempre de os ouvir. Diziam coisas muito interessantes. Até porque eles às vezes levavam questões para casa e depois havia feedback dos pais e deles. E era muito interessante o trabalho que se fazia aqui.

E – esta pergunta vem muito naquele sentido de, de haver esta ideia muito comum, entre adultos, de que há coisas que são muito difíceis de falar com as crianças...

VA – São, são. Se tu falares numa linguagem difícil, é a mesma coisa que se tiveres a falar [interrupção].

E –Falávamos desta ideia de que as crianças podem, e de que as escolas devem trabalhar esta ideia, de cidadania e de participação. Sentes que é alguma coisa que também se vai percebendo que os miúdos vão desenvolvendo, desde o primeiro ano em que entram até ao ano em que saem? E que à medida que vão estando na escola, vão desenvolvendo competências?

VA – Ai, nota-se! Se tu trabalhares isso eles ficam com um espírito crítico diferente.

E – e que benefícios é que achas que isso tem para eles?

VA – olha, acima de tudo, para encararem a vida lá fora, que é muito difícil para eles. Muito difícil. E estas convulsões sociais não vão ser nada fáceis para eles. E cabe, também, à escola, um papel importante de lhes abrir várias janelas, de observação, embora o entendimento deles sejam, pronto, adaptado à idade que eles têm, mas se tu já levores algum pré requisito, aquilo ficou lá, não morreu.

E – hum hum.

VA – e podes ir buscar informação que pode depois ajudar, e vais construindo mais informação em cima da que tens. Sabes que às vezes há crianças, e nós notamos aqui, mesmo miúdos que são a nível de classe média alta, meninos que eu acho que são órfãos de pais vivos. E, são colocados em frente do computador, a jogar um jogo, e que levam o jantar num tabuleiro! E por isso acho que, uma grande parte dos meninos, em casa, não tem grande oportunidade de conversar com os pais, como eu tinha todas as horas de jantar, como meu pai e com a minha mãe, em que se conversava sobre o que tinham feito durante o dia. E nós conversávamos sobre o que tínhamos feito na escola.

E – hum, hum.

VA – e isto foi-se perdendo, também falo pela minha casa. Foi-se perdendo uma parte importante dessa cidadania, que se fazia em casa, com os pais, e que a escola também não resolve. Porque a escola vai até uma parte, e a seguir, cabe à família.

E – num sentido mais global?

VA – não, não cabe à escola fazer tudo! Eu também sou contra... não cabe à escola ter pasta de dentes e tratar dos meninos todos os dias. Como não cabe à escola fazer determinado número de coisas que não compete à escola. Como também não compete à escola resolver problemas sociais. Agora, compete, é dar algumas perspetivas para que eles se sintam um bocadinho mais protegidos, quando saem daqui. Hum, quase que passam para um estado de

autossuficiência a partir do 5º ano, enquanto eles aqui têm-nos a nós, quase dez horas por dia, depois andam um bocadinho em geração espontânea. E aqueles miúdos que tiverem algum suporte familiar sobrevivem. Outros não! Claro que a escola básica faz um trabalho importante, mas não, começamos a trabalhar contra algumas coisas que agora. Os miúdos têm sentido crítico, notam e os professores querem os alunos aqui, e querem, e sabem que tipo de trabalho é que se faz nas escolas e os pais reconhecem. E este agrupamento, é um agrupamento que a nível do concelho de Matosinhos é um agrupamento que trabalha bem, pacífico, que dá voz a toda a gente, e onde as pessoas se sentem bem. E quando as pessoas se sentem bem, levam esse sentimento.

E –Mesmo para terminar, e como última pergunta, pensando que também já passaste por outras escolas, com as tais dinâmicas que seriam distintas, como é que nesta escola, mesmo que estes espaços de participação possam não ser tão formais, eles existem em diferentes partes da escola, não é? O que é que faz desta escola, uma escola diferente? Em termos desse trabalho, de envolvimento dos miúdos? De os ouvir?

VA – Olha, é porque... porque aqui toda a gente veste a camisola. Eu passei por muitas escolas, e é o problema de escolas que não conseguem, realmente, levar a cabo grandes projetos, porque têm um corpo docente sempre oscilante, e não conseguem. Eu passei por escolas que poderiam ter feito coisas interessantes, mas que dependia dos professores que por lá passavam, na mesma turma. E repara, que qualquer direção bem intencionada, não consegue fazer porque está constantemente em mudança. Olha, isto até pode ser polémico, mas se tu tiveres uma Direção justa e séria, eu sou a favor que as Direções Executivas possam afetar os professores que querem para os seus projetos. Porque é assim, tu podes estar numa escola em que não te revejas naquela dinâmica, e tu não te revendo também não consegues transmitir, não consegues dar, estás numa escola contrariada. Porque também há, e és uma pessoa mal formada. Nenhuma Direção de escola ou de agrupamento consegue

implementar um projeto se tu tiveres por trás os apoios constantemente a vacilarem. Tu só dás a cara por um trabalho que não é feito só por ti. Eu aqui neste caso, eu tenho aqui o meu trabalho mas porque também tenho um corpo docente que eu digo vamos, e vai tudo! E muitas vezes nem questiono porque é que não vão. Mas não pressiono, porque sabem que a pessoa não trabalha gratuitamente. E penso que esta escola beneficiou muito da estabilidade do corpo docente e das pessoas gostarem de estarem aqui a trabalhar. E não estarem mortas por sair da escola. Porque se tivéssemos aqui professores que estivessem sempre cansados de cá estar, e com pressa de sair, aqueles professores que não são do quadro efetivo da escola, isto era sempre uma mudança contínua. São mais do que nós, professores antigos. O que dava depois um constante, quer dizer, e tu depois não consegues caminhar sempre na mudança, porque cada pessoa que vem, é uma pessoa diferente e com perspetivas diferentes. Começa sempre tudo de novo, para os meninos é uma agitação todos os anos, ter um professor novo. Nós temos aqui esse caso, mas como é uma minoria, é uma turma, acabam sempre por ser adotados por nós, e quem cá está já está integrado, já caminha num sentido. Agora numa escola em que tens uma maioria de turmas assim... nem qualquer alma bem-intencionada consegue. Nem consegues desenvolver dinâmicas com os alunos, porque eles estão-se a habituar ao professor e está o professor a ir-se embora. E recomeça-se tudo de novo. Sem dúvida nenhuma. Para mim, os TEIP aqui permitiram isso. Permitiram que os professores que quiseram concorrer, concorreram, e o executivo pôde realmente escolher quem queria.

E – Formar a sua própria equipa, no fundo, não é?

VA – a equipa que estava era a equipa que ficou. E as pessoas ficaram contentes, e eu acho que ainda mais contentes ficaram, e melhores progressos se notam. E isso causa questão, ah pois, mas há pessoas que nunca irão ter a oportunidade de trabalhar, e também têm as suas dinâmicas.

E – Certo, certo...

VA – E também são pessoas interessantíssimas. E também são pessoas de muito valor. Certo. Certo, sem dúvida, nenhuma.

E – Mas tem a ver com o princípio de que a própria escola escolhe?

VA – para o bem e para o mal. Eu tenho uma filha que é educadora e que está, neste momento, no desemprego, e que pode beneficiar ou ser prejudicada por isso. Eu também estou numa posição já, em que me dou ao luxo de ter este discurso! Mas compreendo que hoje em dia, os professores que não são realmente de quadro de agrupamento, vivem com o credo na boca. Porque estão dependentes de uma avaliação, para progredir na carreira, e isto pode gerar outro tipo de coisas que não existiam nas escolas que é as pessoas começarem a dizer, aí agora vou guardar o melhor para mim. E as escolas estão a ser abaladas por essas convulsões.

Objetivos	Questões	categoria de análise	Dimensões de análise
Identificar elementos fundamentais de caracterização da escola	Caracterização genérica da escola (nº de alunos, meio envolvente à escola)	Escola como espaço de vida das crianças [A]	Elementos de caracterização da escola (formais e simbólicos) [A1]
Identificar aspetos positivos e negativos da escola	Como caracterizaria a sua escola? Aspetos positivos e negativos? O que mais gosta e menos gosta na sua escola?		Pontos positivos e pontos negativos da escola [A2] Relações adultos crianças em espaço escolar [A3]
Compreender a escola como espaço de exercício de cidadania infantil	Como descreveria a relação entre adultos e crianças na escola? Pode dar a sua definição de criança? Que importância tem a escola, na sua opinião, nas vidas das crianças? Assume-se como um espaço importante? A que níveis? Na sua opinião, a escola assume-se como espaço de exercício de		Escola como espaço vital das crianças e de exercícios de cidadania [A4]

	<p>cidadania das crianças? Em que medida?</p>		
<p>Compreender percepções relativas à participação das crianças em espaço escolar</p> <p>Identificar instrumentos de participação/estruturas representativas na escola</p>	<p>Que importância atribui à participação das crianças na sua vida escolar? E na vida familiar, por exemplo?</p> <p>Considera que a escola deve ser um espaço de escuta e participação das crianças</p> <p>Esta escola dispõe de algum tipo de estrutura representativa das crianças? Se sim, de que tipo?</p> <p>Que experiências de participação e envolvimento das crianças foram já desenvolvidas na escola?</p>	<p>Participação das crianças em espaço escolar [B]</p>	<p>Valorização da participação da criança em diferentes contextos de vida [B1]</p> <p>Escola como espaço privilegiado de participação infantil [B2]</p> <p>Instrumentos/estruturas de participação em espaço escolar [B3]</p> <p>Experiências prévias de envolvimento/participação das crianças, formalizadas ou não formalizadas [B4]</p>
<p>Compreender modos de envolvimento e participação das crianças na escola</p> <p>Identificar competências</p>	<p>O trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula com as crianças deve considerar o seu envolvimento e</p>	<p>Práticas e instrumentos de participação infantil na cultura escolar [C]</p>	<p>Modelos pedagógicos de envolvimento e participação das crianças em espaço de sala de aula [C1]</p> <p>Competências específicas das</p>

<p>específicas de participação</p> <p>Identificar instrumentos de participação na cultura escolar</p>	<p>participação?</p> <p>Considera que as crianças são competentes para participar? Sempre do mesmo modo, com diferenças mediante os anos que frequentam?</p> <p>Existem instrumentos desenhados especificamente para promover a participação das crianças na governação da escola? E nas salas de aula?</p> <p>Costuma envolver as crianças nas atividades diárias da escola?</p> <p>Como promove esse envolvimento?</p> <p>As crianças participam em diferentes projetos da escola?</p> <p>Acredita que o envolvimento das crianças e a sua participação são importantes? Em que sentido?</p>		<p>crianças para a participação na cultura escolar [C2]</p> <p>Instrumentos de participação em estruturas de governação da escola [C3]</p> <p>Instrumentos de participação em espaços de sala de aula [C4]</p>
---	--	--	--

<p>Identificar modos de relação da Diretora com as crianças</p> <p>Compreender percepções sobre as competências das crianças</p> <p>Identificar as assembleias de turma com instrumentos de co decisão</p>	<p>As crianças têm um papel ativo na escola? De que modo?</p> <p>As crianças costumam falar, fazer sugestões sobre assuntos que lhes dizem respeito na escola? Têm parte ativa em alguns desses assuntos?</p> <p>Acredita que as crianças são capazes de desempenhar esse papel? Que recursos consideraria necessários para que desempenhassem esse papel?</p> <p>As crianças têm assembleias de escola, de turma?</p> <p>Acredita que as crianças beneficiariam de um maior nível de participação e tomada de decisão? Em que sentido?</p>	<p>Competências das crianças para a participação e para tomada de decisão</p> <p>[D]</p>	<p>Modos de relacionamento das crianças com estruturas de decisão na escola</p> <p>[D1]</p> <p>Participação das crianças em projetos de sua própria iniciativa [D2]</p> <p>Competências das crianças para exercerem papéis cativos no espaço escolar [D3]</p> <p>Benefícios de participação em assembleias de turma e de escola para as competências de tomada de decisão das crianças [D4]</p>

Transcrição Entrevista Docente 3º ano. ED1.

Data: 22 de Fevereiro de 2011

Duração aproximada da entrevista: 50 minutos

Professor Pedro Santos, turma do 3º ano do Ensino Básico, 1º ciclo.

A entrevista e respetivos objetivos bem como o tempo previsto de duração foram apresentados antes do início da mesma.

E – Ia-te começar por perguntar, tempo de formação, e formação base?

PS – Portanto, a minha formação base começou na Escola Superior de Educação do Porto, formação inicial de professores de ensino básico, variante Educação Física. Entretanto, há 4, 5 anos, fui fazendo aquelas formações normais, de TIC, e não sei que mais... Portanto, o TIC sempre foi uma coisa que... estive sempre junto ao TIC, em todas as formações, mesmo em termos de... hum... colateralmente, hum, mesmo com o nascimento do TIC, a nível da avaliação de pessoal sénior. Hum, as avaliações da ANQ e tudo mais. Porquê? Porque a internet nasceu comigo no fim da Faculdade, 97/98. Quando há esse boom eu fiquei logo apaixonado. Na altura já tinha um partimezinho a nível de computadores, também, portanto mantive-me sempre, a minha formação foi basicamente sempre por aí. Muita credenciada, outra não. Depois, há cinco anos, mais ou menos, fiz uma pós graduação na tua faculdade, com o Prof. Laureano Silveira, participei ate num projeto dele, de uma forma até bastante interina, eu e mais dois colegas, um colega do Rosário e outro do Colégio Alemão. E.... Portanto ... fizemos uma parceria com as pesquisas que ele estava a fazer, a forma como ele abordava e tudo mais. Depois, mais recentemente, estou a falar a nível académico, porque depois tenho algumas formações que não são tão académicas e assim. Não dão grau. Tenho, portanto, faço, estou a fazer o Mestrado em Ciências da Educação. Inicialmente era supervisão pedagógica, mas foi alterada para Mediação Pedagógica, por causa da alteração da Lei e a questão do 11º escalão. E pronto, essa é a minha formação académica.

E – Hum, hum. Neste momento, lecionas ao 3º ano certo?

PS – Certo.

E – é uma turma que acompanhas desde?

PS – Desde o 1º.

E – Desde o 1º.

E – Eu depois vou-te fazer algumas questões, mas por causa dos métodos pedagógicos. Em termos gerais, e em relação a esta escola e pensando naquilo que as escolas de 1º ciclo “devem” ser, o que é que associas de aspetos mais positivos, em termos de funcionamento, dos recursos, da estrutura? E aquilo

<p>que consideras menos positivo e que achas que poderia mudar?</p> <p>PS – Em termos de mais positivo, hum (pausa), a meu ver, hum, a heterogeneidade dos miúdos. Isso acho, e acho que se está a perder. Percebes?</p> <p>Mesmo em algumas escolas públicas do Porto, onde eu também colaboro, hum... noto que há pequenos guetos, percebes? E quando falo de pequenos guetos, digo que as pessoas acabam “naturalmente”, por selecionar os miúdos e colocá-los noutra sítio. “Olhe não temos vaga...” . Eu já assisti a isso.</p> <p>E – Hum, hum...</p>	A1
<p>PS – Aqui não. Aqui, realmente, a transparência é transversal, percebes? E depois acho que ganhamos muito com o facto de trabalharmos com miúdos de instituições. Ganham os miúdos que não estão institucionalizados e os que estão institucionalizados. Mas, ganham os que não estão porquê? Porque é uma forma de ver a vida e uma perspetiva de ver a vida completamente diferente dos miúdos que não têm contacto com essa realidade. Esse, para mim, é um ponto forte desta escola.</p> <p>E – Hum.</p>	B1
<p>PS – Do meu ponto de vista, é o que me seduz mais. Depois, em termos de edifício temos, temos uma... uma qualidade de edifício fantástica, percebes?</p> <p>Eu tenho aqui estrutura em termos de sala de aula, em termos de casa de banho, temos tudo que eu nunca tive em nenhuma escola. E mesmo em materiais, em questão de materiais, hum, tenho aqui material muito muito bom, percebes? Material de topo mesmo. O que me permite, quando está disponível, fazer e poder dar aulas e fazer outro tipo de iniciativas, que numa escola como a que dei aulas até hoje nunca havia encontrado.</p> <p>E – Hum. Pensando tu na escola como instituição, que peso é que achas que tem, sem ser o peso real das horas que os miúdos aqui passam. Em termos mais simbólicos, que peso pensas que a escola tem na vida deles? O impacto, que a escola tem? Desde que eles entram, até...</p>	A2
<p>PS – Sabes que isso é uma coisa que me preocupa terrivelmente. Porque eu, eu acho que cada vez mais é um papel que deixa de ser denominador para passar a ser um papel de numerador, percebes? Porque os pais não têm tempo, percebes? Os pais... e não é aquela questão, ah é um depósito. Não, hoje em dia a sociedade exige cada vez mais dos indivíduos e... neste estrato mais</p>	B1

<p>precário, digamos assim, não é precário, mas pronto, menos... menos basilar, o que acontece é que os pais não têm mesmo hipótese. Eu falo com os meus encarregados de educação: “Oh professor, não temos tempo.”. Saem de manhãzinha, chegam à noite, têm um nível de stress que se calhar a geração dos meus pais também teve, mas de uma forma diferente. Hum, eu noutra dia perguntava aos meus miúdos: quem é que fez férias, por exemplo? Férias fora do Porto. E só três é que tinham feito, percebes? É muito pouco. É muito pouco, porque eu lembro-me de quando éramos miúdos, nem que a gente pegasse no FIAT 600, íamos por aí abaixo, feitos malucos...</p>	A6
<p>E – Havia sempre um escape para qualquer sítio?</p> <p>PS – Tinhas 15 dias para descansar, percebes? Hoje em dia, o quality time dos pais não me parece que seja por aí além, percebes? E acho que, nessa perspetiva, nós enquanto professores e a escola enquanto instituição temos um papel cada vez mais marcante mais tatuador na forma de estar e na dos indivíduos enquanto pessoas, percebes? E eu não sei até que ponto é que nós, professores, temos noção disso. Eu, é uma coisa que me preocupa. Às vezes vejo e ouço os colegas a comentarem e fazerem determinados comentários e a tentarem passar, ah essa função não é minha, é dos pais. Essa função, percebes? E eu acho que tamos numa linha ténue, numa ponte em que isto está a deixar de ser completamente os pais para ser partilhado percebes?</p>	B1
<p>E – eu ia-te perguntar exatamente isso. Tendo em conta essa tua visão, que importância ou que impacto é que tu achas que tem, considerando o papel das famílias, que papel é que os professores retomam aqui ou como é que o papel dos professores se vai adaptando a este tipo de alterações, que tu sentes no meio deles? Nas famílias e nos modos de vida?</p> <p>PS – No meu ponto de vista, também vale o que vale, hum, eu acho que temos de estar cada vez mais perto dos pais. Cada vez mais. E, por exemplo, eu, eu raramente tenho algum tipo de problema com os pais. Porquê? Porque abro completamente o livro. Abro completamente o livro. Isto é assim, o meu método de trabalho é este, isto é o que eles fazem, isto é o que eles têm de cumprir, e automaticamente sei perfeitamente o feedback que vou ter. Pode haver um ou dois que... mas isso... transcende-me completamente. Agora, um dos apêndices que eu acho que seria necessário, neste momento, haver</p>	A5

<p>uma alteração na postura do professor, ou no método de lidar com o meio, do professor, era exatamente o quê? Haver uma maior proximidade, do professor para com os encarregados de educação. E a partir daí, percebes, fazer, balizar perante aquilo que eu digo, porque eu é que sou o professor, mas balizar o trabalho e a forma de lidar com a escola, e as crianças, e a relação escola com as crianças, de outra forma completamente diferente.</p>	
<p>E – Estás a entrar exatamente na terceira grande questão que tinha aqui. Estava-me a lembrar que as crianças participam na tua turma, as de 3º ano, nas reuniões com os pais? Nas reuniões de avaliação, estão presentes e participam?</p>	
<p>PS – Participaram em todas, à exceção da última.</p>	
<p>E – à exceção da última?</p>	C2
<p>PS – Participaram em todas à exceção da última, eu vou-te dizer porquê. Hum (pausa), eu houve uma... na última, na penúltima reunião houve uma situação – eu não sei se já te contei – em que um pai, à minha frente, colocou... pôs a menina... “apertou” com a menina, digamos assim. E eu, em vez de manter o meu estado racional, tranquilo e dizer, não não é nada comigo. É o papel do pai e eu tenho de sair. Não consegui. E não consegui porque é uma aluna que sei perfeitamente que o ter colocado uma pinta no I, faz toda a diferença. E eu disse-lhe, à frente da miúda, que, hum, depois dei conta quando caí em mim, dei conta que, pedagogicamente, aquilo não estava muito correto, e daí eu ter dito aos miúdos que nesta reunião eles deviam sair, para eu poder falar abertamente, e para dizer aos pais tudo o que queria e que os miúdos não ouvissem, e vou-te já dizer o que é. Eu disse, olhe a culpa não é da menina, da aluna. Pois não professor, a culpa é da exigência que o senhor lhes faz. E a miúda desata a chorar, porquê? Porque estamos a falar de uma aluna que se esforça até não poder mais. Estamos a falar de uma aluna que estuda todos os dias..</p>	C3
<p>E – que tem bom aproveitamento?</p>	
<p>PS – Tem bom aproveitamento, mas não tem um aproveitamento excelente! (alteração de voz). Entre o bom e o excelente, aquilo para o pai é, está no ensino público por isso tem de tirar excelente! Mas quem é que lhe disse que no ensino público tinha de tirar excelente? A tal... pronto, e o que acontece é</p>	A5

<p>o seguinte: pronto, foi isso, e eu comentei isso com várias pessoas, nomeadamente com uma professora, que é uma professora minha que é psicóloga, e que me disse: Pedro, nem pensar nisso. Pedro, por mim bem que tenha feito ali, falhou na aluna porque a aluna vai ficar sempre com a sensação de que o pai pode estar a fazer alguma coisa de errado. Portanto, e esse jogo é um jogo muito perigoso que o Pedro nunca deve entrar. Portanto, quando tiver de dizer uma coisa dessas, peça à aluna para ir beber água ou para ir à casa de banho.</p>	
<p>E – Hum.</p> <p>PS – E diga isso, deve dizer sem a aluna estar presente. Isso para mim foi uma espécie de um clarão que se fez, em termos, a esse nível. E portanto, nesta última reunião, agora sai toda a gente. Vão brincar lá para fora, brinquem à vontade, e depois eu chamo-vos. E, disse aos pais: isto, isto e isto. Esqueçam a meritocracia, esqueçam isto, esqueçam aquilo. A pontuação que eu faço da aula é para eles (refere-se ao sistema de pontuação dos trabalhos dos grupos, utilizado na lógica do método cooperativo). Não é para os senhores saberem nem vos interessa nada. É para eles se balizarem, se estão bem, se estão mal...</p>	A5
<p>E – certo...</p>	
<p>PS – Não se preocupem com isso...</p>	
<p>E – para regularem o seu próprio comportamento...</p>	
<p>PS – exatamente, não se preocupem tanto com as avaliações. Preocupem-se mais com o bem-estar do vosso filho. Preocupem-se com o equilíbrio do vosso filho, com o crescimento normal.. “Ai”, diz-me logo uma mãe: “oh professor, mas hoje em dia se eles não tiverem boas notas não vão a lado nenhum”. “Pois não minha senhora, mas se eles tiverem boas notas e forem infelizes também não vão a lado nenhum, minha senhora”. Pronto.</p>	B1
<p>E – Certo. Certo.</p>	
<p>PS – Pronto, eles normalmente não têm muitas hipóteses porque eu fecho-lhes as portas todas. Eles bem tentam, às vezes. Tenho sempre um ou dois que...</p>	
<p>E – o que eu achei interessante foi que quando essa questão se colocou numa das assembleias em que tu tavas a falar com eles e uma das questões que eu pensei, e nós mais à frente vamos também tocar nisso, tem que ver com o até que ponto é que os professores consideram que a sua relação com os alunos</p>	B5

<p>também é uma relação mais de, igual para igual? Considerá-los como pessoas cativas e capazes de refletir sobre aquilo que são...</p>	
<p>PS – Hum, hum...</p>	
<p>E – Nos mundos deles. E isso foi a minha primeira reflexão. De perceber como equacionas essa relação? Como é que te vêes a ti enquanto adulto, enquanto professor, mas também como é que os vêes a eles, enquanto crianças e enquanto alunos?</p>	
<p>PS – Hum, hum. Dou-te um exemplo que... Ontem, a, uma aluna que tu conheces bem. Não há problema nenhum... A Mariana pequena tava a trabalhar durante a aula, para aí durante meia hora de aula e tinha as mãos completamente sujas. E eu disse assim: “Que mãos são essas?”. Horríveis,</p>	B2
<p>sujas, pretas. E... e eu disse assim: “Olha, vai fazer (na brincadeira), vai fazer um carinho ali ao Ruben”. E ela: “não vou”. “Porquê?”. “Porque tenho as mãos todas sujas”. Entretanto, ela foi ao quadro, e ela que nunca tinha tido, já não falhava no quadro há imenso tempo, falou ontem. Porquê? Porque os conteúdos eram novos e ela voltou a falhar. E ficou tristíssima. Eu aproveitei a tristeza dela e disse-lhe: “Olha, não levas as rodas. Ela tem umas sapatilhas de rodinhas. Não levas as rodinhas para casa”. Ficou a olhar para mim, e os colegas ficaram todos a olhar para mim, tipo, incrédulos. “porque é que ela não leva as rodinhas para casa?”. E ela, “tá bem”. E eu: “tá bem? Então porque é que está bem?!”. “porque o professor disse”. “Ai o professor disse? E o que o professor diz é lei?”. E diz ela, “não”. “Então o que é que tu tens de perguntar?”. “Porquê?”. “exatamente!”. Tens de perguntar porque é que não levas as rodinhas para casa. E ela, “porquê?”. “Ai agora?!”. Agora já não vais a tempo (risos). Percebes? Portanto, eu faço muito este jogo, suscitar aos alunos que me ponham em causa, percebes? Porque no dia em que eles deixarem de me pôr em causa é o dia em que eu sinto que aquilo já não é o que eu devia fazer, ou que estou a ir por um caminho errado. O pôr-me em causa não é nunca faltar-me ao respeito, porque as pessoas fazem muita confusão com isso. Eles nunca me faltam ao respeito, mesmo os alunos que me tratam por tu, não me faltam ao respeito. Porque eles sabem perfeitamente que eu sou o professor. Agora, se querem tratar por tu e se sentem bem. Há alunos que não dá, porque não conseguem discernir. Mas há outros que dá,</p>	B3
	B4
	C3

<p>perfeitamente. E, a questão que eu tenho com os alunos é uma relação completamente simétrica, tas a perceber? Ou seja, há a questão do respeito que é um bocadinho acima, não é uma questão só para nos guiar, para nos orientar. Agora, aquela figura do Professooooor. Não, isso acho que não. Não acredito, de maneira nenhuma.</p> <p>E – e tu trabalhas estas imagens, ou estas... que estão presentes, não é? Tenho estado contigo nas aulas e isso vai-se percebendo, também pela maneira de trabalhar e já vamos à questão do método, mas isso é alguma coisa que tu comesças a trabalhar desde o início ou entendes que no 1º ano há outras questões que é necessário trabalhar? E que não é possível definir dessa maneira?</p> <p>PS – no 1º ano, eu antes de começar a fazer isto e a pôr isto em prática, hum, estive a estudar algumas coisas, percebes? E.. nomeadamente o meio em si, a observar, já tinha sido cá professor de outras duas turmas... Hum, cheguei à conclusão que logo no início não é possível. Porquê? Porque eles vêm com muitos vícios de casa. Quando eu digo vícios, não são vícios... são vícios de trato, o chamado vícios de trato. O que são vícios de trato? Os vícios de trato são.. hum... enquanto eles não perceberem a minha linguagem, a minha linguagem em termos de comunicação, a minha linguagem em termos de ligação, a minha linguagem empática, digamos assim, enquanto eles não perceberem quais são as regras, não dá. Depois de eles perceberem as regras, e isto demora mais ou menos um mês, mês e meio a dois meses, a perceberem exatamente quais são as regras, aí começo, inicio todo o processo, ou seja...</p> <p>E - Começas aí o processo do método cooperativo? Já no 1º ano?</p>	<p>A5</p>
<p>PS –E aí, torna-se logo uma relação completamente simétrica.</p> <p>E – portanto, embora possamos dizer que eles vão adquirindo à medida que crescem diferentes competências, tu consideras que eles no 1º ano, mesmo com essa necessidade de integração, já detêm as capacidades necessárias para começar a trabalhar nesse tipo de método?</p> <p>PS – não te suscitam aquelas dúvidas que te suscitam no 3º ano! Nem, se calhar.. muitos deles vêm reprimidos, percebes? Muitos miúdos, se calhar mais de metade da turma, vinha reprimida, completamente. Ou por um pai, ou por uma mãe, ou por uma avó. Nomeadamente os institucionalizados.</p>	<p>B5</p>
<p>E - Começas aí o processo do método cooperativo? Já no 1º ano?</p> <p>PS –E aí, torna-se logo uma relação completamente simétrica.</p> <p>E – portanto, embora possamos dizer que eles vão adquirindo à medida que crescem diferentes competências, tu consideras que eles no 1º ano, mesmo com essa necessidade de integração, já detêm as capacidades necessárias para começar a trabalhar nesse tipo de método?</p> <p>PS – não te suscitam aquelas dúvidas que te suscitam no 3º ano! Nem, se calhar.. muitos deles vêm reprimidos, percebes? Muitos miúdos, se calhar mais de metade da turma, vinha reprimida, completamente. Ou por um pai, ou por uma mãe, ou por uma avó. Nomeadamente os institucionalizados.</p>	<p>A5</p>

<p>Completamente reprimidos. Esses nunca têm voz. Nunca têm voz.</p> <p>E – hum...</p> <p>PS – Mas posso-te garantir que, por exemplo, aquela de que falávamos há bocado do pai, e que é a miúda mais tímida da turma, eu ontem disse que íamos ao circo, porque não tinha opção, e ela levantou-se e disse: “Professor, estou muito triste”. E eu: “porquê, Ritinha?”. “Estou muito triste porque tu o ano passado ensinaste-nos que não devíamos ir ao circo com animais. E eu fiz um trabalho sobre isso, e eu convenci toda a família que não se deve ir ao circo com animais. E tu vais-nos levar para a semana ao circo com animais?”. Percebes?</p>	A6
<p>E – Portanto, ela reclamou alguma coisa que foi...</p> <p>PS – E foi a única. Foi a única, porque os outros já se tinham... depois tens isto, grande parte deles tu sentes que tens de estar sempre a debater. Tens de estar sempre, é como lavrar a terra. Tens de estar sempre a lavrar. Porque eles rapidamente esquecem. São hábitos, percebes? Se tu não criares esse hábito, não vale a pena. E, noto que há uns que sim, que fazem um finca-pé em marcar posição. Outros nem tanto, tens de estar sempre... como não têm isso como uma aptidão natural, acredito que isso também possa “nascer” como indivíduo, com o indivíduo não, mas com os pais, com aquilo que os pais promovem, portanto... Ali, ganhei completamente a semana! Como é que ela – estava tudo em silêncio - ela levanta-se e diz: “O circo Professor? Estou muito triste com o circo”. Mas fizemos... E é verdade, o ano passado fizemos um trabalho, em que andamos a pesquisar se havia circo sem animais, porque é que os animais sofriam, como é que sofriam, se os animais sofrem. Entramos em questões muito complexas..</p> <p>E – Claro.</p> <p>PS – O animal, e eu depois tive de fugir daí porque eles não sabiam, pronto, percebes? E isso, parece que não, mas para mim, é um ganho. É um ganho, porque há uma aluna que é tão tímida, tão tímida, que não diz nada, que é capaz de estar uma semana sem ouvir a voz dela, e levantou-se para isto. Porque tinha a certeza absoluta que aquilo estava errado.</p> <p>E – Exatamente.</p> <p>PS – Percebes? Esse é um ganho.</p>	D5

<p>E – Quando tu pensas, por exemplo, e sem entrar aqui em nenhum tipo de comparação, nem de valorização de métodos, mas quando tu olhas por exemplo, para a tua sala, e o funcionamento da tua sala, e para o funcionamento das outras salas, que diferenças é que tu vês?</p> <p>PS – É complexo, sabes? É muito complexo. Porque aí teríamos de partir de outros pressupostos, e oh pá, mas vejo algumas diferenças, vejo... por exemplo, nomeadamente na relação que os alunos com o próprio meio em si, com os adultos, com os outros colegas. Hum... noto que há uma desresponsabilização dos alunos, dos indivíduos. Dos alunos enquanto indivíduos, enquanto pessoas, percebes?</p>	A6
<p>E – Hum, hum.</p> <p>PS – e acho que isso até determinada altura não é muito importante para os colegas. Ah são pequeninos, são crianças, ainda não pensam nisso e percebes? Isso preocupa-me um bocado. Porque eles são crianças, eles são pequeninos, sim, mas têm informação que nós não tínhamos. E têm uma forma de ver a vida diferente da nossa. E neste momento a sociedade exige, uma voz, e quanto mais cedo tu começares a educar essa voz, quanto mais cedo começares a treinar essa voz, melhor é percebes? Para teres uma opinião formada, para te criares. Basta ires lá fora para veres. Viaja um bocadinho e tu vês, falas com os miúdos e em qualquer sítio eles dizem-te, os meus hobbies são estes, tu falas e vês que o miúdo tem opinião própria sobre determinadas coisas. Tu perguntas a um miúdo português o que quer que seja a esse nível e tu vês, que ele não tem respostas. Percebes? É um miúdo muito preso, tirando aqueles micro nichos que eu te falo, quer dizer, não tens hipóteses.</p> <p>E – Mesmo quando eles têm um papel mais ativo, por exemplo, e esta escola formalmente não tem estruturas de participação, não é? Formais, o que não quer dizer que não existam informais, não é? Achas que os adultos, quando eles exercem essa voz, achas que a perceção é a de que essa voz é uma voz válida, e portanto, deve ser escutada e trabalhada, ou de que a tendência é para que essa voz seja mais ou menos esquecida?</p> <p>PS – Estás a falar na cultura escolar?</p> <p>E – na cultura escolar e se calhar na cultura familiar? Naquilo que é a relação que eles têm com os adultos?</p>	B5

participação das crianças fosse mais evidente, a primeira escola de que ele me falou foi esta. Mesmo sem esse tipo de estruturas formais.

E – O método que tu trabalhas é o método cooperativo, como é que definirias as características principais desse método? O que é que achas mais relevante? O que é que valorizas mais?

PS – Hum, basicamente pelo seguinte, porque acredito que as teorias do ensino individual estão completamente falidas, percebes? E basta dares um saltinho, começaram este ano, dares um saltinho a uma das instituições mais conhecidas da cidade do Porto, e perceberes que neste momento, o primeiro ano de escolaridade, estão a fazer rotação de professores, três meses um professor numa sala, três meses noutra, os miúdos a trabalhar em grupo, em que têm um miúdo que é um a tarefeiro, que eles têm outro nome, tem um miúdo que é capitão, que eles têm outro nome, e estão a fazer esse tipo de trabalho sala por sala. E esse é o meu ideal, ou seja, eu estar hoje a dar uma aula aos da Gina, a Gina vir dar ao meu. Portanto rodávamos entre todos. Sermos todos professores de todos. Isso para mim, é o meu ideal. Mas tinha de ser uma equipa de trabalho que trabalhasse. Que dissesse assim, vamos arregañar as mangas e fazer desta escola uma super escola, uma escola fantástica. E aí sim. Isto para te dizer que em teóricos tenho bastante fundamentação. Antes de porem este sistema a trabalhar no Rosário, vieram cá dois senhores, um finlandês e um norueguês falar com o Diretor Pedagógico, que lá utilizam isto normalmente. E ele garantiu-lhes de uma forma que tinha um património com os alunos, porque teve de avaliar aulas e ter aulas, e conversar com os miúdos e fazer entrevistas aos miúdos. Tinha património em termos humanos dos alunos e de professores também para fazer uma coisa daquele género. E que isto só se iria ver passado 4 ou 5 anos ou 10 anos, em que sairiam dali frutos. Mas que sairiam, tem de se ter é paciência e fazer uma boa gestão com os pais, porque os pais é sempre o mais complexo. E como todos estão a pagar, explicar o novo modelo, porque a questão é sempre esta. Então mas se funcionou até agora, até hoje, vão alterar porquê? Percebes, nunca se compreende aquele crescendo. É como eu dizia noutra dia ao pai que não quis, tive de falar com o pai e a questão é simples. O senhor não quer? Tudo bem. Mas se nós não pesquisarmos, não trabalharmos,

C3

<p>não mudarmos, isto vai-se manter sempre. O senhor vai aprender daqui a 30 anos o que se aprende neste momento, vamos estagnar. A educação e ensino nunca pode estagnar porque são coisas sempre novas que estão a surgir, portanto tem de se ensinar de uma forma diferente.</p> <p>E – tu sentiste de alguma forma... sentiste alguma dificuldade. Por exemplo, uma coisa e tu falares do C do Rosário em que existe uma modificação do próprio conteúdo pedagógico do colégio, mas no teu caso por exemplo tu és o único professor que mobiliza esse método de trabalho. Sentiste alguma dificuldade, por exemplo, sentiste falta de abertura por parte da direção da escola, no sentido de poderes ter essa autonomia no trabalho com os teus alunos?</p> <p>PS – Não. Da direção não. Da direção nunca tive qualquer tipo de entrave, bem pelo contrário, sempre me apoiou bastante. Mas... mas as colegas, alguma resistência. Pausa. Até por fatores simples, hum, hum. Por ex se eu estava a dar determinado conteúdo, quer ou muito avançado ou muito atrasado porque eles aqui seguem tipo apeadeiros, tipo linha de comboio que para em todos os apeadeiros, o chamado método da linha de comboio, eles se virem isso e se virem que esta a se utilizado determinado,... ficam curiosas ao inicio, mas depois se chegam lá e vêem qualquer coisa completamente diferente do que é uma sala de aula, ficam... que é isto?</p> <p>E – sim, porque o ambiente não se parece com o de uma sala de aula tradicional..</p> <p>PS – Não, não é.</p> <p>E – quando se entra, a primeira impressão que tive foi a impressão de uma sala de trabalho..</p> <p>PS – não, exatamente.</p> <p>E – mais de trabalho e menos sala de aula</p> <p>PS – sim sim sim...</p> <p>E – tive de te procurar e ver onde estavas, porque não estavas no lugar tradicional... é mais fácil nas outras salas identificar o lugar do professor</p> <p>PS – Sim, sim!</p> <p>E – Hum, em termos do método cooperativo que tipo de instrumentos de participação é que esse método prevê e que tu utilizas neste momento. Por ex,</p>	<p>A5</p> <p>D1</p>
---	---------------------

<p>o trabalho de grupo, o outro tem que ver com a questão das assembleias, Como é que eles funcionam entre eles?</p> <p>PS – sim, inicialmente, as assembleias eram marcados de 15 em 15 dias.</p> <p>E – hum, hum</p> <p>PS – e era sempre que havia algum tipo de assunto para tratar em assembleia mas ultimamente porque temos tido entrada de muitos alunos novos, e tem havido alguns problemazitos colaterais ao funcionamento da sala, e fora da sala, tem havido muitas assembleias extraordinárias. Os miúdos dizem “ professor temos de fazer uma assembleia porque temos de tomar uma decisão”. Quando a decisão extravasa completamente os poderes de decisão deles próprios, que achamos que devemos tomar uma decisão em comum, hum, e marcada por eles uma assembleia extraordinária de turma. O que é que acontece? Nessa altura, portanto eles reúnem, e um dos pontos da assembleia de turma, e eles discutem com a pessoa ou pessoas em causa, a pessoa sai para dizer isto e aquilo, portanto, expõem o problema a turma e depois a turma discute, tem a palavras o Joaquim, e por aí fora, como já viste. Normalmente quando eu tenho pressa, tenho um tempo definido, há assembleias que podem demorar 2 horas e isso depois e incomportável. Quando eu tenho pressa e sou eu que coordeno é tau! Falas tu, tá calado, falas tu, e mais aquilo. Tento apanhar o âmago da questão. Quando são eles eu vejo que é uma coisa grave, por exemplo, como foi a questão de outro dia, a última que não assististe, que a Ariana queria que soubessem que ela não sabia quem era a mãe.</p> <p>E – ela quis partilhar com a turma</p> <p>PS – e isso era grave, primeiro tentei, pensa bem., não não nã. Mas a miúda quis pá, e eu achei que por bem até mesmo falando com as outras miúdas, as que estão mais, oh professor não há problema, não deve haver., Pronto e eu também achei que se ela queria expor isto era uma coisa que estava atravessada e de que as pessoas falavam da mãe como se fosse a dela, e não era, e ela dizia que não era. E como nos temos muitos miúdos que não têm ou não vivem com a mãe ou com o pai, ou alguns 4 ou 5 que nem conhecem o pai, portanto, sabem mas não sabem quem é ou ... pronto. Portanto era uma questão que era mais ou menos familiar para todos e foi ótimo porque ela nunca mais falou nisso nem para discutir essa questão e ficou completamente</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p>
--	-------------------------------

<p>sanada porque eu conversei com os miúdos sobre isso. A minha mãe, e outros, ah mas eu vivo com a minha madrasta, eu com a minha tia, eu com a minha avó.</p>	
<p>E – eles ganham noção da variedade de situações em que vivem, não é?</p>	
<p>PS – é isso. Afinal ate estou bem...</p>	
<p>E – achas que eles nas assembleias, discutem e depois há uma tomada de decisão, uma co decisão, partilhada por todos, nomeadamente por ti também. Achas que ou já sentiste situações por exemplo, em que sentes que eles ficam frustrados por haver uma decisão, tal como acontece na vida real, que é tomada por maioria e em que eu posso sentir individualmente que a minha opinião não foi tomada? Eles lidam bem com esse tipo de frustração, de deceção que existe na sociedade em geral?</p>	E1
<p>PS – Têm que aprender a lidar, têm que aprender a lidar... houve uma que tu assististe, a da Sofia...</p>	
<p>E – eu estava a pensar nessa...</p>	
<p>PS – pois, hum, que ela não aceitou de maneira nenhuma e discutiu durante uma semana, acabou por sofrer algumas represálias em termos de ligação percebes, afetivos, com as coleguinhas, que diziam atraçoaste-me, disseste que eu era má e feia.. e isto depois pode... e depois é essa perspetiva, para nos adultos isso não tem importância nenhuma, mas para eles crianças, é o mundo deles. Alguém dizer que feio ou que é gordo... eu as vezes digo a brincar para ridicularizar um bocado para eles não darem importância, senão eu tenho uma instabilidade emocional nesta turma, que é sui generis, e eu tenho de brincar com estas coisas de forma a que eles riam com isso também. Não o professor está a brincar, e chamo gordos aos magros e assim... o próprio género, percebes de forma a que...</p>	E2
<p>E - por ex uma das questões que me colocava em relação as assembleias era perceber a partir do momento em que há estes processos de discussão e de partilha, se tu achas que de algum modo isso lhes retira algum tipo de capacidade que eles naturalmente devem ter, entre pares ou se de facto eles também têm a perspetiva de que os assuntos de assembleia só vão quando ultrapassam o que é deles?</p>	
<p>PS - um dia eles acabam por criar esse tipo de automatismo percebes? Porque</p>	E4

<p>noutro dia, o Tiago estava muito bem a discutir uma coisa qualquer das bolas. Ah porque há uma regra que não se pode jogar da uma as duas e o rui estava a dizer que não podiam mas que queriam falar com a diretora e tal. E o Tiago foi a assembleia numero x e diz olha o que esta aqui. Decidimos 20 contra 2 que regras da escola são regras para se cumprir o professor não pode fazer nada. E o Tiago tinha esse recurso, percebes? Foi mostrar ao rui e dizer não vais, porque isso é regra. Não podes ir contra as regas da escola, na sala sim, mas na escola não. Ou seja, eles tem uma perspetiva de que a voz deles chega ate a minha sala, até mim, mas depois disso é muito complicado. Vamos lá e podemos tentar e eles as vezes tentam.</p> <p>E – e tu prepara-los para esse tipo de frustração?</p> <p>PS – completamente, completamente!</p> <p>E – hum, hum</p> <p>PS – noutro dia as meninas queriam uma passagem de modelos no recreio e eu disse ta bem, e como vão fazer. Professor, precisamos de falar com a Prof. Virgínia para pôr música, fazer ali um palco e tal. Eu disse ta bem, e se a professora disser que não, como é que é, como vão fazer? Percebes? Dou-lhes sempre o bom o sim e o não.</p> <p>E – outra das questões que eu me coloquei foi pela última situação com a saída de um dos elementos do grupo, como é que os grupos de organizavam e em que ela decidiu que ia, a Catarina, ela própria ter decidido a saída, e ela própria ter decidido retroceder no processo dela.</p> <p>PS – ela hoje vai entrar de novo. Ela levou para casa um trabalho para ver quem +e que ia alterar, porque ia trocar x com y, justificar a troca, dizer que não ia haver impacto no grupo, a questão e que não pode haver impacto. Não pode tirar um tarefeiro e por um capitão, sempre de igual para igual, portanto para não haver impacto, criar o mínimo possível e dizer porque quer ir para aquele grupo e saber se o grupo a aceita ou não, passa-se aí , lá está a tal micro decisão, ou seja, é o grupo com ela, o resto da turma não te, percebes?</p> <p>E – não participa nesse tipo de decisão?</p> <p>PS – é o grupo com ela.</p> <p>E – como é que tu organizas no início do ano os grupos que eles têm, vão mudando ao longo dos anos? Primeiro, segundo e terceiro. Como é que se</p>	<p>E4</p> <p>E3</p>
--	---------------------

<p>organizam?</p> <p>PS – primeira coisa que faço é uma avaliação diagnostica, depois faço um jogo de rãguebi, ensino-lhes e vejo quem tem atitudes de liderança, e de, percebes? Uma para fazer uma despistagem de capitães e tarefeiros, quem aguenta cargas, quem cai, quem se levanta... basta 15m de rãguebi para perceberes logo, tiras as leituras todas, podes-te enganar.</p> <p>E – claro, mas no geral consegues atribuir.</p> <p>PS – Sim, sim...</p> <p>E - Achas que eles... outra das questões era se acreditas que eles, hum, uma das questões que eu fui dando conta é que eles mobilizam assembleias quer para assuntos de escola mas também para assuntos que os afetam na vida familiar, porque alguma coisa tem peso, não é? Hum, se achas que há situações como a que relataste há bocadinho, em que tu achas que às vezes era preferível que a partilha não acontecesse em prol da proteção deles? Se achas fácil ou difícil gerir estes limites ate onde devem participar?</p> <p>PS – há coisas que eu não deixo que eles falem, percebes? Simplesmente digo que não o podem fazer, e ponho um travão. Tens de ter noção de que são crianças não é? Tens o Miguel com pais presos, e já quis duas vezes falar sobre isso, e quer dizer, tens os pais presos, na cabeça de um miúdo, imagina, faz o transfer. Um pai, agora pai e mãe? Mas quê? Casaram e fizeram asneiras, isso e muito complexo. Houve duas miúdas que me questionaram sobre isso. Como é que é possível tar um pai e uma mãe presos! Quer dizer... um pai ou a mãe, individualmente, agora um casal ser preso? Não dá não dá para fazeres isso.</p> <p>E – para ti, na tua cabeça, achas que isso colocá-lo-ia a ele numa situação de grande vulnerabilidade perante o grupo? Aí sentes que a proteção tem de estar...</p> <p>PS – tem de estar acima de tudo., completamente, não há voz que consiga enaltecer. Este tipo de situações tem de ser levada ao extremo.</p> <p>E – a questão é não focar isso, e saber se há alguma questão... perceber ate que ponto há situações em que o nível de conforto deles e segurança pode ou não ser posto em causa se as assembleias servissem para tudo? Como é que eles interpretam esta noção do privado e do coletivo e como podem proteger-</p>	<p>E3</p>
---	-----------

<p>se dessas situações?</p> <p>PS – a questão é tão simples quanto essa, por exemplo. Eles não têm filtro nas novidades, na hora das novidades, segunda-feira, há hora das novidades, e no fim-de-semana fiz isto. O miúdo vai lá e a novidade é, e os outros, então o que aconteceu, tenho um cão, como se chama, de que cor é, e colocam questões e discutem determinado tema, e essas horas não têm filtro. Não e como as assembleias.</p> <p>E – pode aparecer qualquer coisa...</p> <p>PS -. E aí eu travo na altura em que estão a contar. Tento perceber rapidamente, por isso é que estou muito atento às novidades, mais do que as assembleias. Eles vão para contar a novidade e...</p> <p>E – e essa pode pô-los em questão?</p> <p>PS – em cheque.</p> <p>E – pensando mais uma vez nas assembleias tens alguma preocupação em perceber ate que ponto é que há crianças que são mais, isso vai-se percebendo, que há crianças que têm um desenvolvimento ao nível das competências de argumentação, de apresentação do problema, ao passo que há outras crianças que estão sempre mais tranquilas ou mais... sentes que isso é algo, uma opção que eles têm? Sentes que isso é bom ou achas um processo normal, haver aqueles que3 tem papeis mais salientes?</p> <p>PS – tas-me a perguntar se eu acho que...</p> <p>E – o papel que eles exercem...</p> <p>PS – se enaltecem?</p>	<p>B5</p>
<p>E – há sempre um grupo pelo que vou percebendo que tem uma participação mais ativa, ao passo que outros optam por um papel mais passivo. Se achas que todos deveriam ou se te preocupa que todos atinjam o mesmo nível?</p> <p>PS – a partida sim, porque motivo e estímulo mais os que têm menos voz e tenho tendência a calar os que têm mais voz.</p> <p>E – por isso é que pergunto isso.... Há determinadas participações mais fortes...</p>	<p>C4</p>
<p>PS - há miúdos que vês perfeitamente que tem isto em casa, que discutem em casa, quase taco a taco digamos assim, passo a expressão. Agora, claro que há outros que noto, com os outros, da timidez, esses estímulo-os até ao máximo</p>	<p>D3</p>

<p>ate eles criarem as assembleias e muitas vezes nem é. Mas só para os auto promover, eu digo, sim realmente levamos o assunto a assembleia, porque é uma coisa grave, ele levou e tal.</p> <p>E – outra coisa que já percebi é mesmo isso, deixar o espaço para eles organizarem a explicação do problema, mesmo que se baralhem na explicação, mas deixar primeiro esse espaço deles e só depois interferir.</p> <p>PS – completamente, para que criem um raciocínio que seja transferido para os outros e que seja percebido por todos da mesma forma. Um que explique e que eu veja se percebeu é a mesma coisa, quando acabo de explicar um conteúdo e um dos tarefeiros vai explicá-lo. Eu explico na minha linguagem, mas na linguagem deles é diferente.</p> <p>E – para entrarmos na perguntas finais, e voltando ao início, que percepção é que tens daquilo que os próprios pais pensam deste trabalho que tu fazes? Pensando que os pais tem tendência a comparar experiências, com outros pais, tens a sensação que pensando no trabalho que desenvolves na sala que ele é valorizado pelos pais? Estes instrumentos?</p> <p>PS – não me parece, não me parece. Hum, com estes pais, percebes, talvez um ou dois sim, um ou dois sim, não vejo pais... talvez que tenham uma mentalidade um bocadinho mais aberta e percebam que isto vai fazer sentido. Agora, a maior parte dos pais querem é notas, os miúdos a aprender e que saibam tudo, e que sejam os melhores da sala.</p> <p>E – e achas que associam as notas, do aproveitamento, com a existência de um método mais tradicional ?</p> <p>PS - não por causa das, porque até agora tenho dado provas que não, tás a perceber? Porquê? Porque isto acontecia na minha última turma de 4º ano, acontecia este método, e foi a melhor turma do agrupamento, nas provas de aferição e isso fez confusão a muita gente. Como é que ele faz aquelas macacadas e os miúdos tiram melhores notas que os meus?</p> <p>E – mas ainda assim precisas de um critério objetivo, que isto funciona, mas que tem impacto no aproveitamento?</p> <p>PS - Exatamente</p> <p>E – se fores com competências?</p> <p>PS – nada, esquece, não tem importância nenhuma. Já fiz isso numa reunião</p>	D3
---	----

<p>de pais e não tem qualquer tipo de importância. Professor quero é ver nota e dizem-me montes de vezes, o que vale é isto, percebes? Portanto esse discurso, não vale a pena argumentar, porque é perder tempo.</p> <p>E – tens de argumentar com resultados?</p> <p>PS – completamente, eu posso fazer isso mas eles pagam um bocado a fatura de fazerem isso e a fatura é a exigência que eu, esse nível de exigência. Eu se desse uma aula normal eu tenho consciência que se desse uma aula de método tradicional os miúdos tinham metade do trabalho que tem, percebes? Metade!</p> <p>E – não teriam metade do esforço?</p> <p>PS - desperdiçam muita energia na questão da ligação e da... a gora, isso para mim, na minha perspectiva, de ensino e de professor é fundamental. Percebes? Nota-se isso e vês isso pela sociedade em que tens, pelos resultados, fazes uma análise do que se passou nos últimos 20 anos, como é que no ensino fazes esta análise pelos povos nórdicos, como é que eles são e não são, a questão da operacionalização, como trabalham, como fazem, percebes? Não cingem só a uma determinada tarefa e eu tenho, tenho também uma teoria muito própria, nos portugueses, o portuguesismo, permite-nos essas valências em qualquer sítio no mundo. Por onde vou viajando e encontrando portugueses noto que eles são bons lá fora. Tás a entender? Nas mais variadas tarefas. Em lembro-me de estar no Luxemburgo e dizerem o senhor vai comer com o melhor chefe da cidade. Portuga. Vai conhecer o melhor guia da cidade, Portuga! O senhor vai conhecer o melhor graffitter da cidade, portuga! Como é possível no Luxemburgo, então nos somos melhores lá? Mas o vosso sistema, não é uma questão de adaptação. A questão é um bocado essa.</p> <p>E – achas que no geral, no fim de trabalhares 4 anos com este grupo, porque os acompanhas para o ano a finalizar o primeiro ciclo, dirias que considerarias que eles seriam mais reivindicativos que a maioria dos alunos?</p> <p>PS - completamente! E basta ver isso e basta ver que sem faltarem ao respeito eles muitas vezes, e eu falo com as auxiliares, que são a minha ponte, neste caso, eles contestam e perguntam mas porquê? E muitas vezes respondem porque sim, e eles mas porque sim? Porque sim, porquê? Percebes? Isso pra mim é um ganho. Pergunto sempre mas faltou ao respeito? Não professor, mas queria saber porque não podia. Ao respeito não faltou. Percebes? Se</p>	<p>B5</p> <p>B5</p>
---	---------------------

houver isto, se conseguirem fazer isto, isto para mim é fantástico, e não é só isso, tenho consciência que crio também hum, uma forma de aceitarem a diferença. Ou seja, entre eles, eles aceitam o facto de serem diferentes, eles aceitam, eles sentem-se neste caso, contentes, realizados, digamos assim porque conseguem aceitar e isso num indivíduo de 9 anos não é simples, percebes? Não vês esse tipo de aceitação, é muito complexo, porque eles são muito egoístas, tem de abrir um livro que não existe.

E – contrariando algumas das tendências que possam ter?

PS – basicamente é isso.

E – Obrigada, foi muito bom.

Transcrição entrevista docente 1º ano. ED2

Dia da entrevista

22 de Setembro de 2010 (10h)

A entrevista decorreu na Escola, no período da manhã, antes do início das atividades extra curriculares dos alunos. Durou cerca de 30m. Foram repetidos os objetivos da mesma, lembrando-se que não existem respostas corretas ou erradas e que o que se pretende é obter aprofundamento das visões do professor relativamente ao trabalho pedagógico que desenvolve com os seus alunos de 1º ano e perceber, até que ponto estes são envolvidos em atividades na sala de aula.

O professor PM foi participativo, revelando interesse pelos temas da entrevista.

Durante a entrevista, o aparelho parou subitamente de gravar pelo que se faz, no restante período da mesma, a síntese a partir dos apontamentos retirados durante a sua execução. Foi obtida permissão para gravação e para notas.

(...)

<p>Relativamente à questão sobre a contribuição da escola para o desenvolvimento dos alunos, o professor considera a escola um espaço fundamental para o crescimento das crianças, sobretudo no primeiro ano, acreditando num desenvolvimento integral, na aquisição de conhecimentos por parte das crianças e no desenvolvimento de competências sociais, em particular pela integração numa instituição nova, com novas regras.</p>	A1
<p>Considera que as crianças por norma se integram bem no espaço escolar, e começam por aprender as regras. Esta aprendizagem, considerada muito importante, decorre sobretudo nas primeiras semanas, sendo que algumas dessas regras são impostas pelos adultos – sobretudo as que dizem respeito ao comportamento dentro da sala de aula (idas à casa de banho, levantar a mão para poder falar...) e outras vão sendo negociadas com as crianças. Um exemplo dessa negociação, são as idas à casa de banho. Nos primeiros dias de escola, as crianças revelam vontade de ir à casa de banho várias vezes antes dos intervalos, ou mesmo vontade de comerem mais cedo. Com o passar dos dias vão “habitando o corpo” a outros ritmos e passam a ir apenas uma vez antes do intervalo ou mesmo apenas neste período.</p>	A6
<p>Para o prof o mais difícil de gerir são os tempos da escola, muito distintos dos do jardim-de-infância (de onde provêm a maioria das crianças). A escola tem um dia muito cheio e as crianças têm de aprender a integrar-se em diferentes atividades, fazer os trabalhos da escola, as atividades de enriquecimento escolar.</p>	A4
<p>As primeiras semanas são as mais confusas para as crianças e fundamentais para estas novas aprendizagens. À medida que vão aprendendo coisas, como ler e escrever, as crianças manifestam prazer nessas aquisições, e preocupam-se em fazer as “coisas bem feitas” quando o professor pede (por exemplo, têm preocupação em trabalhar bem os primeiros grafismos) e em ter os cadernos organizados.</p>	A6
<p>Quanto aos aspetos mais positivos desta escola, o Professor salientou os recursos que têm para trabalhar e as próprias condições de trabalho (exemplificou com salas com água, por exemplo, que ajuda à realização de determinados trabalhos sem que as crianças tenham de sair constantemente da</p>	A2

<p>sala para lavar as mãos), a relação entre funcionários, professores e professores e alunos. Refere a existência de alguma tensão entre casos pontuais de professores, dizendo que são normais em qualquer ambiente de trabalho. Acredita que todos trabalham para um objetivo comum, as crianças, e que isso é o que faz com que seja uma boa escola. Quando perguntei o que mudaria na escola, se pudesse, o Professor disse que colocaria mais funcionários na escola em especial na parte da manhã, para poderem atender aos professores e crianças, sobretudo no intervalo. Considera ainda que o professor, nesta comunidade em particular, é um elemento valorizado e respeitado. Os pais dão valor às aprendizagens realizadas pelas crianças e atribuem essa responsabilidade ao professor.</p>	<p>A3</p>
<p>No início do ano, os pais revelam maior preocupação, em relação à adaptação das crianças, e aparecem mais vezes para poderem falar com o Professor. Também nas primeiras semanas, as crianças choram com frequência pois têm demasiado trabalho e não se habituaram às rotinas da escola.</p>	<p>A5</p>
<p>Também no início do ano, o professor acompanha as crianças ao recreio pois o espaço é dividido entre as crianças mais velhas e mais novas. Da parte da tarde, há apenas uma turma de 1º ano, e isso faz com que as crianças mais velhas as protejam mais do que seria de esperar. Não podem ir para a parte de trás da escola brincar uma vez que segundo o professor, ainda não conhecem suficientemente bem o espaço.</p>	<p>A6</p>
<p>Quanto à relação existente entre adultos e crianças, o professor Pedro considera-a como sendo de amizade, embora os papéis de cada um estejam claramente definidos. Há respeito mútuo e a preocupação de que a sua integração seja feita de modo tranquilo.</p>	<p>A5</p>
<p>No 1º ano o Prof trabalha muito em grupos com as crianças, envolvendo pais e alunos na realização de diferentes tarefas e em projetos de turma, apelando à cooperação entre ambos. As crianças sugerem ocasionalmente atividades embora a maioria seja sugerida pelo professor. Segundo o prof ainda não dispõem de grande autonomia para propor as suas próprias atividades.</p>	<p>B1</p>
<p>Assimilam muito as regras e se estas se modificam elas contestam. Têm um forte sentido de justiça e analisam as diferentes situações e discutem-nas com o professor sobretudo as que consideram, de algum modo, injustas.</p>	<p>B1</p>

<p>Quando questionado sobre se as crianças se motivam mais se participarem mais, o prof Pedro diz que sim. Quando são envolvidas e ouvidas sentem-se mais motivadas à participação nas diferentes tarefas.</p>	
<p>No recreio e na sala, o professor Pedro não tem responsáveis, uma vez que as crianças mais pequenas estão mais habituadas a recorrer aos adultos para as ajudarem a resolver diferentes problemas que lhes possam surgir. Já os mais velhos, que revelam maior autonomia têm já capacidade para eleger responsáveis e dividir tarefas, por exemplo. No 1º ano, um outro colega, também Pedro trabalha o método da escola global e tem papéis definidos para todas as crianças da sala. Aqui existe a figura do mediador que se responsabiliza pelo grupo e por gerir questões que surjam entre eles, sendo que o professor tem um papel diminuto nestas questões.</p>	A6
<p>Por outro lado, o professor PM, no ano letivo passado, estava com uma turma de 4º ano. Tinha uma mediadora considerada autónoma e responsável perante o seu grupo, embora a uma certa altura tenha falado com o professor dizendo que não queria continuar a ser pois tinha sempre demasiadas coisas para resolver. O professor falou com ela dizendo que o seu papel estava legitimado perante, que a tinha elegido.</p>	A6
<p>O professor acredita que a autonomia se vai desenvolvendo à medida que as crianças crescem e estão na escola e que nas crianças de 1º ano ainda se trabalha muito a questão da integração, sendo por isso menos autónomos e mais dependentes dos adultos.</p>	B5
<p>No recreio, interagem com os mais velhos e vão ainda muitas vezes para o espaço de recreio do pré-escolar onde brincavam no ano anterior.</p>	C4
<p>Ao nível das metodologias de trabalho na sala de aula o professor Pedro acredita que o primeiro trabalho necessário são as regras e as dinâmicas de tempo que são muito diferentes. Quando perguntei o que torna esta escola diferente de outras, o professor referiu que comparando com outras onde já lecionou esta tem mais pessoas e todos são obrigados a serem atentos e a lidarem com pessoas diferentes, o que é bom para as crianças.</p>	B1
<p>Assim experimentam “trocar” aulas com professoras, e as crianças vão-se habituando à ideia de terem mais que um professor, como acontece no 2º ciclo. O professor Pedro não segue horários rígidos com as crianças ao nível</p>	

<p>dos conteúdos, gerindo-se pelos tempos das crianças e pelo nível de cansaço que possam demonstrar.</p> <p>As crianças irão em breve desenhar um projeto curricular de turma, onde será selecionado um problema a trabalhar, que envolverá a escola, os pais e as crianças.</p>	
---	--

<i>Objetivos</i>	<i>Questões</i>	<i>categoria de análise</i>	<i>Indicadores</i>
<p>Perceber a percepção dos professores sobre a sua escola</p> <p>Identificar representações sobre adultos e crianças na escola</p> <p>Identificar o lugar da escola na vida das crianças</p>	<p>Considera a escola um espaço fundamental para o crescimento das crianças? Em que aspectos?</p> <p>Que aspectos positivos associa a esta escola? E menos positivos?</p> <p>O que gostaria de mudar na escola se tivesse essa possibilidade? Ao nível de estruturas, recursos, organização, trabalho com as crianças?</p> <p>Qual o papel dos professores na escola?</p> <p>Que importância tem a escola nas vidas das crianças?</p>	<p>Escola como espaço vital da criança [A]</p>	<p>Escola como lugar de desenvolvimento da criança [A1]</p> <p>Aspectos positivos da escola – estrutura, recursos humanos, materiais, trabalho pedagógico [A2]</p> <p>Aspectos negativos da escola – estrutura, recursos humanos, materiais e trabalho pedagógico [A3]</p> <p>Professores – papéis, relação com alunos, relação com pais, relação com órgãos de decisão [A4]</p> <p>Imagens de criança - Criança aluno, criança ator, criança cidadã; relações de poder e hierarquias em espaço escolar [A5]</p>
<p>Identificar percepções dos docentes sobre a criança enquanto categoria social e geracional</p>	<p>Como descreveria a relação entre adultos e crianças na escola?</p> <p>Pode dar a sua definição de criança?</p>	<p>Relação criança-adulto [B]</p>	<p>Infância como categoria social e geracional [B1]</p> <p>Natureza da relação [B2]</p> <p>Intensidade da relação [B3]</p> <p>Qualidade da relação [B4]</p> <p>Cidadania infantil; especificidades da categoria infância enquanto coletivo [B5]</p>
<p>Compreender instrumentos e métodos pedagógicos que mobilizem a participação das crianças</p>	<p>Costuma envolver as crianças nas atividades diárias da sala de aula?</p> <p>Como promove esse envolvimento?</p> <p>As crianças participam em diferentes projetos da</p>	<p>Modos de envolvimento das crianças no quotidiano escolar [C]</p>	<p>Modos de envolvimento das crianças – formais, informais [C1]</p> <p>Metodologias pedagógicas de envolvimento das crianças – estratégias específicas, atividades de participação das crianças -</p>

<p>Identificar instrumentos e modos de funcionamento</p>	<p>escola? Acredita que o envolvimento das crianças e a sua participação são importantes? Em que sentido?</p> <p>Considera que as crianças têm um papel ativo na escola? Em que modo?</p> <p>Mobiliza um método particular pedagógico na sua sala? Que fundamentos tem esse método?</p> <p>Que instrumentos de participação das crianças prevê esse método?</p>		<p>Assembleias de escola, assembleias de turma, envolvimento nas atividades da escola (bibliotecas, decoração da escola...), métodos cooperativos, participação nas reuniões de pais [C2]</p> <p>Papéis das crianças no espaço escolar - Participativo, não participativo, convergente e divergente [C3]</p>
<p>Compreender o papel das crianças em processos de co decisão escola e na sala de aula</p> <p>Identificar percepções de adultos e crianças sobre a participação em espaço escolar</p>	<p>As crianças costumam falar, fazer sugestões sobre assuntos que lhes dizem respeito na escola? Têm parte ativa em alguns desses assuntos?</p> <p>Acredita que as crianças são capazes de desempenhar esse papel? De resolver problemas? De encontrar soluções para diferentes questões que se colocam na escola e nas suas vidas privadas?</p> <p>Que recursos consideraria necessários</p>	<p>Criança cidadã em processos de co decisão em contexto escolar [D]</p> <p>Processos de participação e co decisão em espaço de sala de aula [E]</p>	<p>Estruturas de audição da voz das crianças [D1]</p> <p>Modos de escuta das vozes das crianças [D2]</p> <p>Capacidades das crianças em contextos de co decisão [D3]</p> <p>Modos de tomada de decisão em sala de aula [D4]</p> <p>Especificidades e impacto das tomadas de decisão [D5]</p> <p>Recursos disponíveis para as crianças [D6]</p> <p>Assembleias de turma [E1]</p> <p>Outros modos de decisão coletiva [E2]</p> <p>Trabalho cooperativo, posições hierárquicas e de poder na sala de aula [E3]</p> <p>Competências específicas das crianças [E4]</p>

<p>Identificar competências de decisão, negociação e argumentação das crianças na perspectiva dos docentes</p>	<p>para que desempenhassem esse papel? As crianças têm assembleias de turma?</p> <p>No seu trabalho pedagógico diário com as crianças consegue dar exemplos do modo como participam? Como co decidem?</p> <p>Como vivem as crianças as participações? Ao nível individual e coletivo?</p> <p>Nas assembleias de turma, que competências fundamentais considera serem desenvolvidas pelas crianças?</p>		
--	--	--	--

**ANEXO 12 – GUIÕES DE ENTREVISTA, TRANSCRIÇÕES E
GRELHAS DE ANÁLISE. CAPITÃES DE TURMA, ASPIRANTES E
TAREFEIROS**

Guião Entrevista “capitães” de turma. CT.

Turma do 3º ano

O objetivo da entrevista prendia-se com capturar as visões das crianças sobre os seus papéis na turma e no trabalho cooperativo, recolhendo noções de justiça e equidade, trabalho e liderança no grupo de crianças da turma. No início da entrevista foram explicados os objetivos e tempo previsto de duração, bem como se lembraram princípios fundamentais de investigação, nomeadamente, a possibilidade de as crianças recusarem responder a determinadas questões. Para estas, foram selecionadas todas as crianças que são capitãs nos grupos de trabalho, isto é, todas as que ocupam um de coordenação dentro do grupo.

Apresentação dos objetivos da entrevista e permissão para a sua gravação.

No vosso trabalho na sala de aula existem papéis diferentes dentro do grupo. Podem explicar o que é que é um capitão?

Vocês gostam de ser capitães nos grupos de trabalho? O que faz o capitão?

Em relação aos aspirantes e aos tarefeiros, ser capitão é uma tarefa mais importante? Porquê?

Já tiveram situações difíceis como capitães?

Na vossa turma vocês tomam decisões também ou é só o professor?

O professor já decidiu coisas que vocês não acharam corretas?

Ser capitão é um cargo com muita responsabilidade?

Sentem-se capazes de assumir essas responsabilidades?

Nas assembleias de turma, gostam de participar nas decisões da turma? Gostam de poder decidir coisas com o professor?

Quando há uma decisão da assembleia com a qual não concordam? O que acontece?

Qual é o papel do professor na assembleia? É um papel importante?

Transcrição entrevista “Capitães de Turma” (ECT)

Turma do 3º ano -capitães

Os objetivos da entrevista são:

- Compreender modos de hierarquia na sala de aula
- Compreender estratégias de poder na sala de aula
- Identificar especificidades de papéis – aspirantes, tarefeiros, capitães de turma

Foram entrevistados os capitães da turma, usualmente identificados como os membros que regulam o comportamento dos grupos e da turma, na ausência temporária do professor. Foram entrevistados os 3 capitães de turma.

Foi pedida previamente autorização para gravação e transcrição das entrevistas às crianças.

Duração aproximada: 19 minutos

Abril 2011

<p>E – vamos falar de um assunto diferente da semana passada. [as crianças levam bebelaides para a sala de entrevista]</p> <p>E – posso explicar? [O M. atira o brinquedo pela mesa da sala]. P., vou explicar. O Ru. perguntou o que é nós íamos fazer. Lembram-se que da última vez que estivemos juntos tínhamos dito que íamos fazer uma entrevista, lembram-se?</p> <p>Capitães – Sim!</p> <p>E – Sobre coisas que vocês fazem...</p> <p>M. – eu já fiz uma entrevista!</p> <p>R – eu também.</p> <p>E – tu já fizeste mas foi sobre outro assunto. Então, hoje tinha pensado que podíamos fazer era... eu na quarta-feira estive aqui a fazer uma entrevista aos tarefeiros.</p> <p>Ca. – Sim, sim!</p> <p>P. – mas nós somos capitães!</p> <p>E – e então agora, eu gostava de ouvir algumas ideias sobre a maneira como vocês trabalham na sala, e como participam.</p> <p>P. – Sim.</p> <p>E –e hoje queria falar convosco enquanto capitães, porque vocês têm um papel específico, não é?</p> <p>P. – Sim.</p> <p>E – então, as perguntas que eu queria fazer era sobre o que é ser capitão...</p> <p>P. – Professora.</p> <p>E – Diz P..</p> <p>M. – eu sou capitão de turma.</p> <p>P. – eu também, mas nós os dois somos capitães de grupo e de turma.</p> <p>E – por isso mesmo! Mas são capitães na mesma, não é? Então, a minha ideia é...</p> <p>Ru. – nós os três somos capitães!</p> <p>E - ... como já ouvi os tarefeiros a falar, queria agora ouvir os capitães, certo? Então, vou fazer a primeira pergunta...se tivessem de me explicar a mim o que é que é ser capitão de grupo, o que é que vocês diziam que um capitão faz na sala?</p> <p>P. – hã, um capitão garante o silêncio, faz com que todo o grupo e porte bem, e quando o professor diz para os capitães manterem o silêncio, é para nós mandarmos calar o grupo se estão a fazer muito barulho.</p> <p>E – e mais Ru2?</p> <p>Ru2 – hã, às vezes quando, às vezes o professor sai porque tem de fazer coisas e os capitães ficam a tomar conta da sala, e e, depois o último a sair é o M..</p> <p>E – hum, que é o capitão de turma?</p> <p>Ru2 – sim, e o P..</p> <p>M. – mas eu tenho mais... eu tenho melhor comportamento do que ele.</p> <p>Ca. – e o capitão mantém silêncio. Mais? Só faz isso.</p> <p>E – olha e vocês gostam de se capitães?</p> <p>Ca. – eu gosto!</p> <p>M. – Sim.</p> <p>E – olhem, e os capitães têm muita ou pouca responsabilidade?</p> <p>Capitães – Muita! Têm muita!</p>	<p>A2</p> <p>A4 B4</p> <p>A3</p>
---	--------------------------------------

P. – eu e o M. temos a melhor. M. – a melhor.	
Ru. – O M. e o P., os capitães de grupo, até são, quando o professor não tá, os delegados têm de tomar conta, mas eles os dois ainda tomam mais conta do que os delegados. E – os delegados? M. – Não, os delegados tomam conta, depois... Ru2 – os capitães são os que tomam mais!!!	C1
M. – Não não, ele é que toma conta, e depois, quando ele está na turma, os delegados vêm quem está a estorvar a turma e vão dizer aos capitães de turma. Ru2 – e estão a ver se se trabalha e não se está a conversar. E – muito bem. Olhem, e uma pergunta. Vocês alguma vez, houve alguma situação quando vocês eram capitães que tenha sido difícil? Ru2 – o Ca. só foi este mês.	C3
Ca. – não! Fui em fevereiro, para aí! Foi quando no segundo dia que o Â... Ru2 – só foste uma vez. Ca. – mas já fui, no primeiro, no segundo e no terceiro, fui capitão sempre! P. – eu e o M., quando, eu fui desde o primeiro ano capitão de turma. Ca. – eu também!	A3
E – Ca. e tu lembras-te, estavas a dizer que te lembravas de alguma situação em que tinha sido mais difícil ser capitão... Ca. - sim. É o Â., ele tá sempre a fazer piadas. Como vocês todos sabem, não é? P., M. – sim. Ca. – Não se cala... P. – tá sempre a falar.	B2
Ca. – piadas, nem a Alex. a tarefaira consegue... Ru2 – A Alex., a Alex.... M. – ele consegue, a Alex. é a namorada dele... Ru. – mas eu mando-a calar e trabalhar! Ru2 – Oh professora, a Alex. às vezes levanta-se para ir e outras vezes vai à minha beira e da MAr. e diz assim: qual é a palavra que vocês não perceberam? O fa, o a, ou o l, ou o d?	C2
M. – quem, eu? Ru2 – Não! A Alex.. E – A Alex.. M. – Pois é! [riso] E – Olhem, e algum de vocês gostava de ser tarefairo? Ca. – eu!	C2
Ru. – oh professora, eu tou quase a chegar! Se eu tiver boas notas nos testes sou tarefairo! Ca. – Eu também. E – então e se não tiverem boas notas nos testes, o que é que acontece? P. – não passamos. E – ficam como capitães na mesma? Ru2 – não passamos se tirarmos negativa. E – e digam-me uma coisa. Ru. – insuficiente. M. – negativa! E – vocês gostam, no geral de ter estas responsabilidades? E gostam de	A1

<p>participar nas assembleias de turma? Ru., Ru2 – Sim! E – Sim? P. – oh professora, eu e o M. já tivemos muitas situações que não conseguimos... E – de que situações P.? É que te lembrás? P. – tipo assim, nós vamos aos grupos e mandamos calar e eles não se calam, continua sempre a falar... E – Hum. P. – e não se calam. Ca. – a Alex. também é assim, nessas coisas. P. – Pois é! E a Ar. é mais pior, está sempre a berrar! Ca. – pois é. Ru. [risos] Ca. – é a berrona da nossa sala! [risos] Ru. – a quê?! E – berrona, é de berrar muito... não é Ca.? Ca. – sim. E – olha, e quando vocês não conseguem fazer alguma coisa, o que é que fazem? Ru., Ru2 – nada! P. – nós nunca desistimos. Ru. – e estamos sempre ali... E – olhem, e o método com que vocês trabalham, vocês preferem trabalhar assim ou preferiam trabalhar como se trabalha nas outras salas? P., Ca. – trabalhar assim! Ru. – assim. E – achas que, no geral, as responsabilidades que vocês têm são responsabilidades adequadas é isso? Ca., Ru2 – sim, é isso. E - nas assembleias de turma? Eu tenho estado a ver algumas das que vocês já fizeram, e tenho estado a ouvir e a falar e pelo que eu percebi são vocês que propõem os assuntos à assembleia não é? Ca., Ru2 – Sim! P. – sim, não é o professor, somos nós. E – e quais são os assuntos que vocês acham mais importantes propor às assembleias? Ru2, Ca. – Todos! E – Todos? P. – Todos? E – qualquer assunto? Há algum assunto que não se possa falar nas assembleias? P. – Hã.... M. – falar de nomes, de insultos. Ru2 – de insultos. Ru. – podemos falar... E – e digam-me uma coisa, eu já vi algumas assembleias em que vocês tinham de tomar uma decisão, não era? Ru2 – Sim. E – mas que nem toda a gente estava...</p>	<p>C2</p> <p>B1</p>
---	---------------------

<p>Ru2 – de acordo. E - ... de acordo com essa decisão não é? Como é que vocês se sentem quando a vossa decisão não é a decisão que fica? P. – nós sentimo-nos normal, é normal. Ru2 – normal. Ru. – é igual. E – é igual? E alguém se lembra de alguma vez em que tenha havido [ouve M.. As crianças começa a brincar durante a entrevista]. De alguma vez que tenha havido numa assembleia que tenha sido injusta? Ru2 – Não. P., Ru. – sim, sim! E – lembras-te? P. – a dos anos da Ar.. Ru2 – Ah! P. – porque ela fazia anos. E – porque é que achaste uma injustiça? Ru. – porque ela fazia anos! Foi em dezembro! P. – mas só que... E – foi antes as férias de Natal, não foi? Ru. – nesse dia, ela... Ru2 – era um sábado, domingo que ela fazia anos. Ru. – era no dia 17 e no dia 18 íamos para férias! E – hum. Ru. – e, e ela propôs uma assembleia de quem é que acha que ela deve levar trabalhos para casa de férias? Ca. – fui eu, fui eu que disse. P. – e depois eu disse para... Ru. – e o professor disse vamos votos! Quem acha que a Ar. deve levar trabalho para casa? P. – e todos a levantarem o braço. Ru. – todos, todos não! P. – quase todos. Quase todos, e a seguir... E – foi a maioria P.? E tu achaste que não devia ser assim? Ru. – foi assim, eu acho que ela não devia de levar. Ca. – oh professora, fazia anos, e quando se faz anos não há trabalho de casa. Ru. – e vira-se a Mar, e a Ri, ah... Ru2 – a melhor amiga! Ca. – a Tat.! Ru. – e para melhor amiga, ah era só para o teu bem. É, mas elas quando fazem anos também não levam. Ca. – ela é mentirosa, porque diz que gosta de mim mas não gosta, não é? E – mas tu gostas dela Ca.? Ru. – anda atrás dela! Ca. – e diz que gosta de mim! [inaudível] Ru. – a Tat. anda atrás dele e gosta dele! Ca. – eu não gosto dela, porque é uma mentirosa! E – hum. E diz-me uma coisa, as decisões que vocês tomam na assembleia são decisões da turma, não é? Ru2 – Sim.</p>	<p>V2</p> <p>B3</p>
---	---------------------

<p>E – vocês gostavam, por exemplo, que houvesse uma assembleia, mas que fosse assim da escola toda? E que não fosse só da vossa sala?</p> <p>Ru. – sim.</p> <p>E – Gostavas Ru.? Que assuntos é que vocês acham que devia haver para uma assembleia, assim da escola?</p> <p>M. – hum, nenhuma.</p> <p>E – M., tu não querias ter uma assembleia na escola?</p> <p>M. – não.</p> <p>E – quem é que gostava de ter uma assembleia na escola?</p> <p>Ru2, Ru., Ca. – eu!</p> <p>E – O M. não gostava de ter. e na da escola, que tipo de coisas é que vocês acham que podiam discutir?</p> <p>Crianças – nenhuma.</p> <p>E – nenhuma? E numa assembleia da vossa sala? Que assuntos é que vocês gostavam de discutir?</p> <p>P. – todos.</p> <p>M. – todos.</p> <p>E – qual era aquele que era mais importante para ti M.?</p> <p>M. – os defeitos da escola.</p> <p>Ca. – sim.</p> <p>E – defeitos da escola. Que defeitos é que a escola tem, M.?</p> <p>M. – hum...</p> <p>P. – eu sei um!</p> <p>E – quais P.? Que coisas gostavas de discutir numa assembleia de escola?</p> <p>P. – que é injusto estarem sempre... a cortar as árvores. Todas as árvores.</p> <p>Ca., M. – sim sim!</p> <p>Ru2 – e são elas, ainda por cima, que nos dão oxigénio.</p> <p>E – se fosses tu decidias que não se cortavam as árvores? Mais?</p> <p>M. – o Ru. está ali caladinho a brincar com as pulseiras.</p> <p>Ru2 – eles estão a cortar as árvores para dar mais sol.</p> <p>E – para vir mais sol? E outras coisas Ca.? Que achavas que se devia discutir nas assembleias de escola? Se fosse a da escola não é? O M. disse que a escola tinha defeitos. O P. deu o exemplo das árvores.</p> <p>Ca. – acho que todas as turmas deviam ser iguais como a nossa. Trabalhar como a nossa.</p> <p>E – achas que todas as turmas deviam trabalhar como a vossa. E mais?</p> <p>P. – porque assim aprendiam mais e faziam mais coisas. Eram mais ativos.</p> <p>M. – podíamos trazer os bebleides.</p> <p>E – Mais coisa? Marquinho? Mais exemplos?</p> <p>M. – o comportamento.</p> <p>Ru2 – de toda a ... de todas as turmas. Se fossem todas como a nossa, quando chegassem ao 5º ano, quando dessem a matéria iam dizer...</p> <p>Ru. – diziam, já sabemos isto!</p> <p>E – e uma pergunta para o P., M. e Ca.. Vocês acham importante na vossa turma o facto de vocês terem uma opinião?</p> <p>Crianças – sim!</p> <p>E – de terem tarefas?</p> <p>Crianças – sim.</p> <p>E – de poderem decidir coisas com os adultos?</p> <p>Crianças – sim.</p>	<p>B2</p> <p>B4</p>
---	---------------------

<p>M. – Não. E – porque é que achas importante P.? P. – porque assim, porque assim... Ru2 – porque é muito importante! E – porque é que tu gostas de decidir? P. – porque assim eu decido uma coisa. Se alguém tiver contra mim, eu, eu... dou uma resposta impressionante. E – então, se não tivesses essa oportunidade tu ficavas a pensar uma coisa diferente? Ru. – professora, posso dizer uma coisa? Sabe porque é que existe, porque é que nós fazemos assembleias? E – porquê? Ru. – porque, por exemplo, uma pessoa tem uma dúvida. Eu por exemplo, com o Ru2, tenho uma dúvida. E essa dúvida é a dúvida da turma. E como ele pergunta à turma, em vez do professor, hã, fala com ele e diz o que é que é. E como ele tá a saber, por isso é que nós tamos todos, ele sabe e o professor a responder a ele tá a responder também para nós! E – claro. Olha, e os aspirantes, o que é que fazem os aspirantes? Crianças – Nada! Nada! M. – fazem, fazem! Ru. – não, por exemplo, professora, quando têm dúvidas vão ao tarefeiro e às vezes nós, capitães, às vezes vamos à casa de banho, às vezes eu venho e para o meu grupo eu escolho um capitão, um subcapitão. E esse subcapitão, o subcapitão, toma conta do grupo. E depois quando eu vier fico eu! E – e fica o subcapitão responsável? E o que é que faz o capitão do grupo, M.? O da turma? M. – nada! E – Não faz nada? Ru2 – protege a turma. E – P., o que é que faz o capitão da turma? P. – protege a turma se alguém se meter com eles. Ru. – e às vezes professora, quando batem à porta, da outra sala, os capitães vão lá e perguntam: o que é que queres? E eles dizem. E eles, como somos capitães são eles que falam com eles e não nos deixam ir lá para fora. Quer dizer, podemos ir lá fora mas não nos podemos é meter na conversa. Ca. – e tomam conta da sala, também. Se nós, tipo, o professor nos manda sair nós saímos P. – os capitães é que vão lá e dizem, a seguir. E – então eu tinha de pedir ao P. ou ao M.? Ca. – Sim. M. – Não. [O P. e o Ca. exemplificam o trabalho dos capitães ao organizar os alunos para sair da sala.] E – muito bem, já percebi! Agora, já percebi. Então normalmente o professor fala com o P. e com o M., não é? P. – com o M., com o M. não, e comigo. Ca. – e às vezes, os professores falam sempre com os capitães, não é? E – Olhem, só tenho mais uma pergunta, é a última. É a última M., para depois irem para a festa. Então, vocês têm estas responsabilidades todas, e qual é a responsabilidade do professor?</p>	<p>B3</p> <p>A4</p> <p>C1</p>
--	-------------------------------

<p>M. – é de ensinar e estar tudo bem!</p> <p>P. – e vemos livros.</p> <p>Ru2 – e ver aquilo que conseguimos fazer. Se conseguimos fazer aquilo.</p> <p>E – motivar, não é Ru2?</p> <p>Ru2 – sim.</p> <p>M. – e o professor é muito fixe.</p> <p>Ca. – e o nosso professor até na sala dança!</p> <p>Ru2 – pois é.</p> <p>E – sim, porque vocês fizeram uma aula de dança há pouco tempo, lembram-se?</p> <p>Ru2 – sim.</p> <p>P. – hoje o professor vai andar de patins!</p> <p>E – é hoje?</p> <p>Crianças – sim!</p> <p>Ru. – ei e o professor hoje: o professor hoje vai andar de patins! E nós, não vai nada, é um menino!</p> <p>E – [risos].</p>	
---	--

<i>Objetivos</i>	<i>Questões</i>	<i>categoria de análise</i>	<i>Indicadores</i>
Identificar os papéis de crianças nos grupos e na hierarquia da sala de aula	No vosso trabalho na sala de aula existem papéis diferentes dentro do grupo. Podem explicar o que é que é um capitão? Vocês gostam de ser capitães nos grupos de trabalho? Em relação aos aspirantes e aos capitães, ser tarefeiro é uma tarefa mais importante? Porquê?	Papéis das crianças na hierarquia [A]	Modos de organização da hierarquia [A1] Função dos capitães [A2] Aspetos positivos e negativos [A3] Importância da tarefa na sala e na hierarquia [A4]
Compreender modos de decisão através de decisão coletiva no grupo Infância	Na vossa turma vocês tomam decisões também ou é só o professor? O professor já decidiu coisas que vocês não acharam corretas?	Estratégias de decisão coletiva [B]	Modos de escuta das vozes das crianças [B1] Capacidades das crianças em contextos de co decisão [B2] Modos de tomada de decisão em sala de aula [B3] Papel dos adultos e das crianças [B4]
Compreender especificidades dos papéis na sala de aula	Já houve momentos em que se sentiram desconfortáveis no papel de capitães? Quais? Ser capitão é um cargo com muita responsabilidade? Sentem-se capazes de assumir essas responsabilidades?	Capitães dos grupos [C]	Especificidades do papel exercido [C1] Dificuldades do exercício do papel [C2] Responsabilidades das crianças [C3]

Guião Entrevistas “tarefeiros”. ETAR

Turma do 3º ano O objetivo da entrevista prendia-se com capturar as visões das crianças sobre os seus papéis na turma e no trabalho cooperativo, recolhendo noções de justiça e equidade, trabalho e liderança no grupo de crianças da turma. No início da entrevista foram explicados os objetivos e tempo previsto de duração, bem como se lembraram princípios fundamentais de investigação, nomeadamente, a possibilidade de as crianças recusarem responder a determinadas questões. Para estas, foram selecionadas todas as crianças que são aspirantes nos grupos de trabalho, isto é, todas as que ocupam o topo da pirâmide, exercendo influência nos pares e na relação com o adulto.

Apresentação dos objetivos da entrevista e permissão para a sua gravação.

No vosso trabalho na sala de aula existem papéis diferentes dentro do grupo. Podem explicar o que é que é um tarefeiro?

Vocês gostam de ser tarefeiros nos grupos de trabalho?

Em relação aos aspirantes e aos capitães, ser tarefeiro é uma tarefa mais importante? Porquê?

Na vossa turma vocês tomam decisões também ou é só o professor?

O professor já decidiu coisas que vocês não acharam corretas?

Já houve momentos em que se sentiram desconfortáveis no papel de tarefeiros? Quais?

Ser tarefeiro é um cargo com muita responsabilidade?

Sentem-se capazes de assumir essas responsabilidades?

Nas assembleias de turma, gostam de participar nas decisões da turma? Gostam de poder decidir coisas com o professor?

Quando há uma decisão da assembleia com a qual não concordam? O que acontece?

Qual é o papel do professor na assembleia? É um papel importante?

Transcrição Entrevista Tarefeiros. ETAR.

Turma do 3º ano -tarefeiros

Os objetivos da entrevista são:

- Compreender modos de hierarquia na sala de aula
- Compreender estratégias de poder na sala de aula
- Identificar especificidades de papéis – aspirantes, tarefeiros, capitães de turma

Foram entrevistados os tarefeiros da turma, usualmente identificados como os membros com maiores responsabilidades nos grupos, ajudando o grupo nas tarefas e estabelecendo ligação entre o professor e o grupo, bem como orientando os colegas na consecução de tarefas individuais. Estiveram presentes os 6 tarefeiros da turma.

Foi pedida previamente autorização para gravação e transcrição das entrevistas às crianças.

Duração aproximada:46 minutos.

Abril de 2011

<p>E – Então, vamos começar. Querem ser vocês a começar a falar sobre o nosso tema, ou preferem que eu faça as perguntas e vocês respondem?</p> <p>Crianças – as perguntas.</p> <p>Alex. – as perguntas, é melhor!</p> <p>E – as perguntas, é? Então a primeira podia ser, se vocês tivessem, vocês que estão a trabalhar na mesma sala, e trabalham com o vosso método, que é o método cooperativo. Essa vossa maneira de trabalhar tem papéis, que são muito específicos, que vocês têm.</p> <p>Mariana – sim.</p> <p>E – no vosso caso, vocês são tarefeiros.</p> <p>Cat. – sim.</p> <p>E – então, se vocês tivessem de me explicar, como se eu não percebesse nada do assunto! O que é que vocês diriam que são os tarefeiros, o que é que eles fazem e que importância é que eles têm na sala de aula? Quem quer começar? Pode começar quem quiser, começa um e depois fala o outro...</p> <p>Mar. – então posso ser eu?</p> <p>E – podes Mar., diz.</p> <p>Mar. – ser tarefeiro é quando nós ajudamos aspirantes, quando eles estão com dúvidas e os capitães também. As nossas tarefas é não dizer as respostas, mas sim explicar como se faz, e se eles tiverem meso muitas dúvidas, dizer ao professor.</p> <p>E – hum.</p> <p>Mar. – e também se precisarem de fazer, nós ficamos lá com eles e explicamos. Mas eles é que dizem sempre as respostas.</p> <p>E – hum. Quem é que quer acrescentar? Diz Cat.?</p> <p>Cat. – posso dizer a minha resposta?</p> <p>E – sim.</p> <p>Cat. – hã, eu acho que ser tarefeiro é... trabalharmos muito bem e à medida, também podemos ajudar os aspirantes, hã, e os capitães, e também alguns tarefeiros, porque os tarefeiros também se podem ajudar uns aos outros, hã, com, não podemos chegar lá e dizer as respostas, mas sim explicar como chegar lá às respostas. Que é para, hã, não ser muito difícil, mas se eles não tiverem a compreender, podes falar ou com o próximo tarefeiro que temos connosco ou com o professor, o professor também nos dá uma ajuda e depois se ele conseguir, se ele não conseguir fazemos outra vez e se ele conseguir.</p> <p>Mar. – é quando nós temos dúvidas também, a mesma coisa que o aspirante tem a dúvida nós também temos a dúvida, perguntamos aos outros tarefeiros a ver se sabem.</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>Mar. – se não souber ninguém, temos de aí vamos ao professor!</p> <p>E – vão ao professor.</p> <p>Alex. – e também temos de explicar tudo direito e também temos de perguntar sempre ao aspirante se ele percebeu, se ele não percebeu...e se ele não perceber, temos de voltar a explicar, e...</p> <p>Mar. – de forma mais fácil...</p> <p>Alex. – de forma mais fácil, e para que ele perceba. E também, quando um de nós, estamos na dúvida: ai se isto é assim, se isto é assado. Se não tivermos</p>	<p>A2</p> <p>A2</p> <p>A3</p>
---	-------------------------------

<p>tarefeiros nos outros grupos podemos ir ao professor, ou pedir ao professor para nos levantarmos e perguntar a outros tarefeiros, se tivermos no outro grupo ao lado. E, hã... explicar é porque como somos tarefeiros temos de estar sempre atentos se eles estão a perceber, se não estão a perceber...porque... é muito importante para os tarefeiros saber se todos os alunos estão a perceber, o que é nós estamos a explicar...</p>	A4
<p>E – para vocês perceberem não é? Mar. – Pois, nesse caso nós temos de explicar e ver quantos aspirantes têm mesmo dúvidas que é para o professor saber e ver se consegue explicar melhor. Porque nós, damos o nosso melhor, explicamos tudo o que podemos, mas também quando é, quando eles têm mesmo muitas dúvidas e não percebem a forma como explicamos temos mesmo de... [riso]....</p>	A2
<p>E – tens de pedir ajuda ao professor? Diz Ti. Ti – ser tarefeiro é às vezes... é ajudar os aspirantes quando eles têm dúvidas, e aos capitães. Se eles não, se eles não perceberem, se eles não perceberem, se eles não perceberem, nós explicamos e eles não perceberem na mesma, eles que ir ao professor para o professor tirar a dúvida. E – hum, e o professor explica de outra maneira?</p>	A1
<p>Ti – ou o tarefeiro ou a tarefeira do nosso grupo também não souber nós não podemos ir ao professor ou outros grupos perguntar aos tarefeiros. Mas também não há dois tarefeiros ou três por cada grupo. Ti – por isso é que nós temos de explicar bem, senão está mal e eles vão mostrar ao professor e depois têm aquilo mal. E – errada a resposta, não é?</p>	A1
<p>Cat. – queira acrescentar um pouco aos tarefeiros que falaram. É, nós também devemos, quando nós vamos perguntar, corrigir os trabalhos de casa aos aspirantes, e aos capitães, se eles perceberam como é que aquilo se faz. E – hum.</p>	A1
<p>Cat. – porque se nós não soubermos, se eles, se eles souberem fazer aquilo, ou não... hã, por exemplo, se eles souberem, hã... faz... se eles tiverem tudo certo e perceberem aquilo tudo, pronto. Tá tudo ótimo. Mas se eles tiverem algumas coisas certas mas não perceberem, devem falar com os tarefeiros ou com o professor. Hã... mas também podem ter tido dúvidas, mas também podem ter tipo coisas erradas. Podemos ajudar a não terem coisas erradas, e a ver se eles perceberam. É, se eles tiveram tudo errado nos trabalhos de casa, corrigimos e temos de explicar aquilo muitas vezes até eles compreenderem.</p>	C1
<p>E – até eles conseguirem compreender... Olha, e esse papel...? Diz, Mar., diz. Mar. – muito raramente, muito mesmo, nós costumamos fazer isso, eles têm respostas certas, mas porque copiam e também... isso não é certo, porque nós estamos a corrigir uma ficha e temos sempre de perguntar ou se eles estão a perceber e como é que eles, como é que eles chegaram à conclusão, e para explicar por vezes, quando eles copiam, não sabem como é que explicam. E depois ficam com dúvidas nisso.</p>	C1
<p>E – hum, hum. Cat. – ah e também se eles, se eles copiarem, depois chegam ali e ficam. Hã, como é que eu hei-de explicar? E portanto, é muito difícil eles chegarem à conclusão. Depois têm de voltar a fazer outra vez, certo, mas só que chegar eles à sua própria conclusão. Procurarem a sua própria resposta, não é chegarem ali e ah se ele tiver certo também vou copiar. E copia. Não se faz isso. Ele tem de ver, por exemplo, língua portuguesa, eles têm de ver no texto,</p>	C1

<p>hum, como há- de, como é que ele vai ver a resposta. Matemática e estudo do meio também é alguns textos, ou de vez em quando temos de fazer por cabeça, e matemática também é muito por cabeça. Portanto, nunca se deve copiar, porque é muito feio, e os aspirantes e os capitães vão explicar e eles não sabem como é que aquilo foi feito.</p> <p>Mar. – se eles tiverem dúvidas, é só perguntar aos tarefeiros! E os tarefeiros quando também têm dúvidas, perguntam aos outros!</p> <p>E – claro.</p> <p>Alex. – e também quando eles, também, quando, não sei se alguns fazem, eu faço, as pronto, pergunta aos do meu grupo, eles estão ali. Ah eu percebi alex., eu percebi. E eu percebeste? Então, eu quero que me expliques. E se ele ficar ali de boca aberta a olhar para o trabalho e se ele não me responder, eu, eu digo lá assim: pois, eu vi logo que tu copiaste.</p> <p>E – hum.</p> <p>Alex. – se ele não sabe explicar uma coisa vê-se logo que ele copiou!</p> <p>Mar. – mas ou copiou ou não percebeu o que tu explicaste!</p> <p>Alex. – e se ele, e se ele me disser assim: ah, não percebi! Eu explico-lhe de forma que ele perceba e depois volto-lhe a perguntar se ele percebeu e ele diz-me se percebeu. E eu pergunto-lhe: o que é que eu disse? E ele diz tudo direito.</p> <p>Mar. – mas não diz como tu disseste!</p> <p>Cat. – não, diz de formas diferentes mas que chegue lá também.</p> <p>E – olha, oh N., e agora explica-me tu como é que alguém se torna tarefeiro? Num grupo?</p> <p>N. – temos de trabalhar muito. Temos de ter muitas vezes excelente.</p> <p>E – tu gostas de ser tarefeiro N.?</p> <p>N. – sim.</p> <p>E – gostas de ter essa tarefa?</p> <p>N. – sim.</p> <p>Mar. – e também temos de ter durante 5 dias, 90%.</p> <p>E – hum.</p> <p>Mar. – quando nós tivermos 4 dias, e só nos faltar um, menos de 90% temos de começar tudo de novo. E quando tivermos 5 dias, 90% ficamos tarefeiros.</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>Mar. – mas não é só isso temos de mesmo quem tiver dias 90% não chega a tarefeiro, ainda temos de trabalhar muito!</p> <p>E – hum.</p> <p>Cat. – posso só acrescentar uma coisa? Hum, quando falta algum tarefeiro do grupo por exemplo, no meu grupo, sou eu e o Ti os tarefeiros.</p> <p>E – hum.</p> <p>Cat. – se eu e ele faltássemos os aspirantes também podiam começar a explicar uns aos outros... por exemplo, a Tat. está ali no grupo e de vez em quando também explica e tenta explicar muitas vezes as coisas certas que é para conseguir chegar a tarefeiro. Então, uma das hipóteses também para chegar a tarefeiro é... quando somos aspirantes ou capitães devemos também saber, de vez em quando podemos dar os aspirantes, ou os capitães podemos dar assim umas explicações.</p> <p>Alex. – mas com a ajuda dos tarefeiros.</p> <p>Mar. – sim e mesmo para treinarmos. E também devemos ter um sub tarefeiro, que é para ajudar também. Um que nós vimos que também está bom e que lhe</p>	<p>C2</p> <p>C2</p> <p>A4</p> <p>A1</p> <p>A1</p>
---	---

<p>falta pouco para chegar a tarefeiro o que está mais adiantado...</p> <p>N. – mas tens também de falar como professor.</p> <p>Cat. – para ser alguém tarefeiro temos de perguntar: oh professor, no nosso grupo, acha bem que este menino...</p> <p>Mar. – temos de perguntar se acha bem...</p> <p>Cat. - ... porque este menino ou menina tem bom comportamento, e tem boas coisas, e ta tata...</p> <p>Mar. – e ensina bem.</p> <p>Cat. - ... e isso tudo, ela poder ser sub tarefeira? Se o professor disser, hum, acho que ela não tá bem, não tá bem, nessa tarefa, preparada, portanto não vou dar assim, acho que não pode ser. Mas pode haver outro no grupo que pode ser. Porque nós também precisamos, por exemplo, eu e o Ti, eu por mim, acho que a Tatiana tem estado muito bem. Porque ela tem trabalhado muito bem e pronto, permite ter boas notas.</p> <p>E – hum...</p> <p>Cat. – O Ti não sei qual é...</p> <p>Mar. – tu não sabes, tu não sabes as notas dela...</p> <p>Alex. – ela acha que ela vai tirar boas notas, percebeste? E também para chegar a tarefeiro temos, é como iniciar o início do ano. Começamos por ser todos aspirantes, o professor às vezes escolhe alguns tarefeiros...</p> <p>Cat. – não nós somos aspirantes mas só quem tiver boas notas ...</p> <p>Mar. – Não, não!</p> <p>Alex. – ele escolhe...</p> <p>Mar. – não! Nós quando estamos no início do ano, o professor vê os testes do ano passado e diz assim: quem vai ser tarefeiro é...! Antes de sermos tarefeiros temos de fazer um teste, nesse mesmo ano. Depois, o professor vai ver aos testes e se tivermos algum teste com excelente ou com notas boas, tornamo-nos tarefeiros...</p> <p>Cat. – mas se não tivermos... !</p> <p>Alex. – nos primeiros testes se eu ficar aspirante, e depois ele tem um bom comportamento durante alguns dias, e notas boas, sobe mais um bocadinho para capitão. Depois, o capitão se tiver mais boas notas sobe para tarefeiro, e depois o tarefeiro se tem boas notas sobe para secretário.</p> <p>Mar. – sim, mas às vezes não podemos, não é, o secretário, o que está mesmo... em cima dos cargos, é tarefeiro, e secretário. Eu, por exemplo, recebi o título por fazer uma boa ação, uma coisa boa. E o meu colega também recebeu o título por fazer um texto bom.</p> <p>E – olha, Mar., deixa ver se eu percebi, então. O tarefeiro, já percebi que tem a função mais importante, não é? Em relação aos capitães e aspirantes.</p> <p>Alex. – sim, sim.</p> <p>E – E vocês estavam a dizer que há alturas em que vocês podem decidir quando alguém passa, e há outros que é o professor. Ou é sempre o professor que decide quem passa?</p> <p>Alex. – porque, porque o professor às vezes, hã, alguns alunos vão à beira do professor e depois dizem assim: oh professor, o professor acha que eu estou a trabalhar bem?</p> <p>Mar. – nós também podemos...</p> <p>Alex. – e depois o professor às vezes diz que sim, e depois diz para perguntar ao tarefeiro ou a alguém do grupo e os tarefeiros ou outras pessoas dizem se acham que ele está a trabalhar bem, se está a conseguir fazer tudo sozinho, se</p>	<p>A1</p> <p>A1</p> <p>B3</p>
--	-------------------------------

<p>está a desenvolver-se e isso tudo...</p> <p>E – hum, hum. Olha, e vocês acham que quando vocês por exemplo, têm esta, ou quando o professor decide alguma coisa, já alguma vez aconteceu, na vossa opinião, que o professor tivesse tomado uma decisão que vocês acham que essa decisão não era mais correta?</p> <p>Mar. – quando foi para decidirmos que era, que era tarefeiro, o professor falou de alguns nomes e não falou do meu. Como eu todos os anos tinha sido tarefeira achei, fui falar com o professor.</p> <p>E – hum.</p> <p>Mar. – e perguntei assim. Oh professor, o professor tem a certeza que eu não vou ser tarefeira? Depois, ele disse, então vamos ver os testes. E eu vi os testes e tinha, o de Língua portuguesa, tinha tirado Excelente. Que é uma boa nota, portanto por isso fui tarefeira. O professor já se tinha enganado.</p> <p>E – hum. E aí a opinião que contou mais foi a tua, não é?</p> <p>Mar. – mas em forma de ser injusto, nunca... não sei.</p> <p>N. – que nós nos lembramos...</p> <p>Mar. – este ano acho que não. E nos outros anos o professor nunca foi injusto.</p> <p>Alex. – eu acho que todos estes anos, o professor, às vezes, hã...até pode ser, mas que eu me lembre, não... nós temos um professor espetacular!</p> <p>Mar. – desde o 1º ano!</p> <p>E – Diz Cat...</p> <p>Cat. – eu acho que o professor só deve perguntar coisas a tarefeiros porque há coisas que... por exemplo, eu tenho uma resposta, mas o professor só deve perguntar quando tem mesmo uma dúvida, é por isso. Por exemplo, temos aqui... por exemplo, nós tamos na sala de aula, e eu sou uma menina, sou uma aspirante, e sou uma menina que estou prestes a chegar a tarefeira.</p> <p>E – Hum.</p> <p>Cat. – porque tenho boas respostas, e faço coisas bem. Faço coisas que dão para chegar a tarefeiro. E o professor diz: Cat., vem cá ter comigo. O professor diz-me tu deves, tu achas que... o professor pergunta sempre à turma, quer dizer, não pergunta só à pessoa, pergunta à turma: turma, acham que... acho que deve perguntar à turma porque se ele diz, acho que nunca aconteceu. O professor quando deve achar que um menino ou deve chegar a tarefeiro, capitão. Assim para chegar para cargos, hum, o professor de vez em quando tem dúvidas, e também de vez em quando é difícil de procurar. Porque nem todos os tarefeiros, nem todos os tarefeiros tiram assim tão boa nota. Não é tudo sempre excelente! Eu tirava excelentes, e no segundo ano cheguei a tirar dois excelentes, e um suficiente! Mas por acaso acho que o professor também deve perguntar várias coisas, por exemplo, há um menino que se porta muito bem, que faz coisas muito bem e que costuma ter boas notas. Acho que o professor também deve perguntar à turma, também.</p> <p>E – hum.</p> <p>Cat. – de vez em quando o professor deve perguntar que é para saber se o menino pode ser tarefeiro, se pode ser capitão... quando o professor tem dúvidas.</p> <p>E – vamos ver a Ri.. Deixa só a Ri. acrescentar uma coisa.</p> <p>Ri. – eu gosto de ser tarefeira porque gosto de ajudar os meninos quando eles têm dúvidas.</p> <p>E – hum, gostas de os ajudar a ter sucesso?</p> <p>Mar. – é assim, o professor às vezes olha para os testes e não é só pelos testes</p>	<p>B2</p> <p>B1</p> <p>A2</p> <p>C1</p>
---	---

<p>que nós nos tornamos tarefeiros. Nós podemos trabalhar muito e ter 90% durante 5 dias e já somos tarefeiros. Isso não tem nada a ver com os testes nem nada. Tem a ver com trabalhar. Os testes também tem a ver mas podemos também chegar a tarefeiro sem os testes.</p> <p>E – Olhem, e vocês alguma vez quiseram deixar de ser tarefeiros? Alguma vez se sentiram desconfortáveis?</p> <p>Alex. – hum, ela já [Cat].</p>	A3
<p>Cat. – eu já uma vez, hã, saí de tarefeira. Aquela menina [Alex] foi reclamar que num grupo de 4 havia duas tarefeiras. Eu achava que tava a trabalhar muito mal e eu tinha várias coisas por fazer.</p> <p>Alex. – que até a mãe dela disse que ela tava a trabalhar muito mal...</p> <p>Catariana – porque eu não copiava, mas deixava coisas por fazer... nas aulas, e ficava muito atrasada.</p> <p>Alex. – até a mãe disse que ela trabalhava um bocado mal...</p> <p>Cat. – a minha mãe dizia: tu tens de melhorar isto, e não podes deixar coisas por fazer e ta tata. A minha mãe começou-me a falar que eu devia ser mais rápida!</p> <p>E – e tu aí decidiste...?</p> <p>Cat. – e eu disse, oh mãe, eu não consigo porque quando eu tava com o D. não conseguia trabalhar lá muito bem. Porque ele estava sempre a pedir ajuda. Então, quando saí da beira do D., fui-me habituando a tar com o D. e não conseguia tar muito apressada!</p> <p>E – e tu decidiste...</p>	C2
<p>Cat. – houve alguma coisa que me provocou. Por exemplo, eu mal, para mim eu fiquei uma tarefeira pior, fiquei uma tarefeira muito pior. E então eu decidi...</p> <p>E – Oh Cat., mas essa decisão foi tua?</p> <p>Cat. – Foi minha! Fui eu que decidi. Eu decidi sair de tarefeira porque não tinha... não conseguia ser tarefeira naquele momento. Não conseguia! Então saí de tarefeira, e ao sair de tarefeira... eu...</p> <p>E – Hum...</p>	B2
<p>Cat. – eu fiquei muito triste e comecei na nota zero. E foi... e foi muito tempo a esperar por ser tarefeira. O professor deu-me o título de tarefeira, quando eu vi que tava melhor, o professor deu-me uma nota e pelo menos, agora, tenho estado muito melhor.</p> <p>E – muito bem. Ti tu ias dizer qualquer coisa... quando eu perguntei se vocês se tinham sentido desconfortáveis?</p> <p>Ti – eu por acaso nunca tive vontade de...</p> <p>Mar. – eu nunca tive vontade, porque sou uma boa tarefeira. De vez em quando saio um bocadinho da linha [risos], mas...</p>	C2
<p>Cat. – quando foi, foi a primeira decisão que eu tive em sair de tarefeira. Por acaso eu já tive a pensar no segundo ano, quando eu era tarefeira, também fugia um bocado da linha. Eu tinha a linha de tarefeira, e de vez em quando desequilibrava-me e quase que ia para linha. De aspirante ou de capitães. Mas, mas... depois, logo que eu via que tava a ir mal, conseguia-me pôr outra vez na linha. Conseguia-me pôr direita, mas foi a primeira vez que eu consegui ir para um quadrado e dizer, a minha decisão, não foi bem aquilo que eu disse, mas foi mais ou menos. A minha decisão é que eu já não quero ser tarefeira. Foi a minha pior decisão que eu escolhi. Porque demorou muito tempo a chegar lá. Depois de sair de tarefeira fui capitã, já fui aspirante, depois fui</p>	C2

<p>capitã, depois fui para a beira do professor, foi um tempo horrível eu estar sem tarefaira. Se eu chegar ao quadrado outra vez, e disser que eu já não sou tarefaira, eu agora já não sou capaz. Eu não consigo parar de ser tarefaira. Se eu for tarefaira corre-me tudo bem.</p> <p>Ti – e depois tu percebeste que era...</p> <p>Mar. – Tu depois percebeste...</p> <p>Cat. – e depois percebi quando fui para aspirante... eu quando disse que eu não queira mais ser tarefaira, eu à medida que percebi que não conseguia estar longe de ser tarefaira. Eu só consigo ser tarefaira. Não que eu seja boa, má...</p> <p>Mar. – estrambólica [riso].</p> <p>Cat. – mesmo que eu seja pior que todos os tarefeiros eu não consigo estar longe de tarefaira!</p> <p>Alex. – mas eu também, quando ela... eu também achava injusto porque havia lá duas tarefairas no grupo e um aspirante. Eu não achava muito justo, porque eu no meu grupo de 4, também temos dois tarefeiros, mas eu acho que é melhor nos termos dois tarefeiros, porque o D. é como se fosse vezes dois ou vezes três pessoas.</p> <p>E – porque o D. não fala português, não é?</p> <p>Alex. – ele, ele tá sempre...</p> <p>Mar. – agora que tão a falar de grupos, o meu grupo é o único de 5 e que só tem uma tarefaira. Todos os dias eu tenho de corrigir 4 meninos e ajudar 4 meninos. Mas isso também não me cansa.</p> <p>E – Olhem, e uma pergunta, vocês acham importante... por exemplo, eu já percebi que ser tarefeiro, por aquilo que vocês dizem, e pelo que eu vejo, porque tenho estado a ver-vos a trabalhar, não é? Eu já percebi que ser tarefeiro é um cargo de muita responsabilidade.</p> <p>Alex. – é é!</p> <p>Mar. – é muita responsabilidade!</p> <p>E – Vocês...</p> <p>Cat. – porque nós temos ali os aspirantes e os capitães todos cheios de dúvidas. De vez em quando, eu também, lá no grupo, quase que é preciso ter praí os tarefeiros todos da turma porque eu não consigo explicar, não consigo!</p> <p>Mar. – sabe porquê? Porque às vezes...</p> <p>Cat. – Não consigo!</p> <p>Mar. – é tão importante, porque às vezes... hum... nós, hum...</p> <p>Cat. – aquilo que eu disse, eu de vez em quando apetece-me ir a todos os grupos e perguntar: como é que isto se faz?</p> <p>E – mas por exemplo, em relação a esta responsabilidade, vocês alguma vez sentiram, ou vocês alguma vez acharam que esta responsabilidade toda que vocês partilham, já alguma vez acharam que era demasiada responsabilidade?</p> <p>Mar. – nós temos de ter muita responsabilidade, porque não podemos dizer uma coisa errada ao aspirante. Se chega lá ao professor uma coisa errada, diz que foram os tarefeiros que escolheram e isso já baixa a nota. Nós não podemos. Temos de nos certificar que isso está bem. É por isso que tem de ser uma coisa de muita responsabilidade. Temos de pensar muito bem se é essa resposta.</p> <p>E – Diz Ti. O Ti lembrou-se agora de uma coisa [riso].</p> <p>Ti – Oh Mar., mas às vezes os tarefeiros também erram.</p> <p>Mar. – sim, eu sei que os tarefeiros também erram.</p> <p>Ti – e às vezes também podem explicar coisas mal.</p>	<p>A3</p> <p>A3</p>
---	---------------------

<p>Mar. – sim, mas nós também temos de tentar, temos de ter a mínima responsabilidade para conseguirmos explicar tudo bem. Temos a certeza que nós temos tudo bem, não é só...</p>	
<p>E – olha, Mar. mas a Ri. disse que de vez em quando acha que, não foi Ri., às vezes achas que é responsabilidade a mais. Isso é quando? Quando vocês não conseguem? Por exemplo, o Ti tá a dizer, mas nós às vezes podemos errar. Isso para ti é responsabilidade a mais?</p>	A3
<p>Mar. – para algumas pessoas têm responsabilidade demais porque não estão muito habituadas. Às vezes, mas não é só uma questão de muito habituadas.</p>	
<p>Cat. – para mim não é muita responsabilidade. Então é, quando nós fazemos tudo do nosso trabalho nós devemos ir primeiro mostrar ao professor como é que isto se faz que é para podermos ajudar os aspirantes. Porque se nós temos aqui uma ficha, que realizamos toso em conjunto, que é para nós fazermos. Então, os aspirantes e os capitães querem ajuda. E eles têm ali dúvidas, pronto, os tarefeiros vêm se está tudo certo. [inaudível]. Porque se nós tivermos metade da ficha mal e explicarmos metade da ficha mal aos aspirantes, claro que o professor vai chegar lá: quem é que te ensinou? Quem é que te ajudou nisto? Foi o meu tarefeiro. Mas ela tem isto mal. Vai avisar.</p>	C2
<p>E – olha uma coisa, uma pergunta que eu quero fazer...</p>	
<p>Alex. – oh professora, posso só dizer uma coisa?</p>	
<p>E – podes.</p>	
<p>Alex. – eu sei que isto não tem nada a ver. Quando eu tou a trabalhar com alguém e não gosto que digam, ah, porque eu fiz uma festa em minha casa em que convidei todas as minhas amigas, e umas amigas minhas tarem a dizer: anda brincar! E eu ainda tenho de fazer um trabalho para aqui para a escola, nós as duas tivemos de fazer um trabalho, e elas ainda a chatearem-me e eu? Como é que eu me sinto? Eu também quero brincar, mas sei que eu também tenho de fazer um trabalho para a escola. Como é que eu me senti? Elas iam-me chamar e...</p>	
<p>Mar. – e elas tavam a dizer sempre, é assim, ah mas tu só porque chegou a tua amiga Mar. já deixaste de nos ligar. E eu, mas eu tenho de fazer um trabalho para a escola, e ficaram todas amuadas! Foram para o quarto dela e ...</p>	
<p>Alex. – ficaram amuadas. Mas eu até, dizia, saiam! E elas não saíam. Porque o quarto é meu, e eu dizia saiam, e elas não saíam. Então sabes o que é que eu fiz professora? Como eu queria estar sozinha, eu em vez de estar no quarto, eu tava no meu quarto na mesma, fiquei lá, e elas em vez de ficarem a olhar para mim, não. Eu pu-las lá fora na varanda, que tá tapada, com aquilo fechado e com a persiana fechada. Tiveram lá a brincar e não me viam. Eu estava ali sozinha, a chorar, e depois a Mar. e a Ri. foram ver o que é que se passava comigo, e elas viram que eu tava a chorar e depois levaram-me para a sala. Elas as duas ajudaram-me imenso que eu consiga ver que eu ... elas também deviam ter aprendido que a nossa vida não é só brincar. Nós também temos de...</p>	
<p>Mar. – responsabilidades para fazer.</p>	
<p>Alex. – muitas responsabilidades. Temos de trabalhar, trabalhar, trabalhar para conseguir aprender o máximo possível.</p>	
<p>Mar. – Isto, isto, também pode acontecer quando nós tamos a estudar para ser tarefeiros. Quando nós tamos a estudar para tarefeiros e fazemos uma ficha que ainda não tinha começado, e estão a dizer, anda brincar, anda brincar...</p>	
<p>E – olhem e em relação a isso que estão a dizer, deixa-me só fazer a pergunta,</p>	

<p>em relação ao que estão a dizer e da responsabilidade, e de terem de escolher, não é, entre um tempo que é de brincadeira e um que é de trabalhar. Vocês têm na vossa turma assembleias de turma.</p> <p>Alex., Mar. – sim.</p> <p>E – eu já assisti a algumas. Vim cá ver algumas... hã, vocês acham, porque nas assembleias de turma vocês é que decidem os temas, não é e colocam questões.</p> <p>Alex. – sim...</p> <p>E – discutem, e depois têm de tomar uma decisão. Vocês gostam de ter essa assembleia e esse espaço onde vocês podem colocar essas questões?</p> <p>Crianças – sim!</p> <p>Mar. – mas às vezes quando nós tamos a colocar as, essas situações, e eles decidem uma coisa contrária da nossa...[risos].</p> <p>Ri. – mas sabe porquê? Porque uma vez a Ar. fazia anos e logo a seguir eram férias de natal. E eram muitas coisas</p> <p>E – eu lembro-me dessa situação.</p> <p>Alex. – Pois! [riso]</p> <p>Mar. – eram muitos dias, e então nosso fizemos uma assembleia e nós decidimos, a maior parte da turma, ela levar e ficar outro dia, para não levar. Decidimos que ela levasse porque era as férias e nós nem todos calhamos numa festa assim. Com férias, portanto, nós achamos, metade da turma, metade e mais alguns. Portanto, ganhou ela levar trabalhos de casa. Portanto, claro que ela ficou em baixo e ficou arrependida de ter colocado à assembleia. [riso].</p> <p>E – porque a decisão foi contrária àquilo que ela quis.</p> <p>Alex. – e também às vezes as pessoas... hã, como... uma pessoa não sabe que assunto é que vai ter e a assembleia, a pessoa não gosta da assembleia o professor pergunta a opinião a essa pessoa e essa pessoa não tiver opinião, hã porque sente-se envergonhada. A pessoa se não tiver opinião o que é vai dizer? Não vai dizer nada! E se alguém tá a perguntar o que é que ela acha de opinião, ela não consegue resolver. Não sabe o que é que há-de dizer. Se ela não sabe se deve fazer isto ou fazer aquilo. Porque é como se nós tivermos um lado bom e um lado mau. Nós não sabemos se iremos ir pelo caminho bom ou pelo caminho mau. Mas nós temos de tomar uma decisão, e ao tomar uma decisão vai ser um bocado difícil. Por isso é que nós temos de ter muitas assembleias. Para nos preparar para decidir.</p> <p>E – para preparar.</p> <p>Alex. – e para decidirmos esses passos para onde é que devemos ir. Se devemos ir para o lado bom ou para o lado mau.</p> <p>E – mas se te dissessem, por exemplo, entre teres estas assembleias e teres esse espaço onde podem discutir, ou não teres, o que é que tu preferes?</p> <p>Alex. – hã... quando eu às vezes não tenho opiniões não respondo. Mas quando tenho também me sinto às vezes envergonhada. Porque é como na catequese, eu tou lá e não conheço os outros meninos, e eu fico um bocadinho envergonhada. E também não costumo falar muito lá, mas tou sempre atenta a todas as coisas.</p> <p>E – Hum. Diz Cat..</p> <p>Cat. –hum, eu quando proponho assembleias são sobre ou porque eu tou indecisa em fazer ou não fazer os trabalhos de casa, e eu proponho porque faço anos no natal como a Ariana, que fazia anos perto do Natal. E eu queira</p>	<p>B1</p> <p>B3</p>
---	---------------------

<p>fazer uma assembleia sobre se deveria ou não levar trabalhos de casa, e então propôs a assembleia, a Ariana. Então nós decidimos dar o trabalho de casa à Ariana, porque , na sala, era melhor aquele trabalho de casa porque aquilo, eu por exemplo, acho que aquilo era demasiado fácil para mim. por exemplo, aqui tem para nós fazermos conta de mais. Se sair num teste tanto me faz.</p> <p>Alex. – e também as férias iam ser muito grandes, e ela sem fazer nada durante as férias.</p> <p>Mar. – e também depois das férias quando nós não temos trabalhos e pensamos, o que é que eu vou fazer agora? Se tivesse trabalho de casa ia fazer o trabalho de casa.</p> <p>E – olha e uma pergunta que eu agora estou curiosa, porque vocês deram o exemplo da Ar., não é?</p> <p>Alex. – mas também quando nós às vezes temos opiniões e somos envergonhados não respondemos, mas nós temos de... se nós achamos que a nossa opinião está boa, respondemos!</p> <p>Mar. – que está correta.</p> <p>Cat. – por exemplo, eu proponho à turma que se devia ou não, fazer um trabalho que era assim, que era para ver se a turma conseguia fazer e se eles percebiam coisas sobre isso. Ao capitão, ao aspirante, se eles percebem as coisas das aulas. Eu propunha e... hum... eu falava, eu acho... que eles deviam chegar lá e dizer, hã acho que a opinião que me veio a cabeça é certa, e devo dizer.</p> <p>Mar. – está quase a tocar.</p> <p>E – pois está. Faltam 2 ou 3 minutos! Tempo para fazer a última pergunta.</p> <p>Mar. – professora eu por mim fico aqui no intervalo!</p> <p>Ri., Alex. – também eu!</p> <p>E – E podemos ficar, se vocês quiserem. É só para não vos roubar tempo de intervalo.</p> <p>Alex. – olha, eu não me importo, tenho o fim-de-semana para brincar, por isso.</p> <p>E – quando vocês falaram na Ar., falaram numa situação em que na verdade há uma decisão da assembleia que não era a que a Ar. queria, não é?</p> <p>[toca a campainha para o intervalo].</p> <p>E – nessa situação, vocês acham que o que devia ficar era a opinião da pessoa, neste caso, da Ar., ou vocês acham que aquilo que deve contar mais...</p> <p>Mar. – o que deve contar mais é a da turma!</p> <p>E – da turma?</p> <p>Mar. – sim, a opinião da turma!</p> <p>[discussão entre as crianças. Inaudível].</p> <p>Mar. – foi por isso que ela propôs uma assembleia! Porque a assembleia é para uma decisão da turma, não é para a decisão dela!</p> <p>Ri. – ela não queria levar trabalhos de casa, mas a maioria disse que tinha de levar.</p> <p>Ti – por isso é que as assembleias é para decidir. Se ela se escolhesse a si própria, ela não, ela não... dizia ao professor para propor uma assembleia.</p> <p>E – então tu achas que aí, se ela quisesse ter escolhido, Ti, ela poderia ter escolhido e não vos perguntar? Uma pergunta que me estou a lembrar, há algum assunto, ou há alguns assuntos que para vocês são assuntos que nunca devem ser discutidos numa assembleia?</p> <p>Mar. – todos. Hum, todos não, alguns assuntos. Por exemplo, assuntos de</p>	<p>C2</p> <p>B4</p> <p>B2</p> <p>B3</p>
--	---

<p>família e isso não se deve pôr à turma. Há pessoas que gostam de propor à turma. Mas não se deve.</p> <p>Ri. – mas não se deve.</p> <p>Cat. – são assuntos de família, são assuntos pessoais.</p> <p>Mar. – agora, assuntos da sala devem-se propor. Assuntos da sala, do recreio. Noutra dia um menino fez um disparate, no recreio, e, e, teve de propor uma assembleia para saber se ia de castigo ou não ia.</p> <p>Ri. – como quando alguém faz uma asneira, então propõe uma assembleia de turma.</p> <p>E – discute esse comportamento na assembleia?</p> <p>Cat. – eu acho que a Ar. propôs aquela assembleia de turma porque estava indecisa, em levar ou não levar os trabalhos de casa. Então, ela quis propor para saber qual era a opinião da turma. Eu acho que não devemos propor ocasiões pessoais, coisas só nossas, em assembleias de turma. Por exemplo, eu não vou dizer que rompi as cuecas.</p> <p>Crianças—[risos]</p> <p>Cat. – isso não é ocasião de propor à turma, não é?</p> <p>Alex. – mas oh Cat., olha também. Achas que ias propor à turma um assunto pessoal.</p> <p>Cat. – mas eu estou a dizer que não devemos propor um assunto pessoal nas assembleias!</p> <p>E – Ti, um exemplo de um assunto que não se pode levar à assembleia?</p> <p>Ti – coisas que não devemos dizer e que são só coisas nossas.</p> <p>E – essas coisas achas que não se devem dizer? N., um assunto?</p> <p>N. – coisas da família.</p> <p>E – da família?</p> <p>N. – sim.</p> <p>E – eu ia perguntar uma coisa porque a Cat. disse uma coisa importante. E que é, nas assembleias o professor também está, não é?</p> <p>Mar. – Claro, claro. Ele também nos ajuda!</p> <p>E – e o papel do professor na assembleia? Vocês acham que é um papel importante?</p> <p>Ti – é importante, é importante.</p> <p>Cat. – é!</p> <p>N. – um bocadinho.</p> <p>Mar. – porque o professor pergunta qual é o problema e depois o resto, é tudo nosso. O professor só faz as perguntas e dita, portanto. Não é tão importante como o nosso, de decidir.</p> <p>Alex. – o professor diz assim: Assembleia de turma! Fazemos a roda pela assembleia de turma e o professor diz assim. Então, o P. fez isto.</p> <p>Mar. – Não, não diz, ele chama e...</p> <p>Alex. – ele chama, e depois o professor diz: P., diz lá o que é que tu fizeste? Ou alguém que fez outra coisa.</p> <p>E – hum.</p> <p>Alex. – e essa pessoa conta o que é que fez, depois o professor pergunta assim: ah, então queira a vossa opinião. Se ele devia fazer isto ou devia fazer aquilo. Se devia fazer acoloutro, se devia fazer assado, se devia, fazer frito. E então nós respondemos [risos]</p> <p>E – então vocês têm a vossa assembleia que funciona na vossa turma, na vossa sala não é? Vocês gostavam de ter uma assembleia, por exemplo, como a que</p>	<p>B4</p>
--	-----------

<p>têm a sala, mas que fosse para a escola toda? Que não fosse só para a vossa sala mas que em relação a várias coisas da escola?</p> <p>Alex. – assim tipo como? Nós falamos?</p> <p>Mar. – há várias coisas na escola que nós propomos. Há várias coisas que nós propomos. Então, o recreio é da escola! Quando temos, a professora tá a tentar dizer quando falamos na nossa e noutra.</p> <p>Alex. – ah sim!</p> <p>Mar. – nós também podemos propor, mas por nossa opinião.</p> <p>E – pela tua opinião. Olha e se tu quiseres propor uma alteração na escola, a quem é que tu propões?</p> <p>Mar. – uma alteração? Por exemplo...?</p> <p>E – por exemplo, tu falaste no recreio... se tu quiseres fazer uma proposta para o recreio a quem é que tu a fazes?</p> <p>Mar. – faço ao professor, e depois se o professor achar que deve, hã, que deve falar à turma, fala.</p> <p>E – mais alguém quer dizer alguma coisa?</p> <p>Cat. – quero!</p> <p>Alex. – Oh Cat., pareces um papagaio, sempre a falar! [risos]</p> <p>Cat. – eu acho que na escola, por exemplo, mas a diretora diz que se deve falar sempre com a diretora.</p> <p>Mar. – não, mas isso é se for uma coisa grave, gravíssima!</p> <p>Cat. – portanto, nós chegamos ali à Diretora e dizemos [inaudível]. Então, a Diretora diz que sim e depois propõe a toda a gente.</p> <p>E – N., queres dizer alguma coisa para terminar? Ti, queres dizer alguma coisa para terminar?</p> <p>Mar. – eu quero dizer uma coisa!</p> <p>E – diz Mar.!</p> <p>Mar. – obrigada por a professora nos fazer esta entrevista.</p> <p>E – obrigada eu!</p> <p>Mar. – Gostei muito!</p> <p>E – eu também gostei muito.</p>	C2
--	----

<i>Objetivos</i>	<i>Questões</i>	<i>categoria de análise</i>	<i>Indicadores</i>
Identificar os papéis de crianças nos grupos e na hierarquia da sala de aula	No vosso trabalho na sala de aula existem papéis diferentes dentro do grupo. Podem explicar o que é que é um tarefeiro? Vocês gostam de ser tarefeiros nos grupos de trabalho? Em relação aos aspirantes e aos capitães, ser tarefeiro é uma tarefa mais importante? Porquê?	Papéis das crianças na hierarquia [A]	Modos de organização da hierarquia [A1] Função dos tarefeiros [A2] Aspetos positivos e negativos [A3] Importância da tarefa na sala e na hierarquia [A4]
Compreender modos de decisão através de decisão coletiva no grupo Infância	Na vossa turma vocês tomam decisões também ou é só o professor? O professor já decidiu coisas que vocês não acharam corretas?	Estratégias de decisão coletiva [B]	Modos de escuta das vozes das crianças [B1] Capacidades das crianças em contextos de co decisão [B2] Modos de tomada de decisão em sala de aula [B3] Papel dos adultos e das crianças [B4]
Compreender especificidades dos papéis na sala de aula	Já houve momentos em que se sentiram desconfortáveis no papel de tarefeiros? Quais? Ser tarefeiro é um cargo com muita responsabilidade? Sentem-se capazes de assumir essas responsabilidades?	Tarefeiros dos grupos [C]	Especificidades do papel exercido [C1] Dificuldades do exercício do papel [C2] Responsabilidades das crianças [C3]

Guião Entrevistas “aspirantes”. ASP.

Turma do 3º ano

O objetivo da entrevista prendia-se com capturar as visões das crianças sobre os seus papéis na turma e no trabalho cooperativo, recolhendo noções de justiça e equidade, trabalho e liderança no grupo de crianças da turma. No início da entrevista foram explicados os objetivos e tempo previsto de duração, bem como se lembraram princípios fundamentais de investigação, nomeadamente, a possibilidade de as crianças recusarem responder a determinadas questões. Para estas, foram selecionadas todas as crianças que são aspirantes nos grupos de trabalho, isto é, todas as que ocupam o lugar da base do trabalho dos grupos, e que por essa razão não exercem ainda uma posição de influência nos mesmos.

Apresentação dos objetivos da entrevista e permissão para a sua gravação.

No vosso trabalho na sala de aula existem papéis diferentes dentro do grupo. Podem explicar o que é que é um aspirante?

Vocês gostam de ser tarefeiros nos grupos de trabalho? Os aspirantes trabalham nos grupos?

Em relação aos tarefeiros e aos capitães, ser tarefeiro é uma tarefa mais importante? Porquê?

Gostam de trabalhar em grupo?

O que fazem os aspirantes no grupo?

O que fazem os tarefeiros dentro do grupo?

Os aspirantes têm vontade de passar para outro cargo?

Na vossa turma vocês tomam decisões na assembleia. Como funcionam as assembleias?

O professor já decidiu coisas que vocês não acharam corretas?

Já houve momentos em que se sentiram desconfortáveis no papel de aspirantes? Quais?

Nas assembleias de turma, gostam de participar nas decisões da turma? Gostam de poder decidir coisas com o professor?

Quando há uma decisão da assembleia com a qual não concordam? O que acontece?

Qual é o papel do professor na assembleia? É um papel importante?

Transcrição entrevistas “Aspirantes”. ASP1

Turma do 3º ano -aspirantes

Os objetivos da entrevista são:

- Compreender modos de hierarquia na sala de aula
- Compreender estratégias de poder na sala de aula
- Identificar especificidades de papéis – aspirantes, tarefeiros, capitães de turma

Foram entrevistados os aspirantes da turma, usualmente identificados como os membros que do grupo que beneficiam do apoio dos tarefeiros, e cujo comportamento é regulado pelos capitães de turma. Foram entrevistados os

Foi pedida previamente autorização para gravação e transcrição das entrevistas às crianças.

Duração aproximada:35 minutos.

15 de junho de 2011

<p>E – Agora não mexas Tom.. [anteriormente iniciou-se a gravação, mas sem querer o Tom. parou-a. Retomou-se e reiniciou-se a entrevista]. Então, nós temos estado a fazer um trabalho sobre a escola, e sobre aquilo que vocês pensam sobre a escola, sobre as decisões que tomam, sobre a vossa maneira de trabalhar na turma, lembram-se? Então, estivemos a fazer entrevistas com os capitães de turma, com os tarefeiros, só que falta agora fazer as últimas entrevistas com os aspirantes, que são vocês! E então eu vou fazer perguntas e vocês respondem as coisas que pensam sobre isso. O. – eu não sou nada bom a perguntas! E – não são perguntas difíceis, vais ver. Eu quero mesmo é saber aquilo que vocês pensam. Tá bem, O.? Não há respostas certas nem erradas. Tom. – pode-me dizer o que é isto verde? [refere-se ao equalizador da gravação da entrevista]. E – aonde? O. – é a gravar. E – sim, é o som da gravação. A primeira pergunta que fizemos e que pedimos ao outro grupo, foi para... eu tenho estado a observar a maneira como vocês trabalham, não é? E a maneira como vocês trabalham é uma maneira muito particular, porque vocês têm uma forma muito própria de trabalhar. E de se organizarem na turma. Quem é que quer explicar como é que funciona? Tom. – o O.! E – começamos pelo O. e vamos assim? O. – nós trabalhamos em grupo... E – trabalham em grupo. Tom. – não sabes mais? Eu digo! O. – sei, tem calma! Às vezes fazemos trabalho cooperativo e às vezes fazemos trabalho individual! E – às vezes é cooperativo. O que é que é o cooperativo? Tom. – olha, não é só isso que a professora quer saber. E – e o que é o trabalho cooperativo O.? Crianças – eu sei, sei! Tom. – eu também sei! O. – é ajudar uns aos outros. E – ajudarem-se uns aos outros? Tom. – Tá mal! O. – não, não tá! E – o que é que é o trabalho cooperativo? Tom. – recuperativo é individual! E – Não, o O. disse cooperativo. Disse que o trabalho de grupo era cooperativo. O que é que é o trabalho cooperativo para vocês? O. – oh, isso é fácil! Tom. – para mim é ser esperto. E – para ti é ser esperto? O que é que acontece quando vocês estão a trabalhar em grupo? O. – hã, ajudamo-nos uns aos outros. E – ajudam-se uns aos outros nas tarefas e mais? O. – sim. Tom. – Há tarefeiros, há capitães, há aspirantes. Os capitães, na disciplina deles, é para mandar calar...</p>	<p>A1</p> <p>A1</p>
--	---------------------

<p>O. – e trabalhar. Tom. – os tarefeiros é... O. – é trabalhar. Tom. – olha, tou a falar! E – diz Tom., diz. Tom. – os tarefeiros é quando nós tivermos ajuda. Nós a eles e eles explicam-nos. O. – ajudam. Tom. – se nós não, se nós não... O. – se não percebemos. Tom. – se nós não percebermos vamos ao professor. E também, os aspirantes é, trabalhar, trabalhar, trabalhar. O. – trabalhar. Tom. – e trabalhar e trabalhar. E – os aspirantes são quem trabalha mais? Tom. – hã, tem de ser. Temos de trabalhar. O. – eu sou! D. – eu sou! E – tu és D.? Trabalhas muito? D. – sim O. – sim, ele é o mais rápido da turma, quase. Tom. – Não é! O. – a correr? E – deixa-me fazer uma pergunta... D. – é, só correr... E – tu trabalhas muito D., quando estás na escola? D. – sim. O. – oh professora agora, no nosso grupo, os tarefeiros também dão nota, no trabalho, a ver se está certo e se está errado. Eu hoje só tive um erro! E tive 99%. Se tivesse mais um tinha excelente. E – tinhas tido excelente. Olhem e expliquem-me uma coisa. O trabalho individual é quando? Tom. – Eu sei! É de vez em quando. E - de vez em quando? O. – individual, é quase sempre! É quase todos os dias! Cooperativo é que não. Tom. – Quase! O. – pois, mas cooperativo olha, quase que nem fazemos. Tom. – há dias que nós não fazemos. E – e qual é a diferença? O que é que acontece no trabalho individual? Tom. – individual é..tarnos, hum... O. – está tudo calado. Tom. – está tudo calado e concentrado para trabalhar se nós não percebermos. Temos de ler outra vez se nós não percebemos. Depois, hã, temos de nos orientar no trabalho. Porque no trabalho individual é para o professor ver como é que nós trabalhamos individual. E então, e também sobre a nota. Porque isso é da maior parte, mas... hã, como é que é? Mais recuperativo. E – hum. Olha e o que é que vocês preferem? Preferem trabalhar quando estão a trabalhar em grupo ou preferem trabalhar quando estão a fazer o</p>	<p>A2</p>
<p>A3</p>	<p>A3</p>
<p>A1</p>	<p>A1</p>
<p>A1</p>	<p>A1</p>

<p>trabalho individual?</p> <p>O. - grupo.</p> <p>Tom. – acho que é individual.</p> <p>E – preferes individual.</p> <p>Tom. – porque é, em grupo, assim...</p> <p>O. – pois...</p> <p>Tom. – Olha tu disseste em grupo, agora não vais por mim. É que é assim. Quando nós estamos a trabalhar em grupo, é chato quando nós estamos a fazer trabalho mesmo em grupo, é que quando nós temos e precisamos de ajuda e temos de ir ao tarefeiro, eu tenho de ficar a esperar. Depois, é que fica muito complicado e isso tudo. E eu tava a pensar em dizer que individual é muito melhor, porque individual é tar calado e em silêncio. Assim não ficamos com dor de cabeça. E podemos faltar e assim, e ter más notas. E podemos reprovar. E isso tudo, mas como é individual, é muito melhor individual porque em grupo é uma confusão. Tipo, o capitão é a mandar calar. O tarefeiro é ajudar.</p> <p>O. – é mandar trabalhar!</p> <p>Tom. – é, imagine, o capitão a mandar e a tarefeira a ensinar os dois ao mesmo tempo. Fica uma confusão.</p> <p>E – olhem e coisas boas do trabalho de grupo?</p> <p>Tom. – e é por isso que os capitães são importantes para o grupo.</p> <p>O. – não deixas falar ninguém.</p> <p>Tom. – olha, tou a explicar!</p> <p>O.- também quero explicar.</p> <p>Tom. – olha, espera!</p> <p>E – diz O., coisas boas do trabalho de grupo?</p> <p>O. – não, mas já hoje quando távamos a corrigir o trabalho de casa, depois o P. tinha uma coisa mal. E tinha de corrigir, tinha muitas coisas mal. E vai lá o Miguel e disse assim, acho que é esta ta tatata, e começa-lhe a dizer as respostas todas.</p> <p>Tom. – é, mas a redução não é assim. É que a professora não tava a dizer nada disso. A professora tava a pedir a importância. Percebeste?</p> <p>O. – percebeste.</p> <p>E – tu gostas mais de trabalhar em grupo ou sozinho?</p> <p>O. – individual.</p> <p>D. – em grupo. Eu sozinho, eu quero ajuda. Hã.</p> <p>E – precisas da ajuda?</p> <p>D. – sim.</p> <p>O. – oh professor mas eu acho que o D., eu acho que é geral. Porque o D....</p> <p>Tom. – olha, o D. não sabe tipo...</p> <p>O. – é, ele deve ser ajudado</p> <p>Tom. – olha, e ele só diz em grupo, porque ele quando tem as ajudas, ele não gosta do trabalho individual.</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>Tom. – Pois não D.?</p> <p>O. – individual é não ajudar.</p> <p>Tom. – é que é assim, é que em grupo é uma confusão. É o D. a ajudar-se, é os tarefeiros, é os capitães. É que é uma confusão! É assim, eu para mim é individual, mas é a minha opinião, e então como nós ainda somos crianças era melhor individual, porque nós para aprender temos de saber trabalhar</p>	<p>C1</p> <p>A4</p>
--	---------------------

<p>sozinhos. E – hum. Tom. – e também, também é fixe trabalhar em grupo mas só que é mais importante individual. E – hum. O que é que tu achas Cat.? Cat. – mais em grupo. E – preferes em grupo? Tom. –hã, ela precisa de ajuda, tanto como do D.. E – olha, e o que fazem os aspirantes? O. – aspirantes têm, de estar sempre a trabalhar! Tom. – eu, eu já disse há bocado! É que é assim... Cat. – os aspirantes aspiram tudo. Tom. – cala-te [risos]. Os capitães [risos]. O. – o quê? O que é que ela disse? Tom. – ela disse [risos] que os aspirantes aspiram tudo. Crianças – [riso]. Tom. – e então, os capitães é para mandar calar e também têm de trabalhar. O professor diz aos capitães... hã, ai! O professor disse quem é capitão porque o professor tem confiança neles. E – hum. Tom. – pra...têm competências para capitão. Então.. E – hum, hum. Olha e que competências são essas? Tom., o que é tu achas que é preciso? Tom. – é, trabalhar, não falar muito. O. – o P. N. tá sempre a trabalhar? Tom. – olha, mas ele é um bom capitão. D. – pois é. Tom. – é por isso que o professor não o tira. É muito importante para ele. O. – porque ele já teve uma nota... N. – isso foi só uma vez. Tom. – ele não teve! Cat. – teve teve! E – teve 100%? E que mais é preciso para ser capitão? Tom. – capitão é a importância. É a importância do estudo, não brincar muito, tar concentrado nas aulas. O. – tar calado, não falar. E – olha, e um aspirante, por exemplo? Tu achas que um aspirante tem de ter certas competências? Tom. – um aspirante tem de tar sempre. O. – ele não deixa falar ninguém. Tom. – eu acho que não. O. – o quê, não percebi. E – se um aspirante tinha, por exemplo, estas competências? Achas que o aspirante também podia ser capitão? Também tinha essas competências? O. – acho que sim. Tom. – eu concordo com o O.. Criança – mas é só isso, eles têm de trabalhar para ser capitão, têm de merecer o título. Tom. – se eles quiserem ter o capitão... é assim. A ordem é capi... hum, aspirante, capitão, tarefeiro.</p>	<p>A2</p> <p>A1</p> <p>C1</p>
--	-------------------------------

<p>Cat. – o tarefeiro é mais acima que capitão. Tom. – então, mas é assim, o aspirante tem de estar sempre, sempre, a trabalhar. Tar concentrado nas aulas. É que é assim, a maior parte das vezes, eu encravo sempre nos testes. E – hum. O. – oh não és só tu [riso]. Cat. – oh eu também tive insuficiente menos. Tom. – e eu tive suficiente. E – tu achas Tom., por exemplo, os tarefeiros... Tom. – tipo, eu tive bom a matemática. Não é? Se tivesse excelente já dava quase para capitão. O. – capitão? Tom. – sim, e vou passar logo para tarefeiro?! E passo de capitão, também? Tás a brincar O. – olha, mas o M. acho que era aspirante e passou logo para capitão! Tom. – Claro! Capitão passa... Tu tavas a dizer de aspirante para tarefeira e ia passar logo capitão. O. – não oh Ana. É de aspirante para capitão e de capitão para tarefeiro. E – olhem, e ouçam uma coisa. E o tarefeiro? O. – o tarefeiro tem de tar sempre a ajudar. E – ajuda quem precisa de ajuda. Mais? O. – sim. Tom. – eu já expliquei isso há bocado! Cat. – hã... E – o que faz mais um tarefeiro? AC – trabalha e está concentrado. O. – ajuda muito a... Tom. – os tarefeiros é, para a minha opinião, é tar sempre a trabalhar e ajudar quando nós... mas elas têm de ter sempre competências para quando a gente tiver ajuda, temos de ajudar logo. E – hum, hum. Tom. – O professor tá-lhes a pôr para tarefeira, e tarefeiro, não é só tarefeira [riso]. O. – oh professora eu queria perguntar uma coisa. E – pergunta! O. – quando se é tarefeiro e se vê uma coisa mal do aspirante, não se diz logo... Eu... a Tat. é tarefeira, e eu tinha um texto mal e ela disse, tá mal! E eu assim, apago tudo? E ela, deixa estar, vai assim agora. Tom. – Olha, não é assim que se faz isso. Ela, eu acho que não tinha competências para isso, ela. O. – pois, é que ela vira-se para mim e diz, está mal, e eu apago tudo? E ela, agora não, deixa tar, vai assim. Tom. – grande tarefeira que ela deve ser! É que os tarefeiros não podem ser... Cat. – pera, pera. E – deixa o O. acabar de contar... O. – é que eu acho que ela tá a corrigir os trabalhos, e tudo tá igual ao trabalho dela, que ela levou para casa e tá certo. O que não tá igual a ela não tá certo! Tom. – mas é assim. Mesmo que o trabalho, tipo, eu sou tu, quer dizer, eu</p>	<p>A1</p> <p>A1</p>
--	---------------------

<p>sou a Tatiana, e tu és o O., normal.</p> <p>O. – tu ias-me mandar.</p> <p>Tom. – então, ora chega cá. Dá-me os trabalhos de casa. Para corrigir, temos de tar...</p> <p>O. – temos de tar a corrigir...!</p> <p>Tom. – mas mesmo que eu tiver o meu trabalho de casa e aqui o teu, eu tenho que tar..mesmo que o nosso esteja igual, temos de ver por todo o grupo. Mesmo que o nosso teja igual, se calhar nós até temos mal! É que nós temos de ver é por todo o grupo. É essa a importância do grupo. É ter tudo bem!</p> <p>O. – mas na mesma, se os tarefeiros...</p> <p>Cat. – mas se nós temos uma coisa bem e que não esteja igual ao do tarefeiro, também fica bem.</p> <p>Tom. – não, não é isso. É...</p> <p>Cat. – mas não está igual...</p> <p>Tom. – é que às vezes os tarefeiros, quando corrigem, é à pressa. Tipo, a Tatiana. Oh deixa tar, vai para o professor. Isso é uma má educação. Ser tarefeiro, não é assim nisso.</p> <p>O. – pois não.</p> <p>Tom. – é, a importância do tarefeiro é corrigir direitinho e se não se tiver igual, tu és a Tatiana e eu sou o O., pronto. Então, tu és a tarefeira: olha, tá aqui os trabalhos de casa. Então tu, quando isto, quando isto tá igual. Tão aqui os dois. Quando tá igual, o tarefeiro tem de perceber como é que está igual. Porque se ela não perceber o que ela escreveu tem de ir apagar.</p> <p>O. – Claro!</p> <p>Tom. – porque ela não percebeu. É que é, evidentemente que não ia com aquilo sem percebe o que é que escreveu.</p> <p>E – Olha, e uma dúvida que eu tenho agora. Então, vocês sendo aspirantes têm vontade de passar para outro cargo ou não têm essa vontade?</p> <p>O. – eu tenho vontade de ser capitão.</p> <p>E – para ser capitão.</p> <p>Cat. – mas não quero ser tarefeira.</p> <p>E – tarefeira não?</p> <p>O. – também não.</p> <p>Tom. – tarefeiro, eu tenho paixão por ele.</p> <p>Crianças – [riso]</p> <p>E – gostavas de ser tarefeiro Tom.?</p> <p>Tom. – tenho uma paixão!</p> <p>E – hum. Olha, e na vossa turma, outra coisa que acontece e que vocês têm são as assembleias de turma.</p> <p>Tom. – o quê, o quê, o quê?</p> <p>E – as assembleias de turma.</p> <p>Tom. – as assembleias de turma é quando... hã... quando o professor, quando os meninos não conseguem ou não concordam com o professor e isso tudo... E tipo, uma pessoa errou numa coisa no recreio, tipo, fez mal a uma pessoa e ele não percebeu o que é que fez. Então o professor, como não sabe porque é que ele fez aquilo, tipo, o professor faz assembleia para perguntar...</p> <p>Cat. – se alguém viu.</p> <p>Tom. – a dizer, quem é que o viu a fazer isto? Quem é que o viu a fazer</p>	<p>B1</p>
---	-----------

<p>acoloutro? E isso tudo. É que se ninguém viu, não há hipótese, temos de ir ao menino que se aleijou. Tipo, se ele for ao hospital, não podemos ir a ele. Não podemos assaltar o Sr. S. que é para sairmos da escola [riso].</p> <p>O. – diz O., diz.</p> <p>O. – oh professora, isto aqui também é uma coisa parecida com as das assembleias. Já no segundo ano ou no primeiro, eu acabei os meus deveres.</p> <p>Tom. – eu já fui do grupo da Tatiana e eu já fui tarefeiro, mas...</p> <p>E – deixa o O. contar...</p> <p>O. – e eu acabei o meu trabalho e fui mostrar à Alex. Vira-se a Alex para mim e diz. Não é comigo que vais corrigir, é com o professor que isso não é nada comigo. Vou ao professor, entreguei o trabalho...</p> <p>Tom. – o quê?!</p> <p>O. – espera! E o professor disse assim: não tens tarefeiro no grupo? E eu disse, tenho professor. Mas só que a Alex que é minha tarefeira, disse-me para vir ao professor! E disse que não era nada com ela.</p> <p>Tom. – chateou-se com ela.</p> <p>O. – chateou-se e ela foi para o balcão trabalhar. E acho que o professor disse, não sei, mas acho que é isto que o professor tinha dito...</p> <p>Tom. – mas sabes qual é a conclusão da Tat.?</p> <p>O. – é que ela não...</p> <p>Tom. – ela só queria ser tarefeira, só para se armar.</p> <p>O. – pois.</p> <p>Tom. – olha, ela anda no recreio a dizer assim...</p> <p>O. – Ser tarefeiro! Levanta os braços quem é tarefeiro!</p> <p>Tom. – quem daqui é tarefeiro? Levanta o dedo! Eu, eu, eu! Assim, a armar-se. Ela só quer ser tarefeira, mas olha, repara já, ela não tinha competências. Não tem competências.</p> <p>Cat. – quando ela diz quem é aspirante.</p> <p>Tom. – é que ela... espera aí! A Tat- era capitã?</p> <p>O. – era, só do Mi. Porque o Mi, como ela tava naquele grupo, ela fazia o que quisesse. Mas agora tá noutro.</p> <p>E – Olha, vou, quanto às assembleias, que assuntos é que vocês, sem ser... o Tom. deu o exemplo de um assunto, de um problema do recreio.</p> <p>Tom. – sim.</p> <p>E – que outros assuntos é que se discutem na assembleia?</p> <p>O. – posso dizer?</p> <p>E – podes.</p> <p>O. – faz de conta que um aluno da nossa turma vai para o computador, para a internet, ver coisas que não é para a idade dele. Se o professor for ao recreio ou coisa assim, se o professor apanhá-lo, fazemos uma assembleia de turma. Já o ..., um dia...</p> <p>Tom. – Não não, O., tá mal. Quando tá alguém com os computadores lá fora, o professor não faz assembleia. Primeiro, castiga-o, depois pergunta-lhe sempre...</p> <p>O. – o que é que estavas a ver?</p> <p>Tom. – o que é que tu estavas a ver?</p> <p>O. – e ele tem de dizer...</p> <p>Tom. – e se o professor pensar que ele está a mentir é que faz a assembleia. Não é, ah eu vi-o e vou pôr uma assembleia. Não é.</p> <p>O. – pera pera. Não, não.</p>	<p>C2</p> <p>B4</p>
---	---------------------

<p>Tom. – explicaste mal. O. – espera. E – olhem, mas eu, não era bem isso que eu queria saber... eu queria saber, a assembleia serve para vocês discutirem assuntos entre vocês todos não é? Tom. – não, mas só que... O., D. – é! Tom. – não, mas é que a professora esqueceu-se de uma coisa para dizer. É dizer quando a gente tem alguma... o que é que a professora disse? [risos] E – diz O., diz [riso] O. – pera, ele tava no recreio a ver coisas que não devia de ver. A ver coisas assim com tiros e facas. Depois, o P., que é o capitão do grupo, ia a passar por ele e o Paulo vira-se para e diz assim: P., P., anda ver isto que isto é muito fixe! Depois, o professor ia a entrar na escola e tavam eles na entrada... Tom. – tu fugiste? O. – eu?! Eu não tava com eles. Depois o professor viu, e disse, Paulo fecha já o computador e tás sem recreio. Tocou para cima... Tom. – foi quando ele tava na nossa sala não era? O. – sim, depois, a seguir a passar o sumário, nós, o professor conversou com o P. e com o P.. E depois, logo à noite... Tom. – mas a culpa não foi do P.. O. – pois não, foi do P.. O Paulo é que chamou e o P. não devia ter ficado lá. Tom. – e o P. não devia de ir, ir lá. O. – Pois não. Tom. – o P. é que aceitou as ordens dele, portanto. A culpa acho que era muito do P.. O. – e depois, o P., antes das 6 e 30, fizeram uma assembleia de turma, que era sobre aquilo. E depois o P. prometeu ao professor que nunca mais ia abrir o computador lá fora. E não abriu, porque também estava quase a acabar o ano. E – hum. Olha, mas a minha pergunta de há bocadinho, era, há assuntos que vocês discutem na assembleia que são assuntos de alguma coisa que aconteceu no recreio... Tom. – mas a assembleia é muito importante! É a coisa mais importante da aula, se calhar! E – deixa-me só acabar a pergunta... E então, o que eu queria saber era, sem ser esses assuntos, que outros assuntos é que vocês discutem? Porque eu já vi outras assembleias e vocês discutiram outros assuntos que não eram bem esses... O. – já não me lembro... Tom. – eu já não me lembro. E – olha, vocês tiveram algumas assembleias que foram, uma foi sobre a crise, lembram-se? O. – ah sim! E – na altura do Natal. Tiveram uma assembleia em que tiveram de decidir se uma pessoa do grupo deveria levar trabalhos de casa nas férias lembram-se? O. – a Ar.! Tom. – ah foi a Ar.!</p>	<p>B2</p> <p>B3</p> <p>B4</p>
---	-------------------------------

<p>não concordar, já não sei a minha resposta. [risos] O. – eu acho que sei. Fazemos outra vez as votações. Cat. – primeiro fazemos umas votações e vemos que votação tem mais do que querem ou não querem, e depois o que tiver mais é que é a resposta. E – hum. Olha, e já houve más decisões? Em alguma assembleia? Crianças – Já. Tom. – há uma decisão que tu também não estavas aqui quando isso aconteceu... O. – já ficou 8, 8. Há uns que votaram em branco. Tom. – no dia 8 de junho de 2009... O. – ui onde é que já vai isso! Tom. – aconteceu isso três vezes! E – hum. E o que é que aconteceu? Tom. – a primeira, é que... E – então deixa-me fazer-te uma pergunta, Tom.. Há bocadinho estavas a dizer que as assembleias para ti eram muito importantes, e que eram a parte mais importante da aula. O. – para resolver os problemas. Tom. – Pois. E – queres explicar porquê? Tom. – porque resolve-se os problemas. Em 2009, a primeira foi que a S-quis sair do grupo da Tat.. O. – Pois foi. Tom. – e... e depois, a Sofia disse ao capitão que era o João, e depois o João foi dizer ao professor disse à Sofia... O. – foi fazer uma decisão de turma. Tom. – quando, então o professor disse, amanhã fazemos uma assembleia. Essa foi a primeira. A segunda, foi... falta outras coisas que eu já me vou lembrar. E – Olha Tom., explica então porque é que estavas a dizer há bocadinho, estavas a dizer que achavas que as assembleias eram uma coisa muito importante e que eram capazes de ser a parte mais importante da aula. Queres explicar porque é que achas isso? Porque é que para ti é uma parte muito importante? Tom. – ajuda-se a resolver os problemas. E – Diz Tom.. Tom. – já não me lembro. E – então vamos acabar, que vocês querem ir lá para fora?</p>	<p>B3</p>
--	-----------

Transcrição entrevistas “Aspirantes”. ASP2

Turma do 3º ano -aspirantes

Os objetivos da entrevista são:

- Compreender modos de hierarquia na sala de aula
- Compreender estratégias de poder na sala de aula
- Identificar especificidades de papéis – aspirantes, tarefeiros, capitães de turma

Foram entrevistados os aspirantes da turma, usualmente identificados como os membros que do grupo que beneficiam do apoio dos tarefeiros, e cujo comportamento é regulado pelos capitães de turma. Foram entrevistados os aspirantes e anteriores aspirantes (que passaram na semana anterior a tarefeiros)

Foi pedida previamente autorização para gravação e transcrição das entrevistas às crianças.

Duração aproximada:39’

E – Olhem, então, lembra-se que o nosso trabalho é um trabalho que estamos a fazer sobre a participação, e as vossas perspetivas, as vossas opiniões, não é? Sobre as coisas que vocês fazem aqui na escola. E sobre as decisões em que vocês participam. Então, já fizemos as entrevistas com os capitães, e fizemos com os tarefeiros também. Alguém precise de saber o que é uma entrevista?

Ru2? – eu sei professor. É, a professora vai perguntar e nós temos de dizer aquilo que a professora disser.

E – então, eu faço uma pergunta e vocês dizem o quê?

Crianças – as respostas!

E – aquilo que vocês pensam, sobre o que eu vou perguntar. Então, estivemos a falar com os capitães e com os tarefeiros sobre duas coisas: uma, foi sobre a maneira como vocês trabalham na vossa sala e a segunda foi sobre as assembleias de turma.

Tat. – foi com os dois ao mesmo tempo?

E – foi com os capitães todos, com os tarefeiros todos e com os aspirantes.

So. – mas estavam todos na aula, a ouvir?

E – Não, viemos para a sala de ciências.

Ti. – nós também já estivemos na sala de ciências a fazer desenhos!

E – Isso foi outra atividade que nós estivemos a fazer sobre a semana, lembra-te?

Tat. – mas por exemplo, estavam ali todos os tarefeiros e ali todos os capitães?

E – não. Estavam os capitães de uma vez e os tarefeiros da outra. E agora, é a vez dos aspirantes, não é? E então, eu, a primeira pergunta que eu fiz, e que é a primeira pergunta para vocês, e responde um de cada vez. Se houver perguntas que não queiram responder não respondem, tá bem? Foi, eu, tenho estado a ver a maneira como vocês trabalham, não é? E já percebi que vocês nos grupos trabalham, e cada um tem um papel não é, e uma função.

B. ? – nós estamos num grupo não é, e fazemos trabalho individual.

Ti. – mas também temos algumas funções, tipo, eu e a mar. pequena temos dois capitães e temos dois tarefeiros.

Tat. – e, e o meu grupo é de 5, ou seja, é o Mi., o O., o P. grande e o Ti.. Eu e o Ti. somos dois tarefeiros, o Mi. e o O. são aspirantes, e o P. grande é o capitão.

E – mas eu queria que vocês agora pensassem como quando eram aspirantes. Porque vocês passaram a tarefeiros há pouco tempo. Uma das coisas que eu já percebi, é que vocês têm alturas em que trabalham em grupo, não é, e outras em que trabalham individual.

Crianças – sim.

E – qual é a diferença dos dois trabalhos? Quando estás em grupo, o que é que tu trabalhas?

Tat. – trabalho [risos].

Â. – quando nós tamos a trabalhar em grupo, por exemplo, nós temos uma mesa, por exemplo, eu e a Ri.. E a B. e o Ca., e uma mesa, sobra,

A1

<p>fica sozinho, e quando ele, às vezes, tem uma dúvida, vai para a nossa beira e faz connosco. E quando é individual, nós...</p> <p>B. – faz tudo sozinho.</p> <p>Â. – faz tudo sozinho só que, se tiver dúvidas, vai ao professor. E o professor explica, e depois vai outra vez para o lugar.</p> <p>B. – oh Â., esqueceste-te de dizer que os tarefeiros perguntam sempre ao professor.</p> <p>Â. – sim.</p> <p>Tat. – hum, pronto. O que é que eu ia dizer?</p> <p>E – ias falar sobre o trabalho de grupo e o trabalho individual.</p> <p>Tat. – ah sim! É assim, o trabalho de grupo, é... [riso] Pronto, o trabalho de grupo é que... hum...[riso], todos do grupo, todos estamos a trabalhar e se tivermos dúvidas, perguntamos ao tarefeiro, ao capitão...ou então, ajudamo-nos uns aos outros. Juntamo-nos com um par do nosso grupo e fazemos o trabalho. E o trabalho individual, é...</p> <p>P. – cada um faz o seu.</p> <p>Tat. – cada um faz o seu trabalho, hum, sozinho, e se tiver dúvidas vai ao professor, e se não perceber outra vez, o professor explica no quadro, para todos que tiverem dúvidas.</p> <p>P. – é uma dúvida de turma.</p> <p>E – e passa a ser uma dúvida de turma. Eu lembro-me de ver isso nas vossas aulas.</p> <p>Tat. – Pois.</p> <p>J. – e também às vezes aquele que é tarefeiro, tamos a fazer a “ovelha generosa”. É um texto de língua portuguesa. Não, não era, távamos a fazer língua portuguesa. E, e tava lá, dizia, o filho da galinha, é... [risos]. O filho da galinha é... e depois o Ru2 disse, isto é um porco ou é uma galinha?! A dizer que era um pato, em vez de uma galinha era um pato.</p> <p>[risos]</p> <p>E – olha, e agora uma pergunta, o que é que vocês preferem? Quando estão a trabalhar, é o trabalho quando estão no grupo? Ou preferem quando estão sozinhos?</p> <p>Â. – em grupo, eu trabalho em grupo.</p> <p>J. – grupo.</p> <p>E – tu, Tat.?</p> <p>Tat. – sozinhos.</p> <p>E – preferes trabalhar quando está sozinha?</p> <p>Tat. – não, em grupo.</p> <p>P. – em grupo.</p> <p>E – em grupo? Também Â.?</p> <p>Â. – é as duas coisas.</p> <p>E – gostas das duas coisas? E tu B.?</p> <p>B. – as duas coisas, mas com o trabalho aprendemos mais.</p> <p>E – achas que no grupo aprendes mais?</p> <p>B. – sim.</p> <p>Tat. – eu gosto em grupo porque eu gosto de ajudar as outras pessoas.</p> <p>B. – se eu tivesse no teu grupo era melhor.</p> <p>Tat. – e gosto de explicar às outras pessoas e gosto de ajudar as outras pessoas.</p>	<p>A2</p>
--	-----------

<p>E – hum. Olha, e vocês como aspirantes... há bocadinho o J. tava a dizer que no grupo toda a gente tem uma função, não foi J.?</p>	
<p>J. – sim.</p>	
<p>E – Qual é a função, como é que tu explicas o que é um aspirante? No trabalho de grupo, o que é um aspirante?</p>	A2
<p>Â. – um aspirante tem de trabalhar, por exemplo, tem de trabalhar muito sozinho para poder chegar a tarefeiro.</p>	
<p>E – para chegar a tarefeiro.</p>	
<p>J. – ou capitão.</p>	
<p>E – ou para chegar a capitão.</p>	
<p>J. – o aspirante não tem nenhuma função, mas tem que trabalhar muito para chegar a um título, tipo, capitão, tarefeiro, secretário...</p>	
<p>E – diz tu Tat., o que é um tarefeiro?</p>	
<p>Tat. – eu sou aspirante!</p>	A2
<p>E – desculpa, o aspirante, tens razão! Como é que tu explicavas o que é o trabalho de um aspirante?</p>	
<p>Tat. – já nem me lembro!</p>	
<p>[risos]</p>	
<p>E – já não te lembras?</p>	
<p>Tat. – ah, já sei já sei! É assim, hã, um aspirante é uma pessoa que aspira o trabalho e quando tem duvidas, o aspirante, ele vai perguntar ao tarefeiro, e o tarefeiro diz-lhe, ajudas-me, e o aspirante aspira o trabalho.</p>	
<p>E – e tira as dúvidas que tinha, é isso?</p>	
<p>Tat. – é.</p>	
<p>E – Diz Â., diz.</p>	
<p>Â. – é assim, quando, em aspirante nós temos de, quando nós temos dúvidas, já não temos de ir ao professor, porque perguntamos ao tarefeiro...</p>	
<p>B. – se não foi individual.</p>	
<p>Â. – ou fazemos as coisas e se tiver mal, o tarefeiro já tá a olhar para o nosso trabalho, e diz que está mal.</p>	
<p>E – e tu corriges aquilo que está mal?</p>	
<p>Â. – sim. E depois já tá certo.</p>	
<p>B. – mas se for individual...</p>	
<p>Â. – e se for individual, nós temos qualquer coisa mal ou temos dúvidas, e temos de ir sempre ao professor.</p>	
<p>E – tens de ir ao professor?</p>	
<p>Â. – não podemos continuar.</p>	
<p>E – e aí passa à tal dúvida que é de turma?</p>	
<p>Â. – e não podemos copiar.</p>	
<p>E – então, olha, agora alguns de vocês passaram a ser tarefeiros? A Tat. passou a tarefeira.</p>	A4
<p>J. – eu passei a capitão.</p>	
<p>E – tu gostaste de passar a tarefeira?</p>	
<p>Tat. – Muito, era o meu maior desejo da escola.</p>	
<p>Â. – era, era. Era o Ruben namorar contigo!</p>	
<p>E – o que é que tu gostas mais em ser tarefeira?</p>	
<p>Tat. – hã... qual era a pergunta?</p>	
<p>E – qual é a parte que gostas mais de ser tarefeira?</p>	

<p>Tat. – sei lá! É ajudar os colegas, ajudá-los a limpar o caderno. J. – a limpar o caderno?!</p> <p>Tat. – a tirar as dúvidas, a dar-lhes exemplos... sugestões, a explicar-lhes. E, é um cargo muito importante. E – sentes que o teu papel de tarefaira é mais importante que o teu papel de aspirante? E quem passou a capitão? J. – eu, eu, eu! E – e então, o que é que tu gostas mais J.? O que é que é diferente de ser aspirante? J. – aspirante é ser, é não ser nada, temos que não fazer nada... B. – então não temos que trabalhar... J. – não, temos de trabalhar que é para chegar aos outros títulos. Quando eu passei para capitão foi um grande orgulho para mim. P. – ele, ele quase que chorava! E – olha, e qual é a função do capitão? J. – é mandar calar pessoas, mandar para o lugar. B. – abrir o armário. J. – abrir o armário?! B. – tu já abriste! J. – eu? Não não! Tat. – Posso? E – podes Tat.. A B. também queria dizer qualquer coisa. Deixa só a B. explicar como é que foi passar para capitã. B. – deixe falar primeiro a Tat... E – É? Então, vá, Tat... Tat. – Obrigada! [risos]. Hã, o que é que eu ia dizer? Aspirante é zero. Capitão é 10. Tarefairo, é 20. P. – 20? É mais! Tat. – Não, tarefairo é 90. Secretário é 95, capitão de turma é 85. E – diz B.. Como é que foi passar para capitã, para ti? B. – gostei. E – hum. E o que é que gostas mais em ser capitã? B. – hã.. E - queres falar daqui a um bocadinho, quando te lembrares? B. – sim. E – então, olha, outra pergunta que tou aqui a pensar, quem agora tem mais responsabilidade, o que é que vocês acham que essa responsabilidade vos traz? Sentem-se capazes de ter essa responsabilidade? Como capitães, como tarefairos? Crianças – sim. Tat. – eu acho que o cargo de tarefaira é muito importante para mim. E quando eu tou a ajudar as pessoas eu acho que foi um cargo muito importante para mim e acho que vou passar de ano e ter boas notas. E pronto! E – e é uma coisa, Tat., que tu sentes que estás preparada para fazer? Achas que é uma responsabilidade que para ti faz sentido? Tat. – faz sentido e é o meu maior desejo. E – olhem e outra pergunta... eu tenho estado na vossa sala, tenho estado durante o ano convosco, e uma das coisas que eu acho que percebi... Diz Miguel.</p>	<p>A1</p>
--	-----------

<p>Mi. – a Professora avalia-nos?</p> <p>E – não! Porque isto não é um trabalho para avaliar, já sabes disso. Então, durante o ano, eu tenho estado na vossa sala, e outra coisa que eu estive a ver, e que é muito interessante, são as vossas assembleias de turma. Então, as assembleias, eu vi várias que aconteceram, mas eu gostava que me explicassem o que é que é para vocês uma assembleia de turma, como é que ela funciona? Quais são as coisas que vocês acham melhores e outras não...</p> <p>Mi – a Tat. houve uma vez que queria ir para o grupo da Mar., porque... porque ela disse, porque a Mar. no apoio, de manhã, ajudava muito.</p> <p>E – o que é que é a assembleia J., explica lá [põe o dedo no ar a pedir para explicar].</p> <p>J. – uma assembleia de turma é tipo uma reunião que nós fazemos, para, tipo, quando foi do grupo, a Tat. queria mudar de grupo, para o grupo da Mar, ela tava a dizer para trocar o Ca. E depois, o Ca não quis trocar e ele não foi para o grupo.</p> <p>E – Â..</p> <p>Â. – aquilo que eu acho que é uma assembleia de turma é quando por exemplo, entra uma pessoa, nós temos assim, por exemplo, o professor já não deixa ir ao intervalo nunca mais, é a imaginar. E depois, nós fazemos uma assembleia de turma, e eles vão ter que dizer porque acham que não devem ir ao intervalo.</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>J. – pergunta-se se querem, se não querem...</p> <p>E – então, na assembleia, vocês discutem problemas que estão a acontecer na escola, é isso?</p> <p>Mi – nós já discutimos, uma, no 1º ano, sobre o P., mas também fizemos uma assembleia porque eu trepei a uma árvore e fiquei com o pé lá.</p> <p>J. – Porque ficou com o pé preso! E o M. tava tipo a puxar pelo é, e caiu a sapatilha do Mi, ele teve de ir arranjar o pé. E depois nós fizemos uma assembleia, para ninguém subir às árvores, aquelas árvores têm dois ramos assim [desenha com a mão a forma das árvores].</p> <p>E – olha, e então diz-me uma coisa, a assembleia para vocês, serve para quando há um problema, vocês discutem esse problema e decidem em conjunto?</p> <p>J. – sim, para decidirmos todos juntos.</p> <p>E – e como é que vocês chegam a essa decisão, da assembleia?</p> <p>J. – fazemos uma discussão com todos...</p> <p>Mi – fazemos uma votação e o professor: quem concorda com a pessoa que disse isso?</p> <p>E todos levantam.</p> <p>J. – eu vou dar um exemplo. Tipo, o Mi subiu a uma árvore, e, e, desceu, de uma árvore alta, que ele subiu. E desceu. O professor tava a ver e fez uma assembleia a dizer: quem acha que isto é proibido? Quem acha que não é proibido levanta o dedo. E ele levantou.</p> <p>Mi – nesse dia, nesse dia que eu fiquei preso, todos disseram que eu não devia trepar às árvores. Votaram todos.</p>	<p>B1</p> <p>B3 B4</p> <p>B4</p>
--	--------------------------------------

<p>J. – e também votaram todos que ninguém podia subir às árvores porque podemos magoar! Ou rachar a cabeça.</p> <p>Mi – e podes-te magoar para toda a vida.</p> <p>E – e essas decisões que vocês tomam, vocês acham que... Diz, Tat..</p> <p>Tat. – eu acho que não devemos subir às árvores porque é muito perigoso e podemos cair. Podemos até rachar a cabeça e ir para o hospital.</p> <p>Mi – a minha sorte é que eu caí na terra!</p> <p>E – olha, e quando, por exemplo, imagina que havia uma decisão que estavam a discutir e votar na assembleia, hã, vocês concordam sempre com as decisões?</p> <p>Tat. – eu, hã, posso falar?</p> <p>E – podes.</p> <p>Tat. – eu sempre, não concordo. Mas às vezes, até concordo.</p> <p>E – e nas vezes em que não concordas, como é que tu te sentes?</p> <p>B. – eu muitas vezes não respondo.</p> <p>E – tu optas por não responder B.?</p> <p>B. - maior parte das vezes.</p> <p>J. – também a B. nunca fala!</p> <p>Tat. – eu sinto que eu tou, que o que eu digo é importante e que, e que, hum, quando eu digo, o que eu acho, é importante.</p> <p>E – e eu outros assuntos é que vocês gostavam de discutir na assembleia mas que não discutem? Que coisas é que achavam para vocês enquanto crianças, era importante discutirem, mas que não têm sítio?</p> <p>Mi – eu acho que às vezes se dizem asneiras a pessoas aqui da escola, e isso devia ser numa assembleia.</p> <p>E – e tu J.?</p> <p>J. – eu acho que não se devia bater nos miúdos. Tipo, já bater, dar chutos neles, e resolver em assembleia de turma, tipo o M., bate às vezes não é?</p> <p>Mi – o P..</p> <p>Tat. – o P. grande está sempre a reclamar quando eu digo. É assim, é sem ofensa dizer isto à beira dos amigos dele. Eu, eu, chato... sem ofensa.</p> <p>J. – e também acho que o P. grande, estávamos a jogar com uma bola pequena e o P. pequeno lançou uma bola, uma bola pinchona, e o P. tropeçou e o P. grande foi para cima dele e ele deu assim com a cabeça.</p> <p>E – olhem e sem serem essas coisas assim, com alguém especial da turma, há outros assuntos que vocês gostavam de poder discutir e onde gostavam de poder decidir? Por exemplo, a vossa assembleia funciona para a vossa sala, vocês gostavam de ter uma assembleia na escola? Que fosse para discutir coisas da escola?</p> <p>Â. – nós às segundas fazemos a hora das novidades, mas hoje como não deu tempo ainda não fizemos, mas se quisermos podemos contar novidades.</p> <p>Mi. – por exemplo, eu um dia fui a casa do Nu., e eu não pus na assembleia. Foi na hora das novidades.</p> <p>E – mas se houver, por exemplo, imagina que há um problema na escola e que não é um problema só da vossa sala, vocês gostavam de</p>	<p>B1</p>
--	-----------

poder dar a vossa opinião?

Â. – Sim.

J. – como se fosse uma assembleia?

E – por exemplo. Imagina que havia uma assembleia mas que era uma da escola e não só da vossa sala?

J. – tipo, na escola, já aconteceu uma coisa que eu que às vezes a gente... o Ca mandou um bebleide para a árvore e eu ia contar isso numa assembleia mas não contei, porque não me apeteceu contar.

E – Hum, mas olha J., sem ser uma coisa que seja da tua sala. Uma coisa que é da escola toda. Que é um problema da escola toda. Consegues pensar em alguma coisa que tu gostasses de mudar ou em que gostasses de participar? Ninguém se lembra de nada?

Olha, por exemplo, uma altura a professora V. contou-me uma história que foi assim: que há uns tempos, havia na biblioteca uma hora que era a hora do conto, e que se fazia leitura.

J. – ah!

E – e que nessa altura, os alunos da turma vinham para a biblioteca para ouvirem a história.

E gostavam muito. Só que entretanto, houve uma série de coisas que aconteceram e essa hora da biblioteca teve de deixar de se fazer. O que é que os alunos fizeram?

Tat. – eu não sei.

E – imaginas o que é que eles podem ter feito?

J. – eu acho que eles não deviam. Eu acho que eles acabaram, para mim, eles liam muito alto. E que eles, eu acho que eles não deviam fechar isso, porque devia ser muito divertido para as crianças, e também as crianças devem de ler, e também deviam de não fechar quele negócio. Devia estar sempre aberto.

E – olha e agora voltando às vossas assembleias e a Tat. disse há bocadinho que gostava muito que ouvissem aquilo que ela tem a dizer. Porque ela achava que era importante. Que coisas importantes é que vocês acham que aprendem também quando estão a trabalhar em grupo e quando estão na assembleia? Que coisas importantes é que vocês acham que isso traz para vocês?

Â. – Professora?

E – diz.

Â. – eu acho que as assembleias, hum, servem para nós dizermos aquilo que nós achamos, e já se pode dizer o que nós fizemos no intervalo.

E – hum. Tu achas que isso é importante Tat.?

Tat. – eu que é importante.

E – e tu J.?

J. – eu acho que é importante a gente ler, tipo, um livro muito grande, um livro com 30 páginas para aí.

E – alguém se lembra de uma situação de alguma assembleia em que vocês não tenham concordado com a decisão?

Miguel – também houve no terceiro ano algumas.

E – B. lembras-te de alguma?

B. – era uma que nós aprendíamos...

E – diz o que achas.

<p>B. – em grupo nós aprendemos coisas que se os nossos colegas souberem uma coisa e nós tivermos dúvidas numa coisa, hum, se eles explicarem podemos ficar a saber.</p> <p>E – qual é o papel que vocês acham que o professor tem nestas assembleias?</p> <p>Miguel – é como se fosse aluno.</p> <p>J. – tipo, como se ele fosse muito inteligente, ensina-nos tudo o professor. Tipo, nós não sabemos uma coisa, o professor explica no quadro ou explica-nos a nós.</p> <p>E – se vocês pudessem escolher entre terem as vossas assembleias e trabalharem em grupo, e não trabalharem assim, o que é que vocês escolhiam?</p> <p>Mi. – não percebi.</p> <p>E – vocês agora trabalham com o vosso método do grupo, o individual e com a assembleia não é?</p>	<p>A1</p>
<p>B. – hoje estamos a trabalhar individual.</p> <p>E – hoje é individual, mas normalmente durante o ano vocês trabalham assim e têm as assembleias e têm esta possibilidade de ajudar a decidir coisas. O que é que vocês preferiam? Se eu agora vos dissesse tens de escolher: ou não decides ou ajudas a decidir? Ou decides?</p> <p>B. – eu escolhia decidir.</p> <p>J. – eu acho que não concordava tipo, eu acho que eu não concordava, eu acho que não votava em nada. E eu acho que não devia votar porque algumas vezes, tipo, o professor diz que às vezes... eu vou dar um exemplo, tipo, o Â. caiu porque alguém empurrou da nossa sala, e o professor diz foi o Mi ou foi o P.. E alguns não votam! E alguns votam e alguns não votam! E se depois for o Mi? E alguns depois não votam porque acham que não foi nenhum!</p> <p>E – tu não concordas com isso J.? Achas que toda a gente devia votar?</p> <p>J. – eu não acho.</p> <p>B. – cada um tem a sua opinião.</p> <p>E – achas que ninguém devia votar J.?</p> <p>J. – cada um é que sabe o que vai fazer.</p>	<p>A1</p>
<p>E – olhem, e se ninguém votasse qual era a maneira que tu arranjavas para chegar a uma decisão?</p> <p>J. – acho que alguns deviam, mas a minha decisão não é votar. Eu dizia que ninguém devia de votar porque algumas vezes a gente engana-se e diz uma mentira e dizem que é sempre o P., mas pode não ser. Pode ser o Miguel, ou eu, ou o Â.!</p> <p>E – e tu achas que nem sempre as decisões que se tomam são justas? É isso J., que nem sempre são justas?</p> <p>J. – sim.</p> <p>E - então como é que vocês podiam fazer quando essas situações não justas?</p> <p>J. – não são justas porque a gente não acha que foi ele, hum, a bater a alguém, e tipo ninguém bateu em ninguém.</p> <p>Miguel – por exemplo, alguém bateu, o professor vai estar na maioria e descobre.</p> <p>J. – pois, porque o professor vê, vê!</p> <p>Tat. – não tem a ver com esta conversa, mas eu acho que esta escola é</p>	<p>B3</p>

muito fixe!

E – achas? O que é que mudavas na escola? Mudavas alguma coisa?

Tat. – eu...

B. – eu mudava, aquela parte ali de betão, eu mudava. É muito fácil de sair.

E – achas que é muito fácil de sair?

B. – é.

E – esse é um bom exemplo que vocês estão a dar agora, esse é um bom exemplo de uma coisa que vocês podiam gostar de mudar mas em que normalmente não têm nenhum poder de decisão.

Mi – e eu fazia maior para não andarem todos por todos os lados, e da pré.

E – o que é que mudavas Tat.?

Tat. – mudava aquela coisa atrás da escola, aquela coisa ali verde, porque punha mais alta. Porque às vezes vão lá miúdos e começam a espreitar para outro lado. E às vezes podem cair.

E – achas que é perigoso?

Tat. – acho.

Â. – e mandam as bolas muito altas.

Tat. – e mandam pacotes de leite e coisas porcas.

B. – e os maiores. Há pessoas dos maiores que batem aos mais pequenos.

E – achas que os mais pequenos e os maiores deviam ser separados?

B. – sim.

E – olhem, e estou aqui a pensar, que estas ideias todas que vocês têm da escola a quem é que vocês poderiam falar sobre elas?

Mi. – à Professora V..

Â. – ou ao nosso professor.

E – estas coisas todas que vocês estão a dizer, que são coisas importantes ou à professora V....

Â. – ou ao professor ou às empregadas. E depois o professor explicava à professora V. o que nós explicávamos e a professora V. fazia alguma coisa.

E – olhem, e se não fosse o professor a explicar isso e fosses tu a explicar à professora V-?

Mi – perguntava ao professor se podia ir falar com a professora V. e falava sobre aquilo.

E – e podias falar sobre isso? Mais coisas que alguém queira dizer sobre a escola?

B. – eu gosto de ser capitã.

E – gostas de ser capitã. E?

B. – era o que eu mais gostava de ser quando mudasse de título.

E – porque é que é tão importante para vocês mudarem de título?

Miguel – porque sentimos mais...

Â. – Alegria.

Miguel – sentimo-nos mais organizados.

Tat. – mais inteligentes. E mais espertos, e com, com sentimentos de que vamos passar de ano.

E – mais alguém quer dizer alguma coisa antes de irem para intervalo?

Objetivos	Questões	categoria de análise	Indicadores
Identificar os papéis de crianças nos grupos e na hierarquia da sala de aula	No vosso trabalho na sala de aula existem papéis diferentes dentro do grupo. Podem explicar o que é que é um aspirante? Vocês gostam de ser aspirantes nos grupos de trabalho? Em relação aos tarefeiros e aos capitães, ser aspirante é uma tarefa importante? Porquê?	Papéis das crianças na hierarquia [A]	Modos de organização da hierarquia [A1] Função dos aspirantes [A2] Aspetos positivos e negativos [A3] Importância da tarefa na sala e na hierarquia [A4] -
Compreender modos de decisão através de decisão coletiva no grupo Infância	Na vossa turma vocês tomam decisões também ou é só o professor? O professor já decidiu coisas que vocês não acharam corretas?	Estratégias de decisão coletiva [B]	Modos de escuta das vozes das crianças [B1] Capacidades das crianças em contextos de co decisão [B2] Modos de tomada de decisão em sala de aula [B3] Papel dos adultos e das crianças [B4]
Compreender especificidades dos papéis na sala de aula	O que fazem os aspirantes na sala? Já houve momentos em que se sentiram desconfortáveis no papel de aspirantes? Quais? Ser aspirante é um cargo com muita responsabilidade? Sentem-se capazes de assumir essas responsabilidades?	Aspirantes dos grupos [C]	Especificidades do papel exercido [C1] Dificuldades do exercício do papel [C2] Responsabilidades das crianças [C3]

**ANEXO 13 – GUIÕES FOCUS GROUP PARTICIPANTES
ASSEMBLEIA MUNICIPAL JOVEM, TRANSCRIÇÕES E GRELHAS
DE ANÁLISE**

Guião entrevista participantes da Assembleia Municipal. EAM

Discutindo a participação dos jovens na Assembleia Jovem

O grupo constituiu-se de crianças jovens que participaram nas Assembleias Municipais Jovens, e que trabalharam sob o tema da participação e cidadania, e voluntariado e/ou a Cidade. O objetivo é recolher as experiências e representações dessa participação, promovendo a discussão entre os participantes sobre as questões que levantaram. De seguida, serão expostas algumas das problemáticas centrais apresentadas pelos jovens, para que as possam discutir, partindo do modo como gostariam ou não de ser envolvidos na programação das políticas locais para esse efeito.

Apresentação do grupo, objetivos e tempo previsto de duração

E – Todos vocês são alunos de 1º/2º e 3º ciclo e todos participaram na Assembleia Municipal Jovem, que se iniciou a partir de uma reivindicação dos alunos de Aveiro.

E – como vos foi apresentada essa proposta e por quem?

O tema dizia respeito à participação e cidadania/Cidade. Como viveram a experiência? Como algo positivo ou negativo?

E – qual foi o aspeto mais positivo da vossa participação, na vossa perspetiva?

E – o que modificariam na Assembleia municipal Jovem? Que aspetos foram os que consideram menos interessantes?

E - Os jovens possuem visões do mundo, da sociedade e da cidade que vale a pena ouvir? Porquê?

E - Têm competências para intervir em processos de decisão, por exemplo, ao nível local, da cidade? Quais?

E - Na vossa opinião, os adultos ouvem as vossas vozes? Se sim, como? Se não, por que razão?

E - O que esperam após a vossa participação na Assembleia Municipal? O que poderá mudar com a vossa participação?

E – Têm forma de continuar a participar na Câmara Municipal?

Gostariam de o poder fazer? De que forma?

E - Que outros modos de representação da juventude gostariam de ter na Câmara Municipal de Aveiro?

As escolas, como a vossa apresentaram diferentes propostas. Vou lembrar-vos algumas e pedir-vos, se podem indicar de que forma poderiam ser implementadas? Qual seria o papel/participação dos jovens nesse processo, se pudessem fazer parte do processo?

Exclusão social dos idosos – criação de grupos para acompanhar os idosos e pessoas com mobilidade reduzida.

Parques infantis para crianças e jovens – inexistentes ou por recuperar

Sem Abrigo – Casa Sem Abrigo, recolha de alimentos e roupa

Transportes e mobilidade – aumento de carreiras e horários para usufruir mais da cidade

Maior relação entre as escolas – pouca comunicação entre elas

Passeios – inexistentes ou sem inclinação para pessoas com mobilidade reduzida.

[criança e jovens discutem livremente as propostas e após estas poderão incluir outras que não tenham sido discutidas anteriormente]

E – Aveiro seria mais amiga dos jovens, se...

E – O maior entrave à participação dos jovens é...?

E – a maior vantagem da participação dos jovens é... ?

1º e 2º ciclo – “A minha cidade”

Áreas de propostas	Propostas
Escola e Educação	Equipamentos de desporto na escola; mais aquecimento; arranjar os recreios e os parques das crianças
Ambiente	Parque da Cidade (com animais) ; limpar a cidade; mais árvores; limpar a Ria; renovar projetos com pássaros; limpar a cidade e envolver os jovens em campanhas na cidade.
Mobilidade	Atenção às pessoas com mobilidade reduzida; mais transportes públicos; mais bicicletas para crianças (BUGAS); parques para as BUGAS; mais circuitos de bicicletas; mais abrigos de autocarro
Políticas Urbanas	Tratar de edifícios abandonados; pintar os edifícios; tratar dos passeios
Artes e cultura	Recuperar teatros antigos; mais variedade cultural; arte de rua; um museu para crianças com visitas guiadas
Desporto	Melhores piscinas e skateparks
Segurança	Mais polícia na cidade; menos vandalismo
ação Social	Dar comida às pessoas necessitadas e desempregadas; sem abrigo
Saúde	Melhores urgências nos hospitais; melhores centros de saúde

Propostas Adultos/Instituições

Consciencializar para os direitos das crianças

workshops sobre participação com crianças

guiões éticos para trabalhar com as crianças como participantes

foruns de crianças para projectos

Implementar direitos das crianças

grupo de trabalho com representantes das instituições

grupo de estudo para desenvolver estratégias sobre direitos de participação das crianças

estrutura para coordenar o programa com avaliação das iniciativas e impactos nas vidas das crianças

Jornal das crianças

Quiosque de crianças

Assembleia com juventude

2º e 3º ciclos

Cidadania participativa, voluntariado e inclusão social

Homem Cristo; Jaime Magalhães de Lima; José Estêvão; Mário Sacramento; EP Aveiro; EP Turismo; Aires Barbosa; EB Aradas; São Bernardo; Cacia; castro matoso; João Afonso; Eixo; Santa Joana; Colégio Português, D. José.

Homem Cristo – propõem mais acessibilidade transportes, melhores horários e mais ofertas de destinos;

Jaime M de Lima – caminho de desenvolvimento pleno. Respeito pela diferença, inclusão de diferentes grupos sociais. Cidade tem forte tecido urbano e massa crítica capaz de contribuir na resolução de problemas de exclusão social, que não deve basear-se só no Estado. Necessidade de resolução nível local, para melhor resultado. Minimizar a exclusão atuando em diferentes grupos sociais. 100 Instituições sociais deste género, com voluntariado e era importante redes integradas de voluntários com vista a uma inclusão crescente.

Cátia Sousa – falta de divulgação e acompanhamento nos projetos de ação social

Diogo Carqueja (Mário Sacramento) – refere ausência do presidente da câmara municipal na sessão. Projeto RIA com gabinete de voluntariado e bolsa de voluntariado. Porque terminou o projeto? Algum lhe deu sequencia? Jovens carenciados, e bolsas de estudo? Abrir cantinas ao fim de semana. Qual a respostas aos sem abrigo? Estamos empenhados em fomentar inclusão? Mobilidade reduzida, entram em todos os edifícios da cidade? Escola aberta, estamos a fazer esse projeto

Cidade das crianças sem parques infantis? Traseiras do museu, o parque não foi recuperado; cidade amiga dos idosos, com passeios como tem? Amiga dos deficientes com passeios sem declives?

Cidade amiga da treta?

Ivo Casqueira – Ep de Aveiro. Representam a juventude da cidade e não só a sua escola. Propostas muito interessantes até agora, e abordam um outro - desemprego em Aveiro. Tem a ver com exclusão social, onde o desemprego reforça exclusão ou porque a pessoa já é excluída e fica fora do mercado de trabalho. Passam para o mercado de trabalho, cursos profissionais e não sabem o que vai acontecer. Existem muitos sem abrigo em Aveiro. Sociedade em maior decadência, estação de Aveiro durante a noite.

(...) – instituições sociais que ajudam os mais carenciados. Cruz Vermelha

Francisca Gonçalves – 2010 combate à pobreza e exclusão social, empenho político para eliminar a pobreza. O que fazemos para ajudar nesta questão? Coordenar esforços, intercâmbio, pensões adaptadas, cuidados de saúde acessíveis.

Frederico Teixeira – usou uma proposta dos jovens ao criar a assembleia, e os jovens congratulam-se. Escolas fechadas entre si em Aveiro e dispersão. Forma mais social com mais aproxima entre as escolas.

Entrevistas participantes AMJ. EAM1

Data: 28 de Setembro de 2011

Duração aproximada da entrevista: 53 minutos

D., aluno de Escola Secundária de Mário Sacramento, Aveiro

A entrevista e respetivos objetivos bem como o tempo previsto de duração foram apresentados antes do início da mesma. O Diogo foi um dos jovens que participou nas assembleias Municipais Jovem, e que apresentou sugestões relativo ao tema “Cidadania e Participação”.

A entrevista decorreu no Centro de Cultura e Congressos de Aveiro. Foi antecipadamente pedida autorização para gravação e transcrição da entrevista.

<p>E – a ideia é podermos falar de duas grandes questões. Uma, que foi a Assembleia em que vocês participaram, que foi a Assembleia Jovem, que teve como tema a questão da cidadania e da inclusão social. E para a qual vocês foram chamados a participar. E um dos primeiros aspetos que eu gostava de trabalhar contigo, era quais foram as tuas perceções sobre como viste a tua participação a esse nível. Haverá um conjunto de questões a esse nível, e como é que gostarias que ela acontecesse, daqui para a frente. Hum, a segunda, de pegar em algumas propostas, nomeadamente algumas propostas que foram feitas por ti, também, nessa Assembleia, precisamente, e pela Mário Sacramento, hum, e percebermos como é que tu gostarias, agora que essas propostas acontecessem. E eventualmente outras que tu não tenhas discutido aquela assembleia mas que entendas que deviam ser agarradas pela Câmara.</p> <p>Esta Assembleia, tu participaste em duas, até agora?</p> <p>D. – sim, participei nas duas, sim.</p> <p>E – A única a que eu tive acesso foi esta, da participação, a outra foi sobre quê? A que vocês foram chamados a participar?</p> <p>D. – Foi cultura e património, hum, natural.</p> <p>E – de Aveiro, não é?</p> <p>D. – Sim, sim.</p> <p>E – Para dares um bocado da tua perspetiva... Hum, tu quando participaste na Assembleia, esta Assembleia Jovem foi criada porque houve algum tipo de reivindicação dos jovens dizendo que gostariam de ser chamados a participar. Portanto, ela foi criada e foi lançado o desafio para que os jovens participassem. Tu quando participaste na primeira, quem é que te apresentou essa proposta e como é que ela vos chegou às mãos para que vocês participassem?</p> <p>D. – foi uma professora que recebeu a informação, e que seria, era Diretora de turma, não da minha mas de outra e que veio falar comigo e disse: “sei que gostas destas coisas de participar”, e deu-me uma cópia da informação que ela recebeu e eu fui para casa analisar e, e, senti, interessei-me para participar.</p> <p>E – E achaste que seria alguma coisa, para ti, positiva? Em termos de experiência?</p> <p>D. – Sim, é assim, eu quando participo nestas coisas não é para mim, porque para</p>	<p>A1</p> <p>A5</p>
--	---------------------

<p>mim não tou a pedir nada! Tou a pedir, se calhar prá cidade. Pra melhorar o que está mal.</p> <p>E – Hum, hum.</p> <p>D. – eu sinto-me um pouco mais crítico que os outros, mas isso é...</p> <p>E – sentes-te mais crítico? Achas que tens uma visão mais...</p> <p>D. – Sim, porque na primeira como estava na gravação, vê-se, que até ao momento em que eu falei só houve outra escola que falou mais que um minuto [riso]. Por isso...</p> <p>E – é verdade, eu reparei nisso. Aliás depois há aqui uma frase que eu gostava que tu desenvolvesse mas mais para o final, que achei muito interessante. Houve outras, também, de colegas teus, mas isso depois falaremos com eles. Hum relativamente à tua vivência nesta, neste tema da Participação e da Cidadania, consideras que este tema, para vocês, enquanto jovens, é fundamental?</p> <p>D. – a questão da inclusão e da participação realmente é importante ser debatido, mas houve... a questão é: quais são os frutos disto? Há cá muitos jovens, como eu, que olhava para a Assembleia Municipal Jovem, que íamos levar ideias e críticas que passado algum tempo fossem estudadas, e até corrigidas. E até agora, sendo sincero, não tenho visto isso. Por isso...</p> <p>E – portanto, achas que desde a altura em que foste ouvido até agora, ainda não viste alguma coisa concreta a acontecer.</p> <p>D. – Sim, e eu referi isso na segunda, na segunda Assembleia. Eu referi isso. Que desde a primeira até aquela nada tinha sido feito nem nos dito.</p> <p>E – hum. Como é que tu viveste essa experiência? Como é que tu achas que foi em termos da tua participação? O que é que para ti foi mais positivo? E o que é que foi menos positivo?</p> <p>D. –acho que o positivo foi o debate, mas é assim, nós tamos a representar a escola, mas eu sou 1 em 900, da minha escola. Eu tenho uma opinião, e o meu grupo também tem outra opinião, e somos um grupo e fazemos as nossas ideias, mas certamente que se fossem buscar outros três, de outras turmas, se calhar diziam totalmente o contrário e diziam que eu estava incorreto. Ou seja, é muito limitado. Se calhar o menos positivo é ser muito limitada, a amostra da escola mas positivo é o debate, que havia pessoas, jovens que estavam em discordância com alguns aspetos, algumas ideias.</p>	<p>B1</p> <p>A1</p> <p>B1</p>
--	-------------------------------

<p>E – em relação a essa questão que levantaste, que no fundo é perceber quem é que vocês vão representar, sentes que deveria haver mecanismos dentro da escola que garantissem maior representatividade?</p> <p>D – eu se calhar tenho uma ideia que a... a assembleia municipal jovem é importante. É óbvio que mais do que três pessoas naquele auditório é muito complicado...</p>	
<p>E – Porque são várias escolas, não é?</p> <p>D – mas se calhar antes de fazerem uma assembleia municipal jovem, podiam ir a algumas escolas e se calhar fazer uma assembleia de escola. Nos mesmos moldes em que se faz uma assembleia municipal. E talvez, não sei, 50 pessoas? 50 alunos? De diversas turmas, seria interessante.</p>	B6
<p>E – Hum, hum.</p> <p>D – na minha escola do 7º ao 12º, hum, a diversidade acho que é elevada.</p>	D2
<p>E – na tua escola, existem essas assembleias?</p> <p>D – Não.</p>	
<p>E – achas que deveriam existir?</p> <p>D – eu acho que sim, o problema é que a participação na minha escola é muito..., muito reduzida. A Associação de Estudantes o que conta é quem ganha e depois a partir daí não fazem nada, e mesmo alguém que critique e que pergunte o que faz, ainda é logo, é criticado por isso.</p>	
<p>E – Tás a falar da Associação de Estudantes?</p> <p>D – Sim, da minha escola! Das outras, eu não sei como é que funcionam.</p>	
<p>E – E tu achas que a Associação de Estudantes, por exemplo, deveria estar também envolvida no processo desta natureza? Com a Câmara?</p>	
<p>D – Hum, depende. Porque eu acho que, eu defendo que nestas atividades os representantes da escola não fossem da AE. Porque apesar de serem uma coisa eleita pelos alunos, se calhar não têm tanto poder, porque muito, muito das coisas que fazem é... Uma AE é formada, uma lista é formada para ganhar e não para trabalhar. Se uma lista tiver, 50 alunos, e outra tiver 10, já se sabe quem ganha à partida, ou seja, as ideias podem não partir daí, e a vontade. Não é por aí.</p>	
<p>E – na tua participação, por exemplo, nesta AMJ, o que é que tu, dos pontos que tu consideraste menos positivos, o que é que tu modificarias? Que proposta é que tu farias, além desta proposta de irmos primeiro a Assembleias de Escola, e depois as</p>	

<p>AE então trazerem aquilo que seria uma visão mais alargada, como estavas a dizer, que outros aspetos te pareceram menos interessantes e que gostarias de modificar?</p> <p>D – hum, se calhar o tempo de intervenção de cada um, porque o tempo inicial era 3 minutos, e eu sei que 3 minutos para cada um dá aquelas duas horas de plenário, mas se calhar fazer em dois tempos sobre o mesmo tema e aumentar a participação de cada grupo. No final de contas, sem contar as intervenções, as, os pedidos de esclarecimento, nem 10 minutos cada aluno falou. Nem, se calhar nem 5! Quando ele contou 3 depois deu mais 2, salvo erro foi assim.</p> <p>E – São 3, mais 2? E depois no fim há a possibilidade de fazer um bocadinho, de repescar as propostas, não é?</p> <p>D – Sim, sim, sim. Pronto, nem 10 minutos [riso]</p> <p>E – provavelmente, esta ideia que tu trazes de haver uma AE que possa depois, então, integrar a AMJ, já permitiria alargar também esse tempo?</p> <p>D – Sim, porque também é complicado trazer-se ideias da AE para depois discutirem, ou seja, defendidas pela escola, para uma Assembleia Municipal, ou Jovem, juntamente com outras escolas. É complicado porque, a partir do momento em que se tem um espaço limitado, não podem ir 900 alunos dar ideias, quase todas diferentes. É complicado. Seria se calhar interessante criar alguns grupos, a escola em vez de escolher os representantes da AJ, criar os grupos, abria um grupo de 5 pessoas para criar ideias e problemas e no final, passado um mês ou outro tempo, reuniam em AE a defender essas ideias. Seria quase um círculo eleitoral [riso].</p> <p>E – Mas mais pequeno aí, para depois então passar para a AMJ?</p> <p>D – Exato.</p> <p>E – Hum, uma das ideias que está por trás, digamos assim, deste vosso processo, de participar nas AMJ, no fundo é esta premissa de que os jovens têm visões do mundo que são, que vos são particulares. Que dizem respeito à maneira como vocês estão na sociedade. Tu achas que as vossas visões são visões que valha a pena ouvir, e debater? E porquê? Porque é que achas que essas ideias devem ser debatidas?</p> <p>D – São importantes porque há uma coisa que é, que me faz alguma confusão, é os jovens, hum, os jovens em geral, não têm um local de participação, não dão as</p>	<p>B6</p> <p>B6 C3</p>
--	----------------------------

<p>suas ideias! Não é só os jovens. Nenhuma população consegue dar as suas ideias. Principalmente os jovens, porque os jovens são, é o presente, e principalmente o futuro. Se calhar as ideias que os jovens têm para melhorar hoje, mudam também o futuro e garantem, e melhoram! O futuro de toda a cidade. Hum... acho que agora, os jovens, não conseguem, não conseguem, são importantes que eles participem, mas é complicado, porque associações juvenis aqui em Aveiro, com jovens, funciona um bocado mal, e não tenho a perceção de associações que representem um grande número de jovens de Aveiro, que tenham nelas, inseridas várias opiniões, opiniões diferentes, de várias faixas etárias. Isso não acontece em Aveiro.</p>	C1
<p>E – Portanto, se tu tiveres uma opinião de alguma coisa, vamos imaginar na tua cidade, que tu achas que é importante discutir, aliás vocês que em algumas dessas situações, e nós vamos falar sobre elas, se tu tiveres que passar essas opiniões a alguém como é que tu fazes? Não havendo esses espaços?</p>	
<p>D – é complicado, hum. Eu, pessoalmente, como sempre fui um bocado à vontade com a informática, tenho um blogue, e algumas vezes coloco lá algumas ideias e até algumas críticas. Hum, mas é uma forma de participação muito pequena, porque isso não ..Dificilmente chegaria a um poder de decisão, de fazer isto ou fazer aquilo, de melhorar isto... Agora, não há... se calhar o único mecanismo que até agora há ou houve de participação, foi mesmo a AJ e eu referi isso na segunda. Que, até dei a ideia de que a Assembleia estava a ganhar em relação à Câmara no que toca à participação dos jovens. Eu acho que é importante, apostar neste aspeto que é os jovens darem as suas opiniões, darem as suas ideias, mas acima de tudo também dizerem se aquelas ideias são boas ou são más, se são raras, se têm benefícios ou se não têm. É importante para um jovem, quando está a dar uma ideia, ter a perceção do impacto da sua ideia. E isso não acontece e acho que deveria ser...</p>	C3
<p>E – e esse é o passo seguinte de que falavas no início não é? depois de ouvir, dar um passo em frente e de alguma maneira transformar isso em ações concretas?</p>	
<p>D – Sim.</p>	
<p>E – Tu estavas a falar nesta ideia de dizer, então agora vamos discutir e perceber o que é que se pode fazer e o que é que não se pode, no fundo, falas do que são processos de decisão e que é necessário tomar todos os dias, uma decisão política,</p>	C1

<p>numa câmara. Ao nível desses processos, por exemplo, tu consideras que daquilo que conheces de ti e dos jovens da tua geração, consideras que são um grupo que tem competências e que pode intervir neste tipo de processo? Mesmo que seja, como tu dizes, uma intervenção que tenha de ser discutida, mas consideras que essas competências existem?</p>	
<p>D – nos jovens? É óbvio que há jovens que não têm ou que não estão motivados para participar, mas há outros que até estão motivados e tentam participar e contribuem com as suas ideias. Agora, no geral, eu acho que é preciso é motivar os jovens a participar. Porque sem isso os jovens não vão participar e se não tiverem mecanismos para o fazerem, é de certeza absoluta que não o vão fazer. Porque, 3 alunos por escola é relativamente pouco para participar. Porque não há outro mecanismo em que os jovens possam entrar e dar as suas ideias.</p>	B1
<p>E – Hum, hum. Que tipo de mecanismos é que tu achas que (vamos inverter aqui se calhar um bocadinho), mas pegando no teu raciocínio, na ausência desses mecanismos e pensando nesta Assembleia que já é um mecanismo formal, que outro tipo de mecanismos – se é que já pensaste nisto – é que tu achas que poderiam então existir e que pudessem trazer outros jovens à participação?</p>	C2
<p>D – é assim, os outros mecanismos para envolver mais jovens, como já tinha referido, eram as AE. Acho que seria importante. Eu acho que acima de tudo – e uma coisa que não foi feita até agora – a avaliação do trabalho, dos temas que foram debatidos nas Assembleias. Fazer um grupo de trabalho, depois da Assembleia, acho que seria motivador para os alunos, que perderam tempo, dos tempos livres, para formar uma opinião e até se calhar já tinham algumas críticas pensadas, e ideias, que gostariam de ter dado há mais tempo e deram ali na Assembleia. E daí? O que é que surgiu? Têm de criar, para já, antes de tudo, depois da criação da AE, é o mecanismo que pegue nessas ideias e que as torne mais próximas da realidade e, eu por exemplo, posso ter dado alguma ideia que não, no pensamento, naquele caso era da Vereadora, que era descabido. E que se calhar não o disse por estar na Assembleia, mas se calhar num grupo de trabalho, alguém podia dizer que esta ideia custa isto e que nós só temos isto. Acho que isso seria importante.</p>	D2 D4
<p>E – encontrar um mecanismo que fosse intermédio, não é?</p> <p>D – sim, porque não vale a pena estar a chamar mais gente quando os que estão, os</p>	

<p>poucos que estão, não têm continuidade do seu trabalho. É muito frustrante quando se dá uma ideia, nem se diz se é bom se é mau. Eu tenho uma ideia para isto, para pegar numa coisa e pô-la ali porque funciona melhor, e não é dito se realmente ali fazia algum sentido...</p> <p>E – Tu achas que mesmo tendo em conta, por exemplo, esse nível de frustração, pelo que disseste e que é verdade não é? Quer dizer, eu investi tempo, investi energia, tenho milhares de ideias na minha cabeça e agora falta-me qualquer coisa a seguir a isto. Mesmo quando existe esse nível de frustração, hum, tu consideras que ainda assim, continua a ser importante teres um sítio onde essa opinião possa continuar a existir?</p> <p>D – sem dúvida! Pelo menos, garantir que se pode ali dar opinião. Foi pena, por exemplo, as propostas deveriam ter saído, acho que isso conseguia-se facilmente, sair na comunicação social, ou seja, este tema. Falaram do tema em geral e não se falarem das ideias que foram ali dadas. E se calhar se saísse na opinião pública, se saísse nos jornais, mais pessoas poderiam ter acesso àquelas ideias e se calhar até concordar com elas!</p> <p>E – Hum, hum. Fizeste referência a essas ideias e a essas propostas no teu blogue?</p> <p>D – Algumas. Algumas eu até tinha colocado lá antes da assembleia.</p> <p>E – portanto, era alguma coisa que tu já tinhas individualmente, também pensado?</p> <p>D – Sim, é óbvio que como eu sou também estudante de ensino secundário, é normal que eu tenha uma visão mais virada para a escola, já de algum tempo atrás. Questões de estudo, a abertura das cantinas ao fim de semana, que eu já defendi há algum tempo e que ainda não acontece. Eram ideias que eu já tinha! Também já fiz propostas para os temas da segunda assembleia que não sendo, não sei se foi alguém que propôs ou se foi da própria assembleia, de algum, técnico, eram temas que eu já teria pensado sobre alguma coisa.</p> <p>E – Hum, hum. Em relação aos adultos, no geral, e sem ser apenas os adultos da, aqui estamos a falar do poder local, que é a Câmara, mas nos adultos em geral, com quem os jovens convivem, quotidianamente, tu sentes que no geral os adultos estão disponíveis para ouvir aquilo que os jovens têm para dizer?</p> <p>D – ouvem com muita, com muita, com alguma desconfiança, pelo que eu entendo. Se eu for falar com alguém, por exemplo, se eu chegar aqui a um técnico que tenha decisão sobre, sobre bolsas de estudo, de criar bolsas de estudo. Se eu</p>	<p>B2</p> <p>D3</p> <p>C2</p>
---	-------------------------------

chegar aqui e dizer, é preciso bolsas de estudo e dizer o porquê, se calhar, se não me conhecer, não vai levar a ideia a sério. E se for alguém, se for outro técnico que até conhece de fora, ou outro jovem que conhece de fora, vai ouvir, e se calhar ouve de outra maneira. Se calhar não há uma abrangência total aos jovens, por exemplo, é provável que isto como é política, a Câmara é política, se calhar os jovens da juventude do partido que está lá na Câmara, se chegarem aqui com esta ideia aquilo é feito. A Assembleia Jovem foi uma ideia dos jovens que referi. Partiu daí.

E – Hum, hum. De uma juventude partidária?

D – Sim.

E – Eu achei que tivesse sido de jovens que tivessem sido...

D – Foi pedido de lá...

E – de escolas, não é? Hu, relativamente a esta participação na Assembleia, e tu já falaste um bocadinho disso, há aqui duas questões. Primeiro, o que é que tu esperavas, quando começaste a participar, nestas já participaste em duas, não é? E participaste com entusiasmo e motivação, até porque eram questões nas quais já tinhas pensado, hum, o que é que tu esperavas que acontecesse? Quais foram as tuas expectativas no início? E o que é que tu achas que, ainda assim, pode mudar com aquilo que vocês apresentaram? Se acha que há espaço para que estas questões, ou algumas destas questões, possam ser...?

D – Sim, uma coisa que eu pensei logo desde o início não era apresentar, não era criticar por criticar, e apresentar ideias que a meu ver fossem fiáveis. E que fossem diretas para ajudar a população. Para mim, estar a dar ideias de construir uma coisa li na rotunda, construir aquela ou outra ou uma estrada, para mim, não é comigo. Isso é mais para a parte social. Eu fiquei muito entusiasmado com o tema, que eu fui pegar, e até fui pesquisar e descobrir coisas que havia em Aveiro anteriormente, nem há muito tempo ou que não há pouco tempo acabaram e eu referi isso, e gostava que voltassem as boas práticas que eram feitas, que voltassem a ser implementadas. Principalmente com as ideias que eu dei e que outros jovens deram tenho a certeza que muitas delas podem, se calhar devem, ser aplicadas, ou... não sei, se calhar algumas custam obviamente dinheiro.

E – hum, tu neste momento, por aquilo que percebi também, tens pouca maneira de continuar a participar na Câmara, não é? Ou seja, tirando a assembleia jovem,

C3

C1

não existe nenhum outro mecanismo dentro da Câmara que te permitisse continuar essa participação, e continuar como tu dizes, chegar aqui e dizer que há ideias que eu quero discutir e eu discuto essas ideias? Pensando nesse tipo de instrumento, e pensando neste espaço, o que é que tu achas que poderia ser criado dentro da Câmara? Que estrutura é que tu achas, em termos de representação e participação jovem, que poderia existir aqui dentro?

D – talvez alguma plataforma? Alguma forma que os jovens talvez chegar aqui, “tenho esta proposta, esta ideia, o problema é este e a solução é esta”. E essa proposta ser alvo de análise e de resposta. Mas não pode ser uma coisa que demore meses! Se começar a demorar muito, os jovens deixam de contribuir com ideias, porque hoje em dia para alguém dar ideias, tem de fazer uma crítica no jornal para depois, como apareceu num jornal vai ser resolvido [tom irónico]. Isso aí acho que não pode acontecer.

E – Hum, hum. E pensando numa dessas estruturas, nesta plataforma, como é que achas que esta plataforma deveria funcionar? O que é tu vias como mais importante, além deste processo de tomada de decisão?

D – acho que... os jovens estão muito ligados à informática. A geração de hoje já nasce quase com um computador [riso]. Acho que começar com uma plataforma online e que as ideias sejam lá colocadas, e sejam públicas. Devidamente identificadas, de quem são. E se calhar poder ser alvo de comentário de outros visitantes. Vão lá deixar uma ideia, e está lá outra e até posso analisar e dar o meu feedback. Seria também importante que os jovens tivessem um sítio, até por exemplo na Casa Municipal da Juventude, ou noutra local, que chegasse com essa ideia e em vez de ser pela internet, apresentar lá a sua ideia e num dia apresentam, e se calhar passado x tempo, nesse mesmo dia, ir lá para receber a análise, digamos assim. Pode ser implementado, não pode ser, acontece isto se for feito...

E – E mesmo nessa discussão de uma análise de uma proposta, vamos imaginar... tu a dadas tantas referiste na Assembleia um projeto que era o projeto RIA, não é? Onde havia um Gabinete de Voluntariado que desenvolveu um projeto que consideravas que era importante e que entretanto terminou, e que consideras que deveria continuar? Vês a possibilidade de, por exemplo, através destas Casas Municipais da Juventude, haver grupos de jovens que possam participar das próprias equipas, ou seja, que uma parte dos jovens faça parte dessas equipas de

D2

até há alguns durante as férias, ultimamente...

E – Durante as férias escolares?

D – sim, durante as férias escolares que são importantes! Hum, não sabemos numa escola quantos alunos poderiam vir nessa, nos fins de semana almoçar. Em vez de abrirem todas as escolas abria-se só uma, que custaria muito menos e se calhar o público-alvo era muito maior. É óbvio que aí depois há o problema de quem mora mais longe, de quem mora mais perto consegue, quem mora mais longe não consegue, hum, isso também seriam fatores a serem avaliados.

E – mas era uma das tuas propostas. Em relação à questão da mobilidade, tu referiste uma coisa que é importante, que é o facto de, aliás isso foi referido por vários grupos, que é a questão dos transportes por um lado, e a questão da mobilidade, ou seja, por exemplo, o facto de não haver passeios que estejam devidamente adaptados nem edifícios que contemplem todas as pessoas, nem as crianças mais pequenas até pessoas com dificuldades em se movimentarem com cadeiras de rodas. O que é que achas que cabia à Câmara fazer a esse nível?

D – Não, antes de mais, eu falei desse tema mais por causa dos idosos que têm mobilidade reduzida, não são só os deficientes que precisam dos passeios rebaixados. Os idosos que têm a mobilidade mais reduzida certas dificuldades e basta um bocadinho do passeio não estar nivelado para poder estar em risco uma pessoa. Eu acho que foi curioso, porque nesse tempo, antes da assembleia, saiu uma notícia no jornal a dizer que Aveiro ia receber uma bandeira da mobilidade ou qualquer coisa do género, sobre os passeios rebaixados. E eu fiquei, fiquei um bocadinho triste porque o que está rebaixado, e deram o exemplo da colocação de uma rampa, ali perto das pontes, é só naquela zona! É só naquela zona, porque eu moro perto da minha escola e quem, se eu tivesse de cadeira de rodas, por exemplo, ir de minha casa para a minha escola eu não conseguia. Porque não há nenhum passeio naquela zona que esteja rebaixado.

E – Hum, hum. A outra questão que também foi levantada foi a questão dos transportes. Por um lado, o número de transportes, que disseram que não era suficiente, e por outro, dos horários. Isto para ti, aplica-se mais a quem, em particular? Aos jovens que vivem mais próximo do centro, que à partida usufruem mais da cidade, ou é uma questão que tu achas que se coloca mais aos jovens que vêm de escolas que são mais circulares em relação ao centro?

D – eu tenho, eu tenho uma ideia mais ou menos fundamentada sobre os transportes. Antes de se pedia mais transportes eu acho que têm de analisar se há ou não uma política de mobilidade na cidade. Se os jovens, jovens e trabalhadores, têm condições de em vez de levarem e trazer o seu carro para a cidade, virem gastar o dinheiro do parquímetro, teriam de vir num transporte e com horários compatíveis. É óbvio que não se pode agradar a todos, mas acho que podia ser feito mais. E os transportes, eu o que me refiro é às pessoas que moram na periferia da cidade e não no centro. No centro, as pessoas facilmente se deslocam a pé, mas há muitos que também vão de carro. Vou dar o exemplo de uma colega minha que mora na freguesia de Requeixo, tem um autocarro às 07 da manhã, tem um à 1 hora, e tem outro às 7, portanto para um lado e para o outro. E ela tem sérias dificuldades em estar, em ter de estar 5 horas em Aveiro, no centro de Aveiro, à espera das aulas que são à tarde e em que o horário da 1 hora não é compatível.

E – portanto ela tem de se levantar provavelmente às 6 da manhã para poder vir para as aulas à tarde?

D – para poder vir a aulas à tarde e mesmo se tiver de manhã ela tem de se levantar à mesma hora. Ou seja, acho que não há uma política de mobilidade, é óbvio que a Câmara pode dizer que não é sustentável levar um autocarro àquela freguesia, a x horas, porque não traz gente suficiente. Pode não ser viável! Eu concordo com isso. Mas se calhar, não seria mais barato tar a servir a população e se calhar mandar um táxi trazer cheio, mesmo com o de um bilhete pagava o táxi! Nem que seja por exemplo, de Requeixo para esse táxi levar daí até àquela paragem, onde tem mais horários e tem mais pessoas a andar de autocarro.

E – eu estava a pensar, tu estás a falar nas aulas, claro no vosso percurso durante a semana é muito importante em termos de transportes como é evidente, mas estavas a falar e eu estava a pensar numa outra situação, que tinha a ver com o vosso fim de semana. Eu lembro-me que quando tinha a vossa idade, ninguém tinha carro não é? portanto, tínhamos todos de nos safar ou a pé ou de autocarro ou andar às boleias o que era uma coisa complicada. E estava a pensar que, de facto, para quem vive perto do centro da cidade, mesmo à noite ou ao fim de semana é relativamente fácil, em termos de atividades de lazer, por exemplo, ou para a prática de desporto, essa questão da mobilidade também interfere.

D – sim, ao fim de semana é uma situação diferente. Porque os jovens, o principal objetivo é estudar. E uma política de mobilidade devia garantir que os jovens tivessem na escola boas condições, não é ir para a escola todos enlatados num autocarro cheio logo às 8 da manhã para as aulas! O fim de semana é uma situação diferente, porque eu também tive algum tempo a morar fora da cidade e usava frequentemente o transporte público. Ao fim de semana anda menos gente, eu não sei, ao fim de semana é complicado aperceber-me se é por haver pouco transporte, por haver um horário reduzido ou se é mesmo porque as pessoas não têm necessidade de se deslocar ao centro da cidade ao fim de semana. É mais importante terem de vir, é mais frequente terem de vir para trabalhar ou para estudar, do que vir para fazer compras. Para isso se calhar vão mais perto, têm mais perto de casa, outro comércio. Hã, a prática desportiva, se interfere a mobilidade? Eu acho que não. Ao fim de semana eu acho que o objetivo da empresa municipal não havia de ser dar resposta ao fim de semana. Principalmente, e era importante que colmatassem as dificuldades que existem durante a semana. Eu acho, eu ficava satisfeito se essas dificuldades fossem, pelo menos combatidas [riso]. Como é que se vai convencer uma pessoa que vai trabalhar às 8 e 30 a vir num autocarro que está cheio de alunos? É impossível! Ninguém, vai deixar o carro todos os dias e vir se calhar aos encontrões num autocarro? Se calhar a oferta não está a ser ajustada.

E – Ajustada àquilo que é necessário, não é? Outra questão que falaste, e creio até que, não tenho a certeza, mas creio que terás sido o único, a dadas tantas tavas a falar desta ideia de Aveiro ser uma cidade “amiga”, portanto tu puseste questões...em relação aos amigos dos idosos, de que já falaste, puseste a questão da mobilidade, e depois puseste a questão e deste inclusivamente um exemplo, que achei muito interessante, e que foi relativamente ao facto de que não percebias como é que uma cidade amiga das crianças, é uma cidade em que os parques infantis são parques quase ausentes, não é?

D – Exato!

E – E davas o exemplo do Museu. Do Museu da Ria? Ou do Museu de Aveiro?

D – Não, do Museu de Aveiro, que por trás tinha um parque infantil e que foi destruído totalmente. Isso aí para mim, chocou-me, porque eu quando era pequeno eu ia para lá.

C3

E – costumavas brincar lá?

D – quando era pequeno ia para lá e brincava lá. É óbvio que vejo o museu ser restruturado e é óbvio que sou a favor de o Museu tenha sido restruturado, mas havia ali muito espaço para construir um novo parque infantil. Os que há, em Aveiro, estão degradados. A maior parte deles estão degradados. Eu não consigo, eu não consigo identificar um que tenha sido alvo de manutenção e que esteja hoje impecável, se calhar para os próximos 6 meses. Não há!

E – O que quer dizer que isso, a mim levanta-me uma questão que é: não havendo sítio, tamos a falar de um sítio público, não é, na cidade, onde as crianças possam brincar especificamente, onde é que elas brincam, que espaço é que elas têm na cidade para brincar?

D – Sim, exato, no Rossio existia um parque também lá, em que estavam muitas crianças também para brincar, e depois houve uma reestruturação e agora aquilo está como está, se calhar tem melhor qualidade mas as pessoas não têm... está um bocado num sítio um bocado diferente dos outros, que é mesmo um jardim para receber as pessoas aos fins de semana, para passear, para lazer, e se calhar a manutenção desse jardim, desse parque, devia de ser feita de outra forma e se calhar, ou maior e melhor. Um parque central, mais central, em frente à Vera Cruz.

E – Onde deveria haver esse espaço não é? Sendo central, faria sentido que esse espaço existisse...

C1

D – um bom parque.

E – Hum. Em relação à ideia que foi dada também, uma das questões que foi colocada foi a de maioria dos alunos considerar que a relação entre as escolas é uma relação fraca, ou seja, que deveria haver um sistema que permitisse que os alunos das diferentes escolas, não é, encontraram-se todos ali, provavelmente alguns de vocês viram-se pela primeira vez, e houve alguém que disse que seria interessante criar um sistema qualquer em que houvesse mais comunicação entre as escolas. O que é que achas que se poderia ganhar com isso?

D – eu acho que cada escola tem a sua realidade. Eu posso falar do que está à volta da minha escola, dos passeios que não estão rebaixados, das acessibilidades públicas que não estão devidamente feitas, e outra escola se calhar tem tudo direito e eu vou fazer uma crítica sobre isto e a outra escola vai-me dizer: não, não, mas

aminha está bem! Não se vai fazer isso, não é?

E – Hum, hum, tentar encontrar questões mais comuns e que vocês possam todos partilhar, não é?

D – exato. Por exemplo falar com outras escolas, não sealaria de realidades da minha escola, nem de outras escolas, mas seria falar da cidade toda. Por exemplo, debateu-se na segunda assembleia, falou-se de um skatepark. Que é para todos os jovens!

E – Hum, e que as crianças do 1º e 2º ciclo também falaram, curiosamente...

D – Também falaram...

E – falaram da necessidade, até te posso dizer, porque tenho aqui a síntese, elas falaram, pediram parques com animais, não só com brinquedos, mas com animais também, porque achavam que era importante, e pediram mais piscinas ou melhoria das piscinas e pediram um skatepark, precisamente.

D – Não, também na segunda assembleia se falou das piscinas, porque falaram das piscinas, e das piscinas que não há piscinas municipais em Aveiro, porque toda a gente sabe como é que elas estão e de quem são e que estão ao abandono. Eu se quiser praticar natação na piscina municipal não posso, tenho de ir a um clube para realizar esse desporto.

E – E o skatepark? Onde é que farias um skatepark. Ou, não havendo um skate park, antes disso, onde é que os jovens que queiram praticar skate, praticam skate?

D – praticam muito, e eu passo frequentemente à frente da Sé, perto do Museu, e então aquilo a passar, e até perto da estrada, alguns ate caem para cima da estrada, e eu acho que é perigoso, desde muito tempo que vejo isso. Hã, e faz-me confusão. Para que é que estão aqui? Há muitos anos que devia ter sido feito um Skate Park, porque quase que é ali no local, certamente haverá outros lugares onde eles se encontram e estão a praticar esta modalidade, mas praticar ali não só é um risco para quem passa, a pé, porque pode acontecer alguma coisa e ir contra as pessoas, e para eles próprios! Podem cair ali, e cair para a estrada e para os automobilistas que se calhar naquela zona veem que estão jovens ali a praticar skate e se calhar têm de ir mais devagar, ou se calhar estão distraídos e pode acontecer muita coisa. E tem de haver um sítio próprio onde eles possam estar à vontade, sem qualquer problema, e preocupações.

E – Quer para eles quer para os outros, não é?

<p>D – Ah, e eu defendi o local, que seria perto do IPJ, acompanhado por outra colega da José Estevão. Outros disseram que não, porque é que havia de ser só no centro de Aveiro e eu prefiro fazer uma coisa no centro onde vai, podem ir mil pessoas do que num sítio onde estão lá cem. É o que eu defendo, custo-benefício. Eu achava bem ali ao pé do IPJ, que é um local que à volta não em grande coisa, hã, seria bom implementar aí. Hã, pelo que sei vai ser construído um mais campo de ténis e futebol, perto de, vai ser o Parque dos Amores, ao pé da Fonte dos Amores, e eu não sei se isso vai ser feito, que isto hoje... [riso].</p> <p>E – Hã, havendo esta possibilidade de haver um Skate Park, e de facto neste momento não se sabe muito bem o que é que avança e não avança, este Skate park para ti fazia sentido que esta discussão, e a própria, vamos imaginar, a conceção do Skate Park, fosse feita juntamente convosco?</p> <p>D – sim.</p> <p>E – Eu estou a pensar neste princípio: à partida quem vai andar no Skate park...</p> <p>D – São jovens.</p> <p>E – São jovens. Crianças, algumas mais pequenas ou mais velhas, e jovens maioritariamente. Achas que se eles fossem chamados a participar, hum, num qualquer projeto, num grupo de trabalho como tu dizias, para desenhar um Skate Park, achas que isso seria um processo interessante?</p> <p>D – sim, para desenvolver, para desenvolver o SP, se calhar os jovens que praticam Skate sabem muito melhor do que um jovem que não pratica ou que um técnico, ou que um político [riso] do que necessita, das infraestruturas que necessita. Em vez de ter, como é que se... o ângulo das rampas, as rampas, e outras coisas, não sei. Não sei se eles usam ferros, ou o que usam. Se calhar têm essa realidade dentro de si. Eles se calhar usam uma escada, exatamente a pensar que aquilo é outra coisa! Para estarem entretidos. É importante que os jovens participem para contribuírem com essas ideias, e acima de tudo para saberem onde é que eles vão ser colocados. Porque estes equipamentos, se são para jovens, têm de ser colocados perto deles. E não serem colocados longe e que os faça demorar até lá chegar.</p> <p>E – e terem problemas em deslocar-se, não é?</p> <p>D – Exato.</p> <p>E – Hum, completares, assim... Tenho aqui três ideias, e antes de te dar estas</p>	<p>D4</p>
---	-----------

ideias finais, para tu completares, há algum outro? Isto foi aquela síntese que te disse que fiz, em particular às tuas questões também, alguma outra questão que tu consideres por exemplo, que a existirem estes grupos de trabalho tu aches que seja uma questão fundamental a incluir? Que seja necessária discussão em termos da cidade, e da melhoria da cidade?

D – eu perdi-me.

E – Estávamos a falar da mobilidade, da escola, dos passeios, etc. Se há outras questões que tu entendes que, imaginando que havia o tal grupo de trabalho, que tu aches para a melhoria da cidade, enquanto jovem, seriam fundamentais serem discutidas?

D – É assim, se me perguntarem a mim, das propostas que eu dei, qual seria a mais importante? Para mim, sem dúvida, seria as bolsas de estudo. Sem dúvida, porque Aveiro é uma cidade que tem uma Universidade. É uma cidade que sem jovens, não era uma cidade como é hoje. E eu acho que é impensável que uma cidade que é vizinha neste concelho tenha bolsas de estudo tanto para secundário como para ensino superior e a cidade que tem, que abriga esta Universidade, não tenha nada, esteja completamente desligada!

E – Estás-te a referir a qual?

D – à cidade de Ílhavo.

E – hum, hum, não sabia que eles tinham esse sistema. Bom, tenta-me completar estas frases ou questões. A primeira seria, Aveiro seria mais amiga dos jovens, se...

D – se realmente estivesse preocupada com os seus problemas.

E – Achas que não está, portanto?

D – Eu acho que não porque não é... vamos lá a ver, a questão dos jovens. Qual foi o mecanismo que a Câmara criou até agora? Nenhum. Foi a Assembleia Municipal, a Mesa da Assembleia que criou a Assembleia Municipal Jovem, não foi a Câmara. Acho que devia ter sido a Câmara a lançar esta ideia e há outra coisa. Eu não tenho nada contra a Dr.^a Maria de ??? ir às Assembleias...

E – Não te preocupes com o que vais dizer... a ideia é mesmo recolher uma perspetiva mais crítica.

D – Exato, exato. Não não tenho nenhum problema! Mas a questão é que na primeira, li nas notícias que iria o Presidente da Câmara.

C3

C2

E – É verdade, pois ti referiste isso. Exatamente.

D – [risos]

E – e disseste outra coisa, mas essa vamos deixar para o fim, para finalizarmos. Tu a dadas tantas dizias que lamentavas que o Presidente da Câmara não estivesse e que vocês não tivessem sido avisados da ausência dele. O que é que isto reflete, para ti?

D – para mim senti, eu não sei como é que as notícias são formadas, se têm fonte fidedigna ou não, se foram devidamente informadas pela Mesa. Hã, quando eu soube pela notícia que o Presidente ia estar presente, eu senti realmente, bem, pelo menos alguma estão a fazer para ouvir os jovens! Eu pensei porque não se falava, não sabia quem ia se era a Dr.^a Maria de Jesus e o Dr. Hélio Maia, soube uns dias antes. Mas eu pensava que iria o presidente e nunca pensei na Dr.^a Maria de Jesus! Pensei no Dr. Pedro Correia. Que é o vereador da Educação, e salvo erro também, da Juventude. Por isso seria para mim a área mais indicada, o vereador mais indicado, mas sei que participou na da manhã e eu vi logo: não vem à da tarde! [riso]. E acho que devia ter dado algum, mais crédito a esta iniciativa.

E – pois, era isso que eu te ia perguntar. Tu achas que se o Presidente da Câmara estivesse presente, de alguma maneira, simbolicamente, isso daria mais importância ao momento que vocês estavam a participar?

D – Exato. E era bom que até comentasse as ideias. Porque é uma coisa que eu interesse-me, por assembleias e eu costumo ir a assembleias municipais dos adultos [riso] e costumo ver que ele não costuma falar assim muito, nem pergunta das ideias e das propostas e críticas que ouve, e não as comenta. Deixa sempre alguém que as comente por ele. E eu acho que isso aí seria pelo menos, para os jovens, dar uma palavrinha, e dar um sim ou não a esta ou aquela iniciativa.

E – E um contributo ao vosso debate também?

D – Exato! Mas gostei da participação, sinceramente gostei muito da participação da Dr.^a Maria de Jesus. Uma coisa que aconteceu na segunda, é que ela tinha dito na segunda era que ia enviar-nos o email com as informações e, pronto, com as ideias que tínhamos recolhido, se era para avançar ou não. E até à segunda não recebi nada, e até agora continuo sem receber.

E – e ainda não sabes quando é que vai ser a próxima? Para te poderes preparar?

D – exatamente.

B5

E – Hã, para ti, o maior entrave à participação dos jovens é...

D – um dos maiores entraves da participação dos jovens, hum, se calhar é a abertura que existe para ouvir os jovens.

E – Hum, hum.

D – se calhar a Câmara não tem, não é obrigação porque obrigação acho que todas têm, é a capacidade de ouvir os jovens. Eu dava aqui, deixava aqui a ideia de poder-se fazer o Gabinete de que se falava, para receber os jovens, ser criado nas Juntas de Freguesia. As Juntas de Freguesia é algo que está perto dos jovens, perto das pessoas, de toda a gente, e não só. Abrir se calhar as propostas também a pessoas menos jovens porque essas pessoas também têm ideias e gostam sempre de contribuir. Tem que haver uma abertura à população.

E – Portanto, tu achas também que, no que diz respeito à questão dos jovens, não é apenas importante que vocês discutam essas questões, mas que há opiniões e perspectivas que os adultos têm que possa ser interessante, no fundo, juntar às vossas?

D – Exato.

E – Criar aqui um modelo mais ou menos conjunto?

D – eu posso ter a ideia de criar um skatepark, e ao mesmo tempo estar uma pessoa de mais idade, com certas dificuldades e se calhar com uma proposta que melhoraria a vida a mais pessoas, a qualidade de vida, para mim do idoso, é tão importante como a qualidade de vida de um jovem, é mais importante. Para mim é mais importante que um idoso esteja ou o mais velho, esteja com uma boa qualidade de vida. Depois de tanto tempo a trabalhar, e depois saber que está a chegar ao fim da vida e não ter um acompanhamento, um acompanhamento mais perto, acho que para mim é complicado, eu estar uma ideia de um Skate Park estar a fechar os olhos àqueles problemas.

E – portanto, de alguma maneira, se calhar contrarias aquela, não sei, que as pessoas às vezes entendem que, as visões mais críticas desta participação, hum, as visões mais críticas vão dizendo por exemplo, que às vezes isto de envolver jovens é complicado porque os jovens tendem a ser demasiado centrados naquilo que são os seus próprios problemas, e portanto, a não terem em conta aquilo que possam ser as necessidades de outros grupos. Aquilo que eu ouvi da vossa assembleia foi, pelo contrário... é verdade que houve um conjunto de propostas que dizem

respeito às vossas realidades mas também houve e há, esta preocupação, vocês falaram nos sem-abrigo, falaram nos idosos, falaram nas pessoas com pouca mobilidade... portanto, contrariar também se calhar este tipo de ideia que estás a dar que pudesse ajudar a contrariar esta ideia de que os jovens por natureza demasiado centrados nas suas ideias.

D – mas eu não fico... eu não fico surpreendido por pensarem assim, porque muitos jovens pensam assim, realmente, pensam assim porque: o que é que as pessoas mais velhas fazem pelos jovens? O que é que é feito? Não sei se este pensamento é partilhado também pelo poder local, se eles sabem realmente o que é que os jovens necessitam. E depois quando ouvem os jovens é: ah, eles só querem saber das coisas para eles. Pois é, porque ninguém se preocupa com eles, é normal! Porque a participação no voto, no final, os jovens têm uma maior abstenção e as pessoas se calhar de mais idade são ouvidas, e são os problemas delas são combatidos, porque são aquelas que vão em maior número à mesa de voto [riso].

E – e depois com outro problema. Estamos a falar aqui de grupos de jovens em que muitos de vocês não votam, ainda...

D – Exato, mas não podem ser deixados de fora! É uma preocupação que eu tenho, é saber que as pessoas estão ali a contribuir com ideias e por serem jovens, as ideias vindas de jovens, não são aplicadas porque são: ah eles são jovens, não interessa, se não fizermos não dizem nada e também não votam! Isso preocupa-me, porque afinal estão aqui para fazer, para fazer uns favorzinhos e para ganhar no final do voto.

E – Portanto, achas que quando vocês se tornam mais velhos, ou dito de outra maneira, quando vocês ganham este direito ao voto, achas que aí são levados mais a sério? Por já terem, no fundo, um “dizer” direto? Ou voto aqui ou voto ali?

D – sem dúvida, sem dúvida, por exemplo aqui em Aveiro acho que não existe, aqui não encontro, mas posso dar esta possibilidade que é existir uma Associação de Jovens que englobe os jovens até aos 20 anos, e outra que englobe dos 20 aos 35. Se a dos 20 aos 35 tiver uma posição firme, com muitos sócios, certamente o problema dessa associação vai ser resolvido. Porque essa associação já tem membros dos 20 aos 35 que votam, e que se calhar se aquele problema não for resolvido vão votar noutro problema que prometa que vai resolver. E aquela até

aos 20, que representa jovens até aos 20 anos não tem os problemas resolvidos porquê? Porque são jovens. Acontece isto!

E – Tens mais alguma ideia final que gostasses de partilhar sobre esta questão da vossa participação? E que aches importante que fique registada para poder ser refletida pelas pessoas que possam tomar este tipo de decisões?

D – hum, eu acho que seria importante haver mais auscultação das pessoas, acho que seria, agora, que via ser até falado o Orçamento Participativo, debatido, fazer um OP diretamente, serem os jovens a fazê-lo. Quiçá serem as propostas debatidas na AMJ?

E – Por exemplo, o Skate Park, achas que era interessante ser debatido num OP?

D – Sim, nesse molde eu, é como lhe digo, a minha prioridade seria as bolsas de estudo, cantinas abertas e depois se calhar seria tudo junto, em igual modo, os equipamentos, hã, de lazer. Isso é mais virado para um público-alvo muito específico, e as bolsas de estudo são para quem não tem possibilidade de estudar, hum agora...

E – mas sentes que era importante que vocês neste OP por exemplo, ainda que pudéssemos estar a falar de um valor que nem sequer fosse muito elevado, mas achas que era importante que vocês pudessem ser chamados a ter uma parte desse orçamento onde pudessem discutir aquilo que fossem prioridades que consideram que são fundamentais para os jovens?

D – Exato. Podia ser feito se se partisse logo do início que havia X euros para uma proposta que saís de uma AMJ. Essa assembleia deveria ser feita em duas fases: numa primeira, para criar as ideias, e numa segunda para avaliar, E com este OP eu não quero ser muito sectário, mas seria importante fazer um OP para os alunos do 5º ao 9º, e depois apenas do secundário. São realidades um bocado diferentes. Eu por exemplo se participar este ano, tenho 19 anos e quase a fazer 20 e estou, pode estar ali um aluno do 7º ano que tem cerca de 12 anos. As realidades são completamente diferentes e as necessidades também.

E – Obrigada D.. Foi uma perspetiva muito interessante e muito rica e gostei muito que tenhas participado.

[No final da entrevista, o D. foi convidado a participar no workshop sobre a construção de um mapa e roteiro da cidade a partir das perspetivas das crianças e

<p>jovens. O pedido é que possam capturar imagens em telemóvel ou máquina digital de aspetos da cidade que gostam, que fazem parte do seu quotidiano e espaços e lugares que gostariam de modificar. A partir deste mapa, serão criadas soluções pelos jovens, para a conceção de uma cidade que seja mais amiga das crianças].</p>	
---	--

Transcrição entrevista participantes AMJ. EAM2

Data: 26 de Outubro de 2011

Duração aproximada da entrevista: 42 minutos

Estiveram presentes 5 alunos

A entrevista e respetivos objetivos bem como o tempo previsto de duração foram apresentados antes do início da mesma. As crianças participaram em AMJ no ano letivo anterior, pela escola de CACIA

A entrevista decorreu numa sala de trabalho da escola. Foi antecipadamente pedida autorização para gravação e transcrição da entrevista.

[no início da entrevista, cerca de 10 minutos da gravação não foram registadas por avaria no sistema de gravação. Seguem-se apontamentos introdutórios à entrevista, e consequente gravação]

<p>As crianças começaram por dizer que haviam gostado da participação na assembleia. As escolhas foram feitas dentro das respetivas turmas e entre todos os alunos. Ainda que considerem a eleição legítima os alunos sabem que isso não dá iguais oportunidades a todos em participarem, algo que consideram muito importante.</p>	<p>A1 A5</p>
<p>Gostaram de ser ouvidos e ter dado a sua opinião mas admitem que houve tempo para discussão e debate, aspeto que consideram ser o mais importante destas assembleias. Pensam que o tempo é curto, desajustado ao que querem dizer. Criticam atitudes dos adultos responsáveis, como atrasos, atender telemóvel, e olhar sempre para o relógio. Pensam que não foi dada devida importância, pois apenas um dos adultos da assembleia estava a tirar notas.</p>	<p>B2 B6</p>
<p>Pensam que foi muito bom terem partilhado esse espaço com outras crianças e jovens, e esse é um dos aspetos positivos. Algumas crianças gostaram de falar ao microfone, embora digam ter estado um pouco nervosos sobretudo na primeira parte da assembleia. Referem ainda ter tudo a ver com a percepção de que alguns alunos de outras escolas, que haviam já participado em assembleias anteriores conheciam melhor o modo como esta funcionava, permitindo-lhes maior à vontade na mesma.</p>	<p>B5 B5</p>
<p>E – eu faço o resumo, não se preocupem. Tu sentiste que esse tempo que houve, de debate, no fundo, que era vocês poderem voltar a pensar nas vossas coisas, e se alguém diz alguma coisa tu poderes pensar e poderes responder, gostarias por exemplo, que houvesse um tempo de debate diferente daquele que vocês tiveram?</p>	<p>B6</p>
<p>Rapariga (mais velha) – sim, porque é assim, no fundo nós apresentamos as nossas propostas e os outros, depois, pronto, carregam no microfone e dá para fazerem uma pergunta.</p>	<p>B6</p>
<p>E – hum, hum.</p>	
<p>Rapariga (mais velha) – e nós temos a possibilidade de responder, e ter a possibilidade de voltar a falar, só que já não temos oportunidade de voltar a responder. E acho que devíamos, não podemos falar diretamente para os outros, e isso também acho bem porque depois ia haver muita confusão,</p>	

<p>mas também devíamos tanto eles poderem fazer perguntas, mas nós também podermos responder a elas todas!</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>Rapaz 1 – e tempo para falar. Lá dizia três minutos para falar mas era três minutos que eles diziam. Mas eles, o senhor que tava no meio, dizia, hum, como é que ele dizia? Cuidado com o tempo que são só três minutos. E disse para aí três vezes no primeiro e essa pessoa fez 5, 6 minutos.</p> <p>E – Houve pessoas que ultrapassaram...</p> <p>Rapaz 1 – houve pessoas que ultrapassaram bastante esse tempo.</p> <p>Rapariga 2 (mais faladora) – e houve pessoas a que ele disse, acabou o tempo, acabou o tempo, passem a palavra. Eu acho que isso deviam deixar-nos falar tudo o que havia para dizer.</p> <p>Rapaz 1 - Ou tenho tempo ou não tenho tempo. É 2 minutos mas dão 6!</p>	B6
<p>Rapariga mais velha – é que às vezes, por exemplo, por exemplo, se fosse a maior parte das escolas terem todas 6 minutos era um bocado injusto.</p> <p>Por exemplo, se chegassem à nossa escola, três minutos e para, para, para!</p> <p>E – Hum, hum.</p> <p>Rapariga 2 – por isso é que acho que tem mais, para mim é mais justo não haver tempo, porque assim eles dizem tudo o que têm para dizer e, hum, para, digamos assim. Depois há escolas que ficam por dizer o que querem, e depois ficam sem dizer sem ter tempo para dizer as outras que têm para dizer. Nós tínhamos uma folha, e líamos o que estava lá.</p> <p>E – E esse tempo, o tempo de debate, que estavas a falar e que vocês estão a dizer também, de haver um tempo que é muito curto e ter havido alturas em que esse tempo nem sequer é igual para todos, não é? Hum, esse tempo de debate vocês consideram que era uma das partes mais importantes da Assembleia? Esse espaço, para se poder debater?</p>	B6
<p>Rapariga 1 – era porque nós também, ao estarmos a dar respostas, também estamos a procurar, temos aquela ideia, no fundo, que tem pés e cabeça, hã, que também sabíamos do que estávamos a falar e que se fosse, se nos perguntassem algo mais sobre aquela ideia que nós</p>	C3

<p>tínhamos, já tínhamos uma ideia mais ou menos fixa, já sabíamos mais ou menos o que queríamos.</p>	
<p>E – Hum, hum.</p>	
<p>Rapariga 1 – mas, eles faziam uma pergunta, nós respondíamos, eles voltavam a responder, e achava mal, porque nós não podíamos dar a nossa opinião depois do que eles tinham dito. E então, depois perguntavam se alguém tinha questões, levantavam todos a mão mas o que levantasse nem que fosse meio minuto mais tarde, já não podia voltar a, já não podia responder. Acho isso mal.</p>	B6
<p>E – Hum, hum.</p>	
<p>Rapariga 3 – o que ela está a dizer, por exemplo, houve uma vez que nos fizeram uma escola uma pergunta, e nós estávamos a responder e diziam ah já respondeu, e gora não pode. Ela como estava a dizer, isso, pronto, é um bocado... se nós queremos esclarecer bem eles não nos deviam cortar.</p>	B6
<p>Rapariga 1 – porque algumas das respostas que eles dão vai dar origem a outra questão. Há outros que querem colocar outra questão e é, esses não a podem colocar. O que também acaba por ser um bocado prejudicial.</p>	
<p>Rapariga 3 – as pessoas ficam na dúvida.</p>	
<p>E – ficas na dúvida sobre se a tua ideia é uma ideia que valia a pena?</p>	
<p>Rapariga 1 - que contribuía.</p>	
<p>Rapaz 1 – e houve escolas, que eu reparei nisso, hã, a escola tava a falar e de repente uma escola pediu para fazer uma pergunta. Fez a pergunta e a outra escola respondeu, e já não deixaram a outra escola acabar o que tinha dito.</p>	
<p>E – Hum, hum, é a questão de cortar a palavra...</p>	
<p>Rapariga 2 – é muita assim uma coisa... não sei...</p>	
<p>Rapaz 1 – não cortou a resposta à outra escola, Cortou foi o resto das ideias que a escola tinha.</p>	
<p>E – hum.</p>	
<p>Rapariga 2 – o que ele disse, e que eu estava a dizer [risos] foi que, da primeira vez fiz uma questão, e uma escola dizia uma ideia, e ele perguntava se alguém tinha questões. E uma escola fez, ele respondeu, e outra ficou outra vez na dúvida por causa desta resposta! E ele já não</p>	

<p>podia fazer outra, este, ele já não podia, as perguntas tinham de ser todas do princípio.</p> <p>Rapaz 1 – exatamente.</p> <p>Rapariga 2 – tinham de ser todas feitas do princípio. Depois já não podia haver mais.</p> <p>Rapariga 1 – e acho que está mal feito, porque eu já respondi e depois, pode haver outras escolas que queiram colocar outras questões e essa resposta dá origem a outra.</p> <p>E – Hum, hum. E esse tempo para vocês não existiu? Vocês sentiram, por exemplo, que estas regras de que vocês estão aqui a falar, sentiram, hã, que eram regras que eram muito rígidas? Que vocês acham que deviam ser um bocadinho mais flexíveis?</p> <p>Todos – Sim.</p> <p>Rapariga 1 – para nós...</p> <p>Rapaz 1 – porque eles estão sempre a avisar. 3 minutos, 3 minutos. Mas depois davam sempre mais dois minutos. Houve uns que demoraram cinco segundos, houve outros que demoraram 5 minutos. Ou é 3 minutos ou não é!</p> <p>Rapariga – eu, a questão do tempo, isso não discuto porque também é um bocado discutível, mas nas das questões e nas respostas, isso acho que havia de ser modificado.</p> <p>E – Hum, hum.</p> <p>Rapariga 2 – hum, acho que para nós, tipo, por exemplo, para os adultos, não é? acho bem que seja assim, mas por exemplo, para nós, que não estamos habituados a nada daquilo, acho que não deveria ser assim. Não deveria haver um limite de tempo. Há pessoas que escolhem a outra, porque nós devíamos ser como eles.</p> <p>E – e porque é que tu achas, hum, o que é que tu... essa é uma questão interessante, a que tu levantaste. Achas que, vocês sentem que o facto de haver estas iniciativas específicas para vocês, faz mais sentido? Ou faria sentido também haver outro tipo de experiências? A ideia é, o que tu sentiste, se eu percebi bem, foi que no fundo estavas lá enquanto criança, mas que na verdade a estrutura era como se vocês fossem adultos?</p>	<p>B6</p> <p>B6</p>
--	---------------------

<p>Rapaz 1 – era como se fosse grande.</p> <p>Rapariga 2 – eu acho que devia ser... hum... eu tenho. Eu acho que sim, que eles têm razão em porem nós como os adultos, embora sejamos crianças ou jovens. O que eu queria dizer é que se calhar podia ser [riso] aquilo do princípio, que disseram, o que é que mudaríamos? Eu acho que isso podia ser, a questão das perguntas. Podia ser para tudo, para os grandes e também para nós.</p>	C1
<p>Rapaz 1 – eu também acho a ideia da Assembleia uma ideia boa, porque eles às vezes fazem coisas para os jovens e que os jovens não... eu acho que eles nos deviam dar descontos porque nós não estamos habituados a nada daquilo. Eu não percebo nada daquilo! Eu às vezes vejo na TV e aquilo é uma confusão. Lá não podíamos fazer nada disso.</p> <p>E – Hum, olha, e esta ideia de, de, esta ideia de que vocês devem poder participar, porque há decisões que são tomadas pelos adultos, não é? e que vos dizem respeito, mas nas quais vocês normalmente não participa, também é uma das ideias fundamentais das assembleias. O que é que vocês acham que é assim tão diferente pelo facto de vocês serem crianças e jovens, na maneira como vocês veem as coisas?</p>	C2
<p>Rapariga 1 – eu acho que, por acaso, esta iniciativa, porque pronto, nós na nossa idade temos uma, como é que eu hei-de dizer? Uma visão diferente das coisas, dos adultos, e depois eles também têm uma visão diferente das coisas como nós as vemos. E acho que temos de ver um pouco dos dois lados. Porque nós podemos, como é que hei-de dizer? Hu, dar também a nossa opinião, mas os adultos também a opinião deles. E acho que se chegarmos todos a um acordo, também vai dar certo. E acho que também as nossas ideias também colaboram em alguma coisa.</p>	C1
<p>E – hum, hum.</p> <p>Rapariga 2 – hum, eles, pronto, como tratam de Aveiro, eles podiam por exemplo ir ver o que é que... como é que hei-de explicar? Por exemplo eu tive um concerto em Aveiro. Os da Câmara, por exemplo, que tratam de Aveiro, eles deviam andar a ver os acontecimentos que lá existem. Para, por exemplo, no Centro Cultural e de Congressos, tavam a ver qualquer coisa e qualquer coisa estragava-se, eles estavam lá e viram o</p>	C2

que aconteceu e iam reforçar, dar dinheiro, para a melhoria.

E –hum, hum.

Rapariga 2 – deviam ver aquilo que se passa em Aveiro.

E – estarem mais atentos? É isso que tu achas? E o que é que é assim tão diferente nas perspetivas que alguém da vossa idade tem, por exemplo, sobre a cidade, não é? o que é que é assim tão diferente das perspetivas que um adulto, por exemplo, tem?

Rapariga 1 – tem também a ver com as culturas. Tem a ver com a maneira como eles olham para um monumento, e têm ma visão diferente daquela que nós vemos. Porque nós olhamos para um monumento, neste momento, pronto, já damos um bocadinho mais de valor, porque também, já sabemos mais ou menos o significado e essas coisas todas. Só que, por exemplo, os mais novos, ainda mais novos, hã, olham para aquilo é como se fosse, como se não fosse nada. Preferem ir ao... por exemplo, um jogo.

Um jogo que tenha a ver com Aveiro, hã, num simples jogo, eles se calhar aprendem mais. Porque vão brincando com as culturas mas estão a aprender ao mesmo tempo. A maneira é mais ou menos isso. Os adultos, se calhar já têm uma maneira diferente de ver as coisas. Já gostam mais de ir a um Museu, já gostam e já sabem mais do que é que aconteceu. Por exemplo, em Cacia, tem lá vestígios dos romanos, nós por acaso já sabemos, já demos valor aí, mas se calhar eles [refere-se aos alunos mais novos presentes na Assembleia e na entrevista] como ainda não deram essas matérias não dão valor a isso.

Rapaz 1 – [sussurra] nós já demos...

Rapariga 1 – se calhar ainda não deste. Já iniciaste, mas não deste.

[risos]

E – e o... eu acho interessante o que vocês dizem, e é isso que está na origem de se pensar numa assembleia que seja um lugar, não é, onde vocês possam passar estas vossas ideias, passar estas experiências que são próprias das vossas culturas enquanto jovens e crianças. No geral, vocês sentem que os adultos valorizam, ou têm por hábito valorizar estas vossas perspetivas? As coisas que vocês pensam e as experiências que vocês têm?

C2

C2

<p>Rapaz 1 – humm...</p> <p>E – Achas que não?</p> <p>Rapaz 1 – só algumas coisas. Por exemplo, adultos, por exemplo, Presidente da Câmara, ele não nos conhece muito bem, já não dá valor às nossas experiências. Mas, por exemplo, uma mãe, ou um pai ou a família dão mais valor. Porque já nos conhecem, e sabem o que é que aquilo significa para nós.</p> <p>Rapariga 2 – Por exemplo, eu acho, quando eu fui lá, eu acho que eles não se interessaram muito por aquilo que nós dissemos, e quando nós íamos para lá, eu notava na cara do Presidente e eles tavam assim, ou a fazer tempo [riso]...</p> <p>E – estava distraído?</p>	C2
<p>Rapariga 2 – e depois eles, por exemplo, falavam connosco, do tema e muitas vezes, eh pá, acho que ele não se estava a interessar. Eu acho que ele, as nossas ideias acho que já eram muito repetidas...</p> <p>Rapaz 1 – é assim, as nossas ideias entraram por aqui e saíram por aqui [exemplifica a ideia de entrar por um ouvido e sair pelo outro].</p> <p>E – achas? Que entraram a 100 e saíram a 1000?</p> <p>Rapaz 1 – deve ser isso.</p>	C2
<p>Rapariga 1 – é assim, eu não me acredito muito, porque no fundo pode parecer uma coisa mas ser outra. Porque eles podem estar a ouvir-nos e estar com um ar ah tá a entrar por um lado e sair pelo outro. Mas no fundo, até está a ficar alguma coisa. E e chega a um momento, todos juntos, que até vão pensar naquilo que estivemos a dizer, e vão reunir as ideias, as propostas entre outras coisas que fizemos.</p> <p>E – Hum. Portanto, o que é que... neste momento, por exemplo, vocês participaram nas assembleias, discutiram e apresentaram propostas e o que é que gostariam que tivesse acontecido agora? No fundo, o que é que gostavam que tivesse acontecido depois de terem estado na assembleia? Com as propostas que vocês apresentaram?</p> <p>Rapaz 1 – posso dizer, da pergunta anterior?</p> <p>E – Hum, sim sim, diz!</p> <p>Rapariga 2 – se calhar ela tem razão, sim houve lá uma pessoa que estava</p>	C2

<p>cá em baixo, e acho que ela ouviu. Acho que ela se interessou, porque ela até falou connosco e disse-nos, falou connosco e parece que ouviu, parece que entendeu, ela estava a escrever lá em cima, havia um senhor que estava a escrever. E a expressão dele, era [risos] não sei! E estava sempre a olhar para o relógio [risos]. A sério, aquilo tava-me a meter muita impressão! Ele estava sempre a olhar para o relógio!! E...</p>	C2
<p>Rapaz 1 – ele era assim, olhava para o relógio...</p>	
<p>E – achas que estava com pressa?</p>	
<p>Rapariga 1 – mas isso acho que foi nos dois. Porque na nossa, de jovens, também se passou a mesma coisa. Fez o mesmo. Um deles, pelo que estão a dizer, acho que participou mais na nossa. No nosso, vá lá, ainda dizia: seguinte! Escola José Estevão. E já falava um pouco connosco [riso]. Mas, mas, a senhora que estava cá em baixo realmente falava connosco, colocava, perguntava realmente as nossas propostas, depois havia lá um senhor que recolhia as nossas propostas depois de nós assinarmos, com a escola e com isso tudo e acho que, pelo menos, reuniram as ideias e ficaram com as nossas propostas, que já não é mau!</p>	C1
<p>E – hum, hum.</p>	
<p>Rapariga 2 – pode repetir a pergunta?</p>	
<p>Rapaz 1 ou 2? – eu acho, nós fizemos a assembleia lá com 3 pessoas, não sei quem eram, e só jovens, eu acho por exemplo, que devíamos tirar umas escolas para outros dias, e também por lá alguns, outros deputados de outras coisas, para também ouvirem as nossas ideias.</p>	
<p>E – hum, hum. Achas que há outros adultos que deviam ter estado na assembleia para ouvirem aquilo que vocês disseram?</p>	
<p>Rapariga 1 – porque nem todos se calhar têm a mesma perspetiva de ...</p>	
<p>Rapariga 2 – era assim, tava uma pessoa a ocupar não sei quantas cadeiras lá em baixo...</p>	
<p>Rapariga 1 – é que de uma simples ideia depois podem formar-se várias. Vai-se acrescentando isto, vai-se acrescentando aquilo, e no fundo até pode dar uma boa ideia. E acho que sim...</p>	
<p>E – o que é que vocês estavam à espera que acontecesse depois de participarem. Vocês trabalharam, não é, para poderem apresentar as</p>	

vossas questões na assembleia, fizeram propostas e discutiram com os vossos colegas, neste caso foram vocês que foram apresentar, o que é que vocês esperavam que tivesse acontecido?

Rapariga 2 – é assim, eu não esperava muito. Eu falei, quando estávamos a seleccionar, hã, como a minha mãe trabalhar no hospital, ela disse que consecutivamente aquilo tava muito cheio ou havia listas de esperas, e eu dei uma sugestão em construírem ou aumentarem o hospital. Mas aí eu já previa que eles não iam fazer isso. Mas por exemplo, eu também dei uma opinião em relação aos barcos moliceiros, limpar a ria. Tiveram de cortar aquela coisinha [riso] para os barcos poderem passar pela ponte. Acho que isso tá mal, porque os barcos identificam Aveiro como os ovos-moles, e se eles pensassem um bocado podiam ter tratado da ria e não ter acontecido, porque não tem jeito nenhum tar os barcos...

E – eu lembro-me disso ter sido discutido na vossa assembleia, por acaso. Lembro-me da questão dos barcos.

Rapariga 2 – acho que é um sinal mesmo, porque realmente aquilo é o que representa. São os ovos-moles e os moliceiros. E tiveram de cortar...

Rapariga 1 – um monumento, digamos...

Rapariga 2 ou 3? – um bocado do moliceiro só para passarem por aquela ponte. Aquilo tava mesmo, cheinho de areia, quando fui andar de barco. Eles podiam limpar, porque se querem dar uma volta de visitantes, eu acho que eles não queriam que no meio da volta o barco parasse, não é [riso]. Por causa de areia. Se eles limpassem era muito mais fácil.

E – hum.

Rapariga 2 ou 3? – em vez de estarem a estragar a imagem.

E – Mas por exemplo, vocês falaram de propostas, das, por exemplo, do hospital e pensar, ah era uma proposta interessante, mas eu sabia mais ou menos que se calhar não era possível de fazer não é?

Rapariga 3 – mas eles, por exemplo, podiam pensar, hum, se uma pessoa da família deles tivesse um problema e se fosse muito preocupante, eles com certeza que não queriam que essa pessoa estivesse em lista de espera. Eles podiam, pelo menos, ou aumentar o hospital, ou...

Rapaz – criar uma clinica ajudante. Era mesmo assim, uma clinica que

estivesse lá perto para ajudar as outras pessoas.

Rapariga – por exemplo, um hospital público, as pessoas não têm possibilidade de ir a uma clínica privada.

Rapariga 2 - hã, houve lá umas questões em que o Presidente perguntava, hã, e o dinheiro? [riso] e o dinheiro? E o dinheiro? Eu já não me lembro...

Rapaz 1 – não era o Presidente era um rapaz da escola de Eixo, acho eu.

Rapariga 2 – não, mas depois ele também falou. Ele também falou. Oh pá, acho que poderia ser uma ideia para um debate, para um debate lá na assembleia. Poderia ser uma ideia.

E – portanto, ele estava preocupado com haver muitas propostas e haver pouco dinheiro para as propostas, é isso?

Rapariga 2 – eu gostei de uma expressão que um aluno usou [riso] hã, que foi engraçada até...

E – e o que é que ele disse?

Rapariga 2 – eu já não me lembro [riso] eu acho que ele, foi a ver com os políticos. Que alguém que pensasse, assim uma ideia mesmo, uma expressão...

Rapaz 1 – nem que toda a gente do concelho de Aveiro desse um bocadinho para ajudar.

Rapariga 1 – mas, aproveitando o que ela disse, é assim, a Ria de Aveiro é uma das maiores características de Aveiro! E acho que se é tão importante acho que devíamos cuidar mais, preservar mais da nossa ria. E então há, é assim, hã, eu vou a Aveiro, olho para a ria e não vejo assim grande gosto, porque tá tudo porco. E acho que é assim, os escuteiros, nós temos escuteiros em Aveiro e é assim, no fundo não é preciso pedir grande coisa, basta chegar, por exemplo, aquilo tá a ficar cheinho de musgo, tá a ficar tudo verde, e acho que as pessoas, tantas pessoas a Aveiro, vão dar passeios de barco, acho que até Aveiro fica mal visto nesse aspeto. E acho que devíamos tratar um pouco mais da nossa Ria.

Rapariga 2 – foi também ideia dela, a, aquela parte que eles dizem que é um museu? Está a ver? Pronto, o meu pai disse que foram só umas estacas que puseram ali e pintadas. Eu acho que podiam também se,

colocar, por exemplo, a placa que tá lá, ta acho que em português e noutra língua ou acho que só está em português. Podia estarem outras línguas, podia haver lá uma pessoa, podia haver assim uma pessoa, como nos moliceiros. Há que fala várias línguas e que está lá, ao lado como podem ver e acho que podiam se focar mais naquilo.

E – como se fosse um guia, não é?

Rapariga 2 – sim, um guia turístico.

Rapariga 1 – é como no museu de Santa Joana, hã, é assim, acho que aquilo também é um monumento importante que, por exemplo, os estrangeiros vêm visitar Aveiro e nem todas as pessoas sabem falar estrangeiro não é? mas acho que devia ter sempre lá um guia para também apresentar as obras, às pessoas e saber guiá-las.

Rapariga 3 – um guia turístico.

Rapaz 1 – Hã

Rapariga – Se Aveiro tem estas características tão importantes, acho que também temos de saber aproveitar. Eu muitas vezes fui ao museu e não estava lá ninguém... ia ver as salas, e não tinha ninguém para nos guiar.

E – hum, hum. Olha, e eu estava aqui a pensar, na vossa.. Diz, diz, ias dizer qualquer coisa...

Rapariga 3 – eles podiam pelo menos arranjar aquilo, porque aquilo não está bem visto porque parece que aquilo está a cair. Aquilo nem parece o museu da Troncalhada. Por exemplo, eu já fui lá, e aquilo, eles podiam pelo menos, em vez de nós andarmos na terra, não é? podiam cimentar, ou algo assim. E quando nós fomos para lá, eles pelo menos podiam tirar...

Rapariga 2 – eu não sei onde é, por isso...

E – olha, eu estava aqui a pensar porque, podes ligar agora com esta pergunta, que no fundo era, se vocês das propostas todas, já percebi que nem vocês estariam à espera que todas as propostas pudessem ser feitas. Mas daquelas que vocês acham que podiam ser feitas, vocês viram alguma dessas propostas ou foi-vos comunicado que alguma dessas propostas foi implementada?

Todos – Não.

D2

Rapaz 1 – hã, a mim.

Rapariga 3 – nós, pelo menos, eles começaram por falar sobre o que é que iam fazer, mas eu por enquanto ainda vi eles a fazerem nada.

Rapariga 2 – chegaram, o senhor cá em baixo chegou, nós chegamos a falar que eu me lembro, nós chegamos a falar para, ai! As ciclovias, por exemplo, para as bicicletas.

E – sim, para as bicicletas andarem, sim.

Rapariga 2 – eu acho que ele chegou a falar que estavam a ser feitos percursos e disse que iriam ser feitos e eu vi que estavam a ser feitos percursos para porem.

Rapaz 1 – na Torreira estão a ser feitos.

Rapariga 1 – e em Ílhavo também

Rapariga 2 – eles disseram que havia, mas em Aveiro, até agora, não vi nada. Se calhar requer tempo, não sei.

E – e vocês acham, por exemplo, hã, vocês sentiram, o facto de vocês terem ido à Am foi uma oportunidade que vocês tiveram de participação e de poderem expressar estas opiniões junto de quem normalmente decide estas coisas. Pelo menos em relação a Aveiro. Vocês gostariam ou acham que tê, oportunidades suficientes como esta, para poderem discutir as vossas questões e problemas, sentiriam necessidade de ter mais? Outras que não fossem só esta?

Rapaz 1 – eu acho que sim, eu acho que devíamos ter mais oportunidades, porque duas num ano, mais ou menos, acho que podia ser feita pelos mesmos...

E – não percebi...

Rapaz 1 – por exemplo, o ano tem 12 meses, em cada 3 meses faziam uma.

E – trimestralmente?

Rapaz 1 – Isso!

Rapariga 3 – eu acho que, por exemplo, como vão várias escolas, por exemplo, o presidente de Cacia ir lá ouvir a opinião dos nossos alunos. Por exemplo, Eixo ir lá ouvir as opiniões da escola de Eixo. Eles deviam, os presidentes...

<p>Agora, até já há estas assembleias e já vai havendo alguma coisa. Hã, mas acho que está muito melhor, e é assim, nós podemos dar as nossas opiniões mas também temos de ouvir as dos outros. Porque nós ao estarmos a ouvir as dos outros também ficamos com outras ideias e com outro pensamento, ficamos a ver as coisas de outra forma. Talvez totalmente diferente.</p>	
<p>E – hum, hum.</p>	
<p>Rapariga 1 – e talvez não se faça só, por exemplo, o parlamento, pronto a assembleia por exemplo, para os do 1º ciclo, para os de 2º ciclo, para os de 3º ciclo, mas talvez tudo junto como fizeram connosco e nós fizemos com o 3º ciclo, e outra acho que com escola secundária, e então acho que foi muito melhor, porque nós ficamos a perceber certas coisas na assembleia ate penso que estavam a falar da José Estevão, falaram muito bem, eu acho, hum, e ficamos a ver as coisas de uma maneira totalmente diferente. Acho que ficamos a perceber certas coisas e a dar valor a outras coisas.</p>	B5
<p>Rapariga 2 – eu, eu não sei, não tenho voto na matéria, mas acho que foi a primeira, se calhar posso estar totalmente errada, mas acho que foi a primeira vez em que nos deram assim, a palavra! Assim a palavra às escolas. Acho que sim, acho que foi.</p>	C1
<p>E – E tu sentiste que esse ter a palavra, para ti fez a diferença?</p>	
<p>Rapariga 2 – hã, nesse ponto fez a diferença, sim. Se calhar alguém sabia que nós também devíamos, que nós também éramos importantes. Nós somos a mesma pessoa, se calhar mais evoluídas, se calhar com a matéria mais na cabeça, mas somos os mesmos, ou com mais idade, mais velhos. Somos os mesmos.</p>	C1
<p>E – Olha, e em relação, e antes de irmos só para duas ou três ideias que vocês deram na assembleia, pensando noutra tipo de espaços, onde a possibilidade de as vossas vozes serem ouvidas, a possibilidade de vocês ajudarem a tomar determinado tipo de decisões em relação à cidade, ou mesmo em relação a outros assuntos que vos preocupam enquanto jovens e crianças, há algum tipo de espaço ou de iniciativa que gostassem que acontecessem, para além destas assembleias? Onde sentissem que era</p>	

<p>interessante vocês poderem participar? Têm alguma ideia diferente?</p> <p>Rapariga 3 – aqui na escola. Podia haver aqui na escola para outros alunos também participarem. Não serem sempre os mesmos.</p> <p>E – se a própria escola também organizasse este tipo de mecanismos na vossa participação? E mais, sem ser na escola?</p> <p>Rapariga 2 – para nos darem a palavra?</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>Rapariga 2 – [riso] eu vou-lhe dizer.</p> <p>E – como é que tu achas que isto poderia ser feito?</p> <p>[silêncio]</p> <p>E – assim de repente não te lembras de nada?</p> <p>Rapariga 2 – não, eu tive uma ideia, mas é assim uma coisa... assim meia, é uma tipo 3, 2 nem que seja uma vez por ano, nem que seja a nós! Mesmo a outras pessoas! Hum, não a nós como escolhidos, que viesse cá uma vez e que passasse na televisão, assim uma coisa pequenina, ideias dos alunos.</p> <p>E – achas que mais projeção nos media era importante, para ti? Para saber o que é que vocês pensam?</p> <p>Rapariga 2 – sim. No jornal ou uma coisa assim. Eu por acaso não fui ver, queria ter oportunidade de mostrar à minha mãe, mas foi passando. Não é uma coisa de passar no telejornal.</p> <p>Rapariga 1 – podia ser posto, noutros locais no fundo, outras pessoas podem ver e se calhar ter uma ideia completamente diferente umas das outras. Vai ver este e se calhar acha desinteressante mas vai ver outra, e se calhar acha totalmente interessante e até acrescenta outras coisas.</p> <p>Rapariga 3 – mas como ela estava a dizer de nós passarmos no telejornal, é assim eu acho isso bem. Além de estarem a mostrar a nossa iniciativa de, pronto, e de ver as sugestões dos alunos, não é, era uma maneira de verem que não são só os adultos que podem terem, pronto, acharem que sabem tudo.</p> <p>E – Hum, hum. Se vocês tivessem que dizer, se um adulto vos dissesse ah mas estas coisas são coisas das câmaras e das juntas de freguesia, e coisas assim, não são coisas para criança. O que é que vocês diziam?</p>	<p>D2</p> <p>D1</p>
---	---------------------

Rapaz 2 – eu acho que se a nossa assembleia fosse como os colegas disseram de projeção no telejornal, eu acho que políticos ou outras pessoas podiam ver e pensar, bem, eles não são como nós pensamos. Não percebem nada daquilo. Eles afinal até sabem o que é nós devemos melhorar e o que é que devemos deixar.

Rapariga 2 – eu só faria uma pergunta. Porquê?

E – [riso]

Rapariga 2 – porquê? Porque não?

Rapariga 1 – eu acho que é assim, todos nós temos o direito de falar e também temos o direito de falar mas também temos de saber ouvir. E acho que ao sabermos ouvir também aprendemos, se calhar mais do que até nós a falarmos. E acho que os adultos também não sabem tudo, também podem aprender, assim como nós também vamos aprender muita coisa. E acho que talvez uma reunião de ideias seja bom porque... são coisas completamente diferentes.

E – hum, vocês acham por exemplo, que fazia sentido, hum que nestes locais, que são estes locais que acabam por ser os centros, não é, de decisão, acham que fazia sentido haver, hum, locais ou espaços específicos para as crianças e para os jovens?

Rapaz 1 – eu acho uma boa ideia.

E – É? achavas boa ideia?

Rapaz 2 – mas tínhamos que, não só jovens. Também tínhamos que ter algum apoio de adultos para, por exemplo, os presidentes das Câmaras, das Freguesias...

E – Hum, hum.

Rapaz 2 – e dessas coisas todas, também tarem lá a ouvir as coisas, e verem se nós tamos a falar a verdade e melhorar aquele espaço.

E – hum, hum. Portanto, vocês e adultos, e que fossem adultos que pudessem contribuir para essa...

Rapariga 2 – mas acho que, não sempre os mesmos... podiam ser duas vezes os mesmos, mas dar a palavra a várias pessoas, para sentirem como é que é estarmos lá, várias pessoas.

Rapariga 1 – e podiam dar várias ideias completamente diferentes.

Rapaz 1 – não sei se são as pessoas da escola.

Rapariga 2 – Hum... não, de crianças, por exemplo, na nossa turma, fomos nós os dois do 5º A. Porque não seria do 5º C, duas vezes, ou duas vezes como nós, entendes?

Rapaz 1 – AH, isso, eu sei porque é que isso aconteceu!

E – querias alargar essas oportunidades a outras crianças?

Rapariga 2 – sim, acho que sim.

E – Olha, e passando assim para três ideias, porque vocês já foram falando das vossas propostas e daquilo que vocês gostariam de fazer. E nós depois vamos ter oportunidade nesta nossa atividade de aprofundar algumas delas, hã, ia deixar assim três frases e eu vou dizer uma de cada vez, que vão ficar com reticências no fim, para que vocês possam completar as ideias que acharem que são as ideias que exprimem melhor aquilo que vocês pensam. Hã, Aveiro seria uma cidade mais amiga das crianças e dos jovens se... acontecesse alguma coisa.

Rapaz 1 – se deixassem os jovens participar mais e dar ideias para conjugar com as deles para mudar Aveiro.

Rapariga 2 – se fizessem, por exemplo, iniciativas .

E – hum, hum, se promovessem mais iniciativas.

Rapariga 3 – sim, uma campanha, por exemplo, uma campanha.

Rapaz 1 – por exemplo, uma campanha ambiental, hum, para reciclar.

Rapariga 2 – por exemplo, na Gafanha, há lá sítios onde os pescadores vão lá e estava tudo muito sujo com maços de tabaco e acho q eu se houvesse uma campanha ambiental para todas as idades, e fizessem com que as pessoas não mandassem o lixo para o chão era melhor.

Rapaz 2 – muitas vezes fazem, fazem iniciativas de, de, por exemplo, como é que eu hei-de explicar? Iniciativas que só dão para os adultos. E iniciativas que muitas vezes não servem para nada! Podiam fazer iniciativas, não é que toda a gente goste, mas uma iniciativa ambiental como fizeram há dois anos, acho eu. O Limpa Portugal. Que dava para qualquer tipo de pessoa.

E – hum, hum.

Rapaz 2 – eram coisas não só para os adultos.

E – Hum, hum, a segunda frase, os jovens devem participar e as crianças porque...

Rapariga 3 – porque também têm ideias diferentes.

Rapaz 1 – pensam nas coisas de outra maneira.

E – hum, hum. A principal dificuldade para vocês participarem é?

Rapaz 2 – os adultos que não nos deixam.

Rapariga 2 – é ter 11 anos!

E – é teres 11 anos?

Rapariga 1 – é acho que é, não ter tanta matéria na minha cabeça.

Rapariga 3 – Acho que há coisas que não querem que as crianças façam e têm mania que nós não somos capazes de fazer aquilo que eles fazem, por exemplo. Olha andar a apanhar lixo, toda a gente pode fazer isso!

Rapariga 2 – e eu acho que cada vez mais as crianças estão mentalizadas para isso do que antes.

Rapaz 1 – hum, podia dizer a frase outra vez?

E – a principal dificuldade para a vossa participação é? há pouco disseste que eram os adultos não foi?

Rapariga 1 – eu acho que se calhar não são tanto os adultos porque é assim, alguns adultos se calhar até nos dão mais valor do que aquilo que nós pensamos.

Rapaz 1 – algumas.

Rapariga 1 – não é só em algumas, se calhar tu podes dar mais valor em algumas coisas e os adultos noutras. Se calhar tu tens uma maneira diferente de ver uma coisa e os adultos outras. Mas se calhar há algumas coisas em que vemos coisas completamente iguais. Por isso, nem tudo é diferente, e acho que também temos de saber respeitar isso.

Rapariga 3 – e conhecimento. Nós às vezes não sabemos que isto existe. E devia haver mais publicidade.

E – mais divulgação dessas iniciativas?

Rapariga 1 – e acho que é assim, às vezes organizam-se aquelas coisas em que vão fazer caminhadas, e vai abrir o museu não sei das quantas, pronto e aí, nessas coisas todas acho que também deviam falar mais sobre isso para nós, crianças, também sabermos. No fundo, sabermos mais do

que aquilo significa. Porque nós a partir do momento que sabemos o significado, se calhar damos mais valor às coisas.

Rapaz 1 – por exemplo, o vídeo foi transmitido via, via on... online. Mas nem toda a gente tem computador! Podia-se ter transmitido, por exemplo, naqueles canais que dão por aí, às vezes, e as pessoas andam a passar canais e se calhar veem e interessam-se.

E – E viam a vossa assembleia? A Adriana vai-vos fazer uma proposta decente, que eu espero que vocês agarrem.

[fim da entrevista e convite às crianças para participarem no workshop sobre mecanismos de participação e elaboração de propostas a apresentar à CMA.]

Transcrição entrevista participantes AMJ. EAM3.

Data: 28 setembro 2011

Duração aproximada da entrevista: 39 minutos

Alunos EB 2/3 castro matoso

A entrevista e respetivos objetivos bem como o tempo previsto de duração foram apresentados antes do início da mesma.

A entrevista decorreu na EB. Foi antecipadamente pedida autorização para gravação e transcrição da entrevista.

<p>E – as questões são questões que são colocadas e vocês podem responder ou não; podem querer discutir as ideias entre vocês ao mesmo tempo, e fazer de conta que eu não estou aqui, como vocês quiserem. Hã, e podem passar à frente questões que achem que não são interessantes ou que não tenham opinião. Bom, vocês participaram nesta assembleia que foi sobre as questões da participação, da cidadania e do voluntariado. Como é que tiveram conhecimento dessa assembleia? E com quem é que trabalharam? Foi com a professora Natália?</p>	<p>A1</p>
<p>Rapariga 1 - foi através dela que soubemos.</p>	
<p>E – exato.</p>	
<p>Rapariga 1 – a professora transmitiu-nos, e nós achamos uma boa ideia, e decidimos participar.</p>	<p>A5</p>
<p>E – hum, hum. E porque é que acharam que seria boa ideia?</p>	
<p>Rapariga 1 – porque acho que era uma boa maneira de nós nos incluirmos na nossa sociedade. Porque afinal de contas esta é a nossa cidade, e se nós queremos ter uma cidade ...</p>	
<p>Rapariga 2- deu-nos voz. Foi interessante porque nos deu voz.</p>	<p>C1</p>
<p>E – hum, hum.</p>	
<p>Rapariga 2 - Nós somos adolescentes, e não podemos chegar a qualquer lado e... quer dizer, nós podemos dar a nossa opinião, de várias maneiras, mas a assembleia, é claro que dá outro impulso, e nós podemos falar ali abertamente.</p>	<p>B2</p>
<p>E – hum, hum. Portanto, quando vos foi feito o desafio, vocês pensaram: este é um bom desafio.</p>	
<p>Rapaz 1 – sim não só por causa da cidade, mas também por sentirmos que podíamos falar, em público...</p>	
<p>E – ficaram nervosos?</p>	
<p>Todos – [risos] Sim, muito!</p>	
<p>E – ficaram?</p>	
<p>Rapariga 1 – muito.</p>	
<p>E – sentiram que era alguma coisa que tinha importância?</p>	

<p>Rapariga 2 – Sim, mesmo! [riso]</p> <p>E – e se fossem agora a outra? Já estavam prontíssimos?</p> <p>Rapariga 2 – sim, já tínhamos mais calo [risos]</p> <p>E – hã, o tema que vocês trabalharam era um tema que pretendia também perceber como é que vocês veem as questões da exclusão, da inclusão, e as questões do voluntariado não é?</p> <p>Jovens – Sim.</p> <p>E – como é que vocês viveram a experiência? Além de terem estado nervosos, o que é que acham que foi claramente positivo para vocês, e o que é não gostaram assim tanto?</p> <p>Rapariga 1 – é assim, eu não sei, mas eu vou falar por mim. Eu considero as coisas de diferentes maneiras. Nós, mesmo antes de entrar na assembleia, vimos um pedinte na rua. A comer um bolo e com a outra mão estendida. E isso foi uma imagem que me marcou muito. Já tenho visto vários, principalmente em Lisboa e isso, em sítios com mais afluência, mas gravou-me mais essa imagem porque eu ia debater isso. E foi, foi chocante.</p> <p>E – Hum. O que é que foi mais positivo para ti?</p> <p>Rapaz 1 (mais novo?) – foi ter conhecido outras pessoas. E falar de assuntos que nunca tinha falado, nem debatido com colegas, nem com os professores.</p> <p>E – Hum. Vocês sentiram que tiveram tempo suficiente para debater as ideias todas que tinham?</p> <p>Todos – sim, acho que sim. Mais ou menos.</p> <p>Rapaz 2 – nos programamos o tempo para dizer mais ou menos tudo.</p> <p>Rapariga 2 – e tivemos várias aulas, porque a professora facilitou-nos assim as aulas e foi muito mais fácil assim.</p> <p>E – portanto, tiveram tempo para se poderem preparar antes de ir?</p> <p>Rapariga 2 – sim, e a professora preparou-nos para onde nós íamos. E bem! [risos]</p> <p>E – uma das coisas que perguntávamos há pouco, e foi interessante uma das coisas de um dos jovens que participou disse que achava que tinha sido interessante participar porque era o único local onde havia um espaço para que a vossa voz existisse e fosse realmente ouvida. Vocês sentiram isso também?</p>	<p>B1</p> <p>A1</p>
---	---------------------

<p>Rapariga 2 – sim, sem dúvida.</p>	
<p>Rapaz 1 – sim, porque nós ao falarmos, estamos a tentar ajudar a cidade toda, não é?</p>	
<p>Rapariga 1 – falamos. Falamos e fomos ouvidos. Que também é importante. Se falarmos e aí então ninguém vos vai ouvir. Mas como estamos ali, numa coisa mais séria, com mais atenção, vão-nos dar ouvidos.</p>	C1
<p>E – Hum. Tu... portanto, vocês acham que há um conjunto de visões ou de ideias que vocês têm enquanto jovens, não é? A vossa idade, que vocês acham que vale a pena ouvir? Num sítio específico?</p>	
<p>Jovens – sim.</p>	
<p>E – E esse sítio que no vosso caso foi a assembleia jovem, tem alguma coisa, algum aspeto, que vocês gostassem de modificar? Por exemplo, na maneira como funciona. Alguma coisa que vocês achem que podia ser melhorada?</p>	C2
<p>Rapariga 2 – se dessem mais tempo [riso].</p>	
<p>Rapariga 1 – não, é assim, claro que nós estamos ali e não somos nenhuns profissionais, nem estudamos para fazer o que estamos lá a fazer. Mas, dar-nos ouvidos, é tão importante como dar ouvidos a um adulto.</p>	B6
<p>E – hum. E porque é que é tão importante?</p>	
<p>Rapariga 1 – porque nós também vivemos na cidade, também temos o nosso dia-a-dia, apesar de sermos estudantes e de não termos de pagar contas e coisas assim, nós também temos o nosso dia-a-dia. Os nossos problemas, e isso.</p>	
<p>E – Hum. Olha, e vocês estavam a falar, estavam agora a comparar-te aos adultos, não é, e no teu dia-a-dia, nesse dia-a-dia, vosso, enquanto alunos, enquanto adolescentes, vocês sentem que, na generalidade, os adultos com quem vocês convivem vos ouvem? Ou nem por isso?</p>	
<p>Rapaz 1 – os adultos nem sempre, dizem que são coisas que não têm pés nem cabeça. Os nossos colegas sim, os professores costumam-nos ouvir.</p>	
<p>Rapariga 1 – sim, por exemplo, professores que estão mais habituados a lidar com pessoas da nossa idade ouvem-nos mais, claro.</p>	
<p>Rapariga 2 – se vamos falar com um idoso, ou quê, aí num café, talvez não nos dê tanta atenção.</p>	
<p>Rapariga 1- mas isso depende de cada pessoa.</p>	

<p>E – hum. E tu achas que, na generalidade, o que é que as pessoas consideram mais válido? A opinião de alguém da tua idade ou de alguém mais crescido?</p> <p>Rapariga 2 – de alguém mais crescido. Porque tem mais experiência.</p> <p>E – achas que as pessoas mais crescidas têm mais experiência?</p> <p>Rapariga 1 – Claro! Mas nós vemos tanto como as outras pessoas.</p> <p>E – e achas, por exemplo, que as pessoas mais crescidas têm mais espaço para dizer coisas e para dar opiniões?</p> <p>Rapariga 1 – [risos] os adultos.</p> <p>Rapariga 2 – os adultos. Os adultos têm espaço para serem ouvidos, sem dúvida.</p> <p>E – no geral? Quando vocês foram para a assembleia, qual era assim a expectativa que tinham? O que é que acham que iria acontecer depois de participarem na assembleia? Deram um conjunto de opiniões, mostraram a vossa perspetiva. Depois disso, o que esperavam que acontecesse?</p> <p>Rapariga 1 – eu acho que nós tínhamos era, assim, uma esperança que as nossas ideias dessem em alguma coisa. Que não fosse só a aparência de estarmos ali e de sermos ouvidos, mas que ela desse em algo conclusivo, que nós pudéssemos ver.</p> <p>Rapariga 2 – Claro. Pelo menos pesamos na consciência [riso]. Eles ouviram-nos, e mesmo que não cumpram, sei lá, mesmo que não façam as nossas sugestões, quer dizer, nós fomos ouvidos, e pesamos lá na consciência. E isso foi muito importante.</p> <p>E – hum, hum. Portanto, mesmo que não acontecesse nada a partir daí, tu achavas que continuava a ser importante teres ido?</p> <p>Rapariga 1 – eu espero que aconteça alguma coisa, não é? Também não fui lá só para... mas, espero bem que as nossas propostas os persigam.</p> <p>Todos – [risos].</p> <p>E – que tenham pesadelos? [riso]</p> <p>Rapariga 2 – Não, mas sonhos, porque é assim, talvez aquelas propostas... há propostas que não tiveram nexos, mas aquelas baseadas em patrocínios, eles pensam, ah vocês não têm noção do complicado que é fazer. Movimentem-se, quer dizer!</p> <p>D.– sim, se for assim nunca vai dar resultado!</p>	C2
---	----

E – então, no fundo, vocês tinham alguma esperança que fossem lá, fossem ouvidos, tiveram a trabalhar as questões na escola com os professores, discutiram uma série de ideias, e gostariam que o passo seguinte fosse? Que alguma coisa acontecesse?

Estavas a falar desta ideia de que “ah, mas vocês não sabem como é que isso se faz”. Vocês acham que as competências ou as coisas que vocês sabem fazer, por exemplo, poderiam ser utilizadas pela Câmara, pelos órgãos de gestão da vossa cidade, para melhorar?

D. – Sim..

A.– sim, e até acho.. há projetos aí, feitos mesmo por crianças, claro, guiados por adultos, em que as crianças fazem coisas, por exemplo, desenhar, coisas que... embeleza a nossa cidade. Apesar de não ser, pronto, uma coisa super profissional nem nada, mas embeleza a nossa cidade e dá importância às crianças e aos jovens.

E – Hum, Daniela?

Daniela – sim eu concordo com a Adriana. Sim.

E – se agora te fosse lançado esse desafio, também. Agora vamos tentar pôr a mão na massa, não é? Movimentar-se, como estavas a dizer, vocês sentiam-se capazes de...

D. – Sim.

E – Iniciar um projeto dessa natureza?

Daniela – sim, com alguém que nos guiasse.

Adriana – eles que venham e que nos proponham, que nós aceitamos.

E – que vocês aceitam? Depois da assembleia, por exemplo, tiveram mais algum contacto, houve mais alguma forma vossa de participarem nestas questões que foram discutidas?

Adriana, Daniela – Não, acho que não.

E – Hum. Portanto, em termos da vossa participação, depois da assembleia, ela não teve, pelo menos ainda, algum tipo de continuidade?

Daniela – o que eu achei interessante de comparar, é que nós naquela assembleia conseguimos sempre ser mais organizados e menos ofensivos do que por exemplo, na Assembleia... hã.. no parlamento [risos]. Porque, quer dizer, são adultos, mas às vezes portam-se como...

C1

E – estás a falar da assembleia, de quando foram a Lisboa?

Adriana – não, nos não fomos a Lisboa, mas se compararmos com o que vemos, na RTP ou assim.

E – Ah! De veres as sessões da Assembleia mesmo, na TV? Achas que vocês se comportaram melhor?

Daniela, Adriana – Sim. [risos]

E – se vocês agora pudessem continuar a participar... imaginem, tiveram a assembleia jovem, aconteceu, discutiram, e agora se vos fosse proposto esse tal envolvimento, a vossa participação, como é que gostavam que isso acontecesse? O que é que gostavam que existisse para vocês poderem continuar?

Daniela – principalmente ideias. Tinha de haver alguém ou algo... não sei, alguma coisa que tivesse ideias para nós podermos concretizá-las. Boas ideias é o que se precisa.

E - o que é que é uma boa ideia?

Daniela – uma boa ideia é falar... por exemplo, aqueles edifícios velhos... Não querem fazer nada!

Diogo - está tudo a cair!

Daniela – sim, estão a ruir, e nós não vamos lá pôr aquilo abaixo, mas atirar tinta para lá, sei lá! Ficava mais engraçado!

E – alguém dizia, a dadas tantas, na vossa assembleia por causa disso, onde diziam que para recuperar os edifícios, uma das propostas que saiu era a de pedir às diferentes pessoas que tivessem os materiais e que cedessem esses materiais, e que depois os próprios jovens se poderiam envolver nesse processo de recuperação. Vocês estariam dispostos a participar numa coisa dessas?

Rapaz 1 – sim, e essas casas até podiam dar para estudantes que precisassem de um sítio para ficar.

E – Hum, que viessem para cá para a universidade estudar? E que não tenham sítio onde viver?

Diogo – Pois.

Daniela – sim, e quer dizer, ao menos dava-nos alguma experiência [riso].

E – Hum, hum, então achas que esta questão da participação quando são

<p>envolvidos, mesmo na vossa escola, isso é importante por também te dar experiência?</p> <p>Daniela – Sim. Dá-me uma visão mais ampla.</p> <p>E – do que aquela que tu tens agora? Aprendes coisas novas?</p> <p>Daniela – Sim.</p> <p>Adriana – Claro.</p> <p>E – bom, mas voltando à questão da assembleia, e eu sei que há quem tenha participado em mais que uma, mas pensando na assembleia sobre a questão da inclusão, houve alguns assuntos... hã... eu vou refrescar-vos a memória e vocês acrescentarão aqueles que, na vossa opinião, não estão aqui. Houve algumas temáticas que vocês levantaram entre as diferentes escolas, que me pareceram ser aquelas que vos preocupavam mais. E eu gostava que pudéssemos discutir algumas dessas temáticas e propostas muito concretas. Que dissessem, por exemplo, isto poderia ser resolvido daquela maneira ou daquela, ou então, há questões demasiado complicadas, porque podem existir, para serem resolvidas. Na outra parte, pensar como é que vocês, enquanto jovens gostavam de participar na resolução desses problemas, ou se são problemas nos quais não gostariam de ser envolvidos.</p> <p>Um dos problemas referidos foi a dos idosos, da terceira idade. Houve alunos que manifestaram a preocupação de vários idosos estarem sozinhos e não conseguirem realizar já algumas tarefas do quotidiano, por exemplo, ir ao supermercado, ir à farmácia.</p> <p>Adriana – Hum.</p> <p>E – uma das sugestões foi a criação de um grupo de Jovens voluntários.</p> <p>Adriana – é assim, nós somos adolescentes, talvez nós não tenhamos tanto tempo, mas nós saímos da escola e não dá trabalho nenhum, por exemplo, irmos a casa dos avós ou só para confirmar que está tudo bem. Porque se assim fosse, os acidentes não aconteciam, porque há idosos e que estão sozinhos em casa, fogem e depois nunca mais se sabe e vai-se lá a casa...</p> <p>Diogo – até os estudantes podiam ir para casa dos idosos, e habitarem, e ajudarem lá, fazer essas tarefas.</p> <p>E – e fazer companhia ali?</p> <p>Diogo – claro.</p>	<p>B2</p>
---	-----------

E – se tivessem de ser vocês a fazer um projeto para criar esse grupo, como é que vocês faziam? Quais eram aquelas coisas que tinham mesmo de acontecer para uma ideia destas poder ser posta em prática?

Daniela – chamar aí pessoas voluntárias e fazer cartazes, ficar bem apelativo e não fazer uma coisa demasiado extravagante. Ah estar três horas e agora vais ficar... Não, nada disso! É ver se eles estão bem. É só ter de carregar água daqui para ali. Coisas assim, simples.

E – dos jovens todos que vocês conhecem, achas que haveria muitos ou poucos disponíveis para participar neste projeto?

Daniela – bastantes.

E - os suficientes para vocês poderem pôr o projeto em marcha?

Jovens – sim

E – outro tema de que falaram, e eu não tenho sequer noção se isso é um problema muito grande ou não, daí perguntar-vos. Que foi o problema dos sem-abrigo. Vocês colocaram a questão de pessoas que vocês veem cada vez mais, referiram, um grupo, não sei se inclusivamente o vosso, que deu até o exemplo de quando se passa na estação de comboios de Aveiro à noite. Este problema para vocês é um problema sério? Que vos afeta? Acham que é importante resolver?

Daniela – sim, eu já ouvi falar de vários programas em marcha, não tanto em Aveiro, mais na Gafanha, e como é que hei-de dizer? Não garantem casa. Dão comida, dão mantas...

Diogo – muitas das vezes as pessoas também querem ajudar, e darem casas e isso, mas também muitas das vezes, os sem-abrigo não têm força de vontade.

E vão para casa e depois voltam, vão outra vez para a rua.

E – hum, hum.

Daniela – sim, eu não vou desanimar, mas nós ao levarmos a comida à estação, eles não vão movimentar-se para ir buscar comida.

E – hum, hum.

Daniela – eu acho que se nós tivermos a comida no centro de Aveiro, ou noutro sítio de Aveiro eles vão-se ter de movimentar. E depois talvez já não voltem [riso]. Ou seja, tem de haver um esforço de duas partes para haver equilíbrio.

E – mas se eles deixarem de estar na estação e forem para outro sítio, então aí ficam noutra sítio, não é?

Daniela – não.

E – e como é que se resolve o problema?

Daniela – pois, eles se não estiverem na estação não estão lá. Quer dizer, se eu fosse um sem-abrigo, eu provavelmente ia buscar alimento e logo a seguir ia ao café procurar uma coisa que me desse trabalho, nem que fosse para viver numa casita. Temos, os sem-abrigo têm de ter força de vontade.

Diogo – lá está muitas vezes eles não querem. E isso, se não querem, nós não podemos obrigar as pessoas a ir para uma casa.

E – hum, hum. Uma das ideias que nessa assembleia foi, pronto, falou-se na questão dos alimentos e da roupa, não é, e depois falou-se na construção de uma casa para os sem-abrigo. Hã, pensando em vocês, enquanto jovens, como é que vocês acham que podiam participar, por exemplo, ao tratar da existência de uma casa destinada a sem-abrigo?

Adriana/rapariga? – podíamos arranjar patrocínios, digamos assim, e já numa fase mais adiantada, para montar a casa com o essencial e tentar mobilizar-nos, lá está. Aproveitarmos nós os jovens e arranjarmos as coisas. Acho que isso era uma boa maneira de ajudar.

E – outra questão e que parece ser uma questão que todas as escolas vão mais ou menos dizendo, era o problema dos transportes, não é, um deles era ou aumentar o número de transportes, em particular em algumas freguesias mais distantes da cidade, ou então mudar alguns dos horários que existem, e que para algumas pessoas não são os melhores.

Adriana – hum, posso? É assim, por exemplo, nós vamos ao Porto ou a Lisboa, e aquilo lá há sempre autocarros a passar, é verdade, e aqui em Aveiro não é tanto assim. Enquanto no Porto passa de dez em dez minutos, ou qualquer coisa assim, demoraaaa [riso]. Normalmente é de uma hora e torna-se complicado. Mas também tento entender porque não é uma cidade tão longa assim.

E – hum, hum.

Adriana – claro que é complicado para as pessoas. Mas quer dizer, não dou total prioridade a esse assunto.

E – para ti não é um dos assuntos mais importantes em termos da vossa participação?

Adriana – é importante mas não tanto.

E – olha, e para vocês irem sair, por exemplo, aos fins-de-semana. Ainda há bocadinho dizia o Diogo... em particular ao fim-de-semana e para vocês poderem usufruir de uma série de coisas, vamos imaginar, que ficam mais perto do centro de Aveiro. De atividades de lazer. A questão dos transportes e da vossa mobilidade é importante? Ou vocês orientam o vosso fim-de-semana independentemente disso?

Daniela – [riso] eu para sair ao fim-de-semana tenho de pedir ao meu pai para me levar.

Adriana – mas por exemplo, se eu vou para um sítio onde várias colegas também vão, vamos todos no mesmo. É uma maneira de não gastar tanto.

E – e bicicleta quem anda?

Simão – eu às vezes vou, mas não vou muito longe.

E – ficas mais na zona que conheces melhor?

Simão – sim.

E – outra questão que vocês falaram e que levantaram foi o problema de não existirem suficientes passeios com as inclinações necessárias para as pessoas que têm mobilidade reduzida. Vocês levantaram também?

Jovens – não, nós não.

Daniela – eu não levantei esse assunto, porque efetivamente não tenho esses problemas mas não posso ficar indiferente, claro. Mas é assim, isto já não é a primeira vez que acontece estar uma senhora e dizer, precisa de ajuda? Ah, preciso de levantar dinheiro, por exemplo. Eu e o meu pai fazemos isso imensas vezes com um senhor que anda de cadeira de rodas, ali, e nós ajudamos, quer dizer, não tem problema

E – hum.

Daniela – as pessoas não podem é ser indiferentes. O problema talvez não esteja tanto nos passeios e nas rampas, mas sim na indiferença das pessoas.

Rapariga 3? – eu acho que não é bem assim, porque a minha rua tem uma ligeira inclinação e nós temos lá lotes, e os lotes têm passeios feitos pela junta e esses passeios estão assim, mesmo assim [ilustra a altura dos

passeios com as mãos], com grande altura. Uma pessoa de cadeira de rodas não se atreveria a andar ali. E isso é um grande problema. Nós já falamos e não podem resolver e já falamos mesmo com a junta e dizem que não podem fazer nada.

E – dizem que não podem fazer nada porquê? Percebeste qual era o motivo?

Rapariga – não, nunca soube, é claro que não fui eu, foi a minha mãe.

Simão – e muitas das vezes os passeios não estão nas melhores, têm buracos ou, e isso também devia ser arranjado.

E – ou às vezes podemos estar a pensar em crianças muito pequenas, por exemplo... outro problema que puseram, e aqui até foi uma questão que foi mais ou menos comum, quer aos mais pequenos que foram à assembleia dos mais pequeninos quer vocês, os mais velhos, que foi a existência de parques em Aveiro e a existência de parques infantis. Ou em sítios onde não há ou em sítios onde era necessário recuperá-los. Isso é uma coisa importante para a cidade, na vossa perspetiva?

Simão – acho que é, porque atrai, as pessoas conseguem andar mais e já sabem, que o filho quer andar ali mas não está em bom estado.

Daniela – claro que, mesmo infantil, há o Parque da Macaca, não é? Que é... mas de resto [riso] não me estou a lembrar assim de nenhum.

Rapariga 3 – parques Aveiro tem, mas quer dizer tem logo um ao pé do outro. Se calhar podia ter ali apenas um e ter outro noutra sítio. Mas concordo com o que o Simão disse, as pessoas gostam de andar nos parques, mas às vezes estão tão degradados, e depois os cães, e não sei quê, que deixam aquele cheiro.

E – outra questão que foi falada foram os parques, mesmo parques, sem serem parques infantis. Parques onde as pessoas se possam juntar ao fim-de-semana, onde as pessoas possam estar, um espaço verde não é?

Daniela – os parques são muito importantes principalmente para fazer a cidade respirar. Porque as cidades têm movimentos, têm poluição, e nós precisamos de respirar.

Simão – os parques muitas vezes estão muito sujos. Muitas das vezes o lixo fica lá, amontoa-se e fica degradado. Ninguém vai lá.

E – e vai-se degradando mais, não é Simão? Hum.

Simão – eu acho que devia haver uma limpeza, juntar, fazer um grupo, ou para limparem. Uma vez por mês, ou não sei.

Rapariga 3 – eu acho que a limpeza devia vir primeiro de quem usa, não é? Acho que as pessoas aveirenses não olham muito a isso. Algumas olham muito, mas outras não querem saber. E acho que primeiro, antes de se formar as equipas, deviam-se mobilizar as pessoas que usam o parque.

E – e como é que os jovens podem participar, por exemplo, nesta questão dos parques infantis? Na questão do parque? Como é que vocês podem contribuir ou como é que podem ter um papel ativo na resolução dessas questões?

Daniela – é assim, há gestos muito simples que poupam os parques. Nós deixamos cair qualquer coisa, lixo, nós apanhamos, não vamos deixar ficar lá. E algumas pessoas fazem isso mesmo, imensas vezes, mas isso degrada muito a imagem do parque e da cidade. As pessoas, individualmente, têm de ter consciência.

E – hum, hum. Que outras questões é que vocês levaram a esta assembleia e que para vocês continuam a ser questões importantes? Além destas, que outras questões é que discutiram?

Simão – as estradas. As estradas muitas vezes estão muito degradadas.

E – hum.

Simão – muitas vezes os carros vão a passar e estragam os carros e eu acho que as estradas deviam ser arrançadas.

E – hum, hum.

Simão – ali a estrada principal está em paralelo e depois abre toda, com buracos. Eu acho que essa estrada principalmente devia ser alcatroada.

E – porque é a estrada que faz logo a ligação direta a Aveiro não é?

Adriana – e passar ali todos os dias, nós tamos assim em paralelo e é um bocado chato, porque nós estamos no carro e é desconfortável. E a aparência, a aparência está horrível, quer dizer.

E – e é só ali numa parte, não é? Não é na estrada toda.

Adriana – é. Até no Alentejo há estradas mais alcatroadas do que aqui [risos]

E – outras questões além das estradas, que vocês tenham levado à assembleia?

Rapariga 3 – foi a limpeza da Ria, acho. Foi na segunda assembleia e foi uma questão que preocupou bastante, a limpeza da Ria. Porque a Ria está pouco apelativa. Para um passeio, digamos assim. Mas mesmo assim ainda há algum movimento. Se a Ria estivesse limpa era mais apelativa e iria trazer mais dinheiro.

E – trazer mais pessoas?

Rapariga 3 – e aumentar o turismo, e logo a Ria, que Aveiro é os ovos moles e a Ria não é? [riso]

E – é verdade sim! [riso]. É verdade que são duas imagens muito fortes de Aveiro.

Daniela – as pessoas que veem de longe, os turistas, chegam aqui e ficam, nós temos o hotel o Melia Ria e qualquer pessoa que venha quer ficar nesse hotel! [riso]. Porquê? É falado, está por cima da Ria, vê-se os moliceiros a passar, tem uma vista bonita.

E – o Caetano Veloso é um apaixonado pela cidade de Aveiro. Que já fez uma música que se chama a menina da Ria.

Daniela – ah isso não sabia.

E – ele fez uma música em que acho que foi num concerto e que ele fez uma adaptação. Hã, se vocês pudessem ter então estas participações mais activas, e se pudessem de facto ter esse tal espaço onde a vossa voz pudesse ser ouvida e as vossas ideias transmitidas, que outras ideias, em termos de cidade é que acham que seria importante que a Câmara soubesse?

[silêncio]

Daniela – bem o Teatro Aveirense. Nós na cidade praticamente temos a escola, depois temos a igreja, temos, quer dizer, um espaço tao produzido penso eu, nós temos ali escolas, igrejas, conventos, comércio, turismo, quer dizer é uma cidade repleta de, apela muito ao centro. Se um turista vem não sai do centro. Vai à praia, pronto, mas não sai do centro, porque tem um centro apelativo.

E – hum, e tem isso é verdade. Eu vou dar-vos três frases para vocês completarem com as ideias que vocês acham que são as que fazem mais sentido dentro daquilo que estivemos a discutir e dentro desta lógica de vocês começarem a ser envolvidos nestes processos de participação e nas

assembleias.

Aveiro, era uma cidade mais amiga dos jovens, se....

Adriana – se nos lançasse desafios.

E – para vocês, o maior entrave ou a maior dificuldade à participação dos jovens nestas coisas, é...

Daniela – é mesmo nós sermos jovens [risos]

Simão – não termos experiência.

E – ou de acharem como se dizia no início, que se valoriza “mais” a experiência que os adultos trazem para este tipo de coisas?

Jovens – sim.

E – e qual é a maior vantagem de ter jovens a participar?

Adriana – nós temos o espírito, e temos tempo livre, claro nós não temos, os adultos têm os seus trabalhos, e chegam cansados. Nós somos jovens, nós nunca estamos cansados! Nós temos energia!

[risos]

Simão – e podíamos dar mais de nós, lançar mais projetos, e fazer mais coisas para os jovens aproveitarem a cidade e assim.

E – tu achas, Simão, que há coisas que tu sabes fazer e que tinhas tempo, como vocês estão a dizer, para fazer, e que a Câmara se estivesse disponível ganhava?

Simão – sim, acho.

E – portanto, se a partir de agora a Câmara vos começar a lançar desafios, este grupo é um dos primeiros grupos que vai mobilizar mais gente?

Daniela – eu estou lá!

Adriana – assim que soubermos.

[No final da entrevista, as crianças foram convidadas a participar no workshop sobre a construção de um mapa e roteiro da cidade a partir das perspetivas das crianças e jovens. O pedido é que possam capturar imagens em telemóvel ou máquina digital de aspetos da cidade que gostam, que fazem parte do seu quotidiano e espaços e lugares que gostariam de modificar. A partir deste mapa, serão criadas soluções pelos jovens, para a conceção de uma cidade que seja mais amiga das crianças].

Transcrição entrevistas participantes AMJ. EAM4.

Data: 17 de Outubro de 2011

Duração aproximada da entrevista: 1 hora e 25 minutos

A entrevista e respetivos objetivos bem como o tempo previsto de duração foram apresentados antes do início da mesma. As crianças entrevistadas participaram nas assembleias Municipais Jovem, e que apresentaram sugestões relativas ao tema “Eu gosto do meu Município”

Na entrevista, um dos jovens, Gustavo, de 14 anos não pode estar presente na entrevista e pediu se a mãe poderia ir em seu lugar, para ter conhecimento do que iria suceder.

A entrevista decorreu na escola de Aradas. Foi antecipadamente pedida autorização para gravação e transcrição da entrevista.

E – isto vai ficar aqui, e fica então a gravação feita no computador, tá bem? Fica a gravar apenas o som. Pedia que se apresentassem, hã, os de 5º ano que são o antigo 4º e que participaram na Assembleia.

Pedro – hum, o meu nome é Pedro, tenho 10 anos.

E – E chega, Pedro [risos]. O Pedro, e mais?

Tomás – Eu chamo-me Tomás [apelido ocultado para garantia de confidencialidade dos dados], e também tenho 10 anos.

E – Muito bem.

Gabriela – eu chamo-me Gabriela, e vou fazer agora 10 anos.

E – Hum.

Carolina – eu sou a Carolina [apelido ocultado para garantia de confidencialidade dos dados] e tenho 10 anos.

João – eu sou o João [apelido ocultado para garantia de confidencialidade dos dados] e tenho 12 anos.

Francisca – eu sou a Francisca [apelido ocultado para garantia de confidencialidade dos dados] e tenho 13 anos.

E – hum, hum. E está cá a mãe do Gustavo que tem?

Mãe do Gustavo – eu sou a mãe do Gustavo e tenho 40 anos.

[risos]

E – e o Gustavo tem, neste momento, quantos?

Mãe do Gustavo – 14 anos.

E – 14, ok. Portanto, estava no ano passado no 8º, o Gustavo?

Mãe do Gustavo – Hum, hum.

E – Hum, nós estivemos a ver as vossas, as, a constituição da assembleia e estivemos a ver como é que ela funciona, e ela funcionou ou começou a funcionar, porque houve um grupo de gente da vossa idade que achou que, por alguma razão, os jovens e as crianças deveriam, tal como os adultos, poder participar numa destas sessões e serem ouvidos. Concordam com essa reivindicação? Acham que faz sentido.

Tomás – Sim.

E – Achas, Tomás? Porquê?

Tomás – porque acho que também temos direito de... sim, de experimentar...

C1

<p>fazer essas atividades. Eu acho que... tá bem.</p> <p>E – Achas que faz sentido? Pessoas da tua idade e pessoas mais velhas poderem estar numa assembleia? Hum. Quando vocês participaram nesta assembleia e o vosso tema foi a cidade, e eu tenho aqui algumas questões que vocês propuseram para depois discutirmos. Essa proposta foi-vos apresentada por quem e como é que foi feita? Quando esse convite apareceu, como é que ele apareceu?</p>	
<p>Pedro – nós, a nossa turma pelo menos, hum, nós falamos com a professora, ela deu-nos a novidade, hum, nós estivemos a discutir ideias, para sabermos quais eram as mais corretas, depois fizemos uma ata do que tivemos a falar, e foi isso que fizemos.</p>	A1
<p>E – Hum, hum. Depois na ata, organizaram a informação para levar para a assembleia?</p>	A5
<p>Pedro – Sim. As questões e as opiniões.</p>	
<p>Francisca – e depois estivemos a escolher os alunos que achávamos melhor para ir para assembleia, hum, os alunos que nós achávamos que eram capazes e escolhemos. [riso]</p>	
<p>E – como é que vocês chegaram à conclusão de que uns eram mais capazes do que outros? O que é que era importante para vocês, quando pensam na assembleia, e no trabalho que iam lá fazer, o que é que era importante?</p>	
<p>Carolina – hum era importante sabermos que, que... [silêncio]. Responsabilidade?</p>	A5
<p>E – Hum, ser responsável.</p>	
<p>Carolina – E.. saber o que é que vamos dizer...</p>	
<p>E – saberes comunicar as tuas ideias, não é?</p>	
<p>Carolina – sem brincadeiras [riso].</p>	
<p>E – hum, sem brincadeiras. E mais?</p>	
<p>Carolina – Sei lá! [risos]</p>	
<p>E – achas que é preciso ser-se sério para se estar numa Assembleia.</p>	
<p>Carolina – sim, acho que não é preciso ter-se falta de educação...</p>	
<p>Pedro – mas também não é preciso tar-se assim [faz cara de uma pessoa séria] muito sério!</p>	
<p>[risos]</p>	

<p>E – Podes estar com um ar mais ou menos descontraído?</p> <p>Pedro, carolina – sim.</p> <p>E – É? Olhem, o tema que vocês trabalharam foi o tema da cidade. Esse tema para vocês, foi um tema que fez sentido? Ou acham que haveria outros temas que vocês gostariam de ter discutido?</p> <p>João – Hã, o tema é bom porque é o sítio onde nós vivemos e falarmos sobre como nós gostávamos que a cidade fosse para nós.</p> <p>E – Hum, hum. E dentro dessa ideia da cidade, o que é que para vocês foi mais importante?</p> <p>Carolina – hum, as coisas que podíamos fazer.</p> <p>João – as coisas que podíamos mudar.</p> <p>Pedro – Hã... primeiro eu pensava na escola. Primeiro pensamos na escola, e só depois é que pensamos também lá fora.</p> <p>E – Hum, hum. Porque é que tu achas que pensaram primeiro na escola?</p> <p>Pedro – porque a escola não tem muitas condições para, para certas coisas.</p> <p>E – Hum, pois, esse foi um dos assuntos que vocês tocaram. E essas condições da escola, para vocês, são importantes?</p> <p>Pedro – sim, porque os nossos dias é na escola.</p> <p>E – e aquelas coisas que vocês acharam que foram menos positivas, ou que é que gostaram menos? Quais foram aquelas coisas que vocês realmente gostaram de terem estado na assembleia, e que acham que foram boas, e aquelas que acham que não correram assim tão bem e que gostavam de mudar? Coisas boas?</p> <p>Carolina – eu gostei de ter tido a oportunidade de ter ido. De ter conhecido aquele espaço, e de ter discutido assim umas ideias.</p> <p>E – Hum. Gabriela, para ti?</p> <p>Gabrrela – foi mais ou menos como a Carolina. Gostei de la estar e de conhecer o sítio. Acho que aquilo é bem organizado. Hum, gostei. E acho que é só.</p> <p>E – Tomás, coisas boas?</p> <p>Tomás – hã, gostei de debater as ideias, de participar, isto de estar naquele espaço, foi bom.</p> <p>Pedro – também acho a mesma coisa que o Tomás e que é sempre bom fazer</p>	<p>B5</p> <p>B5</p>
---	---------------------

<p>coisas novas, e também gostei!</p> <p>E – hum, coisas boas?</p> <p>João – eu concordo com o que eles disseram, estivemos lá e foi tudo bom. Porque tudo o que fizemos lá foi para melhorar. E acho que me deram uma oportunidade para ir, e eu fui, e dei as minhas ideias.</p> <p>E – hum. Coisas boas?</p> <p>Francisca – eu acho que foi bom darmos a nossa opinião e mostrarmos que aquilo que os adultos querem, nem sempre é o melhor. Acho que foi bom. Demos a nossa opinião e acho que podemos melhorar.</p> <p>E – vocês acham que os adultos sabem sempre o que é que é bom para vocês?</p> <p>Francisca – supostamente sim.</p> <p>E – e aqui vocês acham que estas oportunidades são boas para poderem contrariar essas ideias?</p> <p>Francisca – acho que sim.</p> <p>Pedro – algumas apoiamos, outras contrariamos.</p> <p>E – Hum. Então, há ideias dos adultos que fazem sentido e outras que mais ou menos.</p> <p>Pedro – há outras que, na nossa opinião, como ela disse, não nos agradam.</p> <p>E – outras que não gostas tanto. Então, essas, tu gostavas de poder mudar?</p> <p>Pedro – Depende! Em que tipo de cidade é que estava, não era? Por exemplo, em Aveiro, algumas são boas, mas há outras...que, pronto, não eram tão boas. [risos]</p> <p>E – nós vamos já discutir algumas dessas [riso]. E assim coisas menos positivas? Falaram de muitas coisas que acham que foram boas, na assembleia. Quais foram as coisas que vocês acharam que foram menos boas?</p> <p>João – uma coisa que eu não gostei assim muito foi.. nós, uma pessoa dava uma ideia e depois nós podíamos fazer-lhe perguntas. Só podíamos fazer uma, e acho que devíamos poder fazer debate, até podermos chegar a uma conclusão.</p> <p>Pedro – tentarem, tentarem arranjar tempo para isso. Para podermos debater.</p> <p>E – achas que precisavam de mais tempo?</p> <p>Pedro – se calhar precisava de mais um bocado.</p> <p>E – Hum, portanto se na próxima pudesses pedir ao presidente da assembleia</p>	<p>C1</p> <p>C2</p> <p>B6</p>
---	-------------------------------

alguma coisa, podias pedir-lhe, por exemplo, mais tempo?	
Pedro – sim.	B6
E – outra ideia que está por trás desta ida às assembleias, é que alguns adultos, pelo menos, pensam que vocês enquanto crianças, ou jovens, ou adolescentes, têm as vossas próprias ideias, não é, sobre o mundo, e que faz sentido ouvi-las. Porque é que vocês acham que essas ideias são importantes? Em que é que vocês acham que a vossa contribuição é importante?	
Carolina – porque ajudamos a desenvolver ajuda, em casos em que são precisos.	C2
Pedro – e, pronto, porque duas cabeças são melhores que uma!	
[risos]	
E – duas cabeças pensam melhor não é? E as vossas pensam bem, então, Pedro? [riso]. Mais?	
João – também porque dizem que as crianças são o futuro. Portanto temos de fazer agora, para quando formos maiores podermos melhorar para as crianças todas.	C2
[risos]	
E – vocês acham, por exemplo, que aprendem? Pegando no que estavas a dizer, que estas experiências fazem com que vocês aprendam coisas que são importantes? O que é que aprenderam com a ida à assembleia?	
Tomás – aprendi que há muita coisa para mudar.	B5
E – aprendeste que há muita coisa para mudar? Mais?	
Carolina – que nem tudo na nossa cidade é bom.	
Francisca – que há coisas que deviam ser preservadas, também.	
E – e que há coisas que deviam ser preservadas?	
Francisca – e aprendemos a ouvir a opinião das outras pessoas e que nem sempre é como aquilo que nós queríamos e pensamos.	
E – Hum, hum. Essa opinião das outras pessoas inclui a dos adultos?	
Francisca – Também. É importante para as crianças verem o ponto de vista delas. De crianças que não têm preocupações, mas que também querem ajudar.	C1
E – hum, hum. E vocês que os adultos, depois quando ouvem as coisas que, vocês disseram várias coisas, eu tenho algumas depois para discutir aqui, de	

<p>todas as coisas que vocês têm por hábito dizer, no vosso dia-a-dia, acham que os adultos costumam ouvir a sua voz? Ouvir aquilo que vocês dizem?</p> <p>Carolina – depende das coisas.</p> <p>Pedro – Pois, depende.</p> <p>Francisca – Pois.</p> <p>Gabriela – também depende das pessoas.</p> <p>João – eu acho que todos ouvem.</p> <p>E – achas que todos ouvem, mas que nem todos...</p> <p>Carolina – Participam.</p> <p>E – participam. E quais são os sítios em que vocês acham que ouvem mais?</p> <p>Gabriela – em casa.</p> <p>[risos]</p> <p>E – em casa. Por isso os pais, e a família?</p> <p>João – e na televisão.</p> <p>E – na TV? Achas que a televisão valoriza as vossas, sentes que valoriza as vossas perspetivas?</p> <p>João – às vezes, até em coisas que nós dissemos, só que depois nunca se vê nada.</p> <p>Carolina, Pedro – Pois!</p> <p>E – ou seja, achas que ouvem muito mas que depois fazem pouco?</p> <p>Pedro – depois não fazem nada.</p> <p>E – E pegando exatamente nisso que vocês estão a dizer, eu quase que nem preciso de vos fazer as perguntas [riso]. Porque vocês vão dizendo... o que é que vocês esperam, porque foram chamados a esta assembleia para poderem dar as vossas opiniões. E discutirem as ideias. O que é que vocês esperam que aconteça depois de irem à assembleia? O que é que gostavam que acontecesse?</p> <p>Gabriela – o que nós estivemos lá a debater [riso].</p> <p>João – sim, as coisas que nós dissemos lá.</p> <p>Pedro – e que concretizassem, as, pelo menos as coisas boas.</p> <p>Carolina – as mais importantes.</p> <p>Pedro – acrescentar as boas. E tirar as más. Primeiro, pôr só as boas.</p> <p>E – hum, hum. Pôr só coisas boas?</p>	<p>D1</p> <p>B1</p>
--	---------------------

<p>[risos]</p> <p>Pedro – depois vão tirando as outras [risos].</p> <p>Carolina – recuperar aquilo que está...</p> <p>João – perdido.</p> <p>E – e era possível fazer, por exemplo, todas as coisas como estavas a dizer?</p> <p>Pedro – Hum.</p> <p>E – se calhar não todas, mas quais?</p> <p>Francisca – as mais importantes.</p> <p>Carolina – não todas, mas...</p> <p>Francisca – eu acho que algumas ideias que nós demos eram possíveis e se calhar não as executaram por não haver oportunidades de não as fazer.</p> <p>E – hum, hum. Houve ideias mais importantes que outras? Ou eram todas importantes?</p> <p>Gabriela – é assim, eram todas importantes, mas se calhar umas que valorizam mais, assim mais que outras.</p> <p>João – e umas se calhar eram mesmo importantes. E eram possíveis de melhorar.</p> <p>Carolina – pois, umas eram mesmo necessárias.</p> <p>Francisca – e outras eram, um bónus, digamos assim.</p> <p>E – hum. E então se vocês, agora, tivessem que pensar em maneiras de fazer essas coisas todas, não é? e como já disseram que se calhar não era possível fazer todas, como é que escolhíamos aquelas que eram mais importantes?</p> <p>Pedro – dependendo.... Dependendo de tudo.</p> <p>Carolina – do que mais faltava.</p> <p>Pedro – o que mais as pessoas estavam revoltadas contra aquilo.</p> <p>Tomás – eu acho impossível.</p> <p>João – eu acho que primeiro tratávamos com as pessoas daqui, e depois com os turistas.</p> <p>E – achas que em Aveiro se preocupam demasiado com os turistas?</p> <p>João – eu acho que sim.</p> <p>E – e qual é a razão para isso?</p> <p>Tomás – mas também, mas também tem de haver um equilíbrio.</p> <p>Pedro – temos de pensar nos dois.</p>	C3
---	----

<p>Gabriela – eu também acho que há muito, animação para os turistas...</p> <p>Francisca – mas aqui os turistas são importantes para a estabilidade de Aveiro, é sempre bom ter visitantes.</p> <p>Pedro – Pois!</p> <p>E – porque traz dinheiro à cidade, não é?</p> <p>Francisca – além de trazer dinheiro também é sempre bom. É sempre bom.</p> <p>Tomás – e podem dar opiniões, também. Os turistas.</p> <p>E – achas que os turistas também devem dar opiniões sobre Aveiro? Sobre coisas a melhorar?</p> <p>Pedro – sim, porque eles têm boas no país deles.</p> <p>Carolina – do que eles têm lá a mais e nós temos a menos [riso]</p> <p>[risos]</p> <p>E – olhem, e imaginem que agora, como é que ... se vocês fossem chamados a participar nestas coisas, não é? de dizer, agora vamos tentar decidir o que vamos fazer? Como é que vocês gostavam de participar? Como é que vocês gostavam que isso acontecesse?</p> <p>João – eu acho que aquilo é um bocado formal [assembleia]. Porque as</p> <p>João – sim.</p> <p>Pedro – Pois.</p> <p>Gabriela – para estarmos mais descontraídos.</p> <p>Francisca – eu não concordo completamente. Acho que até podíamos estar numa postura mais descontraída, as ideias tinham de ser mais como esta. Mas se pudéssemos estar numa postura mais descontraída, acho que isso ia ajudar. Porque muitas das ideias que tínhamos para a cidade de Aveiro ainda iam aumentar mais. E as pessoas iam estar mais à vontade, para os habitantes saírem à rua.</p> <p>E – hum, hum. Portanto, vocês gostavam por exemplo, de voltar a ter assembleias, mas que fossem feitas de uma maneira diferente ou gostavam de ter um espaço mesmo diferente, sem ser o da assembleia?</p> <p>Francisca – o espaço da assembleia é bom. Tinha de ser o espaço da</p>	<p>B6</p> <p>D3</p>
---	---------------------

<p>assembleia e as pessoas não estarem lá muito direitinhas e tudo o mais. Os adultos e as outras pessoas podiam estar com ma postura mais descontraída.</p> <p>Carolina – porque ao fim e ao cabo, nós somos crianças, não somos adultos.</p> <p>E – E tu achas que foste tratada como adulto e não como criança?</p> <p>Carolina – em certa, em certos pontos de vista sim.</p> <p>Francisca – eu acho que podiam dar uma oportunidade assim mais descontraída.</p> <p>E – portanto, uma coisa que fosse menos formal e mais divertida? Diz?</p> <p>Tomás – não é bem para nós estarmos lá... não é para ser divertido. Mas não é a brincar, é falarmos, debatermos.</p> <p>Gabriela – estarmos descontraídos, a dizer...</p> <p>Pedro – sem termos aquele peso na consciência... [riso]</p> <p>[risos]</p> <p>E – sentiste alguma pressão, Pedro, na tua participação?</p> <p>Pedro – sim...</p> <p>E - sentiste o peso da responsabilidade?</p> <p>Pedro – às vezes, senti.</p> <p>E – e gostavas de ter assim mais relax? Assim uma coisa mais...</p> <p>Pedro – sim, pois.</p> <p>E – olha, na vossa assembleia vocês deram propostas que a vossa escola levou, depois daquela discussão que vocês tiveram. Hã, das propostas que fizeram, quais foram aquelas que para vocês eram as mais importantes? Na altura, do 4º ano ou do 7º ano? Quais foram as propostas mais importantes?</p> <p>João – eu acho que uma foi das casas da avenida, que estão todas sujas, todas verdes. Todas partidas.</p> <p>E – a questão dos edifícios?</p> <p>João – porque deviam arranjar, alguém.</p> <p>E – a questão da recuperação. Falas da zona do centro, não é?</p> <p>Pedro – e não só aí, nos arredores também. Porque os visitantes também gostam, alguns, de conhecer as aldeiazitas. As coisas típicas [riso]</p> <p>Francisca – e também a parte natural, o nosso parque natural, o ambiente. Está degradado. O sítio onde devíamos ter mais seres vivos e está miseravelmente degradado.</p>	<p>C1</p> <p>D2</p> <p>B6</p>
---	-------------------------------

Pedro – hum, hum, até nas salinas podiam...

E – Essa foi uma das propostas que vocês fizeram. Vocês tinham falado exatamente na criação de um parque, como se fosse, um parque da cidade que pudesse albergar animais.

Tomás – mais limpo.

Pedro – sim, era mais divertido para as pessoas estarem.

Carolina – eu acho que cá em Aveiro devia haver um espaço com um jardim, para, um espaço fechado, mas com um jardim enorme, para cães,....

E – uma quinta de animais?

[risos]

Pedro – mas, mas que não estivessem lá presos, que estivessem e pudessem sair.

João – mas há um problema, é que aqui em Aveiro não há espaço.

E – Pois, onde é que vocês fariam esse parque?

Francisca – eu acho que há vários espaços que estão utilizados por coisas que não... aquelas casas que estão a cair aos bocados ...

Pedro – podiam demoli-las e fazer aí outros espaços.

Gabriela – fazerem aí coisas interessantes

Tomás – em vez de reconstruirmos coisas, casas...

Pedro – bem, também precisamos de habitantes [riso]

Tomás – mas não precisamos, não é preciso exagerar.

Carolina – depois, se não fossem precisas para a nossa...

E – mais propostas? Essa foi uma das que vocês fizeram...fizeram outras, eu posso-vos lembrar se estiverem esquecidos...

Pedro – houve muitas escolas a reclamarem que não tinham aquecimento central e coisas desse género.

E – Pois foi. Foi isso e foi arranjar...

Gabriela – ciclovias.

E – os recreio, e... já vamos lá, já vamos lá! E os parques das crianças, não foi? Na escola?

Carolina, gabriela – sim, sim.

Pedro – pois, principalmente as crianças gostam de pronto, brincar.

Francisca – há umas escolas que estão mais preparadas que outras.

<p>Pedro – Pois!</p> <p>João – mas não falamos muito da nossa, a nossa até é muito boa.</p> <p>Pedro – Pois.</p> <p>E – houve algumas escolas que não falaram? E houve outras que puseram este problema do aquecimento, e de terem os recreios que não estavam, hum, bem estruturados ou bem conservados? Acho que até foi mais pela questão da conservação dos vossos recreios.</p> <p>Carolina – nós aqui temos sempre espaço para brincar.</p> <p>Francisca – e também acho que deveria haver mais segurança. Por exemplo, nós estamos aqui a falar do parque natural de Aveiro, muita gente gosta de frequentar o parque de Aveiro, e se tivesse melhores condições até a parte do desporto, que está, que está a cair praticamente, acho que podiam renovar aquilo, e também acho que podiam pôr lá um pouco de segurança, porque muitos pais não pensam assim, ah quero ir dar uma volta ao parque. Não, não tem segurança, não vão. E os pais, como é óbvio, não se sentem seguros lá. Aquilo está praticamente abandonado.</p> <p>Gabriela – e não tem lá segurança, não tem lá ninguém que...</p> <p>E – e as pessoas se calhar desistem porque sentem que não estão bem.</p> <p>carolina – já houve vários casos no parque, não é? E então as pessoas, a partir daí, reduzem as idas lá porque pensam que aquilo não tem segurança e ainda me vai acontecer alguma coisa a mim.</p> <p>Gabriela – acho que podiam fazer qualquer coisa lá, há tanta gente sem emprego, sem nada que fazer em casa. Podiam fazer segurança no jardim.</p> <p>Pedro – segurança no jardim, pronto. Metiam uma pessoa e já se sentiam mais seguros.</p> <p>Gabriela – achas que se as pessoas fossem mais envolvidas, esse sentimento também era um sentimento melhor?</p> <p>Pedro – pois. As pessoas ficavam, pronto, mais unidas. Mais...</p> <p>Tomás – com, sentiam-se mais...</p> <p>Gabriela – e ia aumentar também as visitas.</p> <p>Pedro – Pois. E não só dos habitantes mas também dos turistas. Que às vezes olham para aquelas coisas e...</p> <p>Francisca – as pessoas andam muito e pensam, que aspeto.</p>	C3
---	----

Pedro – que aspeto?

Tomás – têm ali um bocado de receio.

Carolina – eu acho que as pessoas andam a notar que o nosso ambiente cá fora, está, está muito poluído.

João – há pessoas que têm mesmo medo de sair à rua.

Pedro – pois, mas há pessoas que também têm doenças.

[risos]

Gabriela – isso é outra coisa Pedro!

E – há pessoas que têm limitações de saúde, não é?

Pedro – não, mas também há aquelas pessoas que, por exemplo, algumas pessoas que têm esquizofrenia, hum, se calhar têm mais receio. Por causa dessa doença.

E – hum, hum.

Pedro – não é tão fácil. Aquelas pessoas, por exemplo, que já foram assaltadas, se calhar têm mais receio.

Gabriela – de sair à rua.

Pedro – Pois.

E – como tiveram uma má experiência, então achas que não querem repetir? Outra questão que vocês falaram, se vocês se lembram, e houve aqui duas interessantes. Uma era essa que disseram ainda há pouco, de fazer mais circuitos para as bicicletas...

Tomás – eu acho que já andaram a fazer, acho que já vejo mais. Na Costa Nova, por exemplo.

Gabriela – mais ciclovias.

Pedro – mas isso aí é Ilhavo!

Tomás – ah, sim!

Gabriela – tu não pertences a Ílhavo, ou pertences?

Pedro – nós queremos em Aveiro.

E – olha, e onde é que tu construías mais ciclovias? Onde é que achas que elas fazem mesmo falta?

Carolina – São Jacinto.

E – São Jacinto. Mais? Na cidade?

Francisca – Na Avenida.

Pedro - sim, no centro, tem muitos turistas. E estão habituados a andar de bicicleta, a passear.

Carolina – Pois é.

Francisca – nós por exemplo temos a BUGA. E sítio para andar? Para utilizar a Buga? Não temos?

E – portanto, tens a bicicleta mas não tens as ciclovias?

Francisca – Pois.

Pedro, Tomás – No Forum!

Francisca – porque a BUGA é uma bicicleta de andar assim na no centro da cidade, para conhecer...

E – hum, hum.

Francisca – e que é típica daqui. Mas acho que podiam abrir ciclovias para as pessoas, além de...

Pedro - circularem.

Francisca – alargarem o gosto pelo ciclismo, e assim, também dava muito à cidade de Aveiro.

E – hum, hum.

Francisca – porque acho que a cidade de Aveiro é uma cidade bonita e não é para ser desperdiçada, não é?

E – e mais sítios? E aqui, onde é que punham ciclovias

Pedro – Aqui, em Aradas?

E – sim, aqui.

João – eu punha em todo o lado!

[risos]

E – punhas na freguesia toda?

Francisca – ao lado da estrada deveria haver, nem que fosse umas linhas marcadas.

Carolina – eu punha ali... ali ao pé daquela escola.

Francisca – das Leirinhas. Escola das Leirinhas.

Carolina – sim, eu acho que devíamos pôr aí algumas.

Tomás – naquela ou então naquela...

Pedro - e ao pé do Hospital.

Tomás – nas ruas principais. Onde há mais...

Gabriela – movimento. Mas isso é se calhar... um bocadinho mais perigoso...

Francisca – com as ciclovias não é perigoso, Gabriela...

Gabriela – sim, mas ele tava a dizer onde...

Tomás – onde há mais movimento é mais perigoso andar.

Gabriela – pois.

Tomás – sim, por exemplo, não há um sítio próprio, e então anda-se num sítio impróprio.

Pedro – pois, e depois há pessoas que são atropeladas e que ficam traumatizadas.

E – para quem anda nas bicicletas? Mas se houver por exemplo, mais vias só para as bicicletas, tu achas que o perigo era igual ou era menor?

Carolina, Tomás, Gabriela – era mais pequeno!

Pedro – era mais pequeno, porque tinham um sítio para as bicicletas e outro sítio para os carros.

Gabriela – imagina, eu sei que estamos a falar de Aveiro, mas na Barra, acho que está bem. Tem muitas ciclovias e lá nada muita gente de bicicleta, hã, e eu acho que está muito bem. Apesar de ser Ílhavo acho que está bem.

Francisca – e também no centro da cidade, com os passeios todos degradados, acho que também não chama tanto a atenção das pessoas

Pedro – pois, e há pessoas não têm carros, e que veem do estrangeiro...

Francisca – as pessoas olham para os passeios..

Pedro – e que não lhes apetece alugar carro! Apetece andar a pé, por exemplo. Aqui em aradas há sítios que são perigosos, perigosos para as pessoas andarem.

João – não há passeios. E os outros são tão pequeninos...

Francisca – pois, são super estreitos.

Pedro – eu na Quinta do Picado, na Rua Direita, há uma loja e tem à frente um passeio para aí desta largura [exemplifica, com as mãos, a ideia de um passeio muito estreito]. Mas ali podiam alargar um bocadinho o passeio!

Tomás – Sim, sim!

Pedro – nem que fosse 10 cm!

E – hum, hum.

Tomás – é que aquilo é, é um...

Pedro – é mais, imagina uma pessoa, pronto...

Gabriela – de cadeira de rodas...

Pedro – de cadeira de rodas, e afins... hã, se calhar não consegue andar ali naquela parte. Uma pessoa que vai de cadeira de rodas não consegue sair de lado, não é?

Tomás – e na rua direita, os carros também circulam com muita velocidade e é perigoso.

Pedro – alguns.

Gabriela – acho que deviam fazer passeios todos do mesmo cumprimento.

Francisca – por exemplo, na ponte da Barra. Ok, a ponte e, normalmente os carros passam com alguma velocidade, ok. A ciclovia está vedada, e é seguro andar lá.

Pedro – pois, lá está!

Francisca – aqui também podiam fazer o mesmo, nem que fosse uma vedação, que ajudasse a.

Gabriela – e também acho que, apesar de não passarem muitos carros, aqui, perto na aldeia, aqui ao pé da escola, acho que também deviam meter uma ciclovia, porque muita gente aqui da escola vai de bicicleta para casa.

Pedro – Pois!

Gabriela – ou veem de bicicleta para casa e pode acontecer alguma coisa.

Pedro – Pois, pode...

Gabriela – ou principalmente de manhã, mesmo de manhã tem muitos carros lá.

Francisca – e também...

Carolina – e muita gente de bicicleta.

Pedro – pois. E só uma pedra no chão, pode a bicicleta tropeçar e a pessoa vai por ali abaixo.

[risos]

Tomás – e há partes ali que o muro, é baixinho.

E – hum, hum.

Pedro – se uma pessoa cai lá abaixo

Gabriela - pois, também devia ter uma proteção porque aquilo é só assim

Francisca – mas mesmo, da ladeira, não é uma propriedade daqui. Aquilo é

propriedade privada, acho eu. As pessoas passam lá porque dá jeito, não é, mas aquilo é uma propriedade privada.

Pedro – mas por exemplo, essas pessoas que têm, aquele terreno podiam dizer assim: olha, eu podia vender aquela parte para vocês fazerem uma estrada.

[risos]

Pedro – por exemplo, os habitantes ajudarem a ...

E – e fazeres lá uma ciclovia?

Pedro – e não só, uma estrada também.

Gabriela – eu acho que o melhor, eu não pedia uma ciclovia, mas pedia uma estrada.

Francisca – sim, porque aquilo é propriedade privada, ou seja, quando aquilo é terra batida, não é, e quando está chuva para os carros passarem ali é muito difícil.

Pedro – Pois.

Francisca – porque tem buracos, e é terra batida. Só que como aquilo não nos pertence, aquilo é dos senhores que vivem lá, eles também não podem fazer muito por isso, não é?

E - claro.

Pedro – porque há pessoas que não tem dinheiro para...

Francisca – eles já ajudam muito ao meter lá alcatrão de vez em quando e já ajudam bastante.

E – e ao abrir aquele espaço.

Francisca – ao abrir aquele espaço para nós passarmos, porque nós nem devíamos poder passar lá porque aquilo é propriedade privada.

E – olha, ainda nas bicicletas, uma das coisas que vocês disseram foi que gostavam muito das bugas, não é, mas disseram que não havia bugas para crianças...

Pedro, Tomás, carolina – Pois.

Carolina – pois, eu já tive uma experiência e eu acho q eu aquilo é muito grande para crianças da nossa idade.

Gabriela – ele fazem aquilo, eu acho que eles só fazem aquilo para os turistas. Porque eles fizeram a buga que é mais para os turistas...

Tomás – mas, mas antes disso também devia haver as ciclovias, porque

crianças pequenas, ou até mesmo da nossa idade, andarem assim numa bicicleta e sem sítio próprio, se calhar não era tao seguro.

E – era perigoso na mesma, não é?

Pedro – mesmo pelos pais que não têm possibilidade e têm de deixar as crianças ir de bicicleta ou outro meio de transporte. Porque às vezes não há autocarros a todos os horários. Ou veem muito cedo ou veem muito tarde. Depende também do horário dos pais e das mães.

E – dos horários de trabalho também, não é?

Francisca – e também a forma como alugam as bugas não é a mais indicada. Porque a maior parte das bugas que alugam desaparecem. Ainda noutra dia tava na Barra e vi dois rapazes a virem da Barra nas bugas. Ou seja, já passava bastante do limite da hora, ou seja, aquelas bugas já deviam estar com eles há imenso tempo, não é? acho que deviam pôr outra forma de alugar as bugas, para não acontecer isto, não é? porque aquilo é ...

Tomás – senão daqui a um bocado acaba.

Francisca – é a mesma coisa que dizer que os ovos moles de Aveiro. A buga é uma coisa de Aveiro, muitos turistas gostam de Aveiro, não só pelas coisas turísticas de Aveiro, mas pela buga, porque a Buga é uma coisa muito tradicional aqui e que as pessoas apreciam. E já houve várias cidades em que também tentaram fazer assim uma espécie de uma buga, não é, e aqui isso é muito bom para nós mas está a a desaparecer. À medida que as pessoas vão alugando vão levando.

João – mas não é assim tão simples. Eu já fui andar várias vezes e o meu pai perguntou assim, as bugas têm uma espécie de chip que metem e vem no computador onde é que ela está. Mas bugas andam por toda a cidade de Aveiro, mas há um limite, porque eles puseram sinais. Mas podem pôr mais postos de bugas e mais espalhados, em vez de ser só um.

E – hum, hum.

João – punham vários, e assim podia-se andar em mais sítios.

Carolina – eu sei que estamos a falar de bugas, e de ciclovias, mas eu acho que na minha opinião, eu acho que haviam de fazer na estrada la na Barra, onde tem ciclovias, quando as bicicletas passam pelos passeios e vão lá pessoas no passeio, podem tropeçar ou aleijar qualquer pessoa. E acho que

C3

havam de fazer uma, um passeio próprio para as bicicletas.

Gabriela – não o que ele está a dizer é fazer uma proteção, se calhar. Porque nós já tinha, na Barra costumamos ir de férias e às vezes levamos até bicicletas. Hã, eu acho que na ciclovia deviam ter assim uma rede ou assim, porque muitas pessoas passam por lá. Andam

João – a culpa é das pessoas, que estão nos bares e têm esplanada cá fora. E o único espaço que deixam para as pessoas andarem é a ciclovia. Essas que vão a pé têm muita culpa.

E – hum, hum.

Francisca – e as pessoas insistem em caminhar pela ciclovia.

E – hum, hum.

Francisca – e as ciclovias são para bicicletas. Como diz o nome, não é? e muitas pessoas, já vi, porque já passei numa situação, uma rapariga a tocar à campainha para as pessoas saírem da frente, ela, a senhora disse-lhe com muito respeito, olhe isto aqui é um caminho para bicicletas, e ela assim: ah, para bicicletas o quê? Isto aqui é para andarmos como quisermos! Assim, não vamos lado nenhum! As ciclovias foram feitas para andar...

Pedro – Pois!

Francisca – e como tem aqui o passeio, ok não pode, não vão poder pôr rede do lado da estrada, porque uma pessoa pode sair para ir a uma casa assim, e não dá. Mas aqui é a ciclovia, não é, aqui é o passeio, e do lado do passeio acho que deveriam ter uma proteção [exemplifica, com gestos, o lugar onde deveria ser colocada a proteção].

E – hum, hum.

Gabriela – e também há vezes que, como tem bebes, e como aquilo é mais liso, eu também acho muito isso. Que em vez de irem pela parte do passeio vão pelas ciclovias. Porque aquilo é mais liso, e os carrinho, os carrinhos...

E – andam mais facilmente?

Gabriela – andam mais facilmente, também acho isso.

Carolina – nos passeios devia haver assim, aquilo estar dividido em três partes: ter uma parte para as bicicletas e duas partes para as pessoas andarem.

Pedro – mas também há sítios que, por exemplo, agora não me estou a lembrar assim de muitos sítios, mas há sítios que fizeram só ciclovia e o

passaio? Como é que está?

E – hum, hum.

Pedro – há pessoas que, caminho por ali não têm carro, como é que fazem? São obrigadas, não, mas ou vão pela estrada e correm perigo, ou vão pela ciclovia.

E – hum, hum.

Todos – também correm perigo!

Pedro – Pois! Por isso mais vale fazer passeio e ciclovia. Assim está mais completo.

Tomás – se calhar, primeiro o passeio do que a ciclovia. Porque a bicicleta também há, mas há muitas bicicletas e muitas pessoas que circulam com a bicicleta, mas o passeio é se calhar mais importante.

E – há mais pessoas a andar a pé do que de bicicleta?

Tomas – sim.

Pedro – e há sítios que por exemplo, para as pessoas de cadeira de rodas, os passeios são muito altos para as pessoas. As pessoas querem passar querem ir a uma casa, têm de ir a não sei quantos metros dali pra depois virar, entrar e vir até ali.

João – os passeios são muito irregulares. Têm pedras assim, depois têm as árvores...

Pedro – pois.

João – as árvores a sair do passeio, já um bocado.

E – com raízes?

Pedro – deviam controlar mais as raízes. Chegar lá, vamos cuidar desta árvore, e tentar prender. A raiz. Depois, à medida que a árvore fosse crescendo iam aumentando também o espaço.

Gabriela – melhorando.

Carolina – acho também que deviam ver...

Francisca – ou então sinalizar. Sinalizar que aquilo está ali. Porque acontecem vários casos em que as pessoas tropeçam porque aquilo não está sinalizado. E estão a andar e a pessoa cai.

E – hum, hum.

Carolina – acho que devia haver um passeio próprio para pessoas assim com

deficiências, com cadeira de rodas, que pudessem passar normal, sem as pessoas empurrarem. Ou andaram aos trambolhões. Porque ainda no outro dia, eu fui à Barra neste Domingo, no fim de semana, e vi um menino e que era pequenino, tinha pra aí seis anos e estavam a empurrar um senhora para a estrada, uma senhora de cadeira de rodas. A minha mãe não quis parar o carro porque também tinha transito, mas ela disse que se tivesse espaço para parar o carro que ela ia lá e que falava com o menino.

E – hum.

Carolina – porque isso não se faz.

E – e achas que isso se deveu à questão do espaço?

Carolina – sim.

Pedro – ah, e também por falar em carros, há pessoas que, uma pessoa vai e por exemplo, dá uma volta na barriga ou tem de vomitar ou assim, e sai do carro, e ficam atrás “beeeeh, beehhhh”. Sai da frente oh!

[risos]

Pedro – e por aí fora, e ainda dizem outras coisas.

E – e tu achas que devia haver mais paciência?

Pedro – mais paciência!

Carolina – mas isso é devido às pessoas...

Pedro – ou então faziam estacionamento próprios.

[risos]

E – para se as pessoas se sentissem mal dispostas [riso]?

Tomás – mas isso é difícil, porque há pessoas espertas que vão lá estacionar e deixam lá o carro.

Pedro – Pois.

[risos]

Carolina – como nos hipers. Também há la partes do estacionamento que há espaço para pôr carros mesmo para tem lá um sinal assim com a cadeira de rodas. Há pessoas, que eu também já vi, que não têm vergonha nenhuma e põem lá o carro só para ter um lugar.

Pedro – Pois!

Gabriela – e também acho uma coisa. Acho que nos hipermercados e assim, acho que há muitos sítios para deficientes, muitos sítios, e apesar de haver, e

assim, eu acho que não é preciso tantos! [riso]

E – achas que há demasiados?

Gabriela – mas Acho! [riso]

Gabriela – é por isso

Pedro . por exemplo, o Jumbo, eu já vi, tava m estacionamento para pessoas com dificuldades, e chega lá outro homem, apetece-lhe parar o carro e para lá. Sai do carro muito bem. Vai a chegar um senhor a sair do carro e não pode estacionar ali, e por acaso até andava de cadeira de rodas. A minha mãe e o meu pai forma la ajudar o senhor para ele subir para a cadeira, porque pronto ia a atravessar ali aquela onde tem o caminho, que tem as passadeiras, ao atravessar. E o homem estacionou lá e sai muito bem do carro, vai e entra. Deixa ali o carro.

João – mas a culpa disso não é de mais ninguém, é do homem, ninguém pode fazer nada ao homem. Quer dizer.

Carolina – pode.

Francisca – pode. Se o segurança visse esses carros têm de estar marcados, não é? ou seja, se alguém também tivesse mais atenção ao que acontece no estacionamento isso não ia acontecer.

Tomás – e também há uns que já têm sinal assim mesmo ao alto.

Carolina – como nós estamos a falar de estacionamento, eu acho que também, eu acho, pelo que eu vi, eu acho que só o Continente acho que é o único hipermercado que lá tem de fora, um estacionamento para grávidas, acho que isso está bem feito, porque nem sempre as pessoas deixam passar ou deficientes ou com doenças.

João – os outros também têm, para deficientes. E para grávidas e com crianças ao colo.

Francisca – sim.

E – olha, outra coisa que vocês falaram e que também foi uma proposta interessante que vocês fizeram, tinha a ver com questões a nível cultural. E uma das questões que foi falada, não sei se pela vossa escola ou não, mas uma das questões de que se falou foi de que houvesse mais variedade de oferta na cultura, e depois que houvesse um museu para crianças, com visitas guiadas.

Tomás – é.

<p>E – qual era a ideia de um museu para crianças? O que punham um museus de crianças?</p> <p>Tomás – acho que...</p> <p>Pedro – coisas sobre crianças! [riso]</p> <p>E – e o que são coisas só para crianças?</p> <p>Gabriela – imaginação, acho que metíamos lá a imaginação das crianças. Como este quadro.</p> <p>Francisca – se fossemos ao museu e tivesse assim uma criação.</p> <p>Carolina – que nos pudessem mostrar, fazíamos exemplos, e experimentar a nossa criatividade.</p> <p>Pedro – como no museu da ciência. Há lá uma parte que nós podemos mesmo fazer experiências. Mas também há sítios que também estão abandonados. Há lá uma parte, não sei se já está arranjada, mas da última vez que nós la fomos em turma, todos, aquilo, não podíamos subir porque aquilo tava tudo estragado.</p> <p>Carolina – pois foi.</p> <p>Pedro – e então eles reaproveitaram aquilo, mas se calhar, os habitantes deviam dar mais apoio também para reconstruir aquilo.</p> <p>E – hum.</p> <p>Francisca – eu também vou à fábrica há 5 anos, mais ou menos, e nunca mudaram as atividades das crianças.</p> <p>Pedro – Pois!</p> <p>Francisca – pasta de dentes, pasta de dentes!</p> <p>Pedro – bolas saltitonas bolas saltitonas, bolas saltitonas.</p> <p>[risos]</p> <p>Francisca – assim as crianças vão deixa de ir lá, não é? porque há muitas pessoas a fazerem festas de anos, por exemplo. E mesmo os turistas, imagino um turista que vai lá, e no dia seguinte ou leva os amigos ou alguém, por amor de deus, fazer as mesmas atividades?</p> <p>Tomás – já não pode ir!</p> <p>Francisca – é que há 5 anos, eu nunca vi aquilo mudar!</p> <p>E – são sempre iguais?</p> <p>Francisca – é sempre as mesmas atividades.</p>	C3
--	----

Carolina – eu o ano passado fui ao museu de Aveiro, é um museu que lá tem. É o museu dos brinquedos, que eu lá fui, e fui lá há dois anos, fui lá no ano de 2009 e no de 2010 com o meu ATL. E eu fui lá em 2009 e aquilo tinha muitas atividades para fazer, aquilo tinha vários quadros, tinha muita coisa, muitos brinquedos, muita coisa. E em 2009 quando eu já fui já tinha tudo completamente novo. Tinha assim uma coisita ou outra. Sim, acho que deviam mudar assim diariamente. Diariamente não, mas assim, regularmente.

Tomás – ou então ter pelo menos, mais variedade.

Gabriela – nós tivemos uma visita de estudo ao Museu de Santa Joana. [riso] e aquilo é assim, eu acho que na minha opinião, aquilo foi um bocadinho, sem exagerar, secante.

E – achaste uma seca?

Gabriela – [riso]. É, achei.

Francisca – gabi, mas também é uma coisa histórica não é?

Tomás, Pedro, carolina – Pois!

Tomás – há pessoas que dão muita importância.

Francisca – aquilo é um museu antigo, é uma coisa para ser preservada. Vocês não gostam porque isso não vos interessa muito.

Gabriela – é bastante interessante! Mas assim a outra coisa, o museu. Se tivesse coisas interessantes para fazer.

Pedro – sim, mas ...

Francisca – talvez para a vossa idade o museu não fosse tão adequado, mas para pessoas mais velhas as pessoas gostam, Gabriela. Isso não foi uma visita de estudo adequada para vocês, porque é num quarto ano, não é. Mas as pessoas mais velhas e os turistas, principalmente, gostam porque aquilo é um monumento da cidade.

Gabriela – pois, é a história da nossa cidade.

Tomás – mas podia haver um museu para crianças. Devia ter as mesmas coisas que o outro tem, mas de maneira adequada às crianças.

Gabriela – pois, era isso que eu ia dizer. As coisas, aquilo assim é muito, como é que eu hei-de dizer... muito rústico.

Pedro – é muito formal.

Gabriela – pois, formal! Eu acho que devia haver essas coisas que há no

museu de santa joana adaptados para crianças.

E – mas dentro do museu de santa joana, ou dentro de um museu quer fosse um local só para crianças?

Tomás – por exemplo, num museu que não fosse usado há muitos anos.

Pedro – também há um..

[inaudível, vozes sobrepostas]

Francisca – se fizéssemos um museu em aveiro devia ter vários temas, devia abranger vários temas

Pedro – várias salas.

Tomás – podia ser infantil, ter um espaço específico.

Pedro – também agora, como estamos a falar de sítios históricos, por exemplo, os empregados desses sítios podiam ser, alguns já têm cara alegre , mas há outros que estão lá assim [imita um ar enfadado].

[risos]

Pedro – bom dia. Boa tarde. O que é que quer?

[risos]

E – achas que estão com um ar mal disposto?

Pedro – pois.

Gabriela – assim um bocadinho mais... antipáticos.

E – são pouco simpáticos?

Francisca – eu acho que também no museus de santa joana, eles tavam a dizer que era secante e assim, mas eu acho que se aquilo fosse um empregado, um dia que estivesse adaptado para crianças, e que explicasse aquilo de uma maneira mais divertida e não isto aqui foi quando...

[risos]

Gabriela – pois, a nós foi mais ou menos assim que explicaram.

Francisca – eu acho que se fosse divertido...

Gabriela – eu acho que era divertido o guia ser mais simpático e que explicasse de maneira...

Francisca – mais teatral?

Gabriela – hã, mais diferente... mais para crianças, mais divertida. Mais engraçada.

Carolina – também não era assim, quero brincar.

Gabriela – Não.

[risos]

Francisca – não mas de forma mais teatral não é?

Tomás – assim mais descontraído.

Gabriela – eu acho que nós gostávamos, hum, imagina. Se nós fossemos a museu de santa joana...

Francisca – e com cores mais alegres.

Gabriela – Pois, cores!

Carolina – é tudo preto e branco naquele museu!

Francisca – e um guia que estivesse, que fosse mais animado principalmente para as crianças, nem que só, por exemplo, acho que até um penteado mais original e assim já lhes despertava muito mais a curiosidade. Não é tar ali assim.

Pedro – pois, mas também era mais original, mas também não era andar ali tooooddooo.

[risos]

Carolina – de crista!

Francisca – mas se, eu agora não sei assim um exemplo, mas se vocês iam lá, se o guia estivesse vestido mais alegremente, assim com uma blusa preta não é e assim uma voz uma voz grossa como quem diz “isto é uma seca!”.

[risos]

Francisca – vocês, não se tivesse assim uma camisola mais alegre, um verde ou assim.

Pedro – umas cores claras.

E – mais atrativo?

Francisca – acho que eles ia estar muito mais atentos, não é? e se explicasse de uma forma mais teatral, acho que eles ia aderir muito melhor.

Gabriela – sem ser preciso exagerar.

Tomás – e com palavras mais específicas e assim.

Carolina – eu sei que estamos a falar de monumentos de Aveiro , mas só que na minha opinião, la dentro, eu acho, tem lá aquela parte onde eles comiam e isso e essa parte está muito destruída.

Pedro – abandonada.

Tomás – há partes que já começaram.

Gabriela – mas sim, acho que isso devia ser para ver como era antigamente, mesmo.

Pedro – Pois! Mas antigamente era assim.

Gabriela – as coisas não deviam estar assim, abandonadas.

Carolina – eles já andam lá a reconstruir aquilo.

Francisca – no museu, agora não me estou a lembrar do nome, onde há aquele barco.

Todos – Santo André!

Francisco – Não, não.

Tomás – Museu Marítimo?

Francisca – sim, esse. Aquilo há lá uma parte que, eu já fui lá sete vezes, mais ou menos, mas sempre que vou lá gosto de ir lá porque aquilo tem uma forma tão gira de explicar, não é? Aquilo tem lá o barco.

Tomás – e tem jogos até!

Francisca – tem lá, até, assim um pormenor que eu me lembro e que é a garrafa com óleo de fígado de bacalhau que eles tomavam, e depois tudo dividido por casinhas, e o pão envernizado, o pão verdadeiro, acho que dá assim vontade de ir lá, não é? Agora, se formos ao museu de santa joana.

João – também uma das coisas que eu vi quando estive lá, o ano passado nós fomos lá e a guia disse-nos que aquilo tava um bocado degradado e disse-nos mesmo que estava um bocado abandonado. Porque disse que não havia dinheiro, disse que estava tudo sujo, disse que aqueles e que não tinham dinheiro para arranjar tudo, para limpar tudo, e disse-nos mesmo isso. Eu fiquei um bocado espantado.

E – olha, e se vocês pudessem, de parte destas coisas e agora podemos pegar na questão dos museus, se vocês pudessem participar, se fossem chamados a desenhar algumas propostas e a fazer, de facto, alguma coisa para melhorar, por exemplo, quando se diz, não há dinheiro para recuperar, ou para tratar de outras coisas, como é que vocês faziam?

Francisca – não é só dinheiro.

Pedro – até parece aquelas pessoas que dizem ah cuidado, que eu tenho o quarto muito desarrumado, e ate tenho vergonha, mas depois chegam lá e

querem mostrar.

[risos]

João – para mim, se me chamassem, até eu ia limpar!

Francisca – eu acho, e agora tava a pensar nisso, nós numa aula ET estávamos a falar sobre os produtos importados, não é, de fruta, e fica assim a fruta toda que é injetada, falsificada, não é? eu acho que, e depois o professor disse-nos assim: e pessoas para trabalhar? Alguém se disponibiliza para ir ajudar sem pagar? E nós dissemos que garantimos se o professor nos arranjasse um sítio nem que fosse colher couves ou maçãs, se nos arranjasse um sítio para fazer isso, só para comer fruta em condições, sem pagar nada, eu garanto que nós íamos.

Pedro – pois, mas depois...

Francisca – e o professor deu-nos a sugestão de procurar um sítio onde um agricultor, ele conhece um sítio mas é um pouco longe em Oliveira de Azeméis. Um sítio onde nós pudéssemos ir ajudar os funcionários para podermos comer bem, não é? ajudarmos a colher. Porque as pessoas agora, tupo, ah esta maçã está muito pequenina porque as outras pessoas não colheram as boas ou assim e então toca a injetar, a injetar. Porque nós organizamos um grupo de pessoas que se disponibiliza a ajudar.

E – hum, hum.

Francisca – mas sem receber nada em troca.

Pedro – pois, mas depois...

Francisca – porque por exemplo, como eu tava a dizer, podem, qual é o problema de ir ajudar a limpar? Uma pessoa, há tantas pessoas em casa sem fazer absolutamente nada, com o subsídio de emprego e assim, ok, não é muito mas dá para eles sobreviverem, e se as pessoas também não aceitam os empregos que lhe dão, porquê ficar em casa sem fazer nada? Por que não irem ajudar pessoas que precisam, não é? e ajudar um agricultor, alguém que trabalha bastante, eu acho que era bom arranjar um grupo, nem que fosse aqui na escola. Nós estamos a pensar deixar na caixa de sugestões, um grupo que quisesse e a escoia também ajudaria, não é? A procurar um sítio, um agricultor ou assim, assim com um grande pomar e que n'so pudéssemos ir ajudar.

Pedro – para colher, para as vindimas.

Francisca – porque nós temos muito tempo livre.

Carolina – mas oh Francisca se a fruta for bem conservada, se as pessoas fizerem com jeito, sem...

Francisca – sim, mas não é isso. As pessoas agora também ao têm disponibilidade para, não há tantas pessoas

Carolina – não têm, na altura.

Francisca – as pessoas preferem ir aos hipermercados e assim, colher uma coisa que ainda não está pronta e que é injetada do que esperar. E precisam de trabalhadores para apanhar na época certa. E senão vai tirar menos lucros, não vai ganhar tanto para ele. Eles agora só querem, só pensam, não optam pela maneira melhor, mas sim pela maneira que lhes vai mais lucro.

E – que seja mais rápida, não é?

Carolina – a minha avó não trabalha, porque, ela não trabalha, ela tem um quintal porque ela todos os dias tem alguma coisa para plantar. E ela como não faz nada em casa, ela faz, ela está todos os dias a, i trabalho dela é plantar couves, plantar batatas, mas ela..

Pedro – pois, mas essas coisas nós e que apanhamos. Nós é que sabemos se está bom, e ainda bem que não temos os produtos para injetar. Assim é natural. É muito melhor. Tenha bicho ou não!

[risos]

Francisca – nós vamos a ver, vamos comprar uma maçã ao supermercado, boa, grande, verde, e vamos ali a casa da vizinha apanhar uma maçã. Nós provamos, ok, a da vizinha tem um aspeto assim menos cuidado, não tá tão verde, não tá tão brilhante. Se formos a comparar o sabor, por amor de Deus, a da vizinha é excelente! É um sabor natural, vê-se que foi a natureza que nos deu, agora, eu noutra dia tava a comer uma pêra e aquilo tava tudo empapado, parecia farinha.

Gabriela – áspera.

Francisca – via-se que aquilo tava injetado. Ok, alimentam, mas para quê falsificar as coisas se temos esta oportunidade? Eu acho que é tão bom. Passarmos um dia, acho que é uma forma também de convívio e podermos ajudar outras pessoas. É tão bom conviver e ajudar as pessoas. Porque é que não arranjamos, nem que seja um grupo de amigos, para estar lá a conviver,

no meio da natureza?

Pedro – e brincar!

Carolina – ou então em visitas.

Pedro – e brincamos todos juntos.

Tomás – e divertimo-nos.

Francisca – e divertimo-nos imenso. Eu acho que é ma coisa divertida.

E – e isso seria, por exemplo, para ir, vocês no fundo estão a falar de questões ligadas ao voluntariado?

Francisca – também, é isso!

E – e se seu percebeo, para poderem fazer determinado tipo de coisas?

Francisca – porque nós e eles assim da idade deles, não podemos ir voluntariar-nos para o hospital porque não temos idade. Mas porque não podemos ir lá conversar, e usar as novas tecnologias? Porquê as pessoas maiores, só? Ate disseram isso na assembleia, ah então, mas tu não sabes no que te vais meter. E eu: se nós formos a um hospital o que é que as pessoas nos podem fazer?

Pedro – pois. Depende.

Francisca – se nós formos lá acompanhados por um adulto, o que é que as pessoas nos podem fazer?

Pedro – depende das áreas! Se fores à psiquiatria, se calhar podem-te fazer mal!

[risos]

Francisca - [riso] não, não é isso, a sério, as pessoas para elas, o computador é assim um, acho que podíamos ajudar e as pessoas iam desenvolver muito mais a sua capacidade e a sua alegria. Eu vejo a minha avó, que anda ali num centro de dia, e aquilo é uma coisa muito inovada, muito, sofisticada, ali para os lados de ... pronto, é num que abriu novo e que é assim. Eu já fui lá várias vezes ter com ela e eles estão sempre a pedir para arranjam pessoas para irem lá fazer coisas, um espetáculo ou dançar, ou cantar, só para os divertir, não é? Porque eles passam ali o dia todo a olhar para a TV...

Carolina – e sentados..

Francisca – e até vai lá um malabarista. Aquele por acaso, até é dos melhores, porque é assim aquilo tem vária animação não é? mas eles gostam de ver

coisas novas, dos jovens, e aquilo que eles fazem. As danças que ele usam agora e as coisas que eles fazem.

Carolina – eles gostam muito de nós.

Pedro – Pois!

Nós fomos lá com a nossa professora e quando nós chegamos lá, eles estavam assim a lhar para a TV, na cadeira.

Gabriela – e foi a partir do momento que lá chegamos e deles estarem a ver crianças,

Pedro – e ficaram logo felizes, a rirem e a levantarem-se.

Gabriela – e alguns de nós até ficamos emocionados.

Francisca – sim com tantas visitas de estudo que fazem porque é que não os levam a um centro de dia? Onde podemos conversar e conviver? Mas porquê?

E – Hum, hum.

Francisca – há visitas de estudo que... perdemos tempo, perdemos aulas... porque não aproveitar esse tempo para ir ajudar outras pessoas e animar outras pessoas? Isso desperta logo um sentimento muito melhor numa pessoa que já está... por exemplo, eu fui la, para buscar a minha avó, outro dia, e tá lá uma senhora com Alzheimer e ela virou-se para mim: “Oh sr^a enfermeira pode-me dar uma ajuda?” [riso]. E eu, olha, não lhe ia responder, olhe desculpe mas você é uma doente qualquer. Não. Eu sentei-me ao pé da senhora e conversei. Estive com ela e expliquei-lhe, mas também de uma forma assim divertida. A senhora quando eu saí de lá tinha um sorriso de orelha a orelha só por eu ter falado com ela, e não serem sempre aquelas funcionárias chatas. Porque são funcionárias super simpáticas que eu já assisti, mas por exemplo noutra dia eu estava lá e um senhor queria ir à casa de banho. E toda a gente começa logo, ai estou farta do trabalho, estou farta do trabalho. Porque só querem fazer o trabalho que lhes agrada, não é?

E – Hum, hum.

Francisca – porque, qual é o problema de levar uma pessoa à casa de banho? Até eu já tentei... ok, eu não tenho muita força][riso] que a minha avó está de cadeira de rodas, mas já tentei ajudar várias vezes. Não é só para fazer o que lhes apetece e para servir o lanchinho. É para fazer o que eles necessitam. E eu acho que há tanto que nós perdemos. Porque é que nós não vamos ajudar

estas pessoas?

E – hum, hum.

Pedro – Para isso... para isso... pois, ela tem razão! Para isso inventavam assim uns circuitos, e chegavam lá e metiam e pegavam na pessoa e ...

Carolina – e já há, aqui ao pé da Universidade, tem uma escola para professores reformados. E nós o ano passado fomos lá, porque a irmã de uma colega da nossa turma trabalha lá!

Gabriela – Sim! [riso]

Carolina – e então nós tivemos a oportunidade de ir lá. Nós como fomos lá, e como há na nossa turma assim, meninos, que pensam que os idosos é assim, para tratar mal ou coisa parecida, pensam que é lixo.

Pedro – Pois.

Carolina – Há... nós quando lá fomos, eu vi muitos meninos da nossa turma a gozar com os senhores.

Francisca – é uma coisa que me enerva, é isso...

Carolina – tava lá um ...

Gabriela – é assim, principalmente as meninas ficaram muito emocionadas.

Carolina – Pois foi! Uma delas fui eu!

Francisca – porque eu não percebo, um dia nós também vamos ser assim. Para quê estar a gozar? Nós temos é de ajudar para ver se isto dura mais tempo. Não é? Porque por este andar, isto já está tão mau!

Pedro – É a crise!

[risos]

Francisca – económicos e não só! Porque não alegrar um bocadinho isto e arranjar um grupo de pessoas que possam ajudar? Que possam ajudar as pessoas a voltar a viver?

E – hum, hum.

Francisca – e voltar a viver assim, de uma forma...

Carolina – de criança?

E – com outra alegria, é isso?

Gabriela – sim, sim, nem que seja, porque há pessoas...

Francisca – há uma senhora super alegre e que não tem uma perna, mas ela está sempre super alegre porque há sempre alguém que a vai visitar. Porque

ela é uma senhora super importante: eu aqui tratam-me como se eu fosse uma princesa! Eu tenho vista ali para um campo de milho!

[risos]

Francisca – essa senhora fica super contente porque vão lá pessoas falar com ela. E ajudam a que a pessoa volte a sorrir, porque uma pessoa normal, sem apoio, que fosse para lá sem uma perna, estava lá a morrer por dentro, não é? e assim, eu acho que ajuda! E voltando à coisa do voluntariado, e de irmos ajudar num campo agrícola, isso era muito bom, porque desenvolvia o nosso convívio e tínhamos...

Carolina – podíamos ajudar os idosos.

Francisca – as minhas colegas já falaram de pedirmos à escola que nos arranje um sítio, porque acho que não nos custa nada. Acho que é tão bom voltarmos atrás e ver como as pessoas viviam antigamente. Cultivavam, era sem centros comerciais...

E – as pessoas eram auto suficientes não é?

Pedro – Pois, isso em vez de ...

Francisca – eu acho que era tão bom voltarmos uns aninhos atrás, sem porcarias..

Pedro – agora é... sim, é boa, as coisas da tecnologia, mas também é bom termos, sermos típicos do país. Este país sempre fez o vinho à moda antiga!

Gabriela – sempre natural, sempre natural!

Pedro – sim, natural. Mas agora, qualquer dia, chegamos aí e quem é que está a fazer as vindimas? É uma máquina assim a espremer.

Carolina – eu quando lá fui estava lá uma senhora que ela tocava muito bem piano.

Gabriela – mas é que é muito, muito bem!

Carolina – e nós quando lá fomos, ela, nós ficamos espantados! Porque uma senhora que tem Alzheimer normalmente...

Pedro – Esquece-se!

Gabriela – e eram músicas grandes!

Carolina – e ela tocou pra aí umas 5 músicas.

Gabriela – mas muito bem tocadas!

Carolina – mas tocou! E nós estávamos lá a cantar e ela também cantou.

Tomás – músicas tradicionais.

E – hum, hum.

Gabriela – e depois também estávamos lá, principalmente as meninas, e alguns rapazes também, estávamos lá ao pé dos senhores, e nós estávamos lá a conversar com eles, e de repente chegou lá um menino da nossa turma armado em espertalhão, e começou-se a rir para os senhores, e os senhores não acharam piada.

E – Claro.

Gabriela – eu também não gostei nada disso, hum, também foi um colega da nossa turma, que nós távamos a dar uns beijinhos aos velhotes, a despedir-nos e...

Francisca – idosos...

Gabriela – idosos [riso].

Francisca – eu acho que o problema nem é chamar-lhes velhotes. Acho que o problema é tipo, na nossa idade, os rapazes por exemplo, desprezam muito as pessoas idosas. “Ah, fogo, aquele velho, por amor de Deus! O que é que eu vou fazer para ao pé dele?”. Mas não é assim...

Gabriela – havia lá um senhor que assim mau aspeto. E eu estava a dar uns beijinhos e ele passou à frente...

Carolina – por amor de Deus...

Pedro – eu, eu vi lá um colega da nossa turma que deu um passou bem ao senhor e depois limpou a mão à camisola. Depois foi a outra, deu um beijinho e esfregou assim a mão.

Gabriela – por amor de Deus.

Carolina – isso não se faz!

Francisca – eu acho que...

Pedro – para isso diziam, não eu não gosto! Porque é melhor do que estar a fazer nas costas assim.

Carolina – se fossemos nós eu acho que também não gostávamos.

Gabriela – porque todos nós, nesta altura, todos, iremos ser assim.

Francisca – e se chegarmos lá, porque isso é muito bom.

João – pois, se chegarmos lá!

Francisca – ela perguntou porque é que o teu amigo fez isso?

João – isso devem ser influências, que lhe fizeram. Na família, se calhar tratavam os avós dele mal ou outras pessoas, e se ele pensar que isso é bom, imitou. Mas isso não é problema dele, é dos pais.

Pedro – pois, há coisas que veem da família. A má educação.

Gabriela – mas o colega de quem eu acho que estamos todos a pensar, eu , o Pedro, a Carolina, e o Tomás...hum...

Pedro – mas essas coisas são um bocadinho... estúpidas, estar a fazer isso. As pessoas também são pessoas! Só que têm mais idade.

Francisca – e já foram como nós não é?

Pedro – toda a gente já teve a nossa idade! E muitos gostam de contar histórias. Há uns que estão sempre assim, seca, a olhar para o lado, mas há outros que querem ouvir e os outros...

Gabriela – os outros não deixam.

Pedro – e os outros andam lá: eh! Olha o velho!

[risos]

Tomás – e daqui a uns anos são eles...

E – serão eles a estar nesse lugar não é?

Tomás – e depois não gostam.

Carolina – imaginemos que estamos numa cadeira de rodas e que temos Alzheimer ou outra doença qualquer. Chega lá um menino e fala e é muito simpático connosco, mas depois chega lá m menino e olhe tome lá um passou bem! Eles também não gostavam porque toda a gente vai chegar a essa idade!

Gabriela – mas eu acho também que se a pessoa for divertida e pedir...

Francisca – gabi, mas nem todos conseguem porque o alzheimer faz com que as pessoas se esqueçam.

Gabriela – pois eu sei.

Francisca – e até te podem tratar mal sem querer, Gaby.

E – claro...

Francisca – é assim uma coisa instintiva e vocês também têm de compreender.

Carolina – é doença!

Pedro – pois, mas há pessoas que chegam lá e não compreendem as coisas.

Tomás – tá bem que os pais, às vezes também... a educação...

Pedro – mas os pais também podiam apoiar um bocadinho os miúdos, há

crianças por exemplo, que estiveram em centros, abandonadas... essas, se calhar, temos de dar um desconto, porque essas não tiveram um pai e uma mãe desde o início da vida deles. Mas há outros que chegam lá: olá.

Carolina – ainda, foi há alguns dias, que acho que já foi há um mês e tal ou assim, que eu vi na TV no telejornal, uma menina de 5 meses, ela foi abandonada numa gruta e tava a chorar, e, e, dois senhores, um casal, encontraram a menina e ficaram com ela. Mas ela quando cresceu dizia sempre aos amigos e aos colegas e assim, que aqueles eram os pais dela. Mas ela não sabia que não era. Ela pensava que eram mesmo.

E – Olha, e estes problemas que vocês tinham falado também, a questão das pessoas idosas, da atenção aos problemas da exclusão, hum, em relação a estes problemas todos e a estas visões que vocês têm sobre tantos assuntos diferentes, o facto de quererem ser mais envolvidos, o facto de quererem participar em voluntariado, se esse desafio agora vos fosse lançado, como é que gostavam de? Aceitavam não é? e depois de aceitarem como é que vocês gostariam que esse processo fosse feito? O que é que gostavam que a Câmara vos conseguisse dar para vocês participarem e se envolverem nesse tipo de respostas?

Francisca – por exemplo, que fosse um sítio onde nós tivéssemos possibilidade, mesmo que fosse em Aveiro, até nos divertíamos, indo a pé ou de bicicleta, mas assim um sítio mais longe, a Câmara se tivesse o mínimo de tempo, disponibilizava um autocarro, disponibilizava um adulto para nos vigiar, porque também não é seguro irmos para um sítio sozinhos, não é? E acho que eles podiam fazer alguma coisa por isso. Porque muitas vezes... também sou uma rapariga que sonha muito alto, e que tenho sempre ideias novas..

E – gostavas, por exemplo, desse sítio? Onde pudessem o quê? Reunir-se? Discutir ideias? Tomar decisões?

Pedro – sim.

Gabriela – também acho que precisávamos de um sítio, um espaço...

Francisca – onde pudessemos organizar as nossas coisas, os sítios onde vamos. As coisas que queríamos fazer.

Pedro – há uma coisa na América, que usam, e que é o autocarro que passa

pelas casas e que vai buscar as crianças, mas cá em Portugal, eu não me lembro de ter visto isso. Mas até acho uma coisa gira.

E - hum, hum.

Pedro – as crianças aprendem a ter mais autonomia.

Tomás – pois, conhecem coisas diferentes.

Pedro – fazem coisas diferentes. Há dias que pronto, podem perder o autocarro e os pais pegam neles e tentam levá-los, não é? mas há outros dias...

Tomás –e aprendem coisas novas.

Gabriela – mas há escolas que têm o transporte escolar, não é?

Pedro – sim, mas há outras...

Francisca – isso é mais nas aldeias. Se tu vires aqui na cidade, nunca vês nenhum autocarro a ir. Dos colégios privados sim, mas de uma escola pública só vês isso nas aldeias. Eu já vi isso em aldeias. Mas aqui na cidade eu nunca vi nada disso.

Gabriela – eu colégios acho que é tudo. É assim, na Assembleia foram lá uns meninos do Colégio e eu acho que eles estavam com uma roupa, que eu acho...

Carolina – é uma farda!

Gabriela – sim, é uma farda, mas eu acho que eles deviam ir com a roupa que eles quisessem...

Pedro – aquilo é muito formal.

Gabriela – pois, é tudo muito formal!

Pedro – tá bem que é um colégio, mas não...

Gabriela – não precisava de ser tanto.

Francisca – sinceramente, na minha opinião, os colégios não servem para nada.

Carolina – pois não.

Gabriela – e uma escola, todas as escolas têm o mesmo valor.

Francisca – porque isso é como se fosse a discriminar as pessoas. É assim na escola pública convive-se muito mais. O Colégio é aquela coisa, estamos ali fechados e estamos sempre a cumprir coisas. Porque imagina, nós, cada pessoa tem um estilo diferente, um estilo muito próprio, e andam com aquela

farda só porque os pais obrigam a andar no Colégio? Eu acho que é desnecessário. As escolas públicas, também têm os filhos de médicos e essas coisas. Porque não andam numa escola pública? Como as pessoas normais? Numa escola pública convive-se muito mais.

Pedro – Pois!

Francisca - eu acho que essas pessoas depois vão ficar com traumas.

Pedro – não socializam tão bem...

Francisca – vão ser menos sociáveis. Vão ser pessoas tipo...

Gabriela – meninos da mamã.

Pedro – e depois chegam lá e é aí o que é que tu queres? Eu sou riquinho e tu não.

[risos]

É que essas coisas irritam, às vezes! Tá bem, pronto, podem ter mais dinheiro! Olha, quero lá saber! Mas se calhar não têm tanta felicidade como nós. Título para divisões sociais e consciência económica das crianças

Carolina – a minha prima, pronto, é minha prima entre aspas, é emprestada.

[risos]

Mas ela, a avó dela tem uma casa toda XPTO, com piscina e tudo, e ela quando nós lá vamos a casa dela ou da prima dela, ela, ela é tão mimada que às vezes me dá nervos. Porque ela às vezes, ela diz assim, nós chegamos lá e tem um brinquedo novo, e ela diz: olha, eu tenho uma Nancy ou coisa assim! E tu não! E eu vou ter mais coisas do meu pai! E não sei quê, que ele me vai trazer da França.

Francisca – esse tipo de pais pagam o que não estão presentes e pagam o amor com brinquedos.

Pedro, Carolina – Pois.

Pedro – eu conheço lá um senhor na Quinta do Picado que é amigo dos meus pais, que tem um Ferrari e um Austin Martin, e uma casa muito grande com piscina, e essas coisas todas. Mas ele não se gaba, porque ele nem sempre foi rico e cheio de dinheiro. Ele sabe o que é que é ser uma pessoa...

Francisca – normal.

Pedro – normal, pronto.

João –mas ele trabalhou para ter aquilo, enquanto que há outros que nascem

logo a ter tudo. Esses aí, pronto. Acham-se privilegiados. Aquele não, diz trabalhei e consegui.

Carolina – a avó da minha prima também tem um Audi e assim e tem muito dinheiro. Pronto, tem dinheiro. Mas ela é uma pessoa muito simples. É simpática, nota-se que não é uma daquelas pessoas que diz ah eu tenho tudo e tu nada! É muito simpática, mas a Sofia, a minha prima, ela o pai dela e o meu já se conhecem há muitos anos, e então eles vão juntos para França e ele o meu pai, às vezes, quando me traz qualquer coisa, eu vou para casa de alguém e não digo assim: olha, eu tenho isto! Mas ela é assim e eu às vezes dá-me tantos nervos!

Pedro –mas também há crianças... sim, acho que é uma prima de um, do afilhado da minha irmã que chega lá, quando ele foi batizado, chegamos lá e nós estávamos a brincar e fomos brincar para um sítio, eu não o conhecia e ela disse-me o nome, chamava-se Rita, hã, tinha 7 ou 6 anos é assim uma coisa, e nós távamos a brincar com o balão, aos toques, ela chega la e empurra-me para o chão, e à Mariana, que é a irmã do afilhado da minha irmã, e ao afilhado da minha irmã. E pega no balão e vai-se embora.

[risos]

E – Olhem, para podermos avançar, mais para o final, duas últimas ideias que queria que vocês completassem. A primeira seria, se tivessem de completar esta frase: “Aveiro seria mais amiga das crianças e dos jovens, se...” acontecesse o quê?

Carolina – se houvesse mais atividades culturais.

Pedro – Hã, se os adultos estiverem alegres também alegravam as crianças.

Gabriela – davam o exemplo.

Pedro – pois, dar o exemplo. Uma pessoa alegre vê outra pessoa alegre e ficam as duas alegres, e depois espalha-se essa alegria.

Carolina – as crianças não deviam ser tão horríveis para as pessoas idosas.

Gabriela – tão mal educadas.

Carolina – Pois.

João – eu já me aconteceu em Aveiro estar a jogar à bola e passa para uma casa. Vamos lá tocar à campainha, e chega-me lá com uma bola toda mal disposta. Quando eu só estava a brincar com a bola. Primeiro nem sequer fui

<p>eu que chutei e fui lá buscar a bola. E a senhora deu-me a bola toda mal disposta. Como se eu tivesse feito um crime!</p> <p>E – estavas só a jogar futebol...</p> <p>João – sim, só estava a jogar futebol!</p> <p>Carolina – há pessoas muito...</p> <p>Pedro – a pessoa não tem culpa de tu teres acertado e nem tu tens culpa de ter acertado lá. Mas também se não fizeste de propósito, a pessoa não pode chegar lá e resmungona.</p> <p>João – é uma parvoíce.</p> <p>Carolina – eu tenho uma vizinha que é assim.</p> <p>E – olha, e o que é que vocês acham que se ganha... a maior vantagem de vocês poderem participar é qual?</p> <p>Francisca – dar a nossa opinião, porque muitas vezes os adultos não entendem o ponto de vista das crianças.</p> <p>Pedro – Pois.</p> <p>Francisca – e também não têm interesse, não querem estar a perguntar não é?</p> <p>E – hum, hum.</p> <p>Francisca – nem a falar com as crianças sobre determinados temas porque pensam que elas não sabem nada. Ou pensam que são opiniões disparatadas.</p> <p>Gabriela – estão sempre a tentar melhorar o nosso futuro.</p> <p>Tomás – mas às vezes fazem mal...</p> <p>João – pioram.</p> <p>Francisca – exatamente, porque vão ter mais, porque a nossa geração se calhar vai querer coisas, não só novas e eles estão a dar a opinião deles só para o que se está a passar agora. E eles têm de compreender a nossa opinião porque é o que nós gostamos agora. E em princípio, se tudo correr bem, as pessoas que vêm a seguir da nossa idade, vão gostar não é?</p> <p>E – vão gostar dessas coisas que dizes?</p> <p>Francisca - eles só estão a dar a opinião para coisas de adultos.</p> <p>João – o respeito que um adulto pode mostrar por uma criança, é, uma criança já. O adulto já foi criança, e o que acontece e que depois querem que as crianças sejam como ele gostava de ser. E as crianças não podem fazer o que querem porque estão sempre a ser controladas.</p>	<p>C1</p> <p>C2</p> <p>C2</p>
--	-------------------------------

Pedro – há uma coisa se recuarmos muitos anos atrás, e que é no tempo do Hitler, as pessoas que eram judeias?

E – judias.

Pedro – Judias! As crianças tinham de trabalhar. E deviam fazer-lhe a mesma coisa.

Francisca – mas eu acho que não devia, ok, pessoas com idade, com 9 anos, e isso não deviam trabalhar, mas eu acho que não devia haver limite porque há pessoas que gostam muito de trabalhar, e dava jeito a várias pessoas, e acho que não devia...

Tomás – ajudar.

Francisca – acho que não deveria ser só a partir dos 16, acho que deveria ser, ok, não era um trabalho com ser professor, não é? mas trabalhar num café ou assim eu acho que não havia problema.

Tomás – ou até mesmo ajudar, por exemplo, alguém que goste de limpar...

Pedro – o meu primo, ele ajuda o avô, porque ele tem lá o café, e ele anda a servir também.

Carolina – pois é, pois é!

Pedro – e eles ajudam-se todos, e é assim que o café vive.

Gabriela – há pessoas que gostam de limpar, e de fazer limpezas, e eu acho que estar assim sempre a limpar e não falar, eu acho que isso é um bocado preso. E se nós tivéssemos a limpar e a cantar, e depois a dançar, eu acho que era muito mais divertido.

Pedro – nós às vezes estamos ali no campo, e alguns chegam lá e começam, eh pá saiam daqui, só porque são mais velhos.

Carolina – Só porque são mais velhos!!

Pedro – e pensam que mandam! Tá bem que temos de respeitar, mas eles também têm de nos respeitar a nós!

Carolina – Não é assim!

João - respeitar os mais velhos sim, mas eles são quase da minha idade. Os mais velhos sim, que tem mais experiência.

Pedro – eu na nossa turma não há assim tantos, mas há rapazes que quando vão ficando mais velhos ficam assim mais resmungões. Antes eram alegres e brincavam, e depois

<p>E – olhem, nós temos um desafio, agora, também para vos propor. [final da entrevista, agradecimentos e apresentação das atividades seguintes para as crianças participarem].</p>	
---	--

Transcrição entrevistas participantes AMJ. EAM5.

Data: 21 de Outubro de 2011

Duração aproximada da entrevista: 1 hora A entrevista e respetivos objetivos bem como o tempo previsto de duração foram apresentados antes do início da mesma. Os jovens participaram na segunda assembleia sobre cidadania e inclusão.

Participaram dois alunos do sexo masculino, com 17 anos. A entrevista decorreu na escola profissional de Aveiro. Foi antecipadamente pedida autorização para gravação e transcrição da entrevista.

<p>E – Vou começar por explicar o objetivo destas entrevistas. Nós temos estado a fazer um conjunto de grupos focais com crianças e jovens, do 1º ciclo, mais novos, e jovens que participaram e alguma estrutura ou projeto que tivesse como objetivo ouvir aquilo que são as vossas opiniões relativamente á vossa participação em alguns mecanismos mobilizados pela CA. Um desses mecanismos foi a experiencia da AM em que vos foi pedido um trabalho específico. Uma foi sobre a cidade e uma outra sobre cidadania, participação e voluntariado.</p>	
<p>J – Património, sim.</p>	
<p>E – e creio que foram essas. Em qual delas participaram?</p>	
<p>J – participamos no património.</p>	
<p>F – sim.</p>	
<p>E – Tu és o Fábio e tens?</p>	
<p>F – 16.</p>	
<p>J – José 19 anos.</p>	
<p>E –Então, eu começava por perguntar, como é que tiveram conhecimento desta iniciativa? E como é que decidiram tomar parte desta assembleia?</p>	A1
<p>F – eu fiquei a saber numa aula de cidadania, que a stora perguntou quem é que queria participar e eu achei uma experiência diferente e resolvi participar. E gostei.</p>	
<p>J – Também gostei.</p>	A5
<p>E – e disponibilizaste-te para participar?</p>	
<p>F – Claro.</p>	
<p>J – eu foi pela, primeiro tive uma participação no parlamento, em Anadia, e partir daí, o nosso professor da área de intervenção, para convidar para esse projetos. Ele falou na Assembleia Jovem e eu com naturalidade aceitei o desafio</p>	A1
<p>E – e essa de Anadia qual era o objetivo? Um parlamento também, como modo de funcionamento...</p>	
<p>J – sim, sim, foi com todas as escolas do distrito. Falamos um bocado sobre a escola. O objetivo dessa reunião foi fazer com que os jovens participassem um bocado mais na politica. Abrir mais horizontes para os jovens porque a maioria, infelizmente, hoje não está dentro da política.</p>	

<p>E – Hum, hum.</p> <p>J – era com o objetivo de fazer interessar as pessoas.</p> <p>E – nessas experiências que vocês têm tido, o que é que vocês achem que foram, por uma lado, os aspetos veem claramente como positivo, o que achou que funcionou, e que aspetos consideraram que foram menos positivos, depois da vossa participação?</p> <p>F – positivo foi ouvir a opinião de outras escolas, e não só a nossa, e discutir a nossa cidade</p> <p>J - E acima de tudo, as pessoas que lá estavam são bem escolhidas, com ideias muito claras. Aspetos negativos, não vejo assim nada.</p> <p>E – e como é que funcionou essa recolha de ideias e de sugestões que apresentaram aqui?</p> <p>J – anos, a escola deu-nos um papel para nós estudarmos, estudamos essas, e nós próprios abrangemos vários assuntos, as nossas próprias ideias.</p> <p>F – sobre Aveiro e não só a escola.</p> <p>E – e vocês chamaram outros colegas a discutir convosco aquilo que foram as questões que apresentaram na assembleia?</p> <p>J – Não foi..</p>	<p>B2</p>
<p>F – eu tava na atividade e fui</p> <p>E - uma das questões que se costuma dizer, e que falaste, sob os jovens na política, hum uma das questões que se tem vindo a dizer é que os jovens são pouco envolvidos em tomadas de decisão, e que as perspetivas que têm podem não ser tidas em conta quando se trata de tomar algumas decisões. No vosso entender, esta participação seria uma mais valia, e o que é que acham que pode trazer?</p>	<p>B2</p> <p>C1</p>
<p>F – claro que é sempre uma mais valias... as pessoas ficam mais a saber o como é que está a nossa cidade e ver o que tem de mudar.</p> <p>E – achas que a questão da mudança é uma questão fundamental?</p> <p>F –é sempre fundamental.</p> <p>J – e acho que é importante também dizer que todos os jovens têm opinião. Todos, agora, há diferença entre aqueles que expressam e aqueles que preferem só falar com os amigos e não expressam a quem</p>	<p>C1</p>

<p>devem.</p> <p>E – e vocês acreditam que se quiserem ter esses modos de expressão, por exemplo, aos políticos, que eles existem, ou sentem que esses espaços não estão tao óbvios?</p> <p>J – sim, há um bocado essa ideia. Mas também é para isso que foram criadas as AJ. São especificamente para rapaziada mais nova, já tinha ouvido falar antes, mas nunca tinha participado, e participei este não porque vim para a escola profissional e ganhei uma nova motivação e foi por aí que participei. Mas já tinha colegas meus noutras escolas que participaram, e que sempre foi um local para jovens e nunca tiveram problemas em expressar as suas opiniões.</p> <p>E – e sentiram, depois de terem saído, e mesmo durante o período em que estiveram lá, que essas vossas opiniões foram escutadas? Que tiveram algum eco?</p>	C1
<p>J – sim, porque estive lá a vereadora da Câmara, e portanto qualquer coisa, mesmo que tenham sido cem ideias, pelo menos as mais interessantes foram retidas. E partir daí penso que devem ter tomado as suas decisões.</p> <p>E – hum. Por exemplo, nessa seleção das ideias que seriam as mais importantes, como é que acham que essas ideias são selecionadas’?</p> <p>F – selecionadas, acho que aos poucos, não é? Não é logo umas dez ou assim. É ao longo do tempo.</p> <p>E – e como é que se decide quais seriam as mais importantes, por exemplo? Como é que vocês decidiriam, por exemplo? Que critérios teriam na vossa cabeça para decidir?</p>	C2
<p>J – os fatores económicos. [riso] e as que tragam proatividade às pessoas, por exemplo, o Parque da Macaca. Hoje em dia é pouco usado.</p> <p>E – e esse parque, estás a pensar, porque traia benefícios a várias pessoas? Se houvesse, por exemplo, um projeto de reabilitação desse parque vocês gostariam de ser envolvidos?</p> <p>J – acho que implementar algumas ideias.</p> <p>E – em relação ainda à Assembleia Municipal, se tivessem de selecionar algum aspeto que modificassem, no modo como funcionou, alguma coisa</p>	C3

<p>que achassem que precisaria de modificar para funcionar melhor?</p>	
<p>J – não, acho que funcionou bem.</p>	
<p>E – não sentirias necessidades de mexer?</p>	B2
<p>J – não acho que não.</p>	
<p>E - uma das ideias dos jovens também quando se envolvem nestas iniciativas vão dizendo é que as vossas ideias valem a pena ouvir, porque a maneira que vocês tem de ver um conjunto de situações é diferente da dos adultos. Concordam?</p>	
<p>F – é assim, nós temos um certo tipo de ideias, mas há um ponto de vista do adulto que não aceita que os mais jovens tenhamos ideias que os façam ver a eles, digamos assim</p>	
<p>E – no geral, dirias que os adultos têm disponibilidade e interesse em ouvir essas visões? E é assim em todos os contextos?</p>	
<p>F – eles ouvem-nos mais em algumas partes, mas não ouvem a 100% ou fazem que não ouvem.</p>	C2
<p>E – e dessas partes que ouvem menos, que partes gostariam que ouvissem mais porque entendem que essas partes são importantes?</p>	
<p>F – sim, é isso mais, por exemplo, lançamos a ideia de renovar o teatro para atividades aqui da escola e da EFTA e isso. Se calhar ouviam isso e não davam importância.</p>	
<p>J – se calhar os jovens têm uma visão não tao dificultada. Se calhar os adultos pensam mais em custos, em rentabilizar, enquanto os jovens separam as ideias e não pensam tanto nisso, e se calhar é uma boa maneira de achar novas ideias.</p>	C2
<p>E – por que razão é que acham que os adultos que ouvem menos a vossa opinião, falaram no início na questão da política. Sentem que na política, ou nas decisões políticas, normalmente as vossas vozes não são tidas em conta?</p>	
<p>F se calhar porque é preciso ter mais experiência.</p>	
<p>E sim, mais experiência, à partida terão...acham que há outras razões que possam ajudar a explicar que esse vosso envolvimento, como dizias, no início, não é maior?</p>	
<p>J – se calhar os jovens hoje também olham para a política e não há nada.</p>	

<p>E não havendo alguém para puxá-los é mais complicado.</p> <p>E – e tu achas que se houvesse adultos mais dispostos a criar mais oportunidades para vocês participarem vocês o fariam?</p> <p>J – sim, sim. E há mais pessoas que iriam, cada vez mais.</p> <p>E – sem ser no registo de uma assembleia haveria outras formas que vocês gostariam de ver, por exemplo, nas CM, onde a vossa participação pudesse acontecer?</p> <p>F – talvez um ponto de formação, onde todos pudessem ouvir e assistir e fala sobre esses assuntos.</p> <p>J – e com mais frequência.</p> <p>E – com mais regularidade na participação? E em termos de espaço? Manteriam o espaço da assembleia?</p> <p>J – sim, dá um ar mais profissional [risos]. Olhando para aquele espaço há a sensação de que estamos a discutir as ideias com pessoas...</p> <p>E – achas que as pessoas vos levam “mais a sério” se essa vossa opinião for tida em conta numa assembleia?</p> <p>J – à partida as reuniões seriam ouvidas em qualquer lado e teriam a sua importância, portanto, em qualquer lado que seja, se houver pessoas dispostas a ouvir...</p> <p>E - e aí estrutura já importaria menos?</p> <p>J - Sim.</p> <p>E – nestes processos de decisão, em termos políticos, imaginam-se capazes de serem envolvidos nesses processos? Em que vocês também ajudassem a decidir, por exemplo, na reabilitação do parque ou do teatro?</p> <p>J – sim, para discutir ideias.</p> <p>E – e além das ideias? O que poderia fazer?</p> <p>J – ajudar a reconstruir, se fosse preciso.</p> <p>E estariam dispostos a contribuir com trabalho direto?</p> <p>J – sim, sim. Nem que seja só uma coisa simbólica.</p> <p>E – neste momento, e pensando que estas assembleias já aconteceram e que apresentaram propostas, o que é que esperam que aconteça? Qual é a vossa expectativa?</p> <p>F – a expectativa é que mesmo que as nossas propostas não tenham tido</p>	<p>C1</p>
--	-----------

<p>tanta importância acho que devem ser escolhidas as melhores.</p> <p>E – e concretizadas?</p> <p>F – sim, concretizadas.</p> <p>J – sim, também espero o mesmo mas se calhar com um bocado mais de atraso, porque há coisas mais importantes a tratar e essas ideias podem ficar um bocado mais postas de lado.</p> <p>E – portanto, achas que se tivesse de haver uma decisão entre ideias da Câmara e as vossas achas que as da Câmara seriam mais importantes?</p> <p>J – sim, sim.</p> <p>E – se houvesse alguma estrutura na Câmara que fosse uma estrutura especificamente desenhada para gente mais nova, achas que isso facilitaria a vossa comunicação?</p> <p>F – claro, a gente chegava lá e já sabia com quem falar Chegava lá e era mais fácil. E falava da ideia.</p> <p>E – era uma mais valia, existirem esses espaços?</p> <p>J – sim, sim.</p>	C3
<p>E – ainda em relação a estas maneiras de participação, vocês se vos fosse pedido para continuarem a participar naquilo que são as iniciativas da Câmara, nomeadamente na assembleia, continuariam a participar?</p> <p>J – sim.</p> <p>F – sem dúvida.</p> <p>E – pensando agora em Aveiro, Aveiro seria mais amiga dos jovens se...?</p> <p>J – parece-me que Aveiro já é suficientemente boa para nós. Temos espaços como o Fórum, temos a noite na Praça.</p> <p>E – pensando na vossa participação, quais são os maiores entraves à vossa participação?</p> <p>F – eu acho que é pôr em prática as nossas ideias.</p> <p>E – a concretização?</p> <p>E – e, a maior vantagem? Qual é a maior vantagem que existe em envolver os jovens politicamente?</p> <p>J – estarem atentos, claro que não é que tenham de seguir uma carreira política, mas pelo menos que estejam atentos ao que se está a passar e que haja mais oportunidades para isso.</p>	B2

Objetivos	Questões	categoria de análise	Indicadores
------------------	-----------------	-----------------------------	--------------------

<p>Identificar modos de apresentação das propostas aos às crianças/jovens</p> <p>Identificar temáticas da Assembleia propostas aos jovens</p>	<p>Todos vocês são alunos de 3º ciclo e todos participaram na Assembleia Municipal Jovem, que se iniciou a partir de uma reivindicação dos alunos de Aveiro.</p> <p>Como vos foi apresentada essa proposta e por quem?</p>	<p>Modos de apresentação e selecção a participação [A]</p>	<p>Escola [A1]</p> <p>Outras instituições socioeducativas [A2]</p> <p>Adultos/responsáveis legais [A3]</p> <p>Comunicação social...[A4]</p> <p>Seleção interna pelos professores [A5]</p> <p>Seleção do conjunto de alunos da escola [A6]</p> <p>Seleção por votação/escolha dentro da turma [A7]</p> <p>Seleção por participação voluntária na assembleia [A8]</p>
<p>Compreender modos de experienciação da experiência de participação</p> <p>Identificar aspetos positivos e negativos, na perspectiva dos participantes</p>	<p>Como viveram a experiência? Como algo positivo ou negativo?</p> <p>Qual foi o aspeto mais positivo da vossa participação, na vossa perspectiva?</p> <p>O que que modificariam na Assembleia municipal Jovem?</p> <p>Que aspetos foram os que consideram menos interessantes?</p>	<p>Perceção da experiência de participação pelos participantes [B]</p>	<p>Modos ambivalentes de participação [B1]</p> <p>Participação como experiência positiva [B2]</p> <p>Participação como experiência negativa [B3]</p> <p>Ausência de relevância na experiência [B4]</p> <p>Aspetos positivos [B5] – valorização da voz, da experiência dos jovens; possibilidade de participar formalmente em órgãos municipais; possibilidade de transformar a cidade; valorização da geração; aprendizagens; conhecimento de outros membros da mesma geração</p> <p>Aspetos negativos [B6] – adultização da experiência; modos de organização desadequados às</p>

			necessidades e capacidades; ausência de continuidade das propostas; preparação desadequada para participar; pouca representatividade
Compreender representações sobre a voz dos participantes	Os jovens possuem visões do mundo, da sociedade e da cidade que vale a pena ouvir? Porquê?	Relevância Voz das crianças e jovens [C1]	Visões próprias geracionalmente identificadas; propostas alternativas às adultas; tipos de relevância – forte, relativa, fraca
Analisar competências de participação das crianças e jovens pela sua própria perspectiva	Na vossa opinião, os adultos ouvem as vossas vozes? Se sim, como? Se não, por que razão? Têm competências para intervir em processos de decisão, por exemplo, ao nível local, da cidade? Quais? O que esperam após a vossa participação na Assembleia Municipal? O que poderá mudar com a vossa participação?	Relevância da voz das crianças e jovens na perspectiva adulta [C2] Competências de participação e co decisão no poder local [C3]	Visões próprias da categoria geracional adulta; valorização/desvalorização da voz; criação de espaços de escuta e oportunidades de audição Competências auto atribuídas pelas crianças e jovens; competências reconhecidas por outros grupos geracionais; competências reconhecidas no e pelo poder local
Identificar modos de participação infantil adequados às visões dos participantes	Têm forma de continuar a participar na Câmara Municipal? Gostariam de o poder fazer? De que forma? Que outros modos de representação da juventude gostariam de ter na Câmara Municipal de Aveiro?	Modos de participação infantil em contextos políticos [D]	Identificação de meios de participação em contexto político: Nacional [D1] Local [D2] Individual [D3] Coletivo [D4]

**ANEXO 14 – GRELHA DAS PROPOSTAS ENVIADAS À
ASSEMBLEIA MUNICIPAL JOVEM**

Identificação das escolas [A]	Áreas das propostas [B]	Observações	Propostas [C]
EB Aires barbosa	Ambiente Mobilidade Políticas Urbanas	ESPAÇOS VERDES insuficientes SALINAS mal conservadas LIXOS ORGÂNICOS BUGAS em mau estado	Utilizar terrenos sem construção do município Criar cursos de formação para jovens tratarem das salinas Recolha de lixos orgânicos à noite, em alguns dias da semana Efetuar pagamento de caução na entrega da BUGA Construir um parque infantil Plantar árvores com flor nas ruas para ficarem mais belas Construir um campo para prática de desporto ao ar livre
EB Aradas	Escola e Educação Ambiente Mobilidade Políticas Urbanas Artes e Cultura		Aumentar espaços verdes na cidade Utilizar transportes públicos movidos a eletricidade Promover ações de sensibilização para a preservação do meio ambiente, nas várias freguesias e destinadas a adultos Promover ações de sensibilização nas escolas e infantários para incutir na criança o sentido de preservação do meio ambiente Organizar campanhas de reciclagem para ajudar a desenvolver maior sensibilização na população aveirense Concurso de slogans nos meios de comunicação local Aumentar redes de transportes públicos na cidade Promover a utilização de material reciclado nas escolas e outros organismos públicos Mudar a lixeira municipal para um local mais isolado Limpeza regular dos contentores do lixo Regulamento concelhio para preservação da cidade, incluindo património natural e cultural Sistema de multas para quem não cumpra o regulamento
EB Cacia	Escola e Educação Ambiente Mobilidade Políticas Urbanas Artes e Cultura Desporto Segurança Ação Social Saúde	532	Existência de mais pontos de colocação de lixo e ecopontos nos arredores da cidade: Aplicações de multas aos donos de animais que não apanhem os dejetos feitos pelos mesmos; Horários para a recolha do lixo, evitando assim, amontoados de lixo junto aos contentores; Limpeza do lado junto ao Centro de Congressos e dos canais da Ria que atravessam a cidade; Criação de um dia por trimestre, em regime de

			<p>voluntariado, com o lema” Vamos limpar Aveiro”;</p> <p>Requalificação de espaços verdes: parque da cidade, Baixa de Santo António e campos de jogos junto à esplanada próxima do Centro de Congressos;</p> <p>Construção da Pista de Remo de Cacia;</p> <p>Requalificação das margens do Rio Vouga, junto à Fábrica da Portucel;</p> <p>Construção de um Mercado em Cacia;</p> <p>Abertura das piscinas junto ao Hospital.</p> <p>Promover a utilização dos transportes públicos;</p> <p>Reaproveitamento/reciclagem dos materiais e promoção das energias renováveis por parte das nossas fábricas;</p> <p>Criar equipas de trabalho (desempregados, reformados, detidos) visando a limpeza/melhoria dos espaços verdes e urbanos;</p> <p>Promoção de palestras, seminários entre outros com vista a sensibilizar as pessoas para a proteção e preservação do Ambiente;</p> <p>Maior e melhor gestão da iluminação pública visando a poupança de energia;</p> <p>Prevenir a morte dos patos bebés nos canais da ria de Aveiro por parte dos barcos a motor;</p> <p>Maiores apoios financeiros relativamente à aquisição e instalação de painéis solares;</p>
EB São bernardo	Escola e Educação Ambiente Mobilidade Políticas Urbanas Artes e Cultura Desporto Segurança Ação Social Saúde		<p>Mais ciclovias</p> <p>Metro ligeiro para contrariar o uso do automóvel</p>
EB EIXO	Escola e Educação Ambiente Mobilidade Políticas Urbanas Artes e Cultura Desporto Segurança Ação Social Saúde		<p>Falta e mau estado de ecopontos;</p> <p>Falta de passeios e falta de ciclo vias para a redução do tráfego e;</p> <p>Valorização da zona ribeirinha mais concretamente o Parque da Balsa.</p>

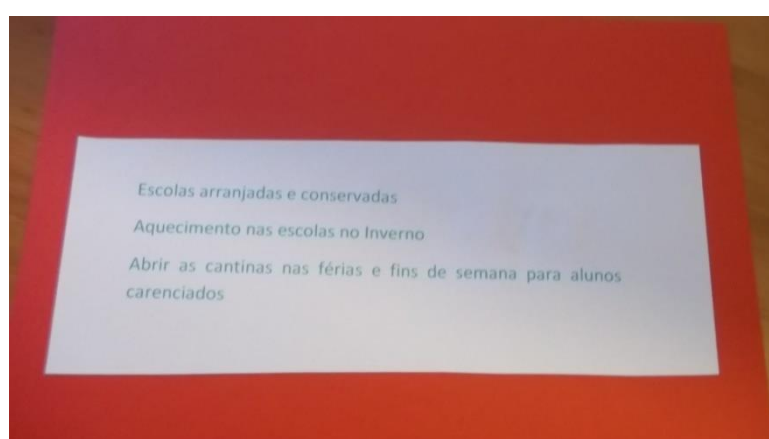
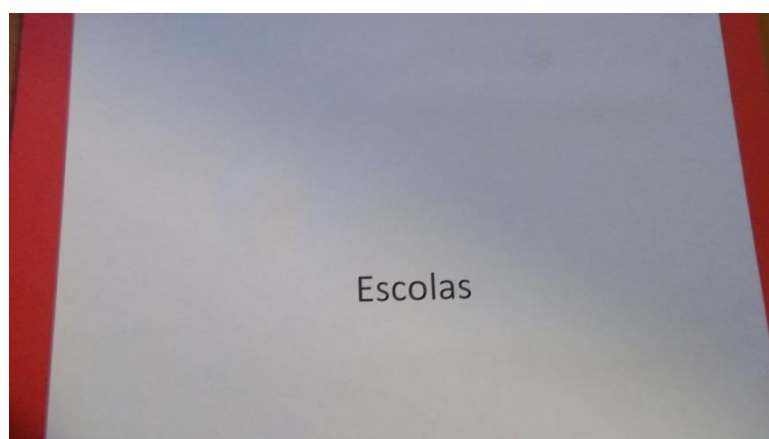
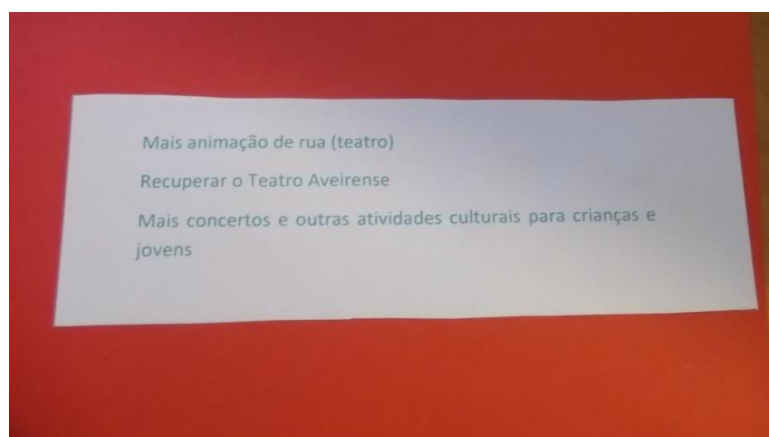
ANEXO 15 – FOTOS CARTÕES UTILIZADOS NO WORKSHOP

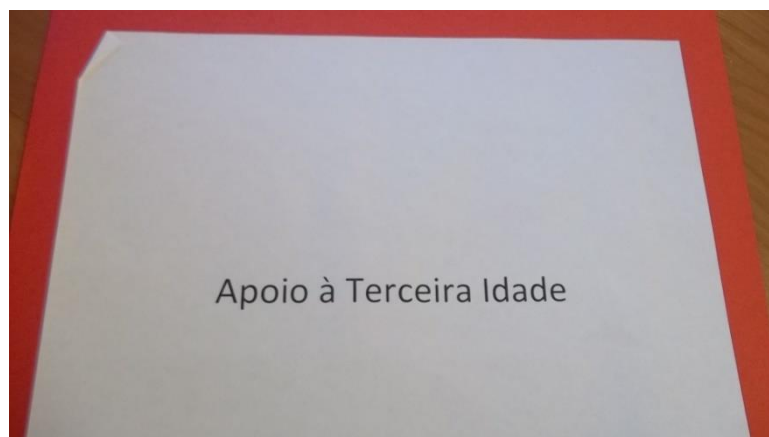
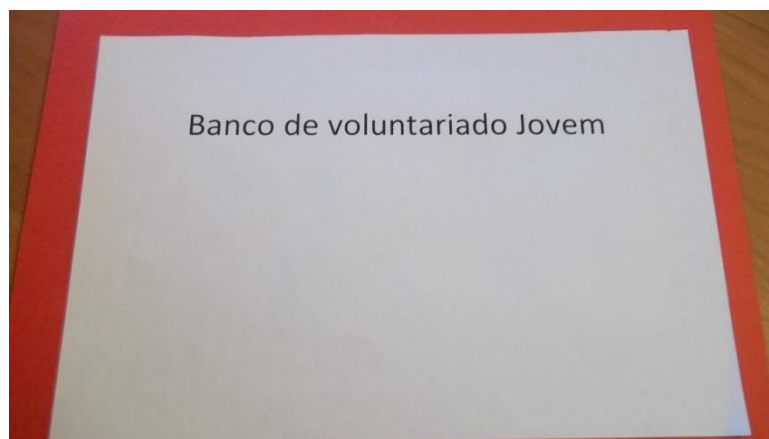
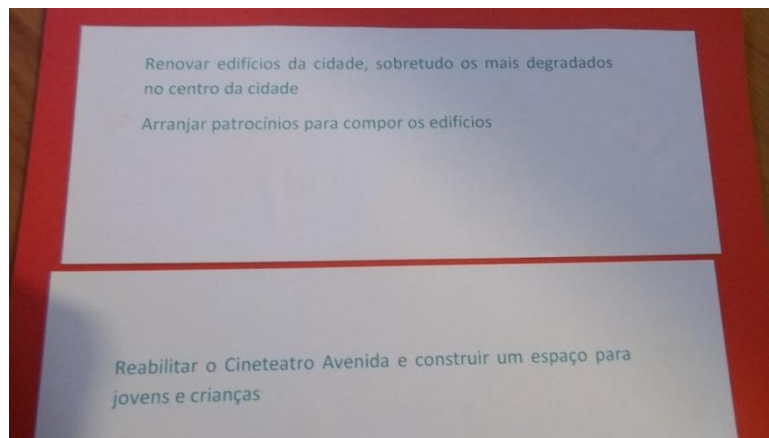
Conservar os parques infantis para crianças
Recuperar parques que estejam degradados
Mais parques em zonas diferentes da cidade
Reabilitar parque da Macaca

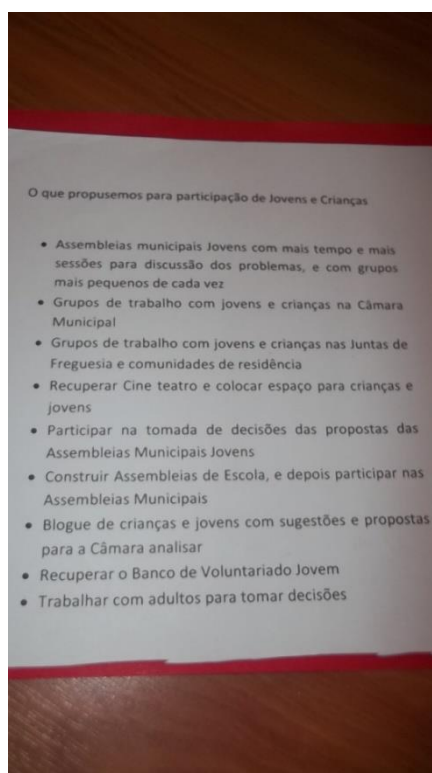
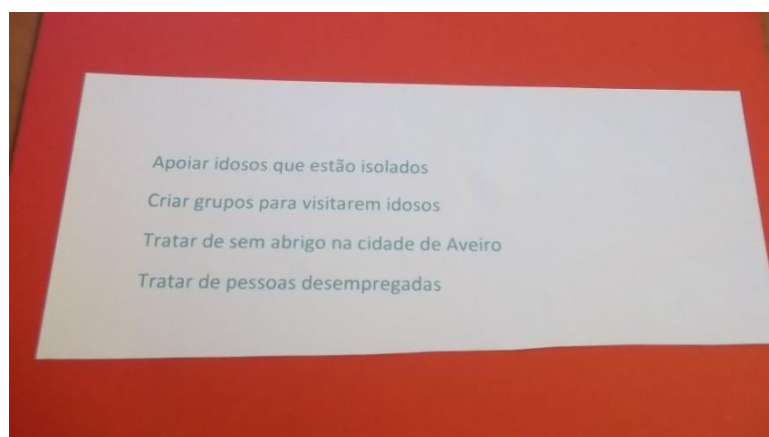
Transportes/mobilidade

Passeios e estradas

Atividades culturais







**ANEXO 16 – POWERPOINT REALIZADO PELAS CRIANÇAS DO
PROJETO CAC**

Aveiro

Assembleia Municipal Jovem

Em Aveiro um passeio com a família ou com amigos pode acabar em tragédia...

Em muitos casos o passeio é um simples caos sem o mínimo de condições de acessibilidade (ervas, areia, buracos etc...)

Passeios



Passeios



Passeios



Passeios



Ciclovias destruídas e com imenso lixo.



Estradas esburacadas há imensos anos.



Na principal avenida de Aveiro existem muitos imóveis que, além de causarem perigo de derrocada, nos entristecem pelo seu abandono. Recuperados seria uma beleza olhar para eles...

Um bom exemplo:



Os maus exemplos:





É uma pena estas casas tradicionais...



“Nem o convento de Mafra demorou tanto tempo a ser feito”



Numa das zonas mais turísticas de Aveiro, por vezes parece que estamos na selva...

Casas e Matagal



Casas e Matagal



Casas e Matagal



Aveiro tem alguns edifícios históricos.
Que futuro se lhes reserva???

Casa de Eça de Queirós



Casa Espanhola



Nunca ninguém vai perceber porque motivo destruíram as piscinas do Beira Mar. Situadas no centro da cidade, proporcionavam a pratica da natação a muitas pessoas. Também no Verão era possível passar-se bons momentos na piscina descoberta.
Uma vergonha.

Ex-Piscina do Beira-Mar





Uma destruição que nunca vamos entender....



Um exemplo de falta de segurança na cidade.



Antiga lota

A antiga Lota de Aveiro está completamente deixada ao abandono. Uma zona que poderia ser uma das mais bonitas da cidade, converteu-se num Gueto.

Será possível recuperar alguma coisa?
Tantas condições...

Antiga Lota de Aveiro



Desrespeito pelo passado e pelo futuro...





Quem não preserva o passado não tem futuro...



Caminhos antigos, bonitos mas abandonados...



Ria vs Terra. Quem vai ganhar?



Aveiro já teve melhores momentos...



Só um Pateta pode aceitar isto!!!!



Está na altura de fazermos algo pela nossa cidade. Tanto mais haveria para mostrar. Aveiro não é só o Fórum e os passeios na ria interior. Aveiro tem potencialidade únicas que possibilitam catapultá-la para o topo do turismo em Portugal. Exista vontade para tal.

Trabalho realizado por:
João Miguel Pires da Cruz
Escola E.B.2,3 de Aradas - 7º D - Nº 6.